



G. H. Debris del. et sculp. 746

# FASTOS DA ANTIGUA, E NOVA LUSITANIA

MARÇO

PRIMEIRO DIA DESTE MEZ

§. I.

Anno  
292.

Empera-  
dores Dio-  
cleciano, e  
Maximi-  
niano.



**GRANDE** extençãõ do Imperio Ro-  
mano, que dominava as melhores Pro-  
vincias do Mundo, o poder dos seus ini-  
migos, que em diversas partes pelejavaõ  
para defender a liberdade propria, e re-  
fistir ás armas, e ambiçãõ alheya, mo-  
veo aos Emperadores Diocleciano, e seu  
companheiro para crearem Cesares, que  
era o mesmo que declarar Successores  
na Suprema soberania. Entenderãõ, que esta honra a mais  
sublime depois da Magestade, os obrigaria a defender com ma-  
yor brio a gloria, e conservaçãõ dos seus futuros Estados,

Asia.

*Constancio  
Cloro, e  
Galerio  
Maximi-  
no feitos  
Cesares.*

Tom. II.

A

que



que se viaõ combatidos em partes diferentes, e desigual fortuna nos successos de tanta guerra, e de inimigos taõ obstinados. Assim deixando a Persia, vieraõ a Nicomedia, e fóra da Cidade em lugar eminente, onde para memoria de taõ plausivel acto, se levantou huma estatua de Jupiter, conferiraõ taõ alta dignidade a Constancio Cloro, e Galerio Maximino. Era Constancio Cloro Varaõ insigne, ou se considerasse nas virtudes do animo, ou no valor, com que entre os Soldados fizera clara a sua fama, adquirida no estrondo das armas, e quietação da paz; e por taõ nobres circumstancias se applaudio a eleição com tanta gloria dos novos Principes como elogios dos Emperadores, que taõ próvidamente cuidavaõ na conservação publica do Estado. Para que entre os Cesares se firmasse com mais apertados laços a uniaõ, e concordia reciproca dos seus interesses, Maximiano deu por Esposa de Constancio, a sua filha Theodora; e a Galerio casou Diocleciano, com Valeria sua filha, irmã adoptiva do seu mesmo noivo, obstaculo, que impedia o matrimonio segundo as leys Romanas; porẽm tudo superou a respeitada authoridade do Emperador, que attendeo ás conveniencias do Estado, desprezando as Constituições do Imperio, e da razão. Declarados Cesares, logo mereceraõ, ou os lisonjearaõ com os titulos de *Pay da Patria*, o soberano Pontificado, e Tribunicia Potestade, e vestiraõ a Purpura de Augustos, graça, que se naõ permitira aos outros Cesares, mas que facilitou o gosto dos Emperadores, ou a politica dos novos companheiros no Sólío, e Magestade. Depois foraõ muy diversas as acçoens de Constancio, e Galerio; porque este ainda que adquirio gloria ao Imperio, e suas armas, com o fatal destroço dos Persas, como tyranno idolatra, derramou o sangue de tantos Martyres gloriosos, que morrerãõ confessando ao Redemptor crucificado; e Constancio além de fazer obras Heroicas, e conseguir insignes victorias contra os Alemães, e outros Póvos da Europa, sempre se inclinou em beneficio dos que seguiaõ o culto da unica, e verdadeira Divindade. Finalmente Principe, que mereceo ter por filho a Constantino grande, que abolindo as superstições da Gentilidade, trouxe a paz á Igreja, e foy o mais illustre propugnador de se estabelecer em todo o mundo os dogmas da mais pura Christandade.

Idacius



Idacius in *Fastis ad annum 291*. Chronicon. Alexandrin. Eumenius in *Panegirico Constantio Cæsari cap. 3*. Eutropius, Panvini in *Comment. in lib. 2. Fastorum. Pagi Critic. Histor. Chronol. in Annal. Baronii ad ann. 292*. Lactanc. de *Persecuf. cap. 17*. Eusebio *Histor. Eccles. liv. 8. cap. 17*. Tilimont. *Histor. dos Emper. tom. 4. articul. 11. e nota 11. em Dioclecian. Cuspinian. dos Cæsares, e Imperad. em Dioclecian. pag. 86. Mexia Hist. Imperial, e Cesar. em Dioclecian. cap. 1*. Lotich. *Hist. Augusta Imperator. pag. 82*. Garibai *Comp. Hist. de Espan. liv. 7. cap. 40*. Birago *Nomism. Imperat. p. 437*. Angeloni *Hist. Augusta pag. 359*.

§. II.

Anno 317. **C**elebrada entre os dous Emperadores; o grande Constantino, e Licinio Liciniano a paz, e concordia, que este perturbára, como supersticioso na adoração das suas falsas divindades, e como ingrato aos beneficios de seu Augusto companheiro, resolverão para mayor segurança da paz, declarar Cæsares a Crispo, Constantino, e Licinio. Este ultimo era filho do mesmo Liciniano, e da irmã de Constantino, sempre grande, Pay dos outros dous Cæsares. Esta creação dos novos Principes se fez em Sarmica, então Cidade illustre, hoje Povoação destróida, e soy celebrada pelos exercitos, e Povos do Imperio com a verdadeira alegria, que lhes pulsava nos corações o amor com que adoravaõ a Constantino, e que prometiaõ as excellentes partes de Crispo, que entre os novos Cæsares, mostrou depois em muitas victorias do seu braço, e desgraça da sua morte, ser taõ digno do Imperio do Mundo, como o foy das lagrimas com que o sentio a reverente saudade dos Vassallos. Todos estes Principes mancebos acabaraõ nos primeiros annos, concorrendo para a sua morte a imprudente sospeita de Constantino, que tirou a vida a seu filho Crispo, sendo innocente do crime, que lhe imputaraõ, e a inconstancia, e pouca religião de Liciniano, que depois desta concordia, e nomeação de Cæsares, vencido em diversas batalhas veyo a perder o Imperio sofocado; desgraça, que tambem despojou do Throno, e da vida a Licinio, que não teve mais delicto, que nascer filho de taõ revoltoso, como ingrato Pay; fatalidade, que se lamentou na Antiguidade.

Europa.

Crispo, Cō-  
stantino, e  
Licinio  
feitos Cē-  
sares.

Emperadores Constantino o grande, e Liciniano.



Idacius in Fastis ad ann. 317. Chron. Alexandrin. ad ann. Eutropio na Vida de Constant. pag. 585. Pagi Critic. historic. Chronob. in Baron. ad ann. 315. Tilimon. Histor. dos Emper. tom. 4. em Constantin. articul. 41. e nota 39. Cuspiniano dos Cesares, e Imper. em Constantino pag. 94. Lotichio Hist. August. Imperator. p. 129. Birag. Nomismat. Imper. p. 456.

2. III.

Anno  
1160.

**A**Rrazada pela furia das armas dos Mauritanos, sequazes de Mafoma, a nobre, e antigua Nabancia, quando o continente de Espanha, foy lastimosa victima da barbaridade Africana, ficou sepultada aquella Povoação illustre, nas ruinas do seu estrago. Assim corrao seculos, sem haver daquelle Povo, mais que a memoria do que antiguamente fora, até que chegarao os triunfos do grande Rey D. Affonso Henriques. Este famoso Principe, como escolhido da Providencia para Author do Imperio Lusitano, com a repetição de tantas victorias, quantas forao as batalhas, que teve com os inimigos de Christo, abateo a soberba dos Sarracenos, e dilatou os seus Estados, ganhando as terras, que hoje compõem a fertil Provincia da Extremadura, e fez tremolar as suas bandeiras em outros diferentes lugares, com gloria da Religiao, e augmento do Estado. Erao naquelle tempo respeitadas pela devoção dos Christãos, que obedeciao ao pio Rey, as agoas do Nabaõ, por ser o Rio, em que se lançara o corpo de S. Iria, quando por defender a sua virgindade se corpou com a laureola de Martyr, e determinou aquelle tao religioso, como politico Monarca, fazer nas suas margens hum propugnaculo, que defendesse os Paizes conquistados, e servisse de sagrado obsequio para culto da Santa, que tanto illustrara a Nabancia destrocada. A larga experiencia das militares acçoens de D. Gualdim Paes, e o alto conceito, que se fazia naquelle tempo da Ordem dos Templarios, de que o mesmo Heroe era supremo Governador em Portugal, persuadirao ao nosso Rey, para lhe fazer amplissima doação das mesmas terras, que regava o Rio Nabaõ. Grato aos beneficios do Soberano, e prövido na defenfa dos novos dominios, de que era Senhor, querendo estabelecer hum antemural para a guerra, e hum monumento para a piedade, come-

Europa.

Fundação  
do Castello  
de Thomar.



çou neste dia a fundação do Castello, que pelo decurso dos annos foy o mayor escandalo das armas Mauritanas, e o mais impenetravel reparo dos Christãos; e nelle fundou Templo a Deos, e para se eternisar a devoção da S. Virgem, e Martyr no districto, que santificára, com as virtudes, e sangue derramado. Este Castello se mudou em Convento sumptuosissimo, pela ardente piedade dos Reys D. Manoel, D. João III. D. Sebastião, e D. Philippe I. em Portugal, e hoje he Cabeça da esclarecida, e militar Ordem de Christo, tão benemerita da estimação da Igreja, como dos favores dos nossos Monarcas. A' sombra deste novo Castello se foy povoando com moradores a deliciosa planicie, em que de presente se vê edificada a nobre Villa de Thomar, porém diferente, no lugar, em que esteve a Nabancia arruinada. Esta nova Povoação, foy totalmente demolida, vivendo o Mestre Dom Gualdim; porque a destroçaraõ os inimigos da Religião, e do Estado. Irritou-se o feróz, e poderoso Rey de Marrocos, prevendo no valor dos Templarios, o destroço dos sequazes do Alcoraõ; e decretou a ruina do Castello, a morte dos seus defensores, e o total destroço dos novos Povoadores. Como desarmados, cederaõ estes ao formidavel poder de noventa mil homens, que o mesmo barbaro, não só governava, mas enfurecia. Cahio a sua ira sobre a Povoação, e abatidas as casas, mortos, ou cativos seus moradores, e abrazados os campos, tudo ficou estrago; porém no assalto que deo ao Castello recebeu o castigo do seu furor, e vaidade. Arrogante o mandou escalar, suppondo seria despojo da sua ferocidade; mas depois dos mais sanguinolentos combates, que repetio por cinco dias successivos, deixando muitos milhares de mortos, se retirou vencido, e desacreditado. Obrou na defensão D. Gualdim Paes, e seus Cavalheiros proezas tão raras, que se ouviraõ naquelle tempo com tanto espanto, como hoje com igual applaudo; e foy esta sua victoria, a que profitou muitos annos a soberba de toda a Africa. Debaixo do respeito da victoria, que pareceo milagrosa, novamente se povoou, e restaurou a destroçada Povoação de Thomar, e com os annos, e deliciosa fertilidade do terreno, se foy augmentando em modo, que chegou a ser das primeiras Villas do Reino, emobrecendo-a com privilegios, e graças os Romanos Pontifices, e os nossos Monarcas. Está edificada no  
mais



mais agradavel sitio, apartado tres legoas do Tejo, e regada com as agoas do Nabaõ, que lhe fica ao Nascente. Compõem-se de mil e cem moradores, repartidos em duas Parochias, que são Igrejas Collegiadas. A de N. Senhora da Assumpção, ou Santa Maria do Olival, foy Convento de Templarios, e he Matriz de toda a Villa. A outra dedicada a S. Joaõ Bautista, se erigio no governo do felicissimo Rey D. Manoel em Collegiada, como a primeira, para mayor serviço do culto Sagrado. Adornaõ, magnifica, e religiosamente a esta Povoação, outros Templos, e Capellas, que fundou a piedade dos seus moradores, distinguindo-se entre os monumentos da sua devoção, e caridade, a Casa da Misericordia, com Hospital, em que assistem aos pobres com largueza, e aos doentes com zelo, e cuidado. Ainda mais se ennobrece em quatro Conventos, sendo o mais devoto o de S. Iria, habitado por Espotas de Christo do Instituto Serafico. Esta exemplar Casa se vê edificada no mesmo lugar, em que por tradição houve antigamente Mosteiro de Saõ Bento, e onde a Santa Virgem foy martyrisada, e dentro do mesmo Convento, se conserva a fonte, de que sahem pedras, igualmente candidas, e salpicadas de sangue, pelas quaes o Senhor obra não vulgares maravilhas para glorificar a Santa. Dos outros Conventos, dous seguem o rigor do seu Patriarca S. Francisco, sendo da Provincia de Portugal hum, e outro dos Capuchos da Piedade, e ambos servem ao beneficio das almas, com edificação, e utilidade; o quarto em tudo mayor Convento, e verdadeiramente obra das mais soberbas, não só de Espanha, mas de toda a Europa, he de Religiosos da Ordem de Christo, situado no mesmo lugar, em que esteve o antigo Castello, do qual ainda permanecem algumas partes, sendo a que merece mayor respeito, e veneração, a porta chamada do Sangue, pelo que derramaraõ os Mouros, quando os valorosos Templarios a defenderaõ nos repetidos assaltos, com que os invadio o furor Africano. Este nobilissimo Convento he Cabeça de toda a Ordem de Christo; o Prelado mayor he Dom Prior, e Geral dos que em Comunidade vestem a sagrada Cogulla, e tem jurisdicção espiritual nos Cavalleiros da ordem, e plena no Mosteiro de N. Senhora da Luz, Sanctuario devotissimo distante huma legoa de Lisboa, e Collegio de Coimbra, que na magestade da sua structura, e copia de grandes Le-

trados,



trados, não cede aos melhores daquella Cidade, Athenas de Portugal. O mesmo Superior Geral he do Concelho del-Rey, com a prerogativa de assistir em Cortes no banco dos Prelados do Reino. Quando se fazem Capitulos da mesma Ordem Militar de Christo, a que preside El-Rey, como Grão Mestre, tem o segundo lugar á mão direita do Soberano, e na sua ausencia, substitue ao mesmo Rey, privilegio dos mais singulares, que se conhece em Portugal. O Templo deste Convento, deve a magnificencia da sua Capella mór ao mesmo D. Gualdim Paes, que lhe fabricou a charola, quando levantou o Castello: o corpo da Igreja, e seu Côro a El-Rey D. Manoel, que para se entender a magestade da sua fábrica, basta ser obra daquelle maximo Rey. Os Dormitorios, Claustros, e mais officinas, devem a sua construcção a El-Rey D. João III., D. Sebastião, e D. Filippe I., e II. em Portugal, merecendo em tão nobres edificios particular admiração o Real aqueducto, que por mais de huma legoa, e muy elevados arcos de cantaria, lhe introduz rios de agoa, e o dilatado Claustro, que sem hiperbole, se póde chamar o verdadeiro milagre da arte, e grandeza, e hum generoso padraõ, em que se eternizou o largo espirito de seus Augustos fundadores. Correspondem as mais officinas, na sua extenção, e primor do artificio á grandeza do famoso Claustro, sendo tantos, e tão dilatados, que neste vastissimo Convento se hospedaraõ Reys em diversos tempos, celebraraõ-se Cortes geraes, e Capitulos da mesma Ordem de Christo, sem que o excessivo numero da familia Real, muitos Fidalgos, Ministros, e Cavalleiros perturbassem aos Religiosos; porque todos nobremente se aposentaraõ sem molestia da sua observantissima Communidade. Esta generosa, e pia, dispense as suas grossas rendas, no culto Sagrado, no obsequio dos seus Principes, e no beneficio dos necessitados, a que profusa, e diariamente soccorre com publicas, e particulares esmólas, sendo este Mosteiro universal refugio da miseria dos circum-vizinhos Póvos. Debaixo pois deste Religioso propugnaculo, tem a Villa de Thomar a melhor tuléla para o seu amparo, recebendo os seus moradores a doutrina para as letras, e os dictames para a salvação, que os seus Religiosos lhe ensinãõ, não percebendo algum interesse, por tão meritorio trabalho. Não só esta nobre Villa se faz illustre por tão augusto



gusto Convento; porque outras mais circumstancias lhe daõ a gloria de ser das mais singulares de todo o Portugal! Governar-se no espirital, por hum Prelado itento da sobordinação a Bispaço algum com territorio particular, e sem alguma sujeição ao Prior geral da mesma Ordem Militar. No Civel tem Provedor, a quem obedecem quarenta e oito Villas da sua Comarca; Corregedor, que exercita a jurisdicção, como Ouvidor nas terras do Meistrado; Juiz de Fóra, e todos aquelles Officiaes, que para boa administração da Justiça, e Real fazenda, lhe decretou a Providencia dos nossos Monarcas. Desfruta esta Villa huma prodigiosa abundancia, do que lhe offerecem innumeraveis hortas, e quintas, de que se vê cercada, respondendo na diversidade dos tempos, com as mais excellentes producções, para lisonja das mezas, para o sustento commum, para a mercancia de seus moradores, e ainda para o capricho das senhoras; porque dos seus campos, e até dos vallados com que se distinguem as propriedades, se colhem as flores da murta, que destilladas se remetem não só á Corte, mas a todo o Reino, para adulação do olfato, e remedio de muitas enfermidades; admiravel terreno que em lugar de espinhos, ou cardos sempre brota, não só nestas flores, mas na diversidade de outras boninas! Finalmente he Thomar, ainda mais fertil nos grandes filhos, que nas Cadeiras, nos Tribunaes, e Campanhas, na Europa, na America, e Asia, tem dado com suas letras, justiça, valor, e fidelidade, varoens, que honrando a Patria, serviraõ para a conservação publica do Estado; singular tymbre, que eternamente ennobrece o lugar em que se procrearaõ.

Brandaõ Monarc. *Lusit. tom. 3. liv. 9. cap. 28.* Goes *Chron. del Rey D. Manoel Part. 1. cap. 88.* Nunes de Leaõ *Descrip. de Portug. fol. 10. e 44.* Cardolo *Agiol. Lusit. tom. 2. p. 68.* Carvalho *Corog. Portug. tom. 3. Tratad. 4. cap. 1.* Mendes Sylva *Poblacion Gener. de Espanh. Descripc. de Portug. cap. 25.* Lima *Geograp. Historic. tom. 2. pag. 192.* Cunha *Hist. Ecclesiast. dos Arcebisp. de Braga. Part. 2. cap. 13.*



## §. IV.

Anno 1207. **P**elo nascimento, foy o Senhor D. Affonso de Portugal, Europa. illegitimo filho do grande Fundador do Lusitano Imperio; mas pelo valor, e gloria militar, legitima producção *Morte do* *Senhor D.* *Affonso de* *Portugal.* *Sancho I.* *Portugal.* daquelle incomparavel Rey. Na escola deste Marte Christão, aprendeo a difficil arte de pelear para vencer, e assim o mostrou na conquista de Santarem. Nesta empreza, que foy das mais arriscadas daquelle tempo, serviraõ as suas façanhas de glorioso preludio, para se coroar com hum triunfo, em que excedendo a victoria ao mesmo valor, pareceo o successo mais que natural. Porém não se quietou o excelso Principe com pelear na guerra de Espanha; pareceo-lhe pequeno theatro, para adquirir a fama, a que aspirava seu intrepido coração; e deixada a Patria foy combater na guerra da Palestina, querendo a impulsos de seu invencivel braço, remir, e sustentar os lugares, que santificára com o Sangue, e apresenta o Crucificado Redemptor. Naquellas partes ultramarinas, em muitas batalhas, que venceo, adquirio outras tantas palmas, com que se coroo; mas determinando seguir esta guerra, não só como Soldado, porém debaixo das religiosas obrigaçoens, se alistou na sagrada Ordem de S. João do Hospital, já naquelle seculo, fecundo Seminario dos mais valorosos Cavalleiros, que vio a Christandade. As obrigaçoens do novo estado, tambem novamente o inflamaraõ ás nobres paixoens de combater com dobrado ardor, e prostrar aos sequazes da infidelidade, injustos possuidores da Santa, e respeitada Terra da Promissaõ. Desempenhou com tanta gloria do seu nome, esta valorosa empreza, que a tanto merecimento, correspondeo o mayor lugar daquelle militar Religiaõ. Faltára o Gram Mestre Godofredo Duiffon, e uniformes as vontades dos subditos, com universal applauso, o acclamaraõ successor. Colocado no magisterio da Ordem, não só continuou a guerra, para destruir barbaros na campanha, mas tambem na Ordem para reformar alguns abusos, que não podiaõ mostrar-se valentes Cavalleiros, se fossen viciosos. Convocado Capitulo geral na Cidade de Marcheta, naquelle tempo residencia da Ordem, fez constituçoens, taõ justas, e acomodadas para a vida belicosa, e regular, que



fendo utilissimas no seu tempo, ainda com gloria de Legis-lador, se praticaõ muitas na presente Idade. Pouco tempo durou no governo; porque a severidade, com que executava as suas leys para beneficio da mesma Ordem, fez remittir o amor dos subditos, e logo converterse em aborrecimento declarado; e passando a mais o excessõ, muitos Cavalleiros queixolos, e desobedientes conspiraraõ contra a sua authoridade. Este perigo, em que vio offendido o decoro de Principe, e a obediencia de Prelado, lhe fez renunciar o magisterio, e deixou a Palestina, restituindo-se a Portugal, para descansar na Patria, no honrado ocio, que pediaõ seus largos annos, e trabalhos; mas que descanso podia conseguir este Heróe sem vêr os horrores da Campanha, e os tranfes das batalhas! O mesmo descanso da paz lhe trouxe a morte; como naõ pejejou, logo morreo; parece que só vivia, quando nos confitos adiantava a gloria de Christo, e destroçava aos defensores da infidelidade! Jaz o seu triunfante cadaver em Santarem na Igreja de S. Joaõ de Alporaõ, Comenda da Ordem de Malta em tumulo soberbo, e levantado, da parte esquerda do Altar-mór. Naõ corresponde o epitafio, que se lhe gravou, aos grandes elogios, com que delle fallaraõ muitos Escritores; porque se naõ declara mais, que seu nome, e o magisterio da Ordem, que governára. Seria descuido nos Antigos; mas tambem parece foy obsequio, e veneraçã; pois para conciliar o respeito das Idades, entenderiaõ, que sobejava saberse, que foy Mestre da mais esclarecida Ordem, e lense-lhe o nome, que lhe impôz no bautismo seu grande Pay!

Brandaõ *Mon. Lusit. tom. 3. liv. 10. cap. 20.* Funes *Chron. de la Relig. de S. Juan de Malta tom. 1. lib. 1. cap. 16.* Vertot. *Histor. dos Chaval, de Malta tom. 1. liv. 3.* Viegas. *Princip. del Reino de Portug. fol. 243. vers.* Justiniani. *Hist. Chronol. de Tutigl. Ordin. Militari tom. 1. pag. 219.* S. Martha *Hist. Genealog. de Franc. tom. 2. liv. 41. cap. 2.* S. Catharina *Memor. da Ordem Militar de Malta tom. 1. pag. 22.* P. Anselmo *Hist. Geneal. de la Maison de France tom. 1. cap. 20. §. 9.*



2. V.

Anno 1250. **A** Conquista do Reino do Algarve, que taõ gloriosamente havia conseguido ElRey D. Affonso III. lhe deo illustre motivo para novas occasioens de generoso, nos premios com que remunerou as notaveis obras, com que o Gram Mestre da Ordem de Aviz, D. Martim Fernandes, e seus valorosos Cavalleiros, haviaõ militado naquella guerra, principiada por ElRey D. Sancho II. seu irmaõ, a quem assistira o incomparavel Capitaõ D. Payo Pires Corrêa. Rendeu o nosso Principe o Castello de Albofeira, que presidia-vaõ os Mouros, como lugar de summa importancia, por estar situado sobre huma rocha eminente á Campanha, tere legoas de Lagos, e duas de Silves, Praças entaõ de grande importancia, e banhada por huma parte das agoas do Oceano; e querendo ElRey mostrar a gratidaõ do seu animo, e a prudencia para os casos futuros, fez do Castello amplissima doaçãõ ao Mestre, e seus companheiros, para gozarem do seu dominio, e servirem de fronteiros contra as invasoens dos Mouros confinantes. Entregue aquella militar Ordem, do Castello, o possuio, com tanto respeito dos inimigos, como protecçaõ dos naturaes obedientes, que debaixo da tutela de taõ valorosos Cavalleiros, começaraõ a fazer huma boa Povoaçãõ, que em nossos dias chega a quinhentos vizinhos, com Igreja Matriz, Casa da Misericordia, dedicadas a Deos, em que luz a piedade, e religiaõ dos seus moradores. Tem voto em Cortes, e a sua Alcaidaria-mór pertence a huma das mais esclarecidas Familias do nosso Reino de Portugal.

Brandaõ Monarc. Lusit. tom. 4. liv. 15. cap. 5. Cunha Histor. Ecclesiastic. dos Arcebisps. de Braga Part. 2. cap. 30. Carvalho Corogr. Portug. tom. 3. liv. 1. Tratad. 1. cap. 5.

Europa.  
Doaçãõ do  
Castello de  
Albofeira  
á Ordem  
de Aviz.

Rey Dom  
Affonso  
III.

2. VI.

Anno 1243. **A** Importante Villa de Mouraõ na Provincia do Alentejo, edificada em sitio eminente, distante do Rio Guadiana meya legoa, e huma das rayas Castelhanas, deve a sua fundaçãõ ao Prior da Ordem de S. Joaõ, D. Gonçalo Egas, que ja pelos annos 1226 lhe deo Foral semelhante

Europa.  
Fundaçãõ  
do Castello  
de Mouraõ

Rey Dom  
Affonso  
IV.

Tom. II.

B ii

ao



ao da Cidade de Evora. Depois de crescer em moradores, e privilegios, foy usurpada pelos Reys Castelhanos, padecendo nesta desgraça, a mesma que experimentaraõ Serpa, e Moura. Passou, por mercê del Rey D. Sancho Rey de Castella, o seu dominio a D. Teresa Gil, que o mereceo, por motivos, mais do affecto, que da Justiça; e por seu fallecimento a comprou D. Raimundo de Cardona; porêm ja no tempo do nosso Rey D. Diniz, se incorporou no seu Real patrimonio, para depois generosamente a doar ao mesmo D. Raimundo, a quem succedeo seu filho, que morto, se reunio finalmente aos bens da Coroa, que a possuio até que El Rey D. Affonso V. a doou a seu filho o Principe D. Joaõ. Como ja daquelles primeiros tempos, se considerasse esta Villa, conveniente lugar, para entrarmos em Castella, com manifesta felicidade das nossas armas, e tambem se prevenissem os damnos, que ameaçava o interior da Provincia do Alen-Tejo, se os nossos inimigos a senhoreassem, resolveo El Rey D. Affonso IV. levantar o Castello, que neste dia se começou a fabricar, com alegria dos moradores, e publica satisfação das nossas Fronteiras, que dominava no interior da mesma Provincia. A protecção do Principe, e concurso dos obreiros, e mais officiaes mecanicos, acabou o edificio, com brevidade, e fortaleza, e ficou obra taõ defentavel de torres, cubellos, e muralhas, que agradecidos os moradores, a quem amparava, gravaraõ em huma pedra, embebida na torre da Menagem, huma reverente inscripção, para eternisar a memoria do seu Augusto fundador, e conservador. Permaneceu largos annos isenta dos estragos da guerra; mas chegando o fatal anno de 1657, em que na Primavera, se perdeu a forte Praça de Olivença, para tambem ganhar Mouraõ o exercito de Castella, que governado pelo Duque de S. Germaõ, procurava derribar do Trono a Serenissima Casa de Bragança, a quem o direito do Sangue, e generosa sujeição dos Pôvos, elevava ao Sólío de Portugal; mas durou pouco o dominio estranho; porque no Outono do mesmo anno, foy restaurado, com immortal gloria dos intrepidos defensores da primitiva liberdade. Hoje chegaõ a quinhentos os vizinhos, que lhe formaõ a Povoação: as suas fortificaçoens se vem augmentadas com obras novas, que pôdem resistir á violencia dos canhoens, instrumentos fulminantes, que naõ

havia



havia, quando se erigio o seu Castello. Administra o governo civil, e a Justiça, hum Juiz de fóra: e o Ecclesiastico, hum Ministro do Arcebispo de Evora. Para beneficio dos pobres, e doentes conserva huma Casa da Misericordia, e Hospital. Sempre a sua Alcaidaria-mór foy de muy grandes Fidalgos, e de nobilissima Familia dos Mendoças; e hoje pertence a diversa Casa, tambem de Illustre nobreza, e sempre muy benemerita da Patria.

Brandaõ Monarc. Lusit. tom. 5. liv. 17. cap. 44. Cardoso Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 521. Carvalho Corograp. Portug. tom. 2. tratad. 5. cap. 2.

2. VII.

Anno  
1476.

Rey Dom  
Afonso V.

**A** Desgraçada, e gloriosa batalha de Toro, em que o Principe D. Joaõ ficou senhor do Campo, e se deram tanto sangue dos nossos, e dos contrarios, ainda em nossos dias, serve de assumpto a largas contendas dos Autores Castelhanos, e Portuguezes. Nos Estranhos se manifesta obstinada parcialidade, ou crassa ignorancia dos successos daquelle dia: em os nossos, sincera narração desta batalha; pois a gloria Portugueza, não depende de victorias duvidosas, quando a Providencia lhes deo tantas verdadeiras, contra os mesmos Castelhanos! Levado o nosso Rey Dom Affonso V. do Testamento de seu Cunhado Henrique de Castella, em que declarou sua legitima filha D. Joanna, herdeira da Coroa, que deixava, e das supplicas, e reiteradas promessas do Arcebispo de Toledo, Marquez de Villena, e outros grandes Senhores, e Fidalgos de Castella, que lhe prometiaõ o Sceptro contra o Rey D. Fernando de Aragoã, e sua Esposa a Infanta D. Isabel, entrou no fatal empenho de occupar os Reinos, que se publicava serem daquela Princeza. Juntou para esta empreza exercitos, que os mayores, e mais prudentes votos do seu Concelho, julgavaõ mal empregados, vaticinando as desgraças, que depois se experimentaõ. Porém como El Rey se persuadia, ao que lhe propunha a paixã de huns, e a ambição de todos os Castelhanos, que o seguiaõ, convocadas as suas tropas, entrou nos Reinos de Castella, e desposando-se na Cidade de Placencia com a mesma Princeza D. Joanna, titulada Senhora delles,

Europa.

Batalha  
de Toro  
contra os  
Castelha-  
nos.



delles, marchou a livrar a Cidade de Toro, que sitiavaõ os parciaes del Rey D. Fernando. Lisonjeou a Fortuna o principio da guerra, com alguns successos, que merecia o valor dos Portuguezes; mas impedindo o rigor do Inverno, as facçoens Militares, se alojou o nosso exercito em Zamora, naõ pouco desbaratado, pela deserçaõ, e enfermidade de muitos Soldados. Para sustentar a guerra com forças proporcionadas ao intento de reinar, chamou El Rey a seu filho o Principe D. Joaõ, que já nos primeiros annos mostrava ser aquelle grande homem, que depois admirou o Mundo. Voou o Principe na obediencia do Augusto Pay, levando hum grande socorro, que se fazia mais formidavel com a presença de tal Capitaõ. Felizmente se incorporou com o exercito, triunfando dos obstaculos dos inimigos, que nunca poderaõ embaraçar a marcha dos nossos Soldados. Com este novo auxilio, de modo se animou El Rey, que ja desejava mais, do que temia, o conflicto. Assim tremolando as suas bandeiras, sahio de Toro a offerecer a batalha ao Rey D. Fernando em Zamora, que se lhe havia entregue por traiçaõ dos moradores. Rejeitou o Principe contrario o desafio, ou mais prudente, ou menos valoroso, e desenganado o nosso exercito de naõ pelear, retrocedeo a marcha, e voltou para a Cidade de Toro, em que estava a Princeza D. Joanna, assistida do Duque de Guimaraens, do Conde de Villa-Real, e de outros Cavalheiros. Entendeo a Rainha D. Isabel, que o valor, com que offerecemos a batalha, era injurioso á causa, que defendia, e engrossando o seu exercito com socorros novos, inflamou o animo de seu Esposo, com persuasoens efficazes, para nos buscar, combater, e destruir. Ja neste tempo havia o nosso Rey sahido de Toro para introduzir socorro no Castello de Zamora, pondo-se á vista dos seus inimigos, para livrar os cercados do ultimo perigo, ou pelear com os parciaes do Principe estranho. Pareceo o socorro do Castello impossivel, sem primeiro destroçar aos expugnadores; mas como estavaõ cubertos de grossas trincheiras, se julgou pelos Soldados mais expertos, o combate temerario, por ser o risco evidente; e se determinou reservar as tropas para occasiaõ, em que o valor, e a prudencia segura-vaõ o triunfo. Tomada esta resoluçaõ, abalou o nosso exercito, com as bandeiras despregadas, e passo lento, deixando



do a Zamora , para se restituir a Toro ; e ao descer huma collina , se pozeraõ em marcha , com mais vaidade que disciplina. Subiraõ logo os Castelhanos á eminencia , que deixávamos , e observaraõ , que as nossas tropas hiaõ desordenadas. Escreve-se , que o Rey de Aragaõ se dava ja por livre de injuria do primeiro desafio , com esta nossa retirada ; mas , que lhe mostrara o Cardeal Mendoça , com as razoens , que lhe dictava a sua fidelidade , que sendo mais poderoso em Soldados , e seguido de tantos Fidalgos , perdia o credito , se naõ desse batalha. Incitado de taõ valoroso conselho , determinou o conflicto , e começaraõ os seus esquadroens a baixar á planicie , por onde marchava o nosso exercito. Segurava a sua reta-guarda o Principe D. Joaõ , e avisou a seu Pay , que na pressa , e ardor , com que desciaõ os Castelhanos , se via o delejo , com que procuravaõ pelejar. Formou-se logo a nossa gente , em taõ repentino caso , dividida em dous corpos , naõ como pediaõ as regras da milicia , mas conforme se pôde fazer naquella confusaõ. ElRey tomou o lugar , em que devia resistir ás numerosas tropas , que governava o de Aragaõ seu contendor , deixando ao valoroso Filho a parte , em que se esperava o mayor conflicto , e mais sanguinolenta batalha. Animáraõ os dous Reys aos seus Soldados , para conseguir a victoria , que daria ao nosso , o inteiro dominio de Castella : ao inimigo , a segura posse do que ja dominava. Logo ao som das trombetas , e mais instrumentos militares , se rompeo a discordia , avançando seus grossos esquadroens , a desbaratar o corpo , que governava o Principe D. Joaõ , que inflamando aos Soldados , com palavras , muito mais , com seu heroico exemplo , de tal modo os animou , que passando da resistencia á invasaõ , os carregaraõ com maõ taõ pezada , que mortos huns , feridos outros , atemorizados todos , com o sangue que derramavaõ , se pozeraõ em declarada fugida. O Principe os seguio , rasgando-lhe no alcance , com repetidos golpes as feridas , que levavaõ abertas do primeiro combate. Aos desbaratados , soccorrêraõ novas tropas de Soldados descansados , e como vinhaõ a suspender a nossa ira , e vingar a injuria dos companheiros , se ateou segundo , e mais perigoso conflicto ; mas foy para luzir em mayor risco , e mais finaladas façanhas , o valor do Principe , ja vencedor. Naõ afrouxou daquelle marcial impeto , com que



que arrancára do Campo aos primeiros; antes de modo se portou neste arriscado transe, que superado o numero, e resolução de tantos contrarios, finalmente com insigne victoria, os venceo, e destroçou, ficando por esta parte, sem controversia, o triumpho pelo Principe D. Joaõ. Mas não foy semelhante o successo da batalha, no lugar em que pelejava seu Augusto Pay. Mediraõ as armas com tanta pertinacia, huns, e outros Soldados, que por tres horas se não conheceo ventagem, entre amigos, e inimigos. Mostravaõ-se na frente dos esquadroens, os dous Monarcas, para alentar os subditos, ou para merecer a Coroa, por quem se contendia, e a presença dos Soberanos fazia, com que se obrafsem maravilhas de valor, imitando os Soldados a taõ Augustos Generaes. Com a duraçaõ da batalha, se augmentava o destroço, morrendo huns, e desangrando-se outros, de modo, que tudo era horror, estrago, clamores, feridas, estrondo, e afflicçaõ, cobrindo-se o campo de sangue, e de cadaveres, que animosamente pereciaõ. Aqui se afirma por alguns Authores, que atemorizado com o perigo da batalha, se retirára para Zamora El Rey D. Fernando, e que o nosso vendo a multidãõ dos inimigos, que o cercavaõ para lhe tirar a vida, ou liberdade, e que os Portuguezes, por feridos, e cançados se começavaõ a retirar, colerico, e como desesperado, de lhe fugir õ triumpho, e se não conservar, na illustre posse de sempre vencer, se quizera lançar dentro do mayor corpo dos Castelhanos, fazendo-se victima do valor, para assim gloriosamente perecer, ja que não podia triunfar; porẽm, que o affecto, e lealdade de muitos Fidalgos, que lhe assistiaõ, e valorosamente sustentavaõ, com as acçoens heroicas, a gloria das suas armas, o dissuadiraõ daquella temeraria resolução. Crescia o perigo, e por instantes se melhorava o partido dos nossos contrarios; e os nossos, ja pelejavaõ, mais por conservar a honra, que por conseguir a victoria; porẽm aquelles, que não estimavaõ o brio, e a gloria da Naçaõ, começaraõ a deixar o campo com desfarranjo de vencidos. Fatalmente se communicou a desordem, aos que ainda firmes, e constantes, desprezavaõ a morte, por conservar a vida da fama, pelejando ferozmente, em dia taõ desgraçado. Entrou finalmente a confusaõ, e a desordem, nos que ainda resistiaõ, e se pozeraõ em retirada, voltando agora as costas,

com



com infamia, aquelles, que tantas vezes offereceraõ os peitos ás armas. O nosso Rey acompanhado de alguns Fidalgos, se retirou a Castro-Nuno, onde o recebeu seu Alcaide com obsequiosa fidelidade em tanta desgraça. Muitos Portuguezes naufragaraõ, querendo passar o Rio: merecida pena de morrerem affogados nas suas agoas fugindo, quando podéraõ acabar na campanha, vingando a morte no sangue dos contrarios. Neste carastrofe da nossa fortuna, aproveitando-se os Castelhanos da nossa ruina, remetêraõ a ganhar o estandarte Real, que sustentava Duarte de Almeida, Cavalleiro insigne; resistio como lhe pedia o posto, e a nobreza, e decepando-lhe as mãos, ainda o sustentava com os troços dos braços, até que retalhado com feridas, não só o perdeu, mas ainda a liberdade. Os inimigos soberbos, ou vingativos, arrastaraõ pelo campo aquella respeitada insignia das nossas armas: injuria, que logo vingou o famoso Gonçalo Pires, que seguido por outros esforçados companheiros, remeteo aos que no estandarte desprezavaõ as Quinas de Portugal, e o arrancou das mãos de hum Fidalgo Castelhanao, do appellido *Soto-mayor*; e coberto do proprio, e alheyo sangue, o apresentou ao Principe D. Joaõ, que eternisou a memoria desta acção, dando-lhe, e a seus descendentes, o appellido de *Bandeira*, verdadeiramente pequeno premio a facção, e proeza taõ memoravel. Mayor foy a estimação, que teve em Castella Duarte de Almeida; porque depois de ser prisioneiro, lhe despirãõ as armas, que se mandãraõ colocar em lugar preeminente: honra merecida a hum Varaõ, que se fizera o mais benemerito daquella Idade; sem duvida, que nestes despojos, consideraraõ nossos inimigos o credito, ou o testemunho de huma victoria em parte, que vencendo, tambem foraõ superados pelo nosso Principe D. Joaõ. Sem duvida, que o braço deste Heróe, fôra o rayo, que fulminado acabára aos que pelejavaõ, com seu Augusto Pay; mas como depois de seguir o alcance dos que vencêra, quando chegou a completar a sua victoria, achando, que o nosso Rey se havia retirado, suspendeo os golpes da sua espada, não havendo ja no campo Castelhanos, a quem ferir. Entaõ para eternisar a gloria do seu triumpho, quiz permanecer tres dias no lugar da batalha: costume dos vencedores naquella Idade; mas persuadido, por conselho do Arcebispo de Toledo, seu



fiel companheiro nos accidentes da batalha, que bastavaõ para testemunho da sua victoria, por tres dias, poucas horas, se moveo para a Cidade de Toro, com os soldados, com que triunfara. A pausa, e concerto militar, com que fez a sua marcha, á vista dos mesmos inimigos, servio de indelevel argumento, de como ficáraõ derrotados, pois naõ cometeraõ aos nossos, sendo tantos os contrarios. Tranquilamente chegou a Toro, onde no applauso com que o recebêraõ, se lhe celebrou a gloria com que pela sua parte vencêra a batalha. Nella perdêraõ os Castelhanos muitos soldados; mais faltáraõ dos Portuguezes, acabando huns na peleja, outros afogados; a estes excedeo o numero dos prisioneiros, e a perda das bagagens, que se naõ salváraõ, por negligencia dos que fugiraõ naquelle dia. Verdadeiramente que este foy o successo da batalha de Toro, em que toda a reputaçã de victorioso, se confessou ao Principe Dom Joaõ; pois pelejando com o seu valor, veyo a ficar senhor do campo; e toda a conveniencia, e utilidade daquelle desigual conflicto, foy de ElRey Dom Fernando; porque depois desta batalha, se lhe augmentáraõ os parciaes, deixando as nossas bandeiras muitos Fidalgos Castelhanos, e seguindo ao Rey contrario. Mostráraõ, que eraõ mais convenientes, que briosos; e nesta sua indecorosa variedade, se conheceo, que só os impulsos da ambiçã dirigia as suas vontades: mas que se podia esperar de homens, que depois de reconhecerem a Princeza D. Joanna por legitima Successora dos Reinos de Castella, ainda vivendo ElRey seu Pay, conspiráraõ contra o Soberano, negando a sua filha a legitimidade; o que se no seu tempo causou escandalo, ainda hoje se lê com horror nas Historias de Espanha, e Portugal.

Duarte Nunes de Leão *Chron. de Affons. V. cap. 57. e 58.* Brito *Elog. dos Reys de Portug. pag. 104.* Faria *Europ. tom. 2. Part. 3. cap. 3. §. 92. & seq.* Refende *Vida del Rey D. Joaõ II. cap. 12. e 13.* Goes *Chron. do Princ. D. Joaõ cap. 78.* Barbuda *Emprez. Milit. de Lusitan. pag. 94.* Neufuille *Hist. Gener. de Portug. tom. 1. liv. 3. p. 472. e 473.* Mariana de Rebus *Hisp. lib. 24. cap. 10.* Telles de Rebus *Gest. Joanni II. p. 15.* Manoel e Vasconcel. *Vida e Accion. del Rey D. Juan II. pag. 28. e 29.* Sampayo *Vid. e Hechos del Princep. Perfecto fol. 9.* Vasconcel. *Anaceph. Reg. Lusit.*



p. 209. Mariz *Dial. de var. Hist. Dial. 4. cap. 9.* Garibai *Cópendio histor. de Espan. liv. 35. cap. 15.* Ferreras *Hist. de Esp. tom. 11. ann. 1476. num. 16. 17. e 18.* Cascales *Hist. de Murcia Discurs. 12. cap. 2.* Colmenares *Hist. de Segovia cap. 34.* Ochoa. *Carole. fol. 141.* Sousa *Flor. de Esp. fol. 166. vers.* Roufsau *Hist. de Portug. Part. 3. cap. 13.* Clede *Hist. de Portug. tom. 1. ann. 1476.* S. Martha *Hist. de la Maison de Franc. liv. 42. cap. 6.* Anselm. *Hist. Geneal. de la Maison de Franc. tom. 1. cap. 20. §. 18.*

§. VIII.

Anno  
1489.  
Rey Dom  
João II.

**Q**uerendo o grande Rey D. João II. dar hum público testemunho da estimaçãõ, que fazia da pessoa, e merecimentos do Conde de Villa-Real, D. Pedro de Menezes, o creou neste dia Marquez da mesma Villa, de que ja era senhor, e se fez esta generosa acçãõ, com demonstraçoens taõ publicas, e plausiveis, que no premio do vassallo se conheceo a inclinaçãõ, e generosidade do mesmo Principe. Naõ será ingrata a noticia, do que se obrou nesta funcçãõ, para se ver a solemnidade, e ceremonias com que se remunerou a Fidalgo taõ benemerito. Na Cidade de Béja, nobre, e antigua Povoaçãõ do Alen-Tejo, se prevenio com magnificencia Real, huma sala do Palacio, e nella debaixo de hum precioso docel, appareceo ElRey vestido de galla, com o Principe D. Affonso, e o Senhor D. Manoel Duque da mesma Cidade, que depois succedeo na Coroa a este grande Rey. Assistiaõ muitos Senhores, e Fidalgos, para com a sua nobreza, e annos authoritar o festivo desta nova acçãõ. Ao mesmo tempo sahio o Conde de sua casa, precedendo-lhe trombetas, e diversos instrumentos alegres, e festivos. Vinha acompanhado com muita Fidalguia, e Concelheiros delRey, que infundiaõ novo respeito á sua comitiva: quatro Cavalheiros traziaõ o estandarte de Conde, a espada, o barrete, e o anel em hum prato de ouro. Com toda esta pompa entrou na antecamera, em que estava ElRey, e logo ordenando os Officiaes do Paço aos assistentes, que se pozessem em reverente silencio, recitou o Chanceller-mór, João Teixeira, huma elegante oraçãõ. Nella expoz a justiça do Principe, em remunerar com aquella nova distincçãõ a hum vassallo taõ benemerito.

Europa.

Creaçãõ  
de D. Pedro de Menezes em  
Marquez  
de Villa-Real.



rito, mostrando, que nesta honra, que lhe communicava, igualmente se eternisavaõ, o Rey na mercê que fazia, o Conde na grandeza, a que se elevava. Depois fez huma relação das proezas, com que servira no obsequio da Coroa, na ruina dos Africanos, na guerra de Espanha, e nas mais acçoens, em que deo a conhecer ao Mundo a Casa, de que era senhor, e o Real sangue, de que procedia: motivos, por que El Rey o declarava Conde de Ourem, e Marquez de Villa-Real. Acabada a pratica, chegou o Marquez aos pés del Rey, que lhe poz o barrete na cabeça, e lhe cingio a espada; e tirando-lha da cinta, cortou as pontas da bandeira, ficando assim quadrada, como a Real; e logo lhe meteo no dedo da mão esquerda o anel, em que se via engastado hum precioso diamante. Feitas estas ceremonias, ajoelhado o Marquez, beijou a mão a seu Augusto bemfeitor, reverente demonstração, que fizeram os mais Senhores, que estavaõ no Palacio. Logo passou El Rey a jantar em publico, em huma sala, que estava soberbamente adornada, e lhe fez segunda mercê, de o pôr á sua meza, com o Principe seu filho, e seu cunhado o Senhor D. Manoel. Depois se recolheu o Marquez, com o mesmo apparatus de festivos instrumentos, e sequito de Fidalgos; e na sua casa para solemnisar a grandeza, a que fôra sublimado, se continuáraõ por muitos dias banquetes esplendidos, distribuindo joyas, e peças de summo valor pelos parentes, e aliãdos, que affitiraõ aos festins, com que na Corte se applaudio a hum Cavalheiro, que mereceo pelo heroico de suas acçoens, mais que pelo Real da origem, colocar o seu nome no templo da immortalidade.

Refende *Vid. e Feitos de D. João II. cap. 78. Faria Europ. Portug. tom. 2. Part. 3. cap. 4. n. 117. Telles de reb. gestis Joann. II. pag. 285. Vasconcel. Vid. e Accion. del Rey D. Juan. II. pag. 220. Garibai Compend. Histor. de Espan. liv. 35. cap. 23. Sousa Hist. Geneal. da Cas. Real Portug. tom. 5. liv. 6. cap. 5.*



## 2. IX.

Anno  
1598.Rey Dom  
Manoel.

**D**Epois de Vasco da Gama ter descoberto diversas Costas, em paragens differentes, e tratado com gentes barbaras, a que não chegáão os Capitaens, que emprenderáão aquella tão espantosa viagem no tempo del Rey D. João II. claramente descobrio neste dia quatro Ilhas, de que a principal era Moçambique. Para melhor as reconhecer ordenou a Nicolao Coelho, que fosse por entre ellas, e a terra firme, por ser o navio que governava, como pequeno, mais proprio, para navegar, onde o mar tinha menor fundo. Executou aquelle Capitaõ as ordens do seu General; mas errando o verdadeiro rumo, fez logo sinal aos companheiros, que se fizessem no bordo do mar, por não experimentarem a desgraça de hum naufragio. Livres do eminente perigo, todos ancoraraõ, e ao mesmo tempo viraõ sair de huma das quatro Ilhas, diversas embarcaçoens, a que chamaõ os naturaes *Zambucos*, as quaes vieraõ direitas ás náos Portuguezas. Tanta era a sua alegria, e confiança, que não temeraõ chegar tocando muitos instrumentos barbaros, mais festivos que suaves. Era a côr desta gente, baça, corpos bem feitos, e vestiaõ de algodão listado, e nas cabeças toucas de mais fino pano, com vivos de cores differentes, lavrados de fio de ouro; e as armas de que usavaõ, traçados turquescos, trazendo nos braços adargas empunhadas. Quando chegaraõ aos nossos navios, entendiaõ, que eraõ de alguns Portos Orientaes, e não de Portuguezes, a quem a religiaõ, e as victorias, com que destruçavamos em Africa, aos sequazes de Mafoma, faziaõ aborrecidos a todos os que seguiaõ os delyrios do seu Alcoraõ. Recebêraõ urbana hospedagem, e foraõ convidados com larga merenda; porêm o grande Vasco da Gama, conhecendo da lingua Arabia, com que se explicavaõ, que eraõ mouros, e não gentios, como os outros, com que tratára na mesma Costa de Africa, se portou com elles, tão advertido, que nada faltou ás obrigaçoens de prudente Capitaõ. Delles soube, como da sua Ilha, se navegavaõ para a India os generos, que produzia a sua Costa, e transportado em jubilo, engrandecia as misericordias do Senhor, que amparava huma viagem, intentada para gloria do seu nome Sacro-santo. Des-

Africa.

Descobri-  
mento de  
Moçambi-  
que.



pedidos os mouros com muitas peças, mais vistosas, que ricas, desembarcáraõ com tanto alvoroço, que se resolveo o Xequê, ou senhor da terra, a quem obedeciaõ, visitar o nosso Capitão-mór, para estabelecer os interesses do commercio, e deo licença aos subditos, para trazerem ás náos, em preços moderados, todos os frutos da terra, e acompanhou estes com hum presente, e refresco, querendo assim lisonjear, aos que suppunha da sua crença. Respondeo Vasco da Gama ao presente com vestidos, e regallos, e de modo se estreitou a correspondencia entre os nossos, naturaes, e moradores da Ilha, que não temeo o Xequê vir cumprimentar o Capitão-mór. Sabio pois acompanhado de muitas almadias, em que vinhaõ muitos vassallos vestidos de pannos de algodão, e de sedas os mais chegados ao Régulo, que trajava cabaya ao modo turquesco, de algodão branco, e sobre ella outra de veludo de Méca; na cabeça touca de cores, mas com diversos fios de ouro; na cinta traçado com guarnição de pedras, e ouro, com huma adaga preciosa; e nos pés alparcas de veludo; como era de boa estatura, e aspecto grave, bem mostrava na figura a superioridade. Acompanhavaõ muitos, e varios instrumentos, que tocados faziaõ hum ruido festivo, e alegre, sinal do gosto, com que buscavaõ aos novos hospedes. Ao portalo da sua náõ os recebeu Vasco da Gama, tendo os melhores soldados em duas fileiras, taõ adornados de gallas, como de armas, para que a hum tempo vissem o pomposo, e o militar. Offereceo-lhe com grandeza, tudo o que podia servir para lisonja da meza; e depois que o Xequê satisfez o appetite nos manjares, e gula no vinho, a que se entregou, quiz saber se tratava com Turcos, ou Mouros, como elle era, e pedindo os livros da sua Ley, e as armas com que pelejavaõ, respondeo o nosso Capitão, que a seu tempo veria os mysterios da nossa Religiaõ; e logo lhe expoz couraças, espadas, lanças, espingardas, e béstas, ordenando, que disparassem as de fogo, a que se seguiu huma descarga da artilharia, que festejou o Xequê, e admirou a seus vassallos. Como lo animo do nosso mayor Argonauta, se inflamava no desejo de ver Calecut, ultimo termo da sua viagem, lhe pediu pilotos, que o levassem; o que lhe concedeo com boa vontade. Segunda vez tornou o Xequê a visitar ao nosso Capitão, e correndo o trato pacífico das náos a terra, se descobrio

cobrio m  
ros, e  
rossa m  
caliados  
dados,  
ma da G  
via, de  
estavaõ  
imagina  
maquin  
por esta  
para te  
responc  
cido,  
do as v  
cessos  
glorios  
sua Pa  
C  
Castam  
India  
log. 4  
seg. I  
Mari  
tor. d  
Hilo  
de L  
tom.  
Hil.  
Portu  
Anno  
110. V  
de A  
Rey Dom  
Manuel.  
Alm  
grati  
gos  
Rey



cobrio nellã, que eraõ Portuguezes, os que suppunhaõ mouros; e todo o amor se converteo em odio, procurando a nossa ruina os mesmos, que antes nos buscavaõ por amigos, e aliados. Quizeraõ tomar as náos, e fazer da vida dos soldados, e companheiros de Vasco da Gama, cruenta victima da sua vingança; mas hum dos pilotos, que ja nos servia, descobrio a traiçaõ, e livrou do eminente perigo, a que estavaõ expostas as náos de serem abrazadas; pois quando imaginavamos estar na segurança de hum porto fiel, se nos maquinava huma ruina fatal. Irritado pois o nosso Capitão, por esta infidelidade, e tambem por fugir hum dos pilotos para terra, determinou, que o fogo castigasse a ingrata correspondencia, e fulminando a sua artilharia o estrago merecido, lhe arruinou grande parte da sua Povoação, e largando as vélas, proseguio a sua viagem, em que teve os successos que servem de illustre assumto aos nossos Factos, e de gloriosa fama áquelle invicto Heróe, que tanto honrou a sua Patria.

Goes *Chron. del Rey D. Manoel Part. 1. cap. 36. e 37.*  
 Castaned. *Hist. da Ind. liv. 1. cap. 5, 6. e 7.* Barr. *Decad. da India tom. 1. liv. 4. cap. 3. e 4.* Mariz *Dial. de var. Hist. Dialog. 4. cap. 14.* Cãmomens *Lusadas Cant. 1. Oitav. 44. e as seg.* Faria *Asia Portug. tom. 1. Part. 1. cap. 4. n. 3. 4. e 5.* Marian. *de Reb. Hispan. liv. 26. cap. 17.* Garibai *Comp. Histor. de Esp. liv. 35. cap. 27.* Ind. *Oriental Part. 9.* Rouffau *Histor. de Portug. Part. 3. cap. 15.* Barbud. *Emprez. Milit. de Lusitan. fol. 112.* Neufuille *Hist. General. de Portug. tom. 2. liv. 5. p. 34.* Maffeus *Historic. Indiar. lib. 1.* Cled. *Hist. de Portug. ann. 1498.* Lafitau *Histor. des Conquestes de Portugais tom. 1. liv. 2.*

## 2. X.

Anno  
1510.

Rey Dom  
Manoel.

**V**ingado o tanguê de seu filho D. Lourenço, na batalha de Dio, e entregue o Governo da India ao grande Affonso de Albuquerque, pelo famoso D. Francisco de Almeida, sahio este Heróe de Cochim, taõ queixoso da ingraticidaõ de alguns Portuguezes, como triunfante dos inimigos da Asia, para receber em Portugal nos braços do seu Rey, o galardão das proezas, com que fizera memoravel o valor

Africa.

Infeliz  
combate  
na Agoa-  
da de Sal-  
danha.



valor dos soldados, e a gloria do seu Monarca. Vencido o Golfo, que divide as Costas da India, e Africa, tocado Moçambique, e vencido o Cabo da *Boa-Esperança*, avistou com suas náos a célebre Agoada, que ainda conserva o nome de *Saldanha*. Era muy vulgar no póvo de Cochim, que o Vice-Rey não havia livrar daquelle tormentoso Cabo; e como o vio dobrado, rompeo nas valorosas palavras, de que se não verificavaõ os infaustos vaticinios de morrer naquella viagem, dizendo: *ja agora, louvado Deos, as feiticieras de Cochim ficarão mentirosas*; porêm logo, com a mayor fatalidade, experimentou no desastre da sua morte, que as vozes, que generosamente desprezára, não foraõ mentirosas, mas profecia da sua desgraça. Vinhaõ os navios saltos de agoa para tão larga viagem, e resolveo ancorar na mesma anseada; sahião a terra alguns Portuguezes, e começaraõ a fazer resgate com os cafres, que a habitavaõ, dando-lhe gados, por algum panno, e ferro, que os nossos levavaõ. Da facilidade com que se commutavaõ estes generos, se originou o passarem ás suas aldêas, em que foraõ bem recebidos, e hospedados; mas desta cõmunicação amigavel, que fataes consequencias não resultáraõ! Saõ os barbaros desta Costa, crueis por natureza, ambiciosos por genio, e ladroens por costume: os nossos orgulhosos, e desconfiados, e com menos advertencia, para se moderarem nas occasioens, em que se não deve praticar a vingança, mas seguir a dissimulaçaõ. Quando foraõ ás aldêas, lhe cahiraõ algumas armas, que logo os pretos furtáraõ; o que se devia desprezar, servio á colera de hum criado do Vice-Rey, para ser causa do mais desgraçado caso, que referem as memorias Orientaes. Resolveo, para se vingar, conduzir dous cafres, para receberem castigo; e para o conseguir, lhes deo alguns frutos do resgate para os trazer á praya enganados; mas ainda que boçaes, temendo o perigo, largaraõ a carga, e se retiraraõ acautelados: quiz o nosso Portuguez, que obrasse a violencia, o que não conseguia a vontade; mas os mesmos cafres, o trataraõ de modo, que levando o rosto ensanguentado, chegou á presença do Vice-Rey, moido, e não com poucos dentes quebrados. Fez horror aquelle espectáculo a todos os Capitaens, que lhe assistiaõ; e como outros criados tinhaõ recebido semelhantes aggravos, o persuadiraõ muitos, que desembarcasse.



casse para castigar hum insulto, que a prudencia, e o mesmo valor devia desprezar: outros com mais acerto, votáraõ, que o não fazer caso, era o verdadeiro castigo, que na occasião se podia fulminar. He certo, que não devia desembarcar homem tão illustre, para assolar humas pobres aldêas de pretos, quando vinha com as armas tintas do mais valoroso sangue de toda a Asia, e que havia humilhado tão fortes Praças, e Cidades. Fluctuava a prudencia, e colera do Vice-Rey, na eleição do desembarque, ou porque o seu coração presago o retirava do ultimo desastre, ou porque a facção, não dava gloria na felicidade, e não admittia desculpa na desgraça; cedeo porém o juizo á paixão, e os muitos annos de hum Heróe, ao juvenil impeto da menor idade; porém assim vem os desastres. Desembarcou violentado pelo arrojo dos que o persuadiaõ; e para mostrar a repugnancia do seu coração, olhando para os companheiros, ao sahir da náõ, rompeo nestas palavras: *aonde levaõ estes secenta annos*, que tantos contava de vida, tão grande homem. Posto na praya, e na vanguarda de cento e cincoenta Capitaens, Fidalgos, e soldados, que antes foraõ o terror das Provincias do Oriente, marchou a combater, não homens disciplinados, mas cafres nus, e armados de zagunchos, e páos tostados. Com o primeiro furor dos nossos, e pouca resistencia dos negros, foy logo a sua Aldêa entrada, saqueando se, o que nella se achou; mas aqui se deo principio ao sangue, que se derramou da nossa parte, morrendo logo Fernão Pereira, para ser primeira victima de successo tão infausto. Satisfeita a ira, com a victoria, que podemos chamar injuriosa ás nossas armas, se recolhiaõ os nossos, trazendo algumas crianças, e gado, quando repentinamente nos vimos assaltados de oitenta cafres. De hum monte a que se refugiaráõ, descêraõ como furiosos, e desesperados, procurando a vingança, sem temer a morte. Largaraõ-lhe os filhos, para que lhes suspendesse o amor natural, a ligeireza com que nos buscavaõ; mas desprezando, o que mais amavaõ, como brutos só procuravaõ o nosso estrago, correndo para nos matar. Era ja grande o perigo, nas circunstancias deste caso fatal; porque nos feriaõ com pedras, e páos tostados, que de lonje arremetavaõ: os Portuguezes se defendiaõ com as lanças, e espadas; mas como os inimigos eraõ praticos no terreno, e com a



sua ligeireza facilmente se retiravaõ, sempre feriaõ a seu salvo, livrando-se das nossas armas. Para mayor damno, e desgraça, com assobios chamáraõ o gado, que nos seguia, e fugindo para elles, servio de muralha vivente, com que se amparavaõ dos golpes, que lhe fulminavamos. Aos oitenta se juntáraõ outros, e crescendo o numero, se augmentou o perigo, cahindo ja mortos, e feridos muitos dos nossos, que lassos, e desangrados, inutilmente pelejavaõ. O Vice-Rey constante na mesma desgraça, sustentava o conflicto, com o mesmo valor, que nas mais occasioens, em que se vio a sua espada; e com poucos Capitaens, e Fidalgos, mais servia ao brio, que a ter a victoria, de que ja desesperava. A mesma arêa movediça da praya, servia para lhe embaraçar, e reter os passos, quando os castres ligeiros, como voando, os trespassavaõ com suas barbaras armas. Aqui se encontrõu com o mesmo Vice-Rey, Jorge de Mello, a quem recomendou a bandeira Real, mostrando-se mais zeloso da causa do Rey, que da propria conservação. Neste lastimoso transe cabiraõ derribados, Pero Barreto de Magalhaens, Lourenço de Brito, Manoel Telles, Martim Coelho, Antonio do Campo, Francisco Coutinho, Pero Teixeira, e Gaspar de Almeida. Entre a confusão de tanto estrago, sustentou Jorge de Mello a bandeira, como devia a seu brio, e decoro do Principe, não desamparando ao Vice-Rey, que sempre o mesmo, retirando-se a buscar os bateis, não deixava a resistencia, ainda neste ultimo desajranjo, em que a barbaridade triunfava do valor; porém hum zaguncho de arremeço, lhe atravessou a garganta com ferida mortal. Recebido o golpe, levantou as mãos, e olhos ao Ceo, implorando as misericordias do Senhor, e logo cahio morto, sobre aquellas infames arêas, que deste sangue taõ illustre, e dos outros Cavalheiros, eternamente se ennobrecêraõ. Vio-se entaõ o mayor exemplo de amor, e mayor lealdade, que referem nossas Historjas em Diogo Pires, ayo que fôra de D. Lourenço; porque observando, que estava derribado, e morto o Vice-Rey, voltou, rompendo nestas affectuosas palavras: *Naõ queira Deos, que eu fique vivo, deixando o filho, e o Pay*; e tornando ao lugar em que jazia o respeitado cadaver, sobre elle recebeu tantas feridas, que morreo feito cruenta victima da fidelidade: acção taõ illustre, como poucas vezes praticada. Suspendeo-se,



se, e acabou o furor barbaro, depois que os nossos se embarcáraõ; e com este tragico successo terminaraõ as horas de hum dia, em que sem gloria, pereceraõ secenta Portuguezes, em que se perdêraõ doze insignes Capitaens, não vencidos, em igual batalha, nem por soldados, mas por cento e setenta cafres, que pelejáraõ sem ordem, como barbaros. Jorge de Mello, depois que os mesmos barbaros se retiraraõ, tornou das náos á praya, e vendo jazer os corpos daquelles Capitaens, e soldados, á discricião das fêras, e dos cafres, lhes deo a sepultura, que na praya offerecia a presente necessidade. Ao cadaver do Vice-Rey, que achou indignamente despojado, cubrio com terra, e lagrymas, faltando-lhe agora os cultos, e mausoléos, que descobrio o respeito, e a vaidade; e as ceremonias ecclesiasticas, com que na morte costuma a Igreja sepultar aos filhos, que pelo bautismo gerára: rara desgraça de hum Varaõ taõ esclarecido, que poucos dias antes, enchera de terror as mais belicofas Naçoens da Asia: mas quem pôde perverter os decretos da Providencia em semelhantes casos!

Castanh. *Hist. da Ind. liv. 2. cap. 123.* Barros *Decad. da Ind. tom. 2. liv. 3. cap. 10.* Goes *Chron. del Rey D. Manoel Part. 2. cap. 44.* Mariz *Dialog. de var. Hist. Dialog. 4. cap. 16.* Camoens *Lusiad. Cant. 5. oitav. 45. e Cant. 10. oitav. 37. e seg.* Faria *Asia Portug. tom. 1. Part. 2. cap. 3. n. 10.* Ochoa *Carolea fol. 58.* Rouffau *Hist. de Portug. Part. 3. cap. 15.* Claud. Clement. *Tablas Chronol. pag. 236.* Barbud. *Empres. Militar. de Lusitanos fol. 144. vers.* Neufuille *Hist. Gener. de Portug. tom. 2. liv. 6. p. 260.* Maffeus *Hist. Indiar. lib. 4. pag. 78.* Clede *Hist. de Portug. an. 1509.* Lafitau *Hist. de Conquest. del Portug. tom. 1. liv. 4.* Vasconcel. *Anacephal. Reg. Portug. in Reg. Emmanuel. Osorio de Rebus Emmanuel. liv. 3.*



a. XI.

Africa.

Anno 1510. **N**ascos o grande D. Francisco de Almeida, setimo filho dos primeiros Condes de Abrantes, D. Lopo de Almeida do Concelho del Rey D. Affonso V. e D. Brites da Silva, tendo por irmãos a D. Jorge de Almeida, Bispo de Coimbra, e D. Diogo Fernandes de Almeida, Prior do Cra-

El Rey D. Manoel.

to, Varoens famosos nas memorias de Portugal. O esclarecido sangue de taõ nobres Pays, lhe deo a nobreza da mais clara origem: a generosa condiçaõ do seu animo, o fez hum dos mayores Capitaens de Portugal. Naõ seguiu as letras, e se applicou ás armas; parece naõ estimava a gloria, que se adquire sem perigo da vida, ou sangue derramado nas palestras de Marte. Gozava o Reino de huma profunda paz, depois de huma perigosa guerra, e havia entre Portugal, e Castella huma fiel harmonia, que durou por taõ largos annos; e como no peito deste Heroe, pullavaõ os nobres incentivos da honra, que só offerecem os riscos da campanha, foy militar na conquista de Granada, em que os Reys Catholicos, servindo-se de taõ grande soldado, vencerãõ com felicidade. Rendeo-se todo aquelle Reino aos golpes da espada, e com o terror de tantas victorias; e nellas obrou proezas o nosso Heroe, que no conceito dos Castelhanos, foy igual o seu valor ao que mostrãõ D. Gonçalo Fernandes de Cordova, por suas acçoens, chamado o *Gran Capitãõ*. A Rainha D. Isabel, Heroína, a quem deve Espanha a sua mayor elevaçãõ, quiz remunerar a hum braço, que tanto concorrera para o triunfo daquella guerra, em que totalmente se abateo, e rendeo a infidelidade; mas reverente, agradecendo o generoso despacho, recusou o premio, como quem servia para ter o merecimento, desprezando a remuneraçãõ. Ja coroado de tantas palmas, quantas foraõ suas victorias, se restitubio á Patria, onde o recebeu El Rey D. Joã II. em Almeirim, com favores taõ particulares, que podiaõ servir de estimulo, e de enveja aos mayores Cavalheiros, que assistiaõ no Palacio. El Rey o assentou á sua meza, onde foy servido dos Officiaes, que ministravaõ ao mesmo Principe; graça, que ad-

mirou



mirou, por ser El Rey o mais sevéro, e zeloso da soberania, e magestade Real; mas achou, que tudo merecia hum taõ grande vassallo, e capitaõ. O mesmo Rey o destinou General da armada, que se preparava para ruina dos novos descobrimentos de Christovão Colon; e seriaõ as victorias, effeito da sua direcção, a naõ mediar a concordia, que se ajustou com tanta gloria de Portugal. Succedeo no Throno El Rey D. Manoel; e descobertas as regioens Orientaes, dilatado ja em tantas Provincias o nome, e dominio Portuguez, determinou o mesmo Rey nomear Governador de taõ novo, como importante Estado. Havia no Reino muitos Fidalgos de nome respeitado, em prudencia, e valor; naõ assistia na Corte, mas de Coimbra o chamáraõ, para ter o mayor lugar, que depois da soberania tem Portugal. Foy nomeado primeiro Vice-Rey da India, com tanta jurisdicção, e poder, que nelle se vio a melhor copia da Magestade; e no applauso da eleicção, se conheceo o alto conceito, que se fazia do seu merecimento. No Oriente soube desempenhar as ordens do Principe, e os encargos do lugar com tantas facçoens politicas, e militares no seu governo, que se fez exemplar dos Governadores, que lhe succedêraõ. Nas tres Fortalezas de Cochim, Anjediva, e Cananor, estabeleceo, e segurou, a navegaçõ de nossas armadas; na ruina de Quiloa, e Mombaça, atemorizou aos Mouros, para aprenderem no proprio estrago, a veneraçõ, que se devia ás bandeiras de Portugal. Destruio por seu filho o valoroso D. Lourenço de Almeida, a grande armada do Camorim, que ameaçava o destroço de nossas fro-  
tas, e a subversão das nossas Feitorias do Malabar; e foy esta victoria taõ finalada, que deixando o mar tinto em sangue, fez cobrir de luto, e lagrymas as Cidades de Calecut, e Cananor no Malabar. Em Chaul perdeu ao valoroso filho no sanguinolento conflicto naval, que ainda na desgraça eternizou a fama dos que foraõ destroçados; e o sangue vertido daquelle taõ illustre mancebo, lhe inflamou o coração, para buscar a vingança na batalha, em que teve o mayor triunfo das nossas armas. Ardendo nesta nobre, e justa paixã, como quem fiava da sua espada, o desempenho da morte do faudo filho, deixando Cananor, e depois de arrazar com ferro, e fogo a Dabul, fortissima Cidade no Indostã, buscou aos mesmos inimigos em Dio, com tanta fortuna, e valor, que

Africa.

Morte de  
D. Francisco de  
Almeida.



que depois dos mayores casos de hum horroroso combate, totalmente destruiu a armada do Cairo, affugentou a do Camorim, e abatteo a de Melique Az, tirando a vida a muitos milhares de mouros, parecendo-lhe pouco o sangue de tantos inimigos, que se derramou naquelle transe; para a sede, com que desejava beber o do Oriente todo, como defafogo da sua ira, e saudade. Assim o lamentaraõ as Costas do Malabar; porque depois de vencer a batalha, com horror da humanidade, viraõ enforcados os cativos, que fizera naquele fausto dia, lastimosas victimas, que se offereceraõ á dor de hum Pay sentido, mas improprias de hum General christaõ. Deixou finalmente o Estado nas mãos daquelle homem, que fez tremer a soberba do Oriente, o grande Albuquerque, e navegando com tantas palmas, quantas batalhas vencera, veyo a perecer entre barbaros, sepultando-se nas arêas das prayas, em que o matáraõ. Nellas dormem as suas illustres cinzas, tendo por sepulcro magestoso, hum monte de pedras, que se lhe pozeraõ, alguns annos depois da sua morte; devemos crer da piedade com que falleceo, que a pompa que lhe faltou na sepultura, gloriosamente seria compensada na eternidade, com o galardão de bem-aventurado. Foy D. Francisco de Almeida gentil, e grave na presença, que se fazia terrivel, quando o viaõ irado: foy no conselho prudente, na Corte reportado, na guerra activo, no governo prevenido, e sempre igual, no gabinete discorrendo, e na campanha pelejando. Foy isento com os homens, que lhe obedeciaõ, granjeando no governo da India alguns oppostos com a sua natural teveridade. A's riquezas olhou com desprezo de Filosofo, e amor da honra, estimando naõ os bens, mas só a fama. Taõ delicado na consciencia, que sendo ja Vice-Rey, renunciou a Comenda que possuia da Igreja do Sardoal da Ordem de Saõ-Tiago, como bens Ecclesiasticos, que naõ queria desfrutar; mas como naõ obraria assim hum Váraõ com as rendas da Igreja, que entendia naõ podia possuir, se das riquezas do Oriente, naõ percebia o que lhe dava o seu mesmo Rey! Por concessaõ do Principe, lhe tocavaõ quinhentos cruzados em qualquer das prezas do Estado; e só tomava alguma seta, ou lança, drogas, a que só mostrava inclinaçaõ; assim naõ he muito, que triunfasse do ouro, e diamantes, quem venceo os appetites da humana condiçaõ, nas repetidas  
occafio-



occafioens, que lhe offerecia a dependencia, os regallos, e delicias, com que na India se vê a pureza contrastada, e tambem vencida! Estas grandes partes, em que luzio lhe adquiriraõ tantas estimacoens, que seguindo a ElRey D. Manoel, quando se foy jurar herdeiro de Castella, os Reys Catholicos o tratáraõ em Toledo, com a mayor distincção de favores, e agrado; e nas suas mãos recebeo ao Principe Dom Miguel, porque a Rainha D. Isabel nos braços de tal Heróe, pario este Principe, que chamáraõ da Paz. Finalmente, quando chegou a Portugal a nova da sua morte, foraõ tantas as lagrymas illustres, e plebeyas, que o mesmo Rey D. Manoel se fechou, para demonstraçoõ da sua dor, na falta de hum homem, que merecia mais larga vida, e os premios que lhe destinára a gratidaõ Real; sentimento, em que tambem lhe foraõ companheiros os Reys Catholicos, Fernando, e Isabel, fazendo as metmas demonstraçoens de luto, como se fõra parente da Casa Real. Casou com Dona Joanna Pereira, irmãa de Jorge Moniz, Senhor de Anjeja, de que teve nobillissima descendencia, em D. Lourenço de Almeida, que morreo na batalha de Chaul, fazendo-se victima do brio, nas aras do valor; e a Dona Leonor de Almeida, que depois de viuva de Francisco de Mendoça, Alcaide-mór de Mouraõ, e cunhado do Duque de Bragança D. Jaime, casou com D. Rodrigo de Mello I. Marquez de Ferreira, de que vem a respeitada Casa dos Duques de Cadaval, conservando-se até os nossos tempos em taõ esclarecidos Netos, melhor que nos obeliscos dos marmores, e bronzes, a verdadeira copia, ou imagem de taõ grande Avô, e de taõ famoso Heróe.

Castanhed. *Hist. da Ind. liv. 2. cap. 124.* Barr. *Decad. da Ind. tom. 2. liv. 3. cap. 10.* Goes *Chron. delRey D. Man. Part. 2. cap. 44.* Mariz *Dial. de var. Hist. Dialog. 4. cap. 16.* Faria *Asia Portug. tom. 1. Part. 2. cap. 3. n. 10.* Ochoa *Carolea fol. 58.* Rouffau *Hist. de Portug. Part. 3. cap. 15.* Refende *Chron. delRey D. Joaõ II. cap. 164.*



2. XII.

Anno

1551.

Rey Dom  
João III.

**D**O grande D. Pedro de Menezes I. Marquez de Villa-Real, e da senhora D. Brites, filha do Duque de Bragança D. Fernando II. nasceu illustre filho, D. Antonio de Noronha, a quem ElRey D. João III. creou I. Conde de Linhares, olhando ao alto da sua Real origem, e merecimentos da sua pessoa. Como verdadeiro imitador de seus grandes Ascendentes, logo que os annos o chegaraõ á idade de pegar nas armas, passou a Africa, entaõ gloriosa palestra do valor Lusitano, e pelejando em diversos combates, no sangue dos Mouros, e no destroço das suas campanhas, ja como soldado, ja como capitaõ, deo novos triunfos á Coroa, e introduzio mayor terror nos Africanos. Estas militares proezas, com que adiantou a fama do seu nome, lhe déraõ o governo de Ceuta, substituindo a seu invicto Pay, de que se fez verdadeiro filho, ainda mais pelas acçoens, do que o era pela natureza. Restituído á Patria, que o recebeu com os applausos, que mereciaõ seu valor, e fortuna, ElRey D. Manoel o nomeou Escrivaõ da Puridade, lugar da mayor reputaçãõ no Palacio; mas como era homem para as emprezas mais arriscadas, foy eleito para General da grande expediçãõ da Fortaleza, sobre as agoas de Mamora. Executou-se com summo valor a fábrica, resistindo aos combates dos mouros, que em grossas tropas procuraraõ a nossa ruina; o que fatalmente depois se conseguiu, naõ por culpa dos soldados, mas por desgraça dos que nella pereceraõ, victimas da fidelidade, e da resistencia. O mesmo Rey D. Manoel o nomeou seu Plenipotenciario, para celebrar os ajustes, e concordia com a Rainha D. Joanna de Castella, sobre os interesses da sua Coroa, e Portugal, nas demarcaçoens das conquistas Ultramarinas; e nesta delicada negociaçãõ, mostrou que o seu grande talento, era taõ previsto para os tratados politicos, como para os transes militares, sempre semelhante a si mesmo, ou no gabinete, ou na campanha. Depois viveo na Corte, e Palacio, taõ aceito aos Reys, como estimado, e bemquisto dos Pòvos; porque sem remittir o zelo do publico, e gloria do Estado, procurava o despacho dos Grandes, e o beneficio de todos, naõ estimando a elevaçãõ

Europa.

Morte do

I. Cõde de

Linhares,

D. Anto

nio de No

ronha.

do



do nascimento, mas a distincção dos benemeritos, que nelle achavaõ a benevolencia de advogado. Assim contando oitenta e sete annos, entre lagrymas dos seus, e dos estranhos, deixou o caduco pela eternidade, e cremos, que melhorou a gloria do seculo, para ter a de Bem-aventurado. Jaz o seu corpo na Capella-mór do sumptuoso Templo de S. Bento de Xabregas, dos Conegos Seculares de S. Joã Evangelista, em soberba sepultura, onde tambem descansão as illustres cinzas de sua consorte, D. Joanna da Silva, filha dos primeiros Condes de Portalegre. Desta esclarecida senhora, teve o Conde D. Fernando, D. Diogo, e D. Joã de Noronha, que de pouca idade voaraõ á gloriosa eternidade: D. Ignacio de Noronha, que succedendo na sua grande Casa, pelas desordens improprias do seu estado, e qualidade, e mais que indignas para hum christaõ, renunciou o titulo, e morgado em seu irmão, D. Francisco de Noronha, que em differente dia, será nobre assumpto destes Fastos. Houve mais a Dom Pedro de Menezes, que governando Ceuta, perdeu a vida no combate, em que se fez sacrificio do valor, e fidelidade; e a Dona Maria de Noronha e Ayala, que se desposou com Affonso de Albuquerque, primeiramente chamado Braz de Albuquerque, filho do invencivel Affonso de Albuquerque, Governador, e amplificador do nosso Estado Oriental, que mudou o nome, por decreto delRey D. Manoel, para assim conservar nelle a memoria de taõ grande Pay. Finalmente, houve a D. Margarida da Silva, primeira esposa de D. Joã de Menezes, setimo senhor de Cantanhede, de que descende a nobilissima Casa de Marialva, que hoje existe, com tanta gloria do Estado, por ser generoso berço, em que se tem creado tantos Heróes, que na paz, e na guerra tem servido á Patria com o mais intrepido valor, e incorrupta fidelidade.

Goes *Chron. delRey D. Manoel Part. 3. cap. 76.* *Faria Africa Portug. 2. 44. e 2. 135.* *Franc. de Santa Maria Ceo aberto liv. 2. cap. 30.* *Sousa Histor. Geneal. da Caf. Real tom. 5. liv. 6. cap. 5. pag. 251.*



## II. DE MARÇO.

2. I.

Asia.

Anno  
1559.

Rey Dom  
Sebastião,  
Vice-Rey  
da India  
D. Con-  
stantino de  
Noronha.

**Q**UANDO o valoroso Capitaõ Luiz de Mello e Silva, cruzava com huma armada sobre as costas do Malabar, para impedir, que dos seus rios sahissẽ piratas Portuguezas, a repentina traiçaõ dos moradores da Cidade de Mangalor, lhe deu causa para sua ruina, e para conseguirmos huma gloriosa, e sanguinolenta victoria. Soube que no seu porto entrara hum pangel de Cananor, com quem por aquelle tempo trazia guerra o nosso Estado, e navegando por aquelles mares, ordenou aos Capitaens, Antonio Tavares, e Gonçalo Sanches, que nos seus navios lho trouxessem, como embarcaçaõ, que era de inimigos declarados. Estava aquella Cidade em paz com os Portuguezes; mas appellidando os mesmos inimigos do pangel aos moradores para o soccorro, estes se lhe uniraõ, ou por incautos, ou pelo commum odio, com que nos aborrecem os mouros, e pegando das armas, trataraõ taõ mal aos nossos Capitaens, que tiveraõ por naõ vulgar felicidade, naõ ficarem victima do seu furor, e crueldade. Irritado Luiz de Mello da offensa, e defacato, que se fazia ás nossas bandeiras, determinou castigar Mangalor, com maõ taõ pezada, que no seu estrago aprendessem os outros barbaros o respeito, com que se devia tratar aos Capitaens de Portugal. Desembarcou logo com seus intrépidos companheiros, e remeteo a escalar a desgraçada Povoação, e obrando o fogo, e a espada os destroços, que incitava a ira, e a vingança, tudo foy sangue, e mortes, dos que animosos se lhe oppozerã no assalto: cortou o nosso ferro neste dia, sem distincçaõ de sexo, ou idade; porque assim ordenava a colera do General; mas quando ja parecia, que se acabava a guerra, esteve a sua vida no mayor perigo, de ser despojo, dos que suppunha desbaratados, e destruidos. Estava o nosso Capitaõ na boca de huma rua, com poucos soldados, e topando com elles alguns moradores, que medrosos corriaõ a salvarse

do

do emin  
inimigo  
teraõ ar  
decido.  
cabelo  
o ferio  
queria  
valor,  
lhe peg  
aos sold  
daços.  
refisten  
morte,  
do, e  
reduziç  
zas. E  
soberbo  
lataõ,  
cobiça  
o ince  
to, e  
tal ca  
pugna  
ferida  
Sanch  
guns  
Patria  
que a  
rem a  
rêm r  
troço  
e mai  
rà a e

Asia  
delRe



do eminente perigo, que os ameaçava, vendo ao seu mayor inimigo, se lhe mudou o temor em desesperaçã, e remeteraõ animosamente para na sua pessoa, vingar o damno padecido. Foy o mais atrevido, hum de figura medonha, e cabêlo desgrenhado, que armado de huma manopla de ferro, o ferio com huma adaga no braço, e ligando-se com elle, o queria soffocar; mas servindo naquelle perigoso transe, o valor, e desembaraço de Luiz de Mello á propria defença, lhe pegou dos cabêlos, e com vigoroso impulso o arrojou aos soldados, que logo o matáraõ, e fizeraõ em muitos pedaços. Livre deste grande perigo, e vencida totalmente a resistencia dos que procuravaõ salvar as vidas, ou deter a morte, ordenou se lançasse o fogo a toda a Cidade, que ateadado, e levantando medonhas labaredas, em breve tempo, se reduzio com muitas, e preciosas fazendas, a lastimosas cinzas. Este incendio, ou este rayo da guerra, chegou a hum soberbo, e magestoso Pagode, todo coberto de laminas de lataõ, e cobre, de que se aproveitou naõ pouco, a militar cobiça dos nossos soldados da India. Da terra passou ao mar o incendio, e foraõ abrazadas todas as embarcaçoens do porto, em que tambem se consumio o pangel de Cananor, fatal causa da inteira ruina de taõ formosa Cidade. Esta expugnação, ainda que taõ felizmente conseguida, custou as feridas de alguns dos nossos, e a morte do Capitãõ Gonçalo Sanches, que depois de victorioso, acabou ás mãos de alguns inimigos, que escaparaõ ao commum estrago da sua Patria. Deu esta victoria taõ estrondoso brado no Malabar, que atemorizando a muitos, a outros inflamou, para tomarem a satisfação, na ruina do grande Luiz de Mello; porêm naquelle feliz tempo, o que se preparava para o seu destroço, se converteo, para ser coroado com triunfos novos, e mais gloriosas palmas, como em differente dia nos mostrará a escriptura destes Fastos.

*Couto Decad. 7. da Hist. da Ind. liv. 7. cap. 2. Faria Asia Portug. tom. 2. Part. 2. cap. 14. n. 11. Barbosa Mem. delRey D. Sebast. tom. 1. liv. 1. cap. 20. n. 165.*



2. II.

Anno  
1565.  
Rey Dom  
Sebastião.  
Vice-Rey  
D. Antão  
de Noro-  
nhia.

**P** Ara soccorrer a nossa Fortaleza de Cananor, ameaçada pelo numero, e obstinação de hum formidavel exercito de barbaros, passou de Goa á Costa do Malabar, o famoso D. Paulo de Lima, Capitão, que ja naquelle tempo começava a ser o terror de nossos inimigos, e a gloria do nosso Estado; pois em tempo breve na galeota S. João Baptista, em que se embarcou agora, havia triunfado em tres batalhas, com fatal ruina dos mesmos contrarios. A navegação o fez surgir no Porto de Batecali, onde lhe appareceo o celebre pirata Canatale Malabar, com sete navios, tão bem guarnecidos, e artilhados, como ricos das prezas, que nos fizera nas costas do Norte. A esquadra Portugueza, se compunha de quatro embarcações; mas animado D. Paulo do seu coração intrépido, não temeo o combate. Velocissimo partio com os seus companheiros, e abrazado no desejo de castigar aquelle barbaro se emparelhou com a sua armada. Começou logo o estrago, e o estrondo da artilharia, de que os inimigos recebiaõ mayor damno; porém como este os fizesse mais orgulhosos, o mesmo Canatale com tres navios abordou a galeota do nosso General, e os outros fizeraõ o mesmo sobre os mais navios Portuguezes. Destes no principio da batalha, cõ injuria das nossas armas, dous fugiraõ, e só permaneceu no desigual conflicto, Bento Caldeira de Almada, que depois de fazer obras, e façanhas, em que parece queria remir o credito dos companheiros, que tão vergonhosamente o deixaraõ meyo abrazado, se foy ao fundo, e nas agoas pereceo com todos os soldados. Esta desgraça infureceõ aos Malabares para acabar com D. Paulo, buscando a vingança no despojo da sua vida para se libertar do mayor escandalo das tuas armas. Carregaraõ todos sobre a embarcação, em que pelejava aquelle Heróe da tua Idade; mas no mayor perigo mostrou, que sobejava o seu animo, e valor, para destroçar mayores armadas. Acompanhado de cinquenta soldados, fez neste dia acções tão grandes, que parece, elle só queria ser o rayo, que fulminando golpes da sua espada, acabasse com os barbaros. Tudo era horror, tudo estrago, os Mouros bem armados, e tão numerosos, os Portuguezes ja lassos de tão lar-

Asia.

Batalha  
naval, ven-  
cedor D.  
Paulo de  
Lima.



go combate ; mas do evidente perigo tiravaõ novas forças , para ser mais furiosa a resistencia. Os mesmos , que obedeciaõ na pejeja , quasi suspensos admiravaõ as incriveis , mas verdadeiras acçoens do seu General , que ja coberto do proprio , e alheyo sangue , se mostrava alegre aos seus , terrivel aos Malabares. Cederaõ estes ao nosso valor , e se retiráraõ , com duzentos mortos , e muitos feridos , alargando-se ao mar para fugir ao destroço das nossas balas , de que muitas das suas embarcaçoens estavaõ crivadas. D. Paulo de Lima , desprezando quatro feridas , que recebêra , e a perda de trinta que na sua galeota jaziaõ , feitos generosa victima da gloria daquelle dia , entrou na arriscada , e mais que perigosa resoluçaõ , de novamente buscar os inimigos. Em outro Varaõ seria temeridade , o que nelle foy consumado valor : animou os soldados com as palavras , os marinheiros com dinheiro , e partindo de voga arrancada , procurou segundo perigo , em novo combate. Ao mesmo tempo o pirata Canatale alentava aos Malabares , que ficáraõ livres da morte , e das feridas da primeira refrega , para se coroar triunfante com a escravidãõ do nosso General , e preza da sua galeota ; porêem cortado do terror , que lhe infundio taõ generosa acçaõ de D. Paulo , como quem estimava menos a honra , que a vida , largando as vélas , e empunhando os remos , fugio a salvarse , para naõ ficar despojo daquelle invencivel braço. Senhor da victoria , e ainda banhado no sangue , que vertia de taõ illustres feridas , se recolheo a Goa o triunfante General , e achou nos braços do Vice-Rey , nos applausos da Cidade , e nas acclamaçoens dos mayores Capitaens , o premio , que lhe merecia a constancia , e o valor , com que soube eternisar a sua fama , que veremos crescer em mayores victorias , na escriptura destes Fastos.

Couto *Decad. 8. da Histor. da Ind. liv. 1. cap. 2.* Faria *Asta Portug. tom. 2. Part. 3. cap. 1. §. 4.* Sousa *Orient. Conquist. tom.*



2. III.

Anno  
1587.

Rey Fi-  
lippe I.  
Vice-Rey  
da India  
D. Duar-  
te de Me-  
nezes.

**M**orto o Rey de Ampaza pela sua rebelião, e destruida a Cidade, e campos, que dominava, com o ferro, e fogo vingativo dos nossos Portuguezes, que governava o Capitaõ-mór Martim Affonso de Mello, foy discorrendo a sua victoriosa armada pela costa, levando como novo auxilio, a fama daquelle merecido estrago, para conseguir novas felicidades na obediencia das Cidades de Lamo, Lusiva, e outras, que estavaõ levantadas, que tímidas da nossa ira, novamente se fizeraõ tributarias do Estado. Assim triunfante, chegou a Melinde, antigo aliado, e que sempre se conservava fiel aos Portuguezes, naõ obstante o fatal exemplo dos Potentados de toda aquella ingrata costa de barbaros. No seu porto se deteve o nosso Capitaõ, prevenindo o castigo de Mombaça, acompanhado do mesmo Rey de Melinde, que seguido de seus vassallos, quiz ser companheiro na victoria, e na desgraça. Navegou a nossa armada, e chegando áquella Cidade, que dava de sua força huma belicosa vista. O seu Rey nos esperava com sete mil homens, para que o poder conservasse a sua desobediencia. Saltou o Capitaõ-mór em terra, com os seus soldados, deixando o governo do mar a El Rey de Melinde, que soube estimar a confiança, que os Portuguezes faziaõ da sua lealdade. Acharaõ os nossos tal resistencia nos Mouros, que deu occasiaõ a se travar hum bem ferido com bate. Queriaõ os inimigos defender a propria casa, os Portuguezes castigar a sua infidelidade; e como nas armas punhaõ todos a decisaõ da causa, se pelejou com obstinaçaõ de ambas as partes; mas como as nossas espadas cortavaõ com a justiça, que vigorava os braços, declinou a constancia dos barbaros em pânico terror, e deixando o campo, fugiraõ taõ cortados do medo, que lhe infundia o valor Portuguez, que se naõ atrevêraõ a defender a Cidade, em que õs filhos, e as fazendas haviaõ ser victima do militar furor. Todos corrêraõ a salvar as vidas na espessura dos matos, e como se naõ achou vivente, a quem derramar o sangue, ou render a liberdade, se lançou o fogo á desgraçada Cidade, e se comecaraõ a derrubar as suas muralhas. Sem duvida ficára hum theatro do estrago, e nas suas cinzas o melhor testemunho do

seu

Africa.

Mombaça  
assolada.Anno  
1615.

Rey Fi-  
lippe II.  
Vice-Rey  
da India  
D. Jerony-  
mo de A-  
naco.

**P**er  
tig  
Hollar  
canc.a  
inimig  
das F  
que C  
anos,  
mas I  
ma N  
gener  
Bem-a  
Monar  
corren  
Terna  
Souza  
os ma  
nador  
leza d  
dezas  
rende  
gioen  
de G



seu castigo, se não corraão os seus moradores, que sahiraão das brenhas, a implorar a clemencia do vencedor, que, taõ valoroso para abater soberbos, como benevolo para se compadecer dos rendidos, mandou suspender o incendio, e a ruina, e multando-os em grossa somma para as despezas da sua armada, os deixou pacificos, e castigados. Com estas victorias, que lhe deo o valor, se acabaraão suas expedicoens militares, e cheyo de gloria, passou coroadado de palmas a Ormuz, onde huma aguda enfermidade lhe trouxe a morte, de que livrára em tantos conflictos, a que generosamente sem susto, se lhe expozera tantas vezes no serviço da Coroa, e no obsequio da Fé, por quem militava.

Santos *Etiopia Orient. liv. 5. cap. 6. Faria Asia Portug. tom. 3. Part. 1. cap. 4. n. 25. e 26.*

## 2. IV.

Anno  
1615.

**P**ERDIDA a importante Praça de Ternate, como justo castigo da insolencia de alguns Portuguezes; e senhores os Hollandezes do precioso genero do cravo, que serve á mercancia nas Ilhas de Maluco, e depois restaurada das mãos inimigas, pelo valor de D. Pedro da Cunha, Governador da India das Filipinas, ainda padeceo aquella Praça, e os lugares, D. Jerony-que seguiaão a parte dos Portuguezes, nos seguintes annos, os intultos, com que os inimigos naturaes das mesmas Ilhas, e seus auxiliares da Europa, queraão acabar huma Naçaõ, que lhe déra a noticia do Evangelho, para se regenerarem pela Graça, e serem benemeritos da gloria de Bem-aventurados. Estavaão já unidas na cabeça de hum só Monarca, a nossa Coroa com a de Espanha, e assim para soccorrer aos Castelhanos, que eraão naquelle tempo senhores de Ternate, sahio de Goa, o Capitaõ Gonçalo Rodrigues de Sousa, com seis galeotas bem guarnecidas; e cortando ja os mares das Malucas, achou a D. Joaõ da Sylva, Governador de Manila, que não podia soccorrer a mesma Fortaleza de Ternate, ferozmente combatida por onze náos Hollandezas, que á violencia do fogo de seus canhoens, a queraão render, para estabelecerem mais o seu dominio naquellas Regioens. Era grande o perigo da Praça, pulsava no coração de Gonçalo Rodrigues, aquelle ardor de verdadeiro Portu-

Asia.

*Victoria  
contra os  
Mouros  
na India  
insular.*

guez;

Africa.

Mombaa  
assolada.



guez; o risco de introduzir o soccorro quasi evidente; e as consequencias de se perder a sua pequena armada, de fataes consequencias ao nosso Estado; mas tudo superou a grandeza do seu coração. Desprezadas as balas Hollandezas, por entre as suas náos, e riscos da morte, chegou a introduzir o soccorro, que tão difficil se lhe mostrava, e foy tão venturosa esta arrojada acção, que defenganados os inimigos de conseguirem a empreza, largarão o sitio com tanta perda, como offensa da sua honra. Esta grande fortuna das nossas armas, nos levou a mayores felicidades. Seguirão algumas embarcaçoens as náos Hollandezas, outras navegaram a dar o justo castigo, que mereciam os inimigos aliados de Hollanda, que se conjuráõ, para commum ruina do que possuíamos, e póstos a ferro, e fogo os portos de muitas Provincias, o que forão Povoaçãoens, ficáõ estragos. Não se encontrou navio de Ternate, Maquiem, e Sanchaõ, que não servissem para desafogo da nossa vingança, e pasto do incendio, em que se consumirão; porque a nossa ira com militar disciplina, onde chegava, não sabia perdoar o castigo, para exemplo, e credito das suas armas. Estas victorias facilitarão outras, com que rendemos huma Fortaleza importante, em que estava o seu proprio Rey, que nos botques achou o reparo, contra as fulminantes espadas dos vencedores. Todas estas felicidades se coroaram com a preza de tres embarcaçoens grossas, em que vinhaõ o genro, e neto do Rey vencido, para lhe ministrarem o soccorro, que foy tão mal succedido, que o genro perdeu a vida, o neto a liberdade, fatal condição, a que os levou a sua desgraça.

Faria *Asia Portug. tom. 3. Part. 3. cap. 6. n. 3.*

Anno  
1669.

2. V.

Europa.

El Rey D.  
Affonso  
VI.

SE as victorias fizeraõ plausivel aos Portuguezes este fausto dia, sem duvida, que mais glorioso se á na posteridade, porque foy oriente feliz da Graça, com que pelo baptismo, foy santificada a Serenissima Princeza D. Isabel, unico fruto dos Augustos Principes, D. Pedro II. e da Rainha D. Maria Francisca de Saboya. Celebrou-se na Real Capella este Sacramento, de que foy Ministro D. Francisco Sotto-Mayor, Bispo de Targa, ja eleito Arcebispo de Braga. Adornou-se  
aquelle

Baptismo  
da Princeza  
D. Isabel.

aquelle  
em tud  
za de F  
vão D.  
celho c  
do, de  
de de  
D. Fer  
celho  
que de  
de Est  
merec  
grande  
Real  
Tiver  
D. Va  
de da  
Franc  
o mal  
Marie  
des er  
Luiza  
ceza  
nha,  
acom  
go p  
mana  
lhe d  
meiro  
parav  
terror  
tocou  
entoc  
pelos  
moni  
des,  
solen  
pique  
pag.



aquelle Real Templo , com preciosas tapeçarias , para que em tudo luzisse a magestade da Sagrada funcão , e a grandeza de Portugal. Debaixo de hum rico pállio , que sustentavaõ D. Vasco Mascarenhas I. Conde de Obidos , do Concelho de Estado , D. Francisco de Sousa , III. Conde do Prado , do Concelho de Estado , D. Diogo de Lima , Visconde de Villa-Nova de Serveira , do Concelho de Estado , e D. Fernando de Menezes , II. Conde da Ericeira , do Concelho de Estado , e Gentil-homem da Camara ; levava o Duque de Cadaval , D. Nuno Alvares Pereira , do Concelho de Estado , e do superior despacho a Serenissima Princeza , merecendo este grande Cavalheiro , a mayor distincção neste grande acto , pelas circumstancias do seu parentesco na Casa Real , e virtudes com que servia a Coroa , e seus Monarcas. Tiveraõ nesta Sagrada cerimonia a honra de levar o saleiro , D. Vasco Luiz da Gama , I. Marquez de Niza , e V. Conde da Vidigueira , do Concelho de Estado ; a véla , Dom Francisco de Sá , I. Marquez de Fontes , Camareiro-mór ; e o massapaõ , D. Antonio Luiz de Menezes , I. Marquez de Marialva , e Heróe daquela Idade. Acompanhavaõ os Grandes em duas alas , sem precedencia , e depois do pállio D. Luiza de Menezes , servindo de aya da mesma Senhora Princeza , a que seguiaõ as Damas , e Senhoras de Honor da Rainha , que estava na Tribuna com seu Esposo , o Principe acompanhado de todos os criados , e Officiaes da Casa. Logo precedendo as ceremonias , e ritos , com que a Igreja Romana admitte ás salutiferas agoas do baptismo , os filhos que lhe destinou a eterna Providencia , se consumou aquelle primeiro Sacramento , sendo Padrinho da Princeza , o incomparavel Luiz XIV. de França , que ja naquelle tempo era o terror de seus inimigos , e a gloria da sua Idade , por quem tocou o seu Embaixador. Logo com religiosa consonancia , entoou o mesmo Bispo de Targa o *Te Deum* , e se proteguiu pelos Musicos , e Capellaens da Casa Real , com tanta armonia , como devoção ; e entre festivos applausos de grandes , e pequenos , se acabou esta sacra , e festiva acção , que solemnifaraõ os moradores da Cidade , com luminarias , e repiques , demonstraçoõ do seu obsequio , e da sua alegria.

Alvares da Cunha *Obelisc. Portug. Chronol. Panegiric.*  
 pag. 10. Barbof. *Cathal. das Rainh. pag. 432.* Imhof. *Stem-*  
 Tom. II. F ma

Europa

Baptismo  
da Princeza D. Isabel.



ma Reg. Lusit. pag. 22. n. 19. Villegas. Pyramid. Natalic. p. 45. Anselm. Hist. Gener. de la Maison de Franc. tom. 1. cap. 20. §. 25. Souza Hist. Geneal. da Caf. Real tom. 8. liv. 7. dap. 12.

### III. DE MARÇO.

§. I.

Europa.

Anno  
1506.

Rey Dom  
Manoel.

**A** VILLA de Abrantes, celebre em Portugal, adquirio nova gloria, por servir de berço ao Infante D. Luiz, *Nascimẽto do In-*filho quarto delRey D. Manoel, e de sua Esposa a Rainha *fante D.* D. Maria, filha dos Reys de Espanha, D. Fernando, e D. Isabel, a quem o zêlo da Religião deu por antonomasia o nome de *Luiz.* *Catholicos.* Haviaõ-se retirado os nossos Monarcas para esta Villa, como lugar, a que naõ chegava o incendio da peste, que ja abrazava Lisboa, e outros Lugares; e como a Rainha estava proxima a dar mais huma producção da sua fecundidade, neste fausto dia, com júbilo, naõ só da Real Casa, mas de todos os Vassallos, pario este Principe, que depois nas suas virtudes mostrou, que se a Natureza lhe negára o ser Primogenito, o seu merecimento o fizera digno das mayores Coroas do Mundo. Foy baptizado ao oitavo dia de nascido: parece que a providencia de seus Augustos Pays, lhe quiz antecipar as luzes da Graça, que se lhe infundio por este Sacramento, em que foraõ Padrinhos, o Duque de Bragança, D. Jaime, e o segundo Conde de Abrantes, D. Joaõ de Almeida, e Madrinha, a Senhora D. Isabel, Tia do mesmo Infante. A magnificencia servio naquelle dia, a explicar o animo, e generosidade de seus Pays; e as grandes festas, com que todo o Reino celebrou o seu nascimento, sendo obsequio do amor dos Portuguezes, tambem pareceo vaticinio, de que o novo Principe seria a gloria de sua Casa, o terror dos barbaros, e digno daquelles Thronos, que lhe tirou a politica dos mesmos, que pelo sangue, e alianças o deviaõ sublimar á Magestade.

Goes Chron. delRey D. Man. Part. 1. cap. 101. Ochoa Carol.



Carol. Part. 1. fol. 54. Faria Europ. Portug. tom. 2. Part. 4. cap. 1. n. 53. Neufuille Hist. Gener. de Portug. tom. 2. p. 143. Mariz Dial. de var. Hist. Dial. 4. cap. 21. Conde de Vimioso Vid. do Inf. D. Luiz p. 3. Barbof. Cath. das Rainh. de Portug. p. 383. Anselm. Hist. Gener. de la Maison de Franc. tom. 1. cap. 20. §. 25. S. Marthe Hist. de la Maison de Franc. tom. 2. liv. 43. cap. 8. Ferrer. Hist. de Espanh. tom. 12. ann. 1506. n. 33. Garibai Compend. Hist. de Esp. liv. 35. cap. 30. Barbof. Bibliot. Lusit. tom. 2. p. 430. Soufa Histor. Geneal. da Cas. Real. tom. 3. liv. 4. cap. 8.

Anno

§. II.

Asia.

1603.

Rey Dom  
Filippe  
II. Vice-  
Rey da  
India, Ay-  
res de Sal-  
danha.

**D**Epois do grande André Furtado de Mendocça ter obra-  
do as valorosas acçoens, que nas Malucas déraõ cre-  
dito, e conveniencia ás armas Portuguezas, ainda restava  
a mayor empreza de restaurar a Fortaleza de Ternate; mas  
como a guerra, ainda que próspera, havia arruinado a gen-  
te, e muniçoens da sua armada, esperava o soccorro das Fi-  
lipinas, para se empenhar nesta mayor facção. Aos avisos que  
fez a Manilla, pelo Capitaõ Antonio de Brito, dos seus desi-  
gnios, que impossibilitavaõ a falta de soldados, e petrechos  
militares, respondeo fiel, e generosamente o seu Governador,  
Dom Pedro da Cunha, mandando o insigne Capitaõ,  
João Xuares Gallinato, com muitos soldados, polvora, e  
bastimentos. Encorporaraõ-se as armadas, e logo conheceo  
o Gallinato, que não havia forças competentes, para se  
conquistar Ternate, bem fortificado, e melhor guardado  
de tropas, e artilharia. André Furtado, a quem seu coração  
facilitava o mais arriscado, não temeo emprender a conquista,  
sem os meyoos proporcionados, erro, que depois o obrigou  
a levantar o cerco, deixando aos inimigos, mais soberbos,  
e obstinados. Seguio o valoroso Capitaõ Gallinato, o  
excessivo esforço do General, e desembarcaraõ neste dia cõ  
destemida resolução. Ja prevenidos em sitio eminente, nos  
esperavaõ os de Ternate, fortificados com a ventagem do  
lugar, e do numero dos soldados; mas desprezando os nossos  
a superioridade dos inimigos, os cometêraõ, com resolução  
do mayor valor. Começaraõ logo a receber os golpes das ar-  
mas, e ballas contrarias, e se vio o campo regado com o  
sangue Espanhol, e Portuguez, cahindo huns mortos, e reti-

Grande  
combate, e  
victoria  
em Ternate.

Tom. II.

F ii

rando-se



rando-le outros feridos, e outros fugindo atemorizados. Este defarranjo, que podéra ser fatal, mais inflamou ao mesmo Capitão Gallinato, e para salvar as bandeiras da injuria, de serem tomadas, com os poucos, que valorosos pelejavaõ, afeando com palavras, muito mais com o exemplo, aos que se retiravaõ bradou: Saõ-Tiago, e cometendo a eminencia, em que resistiaõ os de Ternate, por entre fogo, e sangue chegou a romper nelles com tanto estrago, que ainda que resistiraõ com esforço, totalmente foraõ desbaratados, fugindo, os que livrãõ da morte para o interior da sua Praça. Os nossos com o exemplo dos seus Capitaens, seguirãõ aos vencidos, para coroar a victoria, com a sua total ruina. Ficãõ senhores do campo, em que jaziaõ innumeraveis mortos, e nelles divertos Capitaens, entre os seus, os mais afamados. Recolherãõ muitos despojos, de que foraõ os principaes, cinco peças de artilharia, com que tanto nos offendêraõ no principio da batalha. Esta victoria nos facilitou o levantar trincheiras, e formar hum sitio, que deu mais occasioens para exercitar o nosso valor, e dos Espanhoens, do que para conseguir a facção, como em diferentes dias se verá na verdade destes Fastos.

Argençola *Conquist. de las Maluc. liv. 7. p. 293. e 294.*  
Faria *Asia Portug. tom. 3. Part. 2. cap. 6. n. 6.*

### 2. III.

Anno  
1644.

Rey Dom  
João IV.

Como premio da sua vigilancia, e do seu valor, correspondiaõ as felicidades no governo do Conde de Castello-Melhor, sendo no seu tempo successivas as victorias na Provincia do Minho, com geral destroço dos Gallegos. Ainda as suas armas estavaõ quentes dos triunfos passados, quando resolveo conquistar a Villa da Barca povoada de 250 vizinhos, guarnecida com duzentos soldados, e coberta de trincheiras, que defendiaõ quatro peças de artilharia. Era arriscada a empreza, estando quasi á vista o Marquez de Tavora, General inimigo, com grossas tropas de Cavallaria, e de Infantaria; assim unindo ao esforço a diligencia militar, com o mayor segredo passou a Villa-Nova de Serveira, como que procurava o augmento das suas fortificaçoens. Desta Praça ordenou ao Mestre de Campo, Diogo de Mello Pereira

Europa.

Conquista  
da Villa  
da Barca.



Pereira, para que no silencio da noute, com quinhentos Infantes passasse o rio, que divide os nossos dominios do Paiz estranho. Com o segredo, que facilitasse esta acção, em cento e trinta barcos, se transportaraõ ás prayas contrarias os nossos soldados; mas ouvindo os Gallegos o estrondo, tocarãõ vivamente arma, e accenderãõ muitos faxos, para que sua luz descobrisse a invasaõ. Logo descêraõ á praya a defender huma trincheira, que atacada pelos nossos, com repentina resoluçaõ, fazendo leve resistencia, a deixãraõ em nõso poder, só procurando a retirada para a Villa, que tambem estava fortificada. O nõso primeiro impeto se naõ remittio com este principio da victoria, antes inflamados os Portuguezes, impetuosamente os seguiraõ, com tanto valor, e fortuna, que de involta superando as ultimas trincheiras, entraraõ o lugar com destroço, e morte dos que intentãraõ a sua defenõsa; porque a todos cortou o nõso ferro, ou atemorizou aos que livrãraõ dos seus golpes. Assim em breves horas, se ganhou aquella Villa, que guarnecida era escandalo das nossas Fronteiras. Foy saqueada pelos soldados, e ricos dos seus despojos, se retiraraõ por ordem do Conde General, que de Villa-Nova estava observando o assalto, e prevenio o socorro, que temia do Marquez de Tavora, e taõ promptamente livrou as suas tropas, que no tempo que chegaraõ os inimigos, ja vieraõ tarde para o remedio, ainda que sedo para a lastima de acharem huma Villa taõ bem fortificada, victima da ira Portugueza. Entãõ se converteo a sua paixãõ, contra o Governador da Praça, e seu Tenente, que na forza pagou a desgraça de ser vencido, e o crime de naõ morrer na defenõsa, animando aos seus soldados.

Salgado *Succes. Milit. cap. 35. fol. 61. Portug. Rest. tom. 1. liv. 8. p. 484.*



## IV. DE MARÇO.

§. I.

Anno 1394. **F**ELIZ anno, faustissimo dia, e sempre venturosa Cidade do Porto, que foy berço, e oriente do Infante D. Henrique, Principe destinado pela Divina providencia, Author dos descobrimentos, com que nas Provincias Ultramarinas da Africa, Asia, e America, se ganháraõ tantas almas para Christo, e tantos Dominios a Portugal. Foy este Senhor o quinto fructo do thalamo del Rey D. Joáo I., e da Rainha D. Filippa de Lancastro. Naquelle antiga Cidade, nasceo em Quarta feira de Cinza, e nella recebeo as agoas do baptismo, ao tempo, em que o nosso Reino se via coroadado de palmas, que lhe mereceraõ as passadas victorias; e assim os fogos, que ja não serviaõ para a guerra, se empregáraõ para os applausos; parece, que ja os coraçõens Portuguezes eraõ festivamente presagos da futura gloria, que lhe havia dar o novo Infante, que só viveo, para beneficio do Reino, e veneraçãõ das Idades.

Lopes Chron. de D. Joáo I. Part. 2. cap. 148. Garibai Compend. Hist. de Espanh. tom. 4. liv. 35. cap. 5. Mendes Silva Cathal. Real de Espanh. pag. 232. Faria Europ. Portug. tom. 2. Part. 3. cap. 1. num. 179. Mariz Dialog. de varia Hist. Dialog. 4. cap. 14. Brito Elog. dos Reys de Portug. p. 85. S. Marthe Hist. de la Maison de Franc. tom. 2. liv. 54. cap. 4. Anselm. Histor. Gener. de la Maison de Franc. tom. 1. cap. 20. §. 16. Barbosa Cathal. das Rainh. de Portug. pag. 347. Soufa Hist. Geneal. da Cas. Real tom. 2. liv. 3. cap. 3. Barbos. Bibliot. Lusit. tom. 2. verbo, Infant. D. Henrique.

Europa.

Nascimẽto do Infante D. Henrique.

§. II.



2. II.

Anno

1462.

Europa,

Rey Dom  
Affonso V

**D**Os Augustos Emperadores Federico III., e D. Leonor, filha del Rey D. Duarte de Portugal, nasceo quarta genita a Princeza Cunegunda, que depois pelos dotes da alma, e grandeza da Origem, se desposou com Alberto IV. Duque de Baviera, chamado o *Sabio*, de que houve numerosa descendencia, por quem hoje se adora o seu herdado sangue em nossos Monarcas. Fallecendo seu marido, com insignie resolução pizou a gloria do Mundo, e se recolheo Religiosa em Muninc, no Convento das filhas de S. Francisco, onde com cincoenta e cinco annos, deixou o viver na terra, para se coroar na Eternidade. Jazem as suas cinzas em soberbo mausoléo, com que a lisonja, ou respeito, ainda venera aos Principes depois da morte, que teve esta Senhora em cinco de Agosto do anno de 1520.

Nascimẽto da Archiduqueza Consegunda de Austria.

Sousa *Hist. Gen. da Cas. Real Portug. tom. 2. liv. 2. cap. 9.* Salazar *Glor. da Cas. Farnes. p. 721.* Moreri *Gran Dictionair. verbo Baviere.* Cuspinian. *de Imperat. in Federico III. p. 414.*

2. III.

Anno

1504.

Europa

Rey Dom  
Manoel.

**O** Senhor D. Alvaro, quarto filho dos Duques de Bragança, D. Fernando I., e D. Joanna de Castro, foy daqueles Senhores, que na vida merecêraõ estimação dos mayores Principes, e na posteridade, respeitada memoria. Na ordem da Natureza, foy ultima producção de seus Pays, na da Graça, foy sem dúvida o primogenito de todos; porque os excedeo na prudencia, e fidelidade, ou servindo na Corte, ou pelejando na campanha. Logo na flor dos annos, deixando o descanso da paz, seguiu as armas, e acompanhou a El Rey D. Affonso V. na desgraçada guerra, que empredeo, para se coroar Rey de Castella. Entaõ Samora o vio pelejar como soldado; e huma Ilha do rio Douro, tratar da concordia, como Plenipotenciario, com os Ministros dos Principes contrarios; e porque os diversos interesses dissolveraõ o congresso, na batalha de Toro deu taes mostras do seu valor, e lealdade, que em premio o mesmo Rey D. Affonso, o nomeou Chan-

Morte do Senhor D. Alvaro.



Chancellor-mór do Reino, com prerogativas não vulgares; e depois o fez Regedor das Justiças, lugares em que luzio a sua inteireza para a justiça, e benignidade com as partes. Quando este Rey passou a França, a procurar auxilios, com que reintegrar a guerra de Espanha, lhe foy inseparavel, e á sua madura advertencia deve o Reino a restituicão deste Monarca, que se queria retirar a Jerusaleem, ou por desconfiança dos successos passados, ou por devoção de hum animo enganado. Como taõ principal no Reino, acompanhou ao Principe D. Affonso, e a Infanta D. Isabel, que passáraõ a Castella, para se verificarem as Terçarias, effeito das indignas pazes, que celebrou a politica, ou maldade. Morto El-Rey D. Affonso, e sublimado no Throno, o grande Rey D. Joaõ II. as desconfianças do Duque de Bragança, o natural orgulho do Marquez de Monte-mór, e Conde de Fâro, seus irmãos, e a inteireza do novo Monarca, déraõ causa a huma tempestade politica, em que naufragou o Duque no proprio sangue, que derramou degolado; e o Marquez, e Conde de Fâro na ausencia, a que se desterráraõ. Nestas calamidades se houve com tal prudencia, que podéra livrar do commum estrago da sua Familia, se não concorrera a desconfiança do Rey, e o pundonor do Vassallo. Com permissãõ, ou por ordem sua, deixára o Reino, para vagar Provincias estranhas, quem não offendéra a sua Patria; e como se lhe negava a residencia nas Cortes de Roma, ou Castella, a demora que fez em Barcellona, deo causa a se fulminar decreto, para seus bens serem confiscados. Sentio como racional a offensa; porque lia na pureza da sua lealdade a injustiça de ver punida a innocencia, com que sempre venerára ao seu Rey natural; e buscou a Corte dos Reys Catholicos, que o podiaõ favorecer com a grandeza de Soberanos, e amor de parentes; e nos seus braços achou aquelle agrado, que pede o sangue, e os lugares, e mercês, a que os movia a Magestade. Ordenáraõ que fosse tratado em Espanha, com a distincção do *Senhor D. Alvaro*: nomeáraõ nelle os grandes lugares de Contador-mór, e Presidente de Castella, succedendo neste mayor posto, ao Primogenito dos mesmos Monarcas: conferiraõ-lhe o Estado de Gelves, e a Alcaldaria-mór de Sevilha, e Andújar, parecendo aos Reys, que eraõ pequenos beneficios para homem taõ grande, e parente taõ

chega-



chegado. Naquelle tempo continuavaõ aquelles dous Herões de Espanha a guerra, em que sagradamente queriaõ abolir o dominio Agareno do Reino de Granada; e como para exemplo dos vassallos, assistiaõ nos exercitos, naõ ficou o nosso, tambem Heróe, na Corte, e passou a servir com a espada. Assistio a todos os perigos da campanha, e no sitio de Malaga, pudéra ser victima do arrojo, e traiçaõ de hum mou-risco, que imaginando feria a ElRey Fernando, a quem procurava fallar, para lhe tirar a vida, descarregou huma cutilada na cabeça do nosso D. Alvaro, ficando assim ennobrecida a conquista daquella Praça, com o Real, e valoroso sangue de Portugal. Concluiu-se a guerra, com a inteira conquista de Granada, e cheyo de palmas a deixou para gozar os premios do seu valor, crescendo com os annos a sua authoridade. Succedeo no Throno Lusitano o felicissimo Rey D. Manoel, e com affecto, que lhe influaõ os vinculos do sangue, logo o restituo á Patria, com os favores de lhe dar a inteira posse dos bens confiscados, e diversos privilegios proprios de hum Principe, e naõ de hum vassallo. Depois o elegeo, para ser o Ministro de se concluir o casamento com a Princeza D. Isabel, viuva do Principe D. Affonso, que em Santarem desgraçadamente morrêra, pelo fatal precipicio de hum cavallo. Era taõ estimado na Corte de Espanha, que unindo-se a efficacia da sua eloquencia ao grande amor, com que os Reys Catholicos amavaõ ao Soberano de Portugal, se fez o tratado, e naquella Princeza, deu a este Reino a successaõ das Coroas de Castella, e Aragaõ, felicidade, que privou a morte do Senhor D. Miguel da Paz. Passando o mesmo Rey D. Manoel a segundo matrimonio com a Infanta D. Maria, tambem filha dos Reys Catholicos, teve a inexplicavel honra, de se receber com procuraçaõ daquella Senhora, com o seu proprio Soberano; mas tudo merecia aquelle grande vassallo. Finalmente adornado com seus grandes merecimentos, estimaçaõ dos nobres, e amor dos plebêos na Imperial Cidade de Toledo, pagou o tributo de mortal. Foy nella depositado, e depois lhe trasladáraõ as suas respeitadas cinzas, para o Convento de Evora dos Conegos Seculares de Saõ Joaõ Evangelista, de que fôra piissimo Fundador. Nelle jazem, em companhia de sua mulher, em sepultura raza, sem mais epitafio, que suas effigies de marmore; e aqui



esperaõ o dia final, para serem glorificadas, como espera a nossa piedade de suas virtuosas acçoens. Foy o Senhor Dom Alvaro, de agradavel presença, estatura proporcionada, génio afavel, juizo penetrante, e prudencia consumada. Nas desgraças da sua Real Casa, se portou com tanta fineza com o mesmo Rey, que a destruia, que delle mereceo elogios, quando seus irmãos chegáraõ a perecer, na morte, e no extermínio; e de taõ valorosa condiçaõ, que desprezou os bens da fortuna por conservar o brio, e honra, ainda nas mayores fatalidades. Casou no anno de 1479, com a Senhora D. Filippa de Mello, filha herdeira de D. Rodrigo Affonso de Mello, e Dona Isabel de Menezes, primeiros Condes de Olivença, e Cavalheiros da mais alta qualidade, no continente de Espanha. Deste esclarecido matrimonio nascêraõ, D. Rodrigo de Mello, I. Conde de Tentugal, e Marquez de Ferreira, de que descende a grande Casa dos Duques de Cadaval, que por taõ alta Ascendencia participa do legitimo sangue da Casa Real: D. Jorge de Portugal, Conde de Gelves, que desposando-se em Espanha, com Dona Isabel Colon, filha dos primeiros Duques de Veragua, deixou descendencia nobilissima: D. Isabel de Castro, que foy Condeça, tambem em Espanha de Belalcazar: D. Brites de Vilhena, Duqueza de Aveiro, por casar com o Senhor D. Jorge, filho delRey D. Joaõ II. Dona Joanna de Vilhena, Condeça de Vimioso, dispondo assim a Providencia, que por este matrimonio, esta excelsa Casa se illustre, com tantas linhas Reaes, para ser das mayores de Portugal: e finalmente a D. Maria de Menezes, que se desposou com o Conde de Portalegre, D. Joaõ da Silva, e de que vem os Marquezes de Gouvea, e Mordomos-móres dos nossos Monarcas. Assim nos mais illustres Netos, ainda na presente Idade, se conserva em Espanha, e Portugal, venerada a memoria de taõ grande Progenitor.

Refende *Chron. delRey D. Joaõ II. cap. 43.* Sampayo *Vid. de D. Juan. el II. pag. 27.* Vasconc. *Vid. de D. Juan. el II. p. 135. e 143.* Telles de Rebus *Gestis Juan. II. p. 100. e 168.* Imhof. *Stem. Reg. Lusit. pag. 26.* Franc. de S. Mar: *Ceo Abert. na Terr. liv. 2. cap. 32. e 33.* Ferrer. *Hist. de Espan. tom. 11. ann. 1487. num. 26.* Freire *Taboas Chronol. dos filhos dos Duques de Braganç. pag. 294.* S. Marth. *Hist. de*



*la Maison de Franc. liv. 44. cop. 20. Anselm. Hist. Geneal. de la Maison de Franc. tom. 1. cap. 20. §. 6. Barbof. Bibliot. Lusit. tom. 1. verb. D. Alvaro. Soufa Hist. Gen. da Caf. Real Portug. tom. 10. liv. 9. cap. 1. Barbof. Vid. do Duq. de Braganç. D. Fernando I. n. 233.*

Anno

§. IV.

Asia.

1525.

Rey Dom  
João III.  
Governador da Índia  
Dom Henrique  
de Menezes.

**A**inda Panane estava vertendo o sangue na sua ruina, e Calecut acabando de extinguir o incendio, em que grande parte se reduzio a cinzas, quando o invencivel instrumento do seu destroço, o Grande D. Henrique de Menezes, ja determinava dar em Coulete, golpe mais pezado. Era esta Cidade o propugnaculo do Camorim: nella suppunha a sua vingança, se fosse atacada, e na sua expugnação, esperava a injuria das nossas armas; assim parecia, mas o successo mostrou, que não havia resistencia áquelle rayo da guerra, porque a tudo superava a grandeza do seu coração. Estava Coulete guarnecido com vinte mil homens; a sua Povoação coberta de grossas trincheiras, que sustentavaõ muita, e reforçada artilharia; e no porto, cento e cincoenta baixéis, de que os cincoenta e tres eraõ de guerra; a entrada para o desembarque, difficil; porque a todo o lugar chegavaõ as ballas, para offender aos que se arrojassem a taõ notorio perigo. Deste formidavel poder, que havia na Praça, resultou a soberba, com que diziaõ os seus defensores, *Uxar Coulete*, que he o mesmo *Guarda de Coulete*: taõ seguros se lisonjeavaõ da victoria! Para que este perigo não fosse mayor, ordenou o Governador a João de Mello e Silva, que reconhecesse o porto; a este Capitão seguiaõ seis catures de Portuguezes, e doze do Arel de Porcá, Mouro, que servia em nossas armadas; porêm conhecido dos inimigos, logo com vélas, e remos o buscáraõ os paráos, servindo-o com muitas bombardadas. Como o nosso Capitão buscava o porto, não para pelejar, e só para o reconhecer, se tornou para o mar largo, fugindo primeiro os catures do Arel de Porcá: mas que se podia esperar de homens, que seguiaõ a guerra, para o despojo, e não para o conflicto. Recolheraõ-se os Mouros, tanto que appareceu o nosso Governador, não querendo padecer a desgraça, de que elle os combatesse; por-



que o mesmo feria ferillos a sua espada, que ficarem victima do seu valor. Observando este grande Heróe os riscos da invasão, propoz em Concelho o caso, de que podia resultar a mayor gloria, ou mayor infâmia dos Portuguezes: dividiram-se os votos, segundo os juizos; huns votárao, se cometesse a terra, outros se pelejasse com a armada, e outros, que senão arriscasse o nosso podêr, e se buscassem os inimigos na costa, authorisando-se os pareceres com o respeito dos lugares, e força da razão; mas o Governador, como superior no acerto, determinou, que por terra, e por mar se fizesse a guerra, para ser feliz na incerteza do lugar, que buscavao as nossas armas; pois deixar o assalto, e discorrer a costa, mais era de Capitão particular, que acção de quem governava o Estado da India, costumado a triunfar dos seus inimigos. Tomada esta animosa resolução, logo mandou que D. Simão de Menezes, com trezentos homens desembarcasse em terra pela parte esquerda, deixando a direita para a sua pessoa, com Pero Mascarenhas, e que o resto combatesse aos baixes do porto. Foy premissa da victoria, a piedade cõ que todos buscárao ao Author dellas nos Sacramentos, e na militar alegria, com que de noite tocarao na armada as trombetas, e mais instrumentos festivos, e belicosos. Ao amanhecer, se deu principio ao combate, com o temeroso estrondo da artilharia, a que respondêrao os inimigos com a sua, cruzando as ballas com furia, e damno, e cobrindo-se o ar com taõ densas nuvens, que eclypsada a luz, parecia adiantarse a noite, com sombras novas; mas a escuridaõ, que fez o fumo, servio de oportuno soccorro, para felicidade da invasão; porque não viraõ distinctamente os inimigos, onde melhor deviaõ occorrer, se não a tempo, que ja sentiaõ em seus corpos as lanças, e as espadas, que mortalmente os feriaõ. No mar foy taõ renhido o conflito dos navios, como pedia a constancia dos barbaros, e o ardor dos Portuguezes: constantes na defenõa dos navios derramavaõ o sangue dos invasores; e quanto mais durava a peleja, cresciaõ os alaridos, os golpes, as mortes, e feridas. Aqui morreo Diogo Pereira, e aqui morrêraõ outros com tanta honra, que incitados os companheiros de illustre enveja, carregaraõ aos inimigos com tantos golpes, que não podendo resistir, deixáraõ os navios, e nadando, buscáraõ o refugio debaixo de suas trincheiras. Me-

recoo



receo neste combate a mayor gloria, Rodrigo Aranha, por ser o primeiro, que a balroou os Mouros, e os fez saltar em terra. O Governador, que na peleja era alma dos seus soldados, não perdia instante, para alcançar a victoria, e vendo que o Arel de Porcá, se não empenhava naquella sanguinolenta acção, brádou, que pelejasse para socorro dos companheiros; e em castigo da sua cobardia, mandando tirar com hum berço, para final de cometter, foy tanta a sua desgraça, que a balla lhe quebrou huma perna. Por momentos, se inflamava a batalha, e muito mais onde o Governador desembarcou. Estava naquella parte o Capitaõ-mór das estancias com a melhor gente de guarnição, e todos mostravaõ ser soldados na valentia, e ardor para não ceder o lugar, que defendiaõ: os nossos, como impacientes de não triunfar, faziaõ proezas; os Fidalgos para ennobrecer o sangue herdado, e todos para o merecer mais illustre, no perigo de tão arriscado transe. Nelle morreo o Capitaõ-mór, com outros Cabos, que sobre o Alcoraõ haviaõ jurado a fatal defenfa, vendo-se ja por esta parte o principio da victoria. D. Simaõ de Menezes ao mesmo tempo corria a entrar as Estancias, por caminho mais distante; e como levava mayor corpo de gente, tambem achou mais dura opposição, ou para derramar dobrado sangue, ou para ser mais custosa a fortuna de ganhar o posto, de que pendia a ruina total dos seus inimigos. Concluiu-se finalmente o sanguinolento combate; pois ja lassos do sangue derramado, e cheyos de terror, nos deixáraõ nas mãos huma das grandes victorias, que vio aquella Idade. A'lem do Governador, ajudáraõ o successo de tão formoso dia, Jorge Cabral, Joaõ de Mello, Joaõ de Betancor, Manoel da Gama, Fernaõ de Moraes, e outros muitos Cavalheiros, e soldados, que puzeraõ aos inimigos na mais precipitada fugida, acabando assim em poucas horas a soberba, e vaidade, com que os Mouros ameaçavaõ a sobversão do Estado, com o seu *Uxar Coulete*. Ganharaõ-se os nobres despojos de trezentas e secenta peças de artilharia de calibres diferentes; cincoenta e tres embarçoens de guerra, com importante carga, e grande numero de armas. A Povoação, e navios innuteis se entregou ás chamas, não ficando desta Praça, terror dos nossos aliados, e antemural do Camorim, mais que huma lastimosa ruina, em que se vio por muitos annos  
a vin-



a vingança Portugueza, que pelo preço de quinze mortos, e secenta feridos, em poucas horas, comprou a gloria immortal das nossas armas, e o respeito dos Principes confinantes.

Barr. *Decad.* 3. da *Ind.* liv. 9. cap. 4. e 5. Castanhed. *Hist. da Ind.* liv. 6. cap. 86. 87. e 88. Faria *Asia Portug.* tom. 1. Part. 3. cap. 9. num. 5. Andrad. *Chron. del Rey D. Joao III.* Part. 1. cap. 73. Maffeus *Hist. Indic.* liv. 8. pag. 164. Martines *Compend. de las Hist. de la India* p. 121. Barbud. *Emprez. Milit. de Lusit.* fol. 187. Mariz dos *Reys de Portug.* *Dialog.* 5. cap. 1. S. Roman *Hist. de la Ind.* liv. 3. cap. 1.

2. V.

Anno

1580.

Interreg.  
no.

**S**Imaõ Gonçalves da Camara, quinto Donatario, e Capitão do Funchal, e I. Conde de Calhera, nasceo illustre filho, e successor de Joaõ Gonçalves da Camara, e Dona Leonor de Vilhena. Na valorosa escola de seu Pay aprendeo os nobres documentos de gastar a fazenda, e expor a vida no obsequio da Religiaõ, e defenta do Estado. Assim o experimentáraõ os sequazes de Mafoma, com ruina dos seus exercitos, e felicidade das armas christãs no cerco da Fortaleza de Santa Cruz, no Cabo de Aguer. Ouvio o perigo da Praça, que estes infieis sitiavaõ, com tantas maquinas, e soldados, que era quasi inevitavel a sua perda, se não houvesse soccorro opportuno; e mais fiel á causa de Deos, e do Principe, que ao proprio descanso, largou a quietação da casa, pelo estrondo das armas, e embarcando em seis navios, seiscentos homens á sua custa, navegou a salvar os sitiados do estrago ameaçado. Chegou com felicidade, pelejou com valor, e venceu com tanta fortuna, que os Mouros deixando nas suas mãos a victoria, se retiraraõ, mais que vencidos, desacreditados. Em segundo cerco mostrou igual zelo, com semelhante ventura; e senaõ faltára o tempo, e não se adiantáraõ as desgraças áquella Fortaleza em diferente anno, se coroára triunfante com mayor victoria, e mais sanguinolenta batalha; mas perdeu-se a Praça, antes que viesse o braço, que por duas vezes a libertára. Estas grandes acçoens, e os memoraveis serviços, com que os Ascendentes se haviaõ mostrado os mais dignos para os mayores despachos, lhe merecêraõ a grandeza de ser creado I. Conde

Africa.

Morte do  
I. Conde  
de Calhe-  
ta.

Anno  
1630.

Rey Dom  
Philippe  
III.

O  
ens de  
16 o  
àquel  
trens  
fensa  
e lev  
de 27  
tos,  
defen  
duzi  
com  
lor t  
deze  
perd  
no v  
fistir  
os g  
aos  
viac  
Br.  
lib.



de de Calheta, favor, que soube desempenhar, como politico, e soldado. Para que se conservasse na posteridade com a fama do seu nome, huma legitima posteridade, ElRey D. Joã III. o desposou com Dona Isabel de Mendoga, que viera de Castella, Dama da Rainha Dona Catharina, dando-lhe em dote, o valor de oitenta mil cruzados, e tantas isençoens, e privilegios, como testemunhos da grandeza do Rey, e merecimento de hum tal vassallo. Deste matrimonio nasceraõ filhos, e filhas, com que se aliaraõ outras illustres Casas, e cheyo de annos acabou na Cidade do Funchal. Descança o seu cadaver na Capella-mór do Convento de Santa Clara, com as cinzas dos seus Mayores, que taõ magnificos, como religiosos o fundáraõ.

Cordeir. *Hist. Insulan. liv. 3. cap. 14. Faria Afric. Portug. cap. 8. n. 9.*

§. VI.

America:

Anno  
1630.

Rey Dom  
Filippe  
III.

O Forte de Saõ Jorge em Pernambuco, sendo obra mais para resistir ás settas dos Tapuyas, do que aos canhoens dos Hollandezes, guarnecido pelo valor dos nossos, não só o defenderaõ contra repetidos assaltos; mas obrigáraõ áquelles inimigos a sitiallo, com numero de soldados, de trens, e quarteis, como se fõra huma Praça de mayor defenõa. Encarregado o General Theodoro, abrio trincheira, e levantando duas baterias, trabalháraõ quatro mil Infantes de 27 de Fevereiro até hoje, em que derribados os parapetos, faltos os Portuguezes de terreno, para fazerem outras defensas, as peças descavalgadas, e por todas as partes reduzidas á ultima ruina aquellas fracas paredes, se entregáraõ com capitulaçoens honradas, como bem merecidas por valor taõ grande, as quaes pérfidamente quebráraõ os Hollandezes, para tomarem satisfacão de duzentos soldados, que perderaõ na expugnação deste Forte. Mostráraõ os nossos no valor com que pelejáraõ, não lhes faltar animo, para resistir a estes inimigos; pois quando tiveraõ Generaes, que os governassem pelejaraõ com tal disciplina, que venceraõ aos mesmos Hollandezes, que na Europa, e na America haviaõ tantas vezes triunfado dos Espanhoes.

Perde-se o  
Forte de  
S. Jorge.

Brito Freir. *Nova Lusit. p. 178. Albuquerque. Guerr. do Brasil fol. 30. Fr. Giussep. de S. Terel. Hist. del Brasile Part. 1. lib. 3. p. 94. Castrioto Lusit. p. 39.*

V. DE



## V. DE MARÇO.

§. I.

Europa.

Anno 1147. **P**ARA gloria de Portugal nasceo o Infante D. Henrique, e sendo o primogenito dos gloriosos Reys D. Affonso Henriques, e Dona Mafalda, naõ achamos o tempo certo, que viveo, que sem dũvida foy pouco; pois a duração he certo, que a faria celebre na posteridade pelas acçoens heroicas; porque este foy sempre o meyo, com que os Principes, e Reys de Portugal, eternisaraõ a fama do seu nome, e adquiriraõ nova gloria para os seus vassallos.

*Monarch. Lusit. tom. 3. liv. 10. cap. 19. Faria Europ. Portug. tom. 2. Part. 1. cap. 5. §. 19. Vasconc. Anaceph. Reg. Lusit. pag. 25. Brito Elog. dos Reys de Portug. pag. 10. Barbud. Emprez. Militar. de Lusit. fol. 6. Maugin. Abrege de l'Hist. de Portug. p. 61. Neufuil. Hist. Gener. de Portug. tom. 1. p. 78. Mend. Silv. Poblac. Gen. de Esp. fol. 228. Faria Epit. das Hist. Portug. Part. 3. cap. 2. Caramuel Philip. Prudens pag. 17. Anselm. Hist. Gen. de Franc. tom. 1. cap. 20. pag. 174.*

Anno

§. II.

Europa.

Anno 1321. **C**omo fatal, e cruenta victima da lealdade acabou o Bispo de Evora, D. Giraldo, às mãos de Affonso de Moraes, e Nuno Martins, que, mais rebeldes, que parciaes, seguiraõ as partes do Infante D. Affonso, entaõ desobediente a ElRey D. Diniz seu Pay. Nascêra este Prelado no Lugar de Medello, e suppriraõ as suas letras a nobreza, que naõ recebeo de seus Pays, dispondo a Providencia, que fosse mais illustre pelas obras proprias, do que outros, pelo sangue herdado, que tiveraõ sem merecimento. Assim nos primeiros annos, depois de ser Conego de Coimbra, se coroou Bispo do Porto, que governou oito annos amado das ovelhas, e taõ bem visto delRey D. Diniz, que deixou a sua

Igreja

Morte do Bispo de Evora D. Giraldo.



Igreja rica, com doações regias, e não menos, com os exemplos da sua religiosa vida. Deste Bispado o levou o serviço Real a Castella, conduzindo, como Varaõ de summa authoridade a Infanta Dona Constança, para se desposar com o seu Soberano, que grato a este obsequio, lhe deo a Mitra de Palencia, que sempre se jacta de ser regentada por taõ insignie Prelado. De Palencia, o amor da Patria, ou por outros motivos, que não referem as memorias do seu tempo, se restituhio a Portugal, e nos braços dos seus Monarcas achou mercês taõ grandes, que desempenharaõ a sua grandeza, e publicaraõ os merecimentos, e opiniaõ especial, que se fazia da sua pessoa. Entaõ se coroou Bispo de Evora por acclamação dos Capitulares, para digna remuneração das suas grandes partes, obsequio, e lisonja dos Soberanos, que o adoravaõ. Nesta mayor Diocese, luzio com mais dilatados resplendores, nas virtudes continuas de hum perfeito Prelado, zelando a causa de Deos, no culto dos Templos, na reforma dos costumes, e no affecto com que promoveo a obediencia do seu legitimo Rey, e Senhor, contra as desordens do filho desobediente. Esta generosa constancia, e fortaleza lhe mereceo da Sé Apostolica o ser eleito, para censurar com as fulminantes armas das excommunhoens, aos que rebeldes não seguiaõ as partes do Rey, e abraçavaõ o inquieto, e revoltoso animo de seu filho; mas este ardor ecclesiastico lhe trouxe a morte, com eterna injuria dos aggressores! Passou a Estremoz, para sujeitar com a espada ecclesiastica, aos que ainda não se rendiaõ, quando aquelles dous parricidas, o comettêraõ, e com penetrantes feridas lhe tiraraõ a elle a vida, e a si propios a honra, servindo-lhe a nobreza do nascimento, afeada com taõ detestavel acção, de eterna infamia, para escandalo de toda a posteridade. Os seus Capellaens, e familiares, cobrindo-lhe o cadaver com lagrymas, que derramou o sentimento da sua fidelidade, lhe conduziraõ o despedaçado cadaver á Sé de Evora; e precedendo as funebres ceremonias, com grande aparato lhe déraõ na Capella-mór religiosa sepultura. Depois de alguns annos foy trasladado, para a Igreja de S. Cruz de Matozinho, de que era Padroeiro, e Amplificador, por graça del Rey D. Diniz, e na Capella-mór deste mesmo Templo se recolheo em soberbo, e sumptuoso mausoléu, onde espera a resurreição Universal.



Brandaõ Monarch. Lusit. tom. 6. liv. 19. cap. 24. Cunha Cath. dos Bisp. do Port. Part. 2. cap. 14. Gonçalv. de Avil. Theatr. Ecclesiã. de las Iglef. de Castil. tom. 2. p. 138. Fontec. Evor. Glorif. e Pontif. num. 489. e 490.

§. III.

Europa.

Anno  
1454.

**M**orto com a injuria de ser degolado em hum cadafalso, o celebre Condestavel D. Alvaro de Luna, por delicto do seu governo, ou desgraça da sua fortuna, entráráõ no valimento del Rey D. Joaõ II. de Castella, homens Religiosos, que pelo estado, mais serviaõ para orar no silencio dos seus claustros, do que para administrar os negocios politicos de huma Coroa. Sugeriraõ estes ao seu Principe as maximas, que pudéráõ agitar huma perigosa guerra contra a Coroa de Portugal; pois com erro, e sem justiça, mandáraõ Embaixadores ao nosso animoso Rey D. Affonso V. para desistir da conquista de Africa, ameaçando, que as armas authorisariaõ a desordem de taõ injusta pertençaõ. Naõ soffreo o nosso Soberano a insolencia do que propunhaõ aquellos Ministros; e para conferir os meyo da resistencia, e da invasaõ, convocou aesta Cidade, cabeça do Reino, os seus Põvos. Estavaõ costumados a dar, e naõ receber leys de seus inimigos; e assim tomáraõ taõ valorosa resoluçaõ, que pudéram sentir Castella no estrago de suas Fronteiras, o castigo de Embaixada taõ incivil, e temeraria. Porém a morte do Rey estranho, suspendeo a futura discordia, e pacificou os animos, que nestas Cortes déraõ a conhecer o affecto, e valor, com que sempre os Portuguezes estaõ promptos, para servir aos seus Principes, e defender a justiça de sua Coroa.

Monteir. Memor. dos Arcebisp. de Lisboa fol. 24. Duart. Nunes Chron. del Rey D. Affons. V. cap. 25. e 26. Faria Europ. Portug. tom. 2. Part. 3. cap. 3. n. 57.

Cortes em  
Lisboa.

§. IV.



## 2. IV.

Anno

1539.

**O** Grande Nuno da Cunha foy Heróe tão famoso, que por suas claras acçoens collocou a gloria Portugueza no Templo da immortalidade. Para ser em tudo grande, nasceu filho de Tristaõ da Cunha, tão célebre nas memorias da Asia, como nos Fastos da Igreja Romana, e de Dona Antonia Paes, de nobreza tão conhecida, que mereceo ser esposa de homem tão illustre. Como de tão excelso Pay recebêra o antigo, e nobilissimo sangue dos Cunhas, que em tantos séculos, déraõ insignes Varoens para a guerra, se quiz fazer seu verdadeiro retrato, seguindo as campanhas, para exercicio do seu valor. Assim nos primeiros annos, desprezando as delicias da Corte, passou a Africa com cem lanças, e na Praça de Casim, que governava o Cipiaõ Portuguez, o esclarecido Nuno Fernandes de Ataide, mostrou logo no tirocinio das armas, como seria verdadeiro Heróe da sua Idade. Bem o experimentaraõ aquelles barbaros, nos diversos combates, em que depois dos mayores perigos, se coroou triunfante com tantas palmas. De Africa navegou á India, mayor theatro para a sua gloria, e na companhia de seu Pay, e do Alexandre Portuguez, Affonso de Albuquerque, mostrou nos combates mais arriscados de Hoja, e Brava, mais valorosa resolução, sendo a coroa das suas victorias, a conquista de Panane, em que emulo de D. Lourenço de Almeida, obrou taes proezas, que o famoso Vice-Rey, D. Francisco de Almeida, sobre as ruinas da Praça conquistada, o armou Cavalleiro, em que foy mutua a gloria de ambos, neste premio do valor, e da heroicidade. Restituído ao Reino, a que primeiro chegára a fama do seu nome, acompanhou a seu Pay na celebre embaixada, em que levou a Roma, e offereceo a Leão X. o mayor testemunho da magnificencia, e Religiaõ do grande Rey D. Manoel. Seguiu-se a este mais feliz Monarca, que teve Portugal, seu filho D. Joaõ III. e conhecendo as altas qualidades do seu animo, o fez Vedor da Fazenda, e neste cargo dos primeiros do Reino, deo a conhecer, que sabia zelar o patrimonio do Principe, sem opprimir os vassallos; augmentar os Erarios Regios, sem affligir os povos, virtude propria, mas rara em Ministros de

Africa.

Morte do  
grande  
Nuno da  
Cunha.



qualidade. Deste ministerio politico, o levou o interesse da India a governar aquelle Estado, achando ElRey no seu animo valor intrépido, para destruir inimigos, e prudencia consumada, para socegar as defordens, que ameaçavaõ a ruina do mesmo Estado. Ouvio-se na Corte o grande apparatus da armada, que prevenia o Gram Turco, para nos expulsar da India, e as dissensões em que estavaõ Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo, sobre o governo daquelle Estado, e para remedio das fatalidades, que ameaçavaõ estes graves accidentes, sahio o nosso Heróe, com grosso poder de Lisboa, e chegando ás Costas de Africa Oriental, deo logo fausto principio á sua administração. Destruio com o ferro, e fogo a Cidade de Mombaça, que rebelde, e atrevida, não só negára a obediencia, mas fulminava as suas armas contra os nossos Aliados. Estava bem fortificada de muros, e soldados; mas quem poderia resistir ás armas Portuguezas, quando as mandava hum tal Capitaõ! Este foy o glorioso preludio das muitas victorias do seu governo, com que ja o recebêraõ os moradores de Cochim, não só com a veneraçã de Governador, mas com os applausos de triunfante. Desta Cidade mandou muitas armadas, para castigo dos que desprezavaõ nossas bandeiras, e insultavaõ as nossas embarçaõens; e todas se recolhêraõ victoriosas, e opulentas: victoriosas pelos combates, que vencêraõ; oppulentas pelos grossos despojos de embarçaõens, e armas inimigas, que trouxeraõ. Era a empreza mais importante ganhar Dio, e o que mais recomendavaõ as instrucçoens do Soberano; e para o conseguir, sahio com o mayor poder naval, que sulcara os mares da India. Não se pôde ganhar a Praça, porque as circunstancias do tempo, divertiraõ as nossas armas na conquista da Ilha de Beht, em que o sangue de tantos defensores despedaçados, lhe mudou o nome em Ilha dos Mortos. Foy Dio combatida com furiosas baterias; esteve o nosso Heróe no mayor perigo, sendo objecto das ballas inimigas; mas no manifesto risco, mostrou animo taõ impavido, que parecia insensível, ou que tinha jurisdicção sobre a melma morte. Depois com a victoria de doze mil inimigos, conquistou a fortissima Cidade de Baçaim, ganhando para testemunho de taõ grande triunfo, os nobres despojos de quatrocentas peças de artilharia. Ao mesmo tempo,

pelos



pelos invictos Capitaens, que distribuio nas Costas do Malabar, Cambaya, Persia, e Arabia, foraõ tantas as Cidades rendidas, Povoaçoes assoladas, Pôvos sujeitos, e embarcaçoes abrazadas, que parece se conformava a felicidade com o valor, para serem naquelles annos, as victorias sem numero, os triunfos sem conto; e sobre Reiner, Surrate, Mahim, Damaõ, e outras Praças, arvoraraõ Antonio da Sylveira, e Martim Affonso de Sousa, os estandartes Lusitanos, com tanta gloria nossa, como terror alheio. Este nos deo, o que tanto desejava o invencivel Governador; porque desbaratado Sultaõ Badur pelos Mogores, e perdido o largo Imperio de Cambaya, que possuia, temendo, que na mesma Ilha de Dio, a que se refugiára, fosse despojo do seu contrario, deo lugar para se fundar aquella Fortaleza, que depois servio do theatro mais illustre do nosso valor, e da nossa fama. Nella estabeleceo ao nosso Imperio huma chave de todo o mar Indico; nella poz hum valoroso freyo, para moderar o natural orgulho dos Mouros, e nella veyo fatalmente acabar o mesmo infiel Badur, quando com o especioso titulo da paz, quiz ao Governador tirar a vida, aos Portuguezes o dominio da Praça, e a toda a India a sujeição, com que reconheciaõ o poder, e a justiça do nosso Estado. Foy este Monarca morto, mais que pelas armas Portuguezes, ás mãos da sua iniquidade: mas justo castigo da traição, que nos maquinava. Com tantas prosperidades chegou a contar o nosso Heróe dez annos de Governador, triunfando, para ultima gloria do seu nome, nas Malucas, pelo zêlo, e valor de Antonio Galvaõ, na ruina de oito Reys confederados, que desbaratou: em Malaca por D. Paulo, e D. Estevaõ da Gama no destroço dos Principes confinantes: em Ceilaõ no estrago de tantos barbaros, que no mar, e na terra nos cedêraõ em tantos combates: e no Malabar, reduzindo com multiplicadas perdas dos seus naires, e mouros, a lhe conceder o Camorim, edificar-se Fortaleza em Chale, soando em toda a parte, e lugares do Oriente, o respeito do seu nome; o temor, a extenção, e segurança do Estado, nunca mais feliz, que no tempo, em que o administrou. Porém a taõ grandes serviços, que galardaõ se lhe preparava na Patria? Em lugar de palmas, que lhe merecêraõ seus triunfos, se preveniraõ cadêas, para ser conduzido prezo, e algemado a hum



hum Castello: rara infelicidade dos Varoens, que mayores proezas obráraõ no Oriente, mas desgraca fatal ainda dos Principes mais perfeitos, que nos governáraõ! Achava-se prevenindo huma grossa armada, para soccorrer Dio, cercada pelos Turcos, em cuja defenfa seu cunhado, o grande Antonio da Sylveira, fez aquellas façanhas de valor, e constancia, que lhe merecêraõ o ser colocada a sua effigie entre os mayores Capitaens do Mundo, quando chegou a succederlhe no governo o Vice-Rey, D. Garcia de Noronha, tirando-lhe das mãos a disposiçaõ da Corte, aquellas palmas, com que se havia coroar na mayor victoria, que visse todo o Oriente. Assim offendido, e ultrajado, se embarcou taõ disgozoso, que chegando aos mares de Africa, lhe sobreveyo febre, e outros symptomas da morte. Conhecendo o perigo se prevenio, como christaõ, e resignado; e na ultima disposiçaõ declarou, queria, que o mar lhe servisse de sepultura, dizendo: *ja que Deos se serve, que morra no mar, elle seja a minha, sepultura: Pois a terra me não quiz, nem eu tampouco lhe quero entregar os meus ossos.* Entaõ protestou, que não devia á fazenda do seu Principe, mais que as barras de ferro, que ordenava, se ligassem ao seu cadaver, para hir ao fundo. Ordenou se entregassem a ElRey cinco moedas de ouro, que, pela sua grandeza, lhe reservára do importante despojo, que fôra do Sultaõ Badur. Antes de expirar, com o mayor sentimento de se vêr taõ offendido, rompeo naquellas palavras de hum Romano, grande Capitaõ, e mal correspondido: *Ingrata Patria non possidebis ossa mea;* e cheyo de esperanças na misericordia do Senhor, aos cincoenta e dous annos de idade lhe entregou aquelle invencivel espirito, para receber a remuneraçaõ, que não achou na ingratitude dos homens, e do seu mesmo Principe. Observou-se a sua ultima vontade, lançando-se o seu respeitado cadaver no profundo do mar; e serviráõ as suas agoas de crystalino mausoléu, em que se encerraraõ suas triunfantes cinzas. Foy o grande Nuno da Cunha de gentil presença, não o afeava a falta de hum olho, que perdêra em hum jogo de canas; de estatura corpulenta, e proporcionada, e forças correspondentes. Teve juizo agudo, resoluçaõ valorosa, mas prudente. Foy suave na conversaçãõ, a que fazia jocosa, com summa galantaria. Com os Grandes, e Senhores foy isento, e circunspec-to;

cunspec  
como pa  
castigos  
dade. D  
do paga  
resse, e  
gaõ o z  
gelho.  
cidade  
violenc  
pois de  
nas For  
amplia  
Foy d  
nha, t  
quem  
III. C  
succef  
Vilhes  
Anton  
serva  
rica p  
outro  
mor  
henf

liv.  
Fari  
Hij  
fiad.  
2. c.  
Sala  
drac  
Eve  
Can  
1. i



cunspecito; e com os pequenos affavel, e sempre benigno; como particular, e superior, sempre o mesmo; porque nos castigos antes quiz moderar o rigor, que observar a severidade. Dissimulava as ingraticosens com beneficios, observando pagar injurias com mercês. Foy o exemplar do desinteresse, e declarado inimigo da cobiça, ardendo no seu coração o zêlo da gloria do Estado, e da propagação do Evangelho. Em Africa pelejou sem desgraça; na India com felicidade; e administrou a Fazenda Real, sem corrupção, nem violencia. No governo da India, foy o mais glorioso, depois do grande Albuquerque; este fundou o nosso Imperio nas Fortalezas de Goa, Malaca, e Ormuz, e elle o deixou ampliado com as importantissimas de Chale, Dio, e Baçaim, Foy duas vezes casado, a primeira, com Dona Maria da Cunha, filha de Martim da Sylveira, senhor de Terena, de quem teve a Dona Maria da Cunha, que desposada com o III. Conde de Portalegre D. Alvaro da Silva, morreo sem successão. Passando a segundas vodas, com Dona Isabel de Vilhena, filha dos Condes de Vertelha, e irmã do famoso Antonio da Sylveira, teve descendencia, que hoje se conserva na Illustrissima Casa dos Condes de S. Vicente, mais rica pela gloria de tal Progenitor, do que pelos bens, que outros conseguirão, sem os merecimentos, que fizeraõ immortal aquelle incomparavel Varaõ: permissoens incomprehensiveis da Providencia!

Castanhed. *Hist. da India* liv. 8. Barr. *Decad. 4. da Ind.* liv. 10. cap. 40. Couto *Decad. da India* tom. 5. liv. 5. cap. 01. Faria *Asia Portug.* tom. 1. Part. 4. cap. 10. num. 22. Maff. *Hist. Ind.* liv. 11. Barbud. *Emprez. Milit.* Camoens *Lusad. Cant.* 10. *Estant.* 61. Franc. de S. Maria *Ceo abert.* liv. 2. cap. 22. Mariz *Dialog. de var. Hist. Dialog.* 5. cap. 10. Salazar *Histor. da Casa de Silva* tom. 2. liv. 6. cap. 16. Andrad. *Chron. del Rey D. Joã III.* Part. 3. cap. 57. Fonssec. *Evor. Glorios.* pag. 135. Corte-Real *Poema do Cerco de Dio* Cant. 21. Lafitau *Conquist. Portug. dan le nauvau mond.* tom. 1. liv. 10.



Anno  
1562.  
Rey Dom  
Sebastião.

Seendo tão pezado o jugo, com que opprimiamos não só aos Reinos de Tafilera, e Marrocos, mas a toda a Africa, achando-se o Xarife senhor de tantos Reinos, quantos havia adquirido com a espada, e com a negociação, quiz fazer mais illustre a sua fama com a conquista das Praças de Mazagaõ, Tangere, e Ceuta, e convocando as suas gentes de guerra, depois de juntar innumeraveis tropas, e ter avizos dos poucos soldados, que havia de guarnição, e das fomes, e falta de muniçoens, que padeciaõ em Mazagaõ, começou a guerra por esta Fortaleza, para dar mais prospero principio às suas empresas. Cobrio as suas campanhas com cem mil soldados, a quem mandava Muley Hamet, seu filho, que na idade de vinte annos, mostrava a capacidade dos mayores Capitaens do Mundo; e cercando-a com huma trincheira de mar a mar, formou baterias, de que jogavaõ 24 canhoens, alguns de tal grandeza, que lançaõ balla de extraordinaria circumferencia. A'lêm desta bateria de canhoens havia treze mil gastadores, que estavaõ continuamente lançando pedras no interior da Fortaleza. Neste tempo, em que começou este grande sitio, constava a sua fortificação de quatro baluartes em quadro, com fossos profundos, e largos, a que a agoa, de que se enchiaõ com a maré, fazia mais defensaveis. A grossura, e altura dos muros era excessiva; 69 canhoens jogavaõ de suas platafórmãs. Tinha huma cisterna com capacidade, para receber vinte e cinco mil pipas de agoa. Os soldados, que a guarneciaõ eraõ poucos, e maltratados. O governo da Praça estava a cargo do grande Ruy de Sousa de Carvalho, que exercitava este posto na ausencia de seu irmão, Alvaro de Carvalho. Este era o estado, em que acháraõ os Mouros a Mazagaõ; porêm fôraõ taes as proezas, com que effes poucos soldados souberaõ defender o lugar, que guarneciaõ, que merecêraõ fama igual ao valor, com que pelejáraõ, alcançando finalmente huma das mayores victorias, que vio o Mundo em muitos seculos.

Mendoç. *Cerco de Mazag.* fol. 9. cap. 3. Faria *Afric. Portug.* cap. 12. 2. 1. Marmol. *Hist. de Afric.* liv. 3. cap. 56. Mariz dos Reys de *Porrug.* Dial. 5. cap. 4. Barbud. *Emprez. Milit. de Lusit.* fol. 233.

Africa.

Começa o  
cerco de  
Mazagaõ.

Anno 1589.

A  
Rey D. Filipe a b  
II. jornada  
Guerre- fusta a r  
de da In- Melind  
da Mano-berba a  
de Sousa do as g  
Catinho. barba  
Coftas  
Momb  
novo t  
dor M  
sa, con  
baratar  
naquell  
a Amp  
daõ,  
á Cap  
raõ a  
baça,  
alegria  
Rey,  
mór a  
a entra  
liz su  
artilha  
cos h  
vendo  
rou.  
valor  
raõ,  
morto  
jar, G  
os Tu  
lés, e  
refite



2. VI.

Anno  
1589.

Asia.

Rey D. Felipe II.  
Governador da Índia  
Manoel de Sousa  
Coutinho.

**A** fama das riquezas da Costa de Melinde, e as que tirou dellas o Turco Mir Alibet o trouxeraõ segunda vez a buscar o castigo da guerra, que nos fez na primeira jornada. Sahio pois de Méca, com quatro galés, e huma fusta a matar a sede de ouro, em que se abrazava; surgio em Melinde, onde lhe desprezou as ameaças, e castigou a soberba o Capitaõ Matheus Mendes de Vasconcellos, varejando as galés, com a artilharia, hospedagem, que obrigou ao barbaro a largar o porto, e hir em despique assolando as Costas com fogo, e contribuiçoens, até se fortificar em Mombaça, como termo de seus designios. Em quanto este novo tyrano vagava sem opposiçaõ, despachou o Governador Manoel de Sousa Coutinho, a seu irmaõ Thomé de Sousa, com huma poderosa armada de vinte navios, para desbaratar aos Turcos, e abater o orgulho dos nossos inimigos naquella costa. Depois de huma grande tormenta, chegou a Ampaça, Cidade, que nas ruínas mostrava a sua ingratiçaõ, e a vingança com que foy assolada; veyo o seu Principe á Capitânia, render nova obediencia ao Estado. Daqui fôraõ a Melinde, e concertados os navios, partiraõ para Mombaça, onde chegáraõ com as mayores demonstraçoens de alegria, cheyos de flamulas, e bandeiras em companhia do Rey, e Principe de Pemba. Reconhecida pelo Capitaõ-mór a entrada do porto, e disposta a invasaõ, começáraõ a entrar os navios pequenos, e logo os grandes com taõ feliz successo, que passáraõ sem perigo das repetidas cargas de artilharia, que jogava hum Forte sobre a barra, que os Turcos haviaõ fabricado, e onde assistia Mir Alibet, que vendo o pouco effeito, que causava a artilharia, o desamparou. Seis Portuguezes se resolvêraõ ganhar o Forte; com valor o intentaraõ, porêm com mayor fortuna o conseguiraõ, naõ achando no Forte mais que quatro Turcos, dous mortos, e dous que matáraõ, e naõ tendo com quem pelear, se retiraraõ, levando-lhe as bandeiras. Ao tempo que os Turcos o perdêraõ, investiraõ os nossos navios a duas galés, e huma fusta, e entrando nellas acháraõ taõ porfiada resistencia nos defensores, que nenhum foy rendido, muitos

Victoria  
naval em  
Mombaça



fôraõ mortos, e os outros se lançáraõ ao mar; porêem esta-  
vaõ os nossos taõ inflamados na briga, que alguns se lança-  
raõ após elles, e a muitos matáraõ no mesmo mar. Ainda  
restavaõ duas galés, que ganhar, e estas como tinhaõ a me-  
lhor gente da armada se defendêraõ com valor mayor, do  
que os primeiros, mas fôraõ desbaratados com igual succes-  
so; porque mortos huns, cativos outros, e todos sangra-  
dos do nosso ferro, rendemos as galés, e acabámos a bata-  
lha, conseguindo huma honrada victoria, em que tomámos  
quatro galés Reaes, e huma fusta, trinta canhoens de bron-  
ze, e muitos cativos. Resgatamos muitos Christãos, e es-  
cravos Portuguezes, e ficáraõ senhoras as nossas armadas de  
toda aquella costa da Africa Oriental, e seguros os vassallos  
do Estado, de todos os nossos inimigos, que taõ soberbos  
ameaçavaõ a ruina dos aliados, e tributarios de Portugal.

Santos *Etiop. Orient. Part. 2. liv. 5. cap. 9.* Faria *A-  
sia Portug. tom. 3. Part. 1. cap. 8. §. 11.* Petr. Jarric. *Thef.  
Rer. Ind. tom. 2. liv. 1. cap. 13.* Girard. *Diario Part. 1. pag.  
202. num. 18.*

II DE

Anno  
1358.  
Roy Dom  
Pedro I.

D  
D. G  
dor a  
fer tro  
seu sa  
o Co  
virtu  
lhe i  
poste  
de ;  
tes,  
tivar  
cias,  
suma  
Imp  
Mel  
dos  
rent  
gue  
ma  
nefi  
com  
thea  
foy  
gára  
dan  
Ro  
tifo  
das  
seu  
virt  
bio



## VI. DE MARÇO.

2. I.

Anno  
1358.Rey Dom  
Pedro I.

Europa.

Morte do  
Arcebispo  
de Braga,  
D. Gonça-  
lo Pereira.

**D**A ANTIGA, e nobilissima Familia, de que procedeo a grande Casa da Feira, nasceo o Arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, Varão insigne, e que deo novo esplendor aos seus Progenitores, e a Providencia destinou, para ser tronco de taes Ascendentes, que se vê hoje adorado o seu sangue nos mayores Thronos da Christandade. Seus Pays o Conde D. Gonçalo Pereira, e D. Urraca, o educaraõ nas virtudes, para ser benemerito de assistir no Palacio; a Graça lhe influio os habitos, que depois o fizeraõ taõ celebre na posteridade. Nascêra este illustre mancebo, para ser grande; assim aborrecendo as lisonjas, com que enganaõ as Cortes, desprezadas as suas delicias, passou a Salamanca a cultivar as qualidades do seu talento. Nesta palestra das Sciencias, e primeira Universidade de Espanha, se fez taõ consumado no conhecimento dos Canones da Igreja, e Leys Imperiaes, que sendo discipulo, já tinha as aclamaçoens de Mestre, merecendo a inveja dos companheiros, e o respeito dos Superiores. Restituído á Patria, ou por supplica dos parentes, ou vontade dos Principes, como ao esplendor do sangue se unia a opiniaõ de ingenuo, e Letrado, logo teve huma Conesia em Tui, e foy Deaõ da Sé do Porto, para beneficio da sua Igreja, e pasto das ovelhas, que governou, como Vigario geral do Bispo D. Tordulo. Porém mayor theatro esperava a seu grande espirito, e deixando Portugal, foy residir em Avinhaõ. A politica daquelle tempo obrigára aos Romanos Pontifices a viver nesta Cidade, trasladando-se para ella a Cadeira de S. Pedro com sentimento de Roma, e naõ pouco escandalo da Christandade. Era Pontifice Joaõ XXII. insigne em erudiçaõ Sagrada, como se vê das suas resoluçoens Canonicas, e das controversias, em que seu nome ficou eternisado; e como observou as letras, e as virtudes do nosso Prelado com a simpatia, que tem os Sabios, lhe dispensou tantos favores, que lembrado da sua be-

Tom. II.

I ii

nificencia,



nesciencia, na instituiçãõ da Capella, que fez em Braga, o expressa nestas palavras: *que o Summo Pontifice o fez, e levantou de nada*, nomeando-se com gratidaõ illustre *creatura sua*, retribuiçãõ digna de hum coraçãõ nobre, e do seu animo em tudo fidalgo! Depois subio a ser Bispo de Lisboa, e nos quatro annos, que governou esta grande Cathedral, fez tantas obras de generoso, e Prelado, que ainda hoje vive naquella Igreja, com saudade, a sua memoria. Desta Mitra o leváraõ seus merecimentos a coroar-se Arcebispo de Braga, e nesta mayor dignidade luziráõ com mais intensos rayos as suas virtudes. Mudou-se a lastimosa face daquella Primacial; porque os viciosos, no castigo tiveraõ emenda, os justos, no prêmio a edificaçãõ de todos, e arrancada a fizania dos vicios, reverdeceo a terra do Senhor, para dar os fazonados frutos, que procurava o zêlo Evangelico do seu Cultor. No seu tempo se vio offendida a jurisdicçãõ Ecclesiastica pelo orgulho de alguns Ministros Reaes; mas fulminando centuras, para cohibir a insolencia secular, e passando a Coimbra, de modo soube zelar a causa de Deos, e da sua Igreja, que cedeo aquelle Rey, por anthonomasia chamado o *Bravo*; e triunfante se recolheo á sua Cathedral, a receber no applauso dos subditos, os vivas de tanta victoria, em que ficou a Igreja respeitada, o Prelado satisfeito, e o Soberano justificado. Este valor, com que sabía defender a jurisdicçãõ Ecclesiastica exercitou na tutêla das Provincias do seu Monarca. Declarou-se a guerra no anno de 1336, entre Portugal, e Castella; entráraõ na Provincia do Minho, D.Fernando Ruy de Castro, e seu irmaõ D.Joaõ de Castro, com grossas tropas, fazendo aquelles estragos, que facilitava a paixãõ dos aggressores, e a pouca defenõsa dos Pôvos: acudio prompto ao remedio, naõ tendo por incompativel, mudar o baculo em lança, e unindo-se com D. Vasco Bispo do Porto, e o Mestre da Ordem de Christo, naõ só rebatêraõ a invasaõ, mas derrotaraõ aos inimigos com a morte de trezentos soldados, e do seu General D.Joaõ de Castro. Suspendeo-se a discordia pelas pazes, em que grande parte se deveo á heroica resoluçãõ, com que soube desprezar constante, as proposiçoens dos Castelhanos; e depostas as armas, o perigo de toda Espanha, segunda, e mais gloriosamente o leváraõ á campanha. Determinou o tyrano Alboacem, Rey de Marrocos, e seu Aliado



do o de Granada, acabar o Christianismo do nosso continente, e passando innumeraveis barbaros de Africa, começárao a hostilidade pelo cerco de Tarifa. Recorreo Affonso XI. de Castella, a pedir soccorro em Portugal, tendo a medianeira sua Esposa, a Rainha Dona Maria, filha do nosso Monarca. A ternura do sexo, o vinculo do parentesco, e a importancia da causa, vencêrao, que não só fosse o soccorro, mas que o mesmo Rey, e Pay empenhasse a Pessoa, para libertar o resto de Espanha do ameaçado perigo. Acompanhou ao seu Soberano o nosso Prelado, e juntos os exercitos, olhando alguns Concelheiros, mais a huma injuriosa paz, do que a huma valorosa guerra, muitos votárao, que entregue a Praça aos Mouros, se remisse o estrago incerto, com huma infalivel affronta de tão grandes Reys, e tão animosos soldados; porém Dom Gonçalo seguiu o contrario, dando tão vivas razoens, para se deixar no transe de huma batalha, ou a ruina do Estado com gloria, ou o triunfo com a redempção da Praça, que parece se diffundio pelos Generaes aquelle grande coração, para se conformarem em tão valorosa, e catholica resolução. Deu-se a batalha, destroçarao-se os barbaros, e se livrou Tarifa, e pelas pálidas bocas de quatro centos mil mortos (como dizem algumas memorias,) que jaziao naquelle campo, se formou o mais eloquente elogio do valor, com que persuadio o combate; e no conflicto, soube com seu esforço conseguir a victoria mais célebre, que em muitos seculos vio a Christandade! Parece, que tão grande homem só vivia para servir a Religião, e a Patria; porque sempre se offercia para bem do público, e beneficio do Estado. Succedeo a tyranna morte da Infanta Dona Ignez de Castro, e determinou seu Esposo, o Infante D. Pedro, que o sangue, e o fogo vingasse o injusto sacrificio da innocencia, que fizera seu Pay nos altares de huma paixão desordenada. Assolou Pôvos, tirou vidas, e fez estragos, sem dũvida alhêos da humanidade; mas que desculpava hum coração ferido de huma dor irremediavel. Acudio o nosso Prelado, rebateo a guerra, livrou o Porto ja ameaçado, e com o respeito da Rainha Dona Brites sua Mãy, serenou a tempestade, reduzindo a colera, e vingança do filho irado, á obediencia de seu Pay offendido; e felizmente se converteo o sanguinolento



lento estrondo das armas em suave tranquillidade. Nestas grandes acçoens, e outras de seu generoso coração o achou a morte, que foy sentida, como perda universal do Reino, dos Principes, e dos subditos do seu Arcebispado. No meyo da sua Capella, que fundára junto da Sé de Braga, se lhe deo magestosa sepultura, e descanção as suas illustres, e sagradas cinzas encerradas dentro de hum nobre mausoléo, lavrado de figuras relevadas nos marmores, que se rematao com a sua imagem revestida em Pontifical. Foy este insigne Prelado trinta e hum annos Arcebispo de Braga; e no seu governo deixou eternizada a sua memoria, com as elmólas, que remiraõ a pobreza, restauraraõ os Templos, e ennobrecêraõ a Cidade. Em quanto houver homens será padraõ da sua magnificencia aquella Capella, que fundou, e generosamente doou com rendas, para seis Capellaens cantarem os Divinos Officios, e Missa pela sua alma, e do seu grande bemfeitor, o Papa Joaõ XXII. de quem na instituição se lembra com elogios; ElRey D. Diniz, e seu filho D. Affonso IV. e dos mais Soberanos, que lhe succederem no Throno de Portugal. Serviraõ mais á gloria do seu nome, os edificios que erigio, as mercês, com que a muitos enriqueceo, e a fazenda que distribuio, chegando a sua profusão a lhe adquirir o louvor, que do grande Alexandre se escreveo, dizendo-se: *liberal como D. Gonçalo Pereira*. Finalmente durará a sua memoria coroadá nos Thronos de toda a Christandade, por se animarem todos os Monarcas, Soberanos, e Potentados na Europa, com o seu illustre sangue, derivando-se a tantos Principes na descendencia, que tem do grande, e Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que por seu Pay D. Alvaro Gonçalves Pereira, foy Neto deste famoso Prelado, como referem os Annaes de Portugal, e reconhecem todos os Genealogicos de tantos Reys, e Monarcas, que devem a sua origem á Serenissima Casa de Bragança.

Cunha *Hist. dos Arceb. de Brag. tom. 2. cap. 42. e 43. Monarch. Lusit. tom. 7. livr. 10. cap. 10.*



## §. II.

Europa.

Anno  
1388.Rey Dom  
Joaõ I.

**N**Aõ querendo ElRey D. Joaõ de Castilla desistir de intitularse Rey de Portugal, moveo o nosso Rey D. Joaõ I. a guerra aos seus Estados, e entre as conquistas, com que fez mayor a sua fama, foy Melgaço das mais célebres pela sua fortificaçãõ. Era cercada de muros dobrados, e fossos largos, e profundos, e naõ era menos forte pelos valorosos defensores, que a presidiavaõ, como se vio no dilatado tempo, que sustentáraõ as armas contra a vigorosa expugnaçãõ dos Portuguezes. Ja naquelle século se tinha descoberto o violento arteficio das peças de artilharia; com ellas nos offendiaõ os sitiados, lançando muitas ballas nos quartéis; mas os nossos lhe arrazaraõ grande parte das casas, e dos muros com pedras, que por engenhos disparavaõ contra a Villa. Continuou o cerco, e estando as muralhas abertas, e arruinadas, estavaõ inteiros os animos dos valorosos sitiados. Porém mandando o nosso grande Rey, chegar ás muralhas huns castellos, ou maquinas movediças, temendo os sitiados mayor estrago, encomendaraõ a ultima salvaçãõ á benignidade do nosso Rey, que determinando tomar justa vingança das injurias, com que o haviaõ agravado, naõ queria entrar na Praça com outra negociaçãõ, mais do que os golpes da espada, e a morte dos defensores. Cedeo porém á misericordia, dando-lhe com grandeza igual a seu animo, vidas, fazendas, e liberdades; e após estas acçoens entrou triunfante na Villa, depois de cincoenta e tres dias de sitio, vencendo a hum mesmo tempo aõs inimigos, e as generosas paixoens de General, e de soldado.

Lopes Chron. de D. Joaõ I. Part. 2. cap. 136. Faria Europ. Portug. tom. 2. Part. 3. cap. 1. §. 113. Neufuille Hist. Gen. de Portug. tom. 1. pag. 339. Leaõ Chron. del Rey D. Joaõ I. p. 266. Barbud. Emprez. Milit. dos Lusit. fol. 58. Menez. Vid. del Rey D. Joaõ I. pag. 290.



## 2. III.

Anno

1475.

Rey Dom  
Affonso V

Quando ElRey D. Affonso V. com mais valor, que prudencia, intentou despojar da Coroa aos Reys Catholicos, Fernando, e Isabel, e desposarse com a Senhora Dona Joanna, filha dos Reys Castelhanos, Henrique IV. e Dona Joanna, sua irmã, juntou Cortes nesta Cidade de Lisboa, para se confirmarem as disposiçoens da successão da Coroa Portugueza, que determinára seu Avô, o grande Rey D. Joaõ I. no solemne testamento, com que deo fim á sua triunfante vida. Nellas prevendo os casos futuros, declarou o como os Principes deviaõ subir ao Trono de Portugal, para que sempre o Sceptro fosse governado por aquelles Principes, que dispunhaõ as leys Patrias, e servissem ao beneficio dos vassallos. Esta sua providencia foy taõ acertada, que depois servio, para justificar o facudirse o jugo de Rey estranho, e ser jurado por todos os Pôvos legitimo Rey de Portugal o Senhor D. Joaõ, oitavo Duque de Bragança, quando no anno de 1640, foy acclamado Rey desta Monarquia, e se lhe jurou fidelidade em vinte e oito de Janeiro do seguinte anno nas Cortes, que tambem se celebráraõ nesta Cidade.

*Auto das Cortes do anno de 1641. Valasc. Justa Acclamaç. do Serenissim. Rey D. Joaõ. IV.*

Europa.  
Cortes na  
Cidade de  
Lisboa.

## 2. IV.

Anno

1493.

Rey Dom  
Joaõ II.

Stando o grande Rey D. Joaõ II. em Val-Paraiso, no termo da Villa de Santarem, chegou ao porto de Lisboa, Christovaõ Colon, taõ cheyo de gloria pelos novos descobrimentos de terras Occidentaes, que incitou no animo do nosso Principe, o querer fallar com aquelle homem, que tantas vezes se lhe offerecêra, para executar esta acção no serviço do mesmo Rey. Desprezara-se entaõ pelos seus Cosmografos o intento, como loucura de arrojo imprudente; agora porém se mudou em assumpto de enveja, ou confusão dos mesmos, que lha impugnáraõ. A's ordens do Soberano obedeceo o intrépido Genovez, e posto na sua presença, com mais vaidade, que modestia, expoz a sua navegação,

Europa.  
Generosa  
acção del-  
Rey Dom  
Joaõ II.  
Coroa  
tes an

gação  
ra, ap  
aos Re  
za. O  
seque  
te nov  
no juiz  
tante  
cobert  
se mat  
privare  
lhe de  
nascen  
que o  
naõ p  
te, q  
aos he  
parece  
esta a  
manda  
poder  
mas v  
nobre  
conh  
viaõ  
ras p  
lo da  
ção,  
ou c  
ter se  
trou  
Rey  
Coroa  
tes an  
rop.  
Milit  
tom.



gação, exaggerou a riqueza das novas terras, que descobrira, apresentando alguns naturaes, que trazia para os levar aos Reys Catholicos, que o mandárao a esta nova empresa. O altivo modo com que se explicava, as funestas consequências, que ameaçavao entre Portugal, e Castella, deste novo descobrimento, e outras razoes, que avultavao no juizo dos politicos da Corte, naõ sendo a menos importante o duvidarse, a qual das Coroas pertenciao as terras descobertas, inflamou a muitos Concelheiros, para votar, que se mataste taõ celebre homem, para com este homicidio privarem aos Principes Castelhanos daquelle continente, que lhe destinava a Providencia; mas que faria hum Rey, que nasceo para exemplar de Heróes! Reprovou o parecer, em que offendida a hospitalidade, era indecoroso á soberania, e naõ proprio das Leys do Christianismo; e em lugar da morte, que lhe aconselhavao, fez muitas mercês ao Colon; e aos homens, que trazia, mandou vestir de gram, para apparecerem na Corte de Castella mais bem adornados. Foy esta acção das mais illustres, que teve o seu reinado. Se mandasse tirar a vida áquelle Capitaõ, e gente que o seguia, poderia conseguit o naõ se continuarem aquellas viagens; mas no que obrou mereceo a immortal fama, com que o seu nobre desinteresse, será applaudido em todas as Idades. Bem conheceo as controversias, que entre as duas Naçoens haviaõ de suscitar estes descobrimentos na dũvida, se eraõ de terras pertencentes a Portugal; e ainda que cheyo de escandalo da soberba do Colon, naõ quiz fiar de huma quasi traição, o que se podia ajustar com o decóro das negociaçoens, ou com o direito das armas, se Castella resolvesse intrrometer seus vassallos, no que tocava a Portugal. Depois mostrou o tempo a justiça, e ponderação, com que taõ famoso Rey soube prevenir os casos futuros, para gloria da nossa Coroa, e segurança das suas conquistas, como em diferentes annos, e dias se verá no corpo destes Fastos.

Resend. *Vid. del Rey D. Joaõ II. cap. 165.* Faria. *Europ. Portug. tom. 2. Part. 3. cap. 4. n. 82.* Barbud. *Emprez. Milit. dos Lusit. fol. 106.* Neufuille *Hist. Gener. de Portug. tom. 1. p. 606.*



Anno  
1501.

2. V.

Africa.

Rey Dom  
Manoel.

**D**O valoroso, e feliz descobridor da Ilha da Madeira, Joaõ <sup>Morte de</sup> Gonçalves Zarco, e de sua nobre esposa, Constança <sup>Joaõ Gon-</sup> Ruy de Almeida, nasceo Joaõ Gonçalves da Camara, <sup>çalves da</sup> segundo Capitaõ, e Donatario da Capitanã do Funchal, e <sup>Camara.</sup> verdadeiro imitador de seu Pay no zêlo em servir aos Príncipes, e combater aos inimigos da Religiaõ. Assim o viraõ as Praças de Arzilla, e Ceuta, onde pelejou com estrago dos Mouros, e conservação daquelles importantes presidios, que ao soccorro deste Capitaõ, muitas vezes devêrão triunfar dos exercitos, que as procuravaõ escalar, e render. Ouvia o perigo dos vassallos da Coroa, que naquellas Colonias de Africa, sustentavaõ a defensão do Estado, e o Culto do Redemptor, e deixando a propria casa se embarcava, e acudia a livrar os companheiros, se com risco da morte, sem dvida com o interesse da fama, que adquirio na sua Idade. Parece queria a vida, mais para servir á causa publica do seu Rey, que para gozar dos frutos, que lhe offerecia o governo da sua Capitanã; e vencendo o caduco dos annos, sempre o achou a guerra, como se tivesse o vigor da primeira mocidade. Com estas acçoens se fez generoso exemplar do valor para a guerra, e de prudencia para o governo daquella Capitanã, que ampliou no politico, e Sagrado, sendo o melhor testemunho desta sua piedade, o Convento de Santa Clara, que para Religiosas do seu austero instituto, erigio, e dotou na Cidade do Funchal. Cheyo de merecimentos, como pio, Capitaõ, e soldado, falleceo aos oitenta e sete annos na mesma Cidade, e jaz sepultado na Cappella-mór da Igreja do Mosteiro, que taõ magnificamente edificára. Foy casado com Senhora de ascendencia taõ illustre, que participava do sangue Real de Castella, de quem houve muitos filhos, e filhas, de que hoje tem por netos os principaes Fidalgos de Portugal.

Cordeir. *Hist. Insulan. liv. 3. cap. cap. 11.*

2. VI.



Anno

1501.

Rey Dom  
Manoel.

2. VI.

Africa.

Combate  
glorioso  
em Africa.

**E**Raõ taõ formidaveis a todos os Africanos as guarniçoens, que sustentavaõ a vóz, e a Religiaõ do nosso Imperio naquella abrazada regiaõ do mundo, que procurava El-Rey de Fés por mais poderoso, ou por mais offendido a conquista de Tangere, e Arzila, eternos padroens da gloria Portugueza, e perpetuo escandalo de nossos inimigos. Naõ desconfiava aquelle barbaro com a desgraça dos successos, antes com valorosa constancia, as mesmas perdas o alentavaõ a continuar a guerra, esperando, que as nossas victorias tivessem a qualidade do ferro, que em cortar, se gasta, e contome. Este pensamento lhe moveo o animo a correr Arzila com doze mil cavallos, e mayor copia de Infantes; mas como sempre estimava empresas grandes, naõ só determinou correr o campo de Arzila, mas tambem invadir Tangere. A esta resoluçaõ se seguiu o ganhar todos os lugares, que facilitavaõ passagem de huma a outra Praça. Deste apparatus de guerra, conheceo D. Joaõ de Menezes, Capitão de Arzila, o perigo de Tangere; porque além da muita força dos mouros, naõ estava prevenido para a resistencia seu Capitão D. Rodrigo de Monsanto; e perplexo na escolha do caminho, para o avisar, achando as estradas occupadas de inimigos, lhe occorreo hum meyo, que foy dictado por mais alta providencia. Estava na Praça huma cadella de Tangere, e conhecendo aquelle grande Capitão, a natural fidelidade, com que estes animaes buscaõ a seus senhores, a mandou pôr na praya, e no pescoço huma carta, com o aviso do eminente risco da Cidade; e logo castigada com muitos açoutes a largaraõ. Sorrio felizmente o estratagemas. Correu a cadella com tal ligeireza, que chegou a Tangere, antes que apparecessem os barbaros. Tocou-se a arma, e sahiraõ os Cavalleiros ao campo, a travar algumas escaramuças com os primeiros esquadroens, que ja occupavaõ o contorno da Praça. Accendeu-se hum furioso combate, pelejando os Portuguezes com destreza, e valor. Nenhum mereceo desigual fama, conseguindo-a gloriosa, os que se arriscavaõ a offerecer a vida em obsequio da Patria. Os Mouros, a quem ajudava o numero, e o esforço, obravaõ açcoens merecedoras do nosso applauso. Durou a batalha

Tom. II.

K ii

duas



duas horas e meya; e não podendo os da Praça resistir a tão valorosa multidão, se retiraram, perdendo hum filho do Governador, e oito esforçados Cavalleiros, que ficaram mortos. A retirada deo novo animo aos Mouros. Carregaram com impeto sobre os que buscavam a porta da Cidade, e sem duvida pereceram todos os nossos, a não ser tão grande o seu valor, e resolução, com que pelejaram, contra os que mais se chegavam a ferillos. Aqui dearam a conhecer a valentia de seus braços, D. Lourenço de Almeida, aquelle illustre manço, que depois no Oriente fez sua memoria gloriosa, com as victorias, que teve, e lamentavel com a infeliz morte, com que deu fim a seus heroicos trabalhos; D. João, e D. Garcia de Menezes, Gonçalo Mendes Zacoto, o Adail Pedro Leitaõ, Antonio Nunes, e outros, porque fortes, e constantes, detiveram a furia dos Africanos, em quanto os nossos soldados se recolhêram. Finalmente baldado todo o arrojio barbaro, se salvou a gente na Cidade, com pressa tão confusa, que não pudêram fechar a porta, por onde entraram: acaso, que servio para Ruy Martins obrar aquella acção, que só teve por exemplar, as que ainda ennobrecem os Imperios Grego, e Latino. Não se pôde fechar logo a porta da Cidade; clamaram os defensores, que se cerrasse, temendo alguma infação, de que resultasse o nosso estrago; porém aquelle grande Portuguez, desprezando as vozes dos companheiros, com valor igual ao que tivera na batalha, respondeo, que não convinha á reputação Portugueza fechar a porta, e que só bastava a defender, o que faltava para se cerrar. Assim o executou, dando a morte a quantos se deliberaram investir, resistindo este claro Varão a todo o exercito de Mouros: façanha, que deve ser eternizada nas memorias Portuguezas. Desenganaram-se os barbaros, e nos deixaram a gloria do triunfo, levando a perda de muitos mortos, e feridos, que recebêram em tão sanguinolento conflicto.

Faria *Africa Portug. cap. 7. §. 7.* Goes *Chron. del Rey D. Man. Part. 1. cap. 49.*



## 2. VII.

Anno  
1566.

America:

**A**inda que pela gloriosa conquista da Fortaleza de Villal-Galhon, ficáraõ destroçados os Tamoyos, ferozes inimigos, que no Rio de Janeiro se haviaõ conspirado contra o nosso dominio, não ficáraõ taõ abatidos, que tornando ás armas, não déssẽ novos cuidados a Mem de Sá, que havia conseguido aquella taõ importante victoria. Para se arrancarem estas raizes, que ainda brotavaõ desobediencia, e moviaõ guerra taõ perigosa, chegaraõ soccorros do Reino, sendo o mais importante, o Capitaõ Estacio de Sá, que emulo no valor, assim como parente pelo fangue, desempenharia ao mesmo Governador em facção, a mais importante daquelle Estado. Na Bahia se prevenio armada de soldados valorosos, a quem alentavaõ os Padres Gonçalo de Oliveira, e o Veneravel Jozé de Anchieta, que o Brasil venera, como seu Apostolo, e Taumaturgo, e a nossa piedade espera colocado nos altares. As incertezas do mar, e a variedade dos tempos, fizeraõ a viagem importuna, e taõ vagarosa, que depois das nossas embarcaçoens ancorarem em S. Vicente, com trabalho chegáraõ a entrar a barra do Rio de Janeiro. Desembarcados no lugar, que hoje chamaõ a *Villa-Velha*, se fortificaraõ, prevendo a invasão dos mesmos Tamoyos, e dispondo o castigo do seu barbaro orgulho. Grande respeito lhe causavaõ as nossas náos, e mayor susto as armas de fogo; mas soccorrendo-se da sua obstinaçãõ, do seu numero, e destreza dos seus arcos, que despediaõ settas com tal violencia, que depois de penetrar os escudos, ainda chegavaõ a traspassar os corpos dos nossos soldados, se determinaraõ a buscar a ruina dos Portuguezes no assalto, que hoje com summo arrojo, déraõ às suas trincheiras. Foy ardente a peleja, resistindo os nossos com aquella constancia, que pedja a occasiãõ no perigo de sermos victimas da sua barbaridade; pois desprezando as vidas só procuravaõ o nosso destroço. Animavaõ aos Christãos os dous veneraveis Religiosos, com as palavras, muito mais com as preces, para que Deos concedesse o triunfo ás armas do seu Povo, e respondeo o successo à justiça da causa. Foraõ derrotados os Tamoyos com tanto estrago, que não pudéraõ salvar as canoas, em que vieraõ,

Victoria  
contra os  
Tamoyos  
no Rio de  
Janeiro.



vieraõ, ficando para despojo, e testemunho da nossa victoria, os mesmos instrumentos, que se conduziaõ para seu dano; e debaixo da tutela de taõ feliz successo delcancaraõ as nossas espadas, até o dia doze deste mez, em que o Omnipotente nos deo em segundo combate, mais illustre victoria.

Fr. Manoel dos Santos *Hist. Sebast. liv. 1. cap. 6.* Brit. Freire *Nova Lusit. liv. 1. ç. 70.* Vasconcel. *Chron. da Prov. do Brasil. liv. 3. ç. 98.* Bayaõ *Portug. Cuidad. e Laltim. liv. 1. cap. 16.* Menezes *Chron. del Rey D. Sebast. cap. 44.* Barbof. *Mem. del Rey D. Sebast. tom. 2. liv. 2. cap. 12. n. 96.*

## VII. DE MARÇO.

Anno  
161.

ç. I.

Europa.

Emperador  
Antonino Pio.

**C**ORRESPONDERAõ as lagrymas, e saudade do Povo Romano aos altos merecimentos do Emperador Antonino, a quem o excellente das suas virtudes lhe adquiriraõ os titulos de Pio, Sacrosanto, e Pay da Patria. Sem dũvida, foy este Principe taõ illustre nas obras do seu governo, que entre os mayores Monarcas do Mundo, e os Varoens mais celebres de Roma, com justica mereceo o nome de Grande. A Providencia lhe deo o nascimento, quando o Imperio gemia debaixo das tyrannias de Domiciano, que offendendo a natureza, a razao, e a piedade derramara o sangue de Tito, seu irmaõ, e de tantos Martyres, que religiosamente confessando a Divindade de Christo, fõraõ viçtimas do seu cruel animo no obsequio de gentilicas superstiçoens. Para que nascesse com a mayor nobreza, fõraõ seus Pays Tito Aurelio Fluvio, e Arria Fatidella, que por todas as linhas dos Ascendentes haviaõ com Herões, e Varoens insignes adornado os Templos de Marte, e de Minerva, sendo as Familias, de que recebeo a origem, as que por muitos seculos haviaõ dado tantas occasioens de gloria, com a espada nas campanhas, e os votos no Senado. Foy a Villa de Lavincia o lugar, que lhe servio de berço: felicidade, com que ainda em nossos dias se ennobrece, por ser oriente de taõ brilhante astro. Recebeo de

Morte do  
Emperador  
Antonino Pio.

de seus P  
inspirando  
applicand  
lugares p  
sangue he  
o genero  
sciencia,  
peito dos  
e não a  
mação r  
muitos a  
e a digni  
çidãõ,  
driano,  
governã  
Provinc  
ja os va  
do mesm  
va ao le  
claro d  
ventou  
no seu  
Ceonic  
este P  
minio  
na sua  
rêm c  
prudẽ  
no, o  
bunade  
pois na  
obrar  
fallos  
para o  
mo se  
ra ser  
o moll  
dor m  
tavaõ  
procu



de seus Pays a criação, que o preparava para ser Heróe; inspirando-lhe o amor da virtude, para triunfar dos vicios, e applicando-o aos estudos, para que doutrinado merecesse os lugares pelo proprio merecimento, e não por obsequio do sangue herdado. Felizmente respondeo ao ensino das artes o generoso mancebo, adornando o seu talento, com tanta sciencia, que era assumpto da veneração dos Sabios, e do respeito dos nobres Romanos. Assim o merecimento proprio, e não a valia dos parentes, o pozeraõ em tal grão de estimacão no conceito dos Emperadores, que não contando muitos annos, teve os postos militares de Questôr, Pretôr, e a dignidade Consular, em que deo argumentos de tanta rectidão, valor, e desinteresse, que governando o Imperio Adriano, o elegeo entre os quatro Varoens Consulares, para governar Italia. Depois foy mandado Pro-Consul, para as Provincias da Asia, onde sempre obrou com tal acerto, que ja os votos dos amantes da Patria o preconifavaõ successor do mesmo Adriano no Imperio do Mundo. Como lisonjeava ao seu Soberano, com a integridade dos seus costumes, e claro das acçoens, e não com aquelles obsequios, que inventou a malicia, e adulação dos Palacios, e Adriano via no seu animo, as qualidades para reinar, a morte de Lucio Ceonio Commodo lhe trouxe o Throno, e o Diadema. Era este Principe o destinado para succeder ao Emperador no dominio daquelle mayor Imperio, que vio o Mundo. Sentio na sua falta o Pay adoptivo, perder aquelle mancebo; porém com eleição a mais acertada, olhando para o valor, prudencia, e magnanimidade, que luzia no animo de Antonino, o creou Cesar, conferindo-lhe o Supremo lugar do Tribunado. Esta eleição foy taõ applaudida em Roma, e depois nas Provincias obedientes, que se alegrava Adriano de obrar com tal acerto, que recebia na approvação dos vassallos o mais sincero elogio de huma acção, que olhando para o futuro foy a mayor do seu Governo. Feito Cesar, como se o mayor Lugar, lhe impozesse novas obrigaçoens, para ser mais excellente no progresso de suas acçoens heroicas, o mostrou no obsequio de Adriano. Adoeceo este Emperador mortalmente; e fatigado com as dores, que o atormentavaõ, faltando-lhe a resignação para soffrer a sua violencia, procurava acabar a vida, ainda que fosse com algum medicamento,



camento, que lhe désse a morte arrebatada; porém neste fatal accidente luzio a sincéra piedade de taõ bom Successor do Throno; pois evitou o mesmo, que rápidamente o collocava absoluto no Imperio; mas nesta moderaçãõ, e rara fidelidade, se fez mais digno da Coroa destinada. Acabou Adriano prostrado pelo achaque, e ja cadaver, lhe tributou aquelles obsequios, a que chegava hum coraçãõ generoso, amante, e grato. Trouxe as cinzas daquelle Principe, de Bayas, em que fallecêra, a Roma, e precedendo magnificas, e religiosas ceremonias, lhe deo magestoso sepulcro no soberbo mausoléõ, que lhe fabricou nos Jardins Domicianos, com tal grandeza, que foy na posteridade conhecida esta sepultura, com o nome de Maquina de Adriano: melhor se differa, eterno argumentõ do culto, e generosidade do mesmo Antonino. Depois triunfando da opposiçãõ de alguns Senadores, lhe decretou os cultos de Divindade, que a muitos Emperadores déra a lisonja dos vassallos, chegando a unir com os respeitos da Magestade, a hum puro homem, as adoraçoens de Divino: fatal desgraça, com que a superstiçãõ gentilica se explicava em Roma, antes que fosse illustrada com as luzes do Evangelho, que desterráraõ estas sombras do Paganismo, com tanta gloria do Redemptor Crucificado. Senhor absoluto do Imperio, se este fõra prospero com os seus conselhos, quando Consul, e Cesar, que seria, quando sem companheiro era o Soberano universal do Mundo! A' prudencia, e valor das suas resoluçoens, naõ houve caso, que naõ fosse feliz, e glorioso: vio-se nas Provincias o respeito da Magestade, sem depender dos castigos, obrando com mais força o amor, que a severidade: os inimigos sujeitos só com o nome do Emperador, sendo mais formidavel a sua fama, que os mayores exercitos, e armadas, com que os pudéra combater. O seu adorado nome sojeitou a ferocidade da Bretanha, humilhou os Mouros, e venceo aos Alemães, Dinamarquezes, e Judeos, sendo no seu tempo, mais poderosa a fama da sua clemencia, que o furor das armas, com que huns se domesticáraõ, outros se rendêraõ, e todos lhe obedecêraõ. Era taõ grande o seu respeito, que nas discordias de hum Principe dos Partos contra os Armenios, huma só carta, que lhes mandou, suspendeo a guerra ameaçada, ajustando-se na paz. Este grande nome de suas virtudes augmentou o Imperio



perio com a obediencia de Provincias novas, e remôtissimas, como fôraõ na Asia, Hircania, e Baclriana. Em todo o Mundo conhecido, se diffundiaõ as vozes do seu applauso, e muitos Principes vieraõ a Roma, só para vêr, e gozar de hum Soberano, que attrahia os coraçõens, com a suavidade do seu governo, protestando huns a vassallagem, e todos a admiraçãõ. Porêem como naõ havia ter nome taõ venerado, se vivia sõmente para servir ao beneficio dos vassallos, e conservaçãõ dos seus Romanos. Sobreveyo á Capital do Imperio, huma taõ cruel fome, que pereciaõ os moradores; ouviu aquelle animo com mágoa, a oppressãõ da Cidade, e ardendo no amor de taõ benemeritõs vassallos, fez conduzir de muitas Regioens os alimentos, com que livrou aos afflictos daquelle assedio, que padeciaõ, naõ consentindo, se recebesse o preço do paõ, com que os remira; pois só quiz o nobre interesse de extinguir a penuria, e livrar a pobreza de hum asloute, em que se fazia victima da necessidade. Por hum casual, e violento incêndio, se reduziraõ a lastimosas cinzas, trezentos e quarenta palacios, com que se ennobreçia a magestade de Roma; e semelhante estrago experimentaraõ as Cidades de Norbona em França, Antioquia, e Cartago em Africa, e accodio a estas calamidades, com maõ taõ larga, que por naõ chegar o dinheiro dos pùblicos Erários, gastou a mayor parte do seu mesmo patrimonio, querendo antes ser pobre, que ficarem os subditos destruidos. Restauraraõ se os edificios em Roma, e nas mais Cidades; e quem negará, que nelles se erigiraõ tantos monumentos, e mais soberbas pyramides, para eternisar a sua memoria! Nestas, e outras acçoens, dignas daquelle grande coraçãõ, gastou huma vida, que o Imperio desejava tivesse os privilegios de immortal; mas devia pagar o tributo da humanidade. Com a doença de tres dias, falleceo no lugar de Lolio, situado na Hetruria, hoje Florença. Para se lhe acabar a vida, durou pouco a enfermidade, naõ para fazer acçoens de Principe generoso, pois deixou em muitos legados, o beneficio, dos que lhe obedecêraõ; parece que o seu coraçãõ, ainda nos ultimos instantes se quiz fazer benemerito do nome de Pio, com que sempre será venerado. O seu Augusto corpo se occultou á vista, naõ ás lagrymas de Roma, no soberbo sepulcro, que vivo fabricára nas margens do Tibre, confun-



dindo-se nesta funebre acção, com as suas agoas, as que, despedaçados os corações, vertiaõ o amor, e a saudade, dos que taõ benignamente governára. O Senado o declarou do numero das suas Divindades, offerecendo-lhe os incensos, com que a idolatria daquelle pòvo canonisava aos seus maiores Emperadores; e largos tempos, com a superstiçaõ dos cultos, se repetiraõ elogios, para se conservar o seu respeito, o seu nome, e as suas nobres acçoens gravadas, naõ só na dureza dos marmores, mas nas tradiçoens, e escritos, com que o eternisáraõ Heróe de Roma em toda a posteridade. Foy chamado Tito Elio Adriano Antonino, para conservar a memoria dos seus grandes Bemfeitores: Tito, no obsequio de seu Avô materno; e Adriano em gratificaçaõ do Principe, que na successaõ do Imperio, lhe déra o mayor lugar do Mundo. A sua estatura foy elevada, gentil na presença, e suave, ainda que rouco, na voz com que fallava: vestio com bizarría, mas com decencia. Sempre na guerra os Cidadens, e soldados o víraõ valoroso nas batalhas, prevenido nos accidentes, e constante nas adversidades: era de genio benigno, de natural clemente, generoso sem prodigalidade, e taõ sobrio nas acçoens, que teve todos os nobres requisitos de Filosofo moral. No seu tempo cessou a perseguiçaõ do Christianismo, parecendo taõ inclinado ás verdades Catholicas, que ha presumpçaõ, ordenára por Edito, o consentirem-se os professores da nossa Religiaõ. Promulgou leys justissimas, que ainda se conservaõ authorisadas com o seu nome, e que merecêraõ as louvasse em seus escritos Santo Agostinho. Foy taõ amante dos vassallos, que era seu apothema: *que antes queria conservar a vida de hum Cidadão, que ver a morte de mil inimigos*; e taõ inclinado a despende com os Romanos, que dizia: *que depois de Emperador, ja naõ tinha patrimonio*. Assim libertou as Cidades de grande parte dos tributos, que pagavaõ, e mitigou as condenaçoens dos proscriptos, e as penas dos relegados, parecendo, que no seu tempo renascêra a feliz Idade de Numa Pompilio, de que pareceo, mais que imitador, fiel retrato; e para que no successor deixasse huma verdadeira imagem da sua clemencia, justiça, valor, e benignidade, nomeou para o Imperio em futuro Monarca, a Marco Aurelio, que ja que o naõ pôde exceder, o soube imitar. Desposou-se com Annia Faustina, filha de An-  
nio



nio Vero, clarissimo Varaõ daquelle seculo; e desta Senhora teve a Marco Aurelio, e Galerio Aurelio, e duas filhas, que mostraraõ na eminencia das virtudes, setem legitimos ramos de taõ excelsa, e Augusta arvore. Viveo setenta e tres annos, e alguns mezes: outros escrevem, setenta e sete, de que governou absoluto senhor de Roma vinte e dous annos, e quasi oito mezes, que pareceo tempo breve para os votos, e affectos dos vassallos: feliz condiçaõ dos Principes, que por excellencias taõ grandes souberaõ attrahir os coraçõens, e as vontades. Os dous Augustos successores Marco Aurelio, e Lucio Vero, lhe fizeraõ o panegyrico funebre, movendo á repitiçaõ das lagrymas, a eloquencia dos Oradores, e a memoria do defunto. Depois teve a gloria de ser escrita a sua vida, pelo Emperador Gordiano, no célebre Poema intitulado *Antoninades*, dividido em trinta livros, que o tempo, ou descuido perdeo, ou fatalmente o segredo esconde, em alguma das Bibliothecas do Mundo. Finalmente os mesmos Santos Padres nas suas obras, fizeraõ deste Emperador, naõ vulgares elogios; porque ainda que Gentio, teve as virtudes moraes no grão mais sublime, para se lhe gravar o feu nome, nos coraçõens dos vassallos, e no templo da Immortalidade.

Aurelio Vitor *cap. 15. Julio Capitulino in Antonino Pio in Antonin. Spartian in Aurel. Laprod. na sua Hist. Eusebio Cesariens. Hist. Eccles. liv. 4. cap. 14. S. Agostinh. liv. 2. de adult. Conjug. cap. 8. Baron. Annal. Eccles. ad an. 161. Pagi Critic. in Annal. Baron. ad an. 161. n. 2. Birag. Nomismat. Imper. pag. 205. Angeloni Hist. August. p. 166. Coeffateau Hist. Roman. liv. 11. pag. 577. Glandorpio Onomast. Roman. col. 147. Burgklehner Thesaur. Hist. de Imper. Roman. pag. 89. Garibai Compend. Hist. de Espan. tom. 1. liv. 7. cap. 16. Marian. de Reb. Hispan. lib. 4. cap. 9. Gardebotc. Hist. Eccl. tom. 2. p. 4. Panvin. in lib. 2. Fastorum p. 229. Lotichio Hist. Aug. p. 31. Brito Monarc. Lust. tom. 2. liv. 2. cap. 10. Natal Alexand. Hist. Eccles. tom. 1. secul. 2. cap. 5. Mexia Hist. Imper. e Cesar. p. 113. Cuspinian. de Cesarib. & Imperat. Roman. p. 46. Ferrer. Hist. de Espan. tom. 2. ann. 161. Tilemont. Histoire des Emper. tom. 2. Emp. Antonin. articul. 12. p. 339.*







## 2. III.

Europa.

Anno

199.

Emperad.  
Septimio  
Severo.

**T**riunfantes as legioens Romanas, pela conquista de Ctesiphon, magestosa Corte do Rey dos Partos, onde a licença da victoria executou barbaridades indignas da policia, e disciplina dos soldados Romanos, depois de ser entregue ao saque toda a opulencia daquella famosa Cidade; os mesmos soldados no campo em obsequio, e por influxo do Emperador Severo declaráraõ a seu filho Caracala, compaheiro da Soberania, e Cesar a seu irmão Geta. Era este Principe nas qualidades do animo, e na gentileza do aspecto muy diverso de Caracala: este cruel, vingativo, e ambicioso; e Geta benigno, affavel, e misericordioso; assim lhe foy confirmado pelo Senado de Roma, o titulo de Cesar com aquelles festivos applausos, que louvando as virtudes do seu animo déraõ novos motivos para depois de Emperador, ser victima da crueldade de Caracala, que nos braços de sua Mãy o privou da vida: mas que piedade teria hum coração, que intentou executar o mesmo com seu Pay, que lhe déra o ser, e fizera socio no Imperio do Mundo!

*Geta confirmado  
Cesar pelo  
Senado  
Romano.*

*Spartiano na Vid. de Severo cap. 14. Herodiano na Hist. liv. 3. cap. 9. Baron. Annal. Eccles. tom. 2. no ann. 197. Pagi Critic. nos Annaes tom. 1. ao ann. 198. n. 6. e ao anno 208. n. 3. Tillimont. Hist. des Emper. tom. 3. em severo articul 24. Birag. Nomismat. Imperator. p. 298. Angeloni Hist. August. p. 260.*

## 2. IV.

Europa.

Anno

1373.

Rey Dom  
Fernando.

**A** fatal inconstancia del Rey D. Fernando, com que rompia os tratados mais solemnes, que celebrava, lhe trouxe a elle não pouca injuria, e ao nosso Reino lastimosos estragos. Havia-se concordado nas ultimas pazes com Castella o desposarse com a Infanta Dona Leonor, filha do seu Rey Henrique IV. estipulando este Principe, o dar importantes dominios a Portugal. Não podia haver matrimonio mais util á nossa Coroa; a esposa filha de hum Rey vizinho, e poderoso; e o dote o demayor conveniencia para o Estado, pois se dilatava com Villas, e Cidades. Succedeo porém

*Infeliz  
sucesso no  
Castello de  
Lisboa.*



rêm, que vendo o nosso Rey a D. Leonor Telles, illustre Senhora, casada, e sua vassalla, de modo se attrahio da sua formosura, que rompeo nos desacertos, de não observar as pazes, casando em Castella, e perder a grandeza do precioso dote, mas a de se receber com quem era casada: lastimosos effeitos do amor indiscreto, e raro precipicio de hum appetite desordenado! Este delatino quiz desculpar com ElRey de Castella, que prudente aceitou a escusa, não sentindo a perda de ter por genro hum Principe tão vario. Pudera o nosso Reino lamentar sómente o casamento delRey, celebrado com tanto escandalo, ou irrisão da Europa; mas o mesmo Soberano, que assim abatêra a Magestade, lhe deo novos motivos, para serem as suas terras theatro da mais injusta guerra, de que se fez author indesculpavel. Vierão ao porto de Lisboa muitos navios de Biscaya, e Guipuztoa carregados de generos, para o commercio, e mercancia; e sem mais causa, que sua ambição, os soprendeo debaixo do sagrado da paz, que havia nos dous Reinos. Este insulto, com que se offendeo o direito das gentes, quiz remediar a prudencia do Rey de Castella, mandando por huma embaixada revindicar as náos, e fazendas dos seus vassallos: moderação propria de hum Principe grande. Desprezou-se a missãõ pacifica em modo, que entendeo o Rey Castelhana ser preciso, que as armas vingassem tantas injurias. Entrou em Portugal, e como trazia com suas tropas o auxilio da sua justiça, e o descuido em que estavaõ as nossas fronteiras, com rapida torrente foy ganhando Villas, e Lugares, até render a Cidade de Viseu. Daqui não offendendo Coimbra, por estar nella a Rainha D. Leonor Telles, chegou a vêr Santarem, onde pudêra haver huma batalha, se ElRey D. Fernando sahisse dos seus muros, a pelejar com hum Principe, que fizera inimigo, e justificado nesta guerra. Assim o valor pudêra remit as desordens antecedentes; mas por falta do proprio esforço, ou cobardia dos Concelheiros, que lhe persuadirão o soffrer, que desafiado não pelesasse, não sahio ao campo; e ElRey de Castella victorioso sem batalha, caminhou a Lisboa, que repentinamente invadida, servio de grande parte ao incendio, em que perecêraõ Freguezias inteiras, e a famosa rua nova, que foy reduzida a cinzas. Restava a ultima, ou semelhante desgraça no mar, e porto da Cidade: entrou pelo rio Tejo,  
com

Anno  
1499.Rey Dom  
Manoel.



com doze galés o General Castelhana Ambrosio Bocanegra, e devendo o nosso Almirante Lançarote Pessanha, com a sua armada pelear no mesmo porto, e vingar na acção de huma batalha os danos, que se padeciaõ na terra, com infame cobardia deixou de combater, e impedio ao Capitão Foffin o hir atacar os inimigos. Esta fraqueza, que pareceo castigo, dobrou o animo dos nossos contrarios, e assim neste dia se avançaraõ a render as nossas náos, e restaurar as suas, que prezas deraõ principio á guerra. Pouco se pelejou, porque os defensores haviaõ perdido o animo, faltando no seu General; e com pouca perda ficáraõ as suas náos livres, e as nossas embarcaçoens, despojo dos Castelhanos; e o naõ fóraõ tambem quatro galés, porque á força de remos fugiraõ do commum estrago, em taõ desgraçado dia; mas assim succede, quando as armas se empunhaõ sem justiça, e os Generaes naõ saõ dignos dos postos, que se lhes encarregãõ!

Duarte Nunes de Leaõ *Chron. del Rey D. Fernand. fol. 204.* Faria e Sousa *Europ. Portug. tom. 2. Part. 2. cap. 5. n. 38.* Garibai *Compend. Hist. de Espan. liv. 34. cap. 35.* Ferrer. *Hist. de Espan. tom. 8. ann. 1373. n. 3.*

## 2. V.

Anno

1499.

Rey Dom  
Manoel.

**J**urado, e reconhecido por immediato successor ás Co-  
roas de Castella, e Aragaõ, o Principe D. Miguel, e es-  
tando ja em Portugal, ordenou o grande Rey D. Manoel  
seu Pay, e concordaraõ todos os Prelados, Senhores, e  
Procuradores dos povos do Reino, que neste dia em Lis-  
boa, no Convento de Saõ Domingos, celebrassem o acto de  
Juramento, e obediencia ao mesmo Principe. Todos os Por-  
tuguezes obedecêraõ á vontade do seu Rey, acclamando o  
novo Principe, seu futuro Rey, e Senhor, com tantas ex-  
pressoens de obediencia, e alvoroço, que nellas mostra-  
vaõ o zêlo da sua fidelidade. Esta demonstraçaõ heroica do  
nosso rendimento premiou aquelle grande Monarca em no-  
me de seu filho, declarando, que se os Reinos de Portugal, e  
Castella se unissem, sempre Portugal se governaria nos Tribu-  
naes de Justiça, e Fazenda por Portuguezes, os quaes seriaõ  
tambem os que governassem as Praças de Africa, e tivessem  
as Alcaidarias daquellas Fortalezas, ficando o nosso Reino  
na

Europa.

Jurament.  
do Princi-  
pe D. Mi-  
guel em  
successor  
de Portug.



na obediencia dos seus naturaes. A esta promessa deo El Rey a força, e vigor da Ley, e com ella ficou o Reino mais livre, e o Rey mais amado de seus vassallos; pois viaõ, que todo o seu cuidado attendia á independencia dos subditos, e á gloria desta Coroa.

Goes *Chron. del Rey D. Man. Part. 1. cap. 34.* Faria *Europ. Portug. tom. 2. Part. 45. cap. 1. §. 28.* Neufuille *Hist. Gen. de Portug. tom. 2. pag. 30.* Osorio *de rebus Emman. liv. 1. p. 21.* Zurita *Annal. de Aragon. tom. 5. liv. 3. cap. 33.*

## §. VI.

Anno

1517.

Rey Dom  
Manoel.

**D**Epois do parto do Infante D. Antonio, se seguirão taõ continuadas molestias á Rainha Dona Maria, que esgotada a Medicina, sem que os seus professores achassem remedio a hum apostema, que se lhe gérra nas entranhas, com sentimento de seus vassallos, veyo a morrer na Cidade de Lisboa, nos Paços da Ribeira de 35 annos de idade, e 10 de Rainha. O seu Real corpo, com a magestade devida a huma tal Princeza, se enterrou no Mosteiro da Madre de Deos, e passados alguns annos, foy trasladado para Bellem, onde descançaõ estas Reaes cinzas em hum soberbo Mausoléo, que lhe fabricou o animo sempre grande del Rey seu marido. Eoy a Rainha Dona Maria filha dos Reys Catholicos, D. Fernando, e Dona Isabel, e casada com El Rey D. Manoel. Os filhos, que nascêraõ deste Augusto matrimonio, fôraõ o Principe D. Joaõ, que succedeo no Reino; a Infanta Dona Isabel, que foy Imperatriz de Alemanha; a Infanta Dona Beatriz, Duqueza de Saboya; D. Luiz, que morreo sem casar; o Infante D. Fernando; o Infante D. Afonso, Cardial do Titulo de Saõ Bras; o Infante D. Henrique Cardial, e Rey de Portugal, na falta de seu sobrinho, El Rey D. Sebastiaõ; o Infante D. Duarte; e o Infante D. Antonio, sendo esta numerosa successão, com que encheo o Reino de felicidade, hum dos mayores elogios, com que se póde engrandecer, e louvar esta Rainha. A sua formolura, junta com a modestia, e magestade atrahia reverentes aos seus vassallos. As suas virtudes fôraõ mais, que de huma Princeza secular; orando, e despendendo com liberalidade Real muitas esmólas, com que amparou orfãs, e remediou

Europa.

Morte da  
Rainha  
D. Maria.Anno  
1517.Rey Dom  
Sebastiaõ.  
Vice-Rey  
da India  
D. Luiz  
da Ataide.

ra  
de  
trin  
de  
sub  
tos  
mc  
va  
a d  
da  
pe  
ill  
qu  
ra  
M



todas as necessidades dos pobres de seu Reino. Grande argumento he de sua piedosa grandeza a fundação do Convento das Berlengas de Eremitas de S. Jeronymo, em cuja fábrica lemos o heroico da piedade desta Rainha, sendo este edificio a historia mais verdadeira de suas virtudes; pois durará ainda mais as memorias nestes sagrados marmores, do que nos escritos mais eloquentes.

Mariz dos Reys de Portug. Dialog. 4. cap. 21. Neufuil. Hist. Gen. de Portug. tom. 2. p. 495. Oforio de rebus Emman. lib. 11. Brito Elog. dos Reys de Portug. p. 82. Maugin Abreg. de la Hist. de Portug. p. 242. Leão Geneal. dos Reys de Portug. fol. 74. Goes Chron. del Rey D. Man. Part. 4. cap. 19. Faria Europ. Portug. tom. 2. Part. 4. cap. 1. §. 81. Ochoa Carolea fol. 93. verf.

## §. VII.

Anno

Asia.

1571.

Rey Dom  
Sebastião.  
Vice-Rey  
da India  
D. Luiz  
de Ataíde.

**A** Rrazadas as fortificações de Chaúl á violência da bateria dos Cassapos, que em 24 dias lançáraõ sobre a Praça 6000 ballas, vendo o nosso Capitão-mór as calamidades, a que se hia reduzindo aquella Cidade, e o pouco terreno, que ja se occupava, para com obras novas nos repararmos de tão furiosa tempestade de fogo, mandou dar hum repentino assalto em humas estancias, de que recebiamos mayor damno, por estarem a tiro de pistóla das muralhas. Sahíraõ 200 resolutos Portuguezes, capitaneados por Alexandre de Sousa, e Agostinho Nunes, e remetendo com a primeira trincheira, acháraõ os Mouros, huns dormindo, e outros descuidados na segurança do lugar, e da hora; deraõ nelles subitamente, fazendo em pouco espaço estrago grande: muitos pegaraõ das armas, mas servio para dilatar mais a sua morte. Arrazada esta trincheira, não parou nella a nossa invação; escalámos outra trincheira; porêm os Mouros, que a defendiaõ, ou ensinados do primeiro assalto, ou incitados da valentia natural, por serem Turcos, Persas, e Abexins, pelejáraõ alentadamente. Neste dia se viraõ acçoens, que illustrariaõ a muitos seculos. Houve Portuguez, que com quatro feridas se defendeo de 15 inimigos, e a todos desbaratou, ficando vivo, mas bem falto de sangue. Tambem os Mouros obráraõ com singular animo; porque hum atravessou

Tom. II.

- M

sado



fado com huma lança, ainda ferio com tres settas outros tantos Portuguezes; outro, que encurralado, e defangrado de muitas feridas, fazia rosto a hum grande numero de soldados nossos. Finalmente obrando-se de ambas as partes proezas, e façanhas grandes, depois de algumas horas de combate, se recolhêraõ os nossos á Cidade, deixando as trincheiras desbaratadas, os presidios degolados, e trazendo ricos, e gloriosos despojos de muitas, e preciosas armas, naõ perdendo nesta gloriosa facção mais, que 50 feridos, sendo os mortos do inimigo 400, todos soldados de nome, e de valor.

Pereira *Vid. de D. Luiz de Ataide liv. 2. cap. 35.* Faria *Asia Portug. tom. 2. Part. 3. cap. 10. §. 3.* Couto *Decad. 8. liv. 1. cap. 38.* Martines *Compend. de las Hist. de la Ind. p. 282.* Mariz *dos Reys de Portug. Dialog. 5. cap. 4.* Barbud. *Emprez. Milit. de Lusit. fol. 251.*

## 2. VIII.

Anno

1589.

Asia.

**S**endo taõ grande a victoria, que tivemos em Mombaça desbaratando aos Turcos, e ganhando-lhes o Forte da terra, e as quatro galés, que tinhaõ no mar, nada moveo ao obstinado Rey de Mombaça, para se render ás nossas armas; mas sempre rebelde, e caviloso com huma embaixada deteve a nossa indignação, pedindo-nos pazes, e prometendo nova obediencia ao Estado, só a fim de dissimular, e ganhar tempo. Porém o Capitão-mór Thomé de Sousa, conhecendo a rebeldia do Barbaro, saltou, e 500 Portuguezes em terra, e naõ achando soldados, a que vencer, voltou a furia da guerra contra a Cidade, e abrazando os edificios, desmantelando os Mouros, arrafando o Forte de Turcos, e talando os campos, deixou a Mombaça, naõ Cidade, mas huma funesta imagem do estrago, e da vingança. Vendo o nosso Capitão, que naõ tinha mais inimigos de quem triunfar, e achando-se com mais de 300 cativos, com que honrar o seu triunfo (entrando neste numero o General dos Turcos, Mir Alibet, hum filho, e hum irmão do Rey de Gulife, e os principaes Cavalheiros de Mombaça, que antes quizeraõ perder as liberdades, sendo nossos escravos, do que as vidas, sendo mantimento dos Zimbas barbaros, de quem fugiraõ

Rey Dom  
Filippe I.  
Governador da India  
Manoel de Sousa  
Coutinho.

Conquista  
de Mombaça.



giraõ para a nossa armada) navegou a destruir a Cidade de Lamo, e a castigar o seu Rey, que se tinha sublevado contra os Portuguezes em favor dos Turcos, esquecendo-se dos favores, que havia recebido do Estado, contra os seus inimigos, como barbaro, e como infiel.

Santos *Etiop. Orient. Part. 1. liv. 5. cap. 9.* Faria *Asia Portug. tom. 3. Part. 2. cap. 8. §. 12.* Girard. *Diar. Part. 1. pag. 202. num. 18.* Jarric. *Theaur. rerum Ind. tom. 2. liv. 1. cap. 13.*

## 2. IX.

Anno

Asia.

1600.

**H**ia-se apertando o sitio, que os nossos, e o Camorim tinhaõ posto á Fortaleza, e Povoação de Cunhale, e querendo o invencivel André Furtado de Mendoça concluir com a guerra, de cujo fim dependia a segurança do Ma-labar, ordenou hum assalto para ganhar a Povoação, e dis-pondo os esquadroens, para que a invasaõ fosse geral, achou ao Camorim froxo para se arriscar no assalto, ou ja, que temesse as nossas victorias, ou que lhe embotasse o ouro de Cunhale as armas; porêm o grande Furtado, estimando a em-preza pelo seu animo, e naõ pela sua difficuldade, marchou a montar os muros, que defendiaõ a Povoação, sendo elle o primeiro, que deo honrado exemplo aos seus soldados, subindo antes que todos, e travando huma muito aspera briga, em que sahiraõ desbaratados os Mouros, correndo a salvarse aos baluartes, e guaritas, que defendêraõ em quanto os nossos os naõ feriraõ; porque o mesmo foy veremse sangrados do nosso ferro, que desampararem aquellas fortificaçoens, de quem temiaõ todos os Naires do Camorim. Com tal desaccordo fugiraõ, que ao entrar na sua Fortaleza se abrazaraõ muitos na polvora, que estava na porta, a que cegamente pozeraõ o fogo. O Camorim, quando vio a nossa resolução, naõ quiz perder o meyo de tanta honra, e ganhou hum baluarte, em que se aquartelou com os seus Naires. A Povoação foy conquistada com fortuna correspondente ao valor, com que foy investida. O grande André Furtado sobre os mesmos muros dos inimigos, levantou baterias novas, com que arruinou os baluartes da Fortaleza de Cunhale, reduzindo a este tyranno ao estado, que elle merecia, e nunca

Tom. II.

Mii

temêra



temêra, fazendo o valor do nosso grande General, que se viu abatida a soberba, e orgulho, com que desprezava as nossas armas, e não temia as nossas victorias.

Pietre do Jurric. *Hist. des Ind. Orient. liv. 6. cap. 3.* Couto *Decad. 12. liv. 4. cap. 6.* Faria *Asia Portug. tom. 3. Part. 2. cap. 3. §. 19.* Barbud. *Emprez. Milit. de Lusit. fol. 309. vers.* Mariz *dos Reys de Portug. Supplement. aos Dialog. cap. 2.* Martin. *Comp. de las Hist. de la Ind. p. 354.*

Anno

§. X.

Asia.

1614.

Rey Dom  
Filippe  
III. Vice  
Rey da In-  
dia D. Je-  
ronymo de  
Azevedo.

**E**Ntramos a escrever huma acção dos Portuguezes, que *Grande* encheo a todo o Oriente de admiração, e que serve de *batalha* irrefragavel argumento para se ver, como as nossas armas *naval con-* foraõ servidas de hum valor inexplicavel, e amparadas da *tra 500* poderosa maõ do Altissimo. Cercavaõ os soldados do Rei- *navios.* no de Vua a Cidade de Tenacarim, e procuravaõ escalar os seus muros, cincoenta mil homens em terra, e huma armada de quinhentos navios por mar, quando chegou áquelle porto Christovaõ Rebêllo, com quatro galeotas, quarenta Portuguezes, e setenta escravos, e vendo o aperto da Cidade, e os terriveis estragos, que se seguiriaõ, se a ganhassem aquelles barbaros, se resolveo a investir a armada, e a pelejar de modo, que conseguisse a victoria, ou perdesse a vida. Era a differença de poder a poder, a que vay de 500 navios a quatro galeotas; mas o Capitaõ, em quem o desejo de adquirir gloria, era igual ao mesmo perigo, a que se arrojava, quiz imitar, ou exceder as façanhas do grande Duarte Pacheco, quando com poucos soldados comettia a formidaveis exercitos. Preparou as suas embarcaçoens, e logo confiado no Author das victorias, remeteo contra a armada dos barbaros. Elles que estavaõ soberbos, e orgulhosos, com a grandeza de seu poder, e com as victorias, que tinhaõ alcançado em diversas Provincias, recebêraõ os nossos com desprezo; mas vendo que pelejavamos com diferente valor, do que os inimigos, a quem elles tinhaõ desbaratado, começáraõ a resistir aos nossos, como a gente, que lhes ameaçava hum fatal destroço. Jogaraõ a sua artilharia, e brevemente se vio o ar coberto de fumo, o mar cheyo de sangue, e tudo quanto viaõ os olhos, e percebiaõ os ouvidos era horror



horror, confusão, e estrago. Neste tempo huma balla dos inimigos fez em pedaços huma Imagem de Christo Crucificado, que era o Sagrado Estandarte da nossa armada, e vendo hum soldado a offensa executada, contra a Imagem do Redemptor, acclamou a victoria, certo de que o Senhor havia de vingar a sua injuria na ruina, e destruição dos inimigos. Succedeo assim, porque de tal modo se animárao os Portuguezes, para tomar satisfação dos barbaros, que bem parecia pelejavao com forças mais que humanas, e que ja defendiao mais alta, e nobre causa, do que a do Estado. Em breve tempo rompêrao aos inimigos, desparelhando a tantos navios, quantos fôrao os que se lhes oppozerao, cortando o nosso ferro a todos, que lhe resistirao. Finalmente fôrao vencidos os Mouros, e fugio toda aquella grande armada, depois de deixar muitos navios abrazados, e perder o melhor de dous mil soldados mortos, naõ tendo conta os feridos. Os nossos naõ recebêrao damno: successo, que verificou ser verdade o soccorrernos visivelmente a Senhora, e Protectora deste Reino, MARIA Santissima, como depois testificárao muitos, que se achárao na força do conflicto. O nosso Capitão, Christovão Rebello, obrou de modo, que naõ ficou devendo alguma cousa ao valor, e resolução dos mais insignes Generaes, que acclama o Mundo; e soube generosamente adquirir mais excellente nome pela espada, do que perdêra por alguns crimes, que lhe fizerao largar a Cidade de Cochim. Todos os mais soldados pelejarao com tal animo, e bizarría, que satisfizerao as obrigaçoens de Portuguezes.

Faria *Asia Portug. tom.3. Part.3. cap. 3. §. 1.*

Anno  
1623.

§. XI.

Africa.

Rey Dom  
Filippe  
III.

**E**Nnobrecendo-se Evora, por ser antiga Corte do famoso Sertorio, ainda mais se illustrou na posteridade, com a excellencia de ser Patria do grande Luiz Mendes de Vasconcellos, claro por nascimento, e mayor pelas acçoens da sua vida, que lhe merecêrao, ser Gram-Mestre da esclarecida, e Militar Ordem de São João em Malta. Fôrao seus Pais, Francisco Mendes de Vasconcellos, e Dona Isabel Paes de Oliveira, de nobreza taõ conhecida, que seus Ascendentes

Morte do  
Gram-  
Mestre  
Luiz Mendes de Vasconcellos.



cendentes sempre tiverão no Palacio dos Reys, e nos cargos da República, particular distincção, como prémio devido á sua qualidade. Ainda que nos primeiros annos se applicou ás Letras, em que mostrou engenho penetrante, e frutos copiosos de erudição; como seu animo, por genio, ou para seguir o exemplo dos seus mayores, se inclinava a seguir as Armas, depois que foy admittido áquella Ordem religiosa, que no sangue derramado dos inimigos de Christo, tem o morgado da sua honra, deixando os Pays, e delicias da casa, se embarcou a buscar nos combates os mayores timbres de seu credito. No mar a fortuna o levou a encontrar-se com D. Joaõ de Austria, que sendo filho natural do Imperador Carlos V. seu raro valor o legitimára pela imitação daquella Heróe. Tanto se lisonjeou este generoso Principe do seu talento, que levando na sua armada muitos Fidalgos, e Capitaens Espanhoes, o elegeo para ir a Malta, dar parte da desgraça, que perdêra a Golleta, conquista celebre de seu victorioso Pay; e cheyo daquellas honras, que sabem distribuir os Principes, como fez este melhor Marte da sua Idade, se recolheo a servir na mesma Ilha, as obrigaçoens da sua Ordem, em que professou com applauso, como se ja vaticinaraõ os seus Cavalheiros a grandeza, a que havia sublimarse. Fôraõ os preludios da sua vida militar as *Caravanas*, em que por seis campanhas se embarcou com successos prosperos, e distinctas acçoens, para credito da Ordem, e ruina dos seus inimigos. Dous annos governou Capitaõ a galé, Esperança, com felicidade, que lhe deo particular nome em toda a Ordem, e notavel destroço nas embarcaçoens Ottomanas, sendo mais célebre o combate de Chaca, em que por vinte e oito feridas verteo o seu illustre, e valoroso sangue. Depois exercendo diversos lugares, passou a ser Recebedor das Comendas, que tem a Religião em Portugal, e mostrou nas contas, que deo, serem as suas mãos taõ limpas na administração da fazenda, como eraõ valorosas, no exercicio da guerra. Com varias expedicoens militares, a que fez prosperas, com a prudencia, e sangue proprio, que derramou, subio ao grande posto de General das galés, com que a sua Religião, limpando os máes de piratas, se coroa de palmas, e triunfos nos successivos combates em ruina dos sequazes da infidelidade. Taõ grandes serviços lhe déraõ as muitas, e

grossas



grossas Comendas de Montouto, Elvas, de Villa-Cova, Rossos, Trozos, e Algozo, e teria as de Santarem, e Pontével, se com raro exemplo de generosa amizade, as não largasse a seu natural, e companheiro, Antonio Pereira de Lima: acção tão grande, que mais servio para se admirar, que para a vermos imitada. Teve o Baylliado de Aere, e rejeitou o de Aquila, que lhe offerencia o Pontifice Paulo V. não o querendo aceitar no obsequio dos Cavalleiros mais antigos da sua Ordem. Nem só com a espada se fez hum dos primeiros Heróes do seu tempo; porque nas embaixadas a Roma, e Pariz, mostrou ser digno dos applausos, e admiraçoens daquellas duas primeiras Cortes do Mundo. Temeo aquella florentissima Religião as consequencias infautas das pertençaens do Duque de Nuers, para se lhe tirarem muitas Comendas: idéa, a que authorisava o podêr de França, e consentia a authoridade Pontificia; e para evitar o ameaçado perigo, o elegêraõ Ministro, e respondeo o successo á expectação. Fallou com Luiz XIII. que entãõ governava aquella florentissima Coroa, e penetrado este Monarca, por suas virtudes chamado o *Justo*, da energia, efficacia, e agrado com que expoz a justiça da sua Religião, não só o accomodou no seu Palacio, mas lhe differio benignamente, como procurava; e para testemunho da estimação do Embaixador, lhe deo a reliquia de hum dente do melhor Filho de Lisboa, que hoje se conserva em huma casa Illustre de Portugal. Tãõ feliz despacho o levou com o mesmo caracter a Roma, e neste centro da politica, não só obteve, o que pertendia; mas foy respeitado, como hum dos mayores Ministros do seu tempo, merecendo, que nelle se renovassem as memorias, de ser igualmente Cesar nos gabinetes com a penna, que nas campanhas com a espada. Finalmente morrendo o Gram-Mestre Vinhacourt, foy eleito no fausto dia 17 de Setembro, successor, com geral acclamação dos votos, e applauso de toda a sua Religião. Receberia Malta os beneficios, que lhe prometiaõ as qualidades do seu valor, e generosidade, se lhe durasse a vida; mas confirmando, o que seu Antecessor dispozera, e fazendo alguns edificios, que se distinguem pelas suas armas, aos seis mezes de Gram-Mestre, e quasi oitenta annos de idade, coroado de merecimentos, obedeceo ao decreto de mortal. Foy tãõ sentida a sua morte com lagrymas,  
como



como fôra solemnizada a sua eleição, com festas: o cadaver, contra a sua humildade, se recolheo em magestoso sepulcro na Igreja Conventual de São João, na Cidade de Valeta, religioso deposito das cinzas de seus Predecessores; e as laudades do seu nome occupáraõ todas as Provincias da Christandade, a que chegava a sua fama. Em numero, foy o quinquagesimo quarto Mestre da Ordem; e se vivêra no governo, fôra taõ grande, como os mayores, que teve esta esclarecida Religiaõ. Foy de gentil, e grave presença, corpo bem feito, estatura proporcionada, e teve natural difcriçaõ, fallando com agrado, sem abatimento, em modo, que unia o jocosõ, sem perder o respeito. Severamente amou a justiça, compadeceo-se da pobreza, e resplandeceo na piedade, como se vê das suas ultimas disposiçoens, em que mostrou o zêlo de perpetuar os suffragios da sua alma, e o culto Sagrado da Religiaõ Christãa, de que fôra animoso defensor, e piissimo Amplificador.

Pereira de Lima *Acciones de la vida del Gran Maestro Fr. Luiz Mendes de Vasconcel. Fonseca Evor. Glorios. 2. 276. e 277. Vertet. Histoir. des Chavaliers de Malte tom. 4. liv. 14. p. 133. S. Catharina Memorias da Milit. Ord. de S. João Cathal. dos Mestres p. 78. e 79. Guadalaxara Histor. Pontifical tom. 5. liv. 11. cap. 7.*

Anno

1704.

Rey Dom  
Pedro II.

2. XII.

Europa.

**A**S apparentes razoens, e fantasticas promessas dos Aliados contra França, e contra Espanha, tiveraõ o desejado effeito de persuadirem ao Senhor Rey D. Pedro, naõ só a mover suas armas, contra as duas Coroas, mas a consentir, que pelas nossas Fronteiras se introduzisse em Castella o Archiduque, ja acclamado Rey, em Vienna de Austria, com o nome de Carlos III. Segurava o Almirante D. João Thomaz, que entraria por Espanha, aquelle adorado idolo dos Principes contrarios de França, tanto sem perigo, que o mesmo seria apparecer aos Castelhanos, que receber de todos huma repentina obediencia, e ser privado Filippe V. do Throno, que lhe déra o sangue, a nomeaçãõ de seu Tio Carlos II., e o juramento de todos os Reinos de Espanha; mas o tempo, e o sangue derramado mostrou o contrario,

com

Chega a  
Lisboa o  
Archidu-  
que Carlos,  
depois Em-  
perador de  
Alemanha.



com tanto estrago das nossas Provincias, e dos nossos exercitos! Como a grande Corte de Lisboa era o lugar destinado, para desembarcar o Principe Austriaco, e os soccorros de Inglaterra, e Hollanda, ordenou o nosso Rey, se fabricasse huma sumptuosa ponte, que tendo principio sobre as agoas do Tejo, chegasse ao torreaõ do Palacio da Ribeira chamado o *Forte*. Sem dũvida, que nesta obra se vio a magnificencia do seu animo, e a grandeza do seu coração! Sobre o rio se levantava hum magestoso pórtico, fundado sobre muitas columnas, a que adornavaõ estatuas, emprezas, e outros primores da architectura, com varias inscripçoens allusivas ao tempo, e ás felicidades do pertendente, e á Coroa do Monarca, que o recebia. De igual magestade era o pórtico, que estava na entrada do Forte; e como estes dous edificios eraõ guarnecidos de talhas douradas, e diversas invençoens de pinturas differentes, serviaõ de huma soberba, e agradavel atracção da vista, e naõ menos de testemunho do podêr, de quem os mandára fabricar. Pelos dous lados da ponte, que tinha muy dilatado o seu diametro, se prolongava huma ballaustrada de pedras fingidas, que serviaõ ao reparo, e á pompa de huma taõ nova funcção, como se esperava em Portugal. Chegou este dia a poderosa armada, em que se conduzia o esperado Rey, e com elle quasi nove mil soldados. Era seu General, e Almirante o Cavalleiro Jorge Rook, que governava no mar; e na terra o Duque de Schomberg, e o Mestre de Campo General Fagel: a este obedeciaõ os Hollandezes, e áquelle os Inglezes. Deu fundo este grande podêr naval defronte de Pedrouços, e depois de ser recebido com tres salvas de todos os Fortes da barra, a que respondeo a armada, com o mesmo obsequio militar. Chegou logo o Conde de Villa-Verde, depois Marquez de Anjeja, Vêdor da Fazenda dos armazens Reaes, a offercer todos os aprestos, de que necessitasse a armada, e cumprimentou a Carlos, que o recebeu na Camara da sua nãõ, com agrado, e magestade. Ao mesmo tempo, ordenou log o o nosso Rey, que o Marquez de Marialva, que servia de Mordomo-mór, visitasse em seu nome ao mesmo Principe; e o Duque de Cadaval fez este obsequio da parte da Rainha Viuva de Inglaterra, a Senhora Dona Catharina, do Principe, e dos Infantes; e ambos recebêraõ paticulares favores do



Regio hóspede, sendo mayores as demonstraçoens da estimação, com que o mesmo Senhor tratou ao Duque de Cadaval. Como o nosso Rey havia de hir buscar a este mesmo Principe á não, em que estava embarcado, subio esta, e toda a armada, e ancorou defronte do Palacio da Corte Real, habitação do nosso Monarca; e todos os Fontes da marinha a salvarão com huma estrondosa descarga da sua artilharia. Desembarcou então o Principe de Lichtensten, Ayo, e Mordomo-mór de Carlos, para visitar o nosso Rey, e dar os pezames da morte da Infanta Dona Thereza, e elle o recebeu com aquella benevolencia, que permite a Magestade unida com o amor; porque lhe fallou, e o recebeu só na sua Camara, e de pé, favor especial, que merecia a qualidade do Principe, e o Senhor, a quem representava. Toda a nossa Corte vestia de luto, pela morte daquella Princeza, e para demonstração de alegria pública, ordenou El Rey, que se mitigasse no obsequio do Augusto hospede, o funebre adorno da Nobreza, que havia de assistir ao desembarque. Logo chegando a hora, em que se devia buscar ao novo Principe, sahio o nosso Monarca do Palacio, e se embarcou no bergantim Real, que todo era dourado, com toldo de véla encarnada, e vinte e quatro remeiros com fardas de grã cõr de fogo, guarnecidas de galloens de prata. Trajava El Rey casaca de veludo cõr de prata, a véstia, e calçoens eraõ de seda cõr de fogo, no chapeo brilhava sentilho, e botaõ de diamantes, assim como as fivélas dos çapatos, e sobre o peito, lhe pendia o habito de Christo, tambem de preciosissimos diamantes; e como era de semblante magestoso, e de estatura mais que ordinaria, na sua pessoa dava a conhecer a Soberania do lugar de Monarca. No mesmo bergantim se embarcáraõ aquellos Officiaes da Casa, e Concelheiros de Estado, que destinou a sua providencia, e os outros Cavalheiros tomáraõ diferentes escaleres, a que por autoridade da occasião governavaõ Capitaens de mar, e guerra, e Tenentes da armada Real. Deixando a terra, navegou o bergantim para a Capitânia Inglesa, que era a Real Catharina, e nesse tempo se colheo o estandarte, em que se viaõ bordadas de fino ouro as Quinas de Portugal; o que tambem se fez na Capitânia ao estandarte de Inglaterra. Veyo o Real hospede receber ao nosso Rey, ao portaló da não, e abraçando-se



se com ternura, fôraõ para a Camara, e sentados em cadeiras, tendo o melhor lugar a delRey de Portugal, que este depois cedeo, logo que o Principe Austriaco entrou no bergantim, assim como se praticou em todas as funcçoens, em quanto esteve neste Reino de Portugal. Ao desembarcar na soberba ponte, que guarnecia de hum, e outro lado a guarda dos Archeiros, o vieraõ cumprimentar o Principe, e os Infantes D. Francisco, e D. Antonio, que os recebeo, com aquelle affecto, que pedia o parentesco, e a soberana qualidade de taes Senhores; e ao mesmo tempo, a Infantaria que estava formada no Terreiro do Paço, e guarnecia as trincheiras, de Xabregas até o Forte de Alcantara, salvou com descargas de arcabuzeria, e a artilharia dos Fortes, fazendo hum estrondo militar, e festivo. Da ponte subiraõ ao Palacio, e na Tribuna da Capella Real, que estava preciosamente adornada, assistiraõ de joelhos ao Hymno Eucaristico do *Te Deum Laudamus*, que foy cantado pela sua Musica, com armonica, e suave melodia. Gratificado o Altissimo, conduzio o nosso Rey, Principe, e Infantes o Soberano hospede ao seu quarto, que se lhe preparára no Palacio do Terreiro do Paço, com a pompa, e ornato, que dava a conhecer a opulencia do nosso Estado; e toda a Familia dos seus mais illustres criados, e officiaes da sua Casa, huns se aposentaraõ no mesmo Palacio, outros em diversas partes da Cidade; mas tudo guarnecido com tapeçarias, e diversos ornatos, luzindo nesta hospitalidade huma geral profusaõ, e grandeza. Nesta mesma noite se lhe deo cêa pública, em que tendo a mão direita, comêo com o nosso Monarca, Principe, e Infante D. Francisco, assistindo os nossos Grandes cobertos, e descobertos os de Alemanha, por ser este o ceremonial das duas Cortes. Servio-se á mesa com a delicada magnificencia, que introduzio o luxo na variedade das iguarias, sendo ministradas pelos Officiaes da Casa Portugueza, ao mesmo tempo, que os finos com repiques, os edificios com luminarias, e as Torres, e Fortalezas com salvas, davaõ a conhecer o applauso, com que era recebido hum Senhor, que se esperava fosse Rey de Espanha, com tantas conveniencias de Portugal. Esta demonstraçãõ alegre, e obsequiosa, se continuou por tres noites successivas, em taõ populosa Cidade. No seguinte dia, acompanhado dos Officiaes



da Casa, e Nobreza, o visitou o nosso Rey, e sahio aquelle Principe a recebello na terceira casa, e a introduzillo na sua Camara, fechando elle mesmo a porta. Ao Principe, só veyo receber á segunda casa, e o entreteve na sua mesma Camara, mas sem porta fechada: invençoens, que introduzio a politica das Cortes no culto das Magestades da terra. Passados alguns dias, lhe offereceo o nosso Rey, doze formosissimos cavallos, com arreyos, e ferraduras de prata, e cobertos com telizes, e mantas de veludo, preciosissimamente bordadas tambem de prata, dando-lhe o recado da parte do seu Soberano, o Conde de Vianna Estribeiro-mór. Em nome do Principe offereceo de presente ao mesmo Senhor, o Duque de Cadaval, hum rico espadim de ouro, guarnecido com muitos diamantes, e da parte do Infante D. Francisco, duas pistólas, com guarniçoens de ouro, e diamantes; do Senhor D. Antonio, hum bastaõ, cravado com muitos diamantes; e do Senhor D. Manoel, muitas luvas, e dices de ambar, regallos que levavaõ quatro moços da Camara em baixellas de ouro. Tanto estimou o Augusto hospede estes presentes, que tirando o seu espadim, cingio o que lhe mandára o nosso Principe, e em lugar do seu bastaõ, se servio do que mandára o Senhor D. Antonio; e disse ao Duque a estimaçaõ, que fazia do precioso regallo, com que se via cumprimentado, por seus Serenissimos Primos. Certamente, que nunca Portugal mostrou mayor grandeza, nem o Principe Austriaco teve semelhante recebimento em Hollanda, ou Inglaterra, sendo taõ empenhadas estas Potencias na sua exaltaçaõ ao Throno de Espanha! Deteve-se Carlos mais de hum anno neste Reino, e sempre foy assistido, e a sua Familia, com tal profusaõ, que passava o gasto de cem mil cruzados cada mez; e porque significáraõ ao Senhor Rey D. Pedro, que estava sem assistencia de dinheiro, gratuitamente lhe mandou entregar cem mil patacas: acçaõ, que sem dũvida coroou a muitas de generosidade, e magnificencia, com que entaõ fez respeitado o seu nome, entre os mayores Principes do seu tempo. Depois foy o Senhor Rey D. Pedro cumprimentado, pelo Almirante de Inglaterra, Generaes Duque de Schomberg, e Fagel, e por todos os Cavalheiros, que serviaõ a Carlos, e recebêraõ da sua benignidade favores publicos, e regallos preciosos, sahindo todos da sua presença taõ obrigados,



dos, como agradecidos. Desembarcáraõ as tropas Estrangeiras, e se continuaraõ com mayor fervor os aprestos para a campanha, a que deraõ fatal principio as armas Castellanas, entrando com hostilidades pelas Provincias do nosso Reino; e logo se conhecêraõ as falsas promessas, com que o Almirante de Castella, e outros desertores haviaõ facilitado huma invasaõ, que mostrou o tempo quam improsperas fôraõ as suas consequencias para Portugal; felices, e gloriosas para Philippe V., que finalmente pelos mesmos Aliados, foy depois de muitos annos de guerra, reconhecido no Throno de Espanha, por seu legitimo, e verdadeiro Monarca.

Franco *Synopsis Annalium Societat. Jesu in Lusitan. p.* 415. Belando *Histor. Civil de Espan. Part. 1. cap. 26.* Larriis *Hist. de France Sone le Regne de Loui 14. tom. 3. pag.* 588. Marques de S. Philippe *Comment. de la guerr. de Espan. liv. 5. pag.* 136. Keteler *Protheas histor. tom. 3. Decad. 5. p.* 168. Soufa *Hist. Gen. da Caf. Real Portug. tom. 7. liv. 7. cap. 5. p.* 524. Vanloen *Histoir. Metaliqen & Holland. tom. 4. p.* 406.

## VIII. DE MARÇO.

§. I.

Europa.

Anno

1473.

Rey Dom  
Affonso V

ENTRE os Varoens mais insignes, que produzio a Congregaçaõ dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho de Portugal, mereceo respeitada memoria o grande Prelado D. Alvaro Paes, que cheyo de merecimentos, falleceo Bispo de Evora, depois de ser Legado da Santa Igreja Romana. Naquella Sagrada palestra exercitou as virtudes, e aprendeo as letras para ser Religioso perfeito, e sábio em diversas faculdades, adquirindo a seu nome taõ pùblica fama, que do silencio dos Claustros, o chamou o Infante D. Pedro, entaõ Regente do Reino, para Mestre dos seus filhos, os Senhores D. Joaõ, e D. Jaime. Entrou no Palacio triunfando das suas lisonjas com o desprezo, e só procurou, que seus Discipulos fossem taõ virtuosos, como sábios, e a taõ zeloso agricultor,

Morte do  
Bispo de  
Evora D.  
Alvaro  
Paes.



agricultor, correspondêraõ taõ fazonados frutos de sciencia, e santa educaçaõ, que os tempos mostráraõ, fahir de sua escola taes Principes, que honrando os Fastos da Igreja, dêraõ immortal gloria a Portugal. Neste magisterio o buscou a Mitra do Algarve, para digno successor do Bispo D. Gonçalo II., e mostrou nas suas obras, em serviço da Religiaõ, e beneficio dos pobres, que sabia imitar a seu grande Pay nas virtudes Pastoraes. Mas como a Providencia o destinava para illustrar diferentes Emisferios, os successos fataes do nosso Reino, o leváraõ a distantes Provincias. Succedeo a lamentavel morte do Infante D. Pedro, que nos campos de Alfarrobeira, se fez innocente victima da enveja de seus inimigos, e da preocupação de seu sobrinho, El Rey D. Affonso V. que taõ fiel, e cuidadoso havia criado para ser perfeito Principe. Temêraõ os filhos daquelle desgraçado Principe, que a ira dos seus contrarios, abusando dos poucos annos del Rey, quizesse acabar com suas vidas, e buscáraõ no retiro, opportuno remedio ás suas calamidades. Refugiaraõ-se na Corte de sua Tia, a Senhora D. Isabel Duqueza de Borgonha, e Senhora de Flandres, e nesta peregrinaçaõ, fiel, e agradecido os acompanhou seu Mestre, desprezando generoso as conveniencias da sua Patria, e dignidade, para se mostrar verdadeiramente grato ao seu primeiro Bemfeitor. Na Corte daquelles Principes recebêraõ benigna protecçaõ os Senhores fugitivos, e o nosso Bispo, as acclamaçoens, que merecia a sua fidelidade: para beneficio dos sobrinhos, influencia a razaõ do sangue, e os motivos da desgraca; e para a honra do Mestre a fineza, com que os seguia na fortuna contraria. Era o Senhor D. Jaime taõ adornado em sciencia, como illustre nas virtudes, e assim o mandáraõ seus Tios para Roma, Corte, onde teria o premio de taõ altas qualidades; e como era inseparavel o Mestre de tal discipulo, o seguio com o mesmo affecto, com que sempre o acompanhara. Naquella primeira Cidade do Mundo, recebeu o Senhor D. Jaime nos braços do Pontifice, a estimaçaõ de o crear logo Cardeal da Igreja, e nomear Arcebispo de Lisboa, naõ tendo este Senhor a competente idade. Como ainda vertiaõ os seus olhos as lagrymas, que lhe produziaõ as memorias da tyranna morte de seu Pay, naõ veyo governar a sua Igreja, mandou a seu Mestre, como taõ sábio, e prudente,



dente, para a regentar. Era ja o seu nome tao' respeitado na Curia, que o Papa o declarou seu Legado a Laterem em Portugal, para trazer a Bulla da Cruzada, que pedia fervoroso para a guerra sagrada, o nosso Rey D. Affonso V. Este lugar exercitou com beneficio das partes, e respeito da Igreja, como se vio no diffidio, que pacificou no Porto entre o seu Bispo, e alguns Cidadãos nobres, que atrevidos offendêrao a jurisdicção Ecclesiastica, e respeito do seu Prelado; mas com sentimento público, não durarao na sua pessoa estas dignidades. Acabou-se a Legacia, e Nunciatura, morrendo o Papa; e suspendeo-se o governo do Arcebispado de Lisboa, voando para a gloria o Senhor D. Jaime, que nos primeiros annos, acabou nas aras da pureza, cruento sacrificio da castidade, querendo antes a sepultura, que manchar o candor desta Angelica virtude. Dispuzera no seu testamento o santo Principe, que na Cidade de Senna, em que deixára a vida caduca, se erigisse huma Capella aos Santos Jaime, Vicente, e Estachio, legado, que havia executar seu Mestre, como tao' fiel no serviço da sua piedade, e logo passou, deixando Lisboa, a Italia. Edificou-se a Capella com tanta magnificencia, que nella se vê hum padrao da grandeza, e Religiao, para gloria do mesmo Real fundador, e zelo de seu Mestre, que na mesma Capella em soberbo mausoleo, recolheo com suas proprias mãos o santo cadaver, daquella candidissima flor da virgindade, gravando-lhe humas elegantes inscripções, para memoria do culto dos Santos Martyres, e do mesmo Senhor D. Jaime, que o podia contar com elles laureado, por morrer no obsequio de huma virtude, em que tambem se fez glorioso Martyr. Desempenhada a ultima vontade do Santo Principe, e Cardeal, se restituiu a Portugal, tao' cheyo de fama no Mundo, como estimacão do nosso Rey, que para desempenho da sua beneficencia, o nomeou Bispo de Evora, com applauso dos mesmos, que podiao aspirar a esta opulenta Dignidade. Como era o mesmo Prelado, que na do Algarve obrára com tanto zelo, e caridade, se fez em Evora digno de amor, e respeito dos Grandes, e das aclamações dos pobres; e cheyo de annos, e merecimentos, pagou neste dia o tributo de mortal, depois de receber os Sacramentos com piedade, e fervor, indicios de que a sua morte seria a introducção de huma gloriosa vida, que tem por espaços a Eternidade.

D. Nico-



D. Nicol. de S. Maria *Chron. dos Cóneg. de S. Agost.* tom. 2. liv. 11. cap. 24. *Fonsec. Evor. Glorioj. Evor. Pontif. num. 515. e 516.* *Cunha Cath. dos Bisp. do Porto Part. 2. cap. 30.* *Catalogo dos Bisp. do Alg. pag. 12.* *Carvalho Corog. de Portug. tom. 2. trat.*

Anno  
1520.

2. II.

Africa.

Rey Dom  
Manoel.

COM soberba de valorosos, e orgulho de coffarios, se-nhoreavaõ com suas fustas os mares de Ceuta, Gibraltar, e Larache, dous irmãos naturaes de Tetuaõ, tendo commettido no espaço de quatro annos, as hostilidades, de que os nossos mercadores recebiaõ damno, e injuria as nossas armas. Governava Ceuta Gomes da Silva de Vasconcellos; e como no seu animo ardia aquelle generoso fogo, de não soffrer qualquer defacato dos Mouros, contra o respeito daquella Praça, ordenou a seus filhos, Miguel da Silva, e André de Vasconcellos, que em dous bergantins fossem a castigar no mar, e agoas de Almedina a insolencia daquelles barbaros, por ser a paragem, em que sempre cruzavaõ. Foy o primeiro em commeter, Miguel da Silva, assim porque o mandava seu valoroso Pay, como porque o inflamava o desejo de ferir os inimigos; e com este animo, o mesmo foy vêr huma fusta, que vogar para a render. Eraõ os Mouros soldados praticos na guerra, e sendo afferrados, e cometidos, não só resistiraõ, mas alguns saltaraõ no bergantim, fazendo recolher debaixo da coberta, aos que se esqueceraõ do brio de Portuguezes. Este desfarranjo, e fraqueza não atemorizou ao generoso mancebo, para que não lançasse do bergantim aos Mouros bem descalavrados, e logo não fosse de voga arrancada sobre a sua fusta, que aferrando, se travou huma sanguinolenta pejeja, sustentada por todos com valor, e pertinacia. Eraõ os Mouros muitos em numero, e em quanto huns se defendiaõ dos nossos, os outros entráraõ no bergantim com tal furor, e fortuna, que matáraõ o Patraõ, seu filho, e sobrinho, e gravemente feriraõ a Pedro Vieira. Ao perigo acodio o intrépido Miguel da Silva, e arremecendo huma lança traspassou o Capitaõ da fusta, que logo cahio morto no mesmo lugar, em que valorosamente pelejara. Fez segundo tiro com outra lança, que levando impulso de rayo, livrou

Combate  
naval em  
Ceuta.

livrou  
naõ ap  
o succ  
Pedro  
dia a g  
para te  
respon  
a fusta  
outros  
no filh  
pidos  
ceo pa  
naque

Africa

Anno  
1525.

Rey Dom  
Filip. IV.

Q  
ter p  
tuna  
em J  
inimi  
o succ  
tugu  
o cre  
esta  
a dar  
migo  
confl  
come  
ao fer  
queri  
conv  
com  
to, l  
succe  
va a



livrou o bergantim; mas era ja o perigo tão grande, que a não apparecer o outro com seu irmão, podéra ser lamentavel o successo deste dia. Então como tão pratico lhe aconselhou Pedro Vieira, que estando com as tripas na mão, não perdia a grandeza do seu valor, que vogasse para o mar, e dali para terra, para cativar os Mouros. Ao acerto do conselho, respondeo a felicidade da victoria; porque veyo dar á costa a fusta, e morrendo alguns dos seus defensores afogados, os outros salvou o Capitão da Praça, que neste combate vio no filho o valor, que podia ser exemplar aos mais intrépidos soldados. Este conflicto foy tão celebrado, que mereceo particular fama a D. Miguel da Silva, e distincto nome naquella Idade.

Goes Chron. del Rey D. Man. Part. 4. cap. 46. Faria Africa Portug. cap. 7. n. 172.

2. III.

Asia.

Anno 1625. **Q**uerendo o General Ruy Freire de Andrade deixar ao estreito da Persia em paz segura, e aos Portuguezes respeitados de todos aquelles barbaros, depois de ter pelejado com tão conhecido valor, e não desigual fortuna, contra as armadas de Hollanda, e de Inglaterra, como em Janeiro, e Fevereiro contámos, se resolveo a buscar aos inimigos terceira vez, e darlhes batalha, certo de que seria o successo, como os antecedentes; pois eraõ os mesmos Portuguezes, e soldados, que nos outros conflictos sustentaraõ o credito da Patria com tanto valor, e constancia. Tomada esta resolução, navegou, e o grande Nuno Alvares Botelho, a dar a batalha, que tanto desejava; mas ainda que os inimigos apparecêraõ com quatorze náos grossas, temêraõ o conflicto, e não quizerãõ vir ás mãos com os nossos; porêm como o cuidado, e vigilancia dos Generaes, era semelhante ao seu valor, entendendo, que os Inglezes, e Holandezes se queraõ retirar no escuro da noite, e que mais attentos á conveniencia, do que á reputação, nos privavaõ da victoria, com a sua fugida, navegaraõ logo a pôr-se na boca do Estreito, lugar, que de força haviaõ de buscar os inimigos. Assim succedeo, e como já entãõ a mesma necessidade os obrigava a pelear, vendo que os esperavaõ os nossos com a mayor

Tom. II.

O

resolu-

Batalha  
naval con-  
tra Ingle-  
zes, e Hol-  
landezes.

Rey Dom  
Filip. IV.

Africa

Combate  
naval em  
Ceuta



resoluçãõ, começáraõ a batalha com todo o valor, e disciplina, aproveitando-se do barlavento, e de toda a destreza militar, para resistirem á grande força, com que os combatiamos. Os Generaes Ruy Freire de Andrade, e Nuno Alvares Botelho se houveraõ de modo, que naõ faltando ás obrigaçõens de capitaens, merecêraõ o nome, e a fama dos mais intrépidos soldados; porque pelo seu braço recebêraõ muitos inimigos a morte, e todos a ruina, e destroço de sua armada. Finalmente como elles naõ sustentavaõ a batalha mais, que para buscarem hum meyo honrado, com que se salvassem da nossa ira, e do seu estrago, chegando a noite, e vendo que em todas as náos havia mais soldados mortos, e feridos, do que sãos, e capazes de pelear, e que o General de Inglaterra fôra morto de huma balla, antes que de todo se perdessem, e as suas náos honrassem como despojos a nossa victoria, apagaraõ os faroes, e com injuria, e descredito grande de suas armas, fugiraõ depois de perderem tantos, e taõ valerosos companheiros, que passaraõ de trezentos, os que morrerãõ no fervor do conflicto, além de quatrocentos feridos, que salvarãõ. Os nossos alcançaraõ gloriosissima victoria á vista da Persia, Provincia que respeitava aos Inglezes, e Holandezes por grandes soldados, e vendo agora o como os desbaratãmos, começaraõ a fazer do nosso valor, e disciplina differente, e muito mais honrado conceito, do que até aquelle tempo faziaõ. O preço porque comprãmos esta gloria naõ foy taõ excessivo, que nos tirasse a grande alegria, com que todos ficaraõ desta militar prosperidade, restaurando a opiniaõ do nosso esforço ja perdido, para com os Persas, e Arabios, e deixãmos as Praças, que nos obedeciaõ naquellas Regioens seguras, e defendidas com a fama deste triunfo.

Faria *Asia Portug.* tom. 3. part. 4. cap. 2. §. 3. *Comentar. de Ruy Freire liv. 2. cap. 47.* Queirós *Vid. do Irm. Basto liv. 3. cap. 7.*



2. IV.

America:

Anno

1647.

Rey Dom  
João IV.

OS gróffos foccorros de Hollanda, que chegaram ao Recife, restaurarã o animo, com que nossos inimigos pelevavaõ sem esperanças da victoria. Era o instrumento do seu estrago, e da nossa liberdade o grande João Fernandes Vieira, que na repetição dos combates se coroava de novos louros, e os Portuguezes de repetidas victorias. Sigismundo Vanestophi, supremo General da República em Pernambuco, observava, que sendo a guerra dilatada se cortiaõ os nossos no trabalho, e com o tempo se faziaõ mais disciplinados, e quasi invenciveis, e determinou empregar as suas forças em tal empresa, que na sua felicidade, achasse Hollanda o mayor triumpho, Portugal no Brasil a ultima ruina. Vio, que em hum corpo, degolando-se a cabeça, ficava tronco; e como a Cidade de S. Salvador na Bahia, era a Capital do Estado, resolveo empregar na sua conquista as melhores tropas, e toda a sua armada, pois ganhada, acabaria tambem a guerra. Era aquella Praça o escandalo de toda a República, pela desgraça, em que no sitio, que lhe puzera o Conde de Nafau, sahio com o exercito destrozado, o credito perdido; que o sangue de seus melhores soldados fôra a tinta, com que escrevemos huma taõ grande felicidade. Para que não houvesse agora semelhante desgraça, e para que o Leão de Hollanda não ficasse despedaçado pela Serpente Lusitana, cauto, e prevenido, encobrio o seu designio, mandando com muitas náos grossas ao Sargento-mór Andreffon, soccorrer os que no Rio de S. Francisco pelejavaõ contra a nossa liberdade. Depois sahio do Recife, dando a entender navegava por aquella parte, sem dar a conhecer, que todo o apparatus de tantas armas se encaminhava a render a Bahia. Unido com Andreffon navegou direito a este porto, objecto das suas militares, e politicas idéas. De repente appareceo aos seus moradores, dando com a vista de quarenta e quatro baixes, temerosa ostentação do seu grande poder. Tremolavaõ as flamulas, e bandeiras, ouviaõ-se os instrumentos belicos, e os tiros de toda a sua artilharia, que retumbando em terra, contra o seu intento, mais animavaõ, que enfraqueciaõ os animos dos seus defensores, desejando todos chegar a braços com inimigos,

Infeliz  
combate cõ  
os Hollan-  
dezes.



migos, que não seriaõ mais felices, que os destroçados no anno de 1639. Bem o conheceo Sigismundo, e ainda que trazia quatro mil homens veteranos, para atacar a Cidade, não quiz saltar no seu continente, e desembarcou na Ilha de Taparica, tres legoas distante, mas fronteiras á mesma Cidade. Naquella Ilha levantou hum Forte, e nas eminencias, de que podia ser dominado, formou reductos com tal correspondencia da sua artilharia, que se fazia superior aos perigos de qualquer assalto. Estendeo toda a armada pela Bahia, para que não entrassem naquella Cidade as embarçaõens, que a forneciaõ de mantimentos, e com as suas lanchas penetrou o reconcavo, assolando engenhos, e fazendo tantas hostilidades, que gemêraõ os moradores com os estragos deste genero de guerra. Governava o nosso Estado naquelle tempo, Antonio Telles da Silva, Fidalgo da primeira qualidade no Reino, mas de espirito mais arrebatado, que prudente; e não podendo soffrer o atrevimento dos inimigos, determinou com maõ armada defalojallos de Taparica, arriscando as melhores tropas da guarniçaõ da Cidade. Era temeraria esta acçaõ; e assim chamando os Mestres de Campo, e Officiaes Mayores, lhes propoz a ruina de tantos moradores, a injuria daquella Cidade, e seu perigo de se render sem honra, se não fosse a nossa espada, a que salvasse o credito, e a consternaçaõ dos que lhe obedeciaõ; e que determinava assaltar o Forte de Taparica á escalla; pois se o ganhasse, acclamariamos a victoria, se nos destroçassem dávamos fim á guerra, como victimas do brio, e com gloria na mesma desgraça. Oppozeraõ-se a esta imprudente, e mais que temeraria resoluçaõ, os Mestres de Campo, Francisco Rebêllo, Joaõ de Araujo, Theodosio Estrate, e o Sargento-mór, Ascensio da Silva, mostrando, que sem instrumentos, para sitio formal, e por assalto, querer ganhar o Forte, e reductos a peito descoberto, mais era desesperaçãõ, que valor; que as regras da milicia, mais persuadiaõ a defender a Cidade, que a invadir Taparica: que tambem o não pelejar, era muitas vezes causa de se conseguir o vencer: que na constancia, e paciencia se triunfava com segurança: que os Hollandezes faltos de mantimentos, largariaõ a empreza, deixando-nos sem risco nosso, huma victoria sem sangue, e que se não devia esperar bom successo de huma temeridade. Ouvio Antonio Telles com desprezo, o que



o que devia seguir com juizo; e colérico olhando para o Rebéllo, disse: que não fossem ao assalto, os que tivessem os corações possuidos da vil paixão do temor: que se havia escallar o Forte; porque se o ganhasssem, a gloria seria de todos, se nos destruisssem, sobre elle ficaria a consequencia de se perder a Cidade. Era Francisco Rebéllo o mais valoroso soldado, que se conhecia no Brasil, e parecendo-lhe, que o discurso do Governador se dirigia contra elle, ja desconfiado, escolheo mil e duzentos Infantes da guarnição, e tomando as embarcações, que se acharão, passou a Taparica, a dar hum assalto, em que ja obrava a temeridade, e não a disciplina. No escuro silencio da noite passou á Ilha, e ainda que logo os Hollandezes sentiraõ o desembarque, se avançou a escallar o Forte com valor, que degenerava em desesperação. Começou logo a fazer fogo a artilharia do mesmo Forte, e reductos, sendo tantas as ballas, que feriaõ aos nossos, que o sangue, e as mortes mostravaõ o nosso estrago. Mandava a todos o invencivel Francisco Rebéllo, e como se a evidencia do perigo augmentasse o esforço do seu coração, dando aos seus soldados exemplo, para não temer, e só pelear, por entre rios de fogo, e sangue continuavaõ o infeliz assalto. Tudo era estrondo, e furor, causando o escuro da noite, que se augmentava com o fumo dos canhoens, e musquetaria, novo horror; não pelejavaõ os Portuguezes, com esperanza da victoria, mas só para se vingar da mesma desgraça, em que sem utilidade pereciaõ; e assim com desprezo das feridas, e sem terror da morte de tantos companheiros, que viaõ cahir traspassados, continuavaõ na invasão. Os Hollandezes cobertos de suas trincheiras, e favorecidos da sua artilharia resistiaõ animosos: os nossos por toda a parte, expostos aos seus golpes, não afroxavaõ do primeiro impeto, e querendo acabar a guerra se mostravaõ insensíveis, em não temer a evidencia do estrago: parece que em todos estavaõ distribuidas as nobres paixões do impavido coração do grande Francisco Rebéllo; e assim como victimas se offerenciaõ ao inutil sacrificio das suas vidas. Sem dúvida, que se pudera conseguir o triumpho, se vivesse aquelle intrépido Capitão; mas traspassado de huma balla cahio morto, e com a falta da sua vida, que animava a todos, também cahiraõ os corações dos soldados; e desenganando-se, que depois de quinhentos  
para

Anno  
1680.  
Rev. Don.  
Alonso  
VI.



para seiscentos mortos, o continuar a batalha, era perderse sem gloria, e utilidade, largárao o assalto, e se recolhêrao á Cidade a lamentar a perda de homem tão famoso, que levára á sepultura a imprudencia de hum Governador ignorante da guerra, e a delconfiança do seu proprio animo; pois sem esperança de vencer déra o assalto, só para mostrar, que no seu coração tudo era valor. Ficou ferido o Sargento-mór Ascensio da Silva, morto o Capitaõ Antonio Gonçalves Ticaõ, e outros muitos Officiaes deixárao ennobrecido o lugar do assalto, com o valoroso sangue, que derramaraõ naquela infauusta invasãõ. Depois do estrago conheceo o Governador, mas sem remedio, os erros da sua resoluçãõ; pois se os Holandezes, advertidos passassem a combater a Cidade, poderia ser mayor a desgraça, tendo-se perdido neste dia a flor da nossa Infantaria, com valor inutil, em facçãõ a mais desgraçada, que tiveraõ as nossas armas em toda a guerra do Brasil; porém a Divina providencia determinou, que os nossos inimigos não soubessem aproveitar huma victoria, que lhe déra a ignorancia, e a presumpçãõ.

Menezes Portug. Restaur. tom. 1. p. 643. Fr. Rafael de Jes. Castriot. Lusit. Part. 1. liv. 8. n. 28. e 29. Rocha Pita. Amer. Portug. liv. 5. n. 77. e segg. Fr. Gio Giosep. de S. Teref. De la guerra del Brasile Part. 2. lib. 5. pag. 131.

Anno

1660.

Rey Dom  
Affonso  
VI.

2. V.

Europa.

**E**Ntregue o governo do partido de Ribacoa ao Tenente General da Cavallaria, Manoel Freire de Andrade, *Conquista do Castello de Albergaria.* quiz este grande soldado merecer os applausos da fama, com os golpes da sua espada; e premeditando a conquista do Castello de Albergaria, Praça, que dominava largo paiz, e de que a Beira recebia damno grande, sahio em campo para executar esta empreza, com quatro mil Infantes, e quatrocentos e cincoenta cavallos, quatro peças de artilharia, três petardos, e avançando seu Irmaõ Francisco Freire de Andrade, com trezentos Infantes, e alguns cavallos, para com huma emboscada cortar a guarnição, se sahisse a defender o gado, que alguns soldados nossos haviaõ de rebanhar. Chegaraõ Francisco de Andrade, e os mais soldados, e debaixo da barbacam do Castello, tiraraõ o gado; mas a guarnição se prevenio



venio á defesa , inferindo da resoluçã dos nossos , haver maior podêr na campanha. Não se enganaraõ ; porque desconfiado Manoel Freire , de ganhar o Castello por industria , resolveo acabar a conquista por força. Cercou o seu exercito ao Castello , e levantada huma platafôrma , jogaraõ dous meyo canhoens , e hum morteiro contra as suas muralhas , por outra parte as outras duas peças laboraraõ , com effeito conhecido. Chovêraõ granadas , e instrumentos de fogo sobre os inimigos , e ja quando se preparavaõ os petardos para romperem as portas , ganharaõ os nossos a barbacam ; e acudindo o Governador da Praça a fazernos opposiçã , cahio morto de huma balla , acabando tambem ao mesmo tempo o animo dos seus soldados. Temêraõ a indignaçã do vencedor , e entregaraõ o Castello , onde com gloria das armas da Provincia da Beira entrou victorioso Manoel Freire de Andrade. Acharaõ se cinco peças de artilharia , e quantidade de muniçoens ; e considerada a sua fortaleza o deixou presidado com cento e vinte Infantes , retirando-se para as nossas Praças , sem mais perda , que a de dous soldados mortos ; e assim em dous dias de campanhã alcançou muitos seculos de fama.

Menezes Portug. Rest. tom. 2. part. 2. liv. 5. pag. 286.  
Fr. Agostin. de S. Maria Sanctuar. Marian. tom. 3. liv. 1. tit. 4.



## IX. DE MARÇO.

Anno

1192.

Rey Dom  
Sancho I.

§. I.

Europa.

**O** INFANTE D. Raymundo foy filho delRey D. Sancho I., e da Rainha Dona Dulce. A sua vida não foy tão dilatada, como desejavaõ seus vassallos; pois como Príncipe Portuguez teria a fortuna dos Pays, a santidade dos irmãos, e a gloria de todos.

*Monarch. Lusit. tom. 4. liv. 12. cap. 21. Faria Europ. Portug. tom. 2. Part. 1. cap. 6. §. 32. Maugin Abreg. de l'Hist. de Portug. pag. 71. Mend. Silva Cathal. Real de Espan. fol. 228.*

Anno

1201.

Rey Dom  
Sancho I.

§. II.

Europa.

**S**E ElRey D. Sancho I. como Capitaõ esforçado não largava a espada, para destroçar aos Mouros; tambem como Príncipe prudente reedificava as Cidades, e Villas, que o estrago da guerra tinha destruido, conhecendo não ser menor grandeza para hum Rey os edificios, do que as conquistas. Monte-mór tinha dado muita gloria a Portugal, com ser entrado á força de armas por ElRey D. Affonso I. mas tambem igual mágoa, e dôr, quando a destruiu Miramolim, sendo taõ feróz a íra, com que a combateo, que nem pelas ruinas se conhecia a sua antiga magestade, deixando-a arrazada, e consumida de todo. Por muitos annos esteve esta Villa sem povoação, até o glorioso tempo daquelle Monarca, que taõ magnifico, como pródigo levantou neste dia o Castello, para aquella Idade fortissimo, e a cuja sombra se restaurou das antigas ruinas huma nova, e taõ illustre Villa, que em nostros dias passa de mil e duzentos vizinhos a sua Povoação, sendo huma das principaes da Provincia do Alem-Tejo. Religiosamente se adorna com os dous Conventos da Ordem dos Prégadores, sendo hum de homens, e outro de mulheres, que ligadas no rigor das Constituições Dominicanas florecem em summa Religiaõ. Tem

outro



outro Mosteiro de Religiosos Menores, e o de São João de Deos, illustre, e maravilhoso filho da mesma Villa, e a quem os seus moradores offerecem multiplicados cultos, venerando a Casa em que nasceo, como berço de hum homem, a quem a Graça constituhio Fundador daquella Ordem, só dedicada para o beneficio dos proximos nas enfermidades, e de que o mesmo Santo se fez victima nos sacrificios da caridade. Os seus mesmos Religiosos administraõ o grande Hospital da Villa, fiando-se do seu zêlo, como filhos de tal Pay, a cuidadosa assistencia dos enfermos, de que trataõ nas doenças, e preparaõ para morrerem, como christãos. A'lém destes edificios Sagrados, tem Monte-mór Casa da Misericordia, e diversas Ermidas, em que sempre com sacrificios, e obras Sagradas se louva ao Creador. Finalmente se ennobrece esta Villa, com hum Palacio magnifico dos Marquezes de Gouvêa, que saõ tambem seus Alcaides-móres, com Juiz de Fóra, e todos aquelles Officiaes, que sustentaaõ a quietaaõ do pôvo, e administraõ a Justiça ás partes; e goza muy distincto lugar nas Cortes do Reino: justo premio dos muitos servicos, que em diferentes seculos tem feito a esta Coroa.

*Monarch. Lusit. tom. 4. liv. 12. cap. 28. Duart. Nunes Descripç. de Portug. fol. 37. e 61. O mesmo Chron. de D. Sanchinho I. fol. 57. Garibai Comp. de la Hist. de Espan. liv. 34. cap. 16. Mariz dos Reys de Portug. Dialog. 2. cap. 9. Mend. Silv. Poblac. Gener. de Espan. fol. 134. Carvalho Chorog. Portug. tom. 2. liv. 2. trat. 1. cap. 2. Cardol. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 105.*

Anno  
1268.

§. III.

Rey Dom  
Afonso  
III.

**C**oncedeo a Providencia a D. Egas Fafes, ser illustre por nascimento, e mais nobre pelas virtudes, em que resplandeceo como subdito, e Prelado. Nasceo grande Fidalgo; porque nasceo quinto filho de D. Fafes Godins, e de Dona Sancha Giraldes, sendo por linha masculina descendente de D. Fafes Luz, Alferes do Conde D. Henrique, tronco Augusto dos Monarcas Lusitanos. Taõ alta origem e as virtudes, que lhe déraõ em vida grande nome, e depois de morto distincto lugar, nas sagradas memorias do nosso

Europa.

Morte de  
Dom Egas  
Fafes Bis-  
po de Coim-  
bra, e Ar-  
cebispo de  
Còpohella.

Tom. II.

P

Reino,



Reino, o fizeram successor na Mitra de Coimbra do Bispo o Mestre Domingues, ou D. Domingos, por eleição dos Conegos daquela Cathedral. Exercitou esta dignidade, com exemplar vida, e reforma dos costumes das suas ovelhas, por muitos annos; e como tão insigne Pastor, assistio no anno de 1252 ao Bispo de Lisboa, D. Aires Vasques na Sagração da Igreja de Alcobaça, bem célebre nas memorias daquella Idade. Porém o zelo, com que defendia a sua jurisdicção, e a liberdade Ecclesiastica, o levou com outros Prelados a Viterbo, para que o Supremo Pontifice moderasse os insultos, com que era obrigada. Governava então a Igreja Universal, Clemente IV., que paternalmente defferio á justiça das suas preces, com amor de Pay, e autoridade de Superior; e para mais claro testemunho da estimação, que fizera do seu talento, e Religião, o promoveo á Sé de Compostella, Arcebispedo, que lhe durou o breve tempo de alguns mezes; pois recolhendo-se para esta sua nova Igreja, na Cidade de Mompelher rendeo o seu espirito ao Senhor, com morte preciosa. O seu corpo foy trasladado para a Sé de Coimbra (milagrosamente, como alguns escrevem) e se collocárao as suas respeitadas cinzas, junto ao altar de Santa Clara, que por sua devoção edificára, para culto da mesma Santa, novamente canonizada; e no mausoléo se lhe poz hum epitafio, em que de suas virtudes, e Prelazias, se perpetuou religiosa memoria.

Conde D. Pedro *Nobiliario titul.* 39. §. 1. *Leitaõ Cathalog. Chronol. dos Bisp. de Coimbr.* §. 35. *Gil Gonçalv. de Avila Theatr. Ecclesiast. tom. 1. cap. 12.* *Esperan. Chron. Seraf. tom. 1. liv. 5. cap. 40.* *Sousa Cathal. Hist. dos Pontific. pag. 137.* *Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. pag. 109. e 114.*

Anno

§. IV.

Europa.

1539.

**O** Feliz nascimento do Infante D. Antonio, filho del-Rey D. Joaõ III., e da Rainha Dona Catharina, deu novos motivos para a alegria pública. A magestade das festas, com que foy celebrado este nascimento na grande Cidade de Lisboa, he argumento do desejo, com que se esperava. Baptizou-se na Igreja do Hospital, que para isso se ornou de preciosas tapeçarias; foy levado á pia pelo Infante, D.

*Nascimẽto do Infante D. Antonio.*

Anno

1547.

Rey Dom

Joaõ III. ce

Governad. d

da India de

D. Este n

vã da N

Gama. ta

os

pa

te

g

n

d

le

q

d



D. Duarte, sendo Padrinhos, os Infantes Dom Luiz, e D. Henrique, e Madrinha a Infanta Dona Maria; foy baptizado pelo Cardeal Infante D. Affonso, e serviraõ de assistentes a este Sacramento, os Duques de Bragança, e de Aveiro. Foy este acto o mais illustre, que se vio em Portugal; porque a elle concorreraõ tantas pessoas Reaes, e todas Portuguezas. A esta grandeza, e magestade foraõ semelhantes as festas de jogos, e de touros, a que fez mais plausiveis o Infante D. Duarte, sahindo a campo com vinte Fidalgos, vestidos de preciosas, e engraçadas galas.

Andrad. *Chron. de D. Joaõ III. Part. 3. cap. 69.* Faria *Europ. Portug. tom. 2. Part. 4. cap. 2. §. 91. e no Epit. das Hist. Portug. Part. 3. cap. 16.* Mariz *dos Reys de Portug. Dialog. 5. cap. 3.* Barbud. *Emprez. Milit. de Lusit. fol. 232.* Maugin *Abreg. de bHist. de Portug. pag. 254.* Brito *Elog. dos Reys de Portug. p. 86.* Vasconc. *Anac. Reg. Lusit. p. 302. num. 32.* Caram. *Philip. Prud. pag. 73.* Garibay *Comp. Hist. de Espan. liv. 35. cap. 37.* Mend. *Silva Cathal. Real. fol. 233.*

2. V.

Asia.

Anno

1541.

**D**esenganado o Governador D. Estevaõ da Gama, de concluir com o Rey de Suaquem, algum tratado em beneficio, e gloria do Estado, e conhecendo as subtilezas, da Cidade de Suaquẽ na Arabia, com que o barbaro queria suspender a guerra, que temia, ordenou a D. Christovaõ da Gama seu irmaõ, para que levando quinhentos homens na vanguarda, e elle com outros quinhentos, marchassem a castigar os insultos daquelle Mouro. Naõ era ainda bem declarada a manhã, quando as trombêtas, tambores, e todos os instrumentos militares, rompiaõ os ares, incitando á batalha os Portuguezes, que ao mesmo passo ferindo nos inimigos, os hiaõ desbaratando. A's mortes, e ao estrondo das armas, acodio o Rey, e vendo a guerra pelo estrago dos seus, naõ lhes querendo ser companheiro na desgraça, assim como o fora na perfidia, encomendou a salvação da pessoa, e da Coroa, á ligeireza do cavallo, em que vinha montado. O mesmo fizeraõ os Turcos, que tambem foraõ cortados do nosso ferro com damno grande. Entrou o Governador triunfante no arrayal dos Mouros,

Tom. II.

P ii

em

Europa

Nascimto do Infante D. Antonio

del-deu fef. Ci- Antoni pera- e or- nte, D.



em que achou todo o recheio, que servio de premio ao valor dos soldados, e entregando ao fogo, o que desprezou a cobiça, fizeraõ com que seguisse a Cidade a calamidade do arrayal; porque desembarcando nella D. Christovaõ da Gama, como naõ achou inimigos com que pelejar, deu a escala franca aos soldados. Eraõ tantas as fazendas, de que estava rica a Cidade, que houve soldado, a quem importou o saque, quatro, e cinco mil cruzados, excedendo á riqueza a quantidade de mantimentos; pois além de se provèr toda a armada em abundancia, ainda a colera militar perdeo, e destruhio a muitos armazens. Naõ parou aqui a indignaçãõ dos vencedores; toda a Cidade ardeo, contumindo-se em breves horas a grandeza de tantos annos. Ficáraõ as suas muralhas arruinadas, por testemunhas da infidelidade dos moradores, cavilaçoens do seu Rey, e severidade do castigo, com que em breves horas destroçámos hum Principe, igualmente poderoso, e confiado.

Couto *Decad. 5. liv. 7. cap. 6.* San Roman *Hist. de la Ind. liv. 3. cap. 20.* Martines *Comp. de las Hist. de la Ind. liv. 4. cap. 5. pag. 229.* Barbud. *Emprez. Milit. de Lusitan. fol. 210.* Andrad. *Chron. de D. Joaõ III. Part. 3. cap. 77.* Mariz dos Reys de Portug. *Dialog. 5. cap. 1.* Faria *Asia Portug. tom. 2. Part. 1. cap. 3. 2. 7.* Maffeus *Hist. Ind. lib. 11. p. 223. lit. B.*

Anno  
1625.

Rey Dom  
Filippe  
III.

2. VI.

Europa.

NA vida, e na morte foy D. Jeronymo de Azevedo, Capitãõ General da Ilha de Ceilaõ, e Vice-Rey do Estado da India, se vio o mayor argumento da inconstancia das felicidades do Mundo, e desgraça dos mayores homens do seu tempo. O seu merecimento o levou a ser dos primeiros Capitaens da Asia, a sua riqueza a concitar a ira dos Ministros do Reino, chegando a padecer na honra, os mais indignos desprezos, e na sua pessoa, o acabar a vida, e ter sepultura por caridade alhêa, com escandaloso exemplo de seus parentes, que na miseria o desconhecêraõ. De seu Pay Dom Manoel de Azevedo, Cavalheiro dos mais illustres do Reino, recebeu o nobilissimo sangue, que tambem correo pelas vêas, e foy sacrificado no martyrio de seu irmaõ, o Padre

Morre do  
Vice-Rey  
da India,  
D. Jeronymo de  
Azevedo.



dre Ignacio de Azevedo. Como não era o morgado da sua casa, deixando a Patria, se embarcou para o Oriente, sem dũvida para fundar outra mais gloriosa, com o merecimento das suas proezas, de que fõraõ theatros os mares da India, e as Provincias do Norte, e Malabar. Tantas acçoens de valor, depois de muitos annos de guerra, o eleváraõ a General de Ceilaõ, em que por dezoito annos, mais foy restaurador, que defensor daquella preciosa Ilha, que por desordens, ou insolencias de alguns Portuguezes, se havia sublevado na mayor parte do seu continente. Em taõ largo espaço de tempo fõraõ incriveis os triunfos, mas tambem não desiguaes as tyrannias, com que sojeitou os seus pòvos, este impavido General. Não só fazia a guerra aos inimigos com a espada, e o fogo, mas com a politica á defuniaõ dos Portuguezes; no campo se metia nos conflictos, para vencer com as armas; nas Praças, com o soffrimento, e suavidade, para trazer unidos, e obedientes aos seus soldados, ficando em dũvida, se lhe era mais custoso o desbaratar os Chigalas rebeldes, se conservar os soldados insolentes. Conseguiu em fim, o reduzir a huma alegre obediencia a quasi todos, que achára rebelados: milagre da sua generosidade, com que soube distribuir os proprios thesouros, e do esforço, com que se arriscou sempre aos mais arriscados transes de huma taõ perigosa guerra. Soáraõ em Portugal as vozes, com que a fama applaudia suas victorias: triunfantes argumentos de ser o mais benemerito, para subir ao mayor lugar da India, e por disposição do Soberano, e voto dos melhores soldados da India, entrou a ser Vice-Rey daquelle grande Estado, no tempo, em que se via combatido por inimigos da Europa, e os antigos da Asia. No governo de tantas Provincias, mostrou providencia nos soccorros do Malabar, do Norte, de Ceilaõ (que amava, como theatro da sua gloria) de Malaca, e do Estreito, expedindo armadas, e Capitaens, que em diversos lugares déraõ repetidas victorias ao mesmo Estado; ainda que tambem com generoso soffrimento, sentio algumas desgraças, a que deu fatal occasiã, menos que o valor contrario, a desconfiança, e desordem de alguns Portuguezes. Foy espantosa a victoria, em que huma pequena armada nossa desbaratou a formidavel de quinhentos baixeis, e secenta mil homens, com que o tyranno Achem determinava conquif-

va-  
u a  
do  
Ga-  
ef-  
que  
tou  
eza  
da a  
, e  
gaõ  
em  
suas  
dos  
asti-  
pe,  
de la  
liv.  
fol.  
Ma-  
tug.  
23.

Euro  
Ca-  
Esta-  
das  
s do  
eiros  
linif-  
indi-  
epul-  
seus  
Dom  
Rei-  
pe-  
Pa-  
dre

Amo  
1627  
Res Do  
Filippo  
III



conquistar Malaca, e acabar com o nosso dominio nas Provincias do Sul, perecendo a nosso ferro não menos, que vinte mil inimigos, e perdendo-se innumeraveis navios, que ou naufragaraõ, ou foraõ reduzidos a cinzas. Com semelhante fortuna, continuaraõ as felicidades em Ceilaõ, e nas Provincias do Norte, contra os seus mayores inimigos, e ainda com mayor felicidade, se conseguira contra os Hollandezes, e Inglezes em Surrate, quando em pessoa os buscou o mesmo Vice-Rey, se incauto não seguira o voto, que dictou a inveja, ou inercia, dos que afastando a nossa armada do combate, depois o negaraõ, culpando a innocencia do mesmo Vice-Rey: desgraça, que lhe veyo a tirar o governo, e arruinar a opiniaõ, com que se havia colocado no templo da gloria, e da immortalidade. Como as infelicidades, mais do que ellas faõ, nas distancias pelas vozes se fazem mayores, sendo pintadas pelo odio, e aversaõ, e na Corte ja não podiaõ soffrer os inimigos, que homem illustre por armas, e riquissimo por fazenda, que sobera adquirir sem offensa da honra, e da limpeza do serviço Real, a não distribuissê pelos Ministros, que o podiaõ conservar, lhe deraõ por successor ao Conde de Redondo, D. Joaõ Coutinho. Na mesma não, em que viera o novo Vice-Rey, se embarcou para o Reino; e quando esperava não só o descanso, que pediaõ seus largos annos, e grandes serviços, mas os mayores despachos, chegando a este porto, lhe confiscaraõ a fazenda, e o conduziraõ preso ao Castello. Aqui soffreo as injurias, que não merecia a qualidade do seu sangue, e hum Varaõ, que restaurara da ultima ruina a Ilha de Ceilaõ, e que no seu governo, sem os precisos soccorros do Reino, conservára o Estado, sem perder algumas de suas Fortalezas. Foy acusado, e ultrajado nos Tribunaes, e sem conseguir alguma sentença, ou de castigo, ou de absolvição, veyo a padecer tanta miseria, que a não ser a gratidaõ da esclarecida Companhia de JESUS, perecera de fome; mas esta grande Religiaõ, lembrada de que era irmaõ do insigne martyr Ignacio de Azevedo, e dos muitos beneficios, que lhe fizera no tempo do seu governo da India, lhe assistio com o sustento na vida, e lhe deo sepultura na morte. Não pôde resistir a natureza deste Varaõ á carreira dos annos, e menos ás penalidades da prisão, e ferido dos golpes de se vêr sem credito, sem fazenda, e sem espe-



esperança de alivio, cedeo á morte, que neste dia o livrou do caduco, para entrar na Eternidade. Os mesmos Religiosos da Companhia, que lhe assistiraõ como generosos com o alimento, para se conservar vivo, collocaraõ o seu cadaver na sacristia da Casa professa de S. Roque, onde se conserva com tanta decencia, como explica a magestosa campa, em que se vê gravado hum epitafio, que dá a conhecer o lugar, em que descançaõ as cinzas daquelle grande, ainda que naõ venturoso Heróe. Foy D. Jeronymo de Azevedo, dos Governadores, e Vice-Reys o I. do nome; destes, em o numero o vigessimo segundo, e daquelles o quadragesimo segundo, tendo para taõ supremo lugar os merecimentos de ser hum dos mayores Capitães do seu tempo. Era de estatura mediana, grosso de corpo, côr morena, e genio sevêro, que declinava em cruel para os inimigos, a quem por diversos modos, sem batalha, ou conflicts, dava differentes generos de morte, com escandalo da mesma natureza; pois nem a delicadeza do sexo, ou a innocencia da idade, ficou isenta em Ceilaõ, de ser victima da sua colera, e vingança. Foy taõ rico dos bens da fortuna, que chegou a ter o valor de duzentos mil cruzados em aves, e fêras, que os Principes Orientaes conservaõ por estimaçaõ, e magestade: infra-se, quaes seriaõ os outros cabedaes, quando só para hum capricho, empregára somma taõ excessiva! Foy generoso, e magnifico; como soldado, foy valoroso; e prudente como Capitão; e tendo o mayor zêlo nos cinco annos, que governou, veyo a acabar sem honra, na injuria de huma prizaõ, desconhecido dos parentes, e só lembrado no ultimo desprezo, com os beneficios, e suffragios daquelle santissima Religiaõ!

Faria e Sousa *Asia Portug. tom. 3. Part. 3. cap. 14. n. 202*  
 Guerreir. *Glorios. Coroa dos esforç. pag. 333.* Cardeal Cien-  
 Fuegos *Vid. de S. Franc. de Borja liv. 5. cap. 11. 2. 8.* Queirós  
*Vida do Irm. Balto liv. 3. cap. 8.* Franco *Synopsis Annal. So-*  
*ciet. in Lusitan. ad ann. 1618.*



## X. DE MARÇO.

Anno  
1522.

2. I.

Asia.

**I**NFLAMAVA-SE o nobre espirito de D. Luiz de Menezes no desejo de fazer glorioso o seu nome, com obras tão illustres, como as que eternisáraõ os nomes dos primeiros Capitães da Asia; assim buscava occasioens, onde em perigos grandes se acreditasse a resolução do seu animo. Discorria pela India, neste tempo pelos mares da Arabia, com huma armada, e chegando ao porto da Cidade de Xael, lhe offereceo a fortuna huma grande victoria, porque lhe deo a conquista desta Cidade. Era ella forte por arte, e natureza. Constava de moradores, que enriqueciaõ a terra com grosso trato; mas obedeciaõ a hum Rey, que tendo as partes de tyranno offendia aos Principes confinantes, e agravara ao Estado, que não soffreo as injurias, sem lhe dar logo o castigo. Havia usurpado a fazenda de hum Portuguez, não queria restituilla com escandalo dos mesmos vassallos. Esta foy a causa, porque resolveo o nosso valoroso Capitaõ, escalar os muros, degolar os seus defensores, e fazer todo o estrago, que para emenda dos vizinhos, e respeito das nossas armas lhe dictasse o seu brio. A' resolução se seguiu o effeito; saltou em terra, acompanhado de quatrocentos soldados, e com agoa pelos peitos chegáraõ a desembarcar na praya, e logo remetteo aos Mouros, que em tropas acudiraõ a deter, ou embarçar a sua ruina. Fôraõ estes carregados, e vencidos, e não podendo resistir no campo, confusamente se retiraraõ para a Cidade; porêm os nossos, que não perdiaõ instante para a sua fortuna, os leváraõ ás cutiladas, e envoltos com elles entraraõ na Cidade, onde nem o amor dos filhos, e das mulheres, nem a perda das fazendas, os moveo a pelear, desamparando tudo para salvar as vidas, com estranho exemplo de temor. Saqueou-se a Cidade, e obráraõ-se aquelles destroços, e hostilidades, que dicta a ira dos vencedores, e padece a desgraça dos vencidos. D. Luiz, que no combate se portou com animo grande, vendo saqueada a Cidade, deu as ordens para

Conquista  
da Cidade  
de Xael.Anno  
1539.Rey Dom  
João III.  
Vice-Rey  
da India,  
D. Gar-  
cia de No-  
ronha.M  
nos  
An  
der  
ao  
dei  
nor  
a n  
ou  
gue  
de  
ex  
rel  
de  
da  
ra  
do  
do  
qu  
tra  
qu  
fer  
de  
riz  
en  
hu  
ac  
lif



para o embarque, e cheyo de gloria, e de fama se recolheo na armada, e disferio as vélas a tempo, que chegava o Rey com grossos esquadroens, para foccorrer os vassallos, ou para se vingar dos inimigos, de quem não pôde tomar satisfação, como desejava.

Barr. Decad. 3. liv. 7. cap. 9. Faria *Asia Portug. tom. 1. Part. 3. cap. 7. §. 9.* Castanhed. *Hist. da India liv. 6. cap. 23.* Martin. *Comp. de las Hist. de la Ind. liv. 4. cap. 1.*

§. II.

Anno

1539.

Rey Dom  
João III.  
Vice-Rey  
da India,  
D. Gar-  
cia de No-  
ronha.

Mortos, e desbaratados em tantos assaltos, os Turcos da armada de Soleimaõ Baxa, no espantoso cerco da nossa Fortaleza de Dio, que defendêra com immortal gloria, Antonio da Silveira, temeo aquelle cruel inimigo, que não demóra ficasse cruenta victima de nossa victoria, se esperasse ao Vice-Rey, e lhe dêsse a batalha. Para fugir ao conflicto, deixou os mares de Cambaya, e com tanto descredito do seu nome, como abatimento da soberba, com que emprendêra a nossa expugnação, chegou ao porto de Xael. Tímido, ou caviloso o senhor da terra, lhe entregou quarenta Portuguezes, que na segurança da paz negociavaõ naquella Cidade. Alegrou-se o Baxa com os novos cativos, determinando exercitar contra elles huma das mais infames acçoens, que referem as nossas Historias. Sahio de Xael, e tomando Zebid, destinou este lugar para theatro fatal da sua fereza, e crueldade. Cento e quarenta e seis eraõ os Portuguezes, que arrastando cadêas, remavaõ nos bancos das suas galês; a todos mandou desembarcar, e postos em ordem, a todos mandou cortar as cabeças, desafogando assim a ira contra os que não podiaõ pelejar, e satisfazendo a sua cobardia do estrago, e da injuria, que recebêra em Dio, em sombra tão pequena. Esta deshumanidade lhe não satisfez a vingança do seu fementido coração, passou a mais o seu cruel animo, pois ordenou, que a muitos cadaveres, se lhe cortassem as orelhas, e narizes, e aos de mais gentil figura, separou as cabeças, para que embalsamadas, e salgadas todas estas nobres partes do corpo humano, servissem de sanguinolento obsequio, que remeteo ao Gram-Turco, intentando com este mudo testemunho, a lisonja do Soberano, e a certeza do estrago, que obrára nos

Asia.

Morte de  
146 Por-  
tuguezes  
em Zebid.

Tom. II.

Q

mayo-



mayores inimigos da Casa Othomana. Depois com sua coturnada falsidade publicou, que o seu valor, e pericia militar, deixava com geral estrago, libertada a India da sujeição Portugueza; mas em Constantinopla se conheceo a sua fraqueza, e cavilação. Entrou logo na desgraça do Soberano, e em tão geral desprezo da sua fama, que cheyo de injuria, e desesperado, como instrumento da lua morte, por suas proprias mãos se privou da vida: justo castigo da sua infidelidade. Com escandalo, e horror das Naçoens do Oriente, se ouvio, que faltára á fé, e direito das gentes; pois segurando conservar as vidas, aos que se lhe rendêrao em Dio, no baluarte da Villa dos Rumes, quando empredeu a invasão daquella Fortaleza, agora mais que infiel, e barbaro os degolou em Zebid: vingança tão infame, que em todas as Idades, terá detestavel a sua memoria, pelo innocente sangue, que derramou neste dia.

Andrade *Chron. del Rey D. João III. Part. 3. cap. 66.*  
 Barr. *Decad. da Ind. tom. 4. liv. 10. cap. 18.* Faria *Asia Portug. tom. 1. Part. 4. cap. 10. n. 18.* Couto *Decad. da India tom. 5. liv. 5. cap. 4.*

## 2. III.

Asia.

Anno 1542. **N**Os limites do Reino de Cambaya pela parte, que confina com as terras do Nizamaluco, estão as duas Fortalezas de Sangaçã, e Carnalã. Estas com as revoluçoens daquelle Reino, por morte de Sultaõ Badür, deraõ nova occasiã para exercitarmos as armas contra o Nizamaluco. Ganhou este Principe, com mais fortuna, que valor, aquellas duas Fortalezas, aos Mouros, que as possuhiaõ; naõ tendo forças para restaurallas, imploraraõ o favor dos Portuguezes. D. Francisco de Menezes governava naquelle tempo a Fortaleza de Baçaim, e querendo conseguir das discordias daquelles barbaros a sua ruina, e augmento do Estado, tocorreo aos menos poderosos, e respondendo a fortuna ao seu esforço, restaurou as Fortalezas, e entregando-as aos Senhores, que antigamente as possuhiaõ, as deixou guarnecidas, com cento e vinte Portuguezes, e com Governadores além de nobres, grandes soldados. A nova perda das Fortalezas, ferio o animo do Nizamaluco, e fiando a vingança de

Batalha, e  
 victoria  
 contra os  
 Capitaens  
 de Niza-  
 maluco.



de tres Capitaens, os mandou com cinco mil soldados para se restaurarem. Vieraõ, e assoláraõ muitas aldéas, que eraõ de dous Mouros chamados, Nacoda Amergim, e Atridican, os quaes vendo as suas terras queimadas, e que naõ tinhaõ podêr para resistir a Principe taõ poderoso, nos lar gáraõ as Fortalezas por algumas aldéas, que lhes démos da jurisdicção de Baçaim, encorporando-se agora as duas Fortalezas com o Estado. Municionou-as D. Francisco de Menezes, como lugares, em que na sua perda, ou defenfa interessava a gloria, a que anhelava o seu generoso espirito; e sabendo o Nizamaluco, que já as Fortalezas eraõ dos Portuguezes, reforçou novamente aos seus Capitaens, com seis mil homens, e oitocentos cavallos acobertados. Sitiáraõ a Fortaleza de Sangaçã, e com hum furioso assalto, déraõ principio á guerra; porê m D. Aleixo de Menezes, que a governava, obrou taõ valorosamente em sua defenfa, que os mortos, os feridos, e os estropeados do inimigo, fôraõ o mais evidente testemunho do seu valor. Mas querendo, que fosse aquella Fortaleza o lugar, em que triunfasse D. Francisco de Menezes do exercito do Nizamaluco, o fez pôr em campo, e marchar a soccorrer a Fortaleza com mil, e quatrocentos soldados Portuguezes, e piaens da terra. Chegou ao pé da serra, em que estavaõ os inimigos, e recebendo huma carta do Capitaõ de Chaúl, em que o advertia do excessivo poder dos inimigos, e desproporção, com que haviaõ de pelear mil e quatrocentos homens, com onze mil soldados, o nosso grande Capitaõ mudou o sentido, de que usava a carta, dizendo aos seus soldados, em como o persuadia Jorge de Lima, a que pelejasse com os inimigos, segurando-lhe a victoria. Esperavaõ os Mouros com dous mil homens, em duas emboscadas, fiando mais nos assaltos repentinos, do que nos conflicts premeditados. A este tempo, deu o nosso General sinal para começar a batalha, e sem saberem do perigo remetêraõ os nossos, levando a vanguarda D. Jorge de Menezes, que com o fervor da idade, e da occasiã se meteo na primeira emboscada. Rebentáraõ os inimigos do lugar, em que estavaõ com gritas, e alaridos, e começáraõ a ferir, e matar aos nossos, os quaes cortados com o susto do primeiro assalto, perdêraõ o animo, e esquecidos da disciplina, fugiraõ para salvar as vidas, por meyo taõ infame.



D. Jorge vio a desordem dos seus, e rebateo a furia dos Mouros, com taõ prompto valor, que lhes deteve, e desvanecio a victoria, que hiaõ ganhando. D. Francisco de Menezes, na mesma occasiaõ, com vinte cavallos, impedio a passagem de huma ribeira a hum troço de Mouros, matando por suas proprias maõs ao Capitaõ, que os governava, sendo-lhe no esforço illustres companheiros, D. Roque Tello, e D. Pedro de Menezes, e outros Cavalheiros. Temeo D. Jorge, rompessem ao General D. Francisco pela retaguarda, e voltando a sua, ficou com a frente a elles, e continuando a batalha, succedeo, que hum temor venceo outro, e huma fugida deu huma victoria. Aquelles Portuguezes, que fugiaõ dos Mouros da primeira emboscada, vendo-se cometer de hum grosso esquadraõ, voltáraõ ao lugar, em que pelejava D. Francisco de Menezes, e naõ podendo ja os inimigos sustentar o combate, com o novo soccorro, se pozerãõ no ultimo desbarate; e corrêraõ para os seus arrayaes; e ainda naõ seguros com a sua fortaleza, porque em toda a parte os alcançavaõ as nossas armas; tambem os desampararaõ, deixando nelles as bagagens, e instrumentos de guerra. O numero de seus mortos chegou a mil, sendo mayor o dos feridos; naõ perdêraõ os nossos mais do que vinte. O General D. Francisco de Menezes, pelejando sempre, naõ se esqueceo de mandar com o mayor acerto. D. Jorge de Menezes conservou o valor, e a disciplina no mayor perigo, quando se vio desamparado dos seus soldados. Todos os Fidalgos obrãraõ, como pedia o sangue, e a honra. Neste dia fez hum soldado nosso a mais admiravel façanha, que vimos nas Historias; porque pelejando com grande valentia, e ajudando-se das suas forças, que eraõ agigantadas, remetteo a hum Mouro, e tomando-o pela cinta, se servio d'elle em lugar de escudo, para se defender das lanças das inimigas. Deste modo sustentou o conflicto, até se lhe dar glorioso fim; pois d'elle resultou ficarem por muitos annos as Fortalezas desassombradas, e os inimigos abatidos.

Couto *Decad. 5. liv. 8. cap. 4.* Faria *Asia Portug. tom. 2. Part. 1. cap. 4. §. 5.* Sousa de Maced. *Flores de Esp. cap. 14. num. 43.*



Anno  
1581.

2. IV.

Asia.

Rey Dom  
Filippe I.  
Vice-Rey  
da India,  
D. Luiz  
de Ataide.

**E**M quanto houver memoria em Portugal, e nas Provincias Orientaes, das gloriosas acçoens do famoso D. Luiz de Ataide, por antonomasia o *Grande*, se ouvirão as vozes da fama, no obsequio do seu nome, com saudade universal. Sem dúvida, que nasceo este Heróe, para esplendor da sua Patria, e antemural do nosso Estado na India, onde o seu braço, e o seu coração nos perigosos tempos da conspiração dos mais poderosos Principes, colheo tantas palmas, e se coroou com immortaes victorias, que fóraõ ouvidas naquella Idade, com espanto, como agora se lem com admiração! Seus Pays D. Affonso de Ataide, senhor da excelsa Casa de Atouguia, e Alcaide-mór de Coimbra, e Dona Maria de Magalhaens, lhe communicáraõ com o fangue mais illustre, as inclinaçoens mais nobres, para ser, o que depois o Mundo conheceo. Naõ era o Primogenito; a natureza lhe negou esta prerogativa para a successão; mas suas proezas o fizeraõ o primeiro, e mais illustre Varaõ, com que se enobreceo a sua grande Casa, em que depois por mais alta Providencia, morrendo seu irmaõ, veyo a succeder. Como no seu coração ardia o generoso fogo de seguir a Marte nos perigos da guerra, logo em os primeiros annos, deixando a Patria, foy buscar o Oriente, que tambem o foy de suas victorias, e belicofas acçoens. Embarcou-se na armada, que se destinava para soccorro da India, poderosamente ameaçada pelo furor da Casa Othomana, e chegando com o Vice-Rey D. Garcia de Noronha a Goa, tanto que ouvio o perigo de Dio, que os Turcos sitiavaõ, se embarcou para soccorrer a Praça, e servir com sua espada ao estrago de taõ valorosos inimigos. Achou a Fortaleza livre, com tanta gloria de Antonio da Silveira, seu invencivel Capitaõ; e se em tanta felicidade podia achar motivos para o sentimento, sería por lhe fugir com os vencidos, a occasião de lhes rasgar com dobrados golpes, as feridas recebidas. Depois intentou o Governador, D. Estevaõ da Gama penetrar o estreito do mar Roxo, para no porto de Sues queimar aquellas galés de Turcos, que livres de serem victima da nossa vingança em Dio, sempre causavaõ susto á tranquillidade das nossas Colonias; e

como

Morte do  
Conde de  
Atouguia  
D. Luiz  
de Ataide,  
Vice-Rey  
da India.



como empreza de tanto risco, se embarcou a merecer nos perigos, a gloria, a que aspirava o seu generoso espirito. Houve naquella jornada, em que se frustrou o principal intento, muitas acçoens militares, com dispendio do nosso, e alheo sangue; e em todos os casos da guerra se mostrou com o ardor de soldado, e a prudencia de Capitaõ. Defronte do monte Sinay, Sacro-santo lugar, em que a piedade venera sepultadas as triumphantes cinzas de Santa Catharina, Virgem, e Martyr, o mesmo Governador o armou, e ao grande Dom Joaõ de Castro, Cavalleiros, honra que taõ nobremente prezaraõ estes dous Herões, que depois a naõ quizeraõ receber das mãos do Cesar Aufriaco, o victorioso Emperador Carlos V., o nosso nos campos de Albis, e o outro na conquista de Tunes, com admiraçaõ, por naõ dizer inveja daquelle Principe. Ja conhecido por illustre Capitaõ pela arte, e triunfo do temor, com que desassombrara a costa do Canará do insulto dos corsarios, deixou Asia. Empredeu esta viagem, para succeder a seu irmão herdeiro da Casa, que morrêra fazendo-se holocausto da fidelidade no cabo de Aguer. Chegando á Corte se lhe fez taõ aborrecido o ocio da paz, que foy buscar as campanhas de Africa, para debelar naquellas ardentes Regioens os inimigos da nossa Religiaõ, e do nosso Estado, e para vingar o sangue do valoroso irmão; como era o mesmo em naõ temer os riscos, pois assim os buscava, tambem o mesmo foy pelejar, que vencer; o mesmo foy ser visto dos inimigos, que ficarem nos combates despojo cruento da sua triumphante espada. Restituído á Patria, como no esclarecido sangue se unia o conceito de grande politico, e soldado, o nomeou El Rey D. Joaõ III. Embaixador extraordinario ao Emperador Carlos, para o felicitar das victorias, com que defendendo a Igreja Romana, humilhava a soberba dos Protestantes, que desertores das verdades Catholicas, haviaõ desprezado a obediencia de seu legitimo Senhor. Para testemunho, de que em tal Herõe chegara opportuno soccorro, para se fazerem invenciveis a suas armas, achou áquelle Cesar Christaõ, para dar batalha ao Duque de Saxonia, e Lansgrave, e outros rebelados, que sem respeito de obediencia, lhe negavaõ a sujeiçaõ. Inflammado agora no desejo de combater em Alemanha os inimigos da Igreja, quem tantas vezes na Asia, e Africa, triumphara dos que sem o bap-

tismo



tismo o eraõ da nossa Religiaõ, quizera entrar na batalha; mas impossibilitava ao seu valor a falta de armas, e cavallo; porêm o mesmo Emperador lhe mandou hum formoso bruto, e seu proprio arnez. Entaõ se deu aquella celebre batalha, em que prisioneiros o Duque de Saxonia, e Lansgrave, deraõ ao Emperador a mais decisiva, e completa victoria, que se vio naquella perigosa guerra. Obrou o nosso Heróe, como lhe dictava o perigo da occasiaõ, e lhe pediaõ os accidentes do conflicto; porque aonde se accendia mais o combate, era o lugar, a que se arrojava, como se quizesse para a sua espada toda a gloria de taõ formoso dia. Ouvindo, que se perdia o estandarte Imperial, correo, e felizmente o livrou da injuria de ficar despojo, o que era insignia da Magestade vencedora: aççaõ, que foy taõ grata ao Emperador, que em premio o quiz armar por suas Augustas mãos, com as militares honras, que na guerra se dispensaõ a semelhantes Heróes; mas como ja lho havia feito D. Estevaõ da Gama na Asia, rejeitando o favor, em sua attençaõ, se communicou a outros Portuguezes, que na batalha em serviço do Cesar, haviaõ obrado com insigne valor. Deixando Alemanha, reduzida, e humilhada, se restituiu a Portugal com a fama, que lhe déraõ as ultimas proezas; e como o seu nome era o memorial, para os seus despachos, e o Estado da India, ou por descuido dos que governavaõ, ou por desgraça dos tempos, ja naõ parecia o que dantes fõra, pois havia descahido da primitiva gloria, o elegeo ElRey D. Sebastiaõ para seu Vice-Rey, esperando, que a tal Varaõ servissem a victoria, e a felicidade, como premios das virtudes, com que nascêra para governar. Aceitou o cargo naõ para se honrar, mas para servir, mostrando a generosa ambiçaõ de adquirir nome, e desprezar as riquezas, a que outros anellavaõ. Em Goa achou os arcenaes, sem aquella copia de navios, armas, muniçoens, e mais petrechos, com que se anima a guerra; mas applicando a providencia do teu ardente zêlo, cobrio o mar com armadas, soccorreo as Praças com soldados, e provimentos, e mudou a face do Estado, com tanta felicidade, que teve poder para com a espada na maõ, ganhar as Praças de Onor, e Bracelor, humilhando a soberba dos inimigos, que na desobediencia, perdendo o respeito ao Estado, orgulhosos, e armados, nos quizeraõ resistir. Estas facçoens, em que offereceo a propria vida para animar



os soldados, lhe déraõ taõ grande triumpho, que pareciaõ ás seus tempos os da primeira Idade da India. Ja os subditos mais desejavaõ derramar o sangue nos assaltos, e conflictos, do que viver no ocio, e regalo de Goa: transformação feliz, que se deveo a seu guerreiro animo, e só o deste Herõe podia vencer a mais arriscada guerra, que logo se declarou. Entendéraõ os poderosissimos, Idalcaõ, Nizamaluco, Camorim, o Achem, e outros Potentados, que unindo as suas formidaveis armadas, e exercitos, podiaõ libertarse do jugo, que lhe pozera o braço Portuguez, que por algumas desgraças lhes parecia naõ ter ja esforço, e vigor dos Fundadores do nosso triunfante Estado; e a hum tempo sitiaraõ Goa, Chaúl, Chale, e Malaca. Eraõ innumeraveis os soldados de valor, e resolução, a que fazia muy animosos a presença dos seus Principes: o nosso poder taõ limitado, que parecia impossivel a resistencia, unido, quanto mais dividido, para sustentar taõ diversos, e distantes lugares; os mesmos Capitaens Portuguezes duvidavaõ com prudencia do fim da guerra, se em toda a parte se quizesse resistir; mas tudo servio para ser mayor a gloria do Vice-Rey. Determinou, que se conservassem todos, porque em todos esperava triumphar; e como se aquelle invencivel coração animasse aos seus defensores; naõ houve conflicto no mar, e na terra, em que naõ sahisse vencedor. Sem perder as Cidades, e Fortalezas combatidas, em Chaúl destruiu ao Nizamaluco; em Goa depois de nove mezes de combates, venceu ao Idalcaõ; em Malaca destroçou ao Achem; em Chale resistio ao Camorim; e nas mais partes sempre abateo a soberba de todos com victorias taõ insignes, que da mais perigosa guerra, que tivemos na India, se coroou com as palmas, que naõ pudéraõ adquirir os Castros, Almeidas, e os Albuquerque, os Cunhas, e outros Varoens famosos, que gravaraõ a sua memoria no templo da Gloria, e da Immortalidade. Prostrados tantos inimigos, que deviaõ atados ao carro do seu triumpho servir de testemunas da sua heroicidade, deixou a India, e voltou a Portugal a receber nos braços del-Rey D. Sebastiaõ, os mayores premios, a que podia aspirar o seu incomparavel merecimento. Aquelle valorosissimo Rey o foy buscar debaixo de hum pállio, dando-lhe a sua maõ direita, e acompanhado pela Nobreza da Corte, sahio da Cathedral, e o levou ao Real Convento de S. Domingos; e

depois



depois se cantou o *Te Deum* em acção de graças por tantas, e tão espantosas victorias, com que o mesmo Senhor dos exercitos havia felicitado o povo, que elegêra, para manifestar o seu Santo nome, nas mais distantes, e barbaras Regioens: subio ao pulpito o Padre Ignacio Martins da sagrada Companhia, bem conhecido neste Reino, pelo seu cathecismo Christão. O panegyrico, que recitou, foy huma fiel relação das proezas do Heróe, que sendo verdadeiras, não parecião naturaes; e entre applausos, e vivas do povo, o Rey se recolheo ao Palacio, e o grande Vice-Rey a descansar dos trabalhos de tão penosa, e dilatada navegação. Depois o mesmo Soberano o nomeou para General do exercito, com que determinava conquistar os Reinos de Africa; mas vendo aquelle desgraçado Principe, que o seu ardor não soffria as prudentes, e vagarosas disposiçoens, com que dispunha a guerra, para não ser fatal sepulcro do Rey, e da Monarquia, com erro, que o perdeu, a elle, e á Nação, o mandou outra vez a ser Vice-Rey da India, com o titulo de Conde de Atouguia, e outras mercês, querendo com a generosidade dos despachos, occultar o fim, porque o tirava do Reino. Como era aquelle mesmo homem, cuja fama enchêra todo o Oriente de terror, e de espanto, os seus Principes o lisonjearão com embaixadas, não se atrevendo os mais poderosos a pegar das armas; e assim com o respeito das passadas victorias, e susto da poderosa armada, que prevenia em Goa; governou em paz aquelle triunfante Estado. Não pôde finalmente vencer a morte natural, que lhe sobreveyo por doença, a que não chegáráo os remedios da arte, e recebidos os Sacramentos com piedade, tranquilamente rendeo neste dia seu generoso espirito nas mãos do seu Creador, aos setenta e cinco annos de idade, acabando neste Vice-Rey aquelle Varaõ, que a Providencia destinou para invencivel conservador da Christandade no Oriente, e para ruina dos inimigos, que intentáráo a nossa subversão. Depositou-se o cadaver com lagrymas públicas, e particulares: sincero, mas verdadeiro elogio do seu valor, da sua prudencia, e mais virtudes, em que se fez o melhor exemplar de todos, que succedêráo no governo daquelle florentissimo Estado. Passados alguns annos se trasladáraõ as suas cinzas a Lisboa, para a sepultura, que destinára com espirito quasi profetico, em



que religiosamente descansão. Foy D. Luiz de Ataide de gentil presença, alvo do rosto, corpo bem proporcionado, e de forças agigantadas; os seus trages mais fôraõ de soldado, que de cortezaõ; facil no trato das gentes, remunerador com generosidade, e amante da justiça, que exercitou com moderação. No valor foy dos mais animosos, que vio o Mundo; pois desprezava os mayores perigos, como se não fosse mortal; o que bem se admirou na conquista de Bracellor, em que chovendo ballas sobre a sua embarcação, e a risco de ser despedaçado, impavido mandou continuar a consonancia de hum Musico, que na suavidade das suas vozes o divertia, de que nasceo o dizerse, que no seu coração não havia temor. Nos costumes foy verdadeiramente christão, e sem dâvida, que as suas virtudes lhe merecêraõ o livrar da balla, que lhe bateo nos peitos em Benastarim, e deixando-lhe hum final, o não ferio: caso que pareceo milagroso pela grandeza da balla, e do impulso com que lhe chegou. Foy taõ isento no governo, e taõ superior da cobiça, que desprezando as riquezas do Oriente, os diamantes, e rubins, que trouxe ao Reino, fôraõ as agoas dos rios Tigre, Indo, Ganges, e Eufrates, que mandou colocar em quatro tinas, no Castello da sua Villa de Peniche, onde por muitos annos se víraõ com admiração das gentes. Finalmente foy hum tal Vice-Rey, que soube copiar nas suas acçoens, e unir no seu governo todas as excellencias, que divididas em seus melhores Antecessores, os fizeraõ dignos da fama, e dos elogios, com que a Historia os recomendou ao respeito, e ás acclamações da posteridade. Tres vezes se desposou: primeira com Dona Joanna de Vilhena, filha de Luiz Alvares de Tavora, Senhor de Mogadouro, e sua mulher Dona Filippa de Vilhena, e por sua morte, com Dona Maria de Noronha, filha do IV. Conde de Odemira, D. Sancho de Noronha, e por não ter successão desta Senhora, passou a contrahir o terceiro matrimonio, com Dona Isabel de Menezes, sua sobrinha, filha de Tristaõ da Cunha, e de sua irmã, Dona Helena de Ataide, a qual viuvando deste esclarecido Heróe, com resolução fervorosa se dedicou a Deos Religiosa no Convento da Madre de Deos desta Corte, em que viveo com geral edificação. De todos estes matrimonios não ficou descendencia, porque ainda que do terceiro houve alguns filhos, no estado

Anno  
1625.Rey Dom  
Filip. IV.



do da innocencia voáraõ, pelos merecimentos de Christo a ser brilhantes Astros do Paraíso na Eternidade. Parece, que para se perpetuar a memoria de homem taõ grande, sobejava na falta dos filhos, o ficar perpetuado nos escritos, que foy o décimo Vice-Rey da India, que duas vezes governou, Conde de Atouguia de juro, nomeado Marquez de Santarem, e triunfador dos Gentios, e Mouros, de Africa, e Asia, e dos Protestantes em Alemanha, e ser o seu tempo o mais feliz, que teve o Estado da India, pois as suas maximas o restauraraõ, e restituiraõ á prosperidade dos primeiros tempos da quella mayor conquista, que vio o Mundo.

Pereir. de Maced. *Vid. del grande D. Luiz de Ataide III. Conde de Atouguia pag. 162.* Pinto Pereir. *Histor. da Ind. no tempo de D. Luiz de Ataide. Faria e Sousa Asia Portug. tom. 2. Part. 3. cap. 19. n. 16. Bayaõ Portug. Cuidados. e lastimad. p. 150. 160. 198. e 210. e 258. Couto Decad. 8. da India em muitos Capitulos, e Decad. 9. cap. 10. Mariz Dial. de var. Hist. Dial. 5. cap. 4. Barbud. Emprez. Milit. de Lusitan. liv. 15. Santos Histor. Sebast. liv. 2. cap. 16. Barbof. Mem. para a Hist. del Rey D. Sebast. tom. 3. liv. 1. e liv. 2. Sousa Historia Geneal. da Caf. Real Portug. tom. 12. Part. 1. liv. 13. cap. 2. Clede Hist. de Portug. tom. 2. pag. 247. Lafitau Conquest. de Portug. dans le Nov. monde tom. 2. liv. 14. anno 1581 pag. 689.*

2. V.

Anno

1625.

Rey Dom  
Filip. IV.

**P**erdida a grande Praça, e Cidade da Bahia, e orgulhosos os Hollandezes com esta victoria, que lhes déra o nosso descuido, e a nossa desordem, começaraõ a descobrir quaes eraõ as suas idéas na conquista de toda a America Portugueza, e mais Provincias ultramarinas; porque intentáraõ ganhar em Angola a Cidade de São Paulo de Loanda, empreza, que lhes desbaratou o cuidado, e a vigilancia do Governador daquelle Reino Fernão de Sousa, impedindo todos os intentos do General Pedro Peres em grande utilidade da causa pública da Nação Portugueza. Desvanecida a empreza de Loanda, navegou este General para o Brasil, e persuadido de hum pérfido Hollandez, que seguindo o genio da sua Nação, lhe aconselhou ganhasse a Villa da Victoria, ou

America:

*Victoria  
contra os  
Holland.  
na Villa  
do Espirito  
Santo.*

Tom. II.

R ii

do



do Espírito Santo, como lugar de grandes conveniências aos Estados Geraes, pelo sitio, em que estava, pela riqueza, que o fazia hum dos opulentos da costa, e finalmente por compensar áquella armada o máo successo, com que se retirava de Angola. Resolveo-se Pedro Peres a escalar a Villa, certo na victoria; e como esperava a defença, nem mais vigorosa, nem mais feliz, do que a da Cidade de São Salvador da Bahia, contava ja esta conquista entre o numero das suas emprezas gloriosas, e dispunha dos bens, e riquezas dos moradores, como despojos de inimigos ja vencidos; e assim tão cheyo de resolução, como de cobiça navegou para entrar no porto, que tem esta Villa. Foy ella sempre theatro felicissimo de victorias Portuguezas; porque ainda contava poucos annos de sua fundação, quando ja os seus moradores haviaõ domado os Gentios, e naturaes em muitos combates, que gloriosamente vencêraõ, sendo este o modo com que se fez esta Praça tão respeitada, que se conservou pacifica no estrondo das armas, e na furia das guerras, em que se vio arder o Brasil. Agora constava a sua Povoação de quatrocentos vizinhos, todos valorosos por natureza, e tambem por necessidade, para que não ficassem escravos da tyrannia dos Hollandezes. Ao presente estava dentro o grande Salvador Correa de Sá, que com duzentos soldados passava ao soccorro, dos que cercavaõ a Bahia; mas ainda que todos estavaõ com resolução de morrer na defença da Villa, foy tão grande a sua confusão, quando chegaraõ os inimigos, que pudêraõ desembarcar na barra, e subir por ella, sendo muito estreita, e apertada; mas quando quizerãõ investir as muralhas da Villa, acháraõ o castigo do seu atrevimento nas mortes, e nas feridas, que recebêraõ; porque a hum tempo acodiraõ, e com tal valor, Francisco de Aguiar Coutinho, e Salvador Corrêa de Sá, que ainda que os Hollandezes contendêraõ com singular esforço, e não quizerãõ largar o posto, que haviaõ occupado, se não perdendo as vidas, sempre fôraõ superados. Foy tal o ardor, com que os dous Capitães, e todos os seus soldados comettêraõ aos mais esforços, que morrendo quarenta e quatro, fugiraõ os mais a salvar as vidas, a que era fatal a nossa espada. Foy notavel a indignação, que teve o General Pedro Peres de não ganharem os seus soldados hum lugar tão pouco forte; e assim ou  
para

Anno  
1641.Rey Dom  
João IV.



para exemplo dos soldados, ou para se defenganar do nosso valor, cometteo elle mesmo ao dia seguinte a Villa; mas achou a mesma resistencia, ainda que mais funesta para o seu intento; porque não fallando nos muitos soldados, que lhe morrêraõ no assalto, para que fosse mais sensível a perda, o abraçou huma valorosa matrona com hum tacho de agoa fervendo, de que ficou taõ mal tratado, que largou o combate, bem arrependido de o ter começado. Depois para mayor perda da sua gente, e armada, cometteo hum lugar, que estava distante da Villa; mas sendo grande o apparatus de náos, e lanchas, com que empredeo a sua conquista, como achou ao famoso Salvador Corrêa, que lho defendeo, com o mesmo valor, com que sustentára a Villa, tambem se retirou destrozado, ficando no lugar do conflicto trinta e oito Hollandezes mortos, sendo dobrado o numero dos feridos, e perdida a reputaçãõ não conquistou hum lugar, que não teve mais defenza, que os valorosos peitos dos soldados, que o guarneciaõ; e assim confuso, e desacreditado se retirou a sentir a perda, que recebeu nesta guerra, que desprezára.

Brito Freire *Nova Lusit. liv. 2. n. 185.* Fr. Gio Giosep. de S. Teres. *Hist. del Brasile Part. 1. liv. 2. pag. 66. Relaç. do mesmo successo.*

2. VI.

Anno

1641.

Rey Dom  
João IV.

**F**Oy o Rio de Janeiro a Capitanía, que mostrou mais fi-  
na a sua fidelidade para com ElRey D. João IV. acclama-  
mando-o, e reconhecendo-o como Rey de Portugal, e de suas  
conquistas. Quem deu mais illustres provas do seu grande  
zêlo, e fidelidade foy o Governador Salvador Corrêa de Sá, no Rio de  
que esquecido da inclinaçãõ, que podia ter a Castella, por  
fer quasi seu natural, desprezou dez mil cruzados de renda,  
e cincoenta de fazenda, que tinha no Perú, e no Mexico,  
para que o amor da Patria triunfasse da conveniencia da fa-  
zenda. Elle foy o primeiro, que sahio do Collegio da Com-  
panhia daquella Cidade, em procissaõ á Sé, onde juráraõ,  
e promettêraõ homenagem ao novo Rey. Seguirãõ se a este  
acto custosas festas, em que se víraõ satisfeitos os animos da  
quelles moradores, que não fazendo caso da circunspecçãõ  
dos Portuguezes, discorrêraõ pelas ruas acclamando em al-  
tas

America:

Acclamaç.

delRey D.

João IV.

no Rio de

Janeiro.

tas



tas vozes a El Rey D. Joaõ. Depois do Governador ter ganhado com a suavidade da sua negociação a todos os moradores da Cidade, conseguiu o mesmo nas Fortalezas, em que poz por Governadores a vassallos, que eraõ fieis a Portugal; e deste modo se deveo ao grande Salvador Correa de Sá, e á sua illustre fidelidade a obediencia da mais rica, e oppulenta Provincia de toda a America Portugueza.

Menezes Portug. Restaur. tom. 1. liv. 3. pag. 134. Fr. Gio Giosep. de S. Teref. Hist. del Brasil. Part. 2. liv. 1. p. 20. Relaç. do mesmo successo.

Anno  
1668.

Rey Dom  
Affonso  
VI.

2. VII.

Europa.

**C**elebradas as pazes entre as Coroas de Portugal, e Castella estipulando-se as condiçoens mais honradas, em beneficio da gloria, e conveniencia da Nação Portugueza, se confirmáraõ, e ratificáraõ pelos seus Soberanos, para sua ultima solemnidade, naõ pondo os nossos inimigos mais alguns obstaculos á independencia dos nossos Principes, nem á liberdade dos seus benemeritos vassallos, que na sua defenſa haviaõ sacrificado os thesouros, e com os filhos o proprio sangue na continuacão da mais valorosa guerra, que se vio naquella Idade. Para se fazer manifesta esta mayor fortuna da nossa Patria, entre vivas, e festivo ruido de trombetas, e mais instrumentos belicos, se publicaraõ na Corte neste plausivel dia, com geral alvoroco dos seus moradores. De Lisboa se communicou ás Cidades, e principaes Villas do Reino, onde se applaudiraõ com a mesma grandeza, e alegria; pois se conseguia victoriosa tranquillidade, que nos deiraõ os passados triunfos, vendo-se ja aquelle ferro, que se destinára para ruina dos homens nas batalhas, convertido para abrir as terras, que serviaõ no tempo da guerra, para theatros dos mesmos confliçtos. Foy este feliz dia o exordio da abundancia nos frutos, do augmento do commercio, e de hum suaveocio, e socego illustre, que por tantos annos durou entre as duas Naçoens confinantes, e que permanecêra, se falsas politicas naõ introduziraõ novas discordias, de que ainda as nossas Provincias, e muitas de Espanha, sentem os estragos, e as ruinas de huma guerra, que a todas foy taõ prejudicial!

Menezes Portug. Rest. tom. 2. pag. 692.

XI. DE



## XI. DE MARÇO.

Anno  
222.

2. I.

Europa.

*Emperad. Heliogabalo.* **E** SCANDALIZADA finalmente a razaõ, e modestia Romana com os defatinos do Emperador Heliogabalo, e não podendo o soffrimento de Povo taõ illustre com as infames acçoens deste horror da humanidade, rompeo na justa vingança de lhe tirar a vida, como castigo de hum Monarca, que vivia para injuria do mesmo Imperio Romano. A sua alta origem o fazia digno do Supremo sólio, o execrando dos seus vicios o condenáraõ á mais desgraçada morte. Era seu Pay o Emperador Antonino Bassiano Caratala, filho do Grande Septimio Severo, que regendo o Imperio foy o terror dos seus inimigos, e a gloria da Roma Gentilica; e assim estava Heliogabalo augurado successor do mayor Throno do Mundo. A sua gentileza o fazia agradável, em modo, que se introduzia nos coraçõens, para ser amado; porêm a morte do cruelissimo, ainda que Augusto Pay, e a elevaçãõ ao Imperio de Macrino, o desterraraõ de Roma, privando-o de huma Coroa, a que o destinava o sangue herdado. Sua mãy Semimira, illustre Senhora, o retirou a Phinicia para o livrar do furor do intruzo Monarca de Roma, querendo esconder o innocente filho da ira daquelle poderoso Tiranno. Naquelle Provincia o educou sua Avó Mesa, singular matrona, que mereceo o respeito, e os elogios da sua Idade; e neste deserto o fizeraõ sacerdote do templo do Sol, que veneravaõ como divindade, aquelles Póvos. Contava entãõ quatorze annos com tanta gentileza, e agrado, que os Romanos que o viaõ, como atrahidos destas qualidades, huns lamentavaõ a sua desgraça, outros se offereciaõ para o seu obsequio. Sua prudentissima Avó, servindo-se desta occasiãõ, inflamava estes espiritos com a generosidade, com que distribuia as riquezas, nos que se inclinavaõ ao beneficio de Heliogabalo; e tanto obrou, que ja o desterrado Principe se vio com tropas, que podiaõ intentar empresas grandes. Com o tempo cresceo o seu partido a tanto poder, que os soldados o acclamáraõ Emperador,

*Morte do Emperad. Heliogabalo.*

Europa

Cas. Publicãõ.  
em se paze  
eza, entre Per  
a ul-tugal, e  
guns Castella.iber-  
ha-  
fan-  
o na-  
a da  
s, e  
plau-  
Lif-  
Rei-  
gria;  
õ os  
inára  
rir as  
dos  
ndan-  
suave  
entre  
falsas  
da as  
agos,  
cial!

DE



perador de Roma, e a Macrino, inimigo da Patria. Esta commoção trouxe novas gentes, para se alistarem nas bandeiras de Heliogabalo, de que affustado o seu antigo contrario, mandou para extinguir a rebeliaõ o General Juliano, com grosso exercito. Avistáraõ-se humas, e outras Legioens, e vendo as de Juliano, que haviaõ de pelear contra hum neto do grande Septimio Severo, dando a morte ao infeliz Juliano, se passaraõ a engrossar o campo daquelle Principe, que ja adoravaõ. Augmentado o seu exercito com tantos soldadõs, naõ recusou a batalha, que lhe offereceo Macrino; porque determinou acabar o fim da guerra no successo de hum conflicto. A victoria havia dar o Imperio da mayor Monarquia: os contendores entravaõ a pelear com o mayor odio: as tropas eraõ igualmente valorosas, e disciplinadas; assim o combate foy dos mais sanguinolentos; pois huns defendiaõ a Macrino, que possuia a Coroa, e os outros procuravaõ, que Heliogabalo cingisse em Roma o Diadema, que lhe pertencia; e assim todos por taõ encontrados motivos faziaõ proezas de valor, com estrago lastimoso. Declarou-se a fortuna por Heliogabalo, e por naõ ser victima do seu triumpho, deixando o campo, fugio Macrino a salvar-se em huma Cidade fiel, e obediente; mas seguido da sua propria desgraça, nella o matáraõ os victoriosos, para ser mais completo o successo da batalha, e ficar Heliogabalo, sem contraditor, que lhe fizesse duvidoso o Imperio. Ja desembaraçado dos perigos, e contingencia das armas, escreveo ao Senado de Roma, para que na sua obediencia recebesse a mais segura confirmação da soberania. Foy grande a confusão daquelle nobilissimo corpo de Varoens insignes; pois a hum tempo souberaõ a morte de Macrino, que amavaõ, e da presente exaltação de Heliogabalo, que aborreciaõ; mas servindo ás fatalidades do tempo, e ás lisonjas do novo Monarca, o esperaraõ com a pompa, que explicava a grandeza da primeira Cidade do Mundo. Cobertos os edificios de ouro, o pavimento das ruas de prata, os moradores de galla, e todos de huma fina adulaçãõ, com alegria exterior, e magoa interna, o recebêraõ entre vivas, e applausos proprios de hum Emperador, que vinha para Senhor de suas vidas, e liberdades. Parece, que demonstraçoens taõ festivas de hum pòvo, a quem obedecia o melhor do Mundo, pu-  
déra



déra transformar a Heliogabalo em hum Emperador perfeito, se não por gratidão a tantos obsequios, ao menos, para não fazer detestavel o seu governo; porém como se nascêra para escandalo dos subditos, e da posteridade, mostrou, que subira ao Throno para ser hum monstro de vicios. Entregou-se a tudo o que era offensa da modestia, à gula, e prodigalidade, não só fazendo injuria ao lugar Supremo, que occupava, mas servindo á irrisão dos que viaõ as suas defordens, que chegou a tal extremo a prostituição em obscenidades, que o deixa em silencio a nossa Historia, ainda que o escrevaõ outras Memorias com mais licenciosa pena. Na gulla fez theatro das suas invençoens, para esgotar os thesouros do Estado; porque só nas suas mesas se via, o que era mais custoso, o mais exquisito, e o mais extravagante, chegando a consumir muitos milhoens na despeza destas iguarias, que não lisonjeavaõ ao paladar, mas sim á mais louca profusão; á vista, excedeo com os adornos da pessoa, e do seu palacio; trajava só ouro, perolas, e diamantes, e com tal vaidade, que todos os dias ufava de novos vestidos, que logo desprezava. Os seus pés só pizavaõ flores, ouro, e prata; e os balsamos mais preciosos do Oriente eraõ o sustento dos candeieiros, que ardiaõ nas suas guarda ropas, e fallas dos edificios, que mandava construir para servir aos seus appetites. Para mayor infamia da sua impureza, e aborrecimento da propria dignidade, a sua guarda Pretoriana eraõ mulheres depravadas, e mancebos perdidos; e quando fazia jornada, era acompanhado de seiscentas liteiras, em que o seguiaõ as pessoas dos dous sexos, que ja haviaõ renunciado o decóro, e a piedade. Assim em breve tempo se extinguiãõ os erarios públicos com dôr universal dos que choravaõ o Imperio abatido, e a honra dos Romanos ultrajada, sendo agora aquelle Imperio, que sôra terror do Mundo, o desprezo das Naçoens confinantes. Bem procurava sua Avó Mesa, com as suas liberalidades deter a morte, que já se lhe ameaçava; e como Heliogabalo tambem prevenia o proprio estrago, suspendia o fatal golpe, distribuindo nos sacrificios diversas joyas, e muito ouro aos soldados. Ardia em muitos o nobre fogo de sustentar a honra, com que os creâta o grande Severo; e vendo que os valorosos, que pelas feridas recebidas na guerra, deviaõ subir aos postos; que os indignos occupavaõ, determináraõ acabar com hum



Principe, que governava tyranno da sua Patria. Já se defembainhava a espada, que no golpe, que tirasse aquella vida, a communicasse a todo o Imperio offendido; mas com tempo se escondeo Heliogabalo, e para deter a morte, ou merecer a obediencia, por influxos de sua mãy, e Avó, nomeou para Cesar a seu primo, Alexandre Severo, que por suas virtudes era as delicias do Povo Romano. Com esta nomeação de Cesar em Principe taõ amado, se abateo a colera do povo, e remittio a ira dos soldados; parecia-lhe, que o novo Cesar, como politico Iris daria a tranquillidade ás tormentas, em que se temia universal ruina do Estado; pois o Emperador emendando os defatinos do seu governo, faria acçoens de Principe, e naõ de homem taõ vicioso. Algum tempo esteve suspena a desordem dos seus inveterados absurdos; mas como nelle era violento o conservar-se nas obrigaçoens da soberania, tornou a obrar acçoens abominaveis; e determinando matar ao amado Successor, animou os braços das milicias, para lhe acabarem a vida. Ouvio-se o eminente perigo do novo Cesar, e desprezado o respeito da Magestade, depois de segurarem ao mesmo Cesar com guardas, para livrar de algum insulto, entráraõ os soldados, e nos alojamentos Pretorianos, com generosa indignação, estragado o respeito daquellas sagradas paredes, matando aos seus validos, e companheiros da sua maldade, tambem lhe déraõ a morte, e a sua mãy Simiamira, que o amparava nos proprios braços. Executado este merecido castigo no reo de tantos delictos, com vituperio público, cortada a cabeça, lhe trouxeraõ o cadaver arrastrado pelas ruas daquella Cidade, que pouco antes o adorava. Entaõ se multiplicáraõ as injurias, ou por vingança, ou por desafogo da ira, que estivera soffocada com o temor do mesmo, que aborreciaõ, e o lançaõ com muitas pedras nas agoas do Tibre. Assim acabou Heliogabalo victima dos seus vicios, e da satisfação de Roma. Subíra ao Throno, lembrados os Romanos das proezas de Severo, que a natureza lhe déra por Avó, e elle naõ quiz ter para exemplar; se vivêra, imitando a gloria dos seus Ascendentes, com acertos na paz, e triunfos na guerra, deixaria do seu nome saudosa memoria; com os defatinos, que fez, eternisou nas Historias, o escandaloso caracter das desordens, com que viveo. Nos dezoito annos da breve idade, que durou, foy

caçado



casado tres vezes: a primeira com huma Senhora; que logo repudiou; a segunda com huma das Virgens Vestaes, delicto horroroso entre Romanos; e a terceira com outra Senhora; recebendo todas de tal esposo, aquella estimaçã, que o declarou mais bruto, que racional. Finalmente não deixando obras para adorno da Cidade, ou beneficio dos subditos, pereceo em verdes annos, sendo horror do seu tempo, e não menos da posteridade. O Senado passou os decretos mais severos, para se riscar de todas as inscripçoens, e registos públicos, o nome de Antonino que usára, não soffrendo, que o nome que mereciaõ os Principes de memoria saudosa, se manchasse unido a Heliogabalo, que fôra eterna affronta da Magestade Romana.

Eutropio *liv. 8. cap. 13.* Lampridio *na sua vida. cap. 30.* Dian Cassio *Hist. liv. 79.* Herodian *lib. 6. cap. 7.* Julio Capitol. *na sua vida. Baron. Annal Eccles. tom. 2. ad ann. 224. num. 1.* Linissio *Hist. Agust. p. 50.* Pagi *Critic. in Annal. Baron. tom. 1. ad an. 222. num. 1.* Natal. *Alexand. Hist. Eccles. tom. 1. Secul. 3. cap. ultim.* Mexia *Hist. Imper. e Cesarea p. 144.* Garibai *Compend. Hist. de Espan. liv. 7. cap. 24.* Echard. *Hist. Roman. tom. 6. pag. 142.* Panvinus *no liv. 2. do Coment. dos Fastos p. 254.* Gordono *Opus Chronol. ad ann. 224.* Angeloni *Hist. August. pag. 271.* Coeffeteau *Hist. Roman. liv. 14. pag. 673.* Birago *Nomismat. Imperator. p. 313.* Marian. *de Rebus Hispan. liv. 7. cap. 10.* Brito *Mon. Lusit. tom. 2. liv. 6. cap. 7.* Ferrer. *Hist. de Espan. tom. 2. al ann. 222.* Tilimont. *Hist. dos Emperad. tom. 3. Emperat. Heliogab. artic. ultim.* Cuspinian. *de Cesarib. p. 62.* Faria e Sousa *Europ. Portug. tom. 2. Part. 1. cap. 3.*

2. II.

Anno

222.

Emperad.  
Alexand.  
Severo.

**L**Ançado no Tibre o cadaver do infame Emperador Heliogabalo com aquellas affrontas, que explicavaõ o justo odio do povo, e dos soldados Pretorianos, concorrêraõ todos a sublimar no mais augusto Throno, ao Cesar Alexandre Severo, a quem a doçura do genio, adornado com excellentes virtudes, ja dominava os coraçõens de toda Roma. Assim como na morte do Antecessor se fizeraõ açõens, que respiravaõ a mais ardente paixã, e vingança; assim na exaltaçã do novo Principe excedêraõ os festivos finais da mayor

Europa.

Exaltaç.

ao Throno

de Alexand.

Severo

Tom. II.

Sii

alegria,



alegria, lendo-se nos semblantes dos militares, e Cidadãos o alvoroço, e applauso, com que se consideravaõ agora os mais felices; pois no Emperador, que adoravaõ, se via renascido o espirito dos Octavianos, Titos, e Trajanos, e de todos aquelles Monarcas, que na paz, e na guerra, com acçoens illustres fizeraõ o Imperio glorioso, e seus nomes saudosos. O Senado approvou esta exaltação com iguaes demonstraçoens, e lhe deu ao novo Principe os titulos de *Augusto, de Pay da Patria*, o podêr do Tribunado, e todos aquelles pomposos ditados, com que se decoraraõ os melhores Emperadores. Finalmente quizeraõ os Senadores darlhe o nome de *Antonino o Grande*; mas elle, como senhor das humanas paixoens, o rejeitou com tal modestia, em huma elegante Oração, que novamente se fez digno da sua veneração, e do seu amor, admirando nós seus verdes annos, a moderação, que naõ tiveraõ outros Principes em mayor idade.

Lampridio na sua vida. Baronio *Annal. Eccles. tom. 2. ad ann. 224. num. 2.* Lotichio *Hist. August. p. 51.* Pagi *Critic. in Annal. Baronii tom. 1. ad ann. 222. num. 1.* Natal. *Alexand. Hist. Ecclesiast. tom. 1. secul. 3. cap. ultim.* Mexia *Hist. Imperial, e Cesarea pag. 145.* Echard. *Hist. Roman. tom. 6. p. 143.* Panvinus no *Coment. do 2. liv. dos Fastos pag. 254.* Tilimont. *Hist. dos Emper. tom. 3. Emper. Alexand. artic. 3.* Ferreras *Hist. de Espan. tom. 2. al an. 222.* Marian. *de Rebus Hisp. liv. 7. cap. 10.* Cuspiniano *de Cesaribus pag. 62. in Alexandro Cesare.* Brito *Mon. Lusitan. tom. 2. liv. 6. cap. 7.* Garibai *Compend. Hist. de Espan. liv. 7. cap. 25.*

Anno  
1507.

2. III.

Africa.

**O**S estragos da Cidade de Oja, de cujas ruinas ainda estavaõ sahindo rios de fogo, e de sangue, e o temor da ira dos Capitaens Portuguezes, abateo a soberba natural do Rey de Lamo, para buscar na piedade dos vencedores o Reino, a liberdade, e a vida. Apareceo a nossa armada sobre aquella Cidade, e enchendo de terror aos seus moradores, tiveraõ por infallivel o destroço dos edificios, e a perda das vidas, e fazendas; mas o seu Rey ensinado com a ruina dos vizinhos, que ainda vertiaõ sangue das feridas, logo que surgio Tristaõ da Cunha, se embarcou, e veyo

Rende-se  
o Rey, e  
Cidade de  
Lamo.

á Ca-



á Capitânia, onde jurou fidelidade á Coroa de Portugal, de que se fez vassallo, pagando seiscentos meticaes de ouro cada anno, em final, e testemunho da sua vassallagem. Tristaõ da Cunha, a quem o animo guerreiro não embaraçava para obrar acçoens de piedade com os rendidos, vendo a humildade do barbaro, aceitou o tributo, e lhe deu huma bandeira com as armas do nosso Reino, e huma carta, ou patente de subdito de Portugal, para que vivesse livre da invaõ das nossas armas; e deixando seguro aquelle Rey na fé, e obediencia de Portugal, desferio as vélas, e levou as ancoras para conquistar Brava, cuja ruina servirá de valoroso assumpto para gloria de outro dia.

*Faria Asia Portug. tom. 1. Part. 2. cap. 1. §. 2. Barros Decad. 2. liv. 1. cap. 2. Martines Comp. de las Hist. de la Ind. liv. 3. cap. 9. Goes Chron. del Rey D. Man. Part. 2. cap. 22. Barbud. Emprez. Milit. de Lusit. fol. 135. vers. Maffeus Hist. Ind. lib. 3. p. 56. lit. E.*

## §. IV.

Anno

1526.

Rey Dom  
João III.

**D**eterminado por El Rey D. João III. o tempo, em que sua irmã, a Emperatriz Dona Isabel, havia entrar em Matrimo-  
Castella, para se contrahir finalmente o matrimonio com seu  
Primo Carlos, Emperador de Alemanha, e Rey de Espanha, perador  
depois de se despedir desta Senhora, com as lagrymas, e sauda- Carlos V.  
des, de que se não isenta a soberania, sahio da Corte, le- com a Em-  
vando em seu obsequio a companhia dos Infantes, D. Luiz, peratrix  
e D. Fernando, seus irmãos. Por ordem do mesmo Rey lhe D. Isabel.  
fazião assistencia o Duque de Bragança, e o Marquez de  
Villa-Real, Dom Pedro de Menezes, que havia servir, e  
acompanhar a mesma Emperatriz nas terras de Castella. Fa-  
zia-se mais pomposa a sua comitiva, com a nobreza de mui-  
tos Cavalheiros, que mostráõ a sua fidelidade, e profusaõ  
no serviço de tão excellente Senhora. Chegando ao rio Caya,  
em que se dividem os Reinos de Portugal, e Castella, acom-  
panhada a Emperatriz dos Infantes seus irmãos, e servida do  
Duque de Bragança, e Marquez de Villa-Real, e mais Fi-  
dalguia Portugueza, apparecêãõ o Duque de Calabria, D.  
Fernando de Aragoã, o Arcebispo de Toledo, D. Affonso da  
Fonseca, e D. Alvaro de Zuniga Duque de Bejar, e D. João  
Affonso

Europa.

Matrimo-  
nio do Em-perador  
Carlos V.

com a Em-

peratrix  
D. Isabel.

Africa

Rende-

o Rey

Cidade

Lame.

mada

mora-

per-

om a

idas,

veyo

Ca-



Affonso de Gúlmão, Duque de Medina, e Sidonia, com muitos Grandes, e titulos de Espanha, que vinhão para servir, e venerar a sua futura Soberana. Então deixando esta Senhora a liteira passou a huma faca branca, para entrar nos seus Dominios. Juntaraõ-se logo os Fidalgos Portuguezes, e Castelhanos montados em soberbos cavallos, com riquissimos paramentos, e fazendo hum reverente circulo para conduzir a Emperatriz, déraõ da sua bizzarria, e pompa huma tal demonstraçãõ, que se vio naquelle dia o mais lustroso espectáculo do seu poder, e da sua riqueza. Chegando ao lugar destinado, em que o Duque de Calabria havia tomar entrega de sua Augusta Senhora, depois de todos os seus Illustres vassallos lhe beijarem a mão, lêo o secretario do Duque a procuraçãõ do Cesar, e com o mais profundo respeito, perguntou o que ordenava Sua Magestade, que mostrando nas luzes da sua incomparavel formosura, o semblante mais grave, e modesto, não respondeo; mas o Infante D. Luiz, que passando do lado direito, em que estava, disse as seguintes palavras: *Eu entrego a V. Excellencia a Emperatriz minha Senhora, em nome delRey de Portugal, meu Senhor, e irmão, como Esposa, que he do Emperador Carlos, e lhe deu as redeas da faca, em que estava a mesma Senhora.* Logo respondeo o Duque de Calabria: *que elle se dava por entregue, em nome do Emperador seu Amo.* Neste mesmo lugar se despediraõ os Infantes, e nos olhos mostraraõ com faldasas lagrymas, os naturaes affectos do seu amor. Depois entrou a Emperatriz em Badajóz, que celebrou com muitas festas, o ter ja em Espanha huma taõ excellente Princeza. De Badajóz, foy para Sevilha, onde se havia contrahir o matrimonio. Esta Cidade, como Emporio das riquezas de toda a Monarquia, fez celebrar a sua entrada, com aquella magnificencia, que chegando á mayor grandeza, desempenhou todos os esforços da pompa, e da fidelidade. Sem demóra chegou o Emperador, acompanhado com o innumeravel séquito dos Grandes de Espanha, e de toda a sua Nobreza; e na Cathedral se recebêraõ os Augustos contrahentes, sendo Ministro deste grande Sacramento, o Cardeal de Sevilha. Seguirãõ-se ás ceremonias da Igreja sumptuosissimos banquetes no Palacio, faráos, e todos aquelles festins, com que os Principes são festejados, pelo culto fiel dos vassallos. Vio-se



se nesta sagrada, e politica uniaõ do Emperador com tão formosa, e virtuosa Consorte, huma alegria não só obsequiosa para sua Esposa, mas cheya de generosidade com os Fidalgos, e Damas Portuguezas, que a serviaõ, e acompanháraõ, dando a todas muitas joyas, e peças ricas. Porém para testemunho da mayor estimaçaõ, e conceito, que fazia das partes, e qualidade do Marquez de Villa-Real, lhe deu quarenta mil cruzados em duas mil moedas de ouro, em que se viaõ de huma parte as effigies das duas Magestades reinantes, e da outra as armas Imperiaes, e regias. Deste soberano hymenêo resultáraõ repetidas felicidades á Coroa de Espanha, como em diferentes dias escrevêraõ as suas Historias, e nós referiremos nestes Fastos.

Brito *Elog. dos Reys de Portug. fol. 80. Figueiroa Epi- tom. da vida de Carlos V. p. 105. Faria Europ. Portug. tom. 2. Part. 4. cap. 1. §. 110. Caramuel Filip. Prudens p. 70. Maugin Abreg. de l' Hist. de Portug. 244. Carril. Annal del Mund. ann. 1525. Mariz Dialog. de var. Hist. Dialog. 4. cap. 21. Mend. Silva Cathal. Real fol. 234. Garibai Comp. Hist. de Espan. liv. 35. cap. 26. Ochoa Carolea fol. 154. Sandoval Vida de Carlos V. tom. 1. liv. 14. §. 2. 9. & 10. Andrad. Chron. del Rey D. Joã III. Part. 1. cap. 39. Ilhescas Hist. Pontif. tom. 2. liv. 6. cap. 26. §. 5. Olivar. Credi Sigilla Comit. Fland. pag. 236. S. Martha Hist. de la Maison de France liv. 43. cap. 3. Anselm. Hist. Genealog. de France tom. 1. Reys de Portug. cap. 20. Sousa Hist. Geneal. da Caf. Real Portug. tom. 3. liv. 4. cap. 6.*

## §. V.

Anno

Europa.

1557.

Rey Dom  
João III.

**O** Famoso, e Christianissimo Capitaõ Antonio Galvaõ, tão grande, por suas incomparaveis acçoens no ser-  
viço da Religiaõ, e do seu Principe, como por não terem *Morte do*  
galardaõ as suas proezas, nasceo em Goa, Corte do nosso *insigne Ca-*  
Imperio da Asia, como se a Providencia lhe quizesse dar por *pitãõ An-*  
berço, o Oriente do mesmo Sol. Nascia este Heróe, para *tonio Gal-*  
destruir com a espada, e as vozes, as trévas da Gentilidade, *berço.*  
e do Mahometanismo; e assim parece, que não devia ter  
outro berço, que não fosse o centro das luzes daquelle Prin-  
cipe dos Astros: Foy quinto filho do celebre Duarte Galvaõ,  
*insigne*



insigne Chronista Mór do Reino, e bem conhecido nas Memorias da Lusitania, por suas Embaixadas a Pariz, Roma, e Preste-Joaõ, em que falleceo cruenta victima do serviço do seu Rey, e da Religiaõ. O amor das letras, e das armas, que déraõ segunda natureza ao nosso Heróe, o constituirão tão sabio, como valoroso; pois a sua erudição se eternisou nos seus escritos, e o seu valor nos combates, que venceo. Começou a cingir, e apertar a espada, naquelle dourado tempo, em que se contavaõ as victorias pelas batalhas, e ja na flor da idade produzio tão fazonados frutos de ardor, e prudencia militar, que se lhe vaticinavaõ os mayores póttos, como premio de justiça, e não remuneração de favor. Necessitavaõ as Malucas de hum Capitaõ, que desprezando a cubiça, e usando do valor, restaurasse a opiniaõ Portugueza, e conservasse a obediencia dos naturaes, que estragara a feya ambição de alguns Capitaens, com offensa do nosso crédito, e perda da fazenda Real. Era Governador do Estado o grande Nuno da Cunha, e nos primeiros acertos da sua administração, se deve contar o nomeallo para empreza, nas circumstancias do tempo, das mais arduas, que se podiaõ encarregar a hum famoso General. Obedeceo, e se embarcou, gastando logo dez mil cruzados, não para o comércio mercantil, mas para levar armas, soldados, e os petrechos, com que se devia restaurar, o que perdêraõ seus indignos antecessores. Chegou áquellas preciosas Ilhas; e que proezas não obrou aquelle braço, que para a guerra tinha as qualidades de rayo, e para a cultura do Evangelho, a natureza de trovão! Achou, os obedientes tremulos, e desconfiados, os rebeldes armados, e orgulhosos, e a Real fazenda, quasi sem arrecadação; mas a prodigios do seu ardente zêlo, do seu valor insigne, e com o total desprezo da cubiça, tudo felizmente venceo, e restaurou. Parecerãõ incriveis as maravilhosas acçoens, com que fez renascer a Fé, triunfar as armas, e obedecer os inimigos! Ferozes, e poderosissimos estavaõ em Tidore oito Reys confederados, para abolir o culto do Redemptor Crucificado, e o dominio Portuguez no hemisferio das Malucas: as nossas forças não excediaõ a cento e setenta Portuguezes, e poucos escravos, e naturaes, e o cometellos parecia mais temeridade, que prudencia, e valor de Capitaõ. Assim julgava o conceito dos homens;

mas



mas não foy assim, por inspiração mais que natural. Tentou a concordia com a razaõ, foy desprezado com a soberba, e o podêr dos barbaros, e certo no favor Divino, resolveo invadir Tidore, e nos seus mesmos alojamentos, humilhar com taõ poucos soldados a cincoenta mil homens apostados a morrer, ou triunfar. Servio de fausto annuncio de suas futuras victorias, o afugentar huma armada, com que os mesmos barbaros o quizerão destruir; porque impavido os combateo, e desordenou. Era o novo Gedeão da Ley da Graça; e se o antigo do povo escolhido, com trezentos Israelitas, não temeo romper o campo dos inimigos de Deos; assim elle com igual numero buscou aos que tambem blasfemavaõ da mesma Divindade. Desembarcou em Tidore, invocando para auxiliar das suas armas, ao Apostolo S. Thomé, em cujo dia emprendia a batalha. Corrêraõ os barbaros mais a cativar, que a resistir a cento e vinte Portuguezes, que governava. Foy o combate duvidoso, e sanguinolento; mas quem podia resistir áquelle braço, que animava a Omnipotencia! Foy morto o mais alentado dos oito Reys colligados, e destroçadas as suas tropas, triunfando o nosso esforço da sua ferocidade. Todos os que resistiraõ ficáraõ despojo da nossa espada, e corrêraõ os mais vencidos a salvar as vidas, e as liberdades nas brenhas, e na Fortaleza, que haviaõ fabricado para ultimo receptaculo; porém o mesmo calor da batalha o inflamou, para logo a escalar; e rendida, para castigo da sua vaidade, mandou lançar o fogo á mesma Cidade de Tidore, ficando memoravel o estrago deste dia nas memorias da Asia. Mereceo este Heróe em premio de tantos triunfos, conseguidos em taõ poucas horas, que lhe servissem de coroas Muraes os diademas de oito Reys vencidos, que depois buscáraõ na sua clemencia, paz, e segurança dos seus Estados; e o certo he, que mais venceo agora com a benignidade, recebendo-os sujeitos, do que na campanha, ferindo-os com a espada! A esta victoria se seguirão outras de igual credito, e conveniencia do Estado, contra os Reys de Java, Amboino, Moro, e Banda, que finalmente humilhados, buscarão na valorosa tutela de taõ heroico vencedor, a quieta posse dos Dominios, que possuiã. A sujeição destes ultimos Potentados, e a concordia com o Rey de Tidore, mudou a face de todas as Malucas; pois depositas as



armas, cessáraõ os perigosos estrondos da guerra, convertendo-se no suave descanso de huma profunda paz; e aquelles Principes, a quem primeiro as nossas injustiças irritáraõ para a guerra, conhecendo agora as virtudes deste Heróe das Malucas, todos se entregáraõ á sincéra fé, com que os correspondia: felicidade rara de homem taõ grande; mas justa retribuiçaõ do zêlo, que o arrebatava, para estabelecer a gloria da verdadeira Religiaõ, e a promover naquellas Ilhas os dogmas da pureza, e da Christandade! Tanto se inflamava neste amor de promulgar o Evangelho, que mais pareceo Cathequista, que Governador. Empenhava-se na ruina dos pagodes da Genti- lidade, e das mesquitas dos Mouros; e onde chegava a piedade do seu invencivel braço, tudo eraõ destroços destes lugares da infidelidade. Levantou muitos Templos, e outros restituiu á sua primitiva perfeiçaõ no culto do Senhor, sendo muitas destas Igrejas fundadas sobre os destroços das casas, que a superstiçaõ erigira, para se adorarem idolos, ou se pré-garem os delirios do Alcoraõ. A mais passou o seu zêlo, prevendo com a mayor caridade, os frutos de saberem os naturaes os sacro-santos Mysterios da nossa Redempçaõ, e as verdades Evangelicas, e Christians, explicadas por seus mesmos parentes; pois erigio Seminarios, para que aprendendo em mininos os preceitos da nossa Religiaõ, na mayor idade lhos pudessem ensinar, nos seus proprios idiomas; tendo a gloria este Varaõ insigne de ser o primeiro, que em beneficio da Igreja, fosse o sagrado Fundador de obra taõ util aos catholicos, e aos infieis, que depois imitou a Igreja Catholica, por authoridade do Concilio de Trento. Em semelhantes acções, e outras filhas do zêlo, que lhe adquirio o nome de *Apostolo das Malucas*, dispendeo mais de setenta mil cruzados: gloria immortal, para ser a sua memoria canonizada em todas as Idades; e que frutos naõ colhêo de ovelhas, que trouxe ao rebanho do Senhor! Viraõ-se, á efficacia das suas vozes, Principes detestar os antigos erros, e póvos inteiros buscar nas agoas do baptismo a Sacro-santa expiaçaõ dos passados delictos. Por tantas proezas de Religiaõ, de justiça, e de valor o quizeraõ adorar em Ternate por seu Rey, e desprezou, como verdadeiro christaõ, e Portuguez, huma Coroa, que só desejava, para que servisse ao seu legitimo Senhor: desinteresse, que o fez digno dos mayores Sceptros do Mundo,



Mundo, e de novo affecto das Malucas, de que se podia chamar Pay da Patria. Acabou finalmente o seu governo, entre faudosas lagrymas, e applausos dos que lhe obedecerão, e deixando a India navegou a Portugal, esperando os premios, que lhe mereciaõ suas virtudes, e o ter adquirido ao seu Rey aquellas remotissimas conquistas, que arruinára a desordem, a tyrannia, e ambição; mas quem póde investigar os juizos da Providencia! Chegou ao Reino, e como não trazia o ouro, que despendêra nos Templos, e nas Missoens, e só apparecia coroadado de palmas adquiridas em tão perigosos combates, não teve despacho, achando contrarios aos Ministros, e ao Rey sem attenção a seus grandes serviços. Parece incrivel, que houvesse tal ingratitude em hum pio Rey; mas com lastimosa verdade assim o experimentou, hum homem, para quem era pequena satisfação, o ser levado nos braços Reaes, e deferido com os mayores titulos, e mais grossas Comendas; porém estas seriaõ distribuidas, aos que fugindo dos perigos na guerra, as souberão comprar na Corte, com a fazenda, que roubáraõ nas conquistas! Desgraça fatal da corrupção de Ministros, e de hum Rey enganado! Assim desstituido dos bens, que tão sagradamente despendêra, e desatendido do Soberano, que de justiça o devia premiar, se recolheu hum tal Heróe, que rejeitára huma Coroa, ao Hospital de Lisboa, onde para viver, recebia por esmóla o sustento. Neste palacio da Caridade viveo, ou durou o largo espaço de dezafete annos, cõ escandalo, e admiração dos justos, e opprobrio dos que o não despacharaõ. Nelle servia aos enfermos com tanto amor, e piedade, que era assumpto da mayor edificação, vendo-se limpar aquellas mãos as enfermarias com abatimento, que merecêraõ palmas, e louros immortaes. Finalmente veyo a fallecer neste dia: para o Mundo acabou, como objecto da injustiça, e ingratitude alhêa; e para o Ceo, como victima eruenta da paciencia, nos trabalhos da pobreza, e cura dos enfermos. O seu Apostolico, e triunfante cadaver, foy conduzido á sepultura pela Irmandade da Corte, que lhe deo a mortalha, recebendo agora por esmóla, tão pouca terra, quem pudêra acabar adorado Senhor de muitas Provincias. Faltou-lhe a ingrata Corte com a magestade de sumptuosos mausoléos, em que detcançassem humas cinzas, que pelos



merecimentos da vida, podemos chamar veneráveis, e triunfantes por suas incríveis victorias. Porém se a terra como desconhecida, lhe negou o sustento na vida, e os elogios no sepulcro, terá na Gloria recebido a remuneração, que devemos esperar, e suppôr da justiça infinita do supremo Senhor, para com hum tal Heróe, que por serviço da sua Religião, despendeo a sua fazenda tão pia, e generosamente, como se não refere de outro Capitaõ Portuguez na India.

Barr. *Decad. da Ind. tom. 4. liv. 6. cap. 16. e liv. 9. cap. 22.* Castanh. *Hist. da Ind. liv. 8. cap. 58. até 65. e 2. 3.* Andrad. *Chronic. del Rey D. João III. Part. 3. cap. 56.* Couto *Decad. da Ind. tom. 5. liv. 2. cap. 2. e liv. 7. cap. 2.* Argeneol. *Hist. de la Conquist. de las Maluc. liv. p. 62.* Cardos. *Agiol. Lusit. tom. 2. pag. 135.* Fonseca. *Evor. Glorios. p. 138.* Telles *Chron. da Comp. de Jes. em Portug. Part. 2. liv. 6. cap. 55.* Freitas de Just. *Imper. Lusit. cap. 9.* Freire *Vid. de D. João de Castr. liv. 1. n. 71.* S. Roman *Hist. de la India liv. 3. cap. 13. e 14.* Lucena *Vid. de S. Xavier liv. 3. cap. 17.* Spondan. *Annal. Eccles. ad ann. 1540. n. 17.* Maffeo *Hist. Ind. lib. 10.* Faria e Sousa *Asia Portug. tom. 1. Part. 4. cap. 10.* Maced. *Propug. Lusit. Gallic. artic. 10. cap. 5.*

Anno  
1572.

2. VI.

Europa,

**S**ervio este dia á Senhora Dona Cherubina de oriente fe-  
liz, e occaso glorioso; porque nascendo hoje na Corte de Villa-Viçosa, filha dos Serenissimos Duques de Bragança, D. João I. e a Senhora Dona Catharina, veyo a fallecer em Alcaçar neste mesmo dia, em anno differente. Foy baptizada na Capella Ducal, com a magestade, que pedia a grandeza da sua Casa, sendo Ministro do Sacramento, em que pelas suas agoas se regenerou a Christo, Manoel Passanha de Brito, Deaõ da mesma Capella. Foraõ seus Padrinhos, a Infanta D. Isabel sua Avó, e seu Tio D. Rodrigo de Mello, primogenito de D. Francisco de Mello, II. Marquez de Ferreira; e leváraõ as insignias Fidalgos illustrissimos, Officiaes da Casa dos Duques. Pouco viveo esta Senhora para o Mundo, porque na tenra idade de oito annos cedeo ao violento mal, que a tirou do seculo, para a trasladar a ser estrellada gloriosa no Firmamento da Eternidade bem-aventurada,

Nascimẽto, e morte da Senhora Dona Cherubina.

Rey Dom  
Sebastião.

Anno  
1585.

Rey Dom  
Filippe I.



rada, em que goza de mais perduraveis coroas, do que podia ter nas fortunas, que mais préza a ambição do Mundo. Como se havia mudado para a Villa de Alcaçar, a buscar em diferentes ares alivio ás queixas, que lhe combatiaõ a faude, e ameaçavaõ a morte, se lhe deo sepultura na Capella-mór do Convento de Ara-Cæli, de Religiosas de S. Francisco, onde estiveraõ as suas cinzas, até o anno de 1597, em que se tiráraõ com o respeito, que merecia a sua grandeza, e se conduziráõ com igual magestade a Villa-Viçosa, onde no coro debaixo do Mosteiro das Chagas, junto á sepultura de sua Avó, a Infanta Dona Isabel, precedendo tolemnes Officios, se collocáraõ, gravando-se o epitafio, em que se declara o dia da sua morte, e os nomes de seus Serenissimos Pays.

Valle de Incanta. Sect. de Ensalms p.161. Sousa Hist. Geneal. da Cas. Real Portug. tom. 6. liv. 6. cap. 15.

## 2. VII.

## Europa.

Anno  
1585.

Rey Dom  
Filippe I.

AS conveniencias de Estado para os interesses de Espanha em Italia, e os vinculos do parentesco, entre Filippe II. chamado o *Prudente*, e o Duque de Saboya, Carlos Manoel, chamado o *Grande*, concluireaõ o matrimonio da Infanta Dona Catharina, com este Principe. Serviaõ os seus Estados de antemural contra o podêr de França, para não penetrar no Ducado de Milaõ com os seus exercitos; e era o mesmo Duque primo com irmaõ de Filippe, por serem ambos filhos de duas irmãs, a Emperatriz Dona Isabel, e a Duqueza Dona Brites, Infantas Portuguezas, gloriosas producçoens del Rey D. Manoel, e de sua esposa a Rainha D. Maria; e assim ambas netas dos célebres, e famosos Reys Catholicos, Fernando, e Isabel, verdadeiros Fundadores da Monarquia Espanhola. Para se effectuar este Augusto hymenêo na Cidade de Saragoça, sahio da sua Corte, com a Real Familia de seus filhos, o Rey Castelhano, ja entaõ possuidor pacifico de Portugal, acompanhado dos Concelhos de Estado, Guerra, Aragaõ, e de Italia, e dos Cardeaes Granvela, e de Sevilha, com a grandeza de muitos Titulos, e Officiaes da sua Casa, e a pompa, que tributava a lisonja a hum taõ poderoso Monarca. Ao mesmo tempo deixando os seus Estados, partio para Barcelona o excelso Noivo, conduzido pela

Casamêto  
da Infanta  
D. Catharina, com o  
Duque de  
Saboya.

Europa

e fe-  
Corte  
nça;  
r em  
apti-  
gran-  
que  
a de  
s, a  
Mel-  
ez de  
Offi-  
para  
o ao  
a ser  
entu-  
ada,



pela armada, que governava o Principe Dória, e servido da mais lustrosa comittiva dos seus vassallos, em que se contava cem nobilissimos Senhores, dos quaes, dez eraõ Cavalheiros da Ordem da Annunciada. Com felicidade desembarcou naquella Cidade, cabeça do Principado de Catalunha, que o recebeu com aquelles obsequios, que merecia hum tal Principe, que vinha a ser genro do Soberano, que adoravaõ. O Vice-Rey do Principado, lhe tributou os maiores regalos nos dias, em que descansou da viagem. Logo o veyo conduzir D. Joaõ de Tasis, Correyo-mór de Espanha, e com o séquito de muitos Senhores, pela posta chegou a Saragoça. Fóra da Cidade o esperava ElRey com toda a magestade do seu acompanhamento, e de mais o Nuncio do Papa Monsenhor Taberna, Embaixador de Veneza Viciencio Grandevico, e o Arcebispo da mesma Cidade. Nos braços o recebeu aquelle grande Rey, fazendo-lhe tantas demonstraçoens de carinho, que serviraõ de alegremente enternecer a todos os esclarecidos assistentes. Seguio-se o desposarse com a Infanta, sendo o Ministro o célebre Cardeal Granvela, estando presentes o Principe D. Philippe, herdeiro da Monarquia, a Infanta D. Isabel, e todo aquelle nobilissimo cortejo dos Tribunaes grandes de Espanha, e todos os Senhores Castelhanos, e Piemontezes. No seguinte dia fóraõ á Cathedral, que estava preciosamente adornada, e do seu Prelado receberaõ os Augustos contrahentes as bençoens, com que a Igreja Catholica felicita o Matrimonio dos fieis, assistindo a esta religiosa acção ElRey com os Principes, e os mesmos Senhores de huma, e outra Corte. Brilhava em todos o rico das gallas, em que se via, e admirava unido ao precioso da materia o bom gosto da eleição. Do Templo vieraõ para o Palacio, e jantaraõ em público com ElRey os mesmos desposados, fazendo Corte de pé todos os Senhores, e Damas da Corte. Solemnisou-se nos seguintes dias esta sagrada, e politica uniaõ, com esplendidos banquetes, pomposos saráos, diferentes fogos de arteficio, e outros festejos, que duraraõ por largo tempo, sendo o mais vistoso o jogo de canas, que fizeram os Cavalheiros Castelhanos, e Aragonezes; porque se admiraraõ, naõ só o adorno dos combatentes, mas a destreza, com que se praticaraõ os mais dificeis primores da Cavallaria. Para mayor solemnidade, e applauso destes Desposorios



forios, fez o Duque o capitulo da sua Ordem da Annunciada, e lançou nelle o collar a sete Senhores, que elegeo Cavalleiros para taõ grande honra. O mesmo fez ElRey na Ordem do Tusaõ de ouro, de que era Gram-Mestre, dando-o por suas mãos ao Duque seu genro, ao Almirante de Castella, e ao Duque de Medinaceli, e o mandou a Italia ao Principe Vespaziano Gonzaga, Marquez de Basto, e ao Principe de Butera. Partirão finalmente os nossos Desposados de Saragoça, acompanhando-os até Barcelona o mesmo Monarca seu sogro, o Principe D. Philippe, e a Infanta Dona Isábel, e toda a sua nobilissima Corte, e depois de se cumprimentarem com os presentes de inexplicavel magnificencia, sendo taes os que fez o Duque, que chegou a dizer o mayor Historiador do seu tempo, excedêraõ ao valor do seu dote, e despedindo-se, com mutua saudade se apartáraõ. Na galé Capitânia do Principe André Dória, se embarcou o Duque, e a Infanta tua esposa, e comboyados de outras quarenta galés, com o Adiantado de Castella, que governava as de Espanha, chegáraõ aos seus Estados, que os recebêraõ com magnificas, e sumptuosas festas. Deste matrimonio, que foy o de mayor conveniencia, que teve Saboya, resultou augmento do seu Estado, e o direito que lhe adquirio para seus descendentes succederem na Coroa de Espanha, extincas as linhas Borbonica, e de Austria: felicidade a mayor, a que pôdem aspirar os Soberanos da Europa.

Herrer. *Hist. General del Mundo tom. 2. liv. 11. cap. 15.* Bavia *Histor. Pontif. tom. 3. Vida de Xisto V. cap. 6.* Mendes Silva *Cathal. Real p. 250.* Carrilho *Annal del Mundo al ann. 1585.* Ferrer. *Hist. de Espan. tom. 15. ann. 1585. n. 1. e 2.* Souza *Hist. Geneal. da Caf. Real Portug. tom. 3. liv. 4. cap. 6.* Guichenon *Hist. Geneal. de la Royale Maison de Savoia tom. 2. pag. 710. e 714.* Brentano *Epitom. Chronolog. ad ann. 1585.*



Anno  
1617.

2. VIII.

Europa.

Rey Dom  
Filip. II.

**C**Om sete annos não completos, deixou o caduco da terra pela immortalidade da Gloria, a Infanta D. Margarida, filha dos Reys D. Filippe II. para Portugal, e D. Margarida de Austria. Lerma. foy oriente para esta Senhora; porque nesta Cidade nasceo para o Mundo, influindo nos vassallos o alvoroço, com que a fidelidade solemnisa a producção dos novos Principes, com que se firma a successão da Coroa. Na sua infancia lhe sobrevierão tão perigosas queixas, que baldada toda a Medicina, veyo a fallecer neste dia, se com saudade, e mágoa de todo o Palacio, com alegria dos Anjos; porque a sua pura alma, foy augmentar o Coro das Virgens, que assistem no celestial Paraíso ao Cordeiro Immaculado. As suas innocentes, e Reaes cinzas descansão no Patheon do Escorial, com a mesma veneração, que seus irmãos, que nelle estão enterrados.

Morte da  
Infanta  
D. Mar-  
garida.

Mendes Silva *Cathal. Real. e Geneal. fol. 261. vers. Barbof. Cathal. das Rainhas de Portug. pag. 47. Faria Europ. Portug. tom. 3. Souzã Hist. Geneal. da Caf. Real Portug. tom.*

Anno  
1618.

2. IX.

Asia.

Rey Dom  
Filip. II.  
Vice-Rey  
da India,  
o Conde de  
Redondo.

**N**ÃO podendo resistir o Regulo, e Senhor de Banguel ás oppressões do mayor poder, com que lhe fazia guerra Bentacanay Rey de Canará, buscou a protecção do Estado, entregando a mesma Cidade debaixo de sua tutela. Irritou-se o barbaro vendo, que ja não contendia com gentios mal disciplinados, mas com os Portuguezes, soldados do valor, que respeitava o Oriente. Entrou a ser Capitão do novo lugar Antonio de Saldanha, e soccorrido por Francisco de Menezes, se augmentou o cuidado, ou susto do nosso inimigo. Do primeiro terror se quiz livrar o mesmo Rey; e declarando-se a guerra, houve muitos, e diversos successos, quasi todos felices á nossa causa; porque fôrão degolados mais de quatro mil Canaras, ainda que na mesma victoria tambem morrerão não poucos dos vencedores. Para segurança da Praça, e authoridade do Estado, chegou Francisco de Miranda Henriques com oito navios; e porque a Rainha de

Infeliz  
combate  
em Ban-  
guel.



de Olala se declarára parcial dos mesmos inimigos, em vingança de se lhe tomar huma náó de Méca, intentou suprender a sua principal Fortaleza por assalto; mas não respondendo o successo ao valor com que se empredeu, foy obrigado a largar o sitio, deixando o campo regado com o sangue dos expugnadores, e dos cercados. Ja esta guerra dava sinaes de ser funesta ao nosso Estado, se não empenhasse forças, que abatessem a vaidade dos mesmos barbaros, que em numero de doze mil homens sitiavaõ, e combatiaõ a Banguel. Juntaraõ-se pois Luiz de Brito, e o Capitaõ-mór D. Francisco de Miranda, e formando hum corpo de mil soldados de summo valor, resolvêraõ romper aos inimigos, livrar a Praça, e acabar no conflicto de hum só dia a guerra, que tanto se prolongava. Eraõ estes dous Capitaens nobilissimos em nascimento, e famosos nas armas, como haviaõ mostrado em muitas occasioens com gloria dos seus nomes, e fatal estrago dos que lhe resistiraõ; mas estavaõ desunidos, e não faziaõ estimação dos mesmos barbaros. Esta desuniaõ dos animos, e desprezo dos inimigos, lhes trouxe a propria morte, e a ruina do seu exercito, neste desgraçado combate. Soube do seu intento o General contrario, e se prevenio para a sua victoria, e nosso destroço. Pôz logo de emboscada dous esquadroens de esforçados combatentes a hum, e outro lado da Fortaleza, e outros dous na frente, com ordem ao da vanguarda, que rota a discordia, se puzesse em retirada, para nós engolfar na esperança da victoria, e que dando hum final, todos nos accomettessem, certo de conseguir hum singular triumpho. Imaginaraõ os nossos, que no descuido contrario seguravaõ a victoria, e sem ordem começaram a batalha. Com insigne estratagem, fazendo leve resistencia, se puzeraõ em retirada os do primeiro esquadraõ, e deixáraõ perder os vallos, e trincheiras, para nos meter na emboscada. Deu-se o final, e sahindo todos os esquadroens, cahiraõ sobre os Portuguezes, que sem ordem, e disciplina pelejavaõ. Aqui se vio o mayor perigo, soffocados os nossos por doze mil inimigos; parece, que a desgraça era inevitavel, e certa a ruina de todos; mas querendo, ou sacrificar a vida com honra, ou receber a morte vingados, obráraõ acçoens dignas de melhor fortuna. Os dous Capitães, que na sua deluniaõ fôraõ causa desta desgraça, ja confór-



mes em morrer, matando, se excedêraõ em proezas, dando valoroso exemplo aos soldados. Pelejou-se de braço a braço, com as lanças, e armas curtas; as nossas espadas pareciaõ rayos; pois onde chegavaõ eraõ certos os golpes mortaes. Para ferir aos Portuguezes, servia o excesso do numero, e a ferocidade dos barbaros, que neste dia como animosos, e disciplinados fizeraõ acçoens memoraveis. Em fim, traspassados de muitas feridas morrêraõ os nossos Capitaens, e muitos Fidalgos, chegando a nossa perda a cento e oitenta mortos; porêem ainda em taõ desfeita desgraça, por entre os mesmos vencedores chegámos á Praça, que servio de opportuno remedio, para naõ ser mayor a infelicidade. Dos inimigos se naõ soube a perda; mas bem se pôde conjecturar de conflicto taõ pelejado, no qual esquecidos os nossos de vencer, só procuravaõ acabar vingados. Este successo, que foy dos mais improsperos, que tivemos na Asia, deu a conhecer, como se deve entrar com ordem nas batalhas, e que he maxima errada, desprezar aos inimigos, ainda que sejaõ barbaros.

Faria e Sousa *Asia Portug.* tom. 3. *Part.* 3. *cap.* 15. *n.* 2. e 3.

Anno  
1646.

2. X.

America.

Rey Dom  
João IV.

**O**S apertos; em que estavaõ os Holandezes na Praça do Arrecife, os obrigou a fugir, a huns para o nosso campo, a outros a navegarem para diversas partes, e a todos a padecerem notaveis calamidades. Gemiaõ com a fome, que apertava a guarniçaõ, e consumia os moradores; e como a vigilancia dos sitiadores naõ deixava entrar soccorro, antes destruiu algumas tropas de soldados, que com a espada buscavaõ remedio a tanto mal, resolveo o Governo daquela Naçaõ, que o General da armada com vinte e sete lanchas, e seiscentos homens saltassem nas terras, que defendiamos, e recolhessem os mantimentos, para se livrar da penuria, que affligia a todos. Sahio o General com animo de invadir a Povoação de São Lourenço, como Lugar, de que sem risco, tirava o que pertendia. Escondeo o designio, mostrando intento de ganhar o porto de Maria Farinha, e logo desembarcou no de Tefucupapo, por ser o melhor pa-

*Victoria  
contra os  
Holandezes em Pet  
nambuco.*

ra



ra a sua determinação. Governava o Lugar o Sargento-mór Agostinho Nunes, bem descuidado da invasão; mas recebendo o aviso por hum soldado, que estava no porto, que vira desembarcar aos inimigos, não temeo o seu numero, antes com valor, e diligencia grande, recolheu mantimentos, armas, e fazendas a hum reducto, que servia mais para o respeito, que para a defensão; lançou bando, que toda a mulher, que manifestasse fraqueza do sexo, com lagrymas, ou vozes ao tempo do assalto, logo fosse degolada; e dividindo a gente, com que se achava, deixou secenta homens para se defender; e mandou a trinta mancebos com espingardas, para inquietar aos inimigos com furtivas, e incessantes cargas. Disposta a defensão, chegou o esquadrão de quatrocentos Hollandezes, e duzentos Indios, e começaram os Portuguezes a laborar com as bocas de fogo, tão felizmente, que antes de começar o assalto, matáráo cincoenta soldados, e o General, que acabou ás valorosas mãos de huma sentinella, que o viera observando até o nosso Forte. Deu-se o assalto, e acharáo os nossos inimigos, em muitos tiros de arremeço o desengano, de que os defensores esperavao o combate. Porém não desconfiarao, vendo a resolução com que pelevamos, e certos na desigualdade das armas, e do numero, se avancavao com mais desesperação, que disciplina. Ardia o Lugar com o fogo das cargas, tudo era estrondo, mortes, e feridas. Agostinho Nunes, como instrumento o mais valoroso da defensão, não deixava os postos do mais evidente perigo, expondo a vida com generosa prodigalidade, e dando o exemplo, que lhe pedia o lugar, não os companheiros; porque todos illustremente se animavao a si proprios para a defensão. Mas não pudéao resistir aos inimigos, de modo, que lhe impedissem o abrir hum portilho no reducto, com damno grande dos que pelevavao. Aqui foy mayor o risco dos nossos; porque divididos em varios postos, não podiao acodir á brecha; porém o que não fizerao os homens, repararao as mulheres, que vestindo-se de espirito varonil, e guerreiro, souberao vencer a fraqueza natural, com o desejo de salvar as vidas, e as fazendas; todas se oppozerao aos Hollandezes, que ja soberbos se jaçtavao da victoria; e obrá-rao com a espada, e com a lança, o que se deixa vêr do estrago, que recebêrao os inimigos, sendo lançados fóra do



Reducto, e logo totalmente vencidos; porque ao mesmo tempo, os cometeo aquelle valoroso esquadraõ dos trinta manebos, que andavaõ pelos matos vizinhos, fazendo todo o damno, que lhe offerecia a guerra. Fugiraõ os Hollandezes, mostrando fraqueza grande, e deixaraõ setenta mortos, e muitos feridos, e cheyos de terror, e medo, se embarcaraõ apressadamente, por naõ receberem segunda rota em segundo combate, para que os buscava André de Vidal, que marchava a soccorrer aquelles valorosos defensores, instrumentos de tanta gloria para o nome Portuguez.

Menezes Portug. Rest. tom. 1. liv. 9. p. 600.

## 2. XI.

America.

Anno

1653.

**A**ugmentava-se a miseria, a que se viaõ reduzidos os Hollandezes no Arrecife, que por instantes caminhavaõ à ultima calamidade de vencidos, sendo fataes instrumentos da sua ruina as nossas armas victoriosas, e a fome, que igualmente os consumia. Gemiaõ os grandes, e pequenos, sendo a desgraça igual aos que governavaõ, como aos que lhe obedeciaõ; e guiados pela desesperaçãõ obrigarãõ a Segismundo seu General, que nos ganhassê a Fortaleza do Arrayal. Vio elle o desordenado intento; mas como obedecia lhes propoz, ser impossivel aquella conquista, sem primeiro se senhorear do quartel de Aguiar; e como naõ consideravaõ os perigos da empreza, mas só o fim da execuçaõ, concordaraõ em que se assaltasse. Estava por Capitaõ naquella estancia, Affonso de Albuquerque, que herdara com o nome, e o appellido, o valor, e o animo dos grandes Albuquerquees, que tanto acreditaraõ o nome Portuguez; e vendo, que os esquadroens inimigos marchavaõ a comettello, favorecidos de repetidas cargas de artilharia, que jogavaõ contra os nossos, naõ se contentou com defender a estancia; mas desprezando os inimigos, sahio ao campo, e com as tropas do seu presidio, se animou a rompelos. Constantes, e disciplinados nos esperaraõ os Hollandezes: pelejou-se de huma, e outra parte, com igual furor, e resistencia; porque a opposiçaõ, a ira, e a vingança eraõ as mesmas; porêm como o valor dos nossos era taõ ventajoso aos Hollandezes, carregados do nosso ferro, que pezadamen-

te

Anno

244.

Emperad.

Gordiano

III.



te os feria, mortos huns, e defangrados outros largáraõ o campo, e dando-nos a victoria, frustraraõ o intento, com que sahiraõ do Arrecife.

Menezes Portug. *Rest. tom. 1. liv. 12. pag. 808. Castrioto Lusit. Part. 1. liv. 9. num. 100. Fr. Gio Giosep. de S. Teres. Hist. del Brasil. Part. 2. liv. 8. p. 187. Brandano Hist. di Portug. lib. 11. pag. 453.*

## XII. DE MARÇO.

Anno

2. I.

Asia.

244.

Emperad.  
Gordiano  
III.

**P**OR escandalosos meyo intentou, e conseguiu Julio Filippe o coroarse Emperador do Mundo, no Throno de Roma! Nascêra na Provincia de Arabia, na Cidade de Botta, de Pays humildes, e supprio com acçoens valorosas na guerra a nobreza, que lhe faltára na ascendencia illustre. Dos menores postos subio aos primeiros Lugares do exercito, sendo ja respeitado o seu nome entre as Legioens do Imperio; mas como a desordenada ambição do seu animo aspirasse a coroarse com o diadema de Soberano, foy dispondo a sua elevação na ruina de seu Monarca, o Emperador Gordiano III. que em verdes annos ja resplandecia nas virtudes dos mayores Principes de Roma. Combatia este Augusto mancebo contra as indomaveis tropas do Rey da Persia, tendo conseguido em diversos conflicts, finaladas victorias. Era feliz, não só pelo esforço do seu coração, mas pelos acertados conselhos de seu sogro Myssitheo, Varão prudentissimo, e doutissimo, que a beneficio do seu alto merecimento, e favor de Gordiano, subíra a Prefeito Pretorio. Considerou Julio Filippe, que na vida de tão claro Varão achava o mais forte obstaculo, para chegar á dignidade Imperial; e assim escrevem algumas peimas, que lhe maquinau a morte. Na falta deste insigne homem, se lhe abriu o caminho, para lhe succeder no Lugar de Prefeito Pretorio: Posto, que só o fazia immediato ao mesmo Emperador, que mais innocente, que prevenido lho conferio. As suas grandes

Julio Filippe  
feito  
Emperad.

America  
os victoria  
contra  
Holland  
no quartel  
de Aguiar  
co  
açãõ  
sse a  
mas  
quif  
e co  
só o  
stava  
que,  
nimo  
Por  
vaõ a  
maria,  
esfen  
cam  
pelos.  
ezes:  
e resif  
s mes  
so ao  
amen  
te



des experiencias, e a nova dignidade, na milicia Romana, lhe adquiriraõ mayor respeito no exercito; e ja com traiçaõ declarada persuadio ao incauto Emperador entrasse no interior da Persia, para acabar com os inimigos. Faltáraõ logo os mantimentos, e se vio o exercito no perigo de perecer; porque cortadas as embarcaçoens, lhes ameaçava a ultima ruina sem golpe de espada. Entaõ clamáraõ os soldados no perigo, a que se expunhaõ sem gloria, e a que os levára a inadvertencia do Emperador. Fomentavaõ estas vozes os adherentes do traidor, propondo ser util o dar-se-lhe companheiro, que nos annos, e prudencia lhe servisse para o governo de Imperio taõ dilatado, e os livrassê do risco, que fingiaõ ainda mayor, do que era na verdade. Condescendeo Gordiano, e neste dia, com applauso dos seus parciaes, o acclamáraõ por Socio daquelle generoso Mancebo, que logo experimentou a violenta condiçaõ de Julio Filippe. Naõ soffreo este barbaro dividir o Imperio com o mesmo, que lhe déra a Coroa, e arrogando-se todo o poder, fez com que passado algum tempo iniquamente morresse o mesmo Senhor, a quem obedecêra, como em Abril mostrará a verdade da Historia, com lastima dos que lerem a tragédia de taõ esclarecido Principe. Senhor absoluto do Imperio, aspirando a chegar a Roma, para na approvaçaõ do Senado receber os ultimos obsequios da Magestade, que o firmassem no Sólío, tratou de fazer pazes com os Persas, e as concluío com injuria da gloria Romana. Bem conhecêraõ aquelles Varoens consulares a injusta morte de Gordiano, e a insolencia, com que Filippe conseguira a Coroa; mas para evitar mayores desordens nos riscos de huma guerra civil, violentados do tempo, e do amor da paz, approváraõ a eleiçaõ feita pelos soldados. Pacifico Senhor do Imperio, nomeou a seu filho C. Julio Saturnino Filippe, Cesar, que era o mesmo, que declarallo Successor da Coroa, e Soberania, e fez tantos beneficios ás Cidades de Lisboa, e Toledo, que os seus naturaes lhe dedicáraõ, em reverencia do seu nome, obsequiosas memorias; porém teve breve duraçaõ no dominio de Roma; porque exasperadas algumas Provincias com os demaziados tributos, e os soldados pelo rigor, com que os obrigava á disciplina, se levantáraõ na Siria, acclamando seu Emperador Jotapiano, ao mesmo tempo, que ás Legioens da Ungria, e  
outras



outras Provincias, tambem tumultuosas, reconhecerão por Soberano a Macrino. Estas soblevaçoes turbárao o animo de Julio Philippe, e lhe trouxerao a morte, por naõ crer a sinceridade, com que lhe defendia a Soberania Q. Trajano Decio, que nomeára General, para castigo dos levantados. Estes vendo, que a justiça lhes accusava o seu delicto, obrigarao a Decio, a que aceitasse o diadema Imperial, ou que perdesse a vida. Segurava elle ao Emperador a sua fiel obediencia; mas duvidando da sinceridade deste General, formou exercito para sustentar a Magestade; e ja o mesmo Decio por salvar a vida, se determinava a resistir com as armas, ao mesmo que lhe duvidava a sua lealdade. Huns dizem, que nos campos de Verona se dérao batalha, e que vencido Philippe, os seus mesmos soldados o matárao; outros, que antes de se combaterem os exercitos, o privarao da vida, para adorar a Decio; o que he certo, que à violencia das armas acabou o desgraçado Emperador, e que depois os Pretorianos tambem matárao ao Celar seu filho, e que Decio ficou Senhor absoluto do Imperio Romano. Affirma-se do Emperador defunto, que fôra o primeiro Soberano daquella Monarquia, que seguira as verdades da Religiaõ Christã, e que fizera aquelle heroico acto de penitencia pública, respeitandoo a S. Babilas, que lhe impedio o celebrar a Pascoa com os verdadeiros fieis, sem primeiro expiar as suas culpas: opiniaõ que seguimos, por ser authorisada na fé de muitos Santos Padres, e na tradiçaõ de tantos seculos; pois naõ ser perfeito christaõ em algumas obras da sua vida, o mais que prova, he, que nem sempre seguio, e obedeceo aos preceitos santissimos do Evangelho de Christo, e disposiçoens da Igreja Catholica: desgraça, que chegou a outros Principes, de quem se naõ duvida fôrao regenerados à Graça, pelas sacrosantas agoas do baptisimo!

Capitulín. na *Vid. de Gordiano* cap. 29. Eusebio no *Chronicon*, e na *Hist. Eccles.* liv. 6. cap. 34. Hañius *Origianian.* liv. 1. pag. 19. Jornandes de *Regn. suet.* p. 491. Orosio *Orchestra* liv. 7. cap. 28. Idacio nos *Fastos.* Zonaras *Histor.* p. 228. Golnio neste *Emperad.* p. 226. Panvin. in *Fastos* p. 260. Baron. *Annal Eccles.* tom. ad ann. 246. Pagi *Critic. in Annal Baronii* ad ann. 244. n. 1. Mexia *Histor. Imper. na vida de Julio Filip.* p. 160. Garibai *Compend. Hist. de Esp.* liv. 7. cap. 26. Natal.



Natal Alexand. *Hist. Eccles. secul. 3. cap. ultim.* Scaligero no *Eusebio n. 2269.* Tillimont. *Histoir des Emper. tom. 3. Emperator. Filip. articul. 1. & seq.* Ferrer *Histor. de Espan. tom. 2. al ann. 244. e 248.*

2. II.

Europa.

Anno

1261.

Rey Dom  
Afonso  
III.

**A** Continuação, e inclemencia dos tempos, e o furor dos barbaros, havia destruido quasi de todo a insigne Villa de Monção (a quem se diz os Romanos fizeraõ Cidade) e por esta causa se resolveo o nosso Rey D. Afonso III. a mandalla reedificar, formando-lhe novamente a povoação com muitos dos moradores, que a tinhaõ desamparado, e de outros, que viviaõ em diversos lugares. Executou aquelle Rey este heroico intento, dando-lhe foral com todas as honras, que se costumavaõ naquelles tempos, e lucrrou o dar ao seu Reino huma Povoação, que parece naõ foy edificada, senaõ para gloria dos Portuguezes; pois ainda quando foy conquistada pelos nossos inimigos, tem sido com immortal fama do valor, e constancia dos seus defensores, de que no anno de 1658 temos honrados, e verdadeiros exemplos. Além desta excellencia, com que se ennobrece, naõ he das menores entre outras muitas, o conservarse por tantos seculos no patrimonio Real, naõ querendo sujeitar-se aos mayores Senhores deste Reino; acção, que mereceo terem por premio todos os seus moradores, o privilegio de Infançoens; dignidade grande nos tempos antigos. Ao presente passaõ os vizinhos, que ha na Villa, de quatrocentos, com dous Conventos de Freiras, e muitas Igrejas, e Ermidas. He abundante de mantimentos, e de frutos, como lugar, que està nas margens do Rio Minho, onde fica em opposição de Salvaterra, a primeira Praça, que por esta parte tem a Coroa de Castella. As suas armas são das mais gloriosas, que tem alguma Villa, ou Cidade do nosso Reino; porque nellas se representa huma mulher sobre o muro, e com esta letra, que diz: *Deu la deu, Deos o ha dado*; tudo em memoria daquelle taõ celebrada façanha, com que huma illustre Matrona natural desta Villa, chamada *Deu la Deu* a livrou do apertado cerco, em que estava no tempo do nosso Rey D. Fernando, tomando o meyo de lançar muitos paens frescos aos

Caste-

Fundação  
da Villa de  
Monção.

Anno  
1472.

Rey Dom  
Afonso V



Castelhanos, como em testemunho da abundancia; e fartura, que tinhaõ os defensores da Villa, de que admirados os inimigos levantaraõ o cerco, e deixaraõ aos naturaes de Monção taõ agradecidos a esta illustre Matrona, que além de lhe dedicarem huma estatua á sua memoria, a tomaraõ por armas naquelle mesmo acto, em que fez huma acção taõ grande, que nos mayores, e mais experimentados Capitaens sempre seria digna de louvor, e de fama.

Leaõ *Chron. Del Rey D. Diniz fol. 133.* Mariz dos Reys de Portug. *Dialog. 4. cap. 1.* Garibai *Comp. Hist. de Espan. liv. 34. cap. 45.* Mend. *Silv. Poblac. Gen. de Espan. fol. 142.* Carvalh. *Corogr. Portug. tom. 1. Trat. 3. cap. 3.* Santos *Chron. Hospit. Part. 2. liv. 2. cap. 58.*

Anno

2. III.

Europa.

1472.

Rey Dom  
Affonso V

**D**Epois das mudanças do senhorio de Braga, que muitas vezes causou o podêr, ou conveniencia dos Principes, e a obediencia, ou lisonja dos seus Prelados, que serviraõ ao tempo em que vivêraõ, só se contavaõ setenta annos, que por contratos celebrados entre o grande Rey D. João I., e o Arcebispo D. Martim Affonso Pires, era esta antiga Cidade da jurisdicção Real, quando subindo a esta Primacial Igreja D. Luiz Peres, e reinando em Portugal D. Affonso V. se lhe restituiu o seu dominio temporal, com tanto esplendor dos seus Prelados, como gloria da piedade, e Religião daquelle invicto Monarca. Celebrou-se esta nova convenção em Elvas, entaõ Villa, hoje Cidade principal do Alem-Tejo, onde se achava o mesmo Rey. Cedeo a Coroa á Igreja o antigo dominio com as mais exuberantes clausulas a favor dos Arcebispos; e seguindo-se a confirmação do Principe D. João, herdeiro do Reino, se approvou este contrato, e dimissão Real, pelo Papa Xisto IV. que entaõ governava a Igreja universal. Daquelle feliz anno até o presente se conserva Braga na obediencia, e jurisdicção temporal dos seus Arcebispos, com taõ exemplar observancia da parte dos nossos piíssimos Soberanos, que recolhendo-se da sua religiosa peregrinação ao sepulcro de São-Tiago, o feliz Rey D. Manoel, entrando naquella Cidade, ordenou, que os seus Officiaes naõ levantassem vara, e se servio dos pro-

*Cede El-  
Rey a ju-  
risdicção  
de Braga  
aos seus  
Prelados.*

Tom. II.

X

prios



prios do Arcebispado. O mesmo se observou, quando os Senhores Reys mandáraõ algumas alçadas á Provincia do Minho, como se vio no anno de 1496, e de 1519, e na que por ordem del Rey D. Sebastiaõ presidiõ nas Provincias da Beira, Minho, e Traz os Montes, D. Pedro da Cunha, que naõ só deixaraõ de entrar em Braga por obrigaçaõ daquelle contrato, mas por especiaes ordens, com que sempre o recomendava a innata piedade dos nossos Monarcas, em repetidas cartas. Com estes indultos, e favores Regios, he Braga para os seus Prelados hum Principado Ecclesiastico, e secular, com taõ ampla jurildicçaõ, que em taõ grande prerogativa, poucas Igrejas no Mundo Catholico lhe tem semelhança.

Cunha *Hist. dos Arceb. de Brag. tom. 2. cap. 59.* Lima *Geograf. Historic. tom. 2. pag. 44.* Carvalho *Corograf. Portug. tom. 1. Trat. 2. cap. 1.*

## §. IV.

Anno

1514.

Rey Dom  
Manoel.

**T**endo o grande Rey D. Manoel, com a felicidade da sua fortuna, esforço de seus Capitaens, e valor de seus soldados, alcançado tantas victorias, como batalhas, conquistado mais Reinos em poucos annos, do que os Romanos em muitos seculos, sujeitado Imperios, e descoberto novos Mundos, quiz, que ao vasto de seu Imperio, e á grandeza de sua Monarquia temporal, respondesse o seu agradecimento para com Deos, e para com o seu Vigario na terra, offerecendo-lhe hum taõ precioso donativo, e mandando-lhe hum taõ grande testemunho da sua piedade, que a mesma Roma costumada a vêr maravilhas, justamente se admirou de tanta liberalidade. Tristaõ da Cunha, a quem haviaõ feito illustre os combates da guerra, pois foy o primeiro, que ganhou Fortaleza no Oriente, pela violencia das armas, e consumado politico nos negocios da paz, em que mostrou prudencia, e resoluçaõ, foy o Embaixador, que acompanhado de Nuno Simaõ, e Pedro da Cunha, seus benemeritos, e valorosos filhos, e de outros Cavalheiros Portuguezes, conduzio a Real demonstraçaõ á Cabeça do Mundo. Logo que o Embaixador chegou aos muros de Roma, o vieraõ a receber os Embaixadores do Imperio, França, Castella,

Europa.

Embaixada del Rey  
D. Man.  
á Santida-  
de de Leão



tella, Inglaterra, Polonia, Milão, Veneza, e Luca, servindo a grandeza de todos estes Ministros de illustre comitiva a tão solemne entrada. O mesmo Pontifice quiz vêr a magestade desta função por todos os titulos grande. Nella precedião os Embaixadores, conforme as precedencias das Coroas, que representavaõ; a estes se seguiaõ os nossos. Ultimamente caminhava o cavallo Ormuziano, com a Onça, e o Elefante, levando em hum cofre hum precioso ornamento, e obrando com mayor instinto, que lhe deu a natureza, como venerando a dignidade Pontifical, ajoelhou diante do Papa, e fez outras acçoens, que pareciaõ mais proprias dos racionaes. Depois beijáraõ os nossos Embaixadores o pé a Leão X. Pontifice Romano, que naquelle tempo governava a Igreja, e Tristaõ da Cunha offereceo o ornamento para a Igreja de Saõ Pedro, cuja materia era brocado de ouro bordado de diamantes, rubins, e perolas com tanta delicadeza, e magestade, que foy a obra excedida pela materia, sendo tão preciosa. O seu valor foy estimado, naquella Idade, em seiscentos mil cruzados. Esta demonstração da Fé, e da pureza da Religiaõ do grande Rey D. Manoel, foy applaudida pelos Romanos, e por todas as Naçoens, que se achavaõ naquella Corte. Fez-se digno panegyrista desta grande Embaixada o eloquente Alberto de Carpe, Embaixador do Cesar em Roma, a quem escreveu huma carta, em que lhe dava noticia da acção com tanta eloquencia, que quasi igualou a piedade, e magnificencia deste grande Monarca Portuguez. O Pontifice grato a Rey tão generoso lhe mandou muitas reliquias, e a sagrada Biblia com as glosas de Lira em oito volumes de pergaminho, todos ornados com as delicadissimas illuminaçoens, e miniaturas, que hoje se admiraõ na livraria do Real Convento de Bellem, fundação daquelle incomparavel Monarca.

Goes *Chron. del Rey D. Manoel Part. 3. cap. 55.* Ochoa *Carolea. fol. 80.* Neufuille *tom. 2. p. 422.* Mariz dos Reys de *Portug. Dialog. 4. cap. 20.* Osorius de *Rebus Emman. lib. 9.* Vasconcel. *Anaceph. Reg. Lusit. p. 267. num. 7.* Faria *Europ. Portug. tom. 2. Part. 4. cap. 1. §. 74.* Marian. *Hist. de Espan. liv. 30. cap. 23.* S. Marthe. *Hist. Gen. de Franc. tom. 2. pag. 704.*



2. V.

Asia.

Anno

1528.

Rey Dom

João III.

Governad.

da India

Lopo Vaz

de Sãpayo.

Quando D. João Deça com quarenta e oito navios, que em diversos combates ganhára, tinha illustre porção de vencidos para o triunfo, e com a destruição de Mangalor tinha tambem gloriosas coroas para os applausos da victoria, Chinacutiale com secenta paraos del Rey de Calectu lhe offereceo nova, e mais perigosa batalha, pela desigualdade da nossa armada. Aceitou D. João o conflicto, entrando na batalha com tal animo, como quem fazia della meyo para a victoria. O estrondo da artilharia, e das armas, e os alaridos das vozes, enchendo os animos de medo, o ar de fumo, e cegando a luz do dia, deixáraõ as duas armadas cobertas com as sombras de taõ formidavel tempestade; porẽm os nossos naõ querendo mais, que vencer, ou morrer, pelejaraõ de modo, que a pezar do numero, valor, e resistencia dos barbaros, os vencêraõ, conseguindo huma taõ famosa victoria, que desbaratada toda a armada, passáraõ de 1500 os mortos. Dos prisioneiros foy o principal, o Capitaõ Chinacutiale, que honrou com a sua escravidãõ, a victoria, e o Estado, e ao General, a quem em premio do seu valor, o deu o Governador, Lopo Vaz de Sampayo, para com taõ illustre cativo acreditar mais a fama do seu grande nome. Todo o Malabar chorou a perda daquella batalha, ou porque fosse sobre tantas a mayor, ou porque esperassem certamente a nossa ruina.

Castanhed. *Hist. da India* liv. 7. cap. 65. Faria *Asia Portug.* tom. 1. Part. 4. cap. 2. 2. 9. Barr. *Decad. da India* tom. 4. liv. 2. cap. 9. Maffeus *Hist. Ind.* lib. 11. pag. 181. lit. B. S. Rom. *Hist. de la Ind.* liv. 3. cap. 7.

2. VI.



Anno  
1565.

2. VI.

America.

Rey Dom  
Sebastião.

**N**Aõ ficaraõ os Tamoyos taõ cortados do nosso ferro no successo de seis deste presente mez, que humildes quizessem deixar as armas; e assim procuraraõ em novo combate restaurar o seu credito, ou vingar o seu estrago. Com grande numero de canõas, e muitos frécheiros, nos provocaraõ a novo combate, fiando na sua multidaõ, que algum dia feriaõ victoriosos. Sahiraõ os Portuguezes, e como eraõ os mesmos no valor, e defendiaõ taõ justificada causa, depois de se pelejar com obstinaçaõ pelos barbaros, e com disciplina pelos nossos, superado o numero pela virtude, forãõ desbaratados com a perda de muitos mortos, e feridos, e de vinte sete canõas, que nos ficãraõ para testemunho do nosso triumpho, que nesta guerra mereceo o particular auxilio, com que o Deos dos exercitos amparava nesta guerra as nossas armas, como a Historia mostrará em diferentes dias na etcritura destes Fastos.

Menezes *Chron. del Rey D. Sebast. cap. 70. Bayaõ Portug. Cuidados. e Lastim. pag. 76.*

Anno  
1571.

2. VII.

Asia.

Rey Dom  
Sebastião,  
Vice-Rey  
da India,  
D. Luiz  
de Ataide.

**E**Ra taõ grande o terror, que causavaõ aos Mouros do Oriente as armas Portuguezas, que havendo cercado o Nizamaluco a Cidade de Chaül com tantos mil homens, e levantado baterias de trezentos e secenta canhoens, em que havia muitos de grandeza desmarcada, delconfiou de conseguir a empreza, se naõ convocava soccorros estrangeiros. Entre todos, o que mais de pressa o ajudou, foy o Camorim, que, ou por mais poderoso, ou por mayor inimigo do Estado, mandou huma armada de trinta galeotas, com mil soldados Malabares. Entrãraõ vinte pelo porto de Chaül, e estando aquelle Rio coberto de galeoens, e galés de nossas armadas, foy taõ grande o descuido, que passaraõ ao som de muitos instrumentos, sem lhe impedirmos a entrada, ficando taõ ufanos os barbaros com esta felicidade, que prometiaõ ao Nizamaluco, naõ só o pelejar com a nossa armada, mas tambem o derrotalla, e em premio da victoria entregarem-lhe

*Victoria  
naval con-  
tra os Ma-  
labares  
em Chaül.*



tregarem-lhe a Cidade para entrar nella victorioso, e triunfante. Por alguns dias occuparaõ as trincheiras com os seus mosqueteiros; porêm querendo aquelle Principe vêr o fim de tantas promessas, mandou, que pelejassem com a nossa armada. Sahiraõ com vinte e huma galeota, e muitos calamutes da terra, que vinhaõ, ou acompanhallos na batalha, ou a ser participantes da victoria, e remando a voga arrancada contra a nossa armada, os veyo ella receber mandada por Leonel de Souza, que taõ vigorosamente os fustigou com a artilharia, que obrigados os Malabares a esquecerse das promessas, com que haviaõ prometido ao Nizamaluco, o pelejar, e destruir os Portuguezes, fugiraõ para escapar do estrago, com que a nossa armada os hia desbaratando; com tudo naõ foy taõ apressada a sua retirada, que naõ perdessem muitos mortos, e naõ fossem desaparelhados muitos navios, perdendo-se alguns calamutes da terra, e nelles grandes Capitaens do Nizamaluco, que ensinado desta vergonhosa fugida, fez diferente estimaçaõ das promessas dos Malabares, e da grandeza do nosso valor. Acabada a batalha, pouco se detiveraõ os inimigos no lugar do conflicto; pois temendo, que os buscassemos, no silencio de huma noite fugiraõ para Calecut, ficando-nos o sentimento de os naõ derrotarmos de todo, devendo aquelles inimigos a fortuna de se salvarem, mais ao nosso descuido, do que á sua diligencia.

Couto *Decad. 8. liv. 1. cap. 36. Fatis Asia Portug. tom. 2. Part. 3. cap. 11. §. 3. Pereir. Vid. de D. Luiz de A-taide liv. 2. cap. 34.*

## §. VIII.

Anno

1728.

**C**om zêlo da gloria do Estado, e para que se restituísse á nossa primitiva obediencia, a importante Cidade, e Fortaleza de Mombaça, determinou o Vice-Rey Joaõ de Saldanha da Gama, que sahisse de Goa huma armada de quatro fragatas de alto bordo, huma pala, e huma galeota de transporte guarnecida com a melhor Infantaria de Goa. Foy Joaõ de Saldanha nomeado General da empreza Luiz de Mello e Sampayo, que em diversos conflictos havia dado a conhecer o seu valor, unido com a prudencia de consumado Capitaõ. Depois

Africa.

Restaura-  
çaõ de Mõ-  
baça.

de



de sahir ao mar, padeceo huma tormenta de cinco dias, que obrigou a dividirem-se os baixes, por não padecerem o naufragio, que ameaçava a violencia dos ventos, e furioso embate dos mares. Chegou a mayor parte com felicidade ao porto da Cidade de Pate, que ja estava com principios de sublevação contra os Portuguezes, e seu proprio Rey, que tambem esperava aos Arabios, para totalmente facudir o jugo da nossa obediencia. No mesmo tempo se descobrião algumas embarcaçoens destes inimigos, que atacados pelos nossos navios, não podendo resistir, vararaõ na costa, onde duzentos e quarenta fôraõ despojo das nossas armas. Este desstroço abrio os olhos ao Rey de Pate, para bulcar no patrocinio dos vencedores a segurança da sua Cidade, e a tutela dos seus vassallos. Com os prosperos annuncios desta victoria passáraõ ao primeiro objecto da sua viagem; e rendendo com o fogo da sua artilharia muitos Lugares, que podiaõ offender a nossa armada, chegáraõ a Mombaça. Rendeo-se logo a Cidade dos Mouros, buscando a sua conservação na benignidade dos Portuguezes; mas não fôraõ semelhantes os Arabios, que guarneciaõ a nossa antiga Fortaleza. Soberbos, e orgulhosos desprezáraõ a nossa embaixada, protestando, que na defença do lugar em que estavaõ, derramariaõ o sangue, e seriaõ victimas da nossa espada, se tivessem a desgraça de vencidos. A insolencia da resposta fez desembarcar a quatrocentos soldados Portuguezes, e seiscentos de Pate com o seu Governador, Caetano de Mello de Castro: plantou-se a artilharia para bater as muralhas, e feitas as mais disposiçoens, para se conseguir a ruina dos Arabios, e a vingança do Estado, ja começava a guerra, quando a Providencia nos deu huma victoria sem perda, hum triunfo sem estrago. Mudou-se nos inimigos a vaidade em temôr, a obstinação em fraqueza, e temendo, que o militar furor se inflamasse no assalto, não fiando a resistencia do forte das muralhas, e numero da guarnição, fizeraõ chamada, e pedindo condiçoens pacificas, se entregaraõ quatrocentos soldados, e mil naturaes, que se guiaõ as suas bandeiras, por affecto da sua ley, ou por averfaõ contra os Portuguezes. Entrou Caetano de Mello triunfante na Praça, congratulando-se com os seus companheiros de huma victoria, que se lhe precedêraõ combates, custaria o sangue, e as vidas de taõ valerosos soldados. Occupada

Africa.

tuisse Releu-  
de, e caõ de  
aõ de baça.  
e qua-  
ta de  
. Foy  
ppayo,  
eu va-  
Depois  
de



pada Mombaça, fôraõ ainda felicissimos os effeitos da sua conquista; porque ganhadas outras Fortalezas, segurámos o dominio de mais terras, que vacilavaõ em conservar a sujeição aos Portuguezes, e firmámos a obediencia de Pate, e de outros Lugares da costa, sempre os mais uteis para o commercio, agora tambem para a fama, e respeito das nossas armas. Nesta Corte com o Hymno *Te Deum Laudamus*, solemnizou a piedade Religiosa do nosso Monarca, hum taõ feliz successo, que depois desbaratou a impericia dos que governavaõ, e defendiaõ taõ importante Praça!

Souza *Histor. Geneal. da Casa Real Portug. tom. 12. liv. 2. cap. 14. Relação desta victoria.*

Anno  
1738.

q. IX.

Asia.

**Rey Dom João V.** **D**Umgrim restaurado em 28 de Fevereiro, deu ás nossas Armas immortal gloria, defendido hoje contra os soldados do Maratá, eternizou a fama do nosso valor. Aquella victoria, em que a difficuldade de ganhar tantas fortificações guarnecidas por soldados, que se haviaõ com as nossas desgraças feito o terror das Provincias do Norte, irritou o Conde de Sandomil. a colera de Siminagi Appa, desejando vingar a sua perda com novo estrago dos Portuguezes; mas a disposição do nosso General, e a constancia dos defensores, lhe deu em segundo, novos estimulos para a sua ira, repetidos motivos para mayor credito das nossas armas. Duvidou-se entre os Capitães Portuguezes, se era conveniente conservar as trincheiras, e Fortaleza de Dumgrim, ou se era mais util desmantelar toda a obra, para não enfraquecer as nossas tropas na divisaõ de tantos Lugares. Com mais acerto se estava em largar o posto, do que em conservar hum lugar, em que na sua defença se haviaõ occupar muitos soldados. Fôraõ diferentes os pareceres; porque não conformes os juizos, todos se lisonjeavaõ nos votos, que seguiaõ; e assim o General Antonio Cardim Fróes, em quanto não chegava a resolução de Goa, mandou contra o que entendia, conservar Dumgrim. Encarregou o seu governo ao Mestre de Campo da artilharia, Caetano de Sousa Pereira, que ardendo em zêlo de sustentar a reputação do seu nome, na conservação do posto, reparou as trincheiras do estrago, que fizera o nosso assalto, e cobrio

*Victoria  
em Dum-  
grim.*



cobrio os outros lugares, de que podia temer a invasão dos inimigos, com os estrepes, cavalinhos de friza, e todas as mais defensas, que podiaõ servir á nossa conservação, e ruina dos inimigos. Estas novas defensas executadas em taõ breve tempo, e ainda com os braços cançados do primeiro conflicto, serviraõ para ter feliz successo no combate, que lhe deu neste dia o General contrario. Chegou elle á Fortaleza de Taná, e lendo no sangue, que ainda vertiaõ as feridas dos seus soldados, inflamado em generosa íra, quiz tomar a vingança da injuria, e da perda das suas armas, e rápidamente marchou ao districto de Dumgrim, com quatro mil Infantes, e quinhentos cavallos. Em poucas horas fez o trabalho, que pedia muitos dias, e lançando novas pontes no rio de Banel, facilitou a passagem para a Ilha do Fogo, não tendo perigo, pelo descuido das nossas manchuas, que guardavaõ a mesma Ilha. Fez logo a nossa fortificação final dos inimigos, e prompto ao socorro, despedio o nosso General a companhia de Gaspar Rois, e hum corpo de Sipaes, para se incorporarem com os defensores de Dumgrim. Debaixo do fogo das manchuas, que em linha defendiaõ as prayas, se introduzio a gente de Baçaim no lugar ameaçado; e como os barbaros vinhaõ com desejo de vingar com o sangue Portuguez a perda, que recebêraõ, quando lhe ganhámos as suas fortificaçoens, destemidos, e orgulhosos se avançáraõ, e firmando as suas bandeiras a tiro de mosquete, começaram a fazer hum fogo horroroso com as suas caitocas, que disparavaõ sem descanso. Entaõ mandou o Mestre de Campo disparar aquellas fulminantes peças, chamadas *espalhafatos*, e se empregáraõ as suas balas com taõ feliz effeito para a nossa defenlá, e ruina dos contrarios, que voando huns pelos ares, outros desfeitos em pedaços cahiraõ sobre os companheiros, servindo contra elles, como nossos auxiliares, os seus mesmos estragos. Este damno os atemorizou de modo, que cheyos de terror, largando o posto das suas bandeiras, se retiráraõ para as eminencias, huns feridos, e todos cobardes; mas como os incitava a dôr de verem tantos dos seus mortos, continuáraõ as descargas, para se vingarem. Durou este genero de guerra o espaço de dous dias, em que depois de perderem além de muitos feridos, cento e cincoenta mortos, deixáraõ a empreza, dando-nos com segunda



victoria mayor nome ás nossas armas, que tiverão esta felicidade, sem mais damno, que o sangue de nove soldados, que fôraõ feridos em tão prolixa guerra, e cometidos por tão numerosos contrarios.

Siqueira e Silva *Memor. da guerra, e successos da Asia.*  
fol. 36.

### XIII. DE MARÇO.

Anno

2. I.

Europa.

1229.

Rey Dom  
Affonso  
II.

**N**O CONVENTO de Cellas passou da vida temporal á Eterna a Infanta Dona Sancha, venerada por milagre da formosura na vida, e hoje adorada Santa, por suas esclarecidas virtudes. Fôraõ seus Augustos Pays ElRey D. Sancho I., e a Rainha Dona Dulce. Nos seus primeiros annos se admiraraõ a hum tempo as perfeiçoens da Graça, e da Natureza, arrebatando ja na infancia o amor, e veneraçãõ de todo o Palacio. Quando chegou a mais avultados annos, acrescentou o numero das Virgens, votando guardar pureza perpétua, resoluçãõ, que depois ratificou nas mãos do Bispo de Coimbra, quando com mayor animo, e valor resistio à vontade delRey D. Affonso II. seu irmão, que a persuadia a desposarse com ElRey D. Fernando de Castella, a quem suas virtudes fizeraõ Santo. Não lhe diminuíraõ as asperezas da vida, a grandeza de seu Real coração; porque igualmente se mostrou valorosa, e Santa: valorosa defendendo a Villa de Alenquer (onde fundou hum illustre Convento) contra as armas delRey seu irmão, que em seu odio, e da Infanta Dona Tareja, a queria conquistar: Santa sujeitando-se à sentença do Romano Pontifice nas differenças, que tinha com o mesmo Rey. Depois que o Papa, como Sagrado medianoiro, socegou contendias tão escandalotas, se entregou esta virtuosissima Infanta a mais apertada vida, fundando o Convento de Cellas em huma sua quinta, nos arrabaldes de Coimbra, no qual se recolheo, e vestio a Cogûla Cisterciense, sendo tão pontual nas legaes ceremonias da Ordem, como

Morte da  
Rainha D.  
Sancha.

Anno  
1507.

Rey Dom  
Manoel.  
Vice-Rey  
da India  
D. Fra  
nco de  
Almeida



mo nos mais abatidos ministerios do Convento, onde depois de huma larga, e molestissima enfermidade entre as suas Religiosas, assistida de Anjos, e Bem-aventurados, entregou seu purissimo espirito a seu eterno Esposo, tendo 27 annos de idade. As suas altissimas virtudes lhe merecêraõ em vida as celestiaes visitas dos cinco Martyres de Marrocos, e depois de morta apparecer ao Santo Fr. Gil da Ordem dos Prégadores, manifestando-lhe a gloria, a que fôra elevada. Na vida, morte, e sepultura acreditou Deos os seus merecimentos com as maravilhas, e milagres, que ultimamente movêraõ á Santidade de Clemente XI. para que lhe beatificasse a memoria, ordenando por sua declaração no anno de 1705, que se rezasse de taõ esclarecida Virgem em todo o Reino de Portugal, e se lhe tributassem os religiosos cultos de Bem-aventurada.

Faria *Europ. Portug. tom. 2. Part. 1. cap. 6. §. 33. e no Epitom. das Histor. Portug. Part. 3. cap. 3.* Vasconcel. *Anaceph. Reg. Lusit. pag. 41. n. 13.* Caramuel *Philip. Prud. pag. 19.* Neufuille *Hist. de Portug. tom. 1. p. 101.* Brito *Elog. dos Reys de Portug. p. 16. e na Chronic. de Cister pag. Leão Chron. de D. Sanch. I. fol. 64.* Mariz *dos Reys de Portug. Dialog. 2. cap. 9.* Barbud. *Emprez. Milit. de Lusit. fol. 8.* Garibai *Compend. Hist. de Espan. liv. 34. cap. 15.* Maugin *Abrege de l' Hist. de Portug. pag. 71.* Mend. *Silv. Cathol. Reat de Espan. fol. 228.* S. Marthe *Hist. Geneal. de Franc. tom. 2. pag. 652.* Monarc. *Lusit. tom. 4. liv. 14. cap. 9.* Esperança *Chron. de S. Franc. tom. 1. liv. 3. cap. 19. n. 4.* Cardos. *Agiol. Lusit. tom. 2. neste dia.*

2. II.

Anno

1507.

**P**ara satisfação pública dos aggravos del Rey de Melinde fiel, e constante aliado do nosso Estado, e para castigo *Conquista* dos Mouros da costa de Africa, desembainharaõ as espadas da Cidade *de Oja.* os dous famosos Capitaens, Tristaõ da Cunha, e Affonso de *de Oja.* Vice-Rey Albuquerque, resolutos a acabar de huma vez com as Cidades da India, des de Oja, Lamo, e Brava, para que no seu destroço aprendessem os barbaros do Oriente, qual era a nossa victoria contra os que altivos se esqueciaõ do valor, e da fortuna das armas Portuguezas. Achava-se neste tempo a Cidade

Tom. II.

Y ii

dade

eli-  
os,  
pon  
fia.

Europa.

l á  
gre Morte da  
are. Rainha D.  
San- Sancha.

nnos  
Na-  
5 de  
, ac-  
reza  
Bif-  
fistio  
er sua-  
quem  
pere-  
gual-  
do a  
) con-  
da In-  
ndo-se  
tinha  
o me-  
regou  
ndo o  
des de  
ercien-  
n, co-  
mo

Quarta  
22



dade de Oja com hum Rey, ou Xequé valoroso, e atrevido com a protecção do Cairo, Imperio a quem servia. Tinha guarnição de soldados costumados a pelear; os seus muros eraõ, ainda que irregulares, fortes, e a praya de perigofo desembarque. Por estas causas mais desejavaõ a batalha, do que a temião; e vendo as náos da armada de Portugal, e ouvindo a mensagem dos Capitaens, respondêraõ com arrogancia, e desprezo, sendo esta soberba a ultima causa da sua ruina. Desembarcáraõ os soldados Portuguezes, e todos molhados do mar, porque era a costa aparcelada, remetêraõ com os Mouros, que defendiaõ a praya, e ás lançadas, e cutiladas os fizeraõ largar o posto taõ banhados de sangue, como elles andavaõ de agoa. Fugiraõ os inimigos a defender a Cidade, e os nossos lhe seguiraõ o alcance, obrando accoens, que lhes dictava o valor, e desejo de gloria. Entráraõ pelas ruas misturados com os Mouros, e tudo aqui foy estrago, e destroço, pois naõ resistiaõ aos nossos golpes. Brevemente foy despejada a Cidade; porque mais attentos á vida, do que á honra, desamparavaõ as mulheres, e os thesouros, e buscavaõ a salvação nos bosques. O Xequé, que mostrára menos ardor na pelea, do que antes nas palavras, esquecido da obrigação do Lugar, deu vil exemplo aos seus, correndo para hum palmar a esconderse da nossa vingança; mas como os Portuguezes andavaõ ambiciosos de honra, o buscaraõ os dous nobres mancebos, Nuno da Cunha, e D. Antonio de Noronha, e rompendo hum esquadrão de soldados, que lhe guardavaõ a pessoa, foy morto, e todos os que na resistencia mostraraõ alguma resolução. Nesta conquista succedeo hum caso digno de melhor escriptura, e mais distincta memoria. Seguia aos Mouros Jorge da Silveira, e como hia inflamado com o furor da briga, remetteo a hum mouro, que levava huma mulher moça, a quem o trato da pessoa, e os dotes da natureza, faziaõ diferente da mais gente. Vio o mouro, que ambos seriaõ victimas do valor Portuguez, e para salvar a vida de sua esposa, com amor fino, deu lugar a que se livrasse, em quanto elle sacrificava a propria em seu obsequio; mas como ella igualmente amava, correo ao conflicto, para morrer com seu esposo. Assim fôra, a naõ acharem aquelle nobre coração de Jorge da Silveira, que, mayor que todo o encarecimento, soube pelear como soldado, e

vencer



vencer como cortezaõ. Admirou fineza tanta, e envejando acção taõ heroica, naõ quiz cortar com a espada huns laços, que seraõ eterno exemplo de amor, e fidelidade conjugal. Ajudou a salvar os dous finissimos amantes, ganhando com a vida que lhes deu, a immortalidade da fama, que ainda hoje acredita a sua memoria. Ja neste tempo se tinha acabado a guerra contra os homens; porque huns estavaõ mortos, e os outros recolhidos ao mato. Tristaõ da Cunha, e Affonso de Albuquerque, depois de terem pelejado, como costumavaõ, temendo as tormentas da costa, mandaraõ saquear, e queimar a Cidade; e prendeo o fogo com tanta braveza, que cercando as casas com furiosas labaredas, impedio a sahida de alguns Portuguezes, que vencidos da cobiça andavaõ recolhendo os despojos da victoria, acabando com morte injuriosa muitos, que por seu valor mereciaõ a gloria do seculo. Abrazou-se a Cidade de Oja, e reduzida a cinzas servio á posteridade de exemplo para terror dos Mouros, e respeito de nossas armas.

Barr. *Decad. 2. liv. 1. cap. 2.* Faria *Asia Portug. tom 1. Part. 2. cap. 1. 2.* Martines *Comp. de la Hist. de la Ind. liv. 3. cap. 9.* Castanhed. *Hist. da Ind. liv. 2. cap. 37.* Goes *Chronic. del Rey D. Manoel Part. 2. cap. 22.* Barbud. *Emprez. Milit. de Lusit. fol. 135. vers.* Mariz *Dialog. de var. Hist. Dialog. 4. cap. 16.* Maffeus *Hist. Indicar, liv. 3. cap. 56.*

2. III.

Anno

1553.

Africa.

**C**omo victima da honra, no cruento sacrificio do brio, e da fidelidade, acabou nas campanhas de Tangere o seu *Morte do* valorosissimo Governador, Luiz de Loureiro. Fõra a vida *valorosissimo* deste Herõe empregada no serviço de seu Rey, e na ruina *mo Luiz* dos inimigos, que nas Provincias de Africa, militavaõ *de Lourei-* tra a nossa Coroa, e Religiaõ; e suas continuadas victorias, *ro.* e batalhas lhe adquiriraõ taõ grande nome, que era a gloria dos Portuguezes, e o susto, e terror dos barbaros, que habitavaõ aquellas ardentes Regioens. Assim dos menores postos da milicia passou a governar em diversos tempos as nossas armas em Alcacere, Arzila, e Mazagaõ. Nesta importantissima Praça foy buscado pelos mais destemidos Mouros, ou para se acreditar de valorosos, pelejando com taõ grande homem,



homem, ou para conseguir no seu desfroço, a fama que os fizesse gratos com o Xarife, que por suas artes, ou fortuna, se havia feito formidavel entre aquelles barbaros; mas em muitos conflictos sempre a victoria o fez triunfante, com o sangue dos vencidos. Porém em hum combate, a desordem dos que lhe obedeciaõ, lhe tirou das mãos as palmas, que merecia, perdendo mais de quatrocentos soldados, hum filho, e recebendo huma cruel ferida, para que sangue tão illustre ennobrecesse terra tão infame. Esta desgraça fez mais orgulhosos aos Mouros, e moveo a ElRey D. Joaõ III. para lhe tirar o posto, como se a guerra nos grandes Varoens sempre tivesse vinculada a felicidade, e a fortuna de não ser vencidos! Mas era o seu nome tão respeitado, que vagando o governo de Tangere, o mesmo Soberano lhe encarregou esta Cidade, certo de que bastava sua fama, para a conservar no dominio da sua Coroa. Este grande posto, que lhe pudéra adquirir novos louros para se coroar em novos triunfos, lhe trouxe a morte, se gloriosa pela honra com que falleceo, sempre fatal ás nossas armas, por acabar com a sua vida hum dos mayores Capitaens, que pelejára nas campanhas de Africa! Como o seu animo era incançavel na guerra, mandou fazer com cem cavallos huma entrada nas terras inimigas; e querendo segurar esta partida, que ja suppunha carregada com os despojos de huma rica preza, sahio da Praça, e cincoenta Cavalleiros; mas errando a estrada, topou com os Alcaides Arrohobem Tuda de Larache, e Afcin de Tetuaõ, que marchavaõ com seiscentos cavallos a correr a mesma Cidade de Tangere. De improvisõ o comettêraõ ferózes, e determinados. Era ja impossivel a retirada, sem offensa da honra, e do brio do seu grande coração, e prezando mais a vida da fama, que o temor da morte, fallou aos subditos, dizendo-lhes: que era chegada a occasiã de acabar, fazendo-se holocausto do valor no serviço do seu Rey, da sua Religiaõ, e do seu proprio credito; logo rompendo nos inimigos, começou tão desigual batalha. Admiraveis fóraõ as suas acçoens, ou reparando os golpes, ou ferindo aos inimigos; porque as suas lançadas eraõ todas mortaes: os companheiros, como ja pelejavaõ só para se vingar, e não vencer, mostravaõ nas façanhas, que eraõ soldados de tal Capitaõ; e assim por entre destroços, mortes, e feridas corta-

vaõ



vão nos Mouros com golpes façanhosos ; mas finalmente oppressos do numero, e tambem do valor, gloriosamente acabáraõ todos em tão lastimoso conflicto. Conseguida a victoria pelos Mouros, cortaraõ estes a maõ direita do famoso Luiz de Loureiro, e como testemunho do seu mayor triumpho, a levaraõ ao Xarife, que festejou vêr aquella maõ, que animada fôra rayo, para a ruina dos sequazes de Mafoma, e que em tantos combates fôra invencivel instrumento das muitas victorias, com que os Portuguezes em Alcacere, Arzilla, e Mazagaõ abatêraõ, e destroçaraõ as tropas Africanas. Naõ tiveraõ as suas cinzas aquelle mausoléo, em que descansassem com a honra de pomposos epitafios ; mas o que se naõ gravou nos marmores, se eternizou nas Historias, onde sempre se lerá a sua memoria com os elogios, que lhe adquiriraõ suas proezas, sem dũvidas das grandes, que houve no seu tempo, na guerra de Africa.

Marmol *Descripcion de Afric. Part. 1. liv. 4. cap. 53.*  
 Faria *Africa Portug. cap. 9. n. 11.* Menez. *Hist. de Tanger. liv. 2. num. 49.*

§. IV.

Africa.

Anno  
 1578.

Rey Dom  
 Sebastiaõ.

**D**E Ruy Gonçalves da Camara, e sua illustre esposa, Dona Filippa, Dama que fôra da excellente Senhora Dona Joanna, Princeza taõ desgraçada, como celebre nas Historias de Portugal, e de Espanha, nasceo Manoel da Camara, a quem suas nobres acçoens fizeraõ muy estimado do grande Rey D. Manoel. Contando a tenra idade de seis annos, por hum famoso Astrologo de Espanha se lhe yaticináraõ os despachos, que na mayor idade soube adquirir o seu merecimento. Mancebo deixou a Patria, e a força de hum temporal o levou á Ilha da Madeira; porê m como se mais alta Providencia o destinasse para a vida militar, foy a Mazagaõ, onde conhecido por seu parente, D. Affonso de Castello-Branco o veyo buscar, e o levou a Casim, como escola militar da guerra de Africa. Nesta Praça obrou com esplendor novo para seu esclarecido animo, e fizera mayores proezas, se o naõ obrigaraõ os preceitos Reaes a vir a Portugal, onde beijando a maõ em Alcochete ao feliz Monarca, que nos governava, se desposou com Dona Joanna de Mendo-

*Morte de Manoel da Camara VI. Capitaõ da Ilha de S. Miguel.*



Mendoça, filha do Monteiro-mór, celebrando este matrimonio, mais por obedecer ao Principe, que por inclinação da propria vontade. No mesmo tempo chegárao ao Reino as vozes do aperrado cerco, que punha o Xarife á nossa Praça do Cabo de Gué, e por ordem delRey, com gente, e muniçoens passou ao seu soccorro, com a promessa de logo hirem mais grossas tropas, e novos bastimentos. Quatro mezes durou o cerco, obrando os nossos com o seu exemplo, e de outros Capitaens, insignes proezas, que atemorizarao aos barbaros; pois dos assaltos, com que procurarao render taõ heroicos defensores, sempre se retiravao destrozados, havendo combate, em que debaixo das muralhas ficarao mais de sete mil Mouros. Com tanto valor esperava o nosso animoso Portuguez acclamar o triunfo de guerra taõ impoituna, e arriscada, quando hum fatal accidente perdeu a fortaleza, e deu aos barbaros huma naõ esperada victoria. Quasi toda a guarnição foy despojo das armas Agarenas, ficando escravos os que livrarao da morte. Entaõ por espaço de anno e meyo esteve cativo, dentro de huma horrenda masmorra, com o pezo dos mais duros grilhoens, até que sahio do cativeiro, por vinte mil cruzados, e dous Mouros, que mandou o nosso Rey, de que agradecido o Xarife, lhe deu huma taõ preciosa alcatifa, que ficou aos seus herdeiros, para memoria do que padecera em taõ cruel prizaõ. Restituído ao Reino, o grande Monarca o fazia Conde da Villa da Alagoa, mercê que rejeitou, ou por modestia, ou por outros motivos de obsequio ao mesmo Soberano; porém se naõ foy Conde, recebeu outros despachos, como a propriedade dos Dizimos do pescado da Ilha de S. Miguel, secenta moyos de trigo perpetuos, e outras graças de jurisdicçoens na mesma Ilha, com dispensa da Ley mental, privilegio dos mayores, que se concedem em Portugal; e tambem se lhe restituio a Capitania, de que fõra privado seu Pay. Finalmente quando a furia dos hereges ameaçava os nossos Dominios ultramarinos, foy mandado para edificar Fortalezas na Ilha, de que ja era Capitão; e satisfazendo ás ordens do Principe, com providencia, e valor, fez impetraveis aquellas terras ás invasoens ameaçadas pelos inimigos da nossa Religiaõ; e vivendo amado dos subditos, e temido dos inimigos, com setenta e quatro annos, pia, e religiosamente



mente morreo, deixando de sua nobilissima conforte clara geração, em que se retratarão as virtudes, e as acçoens de tão benemerito Pay.

Cordeiro *Hist. Insulan. liv. 5. cap. 16.* Sousa *Hist. Gent da Casa Real Portug. tom. 12. liv. 14. cap. 5.*

2. V.

Anno

1615.

Asia.

Rey Dom

Filip. II.

Vice-Rey

da India

D. Jerony-

mo de A-

zevedo.

**A** Guerra de Baçaim, que ameaçava a perda daquella grande Cidade, a hum tempo sobrefaltou o Estado, e accendeo o animo de alguns Capitaens, cuja fama era tão valorosa como suas obras, para salvarem a Praça do assedio, e castigarem o attrevimento, com que os Decariis fatigavaõ a constancia dos seus defensores. Havia dous annos, que estes barbaros com seu orgulho, e grossas tropas infestavaõ as nossas terras, e devastavaõ os campos, impedindo a cultura, com damno dos moradores, e injuria do nosso Imperio, em que o soffrimento mais parecia fraqueza, que prudencia. Este descuido fatal dos Portuguezes dava novo animo aos inimigos, que fortificados em trincheiras faziaõ as hostilidades, que não podiamos evitar; e ja os estranhos estimavaõ em menos aquelle valor, com que sempre acreditamos o nome, e dilatamos o Estado. Chegou porêm o tempo da nossa vingança. Pegaraõ os Portuguezes das armas, e logo acclamaraõ a victoria; viraõ os inimigos a nossa espada, e logo sentiraõ o seu destroço. Juntaraõ-se Luiz de Brito e Mello, e D. Joaõ de Almada, Capitaõ-mór da armada de Dio, e formando hum corpo de mil e quinhentos homens, buscaraõ aos Mouros, para faude pública da Praça assediada. Achavaõ-se elles com mil cavallo, e cento e cincoenta escopeteiros, e outros muitos soldados todos valorosos, disciplinados, e resolutos a perder a vida, e não estragar a honra. Começou-se a batalha com estrondo das vozes, e das cargas de mosquetaria; porque entendendo os nossos, que no descuido dos inimigos dessem o primeiro passo para a victoria, experimentaraõ, que a sua vigilancia era muito grande; porque alguns da Cidade, com torpe exemplo, os avisaraõ da invasaõ, que maquinava. Assim não servindo o imaginado descuido ao nosso valor, se rompeo a batalha a risco aberto. Pelejou-se de ambas as partes com valor, e acordo; porque os dous campos

Tom. II.

Z

eraõ



eraõ de soldados amantes de gloria, e como taes, desprezando as feridas, e offerecendo os peitos ás ballas, se degolavaõ naõ temendo o ferro, e o fogo, que em todo o lugar servia para estrago da vida. Esteve duvidosa a victoria, e vacilando o successo se inflamavaõ todos a conseguir o triumpho. Cedêraõ finalmente os Decariis, e perdendo dous mil, que ficáraõ mortos, fugiraõ as reliquias daquelle podêr, que ameaçava funestas consequencias á conservaçaõ de Baçaim. Ficáraõ os campos livres, e puderaõ os natúraes cultivar as terras, ja agora seguras com o respeito desta insigne victoria. Os nossos queimaraõ o arrayal dos barbaros, e sem mais perda, que a do Capitaõ de Cavallos, Francisco Pereira Pinto, e alguns soldados, que acabaraõ com faudade da Patria, se recolhêraõ a Baçaim, onde os esperava o applauso, e as acclamaçoens do pòvo.

Faria *Asia Portug.* tom. 3. Part. 3. cap. 3. §. 20. Queirós *Vida do Irm. Basto liv. 3. cap. 3.*

Anno  
1666.

§. VI.

Europa.

Rey Dom  
Affonso  
VI.

O General da artilharia, D. Joaõ Salamanquez, com o genio altivo da Naçaõ Espanholla, e com as experiencias adquiridas em outros Paizes, formava do nosso valor differente conceito, do que mereciaõ as nossas heroicas acçoens na Provincia da Beira. Pedro Jaques de Magalhaens, bem conhecido dos Castelhanos por seu esforço, e fortuna, com que muitas vezes os besbaratou, quiz mostrar a D. Joaõ Salamanquez o como pelevamos, para que na ruina do seu Reino, se defenganasse aquelle General. Em ordem pois a executar este fim, entrou com mil Infantes, e quinhentos cavallos em Castella, e penetrando o Paiz, chegou á Villa de Saucelli, e assaltando-a com hum Terço de Infantaria prosperamente, a rendeo, e ganhou. Recolheraõ-se os seus moradores á Igreja, em cuja reverencia lhe perdoaraõ os nossos as vidas; porê m saquearaõ a Villa, e depois a abraçáraõ, servindo as suas chãmas de sentinellas, que despertáraõ aos inimigos ao conflicto, em que fôraõ desbaratados, com grande gloria do nome Portuguez, e reputaçãõ das armas dos partidos da Beira.

Conquista  
da Villa de  
Saucelli.

Menez. *Portug. Rest.* tom. 2. p. 779. Mercur. do mez de  
Março de 1666. XIV. DE



XIV. DE MARÇO.

Anno

2. I.

Europa.

713.

*Rey Dom Rodrigo.* **F**OY lamentavel a todos os Christãos de Espanha, e de Portugal este seculo, em que pelejando toda a Africa contra a sua antiga liberdade, não houve lugar por mais forte, ou por mais bem defendido, que não fosse conquistado pela furia dos Sarracenos. Ja toda a Provincia do Alem-Tejo lastimosamente gemia debaixo da oppressão, que davaõ estes barbaros aos Christãos, matando aos que lhe resistiaõ, e cativando aos que se lhe entregavaõ. Deste modo, como pelejava em seu favor o grande terror, com que os nossos ouviaõ as tyrannias, e crueldades, que obravaõ aquelles ministros da íra, e da barbaridade, antes que chegassem aos Lugares, ás Villas, e Cidades, lhes abriaõ as portas, para que lhes não tirassem as vidas. A Cidade de Evora, como Praça mais forte, e de mayor numero de moradores, parece, que intentou conservar-se livre da universal ruina, que padeciaõ as mais Cidades do Alem-Tejo; mas como a sua perda, e por consequencia a de toda a Provincia, estava decretada pela indignação Divina, ainda que resistio a muitos assaltos, em que vio os fossos, e cavas dos muros, cheyos de sangue dos barbaros, com tudo não havendo em Portugal tropas, ou exercito, que pudesse soccorrella, e livralla da futura calamidade, continuando o cerco com grande pertinacia dos Mouros, se veyo a render, depois de fazerem os seus moradores tudo o que era util para salvar as vidas, e as liberdades. Os inimigos ja victoriosos, depois que entraraõ na Cidade, seguindo a crueldade dos seus animos, executáraõ espantosas tyrannias, como em satisfacão do sangue, que derramaraõ nos combates, e dos mortos, que haviaõ perdido no discurso de taõ porfiado, e bem defendido cerco; e ficáraõ os moradores, que restaraõ ao commum estrago, gemendo na mais dura escravidão, até que seus descendentes, passados muitos seculos, entraraõ na obediencia do nosso primeiro Rey, pela valorosa entre-

*Ganhaõ os Mouros a Cidade de Evora.*

Europa.

*Conquista da Villa de Saucelli.*



preza de Giraldo sem pavor, que felizmente libertou Cidade taõ illustre.

Faria *Europ. Portug. tom. 1. Part. 4. cap. 3. §. 5. Mon. Lusitan. tom. 2. liv. 7. cap. 5.* Mend. Silva *Poblac. Gen. de Espan. fol. 117.* Sandoval *Recop. das Hist. dos Bisp. pag. 85.* Carvalh. *Corograf. Portug. tom. 2. Trat. 1.*

Anno

§. II.

Europa.

1568.

Rey Dom  
Sebastião.

**O** Valorosissimo soldado, e Capitaõ insigne, D. Manoel de Lima, nasceo filho de Diogo Lopes de Lima, Alcaide-mór de Guimaraens, e Copeiro-mór del Rey D. Joaõ III. e de sua mulher, Dona Isabel de Castro, Senhora de Castro Dairo, e de outros opulentos morgados. O sangue de taõ illustres Pays, que o faziaõ parente de innumeraveis Cavalheiros de Portugal, e Castella, novamente soube depois ennobrecer com as famosas, e militares acçoens da sua vida nas Regioens do Oriente. Seu Pay nos primeiros annos lhe obteve huma Conezia na célebre Collegiada da mesma Villa de Guimaraens: provimento, que deu occasiaõ para haver as prevençoens de huma guerra civil, que se desvaneeo por authoridade, e persuasoens do Arcebispo de Braga, D. Diogo de Soufa de Vasconcellos; mas como o genio o levava ao estrondo das armas, largando este beneficio, as vestio animoso, e passou á India: parece, que o espirito presago da gloria, que havia adquirir ao seu nome, e ao Estado, o levou aquelle theatro das nossas proezas. Logo na defenfa de Calcut mostrou a grandeza do seu valor; e nomeado Capitaõ de huma armada de sete navios, servio de modo, que os inimigos destrocados, e suas terras assoladas serviraõ de valoroso tirocinio da sua espada. Entrou, como premio do que obrára, Capitaõ da Fortaleza de Baçaim; e por ser taõ cheyo de esforço, como de genio desconfiado, rompeo em tal defuniaõ com o Governador, Martim Affonso de Soufa, que este por authoridade do Lugar, o mandou prender em hum Galeaõ; e ainda que a prudencia do mesmo Governador o quiz satisfazer, a sua cólera o precipitou a naõ querer a graça de fahir solto do mesmo Galeaõ, e passando a Cochim, navegou ao Reino a esperar aquelle Fidalgo, para em desafio purificar a sua queixa, ou desconfiança. El Rey Dom

Morte de  
D. Man.  
de Lima.

Joaõ



Joaõ III. como Pay de taõ benemeritos vassallos, dando-lhe a honra de Capitaõ de Ormuz, e o governo de huma não, prevenio a fatalidade, que podia causar o pundonor, se na Corte se avistasse com aquelle grande homem, que taõ gloriosamente governára o Estado; e ainda que elle entendeu, que o despacho era desvio de huma ruina, beijando a maõ a taõ benéfico Principe, navegou, e felizmente chegou ao porto de Goa, ao tempo, que os exercitos de Cambaya ferozmente expugnavaõ a Fortaleza de Dio. Ardia no seu generoso peito aquelle fogo da honra, e zêlo no serviço da Patria, natural aos Heróes; e sabendo o perigo dos cercados, se quiz embarcar com trezentos soldados á sua custa, e hir fer companheiro daquelles Portuguezes, que por entre fogo, e sangue, e quasi sepultados nas ruinas das suas muralhas, se faziaõ exemplar da constancia mais valorosa. Governava a India o grande D. Joaõ de Castro, e louvou a resolução, como filha do seu espirito; mas rogou-lhe o acompanhasse na armada, com que em pessoa determinava salvar a Fortaleza, e romper aos inimigos. Reprimio entaõ o seu ardor, para obedecer, e na companhia daquelle Heróe passou a Baçaim. Desta Cidade sahio com seis navios a correr a costa de Cambaya, e tomando trinta embarcaçoens, que basteciaõ o campo dos inimigos, se recolheo victorioso á mesma Praça, trazendo por galhardetes corpos de Mouros despedaçados, para causar terror aos vivos, e alento aos nossos. O bom successo desta sua expedição lhe deu o governo de huma armada de trinta baixeis, com que entrou no rio de Surrate, e assolou huma grande povoação, chamada dos *Abexins*, e supprendeo a Cidade de Antote, vencendo nestes lugares a resistencia, com que os naturaes procuraraõ defender suas Patrias; mas depois do estrago, que fez nas suas vidas, em que houve estranhas cruezas, passou ao destroço dos edificios, que todos abrazou com o incendio, em que os deixou reduzidos a lastimosas cinzas. Encorporado com o grosso da armada do Governador chegou a Dio, e na célebre, e memoravel batalha, em que se libertou a nossa Fortaleza, e se destroçaraõ os Capitaens del Rey de Cambaya, com huma das mayores victorias, que na Asia vencêraõ as armas Portuguezas, foy taõ grande parte, que mereceo a fama immortal, que lhe deu a gloria de taõ formoso dia. No esquadrão, que lhe



lhe fiou D. Joaõ de Castro, obrou proezas taes, que se fez igual a D. Joaõ Mascarenhas, defensor da Praça, a D. Alvaro de Castro, imitador, e filho do invencivel Governador, e excedeo a muitos dos grandes Capitaens, que neste conflicto obraraõ acçoens de verdadeiros soldados de Christo. Depois como credor das mayores emprezas, o elegeo o mesmo Governador, Capitaõ da armada para assolar o maritimo de Cambaya, e mandando trinta navios sobre a mesma enseada, a furia de huma tormenta o levou ao porto de Goga, que por ordem expressa lhe era vedado; mas vendo, que seus moradores, com terror de ver aquellas bandeiras, que victoriosas tremolaraõ em Dio, fugiaõ a salvarte em huma serra, interpretando o preceito em beneficio do valor, saltou na praya, cometteo a Cidade, que entrada, e rendida, os seus edificios, e riqueza servio à violencia do fogo, assim como na serra acabaraõ os que nella se refugiaraõ, aos golpes da espada. O mesmo experimentou a Cidade de Gandar, que ficou reduzida a cinzas, difundindo-se semelhante estrago a outras povoaçoens, com a morte de innocentes, e culpados, sem distincção de sexo, ou idade. Coroado destas novas palmas se restituiu a Dio; e achando o Governador sem Capitaõ para a sua Fortaleza, que muitos Fidalgos rejeitavaõ, pois Dom Joaõ Mascarenhas, que taõ heroicamente a defendêra, se queria embarcar para o Reino, desprezando os interesses da India, por receber nos braços do Principe a remuneraçãõ dos seus trabalhos, se offereceo a servir o lugar, que os outros aborreciaõ: acçaõ, que soube apreciar o grande D. Joaõ de Castro, como propria de hum generoso espirito. Depois de attender ao reparo, e restauraçãõ da Fortaleza, que a guerra deixara quasi arrazada, navegou a exercitar a sua Capitania de Ormuz, em que sendo o mesmo Heróe, que nos outros lugares, conservou a Fortaleza, destruiu os inimigos daquelle Principe, nosso feudatario, e servio ao seu Monarca, com tanta gloria, e conveniencia do Estado, que mereceo, se collocasse o seu nome entre os mayores Capitaens, que militaraõ na India. Finalmente com o largo tempo de vinte e cinco annos, em que sempre trouxe as armas vestidas, e a sua vida no perigo de tantos conflictos, veyo para o Reino, onde no tempo que viveo, teve aquelle respeito, que o seu illustre sangue, e obras mereciaõ, e cheyo de tantos  
merci-

Anno  
1602.Rey Dor.  
Filip. II.  
Vice-Re.  
da India  
Ayes de  
Saldanha



merecimentos, como os homens de faudade, pagou o tributo de nascer mortal. O seu cadaver foy sepultado no Real Convento de S. Francisco desta Corte, na Capella-mór, de que era Padroeiro, gravando-se-lhe nos marmores, que lhe escondem as cinzas, hum largo epitafio, que de suas proezas na India, e nobre sangue, faz honrada, e agradecida memoria: retribuição, com que os Religiosos eternisaraõ as grossas esmólas de quatorze mil cruzados, que dispendeo para se acabar o seu magnifico Templo. Sendo casado com Dona Maria de Mendocça, filha de Manoel Corte-Real, Capitão Donatario da Ilha Terceira, e de tua mulher Dona Brites de Mendocça, não deixou successão legitima, em que se vissem remunerados taõ largos serviços, com que na paz, e na guerra se fez dos mais benemeritos filhos da sua Patria.

Freire *Vida de D. João de Castro liv. 3. num. 3. 6. 7. & num. 20. 24. 33. e 34.* Esperança *Hist. Seraf. dos Menor. tom. 1. liv. 2. cap. 22.* Couto *Decad. 6. da India liv. 7. cap. 2. e 3.* Faria *Asia Portug. tom. 2. liv. 2. cap. 3.* Sousa *Hist. Geneal. da Cas. Real Portug. tom. 12. Part. 2. liv. 14. cap. 10. 2. 1.* Barbud. *Emprez. Milit. dos Lusitan. fol. 110.*

Anno  
1602.

2. III.

Asia.

**A**inda o tyranno Bahadala estava com as feridas mal curadas, e ainda o seu exercito se não havia recuperado *Grande Filip. II.* dos estragos, que lhe fizera a nossa espada, no primeiro de *sucesso, e Vice-Rey* Janeiro, quando irritado com seus mesmos destroços ja buí- *victoria da India*, cava, para vingança em novos conflictos, occasião de mayores *Fortalezas de Ayres de* infelicidades. Soube aquelle barbaro, que dos muitos *Portuguezes*, que ajudaraõ aquella victoria, deixando loccorrida *Siriaõ*. a Fortaleza com taõ insigne triunfo, buscáaraõ em diferentes portos daquellas costas, o interesse dos seus commercios, e parecendo-lhe, que a nossa confiança poderia agora servir a nossa ruina, tentou a fortuna, rogando a sorte com empresas novas. Por este motivo, com cerco repentino, se vio *Siriaõ* em mayor perigo, e Salvador Ribeiro com huma guerra, para que não estava prevenido. Achava-se com duzentos Portuguezes, e alguns naturaes de Pegu, numero pequeno para resistir a tantos contrarios; mas alentando-se com a vizinhança do perigo, e com a memoria do passado, o risco



o risco lhe despertou a vigilancia, e a memoria do outro successo lhe deu animo, para esperar nos combates, semelhantes prosperidades. Assim no campo os inimigos, na Fortaleza os nossos se deliberaraõ á guerra, com taõ diversos, ainda que valorosos intentos. Naõ quiz o Banhadala, que a victoria lhe custasse as melhores tropas do seu exercito, expugnando a Fortaleza com guerra descoberta, e assaltos; e mandou fabricar grandes, e levantados carros de madeiras secas, e alcatroadas, os quaes cheyos de polvora, e materias, em que se prendesse, e conservasse o fogo com voracidade, os arrimasse ás nossas muralhas, que tambem eraõ de madeira, para que em breve ficassem despojo das chãmas, e os Portuguezes seus defensores victima da sua industria. Era sem dũvida esta militar invençaõ, mais formidavel aos nossos, que todos os passados assaltos; porque aos homens se resistia com o valor; mas contra a violencia do fogo faltava a opposiçaõ; e assim lastimosamente acabariaõ consumidos pelo incendio, que se maquinava, e a que se naõ podia resistir! Nesta afflicçaõ, que era grande, fluctuou o impavido animo de Salvador Ribeiro, naõ lhe occorrendo meyos para triunfar de taõ fatal invençaõ; porẽm, quando mais attribulado se vio o seu coraçãõ, o Omnipotente braço livrou a Fortaleza com hum prodigio natural, que pelo tempo, e circumstancias, pareceo evidente milagre. Prevenidas estas maquinas incendiarias, chegado o tempo de se arrimarem á Fortaleza, se formou o exercito contrario, que passava de oito mil combatentes, e dividido em muitos batalhoens, veyo marchando: precediaõ quinhentos cavallos, com muitos Ximindos, que he o mesmo que Generaes, e a todos animava o Banhadala, para que na sua presença se vigorassem para triunfar do valor Portuguez. Com este apparatus se avançaõ ao assalto, quando ja o Sol desamparava os ultimos horizontes, como que no avance das muralhas encobriaõ o intento de queimar a Fortaleza. Acodiraõ os nossos ás armas; começou a batalha, e logo o estrago; choviaõ dardos, lanças, granadas, e outros instrumentos da morte: muitos dos inimigos se lançavaõ nos mesmos fossos, em que eraõ abrazados com azeite fervendo, que lançavaõ os defensores: outros eraõ traspassados com mortaes feridas; e tudo era confusaõ, terror, alaridos, e huma triste imagem das infelicidades, que  
traz



traz a guerra nos conflictos. Sentiaõ os inimigos nos corpos as feridas, e o mesmo sangue, que vertiaõ os irritava para mayor vingança, augmentando-se com o tempo a furia do combate, com estranha crueza. Nestes perigosos accidentes do assalto acudia Salvador Ribeiro, com cincoenta soldados Portuguezes, aos lugares do mayor conflicto, e louvando a constancia dos que resistiaõ, e metendo-se nos inimigos os deixava novamente cortados de mais pezados golpes, de que huns cahiaõ mortos, outros se affaltavaõ feridos; porêm como o intento dos que assaltavaõ a Fortaleza, era dar tempo, a que chegassem os fataes carros, para o fim premeditado, os conduziraõ a distancia, em que ja era infallivel a nossa ruina, e a sua victoria. Aqui foy o mayor susto dos defensores, pois com inutil valor seriaõ queimados: Salvador Ribeiro procurava desfazer estas maquinas, com os golpes da artilharia, antes que se lhe puzesse o fogo, e buscava todos os outros meynos de evitar, que chegassem ás nossas muralhas; porêm tudo se convertia em desengano, de que o mal era inevitavel. A hum tempo festejavaõ os inimigos ter conseguido o fim da guerra, e aos Portuguezes lhes cahia o animo, mas naõ lhes enfraquecêraõ os braços; como quem desejava acabar vingados, naõ afroxáraõ instante de pelejar, para que mortos, nas suas cinzas se respeitassem os milagres do valor, e da fidelidade. Porêm que admiravel he a Providencia Divina em favor dos que seguem a verdadeira Religiaõ! Quando ja desconfiados esperavaõ os nossos o ultimo catastrofe da sua vida, repentinamente se levantaraõ huns vapores, que formando hum novo metheoro, se vio a nossa Fortaleza cercada de hum globo luzente, que engrossado em vivas, e resplandecentes chãmas, foy parar sobre os arrayaes dos inimigos, com taõ festivo alvoroço dos Christãos, como terror dos idolatras, que cheyos de confusaõ, e desordem, largaraõ o combate, deixaraõ os castellos, e fugiraõ desfacordados. Este fenomeno da natureza, ou milagre do Omnipotente, livrou Siriaõ do ultimo estrago, e destruiu ao exercito do Bahadala. Novamente alentados sabiraõ os Portuguezes ao campo, como soldados, a quem protegã mais poderosa maõ, e naõ só queimaraõ os castellos, mas degolaraõ a todos os inimigos, que o descuido, ou soberba deixara fora dos quarteis; e com o mais glorioso successo inteiramente



ramente vencêraõ aquelles barbaros, que poucas horas antes, ja contavaõ como triunfo das suas armas, o infalivel destroço dos Portuguezes. Assim do mayor risco tivemos a mayor felicidade, que deu estrondoso brado naquellas Regioens, que muitos dos seus Povos buscaõ o amparo de huma Fortaleza, que sustentára o valor dos seus defensores, auxiliado com a Divina protecção, contra exercitos numerosos, e máquinas, que pareciaõ inspiradas por espiritos infernaes, para ruina de huma Fortaleza, que era o escandalo das suas armas, e agora fervio de novo padraõ da gloria Portugueza.

Mouzin. *Conq. do Rein. de Pegu cap. 10. Faria Asia Portug. tom. 3. Part. 2. cap. 6. §. 17.*

§. IV.

Anno

1602.

Rey Dom  
Filip. II.

**O** Sanguinolento combate; e lastimosa perda do Galeaõ Saõ-Tiago, augmentou o numero das muitas embarcaçoens, que se tem perdido na carreira da India, para o Reino de Portugal, sendo esta desgraça originada, mais pela desordem do nosso governo, que por valor dos nossos inimigos. Sahio de Goa este Galeaõ abarrotado com tanta carga, e tão mal prevenido para a guerra, que ja a prudencia lhe podia vaticinar a infelicidade, com que foy importante preza das armas de Hollanda, que infestavaõ com muitas náos bem equipadas, os mares da India. Era seu Capitaõ Antonio de Mello e Castro, de valor conhecido; e depois de felizmente passar o Cabo da Boa-Esperança, na obediencia das ordens do seu regimento, veyo tomar a Ilha de Santa Helena, que servindo ás outras embarcaçoens, para refresco da viagem, a este Galeaõ foy a causa da sua ruina. Nella o esperavaõ tres náos de Hollanda, tão bem prevenidas, e tão poderosas, que parecia loucura o pelear, acerto o ir em rumo differente; mas dando armas a mesma necessidade, se preparou para tão desigual combate. Jogavaõ as tres náos mais de noventa canhoens, o nosso baixel dezafete peças de pequeno calibre; ellas desembaraçadas para a peleja, o nosso Galeaõ empachado com a muita fazenda, que impedia o poderem-se borrar ao tempo do conflicto; mas supprio a honra, e brio a todos estes embarços. Velejaraõ logo os inimigos com duas náos a senhorear o Galeaõ, como preza certa do seu podêr, e disciplina. Ateou-se o combate com resolução, constante da

Africa.

Combate,  
e perda do  
Galeaõ  
Saõ-Tia-  
go.

nostra



nossa parte, incessante, e violenta dos contrarios. Choverão  
 balas, e todos os instrumentos, com que no mar se peleja, e a  
 tudo resistio o Galeão, que ja com as enfiarças despedaçada-  
 das, os costados rotos, e muitos dos defensores mortos, e feri-  
 dos, mal podia continuar o conflicto. Anoteceo, e obser-  
 vando o Capitão, Officiaes, e Cavalheiros, que sustentavaõ  
 taõ desigual batalha, que ancorados seriaõ, com inutil va-  
 lor, funesto despojo do muito fogo, com que os abrazavaõ  
 os Hollandezes, se determinaraõ a picar as amarras, e cor-  
 rendo ao mar largo, pelear, navegando na volta do Brasil.  
 Executou-se conselho taõ prudente; mas como o Galeão,  
 pezado com a excessiva carga, e por sua estrutura, era roncei-  
 ro, e de pessima navegação, logo estiveraõ sobre elle as  
 náos Hollandezas, e com terrivel fogo da sua artilharia, o  
 fôraõ desaparelhando nas vélas, e enfiarça, e fazendo rom-  
 bos no corpo dos costados do mesmo Galeão, porque entra-  
 va o mar com tanta violencia, que baldando-se as bombas, e  
 gamotes, infalivelmente padeceria naufragio. Procuravaõ os  
 nossos abordar-se com as náos, para se remit do perigo com  
 suas armas; porê m a ligeireza com que os inimigos frustra-  
 vaõ esta valorosa resolução, augmentava o nosso perigo de  
 beber a morte nas ondas, e não salvar as vidas com a espada.  
 Assim com trabalho incrível chegou o terceiro dia de taõ in-  
 fausto combate; e vendo a gente do Galeão ser impossivel  
 escapar do naufragio, ou do podêr dos Hollandezes, clamá-  
 raõ se rendessem, antes que perecer afogados. Aqui mostrou  
 Antonio de Mello e Castro hum coração impavido, lembran-  
 do a obrigação, que tinhaõ os Portuguezes de resistir nos  
 mayores trabalhos do mar, e da guerra, para servir ao seu  
 Principe; que nos ultimos perigos se via a constancia de ani-  
 mos heroicos, que ainda esperava triunfar dos Hollandezes,  
 e dos mesmos elementos. Porê m ao mesmo tempo o Galeão  
 bebia por tantos rombos a sua perda, que os homens com  
 huma desculpavel desobediencia ao seu Capitão, arvoraraõ  
 bandeira branca, e se renderaõ, querendo perder a fazenda,  
 e salvar as vidas. Acodiraõ as lanchas Hollandezas, e pro-  
 pondo ao nosso invencivel Capitão, lhe entregasse a pedra-  
 ria delRey, e livro da carga; como elle generosa, e fiel-  
 mente havia lançado huma, e outra cousa aos mares, esteve  
 no perigo de ser morto: fatalidade, que, se não a desejava,



naõ a temia. Por instantes se hia sumergindo o Galeaõ, e temendo os mesmos Hollandezes perecer no proximo naufragio, se lançaraõ ás lanchas, conduzindo para huma das suas náos, ao nosso Capitaõ, e seu filho, mortalmente ferido no combate do primeiro dia, e a alguns Fidalgos, e Officiaes. Nesta grande afflicção se quizerão salvar os rendidos; mas com furor de piratas, e naõ disciplina de soldados, matavaõ os inimigos aos que lhes naõ mostravaõ bizalhos com diamantes. Os outros, que no Galeaõ esperavaõ lastimoso fim a taõ desgraçada vida, ligados a cordas pelas enforcias, se preveniaõ, para quando se sumergisse; mas quiz a providencia Divina, que se susteve quasi debaixo da agoa. Amanheceo, e determinando os Hollandezes aproveitar a preciosa carga, que encerrava, tanto se applicáraõ a tapar os rombos, e vedar a agoa, que o puderaõ conseguir, e livre ja do naufragio, navegaraõ náos, e Galeaõ na volta da Ilha de Fernaõ de Noronha, que demora na costa de Pernambuco, e Paraiba. Em vinte e dous dias foy vista, e logo lançaraõ nas suas prayas aos rendidos, sem armas, nem os precisos alimentos para o sustento, e cheyos de alegria pela preza, navegaraõ a Hollanda. O Capitaõ, e mais gente do Galeaõ padeceraõ as mayores necessidades de fome, e miserias em que ficaraõ; e lavrando huma pequena embarcação, finalmente chegaraõ a portos do Brasil, de que sahiraõ embarcaçoens, que os transportaraõ a Pernambuco, onde o Governador, Diogo Botelho fez tantas acçoens de caridade com elles, que deu mayores timbres á sua fidalguia, e à religiaõ de seu generoso animo. Assim perdemos hum dos mais importantes, e ricos Galeoens, que sahira de Goa, e causando a sua falta abatimento aos mercadores do Reino, e Lisboa, naõ abrio os olhos aos Ministros, para emendar os erros de se carregarem as nossas embarcaçoens, de modo, que nem puderaõ pelejar, nem seguir a navegação com a segurança, que pede huma viagem taõ dilatada, como sahir de Goa para buscar Portugal: desgraça ainda mayor, que a perda do mesmo Galeaõ!

*Amaral Tratado das batalhas do Galeaõ São-Tiago. Faria Asia Portug. tom. 3. Part. 2. cap. 6. num. 4. e 5.*



2. V.

Anno

1630.

Rey Dom  
Philip. IV.

America.

Victoria  
em Per-  
nambuco  
contra  
dous mil  
Holland.

**T**Antas perdas, que experimentou Pernambuco na primeira invasão dos Hollandezes, não quebrarão o animo ao grande Mathias de Albuquerque, para não buscar novos meynos, com que defender o interior daquella Provincia da insaciavel cobiça daquella Nação. Achavaõ-se os moradores Portuguezes, huns embrenhados no Certaõ, outros desamparados na campanha, e muitos sujeitos a seus inimigos; e querendo aquelle prudente Capitaõ dar lugar, em que vissem seguros das hostilidades, erigio huma Fortaleza em parte, que distava huma légoa do Arrecife, e Villa de Olanda. A' sombra desta nova defenfa se juntarão os moradores, augmentarão-se os soldados; e tímidos os Hollandezes de perderem o dominio da campanha com opposição taõ forte, para nos destruírem, e arrazarem aquelles principios de fortificação, sahirão do Arrecife dous mil soldados com Adol Fuerlest, e tendo marchado muitas horas de noite, ao romper da manhã avistarão a nossa Fortaleza; porém o nosso General, ou não querendo arriscar os moradores em algum assalto, ou desejando cortar com mais pressa as palmas para o triumpho, buscou os inimigos no campo; investio-os, rompeo-os, e desbaratou-os a todos, e seguindo a victoria, fez estrago sem resistencia, nos que ja cortados do medo, confusos, e desordenados fugião a salvarse da nossa indignação. Foy o Arrecife o asylo, em que se livraraõ da ultima ruina; com tudo deixarão 170 mortos, no campo; os feridos excederão em numero. Nós comprámos esta victoria á custa das vidas de alguns soldados, e das feridas dos Capitaens, Pedro Manoel Pavaõ, Antonio de Araujo e Carvalho, e de outros, que heroicamente com o seu sangue esmaltarão o illustre desta acção, com que de novo se restaurou o animo dos nossos, abatido com as desgraças antecedentes, e os Hollandezes ficarão mais enfraquecidos com esta derrota, não se atrevendo a buscar os Portuguezes com aquella audacia, que costumavaõ.

Albuquerque. *Guer. do Brasil fol. 35. Castriot. Lusit. Part. 1. liv. 3. n. 7.* Brito Freir. *Nov. Lusit. liv. 4. n. 372.* Fr. Gio Giuf. de S. Teref. *Hist. del Brasile Part. 1. liv. 3. p. 100.*

2. VI.

2. V.



## 2. VI.

Anno

1663.

Rey Dom  
Affonso  
VI.

V Encidas, e superadas as grandes difficuldades, com que impediaõ os inimigos de Portugal, o ajustaremse as pazes entre esta Coroa, e a República de Hollanda, e triumphando o Conde de Miranda das astucias dos Castelhanos, se publicaraõ em todas as Provincias daquelle Estado, com alegria geral dos mesmos Hollandezes, pelas altas conveniencias, que interessou a companhia Occidental, para nos ficarem livres as Praças do Brasil, que lhe tinhamos conquistado. Foy esta grande negociação applaudida em Portugal, como ella merecia; pois consideravamos a este Reino desembaraçado de huma guerra tão formidavel, a America segura, e a India livre de se lhe continuar a sua ultima ruina, a que a tinhaõ reduzido as armas Hollandezas por espaço de secenta e seis annos, com tal fortuna, que ja de tão grande Imperio, como foy o nosso do Oriente, mal conservavamos huma sombra da sua antiga magestade, e opulencia.

*Mercur. Portug. do mez de Abril de 1663.*

Europa.

Publicaõ-  
se Pazes  
entre Por-  
tugal, e  
Hollanda.

## 2. VII.

Anno

1666.

Rey Dom  
Affonso  
VI.

O Incendio da Villa de Saucelli certificou a D. Joaõ Salamanquez, de que havia Portuguezes no campo, e como o seu mayor desejo era pelejar com elles, sahio de Ciudad Rodrigo com quatrocentos cavallos, e quinhentos Infantes, tão cheyo de valor, como de esperança de conseguir huma grande victoria, e de nos desbaratar inteiramente. A este tempo marchava Pedro Jaques de Magalhaens com as suas tropas, tão vagaroso, que deu lugar aos Castelhanos de chegarem com os seus primeiros batalhoens, a investirem o Terço de Manoel Ferreira Rebello; porêm elle valendo-se da destreza militar, voltava a vanguarda, e bocas de fogo, tanto a tempo contra os inimigos, que suspendiaõ estes o ardor com que queraõ chocar, e romper a nossa Infantaria. Nestas voltas chegaraõ amigos, e inimigos ao posto, em que estava formada a nossa cavallaria, a qual não esperou se lhe unissem alguns corpos, que estavaõ avançados, para remetter á dos Castelhanos. Foy a sua resolução igual ao valor,

Europa.

Victoria  
contra os  
Castelhan.



lor, com que romperão aos inimigos, e os desbaratarão. D. João Salamanquez acodio a deter o impulso das nossas tropas, com acordo, e valentia; mas era ja tão fatal a confusão dos Espanhoes, que tambem se participou ao General o temor, com que estavaõ os soldados. Fugio elle para a Villa de Umbrales, e o Conde de Fontana, com outros Officiaes para Ciudad Rodrigo, deixando toda a sua Infantaria exposta a ser lamentavel despojo da nossa íra, como se experimentou, degolando os nossos a quinhentos soldados, e ganhando mais de cem cavallos perdidos. Quiz logo Pedro Jaques seguir a victoria; sitiou Umbrales, que estava tão fortificada, que a sua conquista dependia de mayor poder, do que tinhamos; porém estavaõ os Generaes de Castella, e os seus soldados tão cortados de medo, que sem verem instrumentos para o assalto, se renderão ao vencedor, ficando prisioneiro o General da artilharia, D. João Salamanquez, e muitos Officiaes. Ganhamos nesta importante victoria, cento e secenta cavallos, que nos entregaraõ na Praça, e perdoou Pedro Jaques aos moradores, mandando todos os prisioneiros para Ciudad Rodrigo, obrando sempre este Varaõ, de modo, que alcançou nome grande por suas heroicas acções, entre Castelhanos, e Portuguezes.

Menez. *Portug. Rest. tom. 2. Part. 2. liv. II. pag. 780.*  
*Mercur. Portug. do mez de Março de 1666.*



## XV. DE MARÇO.

§. I.

Anno do  
Mundo  
3960.  
Da Fun-  
dação de  
Roma  
710.

Europa.

**C**OM faudade, e terror do Mundo Romano, que felizmente governára, acabou o invencivel Julio Cesar, morrendo no Senado de vinte e tres feridas, com que os inimigos da Patria, e da soberania, privaraõ da vida a este mayor homem, e Capitaõ, que viraõ os seculos de Roma. Do seu derramado sangue, como da melhor officina, para se eternisar a soberania, se forjaraõ as armas, que totalmente extinguiraõ a República, e na sua morte, soube o generoso espirito de Octaviano, seu sobrinho, vingar, estabelecer o Sceptro, quando os communs inimigos acclamavaõ restaurada a liberdade: occultos juizos de mais alta Providencia! Nascio Julio Cesar ja grande pelo esplendor da sua Familia, que era das mais esclarecidas em Roma, tendo pelo nobre da ascendencia o fair illustre. Chamou-le *Cesar*, por ser appellido de sua Casa, e naõ por sahir ao Mundo, abrindo-se com ferro o claustro materno; pois naõ devia a natureza, como benefica para Roma, embarçar o nascimento de hum Varaõ, que lhe deu tanta gloria. Logo na puericia mostrou, que nos futuros annos seria, de huns terror, e de outros a felicidade: excellencia, que temeo Sila, vaticinando em Cesar multiplicado o espirito de Mario, célebre nas Historias de Roma por seus altos pensamentos, e desgraça; porèm venceu Cesar as fataes idéas de Sila, livrando da morte, que lhe maquinava. Deixando Roma, visitou distantes Paizes, instruindo-se nas artes, e sciencias, que depois lhe serviraõ para reger o pòvo, e vencer aos inimigos. Restituido á Patria, e seguro de que naõ acharia nas iras de Sila os perigos, que lhe dispunha aquelle defensor da República; pois ja se compadecêra de hum tal mancebo, que pelo claro das suas virtudes era amado dos mesmos adversarios! Succedeo, para tirocinio de suas proezas, que antes de chegar a Italia, o cativaraõ huns piratas, e mostrou animo taõ superior na desgraça, que dizendo-lhes, os havia de castigar, e comprando a liberda-



liberdade por cincoenta talentos, depois os buscou, e venceu, restaurando o seu ouro, e coroando-se com este primeiro triunfo, que teve o seu animo em taõ nova batalha. Com esta victõria, se vio mais respeitado em Roma, e ja desfaffombrado do cruel, e violento Sila, que achou morto. Nem só nesta batalha naval conseguiu o nome de valoroso, mas na guerra da Asia, onde em muitos casos, se mostrou igual no illustre de suas acçoens, que lhe déraõ a Coroa *Cívica*, e ao Imperio importantes Paizes. Assim duas vezes grande, pelo sangue, e pelas armas, quando contava só vinte annos, entrou em Roma, ja mais applaudido, e respeitado. Naquelle Corte do Mundo começou a executar a sua natural, e adquirida eloquencia, com tanto respeito, que se não foy igual a Cicero, só este Oraculo dos Oradores lhe foy primeiro. Tanta era a sua energia, taõ forte, e persuasiva a sua locuçãõ, que nas Oraçoens, a huns persuadia, a outros emmudecia, e a todos admirava; fõra em Rhodes fiel discipulo do famoso Apolonio, de quem tambem aprendera Cicero; e agora, quando fallava no Capitõlio, parecia, que nelle se trasladaraõ todas as partes daquelle Oraculo da Grecia. Mas não era Cesar para Orador, e o seu génio se arrebatava todo para a guerra, e governo do Estado; e assim nas armas foy o mayor Capitaõ do Mundo, e na administraçãõ da República o primeiro, que se arrogou á soberania de Roma, e á obediencia de todos. Assim o vio a mesma Cidade, quando sahio Tribuno, vencendo a parcialidade de Sila, e o merecimento de C. Pupilio, Varaõ de summo respeito. Passou depois, com o lugar de Questor á ultima Espanha, e Lusitania, onde obrou com o acerto, que não tiveraõ em annos dilatados, Capitaens insignes. A' dignidade de Questor se lhe seguiu a Edilicia, e soube adquirir com a suavidade das palavras, magestoso dos espectaculos, e multiplicadas obras de generosidade, o amor dos Cidadãos, que vagando o supremo Pontificado, elle foy o eleito contra a opposiçãõ de seus inimigos, e de grandes Varoens, que pertenderaõ este grande emprêgo, da gentilica superstiçãõ de Roma. Succedeo no mesmo tempo a conjuraçãõ de Catilina; e suppondo-o complice no mesmo delicto, quando se lhe prevenia a ruina, conseguiu a Presidencia da Espanha Ulterior, tirando de huma desgraça ameaçada, huma gloria verdadeira.



dadeira. Não completo o anno desta Presidencia, e sem ter successor, o vigoroso do seu espirito o levou a Roma, onde, supperados os oppositores, sahio Consul em companhia de M. Calphurnio Bibulo. Entaõ para contrahir mais indissolvel aliança com Pompeyo o grande, o desposou com sua filha. Ao Consulado se lhe seguiu o supremo governo das Gallias, ou Provincias de França, e outras adjacentes, por cinco annos, em que obrou as façanhas militares, que o fizeram superior aos Alexandres, aos Fabios, Scipioens, e a todos os mayores Capitaens do Mundo. Neste governo mostrou a mayor constancia nos trabalhos, e perigos, valor nas batalhas, providencia nos acafos, disposiçaõ para as conquistas, e engenho nas empresas. Como eraõ aquelles Povos muy belicosos, e os confinantes jurados inimigos de Roma, sempre esteve com as armas vestidas, e desembainhada a espada, fulminante no seu braço; e respondêraõ ao seu zêlo as victorias, e sem numero as conquistas. Assim rendeo oitenta Cidades, e trezentos Póvos em huma só campanha: venceu aos Helvecios, ja naquelle tempo fortissimos soldados, aos Suevos, aos Alemaens, e outras Naçoens differentes, de modo que sujeitou todas as Provincias, que se dilataõ entre os Alpes, e Rodano, e entre o Rhim, e Occeano, sendo nestas guerras as suas proezas muito mais excellentes, que todas as com que humilhára os Lusitanos. Estes eraõ poucos, ainda que valorosissimos; mas as Naçoens, que venceu agora, uniaõ a hum robusto animo, copiosissimas tropas para formarem exercitos formidaveis; motivo porque estas victorias fôraõ mais gloriosas ao seu nome, e mais uteis á grandeza de Roma. Quando entrou a governar as Gallias formáraõ os Helvecios hum corpo de trezentos e setenta e oito mil homens: podêr taõ excessivo, que ameaçava o geral destroço das Legioens Romanas. Não quiz o invicto Cesar, que a demóra concorresse á victoria dos inimigos, e com a mayor celeridade, lançando huma ponte no rio, buscou a batalha. Temeraõ os inimigos o conflicto, presagos da sua desgraça; e propozeraõ condiçoens, para se livrar com a paz, do perigo, que não foy aceita, para castigo da sua vaidade. Rompeo-se a discordia, e nas horas de hum dia, e sua noite, fôraõ destroçados com a perda de duzentos mil homens, que na resistencia, e na fugida, fôraõ sanguinolento despojo das  
armas



armas de Roma, que desta victoria colheo os valorosos frutos de vingar os damnos de seus aliados, e a quietação de muitas Provincias. Logo passou o invicto Heróe a defender os povos sujeitos, a que offendia ElRey Ariovisto, poderoso Principe de Alemanha. Não quiz o Barbaro ceder á razaõ, fiado na força do seu exercito, e pericia dos seus Cabos, que era tanta, que atemorizados os Romanos, duvidavaõ pelear, e propoz com arrogancia o desfistir da guerra, largando Roma o dominio das Gallias: atrevimento grande, governando as suas armas o Cesar, que resolveo fosse a resposta dada pela dureza do ferro, e arrostando-se com poucas Legionens contra tantos soldados, se rompeo hum dos mayores tranfes da guerra. Muitas vezes esteve o numero vencido pelo valor, e este superado pelo numero, mas em fim venceo aquelle Heróe. Fugio o Rey contrario, por não honrar o triumpho com taõ grande prisioneiro, ou por não fazer mayor o estrago com a sua morte; e deixando no campo oitenta mil dos seus soldados sem vida, aprendeo na propria desgraça a receber a ley do seu vencedor, que sempre generoso lhe concedeo as mais benignas condiçoens. A esta guerra de Alemanha succedeo a conquista mais gloriosa, por ser mais difficil vencer a gente da Gallia Belgica. Eraõ estes Povos os mais valorosos de todas aquellas Provincias, unindo-se-lhes ao natural esforço, a militar disciplina dos seus soldados. Desprezado porêm todo o receyo, depois de varios recontros, se deu batalha campal, em que se mostrou taõ duvidosa a fortuna, que ja muitos Romanos começavaõ a dar finais de temor; o que observado por aquelle Capitaõ, em que era costume o vencer, com a palavra, e muito mais com as obras, os incitou a pelear com taõ nova resolução, que mudada a sorte da guerra, se desbaratáraõ taõ animosos Francezes, e no obsequio do vencedor lhe juráraõ profunda obediencia. Assim acabou huma perigosa guerra no mais breve tempo, para ser immortal a fama do seu nome, podendo levar arrastados no carro da sua gloria, as indomaveis Naçoens de Helvecia, Alemanha, França, e diferentes Povos. Retumbaraõ em Roma os eccos de tantas victorias, com que este seu mais benemerito filho dilatava a extençãõ do seu Imperio; e querendo retribuir as suas proezas, decretaraõ por quinze dias as supplicaçoens gentlicas: *ceremônia*



nia com que solemnizavaõ as mayores felicidades. Tudo merecia homem taõ grande ; mas de que servio a sua fama , e amor dos seus soldados ! Excitou a invéja para arruinar a sua grandeza , adquirida com os incriveis trabalhos , e perigos da sua vida. Declararaõ-se contra elle Cataõ , e Lucio Antistio , e com pública opposiçaõ promovêraõ o tirarse-lhe o governo , em que taõ valorosamente servia a sua Patria ; mas a pezar destes inimigos , se lhe prolongou por outros cinco annos , sem dâvida para mayor esplendor do nome , e extençaõ do dominio Romano. Começou este novo tempo , e se lhe repetiraõ as suas victorias , e conquistas , sujeitando povos , que facudida a obediencia , no merecido castigo se sujeitáraõ. Renovou-se com mayor perigo outra guerra mais difficultosa , para sahir novamente com superior gloria. Naõ quizeraõ os Alemaens conservar a trégoa estipulada com Roma , por este invicto General ; esquecêraõ os estragos padecidos , e juntando quatrocentos e cincoenta mil homens , procuráraõ na ruina das suas Legioens , conseguir a liberdade. Era excessivo o seu numero , o valor se naõ distinguia da multidãõ ; mas como o Cesar estimava juntar inimigos , para de hum só golpe dar fim aos perigos da guerra , buscou o transe de huma batalha. Rompeo-se , e com tanto estrondo das armas , como destroço de soldados , que pereciaõ com igual valor , que infelicidade. Fez-se o grande Heróe com maravilhosas açcoens terrivel aos inimigos , que neste dia , com valor inutil pelejavaõ para occupar as Gallias , e facudir a obediencia , que naõ soffriaõ ; mas fôraõ vencidos com tal estrago , que de quatrocentos e cincoenta mil combatentes , muy poucos escaparaõ , a quem naõ traspassasse o ferro com a morte , ou naõ ligasse no cativoiro , sendo taõ espantosa a victoria , que totalmente abateo a soberba dos Alemaens , jurados inimigos da grandeza Romana. Este novo triumpho pudéra trazer algum descanso ao Heróe , que tanto o merecêra ; porêm era o seu espirito ambicioso de novos trabalhos , na conquista de Provincias novas. Resolveo penetrar a Ilha de Inglaterra , e succedeo a execuçaõ a taõ valoroso intento ; porque embarcando-se saltou na terra : com as armas venceo a resistencia , e com suavidade os animos , deixando logo este Mundo separado , obediente , e tributario : facçaõ das mais illustres do seu governo , e que lhe adquirio o nome de *Britanico*.



*tanico.* Ornado com tantas palmas, passou de França a Roma, onde os públicos obsequios, que lhe tributava o público agradecimento, lhe concitaram a inveja de seus inimigos domesticos; mas não o despojaram de novos louros, que lhe deu a rebelião vencida de muitos povos de França. Para sustentarem com armas a sua desobediencia, juntaram duzentos e cincoenta mil homens, e fazendo as hostilidades, que lhes dictava a desesperação, e facilitava o grande poder, se temerão as consequencias de tão perigosa guerra; mas tudo venceu aquelle Capitão, que sempre era auxiliado da fortuna, e do seu proprio valor. Correo de Roma a França, e unindo algumas tropas, e avistando aos sublevados, como estava no costume de vencer, não recutou o conflicto. Derramou-se muito sangue, e se contendeo com a mayor pertinacia de ambas as partes; mas depois de larga peleja, foram os Francezes, não só vencidos, mas totalmente destrozados, escapando tão poucos, que bem mostraram antes querer a morte com honra, que ficar superados. Com tão estrondosa victoria se coroarão os seus triunfos contra os inimigos estranhos; porque novas occasioens de mayor risco o chamaram, para contender com os seus mesmos naturaes; e vio o Mundo, que mudada a causa, foy mais terrivel a guerra, que teve com os mesmos Romanos. Era o seu animo tão generoso, que aspirava aos mayores lugares: a huns parecia ambição, a elle digno prêmio dos seus grandes merecimentos. Não soffriam os outros Capitaens a sua felicidade, e temiam, que de General aspirasse a ser o primeiro no governo, arrogando-se a Principado. Vagou o lugar de Consul, e o pertendeo Cesar: oppozerao-se declaradamente contrarios o grande Pompeyo, e Marcelo, declamando este com summa efficacia nos meyo de o arruinar, e de modo o tratou com injurias, que não as pôde soffrer a sua moderação. Ordenou logo o Senado, que largasse o governo das Gallias, e do exercito; com o fim, que se obedecia, ficava desarmado, e se repugnava o declaravao reo da proscricção: pena, que não soffria a sua magnanimidade! Constante, e determinado veyo a Ravena, e mostrando obedecer propoz largar o exercito, se Pompeyo ficasse tambem sem poder nos soldados; o que rejeitou o Senado como parcial deste inimigo do Cesar. Então determinando-se, a que as armas lhe dessem o Imperio de  
Roma,



Roma, fallou com tanta energia, e tão viva efficacia ás Legioens, que governava, que todas prometêraõ sacrificar as vidas na defenfa, da sua refolução. Este foy o tempo sempre fatal á sua República, em que rompeo naquellas valorofas palavras, de que chegava a occasião de ser: *ou Cesar, ou nada!* Logo passando as agoas do Rubicaõ, senhoreou Armino, e como se voasse com os seus companheiros, rápidamente ganhou Pefaro, Tano, e Ancona, e por Marco Antonio a Cidade de Arezo. Estas conquistas enchêraõ de terror a Pompeyo, e ao Senado, com tanta consternação, que desamparada Roma, se passáraõ a distancia, que os livrasse do vencedor. Entrou elle naquella soberba Corte, e seguindo os impulsos da sua clemencia, e generosidade, offereceo novas condiçoens, para se acabar a discordia; mas rejeitadas com soberba, e obstinação, como senhor do Erario público, tirou vinte milhoens, com que satisfez os soldados das suas Legioens. Ao mesmo tempo se declarou a fortuna tão propicia, que sem desembainhar a espada, recebeu na obediencia de toda Italia o mayor triumpho, a que podia aspirar o seu valoroso animo. Como era o mais ardente nas empresas, e ja determinava ser absoluto nas outras Provincias, deixando entregue Italia a Capitaens de fidelidade conhecida, passou a senhorear Espanha, onde Pompeyo ainda conservava amigos, e muitos soldados. Como havia passar por França, se lhe quiz oppôr Marselha; mas destrocada no mar a sua armada, se rendeo aquella Cidade, augmentando assim o numero dos seus sequazes. Chegando a Espanha Citerior, quizeraõ sustentar a guerra Afranio, e Petreyo, que seguiaõ a voz da República com grosso exercito; mas fôraõ vencidos, mais, que pelo ferro, pela benevolencia do Conquistador, a quem as victorias de huns facilitavaõ a obediencia dos outros; pois com igual successo combateo, e humilhou na Lusitania, e Espanha Ulterior a M. Varraõ. Ja triunfante, e pacifico senhor de Provincias tão belicosas, honrou as suas principaes Cidades com privilegios, e aos seus moradores com a isenção dos tributos; e deixando aos naturaes laudosos, e finalmente aliados pelo valor, com que vencêra, e generosidade, com que os honrára. Chegou a Italia para buscar Pompeyo, que engrossado na Macedonia com as muitas tropas, q̄ appellidára para defender a primitiva liberdade, se não atemorifou o coração do  
Cesar,



Cesar; lhe não dava pequeno susto ás idéas de se arrogar o Principado. Para o combate, sahio de Roma com vinte e dous mil Infantes, e mil cavallos: pequeno exercito em numero, fortissimo em qualidade; pois curtidos estes soldados na guerra, nutridos com victorias, e governados por tal Capitão, era sem dũvida, formidavel a todo o poder contrario. Logo occupou a Duraço; mas como o grande Pompeyo era senhor do mar com suas armadas, da terra com suas numerosas Legioens, pudéra acabar a gloria, e a vida do seu competidor, se os Cidadãos, e subalternos do seu campo, como inexpertos nas maximas da guerra, não desprezassem as prudentes maximas daquelle insigne General. Assim obrigado dos que deviaõ obedecer, involuntario deu a famosa batalha de Pharfalia, em que depois de hum conflicto, que dava o Imperio do Mundo ao vencedor, precedendo o mayor estrago das melhores tropas de Roma, e depois de Pompeyo dar os ultimos argumentos do seu valor, e pericia militar, foy vencido, e com traição degolado; e ficou neste dia, Cesar triunfante, colhendo por fruto desta mayor victoria, a destruição da República, e a soberania de todas as suas Provincias, de que se compunha a mais dilatada Monarquia, que víraõ os seculos. A' fortuna desta batalha cedeo o poder do Egypto, que se lhe rendeo, e dividindo esta larga Região, em Principes differentes, suscitando-se nova discordia, vencido Arcinoa, deu com sua espada o dominio do mesmo Egypto a Cleopatra, que por sua formosura sujeitára o coração do mesmo Cesar, que triunfador desta guerra, ainda com as armas quentes foy a dissipar em Africa os aliados do infeliz Pompeyo. Governavaõ o exercito o famoso Labieno, e Cataõ, e dando-se batalha, como ja a fortuna se alistára nas bandeiras deste invencivel General, sendo perigoso o conflicto, foy mayor a victoria, perecendo em rios de sangue aquellas tropas, que sustentavaõ a República: caso, que moveo a Cataõ a privarse da propria vida, quando vio espirar a liberdade dos seus naturaes. Com a ruina destes adversarios se coroou de novas palmas, e ja adorado pelos que o aborreciaõ, deixando sujeitos, e obedientes os que fõraõ inimigos, veyo a Roma, lugar destinado para sólio da sua Monarquia; mas não teve muitos dias para gozar do ocio, que lhe davaõ tantos triunfos. Ouviraõ-se na Corte os eccos, de que na

Espe-



Espanha, em novos movimentos, se acendia mais perigosa guerra, sublevando-se com a pretença dos filhos de Pompeyo, e de muitos Capitaens creados na escola de tão grande General, muitas Cidades, e Povos diferentes; e para extinguir este fogo, que podia abraçar as demais Provincias, no espaço de vinte e sete dias sahio de Roma, e se introduzio em Espanha, com hum luzido exercito: marcha que sendo verdadeira, parece incrível, mas executada pelo seu incançavel espirito. Era grosso o campo daquelles dous valorosos mancebos; com elles estavaõ os Capitaens Labieno, e outros que haviaõ livrado das passadas batalhas; e assim atacando-se o célebre conflicto de Munda, se brigou com tanta obstinação, e perigo, que este foy o dia em que Cesar pelejou por salvar a vida, mais que por conseguir a victoria, que finalmente o coroou de gloriosos louros, e palmas, e lhe deu o pacifico dominio de todo o Imperio Romano. Entaõ mostrou a sua clemencia, perdoando aos inimigos a sua generosidade, perdoando tributos, e fazendo tantos beneficios ás Cidades de Espanha, que ainda hoje conservaõ a memoria os mais nobres Povos deste belicoso Continente, de que não coube pequena parte á nossa Lusitania. Nestas grandes obras de valor, e beneficencia precisamente gastou algum tempo; e chegando a Roma, que foy o theatro da mayor gloria no tempo do seu faustissimo governo, por cinco dias successivos triunfou da guerra de França, Alexandria, Pontica, Africana, e da Espanica, enchendo de grandeza a Cidade, o Mundo de respeito, e admiração. Depois creado novamente Pontifice, emendou o Kalendario das solemnidades gentilicas, e feito Dictador perpetuo, quando entre obras illustres de hum Principe consumado, dispunha a guerra contra os Parthos, a fatal conjuração de Bruto, e Cassio lhe arrancaraõ das mãos as palmas, e murcharaõ os louros com que a victoria o coroára. Não soffriaõ estes parricidas o dominio, ou titulos, com que a lisonja, ou justiça do Senado, o declarára Pay da Patria, sacrosanto, e lhe déra outros elogios, que se equivocavaõ com supersticiosas adoraçoens, e ardendo no fogo da inveja, buscaraõ parciaes de seu atroz delicto. Senadores, e Nobres, que chegavaõ a secenta conjurados, destinaraõ este dia, e pôr lugar ao Capitolio, para lhe tirar a vida. Teve muitos indicios do catástrofe, que se destinava;

repeti.



repetiraõ-se avisos, de que se livrasse dos idus de Março; sua fidelissima esposa lhe rogou com affecto do seu amor, que neste fatal dia não fosse ao Capitólio; mas desprezando o proprio risco por servir ao beneficio das partes, e antes querendo acudir ás obrigaçoens da soberania, do que á prevençãõ dos perigos vaticinados, mal convalecido, foy para o Capitólio. Antes de chegar a este lugar, em que se lhe maquinava a morte, lhe déraõ em carta fechada a lista dos mesmos conjurados; mas cercado de pôvo a não abrio, e se lhe achou fechada na mão depois de ser cadaver. Sentado na Curia em cadeira de marfim, a defferir aos negocios públicos, chegáraõ alguns dos conjurados a defender hum Reo, que merecia o castigo, não a venia, que implorava. Estranhou o Cesar a irreverencia, com que fallava o irmão do mesmo delinquente, e o castigou com hum punhalada no pescoço; mas hum dos seus companheiros lhe deu huma cruel ferida no hombro; logo cahindo sobre elle os mais conjurados, Cassio lhe offendeo o rosto com hum punhal, e Bruto, que se reputava filho do mesmo Cesar, o traspassou com huma estocada, que sentio, mais pelo aggressor, que pelo sangue derramado, rompendo nas palavras com que admirava ser o proprio filho, instrumento da morte de seu Pay. Entaõ conheceo a fatal conjuraçãõ, e para acabar como Cesar, deixando a resistencia, compostas as roupas da purpura, se deixou cahir com tanta magestade, que ainda jazendo morto se fez respeitado. Assim aos penetrantes golpes de vinte e tres feridas, acabou este mayor homem, que vio Roma; mas se lhe extinguirãõ a vida, não lhe acabáraõ a fama, que tanto o immortalisou. Por suas feridas não se derramou sangue para fartar a vingança dos inimigos, abriraõ-se bocas para se ouvirem as vozes do applauso de suas virtudes, e façanhas: morreo ao tempo, não á gloria do seu nome, que se fez mayor, quando cadaver; por tantas portas, quantas feridas, sahio aquella grande alma, para ruina dos seus parricidas, e para se perpetuar na sua familia, e successores o Imperio, que imaginaraõ extincto com a sua injusta morte, mudando-se a clemencia do seu animo vivo, em destroço dos conjurados, morto. Público o parricidio de Cesar, que era adorador Pay da sua Patria, se comoverãõ os Cidadãos, rompendo nas mais vivas demonstraçoens de mayor sentimento, como



se todos ficassem orfãos sem Pay, pupilos sem Tutor. Conhecerão logo os conjurados, com inutil arrependimento, a sua desgraça, e se refugiaram ao Capitólio, para fugir do povo, que não achando estes inimigos para o castigo, mudaram o desejo da vingança em obsequio do traspasado cadaver. Augmentou-se a pena, e as lagrymas dos moradores, quando Marco Antonio lhe mostrou rasgada com tantos golpes, e tinçta com o seu sangue a veste do mesmo Cesar, declamando contra a feya acção dos conjurados, com a mayor energia, e a mais viva eloquencia, de que era dotado. Seguiu-se o levar o corpo ao campo Marcio, e colocado sobre odoríferos lenhos, depois de muitas ceremonias supersticiosas, e reverentes, lhe puzeram fogo, e se reduziu a cinzas aquelle cadaver, que se animou do mais generoso espirito, que viram aquellas Idades, e logo tributando-lhe os mesmos cultos, que davam ás suas falsas divindades. Concorreo a Natureza com seus phenomenos, para os Romanos o respeitarem canonizado, apparecendo huma luzida estrella, que interpretaram ser a sua alma, e em diversas partes se ouviram estrondos, e lamentações, com que o demonio inflamava os erros de sua idolatria. Bruto de mão occulta recebeu a morte não esperada; e os mais socios de tão grande crime, vieram a ser victimas da ira de Octaviano Augusto, que depois soube com a espada vingar o sangue de seu Tio em diversos lugares. Foy Julio Cesar de gentil presença, teve os olhos pretos, vivos, e penetrantes, nariz aquilino, testa larga, alvo de cor, forças competentes, e de estatura proporcionada. Era de nobilissima geração dos Gallos, por ser filho de Cayo Julio, e de Aurelia, matrona venerada, que morreo, quando elle pelejava em França. Quatro vezes foy casado: a primeira com huma Senhora, que era mais rica, que fidalga, chamada Costentia; depois se desposou com a illustre Cornelia, a quem tão finamente amou, que resistindo ás violencias de Sila, a não repudiou; a esta se seguiu Pompeya, que deixou por immodesta; e por ultima consorte, elegeo a Calpurnia, que bem mostrou sua fidelidade, nas lagrymas, com que soube chorar a morte de tão grande esposo, e nos quatro mil talentos, que liberal entregou, para se distribuirem nos seus legados. Ainda mancebo escreveu muitas poesias, com fineza, e orou com elegancia, em que só conheceo primeiro ao grande Cicero,



Cicero, não tendo igual na Historia, que deixou das guerras, em que pelejou, e venceu. Na arte da guerra, e gloria das conquistas sobre os inimigos estrangeiros, e domesticos a todos excedeo, constituindo-se o mayor Capitão, que vio Roma, e conheceo o Mundo; pois no breve tempo de cincoenta e seis annos, que viveo, destroçou em cincoenta batalhas, em diversas Provincias, e Praças innumeraveis, que expugnou, hum milhaõ, e duzentos e noventa e dous mil homens, que tantos foraõ cruento despojo da sua espada. Foy de summa, e rara modestia, como se vio no sonho, em que se lhe figurou a honestidade offendida de sua Mãy. Nos perigos do mar, teve animo igual sobre as mesmas tormentas, para não temerem os companheiros algum naufragio; pois na sua pessoa hia segura a navegaçãõ. Foy brando, affavel, e benigno com os subditos, misericordioso com os rendidos, prompto nas execuçoens, e impavido nos mais arriscados tranfes da guerra. Foy taõ magnanimo, que, vencida a batalha de Pharsalia, lançou no fogo, sem os lèr, os documentos, que lhe manifestavaõ os sequazes de Pompeyo: e sendo morto este seu mayor inimigo, em copiosas lagrymas mostrou sentir a sua desgraça; porque desejava como generoso a sua vida para o engrandecer, e não para se vingar; pois lhe mandou levantar as suas estatuas, que haviaõ derrubado! Taõ moderado, que impondo-lhe Marco Antonio a Coroa de Rey por duas vezes, a rejeitou, dizendo, que só Jupiter a merecia. Foy taõ liberal, que no seu testamento com solemne, e universal beneficencia, a todos os Cidadãos de Roma deixou legados especiaes, mostrando nesta sua ultima disposiçãõ, a grandeza do seu animo, o amor do seu coraçãõ. Finalmente na Religiaõ, ainda que supersticiosa, foy taõ obsequioso, que fez restituir ao Templo de Hercules, todos aquellos thesouros, e riquezas, de que o despojára outro Capitão Romano. Deixou por herdeiro a seu sobrinho Octaviano Augusto, que havia adoptado, o qual lhe succedeo, mais que no Imperio, no heroico das acçoens de seu governo. Neste digno retrato de suas virtudes, nas muitas Cidades de Italia, Carthago, e Corintho, a que restaurou a mayor grandeza, e no obsequio de seus successores, que em memoria de taõ grande Emperador tomáraõ o nome de Cesar, em quanto durar o Mundo se conservará, como nos mais illustres pa-



droens, applaudida a sua memória, e a sua fama gloriosamente eternisada.

Suetonio *Vida dos Emperadores, na deste Princip. Velle Partecul. liv. 2. cap. 41. e 56. Diam Cassio liv. 41. 42. e 43. Appian. Marsel. da guer. civil. Plutarc. na sua vida. Lucio Floro liv. 4. da Hist. Roman. cap. 2. Cicero de Divinat. liv. 2. Eutropio liv. 6. Golsio Icon. Imperat. na sua vida. Pagi na Dissertação do Period. Orofio liv. 6. Grego Romano q. 4. e no Appar. á Critic. dos Ann. de Baron. q. 66. Harduimo Chronolog. Veter. Testam. ad an. 710. urbis conditæ. Panvin. Coment. in Fastos no liv. 1. ao ann. 710. Visserio Annal. Veter. & Novi Testam. ad an. 3960. Birago Nomimat. Imper. pag. 10. Angeloni Hist. Augusta pag. 7. Cuspiniano na vida do mesmo, pag. 4. Sigonio Comment. in Fast. & Triump. Roman. p. 305. Glandorp. Onomast. Roman. colon. 430. Mexia Hist. Imper. e Cesar. na sua vida. Carril. Annal. ad ann. 3960. Salian. Annal. Eccles. veter. Testam. tom. 6. ad ann. 4010. Spondan. Annal. Sacri ad ann. Urbis. 709. Torniel Annal. Sacri ad ann. 4010. Garibai Compend. Hist. de Hespan. liv. 6. cap. 23. Caserio Flores Hist. neste dia Girar. Diar. di Part. 1. p. 236. Natal Alexad. Hist. Eccles. Veter. Testam. 6 idade cap. 1 artic. 8. q. 40. Brito Mon. Lust. tom. 1. liv. 4. cap. 3. Marian. Hist. de Espan. liv. 3. cap. 2. Ferrer. Hist. de Espan. tom. 1. ao ann.*

## q. II.

Anno

351.

Emperad.  
Constãcio.

**D**Epois que Vetranião cedeo o Imperio, que se arrogára, e Constãcio lhe vio despir a purpura no seu obsequio, determinou passar com o seu exercito a destruir na Europa a Magnencio, que desobediente, e sublevado lhe disputava a soberania, sem mais justiça, que o poder das suas armas; porêm o rigor do Inverno mitigou esta resolução. Ao mesmo tempo soaraõ os grandes apparatus, com que Sapor Rey dos Pertas determinava invadir as Provincias do Imperio Romano, para augmentar na sua conquista o dominio dos seus Estados, ou para tomar valorosa satisfação dos estragos, que padecêraõ os seus vassallos, ainda que fôra victorioso contra o mesmo Constãcio. Esta guerra era perigosa; e precisa a que se havia emprender contra Magnencio:

em

Asia.

Gallo Con-  
stãcio fei-  
to Cesar.Anno  
1389.17 Dom  
da I.



em hum se temia o poder, no outro se queria castigar a rebeldia, e obstinaçãõ; e para soccorrer a taõ diversas, e distantes partes, como Oriente, e Occidente, se pedia Capitães, que zelassem a causa do seu Principe. Resolveo entãõ o crear Cesar, e companheiro a seu Primo Gallo, dando-lhe o seu nome de Constancio, e por esposa a Constancia sua irmã, para que os vinculos do sangue, e sociedade conjugal, e o interesse do proprio Estado, novamente o inflamassẽ a servir a causa do Imperio, contra o inimigo comum. Solemnisou-se a nomeaçãõ de Gallo Constancio na Corte, e pelos vassallos com obsequios, com que se lisonjẽa aos Soberanos; e depois de largas advertencias o mandou para Antioquia; e para a guerra que se esperava, lhe deu por General a Luciliano, na qual a fortuna se declarou em beneficio do Imperio, contra os Persas, que só depois de morto Gallo, se fizeraõ mais atrevidos, e obrigarãõ a que Juliano o *Apostata* os buscasse no seu Paiz, em que pereceo victima da justiça Divina.

Idacio *in Fast. ao ann. 351. Chronic. Alexandrin. neste anno. Amian. Hist. liv. 14. Part. 3. Aurel. Victor. Hist. pag. 428. Philostug. Hist. Eccles. liv. 4. cap. 1. Socrates Hist. Eccles. liv. 2. cap. 28. Zonaras Hist. p. 14. Zozimo Hist. liv. 2. Baron. Annal. Eccles. ad ann. 350. 40. Pagi Critica in Annal. Baron. ad ann. 351. num. 1. Tillimont. Hist. des Emper. tom. 4. Emper. Constanc. artic. 22. Cuspinian. na vid. de Constanc. pag. 97. Mexia Hist. Imper. e Cesar. na vida de Constancio cap. 2. Ferrer. Hist. de Espan. tom. 2. anno. 330.*

2. III.

Anno

1389.

Rey Dom  
João I.

Como gratificaçãõ da fidelidade, com que os moradores de Santarem sempre defendẽraõ a liberdade Portugueza, contra as pertençaõs de Castella, juntou Cortes em Lisboa o grande Rey D. Joã I. Nellas se resolveo com presença do mesmo Soberano, que o seu Corregedor da Comarca, naõ usasse do poder da Correiaçãõ nas suas terras, quando residisse naquella grande Villa o Corregedor da Casa do Civel. A este beneficio augmentou com diversos privilegios concedidos ao seu povo, inflamando com estas graças o amor, com que todos lhe offerenciaõ as vidas, e fazendas,

Europa.

Cortes em  
Lisboa.

Alia.

b. Gallo Con-  
na stancio sei-  
ne to Cesar.



das, para servir á gloria das suas empresas, e defenſa dos ſeus Estados.

*Memorias manuscritas da Villa de Santarem.*

Anno  
1486.

§. IV.

**F**undada com tanta gloria de Christo, e do Estado, a Fortaleza de S. Jorge da Mina, cresceu a sua Povoação Africa. a beneficio do nosso valor, augmentando-se os moradores, e vizinhos para colherem a conveniencia do ouro, e gozarem S. Jorge do trato da terra, que era importante aos Portuguezes, e da Mina naturaes. Assim de pequeno Lugar se mudou na grandeza feita Cidade de huma respeitada Povoação, sendo accredora dos mayores benefícios a fidelidade de seus moradores. Para credito pois da Coroa, e premio dos vassallos lhe deu neste dia o grande Rey D. Joáo II. os foros, e privilegios de Cidade: honra, que soberaõ estimar aquelles Portuguezes, que habitavaõ as costas de Africa, servindo com mayor valor, e mais fina lealdade. Estas virtudes, e o cuidado dos Reys, que depois governáraõ a nossa Monarquia, sustentáraõ aquella Praça contra as invasoens, que lhe maquinavaõ a sua ruina, sendo os combates, que lhe déraõ os inimigos, valorosa occasiaõ para nova fama dos Portuguezes. Porém como o valor, e o esforço da nossa gente fosse combatido no governo de Philippe III. pelas armas dos Hollandezes, e muito mais pela inercia dos Ministros daquelle Principe, sitiando com huma grossa armada esta Cidade, e sua Fortaleza, baldada a memoravel constancia, com que sustentámos o cerco, e resistimos a muitos assaltos, se perdeu a Fortaleza de Saõ Jorge, e triunfáraõ os Hollandezes da nossa desgraça, ganhando huma Praça das mais importantes da nossa Coroa, e que depois grangeou grandes utilidades áquella República.

*Barr. Decad. 1. liv. 3. cap. 2. Rezend. Chron. de D. Joáo II. cap. 24. Dapper. Descript. del Afrique p. 281. Faria Asia Portug. tom. 1. Part. 1. cap. 3. §. 2.*

§. V.



2. V.

Asia.

Anno  
1536.

Rey Dom  
João III.  
Governador  
da India,  
Nuno da  
Cunha.

**A**O mesmo tempo se incitavaõ para a guerra o Rey de *Grãde vi-*  
 Viantana, e o Capitaõ D. Estevaõ da Gama, aquelle *ctoria con-*  
 para se vingar de tantas perdas, com que via o seu Estado *tra El Rey*  
 assolado, este para castigar a insolencia daquelle Rey, que *de Vianta-*  
 matára a D. Paulo da Gama, illustrissimo Heróe do Oriente; *na.*  
 e como esta causa naõ só era commua do Estado, mas tam-  
 bem propria da sua pessoa, por ser o morto seu irmaõ, sahio  
 brevemente de Malaca, com huma poderosa armada de lan-  
 charas, e calaluzes, e tres fustas, e nella mil soldados, de  
 que os quatrocentos eraõ Portuguezes; e soffrendo a violen-  
 cia de muitas tempestades, com que se vio soçobrado, ven-  
 cendo a renitencia, e opposiçaõ dos soldados, que do nau-  
 fragio da fusta Capitãnia, pronosticavaõ o fim da empreza,  
 chegou ao porto de Viantana, e vio, que no lugar, em que  
 estava a Fortaleza, que elle destruiu, tinhaõ os Mouros edi-  
 ficado huma nova fortificaçaõ, em que estavaõ recolhidas  
 quarenta lancharas defendidas de muita, e grossa artilharia,  
 e de cinco mil Mouros. A grandeza das fortificaçoens, a  
 quantidade da artilharia, e o numero da guarniçaõ, fez re-  
 cear aos nossos o ganharem terra, e desbaratarem os inimi-  
 gos; porẽm o valoroso D. Estevaõ da Gama os animou pa-  
 ra a batalha, e os segurou da victoria; e naõ querendo espe-  
 rar mais tempo, em que os inimigos se fortificassem com a  
 gente do Certaõ, que tinhaõ convocado, nem que os nossos  
 totalmente desconfiassem da victoria, saltou com os Portu-  
 guezes em terra, e no escuro de huma noite, commettêraõ  
 as tranqueiras. Levavaõ a vanguarda os Malayos, e remei-  
 ros da armada, e lançando sobre os inimigos muitas panellas  
 de polvora, e outros instrumentos de fogo, se atteáraõ taõ  
 furiosas, e medonhas lavaredas, que passando das trinchei-  
 ras ás lancharas, as consumiraõ em cinzas, abrazando se todas  
 as quarenta, que estavaõ varadas. No tempo que ardiaõ as  
 estancias, e embarcaçoens, chegou D. Estevaõ da Gama,  
 e avançando-se a huma tranqueira a ganhou á custa do san-  
 gue, e vida de muitos Mouros, que a defendiaõ; porẽm de-  
 pois que entrou no terreiro daquella Fortaleza, se travou  
 huma batalha muito aspera, e perigosa. Pelejavaõ os Mou-  
 ros

2. V.



ros com tal ardor, que não era possível aos nossos desbaratallos; no lugar em que huns agonisavaõ, lhes succediaõ outros, com tal animo, que a morte dos Pays, irmãos, e companheiros, não só os não defanimava; mas antes lhes enchia os peitos de cólera, para a vingança, até que os nossos apertaraõ com elles, de maneira, que os derrotaraõ, e pozeraõ em fugida, sendo ja manhã clara. Morrêraõ nesta peleja sómente tres Portuguezes, e dos Mouros mais de seiscentos, excedendo o numero de oitocentos feridos. Soube El Rey do estrago dos seus, e da ruina da Fortaleza, descobrindo do alto de hum monte o incendio das suas tranqueiras, e lancharas: chegaraõ ao mesmo tempo os vassallos deste Principe ao lugar em que estava, taõ cortados do medo, como do nosso ferro; e não querendo que a Cidade (que distava do lugar do conflicto cinco legoas) experimentasse a indignação dos Portuguezes, ja quando marchavaõ em som de guerra a destruilla, lhes mandou o Rey pedir, suspendessem o açoite, com que não só castigavaõ, mas destruiaõ o seu Reino, e que se sujeitava a que os estandartes Portuguezes tremolassem victoriosos sobre os muros das Cidades, que elle dominava. Aceitou o Capitaõ D. Estevaõ da Gama as offeras do Rey, e as pazes, que lhe propunha; e se retirou para Malaca com tanta gloria, como despojos, levando o Tio do Rey, para ajustar com elle as pazes. Celebraraõ-se estas naquella Cidade, com tantas ventagens do Estado, que igualou esta felicidade ás adquiridas com a espada; e defancáraõ as Provincias do Sul no honrado ocio, que lhes grangeou a guerra, e a paz, obedecendo-nos todos os Principes daquellas costas, como aos arbitros dos Reinos, e Imperios de toda a costa de Choromandel.

Andrad. *Chron. de D. Joaõ III. Part. 3. cap. 27.* Castanhed. *Hist. da India liv. 8. cap. 131.* Barr. *Decad. da Ind. 4. liv. 9. cap. 14.* Faria *Asia Portug. tom. 1. Part. 4. cap. 9. §. 14.* S. Roman *Hist. de la Ind. liv. 3. cap. 17.* Couto *Decad. 4. liv. 8. cap. 12.* Maffeus *Hist. Ind. lib. 11. pag. 21. lit. D.*



2. VI.

Asia.

Anno  
1571.

Rey Dom  
Sebastião.  
Vice-Rey  
da India,  
D. Luiz  
de Ataide.

**A** Continuação das victorias, com que triunfavamo das  
armas do Idalcaõ, no famoso sitio de Goa, nos ani-  
mavaõ a buscar novos meynos de o vencer, e a elle de nos  
conquistar; e para que a sua vontade de não desfistir da empre-  
za, fosse novo, e mais robusto soccorro ao seu exercito,  
manifestou aos soldados, ou ganhar Goa, ou viver naquel-  
la campanha offendido. Não houve soldado de tão humilde  
coraçãõ, que vendo a Magestade do seu Principe aggrava-  
da, não quizesse sacrificar a vida em obsequio da sua honra.  
Todos jurãõ de novo acabar na empreza, querendo antes  
morte illustre, que vida sem credito, e passando logo dos  
votos ás exêcuçoens, se determinaraõ nove mil soldados,  
mandados por Soleimaõ Agá, valoroso Turco, pratico nas  
lingoas, e disciplina da Europa, a fazer huma acção, de  
que resultasse o fim da guerra, e a ultima ruina dos Portuguezes.  
Começãõ pois a passar á Ilha de Goa, por huma pen-  
insula, chamada de *Mercantor*. Quiz o Idalcaõ com o ex-  
emplo alentiar aos soldados, que vadeavaõ o mar, animando  
a hunis, e louvando a outros, segurando o premio da victo-  
ria a todos os que pelejassem com o valor, que requeria em-  
preza tão grande. Percebeo o Vice-Rey, D. Luiz de Atai-  
de, os eccos do tambor Real, e conheceo, que o Idalcaõ  
se abalava do seu arrayal, e tendo aviso ao mesmo tempo,  
da invasãõ dos Mouros, foy despedindo soccorros áquella  
parte; e elle foy o ultimo, e o mais importante, que che-  
gou ao lugar do conflicto. Nelle ja estavaõ cinco mil Mou-  
ros com o seu Capitaõ; e tambem D. Fernando de Mon-  
roy, com quatrocentos mosqueteiros. Começou-se logo a  
batalha, estãdo no mesmo tempo declarado, o fogo da dis-  
cordia em todas as mais distancias, que se extendiaõ por duas  
legoas. Porém querendo o Vice-Rey de hum golpe acabar  
com tantos inimigos, achando-se com dous mil homens, co-  
metteo os seus esquadroens. Fizeraõ os Mouros rosto ao  
nosso impeto, impedindo, ou retardando a victoria com o  
esforçado das suas obras; assim esteve a batalha igual por  
largo espaço, fazendo os valorosos na peleja, acçoens dignas  
de admiracãõ. Em toda a parte fervia a guerra: no mar se

*Victoria  
contra o  
Idalcaõ.*

Tom. II.

Dd

pelejava



pelejava com agoa pelos peitos, bebendo nas ondas a morte, e outros acabando atraveçados pelas lanças dos nossos. Não se via neste combate temor, tudo era desejo de matar, e ninguem affroxava do primeiro ardor, com que começára o conflicto. O estrondo da artilharia, das armas, e das vozes dos que pelejavaõ, e dos que entre as angustias da morte pediaõ vingança, faziaõ huma horrorosa harmonia. Viaõ-se ao mesmo tempo cahir muitos corpos sem vida, outros lutar com a morte, outros desejarem fugir de si mesmos, porque se estavaõ abrazando em vivas chamas; finalmente tudo quanto se via, e ouvia, era estrago, e ruina. Deste modo continuava a batalha, sem se conhecer ventagem de huma, ou de outra parte, fazendo o sangue, e a constancia de ambos os partidos, contingente o successo. Inflamou-se o generoso coração do Vice-Rey, e como quem dava termo à batalha alentou aos nossos, e segurando-lhes a victoria, carregou com o resto do poder ao inimigo, de maneira, que começou a fraquear na resistencia; e logo pouco a pouco nos foy largando o campo, até que com declarada fugida nos deixou a victoria, pelejando sempre com grande valor, e mayor disciplina. O Idalcaõ, que de hum alto vio a batalha, e reconheceo o esforço, com que os seus a sustentáraõ, vendo agora a sua destruição, com blasfemias, e baldoens injuriou ao seu falso Profeta, culpando-o da derrota, que padecêra. Durou o fervor do conflicto muitas horas; nelle se houveraõ os Portuguezes com tal esforço, e valentia, que só as façanhas desta batalha bastavaõ para o Mundo os venerar por milagres do valor. Vinte fôraõ os que acabáraõ neste grande dia. Dos inimigos passáraõ de quatrocentos os mortos, em que entrou o esforçado Soleimaõ Agá, que deixou entre os nossos, e os seus soldados, nome bem merecido; o numero dos feridos foy mais excessivo. Entre os cativos de nome, foy o cunhado do Idalcaõ, e entre os despojos de estimação se recolhêraõ muitas armas, e algumas bandeiras. Esta foy a memoravel victoria de Mercantor, profetizada muitos dias antes, pelo Bispo de Malaca, D. Fr. Jorge de S. Luzia, da Ordem dos Prégadores, Varaõ taõ exemplar, que ás suas oraçoens se póde attribuir a felicidade da batalha, e a gloria do triunfo. O Vice-Rey depois de triunfar da força, e astucias dos inimigos, não achando ja a quem



quem vencer, se recolheo aos seus alojamentos, a descansar do glorioso trabalho daquelle dia, e tambem a distribuir os prémios áquelles, a quem o valor fizera singulares naquelle grande combate, que deixou postradas as forças do Idalcaõ.

Pereir. *Vida de D. Luiz de Ataide liv. 2. cap. 31. Couto Decad. 8. liv. 1. cap. 37. Faria Asia Portug. tom.2. Part. 3. cap. 8. 2. 8. Mariz dos Reys de Portug. Dial. 5. cap. 4. Martin. Comp. de las Hist. de la Ind. liv. 4. cap. 11. pag. 271. Barbud. Emprez. Milit. de Lusit. fol. 223. vers.*

2. VII.

Anno

1615.

Rey Dom

Philip. II.

**Q**Uando a Nação Portugueza continuava na infructuosa empreza de ficarem no seu dominio as célebres Minas do Monopotaca, que ja em tempos differentes serviraõ ao Estado de muitas perdas de soldados, e fazendas, e causaraõ a morte do grande Francisco Barreto; se fundou, para sujeitar as terras de Chicova, hum forte de terra, e madeira, que mais era para commodo de alguns moradores, do que para resistir a combates; porẽm neste dia, animado por quarenta soldados Portuguezes, fez huma taõ gloriosa defenõa, que se pudera invejar pelas mais bem fortificadas, e guarnecidas Praças. Quizeraõ os Cafres daquelles districtos, e nossos inimigos declarados, vingarse de alguns estragos, que padeceraõ em differentes combates, e juntando o numero de dez mil combatentes valorosos, e determinados, se arrojaraõ a escallar o Forte, degolar os defensores, e enriquecer-se com os despojos, que esperavaõ recolher, como premio da sua victoria. Foy terrivel a invasaõ; porque sem amor da vida, e sò com empenho de nos destruir, desprezada a morte, pelejaraõ, naõ como barbaros, mas como disciplinados. Cobriaõ o ar com suas frêchas, e traspassavaõ com ellas os troncos, de que eraõ compostas nossas muralhas: tudo era estrondo com alaridos horrendos, que incitavaõ a pelejar para vencêr, e sem dor dos que morriaõ, como orgulhosos, ou queriaõ vingar o seu sangue, ou ser-lhes companheiros na desgraça. Como eraõ só quarenta os nossos defensores, parecia impossivel a resistencia em perigo taõ manifesto; mas como se o valor os multiplicasse para ruina dos inimigos, se houveraõ de modo, e com tantas acçoens

Africa.

*Victoria  
contra os  
Cafres no  
Forte de  
Chicova.*



illustres, que delenganados os Cafres de não vencerem homens, que pareciaõ impenetraveis ao grande numero de setas, que despediaõ, começáraõ a temer, e logo a desconfiar de nos vencer. Ao mesmo tempo, quando elles davaõ o mayor, e ultimo assalto áquellas fracas muralhas, chegou em soccorro, Diogo Simoens com algumas companhias, e unindo-se para gloria de tão fausto dia, os defensores resistindo no Forte, e os do campo rompendo nos expugnadores, cortaraõ aos mais valentes com golpes tão pezados, que em declarada fugida largáraõ a invaluã, para se salvarem os que ainda vivos restaraõ de tão sanguinolento combate, em que tiveraõ tantos, que os não pôde contar a victoriosa arithmetica dos Portuguezes, que sem perdêr nem hum soldado, se corôaraõ com huma das mayores victorias, que na Etiopia honraraõ as nossas armas, e abatêraõ a soberba dos seus inimigos.

Faria *Asia Portug. tom. 3. Part. 3. cap. 10. §. 6.*

## §. VIII.

Europa.

Anno  
1661.Rey Dom  
Affonso  
VI.

**F**Oy D. Francisco de Fâro, VII. Conde de Odemira, hum dos mayores Cavalheiros, que ennobrecêraõ na sua ida-  
de ao Reino de Portugal, servindo com tanto valor nos con-  
flictos da guerra, como politica nos empregos de Palacio!  
Nasceo filho dos primeiros Condes de Fâro, D. Estevaõ, e  
Dona Guiomar de Castro. Negou-lhe a Natureza o direito  
da primogenitura: soube elle fazer-se digno dos morgados,  
que dá o sangue vertido nas feridas, e o sacrificio da vida  
nos perigos da campanha. Assim nos primeiros annos vestio  
as armas, e servio nas armadas deste Reino, e da Coroa de  
Castella, onde mostrou, que incitado o seu real espirito pe-  
lo ardente desejo de adquirir novo esplendor á sua Familia,  
deu em muitas occasioens novos argumentos, de que era  
verdadeiro descendente dos Heróes, de quem trazia a sua  
alta origem. Perdeo-se a Bahia, que occupavaõ os Hollan-  
dezes, mais por confusaõ dos moradores, que pelo esforço  
daquelles inimigos, e deixando a Patria, foy restaurar aquel-  
la Cidade: empreza, em que sahio victorioso, restituindo á  
Coroa a mais importante Collonia dos nossos dominios. Co-  
roado das palmas, que lhe déraõ fama nova, continuou nos  
exercicios de Marte, e subindo aos mayores postos, delem-  
penhou



penhou as obrigaçoens do nascimento, e a vontade dos Soberanos. ElRey D. João IV. que por especial beneficio da Providencia foy acclamado para restaurador de Portugal, o fez do seu Concelho de Estado, seu Vedor da Fazenda, e Presidente do Concelho do Ultramar, e em lugares taõ grandes mostrou nos acertos, que era digno de taes occupaçoens. Fôraõ de qualidade os serviços, com que zelou a causa do Principe, e as conveniencias do Estado, que o mesmo Rey o fez Conde de Odemira, e Senhor desta grande Casa, que por morte do VI. Conde D. Sancho de Noronha vagára para a Coroa, dispondo, que nelle fosse de juro, e herdade. Passou a mayores demonstraçoens a beneficencia daquelle Monarca. Era o Conde, por varonía, descendente da Serenissima Casa de Bragança, e lhe communicou a honra do tratamento de Sobrinho: preeminencia, que só merecem os que tem parentesco muy chegado com a Familia Real. Mas de todos estes prémios, e beneficios se fez illustre crédor pelo muito, que servio em quanto viveo. Succedeo ao saudoso Restaurador da Patria, seu filho ElRey D. Affonso VI.; e sua Augustissima Tutora, e Máy, a Serenissima Rainha D. Luiza de Gusmão, o nomeou seu Ayo, e do Infante D. Pedro, conhecendo no Conde as qualidades, para que na sua doutrina aprendessem aquelles Principes os melhores documentos, para saber reinar com gloria do Throno, e augmento dos vassallos. Para este sublime lugar do Palacio, ja estava destinado pelo Rey defunto, que sabia conhecer, e não menos estimar as partes do seu talento; e bem o mostrou na educaçaõ virtuosa, com que procurou fortificar no espirito daquelles dous Senhores, as maximas da prudencia, e christandade, de que se colheriaõ os mais sazonados frutos, se contra a expectaçaõ de todos, a morte lhe não tirasse a vida, com sentimento igual á perda, que experimentou o Reino na sua falta. Vivia dentro do Palacio no quarto, que fôra habitacaõ do Principe D. Theodosio, e anelava o seu zello, a que seus irmãos sabissem retratos verdadeiros de suas acçoens. Como era consumado o seu voto para a decisaõ dos mais intrincados negocios do Estado, e a Princeza Regente procurava o acerto nos perigosos tempos do seu governo, para que fazia juntas, que pela hora chamavaõ *nocturnas*, sempre queria ouvir o parecer do seu juizo, e as resoluçoens do seu

Europa.

hum Morte do  
a ida- Conde de  
s con- Odemira  
acio! D. Fran-  
aõ, e cisco de  
direito Faro.  
ados,  
a vida  
vestio  
roa de  
to pe-  
amilia,  
ue era  
a sua  
ollan-  
sforço  
aque-  
ndo á  
s. Co-  
ou nos  
delem-  
nhou



seu conhecimento, e fidelidade, de que se seguirão prosperos successos ao politico do Reino, e manifesta segurança para conservação de suas Conquistas. Depois de morto se lhe fizeram honras não vulgares; porque ElRey, e o Infante acompanhados dos seus criados, lhe fôraõ lançar agôa benta no seu cadaver, e recolhendo-se tres dias, estiverão fechados: os Capellaens da Real Capella, com o Bispo de Targa lhe cantaraõ hum responso, recitando a Oraçãõ o mesmo Bispo, que servia de Capellaõ-mór. Do mesmo Palacio dos seus Monarcas, o levarão ao sumptuoso Templo de N. Senhora da Luz, que dista de Lisboa huma só légoa, e no coro dos seus Religiosos em magestosa sepultura, que perfeioara com summa despeza, lhe colocaraõ suas illustres cinzas, onde esperão immortalisarse pela inal resurreiçãõ. Foy este grande Cavalleiro, entre os de seu appellido o mais célebre, e sem comparação o mais distincto em riquezas, e lugares. Antes de succeder a seu irmão na sua Casa, se desposou com a Condeça Dona Marianna da Silveira, herdeira dos opulentissimos bens de Francisco Soares. Deste matrimonio nascêraõ, D. Estevaõ de Fâro, que sendo successor, de poucos annos pagou o tributo de mortal: Dona Maria de Fâro VIII. Condeça de Odemira, que herdando seu Pay os morgados de seus Avôs maternos, casou primeiro com D. Joaõ Frojãs Pereira Pimentel, VIII. Conde da Feira, que fallecendo sem haver filhos, passou a segundas nupcias com o I. Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello: e D. Guiomar de Castro, desposada com D. Gregorio Taumaturgo de Castello-Branco, III. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, de que não teve gêraçãõ, acabando assim com a vida destas Senhoras em breve tempo, huma das mayores Casas de Portugal. Conserva-se porêm a memoria de seu famoso possuidor, nas Capellas, que instituiu por sua alma na Igreja, em que está sepultado, e no sizio, que perpetuamente arde no obsequio da Senhora, diante da sua Imagem com o titulo da luz, que deu nome ao sitio, e Mosteiro dos Religiosos da Ordem de Christo, que sem interrupçãõ lhe fazem os suffragios, como seu fidelissimos Capellaens.

Menezes Portug. Restaurad. tom. 2. pag. 356. Sousa Hist. Gen. da Caf. Real Portug. tom. 9. liv. 8. cap. 14.



2. IX.

Europa.

Anno

1695.

Rey Dom

Pedro II.

Será plausível, e sempre faustissimo este dia nas memorias *Nascimẽ-* de Portugal, porque foy oriente feliz do Senhor Infante *to do Se-* D. Antonio, a quem a Graça, e a Natureza tem constituido *nhor Infã-* hum dos mayores Principes, que em muitos seculos illustra- *te D. An-* raõ a nossa Familia Real, ou nas artes liberaes, ou nas vir- *tonio.* tudes de hum animo verdadeiramente Augusto. O Palacio da Corte-Real lhe servio de berço; todo o Reino, e Conquistas de theatro dos seus applausos, nas festivas demont-raçoens de obsequioso alvoroço, com que celebráraõ o seu nascimento. Fõraõ seus Augustos Pays El Rey D. Pedro II. e a Rainha D. Maria Sofia de Neoburg, Principes taõ amados na vida, como faudosos depois de mortos. Como este Senhor para gloria do Reino, e para esplendor do seu nome, illustra com sua real presença a Corte, se lhe devia fazer agora nesta obra o mais dilatado elogio das suas virtudes, e acçoens; mas como dignamente se poderia desempenhar taõ nobre assumpto, e como se poderia reduzir ao laconico estylo deste genero de escriptura, o que dá larga materia para muitos volumes, e o que só desempenhára a mayor elegancia, e facundia dos Escriitores, que teve Grecia, ou Roma! Disponha a Providencia, que os mayores engenhos de Portugal se applichem a huma taõ grande empreza, que a nossa penna com rude estylo, só dirá o que permitem as breves clausulas destes Fastos, em quanto a fama com mais sonoras vozes o publica ao Mundo todo. Diraõ pois estes Fastos, que logo nos primeiros annos, se applicou a saber as lingoas mais polidas, e que mais se prezaõ na Europa, e que sahio taõ senhor do seu dialecto, que falla Latim, Castellano, Francez, e Italiano com a mayor pureza, e facilidade, como se nascesse no antigo Latio, Madrid, Pariz, ou Roma. Diraõ, que nas Mathematicas, e Filosofias modernas, pera as seguir, nas antigas, para as reprovar, esta o mais versado, e judicioso, como se fõra professor dos seus arduos systemas. Diraõ, que tem o mais universal, e critico estudo na Historia Patria, e na estranha, na Sagrada, Ecclesiastica, secular, politica, e fabulosa, naõ havendo decadencia, ou elevaçãõ de Imperio, Reino, ou Républica, que naõ esteja

2. IX.



esteja vendo na vastissima comprehensão da sua memoria. Dirão, que as suas innocentes delicias, com que preciosamente leva muitas horas do tempo he o exercicio da armonica, e suave melodia dos instrumentos, e Musica, em que sem hyperbole he consumado, e peritissimo. Dirão, que na arte da Cavallaria he o primeiro entre os Principes de toda a Europa, não havendo quem lhe compita no conhecimento, e direcção destes mais generosos brutos, que parece os produzio a Natureza para delle receberem a doutrina, e o governo, não havendo algum, que de feróz, o não faça domestico, e obediente para lhe servir na caça, e nos combates de touros, em que obra com tal certeza em tão difficil arte, que só quando elle os derruba, e mata, perdem os seus golpes o nome de *fortes*: tão senhor está de todos os movimentos da Cavallaria. Dirão finalmente (porém não se podem dizer em tão breves clausulas) que as virtudes do agrado, generosidade, e benevolencia, achárao no seu Real coração o melhor domicilio; e que são poucos os thesouros de Cressô, ou Dario para a magnificencia do seu animo, sendo as riquezas de huma, e outra India limitado erario para desempenho da sua liberalidade, com que desterra a pobreza dos que o buscão, para o remedio, beneficia aos sabios, que tanto estima, e acredita, e com que nas suas obras se constitue virtuosamente magnifico; concluindo, que suas grandes acçoens lhe tem adquirido o amor, e veneração de todos, para se lhe applicar com o rigor da verdade, e sem o perigo da lisonja, e com mayor razaõ, o que dizia Roma do celebrado Tito Vespasiano: que tão grande Principe era a *Delicia do Genero Humano*! Conhecendo-se neste Reino o nobre excessõ, que leva este Serenissimo Infante áquelle saudoso Emperador Gentilico!

Anselm. *Hist. Geneal. de la Maison de France* tom. 1. cap. 20. §. 25. Brentano *Epitom. Chron. ann. 1695.* Barbosa *Cathal. das Rainh. de Portug. pag. 439.* Sousa *Hist. Gen. da Cas. Real Portug. tom. 8. liv. 7. cap. 14.* Salazar *Glorias de la Cas. Farnesi pag. 371.*



2. X.

Anno

1711.

Rey Dom  
João V.

Como era taõ sensível para o Reino de Portugal a perda da Cidade, e Praça de Miranda, buscáraõ os nossos Generaes os caminhos mais gloriosos para a ganhar aos Castelhanos, e para naõ terem mais tempo toda a Provincia de Traz os Montes exposta ás invasoens, e correrias, com que a guarnição desta Cidade infestava aos nossos Lugares. O primeiro, que valorosamente começou a dispôr esta generosa empreza, foy Pedro Mascarenhas, que no valor, e disciplina militar naõ cedia aos antigos, e grandes Portuguezes. Este ganhou as Praças de Carvajales, Alcaniças, e Puebla de Sanabria, supprindo com a sua constancia, e providencia a falta de petrechos, que tinhaõ os nossos, para empren terem conquistas no Paiz alheyo; e como estas Praças guarnecidas de Portuguezes deixavaõ quasi cercada a Miranda, por ser muito difficil o entrarlhe soccorro, começaram os Castelhanos, que a defendiaõ, a padecer todos aquelles inconvenientes, que tem as Praças sitiadas. Faltaraõ-lhes mantimentos, muitos soldados desertaraõ, e todos começáraõ a vêr a sua ruina, na falta de muniçoens com que estavaõ, para resistir a hum sitio regular. Foy entrando o inverno, e chegando a Cavallaria, e Infantaria da Provincia de Traz os Montes aos seus quartéis, teve ordem Dom João Manoel de Noronha, depois Conde de Atalaya, e hoje Marquez de Tancos, que occupava o lugar de Mestre de Campo General, para cercar Miranda, fiando os Ministros da Corte, que o valor dos soldados, e o zêlo deste Cavalheiro ganharia a Praça, e salvaria a toda a Provincia dos futuros estragos, que lhe prometia a soberba Castellhana. Aceitou D. João Manoel a ordem, naõ como preceito, mas como favor, e querendo saber o estado, em que se achavaõ as fortificaçoens dos Castelhanos, mandou ao Sargento-mór de batalha, Pedro Carle, para que as reconhecesse; o que elle executou, e achando, que a pouca prevençaõ dos inimigos prometia huma feliz empreza, passou tambem por ordem do mesmo D. João Manoel, ás Praças de Alcaniças, e Carvajales para recolher os mantimentos, que houvesse nos Paizes conquistados, e formar armazens, de que se sustentasse

Europa.

Restaura-  
ção da Ci-  
dade de  
Miranda.

Tom. II.

Ec

tasse

X.



tasse a Cavallaria do nosso exercito, no tempo que durasse o sitio premeditado. Em quanto se faziaõ os armazens nas Praças conquistadas, fez juntar em Vimioso os mantimentos, que se tiraraõ com suavidade da Provincia, e logo que entendeu naõ havia mais, que tomar as armas, e sitiar Miranda, dadas todas as ordens necessarias, para a empreza se executar com a fortuna, que igualasse ao nosso valor, marchou o exercito; e como D. Joaõ Manoel receava, que os Castelhanos lhe inquietassem o campo com as muitas barcas, que traziaõ no rio, dividio a Cavallaria da Infantaria, occupando com esta os postos sobre Miranda no dia 12, e entregou a Cavallaria ao Sargento-mór de batalha Francisco de Tavora, para que se ganhassem as passagens, que tinhaõ os inimigos nas ribeiras, que confinavaõ com os Paizes conquistados; o que pontualmente executou aquelle taõ illustre mancebo. Deste modo, e com summa felicidade, ganhou o exercito os postos sobre a Praça, e Cidade de Miranda; e ainda que a nossa gente era pouca, porque naõ passava a Infantaria de onze Regimentos, e de cinco a Cavallaria; com tudo era de grande valor, e a mais bem disciplinada do Reino. Achava-se Miranda governada por D. Antonio de Mendoça Sandoval; a guarniçaõ constava de novecentos e cincoenta soldados; os mantimentos, que tinha, eraõ poucos, e as muniçoens naõ eraõ as que se necessitavaõ para huma vigorosa defenõsa. As fortificaçoens eraõ as muralhas antigas, revestidas em partes com algumas obras exteriores, com que prometia alguma defenõsa; porque o Governador era soldado de nome, e parece, que desejava mostrar naquelle cerco o como nascêra para pelear. Tudo observáraõ os nossos Generaes; e para que a guerra fosse mais breve, começáraõ a atacar o Castello, como lugar mais forte da Cidade, para que ganhado este, capitulasse a outra. Levantaraõ huma bateria, de que jogavaõ oito peças de artilharia, entrando nellas cinco meyo canhoens; logo se aquartelou a Infantaria sobre a ribeira de Fresno, e ordenou o nosso General ao Sargento-mór de batalha, Pedro Carle, que cortasse a communicaçãõ dos que defendiaõ a Praça, ganhando-lhe a barca do Douro. Marchou este official General cõ cem granadeiros, e duzentos Infantes, e o Coronel André Pires com o seu Terço, e foy tal o valor, e resoluçaõ, que ganha-



ganháraõ hum posto, ao qual chegavaõ as ballas dos inimigos; mas como se os nossos naõ as temessem, ou desprezafsem, naõ largaraõ a montanha, em que estavaõ, se naõ depois que muitos dos companheiros se fortificaraõ no lugar da barca, que servia aos da Praça; e porque a naõ acháraõ para a queimar, houve soldados de valor taõ singular, que se offerecêraõ para se lançarem ao rio, e anado chegarem a queimalla no lugar, em que estava defendida dos inimigos; mas como entendêraõ os nossos Officiaes, que naõ havia necessidade de arriscar soldados taõ valorosos, em facção taõ pequena, louvando-lhes o animo, lhes impediraõ a empreza, e cortada a communicacão da Praça com os inimigos, que estavaõ da outra banda do Minho, se retirou Pedro Carle aos nossos alojamentos, e fazendo jogar a bateria no dia 13, com furia, e violencia, em poucas horas desmontou quatro canhoens dos inimigos, que varejavaõ, e batiaõ ao nosso ataque; o que elles remediáraõ, fazendo huma platafórma sobre o ramal esquerdo, de huma obra cornua, que cobria hum lado do Castello, e certamente, que faria notavel estrago na gente, que trabalhava no ataque, se D. Joaõ Manoel naõ tomára o valoroso meyo de se livrar dos damnos, que lhe ameaçavaõ os inimigos com esta nova bateria. Tinha chegado pela posta ao campo, o Brigadeiro Thomaz da Silva Telles, que ambicioso da gloria de se achar no cerco, largára o descanso do Alem-Tejo, pelo estrondo, e confusão da guerra em Miranda; a este Cavalleiro pois, como taõ cheyo de heroicos pensamentos, encomendou o General a empreza de ganhar á escalla a obra cornua, em que estava a bateria; e assim como entrou a noite, se avançou, e o Coronel Francisco de Arés, com duzentos e cincoenta granadeiros, e duzentos Infantes, governados pelo Sargento-mór, Joaõ Piffarro. Deu-se o assalto com valor muy regulado: resistiraõ os Castelhanos com grande animo; mas ainda que largo tempo mostraraõ com acçoens alentadas esforço, e constancia, cedendo ao vigor, e violencia, com que os nossos atacavaõ os muros, largaraõ a obra cornua, na qual nos fortificámos, para resistir ao muito fogo, com que a Praça batia este lugar. Seguia-se a este feliz successo o rendimento da Cidade; mas como a brécha naõ estava ainda capaz de assalto a fôraõ batendo os nos-



fos com grande furia, não cessando a repetição das ballas o dia 14, e 15 até as oito horas da manhã, com que se abriu a muralha por muitas partes. Atemorizado o Governador fez chamada para se render; mas como o estado da Praça não promettia larga defensão, não quiz o nosso General conceder outras Capitulações, mais que ficar a guarnição prisioneira de guerra; o que irritou de tal modo o animo daquelle valoroso Espanhol, que tornou às armas; mas vendo, que as muralhas não permitião defensão, se a bateria continuasse, e que ja os Portuguezes se preparavaõ para dar o assalto, onde com inutil resistencia, pereceria elle, e os mais Officiaes, obedeceo à fortuna dos vencedores, e consentio, que ficasse prisioneira de guerra a guarnição. Concluiu o ultimo ajuste desta entrega o valoroso Thomaz da Silva Telles, que servio com a sua pessoa de illustre, e glorioso instrumento da restauração de tão importante Cidade. Ficou a guarnição prisioneira: acharão-se algumas armas, munições, e mantimentos; e entre as felicidades, que houve em facção tão gloriosa, a que mais se estimou no exercito, foy o pouco numero de soldados, que morrerão na sua expugnação.

Belando *Hist. Civil de Espan. tom. 1. cap. 86.* Ketheler. *Protheus Historic. tom. 3. Decad. 6. ann. 1711. pag. 627.* Marques de S. Filip. *Comentar. de la guer. de Espan. tom. 1. liv. 11. pag. 493.* Sousa *Hist. Gen. da Cas. Real Portug. tom. 8. liv. 7. cap. 1.*



## XVI. DE MARÇO.

2. I.

Europa.

Anno

37.

Emperad.  
Claudio  
Tiberio  
Nero.

COMO justo castigo dos seus atrozes vicios, não teve *Morte do*  
na morte o Emperador Tiberio o fino obsequio de la- *Emperad.*  
grymas dos vassallos; porque na sua vida sempre offendeo a *Claudio*  
Patria com a dissimulação do animo, e as tyrannias do seu *Tiberio*  
governo! Não devia receber defunto aquellas demonstra- *Nero.*  
çoens, que inventou em Roma a supersticiosa lisonja dos  
subditos, para veneração das cinzas dos seus Heróes; e assim  
os elogios funebres se convertêraõ em affrontas da sua me-  
moria. Estava Roma costumada a receber no tempo de Au-  
gusto, na guerra victorias, exemplos, e beneficios na paz; e  
vendo trocada a sorte com as suas tyrannias, solemnifaraõ os  
seus moradores, como felicidade, o vêr morto hum Monar-  
ca, que servíra para injuria de taõ grande Imperio. Era  
sem dũvida, de illustre ascendencia, porque filho de Clau-  
dio Tiberio, que servíra ao grande Julio Cesar de valoroso  
Questor na milicia; e assim animado com o sangue esclareci-  
do da Familia dos Claudios, que déra a Roma Varoens in-  
signes para o Senado, e para a guerra; porê m esta nobre  
Familia tinha a propriedade de ser feróz, e cruel, como em  
diversos tempos experimentára a República em muitos ca-  
sos. Formou este fatal génio dos Ascendentes, em Nero se-  
gunda natureza, para obrar acçoens, que mancharaõ as ex-  
cellentes partes, com que o adornou a graça, para ser hum gran-  
de Principe. Logo da infancia, tanto se applicou de modo  
ao estudo, e às boas artes, que não excedendo a nove an-  
nos de idade, fez em Roma eloquente oração, e panegyri-  
co funebre à memoria de seu Pay, com admiração dos ma-  
yores homens daquella grande Corte, costumada a ouvir os  
Tulios, e outros Varoens famosos. Porê m como se as letras  
não fossem taõ illustre caminho para a fama, como esperava  
nas armas, empunhando-as com valor, e disciplina, militou  
na guerra de Biscaya, como Tribuno, e ja victorioso, gover-  
nou nas Provincias de Alemanha o exercito, em que ao seu  
mere-



merecimento heroico respondêraõ successos gloriosos, para defenſa do Imperio, e ruina dos seus inimigos. Fallecêraõ entãõ para sua fortuna os Principes, em que, segundo as qualidades do sangue, e a vontade de Augusto, havia recahir o Imperio; e como este grande Principe se desposara com Livia Druffila, Mãy do mesmo Tiberio, ainda que era aborrecido do mesmo Augusto, pelos vicios, que lhe conhecia a prudencia daquelle grande Emperador, o adoptou para lhe ser companheiro na grandeza da Monarquia. Sublimado ao mayor throno do Mundo, teve logo os titulos, com que Roma adulava aos Principes, ainda que os desconcertos da sua vida o faziaõ indigno daquellas taõ nobres prerogativas da Soberania; mas com a diffimulaçaõ do seu animo encobrio a cobiça, em que se abrazava, rejeitando o nome de Emperador, como caracter de Principe, mas sim, como General dos exercitos. Assim deixou a Corte, e passou a regular algumas Provincias do Ilirico, mostrando zêlo na causa do Estado, e desprezo de grandeza da sua pessoa; mas recebendo a noticia, de que seu Augusto Pay adoptivo, fatigado com os annos, e trabalhos estava moribundo, correo a Nola para servir ao enfermo, ou'lhe abbreviar a vida. Ja o achou fallecido, e nas demonstraçoens de lagrymas, ou verdadeiras, ou fingidas, persuadio aos vassallos a fineza de hum coraçãõ grato, e sentido na falta de taõ grande Emperador. Entãõ com politica mayor, e diffimulaçaõ propria da sua occulta ambiçaõ, propoz aos Romanos o rejeitar a Coroa, querendo ser companheiro, e naõ superior dos Senadores taõ esclarecidos; mas estes com instancias novas lhe offerecêraõ obediencia, e o confirmaraõ na Soberania. Como as suas palavras naõ diziaõ com o seu coraçãõ, logo aceitou o Diadema; porêm sempre protestando, que para a defenſa do Imperio seria o primeiro de todos, naõ para a independencia do lugar; que subia ao throno mais para servir, que mandar; e se privou dos titulos de *Pay da Patria*, de *Senhor*, e *Augusto*, naõ querendo ja mais usar de taõ pomposo ditado com os Romanos, mas só quando escrevia aos Principes estranhos; sem dũvida, para se conhecer, que a Magestade do titulo explicava a grandeza do mesmo Imperio. Tantos argumentos de modestia, e amor do pũblico Estado, lhe adquiriraõ a fama de justo, e a benevolencia dos subditos, que ja muda-

vaõ



vão o escandalo, que merecêraõ os desconcertos da sua vida passada, em reverentes acclamaçoens da mais profunda obediencia; mas como no seu animo as virtudes eraõ affectadas, e a dissimulaçaõ era o caractere deste Principe, em breve tempo de governo, se declarou com tyrannias, que escandalisaraõ aquelle nobilissimo, e triunfante Povo. Vivia naquelle mesmo tempo Germanico, e como as suas virtudes na paz, e valor na guerra, o faziaõ amado em Roma, e formidavel aos inimigos, temeo, que este generoso mancebo o derrubasse do throno; pois aquelle grande Povo o venerava com tanto affecto, que ja parecia rendimento de vassallagem. O mesmo Germanico, que elle mandou governar as armas em Alemanha, para o tirar da Corte, onde lhe fazia tanta sombra, castigou com severidade a sublevaçã das tropas, que para livrar a pena, o acclamaraõ Emperador de Roma, segurando o Diadema no seu mayor inimigo, que ja maquinava o tirarlhe a vida; porque obrigou ás Legioens a obedecerlhe, fazendo novo juramento de fidelidade a Tiberio: aççaõ das mais illustres, que referem os Annaes da antiga Roma; pois he sem dũvida mayor façanha rejeitar huma Coroa, que vencer muitas batalhas; e muito mais no serviço de hum Principe taõ cruel, que dos mesmos obsequios da fidelidade tirava motivos para ser mais tyranno. Voltou Germanico a Roma, e foy recebido com taõ excessivo applauso, que inflamado em nova ira o Senhor, a quem servia, o mandou governar a Siria, servindo a honra de taõ supremo lugar, de novo genero de desterro para o tirar de Roma. Naquellas Provincias, como Germanico era o mesmo Principe, obrou aççoens, que dilatando a gloria das armas, sujeitando Provincias, exautorando Reys, e vencendo as traçoens de Peizon, fez mais claro o seu nome, mais temido o Imperio, e o Emperador, a quem servia; mas taõ heroicos serviços o leváraõ á sepultura, victima da crueldade, e temor do mesmo Tiberio. Trouxe a Roma as suas cinzas Agripina sua esposa, e recebêraõ naquella Corte a veneraçã, com que a Gentilidade supersticiosa, e grata sabia venerar a memoria dos seus Heróes. Como o defunto Principe, quando viveo, com suas illustres obras era generoso obstatulo, para se não defenfrear Tiberio nas desordens da sua tyrannia, logo que vio o seu triunfante cadaver escondido



no magestoso mausoléu, que lhe fabricára mais dissimulado, que agradecido o mesmo tyranno, abriu a porta aos mayores desatinos. Em quanto Germanico viveo, occultava as perniciosas inclinaçoens do animo, temendo, que os vassallos lhe désses a Coroa, que merecia; porém como o vio no silencio da sepultura, ja desembaraçado correo ao precipicio, a que o levavaõ as paixoens de hum coração fementido. Impoz faltos crimes a Varoens clarissimos, para lhes roubar as fazendas, e tirar a liberdade: a hum Espanhol riquissimo impoz o atróz delicto, de que usava com horror da natureza, de sua propria filha, e os mandou precipitar de huma rocha, para acabarem com infamia, de que os livrava a propria innocencia, perecenlo pelo delicto de serem ricos. Estas crueldades renováraõ lagrymas, que derramava o Povo faudoço na falta de Germanico; porém mayores desordens fizeraõ esquecer estas suas tyrannias. Entregou-se como bruto, esquecido o racional, ás delicias da gulla, e da immodestia: com a gulla muitas occasioens perdia o juizo, com injuria da Magestade; e com a immodestia se fez o escandalo da pudicicia Romana, sendo o seu viver huma desordem continuada. Assim o experimentou Agripina, a quem tirou a vida por genio cruel, e vontade de Sejano. Ganhára para sua desgraça este Cavalheiro Romano, o valimento do Senhor a quem servia; este o subira á mayor fortuna do Imperio, chegando a dominar a vontade do seu Principe, e as Provincias, que lhe obedeciaõ. Teve os mayores postos, e lugares, que inventou a politica, ou vaidade Romana: foy Consul, e companheiro do mesmo Senhor, que o fizera de Cavalheiro, Principe; mas ingrato esqueceu as obrigaçoens de subdito, para governar independente. Obedecia o Imperio a Sejano, que opprimia a taõ illustres vassallos, com desgraça da Patria; e fazendo tyrannias, com a grandeza do seu valimento, quiz arrogarse a total soberania; e para o conseguir fez sacrificio do mesmo filho do Emperador. Era Drussto filho de Tiberio, mas com virtudes taõ claras, que o faziaõ diferente do Pay, e digno do affecto, com que o adorava Roma, para gloria do seu Imperio. Contra elle se declarou a insolencia do valido, e traidoramente o privou da vida, para se livrar do mayor obstaculo, que o embaraçava a praticar a sua ambiçaõ. Esta morte abriu os olhos a Tiberio, para conhecer, que

Sejano



Sejano, perdido o respeito da Magestade, e decóro da soberania, velozmente corria a precipitallo do Sóllo, e a constituirse unico Emperador de Roma. Entaõ mais attento á causa propria, que ao beneficio público, lhe dispöz o castigo, mostrando-se mais benéfico com repetidos favores; e sua costumada dissimulaçãõ lhe deu o castigo. Foy morto Sejano, para exemplo, e castigo: exemplo para os validos, castigo para os ambiciosos; e como se os seus crimes fossem delicto nos parentes, a todos chegou a morte, que lhe ordenou a vingança do Emperador offendido. Respirou aquelle nobre Povo, ja livre das molestias do valido, que opprimia a liberdade pública com roubos, e tyrannias; porê m foy mayor a sua alegria, quando adoeceo o mesmo Emperador. Chegou aos ultimos annos, e crescêraõ as suas molestias com a desordem dos costumes. Naõ pôde a natureza ja decrepita, resistir á violencia do achaque, e declarou-se a enfermidade com symptomas de mortal. Dissimulou o Principe, intentando parecer robusto, quando ja agonizava moribundo, e pediu com desembaraço aos Aulicos aquelles pratos, com que lisonjeava a sua gulla, para occultar as afflicçoens, que a hum tempo com a vida lhe tiravaõ o Imperio do Mundo. Logo nomeou para herdeiro, e successor a Cayo Caligula, filho do insigne Capitaõ Germanico: serfa restituicãõ, que fazia ao sangue, e memoria de taõ grande Principe; mas pareceo novo genero de crueldade contra Roma; pois mostraraõ os tempõs, o quanto aquelle novo Cesar o excedeo nas tyrannias. Morreo finalmente o Emperador na Campania: se naturalmente, ou suffocado pelas artes de Calligula, he assumpto de que ficou incerta a posteridade, e ponto, em que se dividiraõ os Historiadores. O seu corpo se levou a Roma, onde por obsequio de Caligula se fizeraõ as demonstraçoens funebres, que pedia agrandeza, a superstiçaõ, e a lisonja de muitos Senadores; porê m negaraõ-se lhe os gloriosos titulos, e sacrificios, com que se eternisara em Roma a memoria dos dous Cesares, que lhe precedêraõ. Foy Tiberio em quanto subdito, por muitas acçoens digno de fama; em quanto viveo Germanico affectou as virtudes, que naõ teve, para conciliar a benevolencia dos Romanos; porê m com a sua morte se declarou escandalo da razaõ, e monstro dos vicios. Foy o mais dissimulado homem, que subio a throno, mostrando



mayor agrado aos que determinava perder; luxurioso sem decóro, cruel por costume, e vil escravo de appetites escandalosos. No seu tempo se declarou furiosa guerra contra os Senadores, e Varoens insignes, não por inimigos estranhos, mas pela sua ambição; pois lhes tirou as vidas, para roubar os seus thesouros. Viveo setenta e oito annos, e destes, vinte e dous, seis mezes, e seis dias governou o Imperio depois da morte do grande Octaviano Augusto: feliz tempo, por nelle se consumar a Redempção do Genero Humano pelo Verbo Divino, que feito Homem, se fez em Jerusalem sacrificio a seu Eterno Pay, para extincção do peccado, e fundamento da Ley da Graça: obra tão grande, e declarada com tão espantosos milagres, que determinou o mesmo Tiberio venerar a Christo, com os mesmos cultos, com que adorava as suas Divindades; o que impedio a lisonja dos Romanos, no teu mesmo obsequio, ou porque ainda não chegára o tempo de ser Roma cabeça do mundo Christão, assim como era do mayor Imperio, que vio a Gentilidade. Deste Emperador não ficou descendencia legitima, que lhe succedesse no throno, e só deixou hum filho natural, que recomendado á protecção de Caligula, para escandalo da posteridade, o mandou matar, com estranha crueldade, e sentimento universal dos que víraõ derramar o sangue innocente daquelle desgraçado Principe, em que só foy delicto o animar-se com o sangue do Monarca defunto.

Dian Cassio *liv. 57.* Cornel. Tacito. *Annal. liv. 10. no fim.* Sueton. *Tranquil. na Vida de Tiberio sexto.* Aurelio Victor. *Hist. August. Epitom. de Cæsaribus na sua vida.* Eutropio *Hist. Roman. liv. 7.* Cassiodor *Chronic. no Consul. de Galian. e Placian.* Jornandes *de Regnor. ac tempor. successione liv. 1.* Eusebio Cesariens. *Hist. Eccles. liv. 2. cap. 4.* Velleyo Paterculo *liv. 2. cap. 110.* Josepho *de Bello Judaico lib. 2. cap. 8.* Birago *Nomismat. Imperat. pag. 59.* Glandorp. *Onomastic. Roman. col. 450.* Coefeteau *Hist. Roman liv. 2. pag. 300.* Angeloni *Hist. August. pag. 35.* Baron. *Annal. ad ann. 37. Pagi Critic. in Annal. Baron. tom. 1. ad ann. 37. 2. Garibai Compend. Hist. de Espan. liv. 7. cap. 2.* Mexia *Hist. Imperial vida deste Emper. cap. 2.* Ufferius *Annal. Mundi ad ann. 37.* Marian. *de Rebus Hispan. Brito Monarc. Lusitan. tom. 2. liv. 1. cap. 4.* Natal. Alexand. *Hist. Eccles. Secul. 1. cap.*



13. Grandebes *Hist. Eccles. tom. 1. pag. 2.* Cuspinian. *de Cesarib. na sua vida pag. 12.* Tillimont. *Hist. des Emper. tom. 1. Emper. Tiber. artic. 35. n. 13.* Ferrer. *Hist. Chronol. de Espan. tom. 2. pag. 73.* Echart. *Hist. Roman. liv. 4. cap. 2.* Carrilho *Annal del Mund. al ann. 39.*

## 2. II.

Anno

3.

Imperad.  
Cayo Ca-  
ligula.

**A** Morte do Imperador Tiberio servio de fausto principio ao governo de Caligula. Affectava este Principe a maior suavidade, e clemencia, servindo-se no exterior das virtudes, para subir a throno, e não para ornato do espirito, ou conveniencia dos vassallos. Como a sua dissimulação occultava os vicios, loubou enganar aos que depois veyo tyrannisar; e assim os subditos lhe offerecêraõ a mais sincera obediencia dos seus coraçoes. Como o suppunhaõ justo, não acháraõ demonstraçoens de alegria, com que não explicassem o festivo alvoroço da sua fidelidade. Recebêra a soberania em Campania, na investidura do Imperio, que lhe déra o Antecessor; e quando chegou a Roma, mereceo vêr postrados, e reverentes aquelles Senadores, a quem obedecêra o Mundo, offerecendolhe o seu respeito, ou lisonja, cultos com que os Gentios veneravaõ as suas falsas divindades. Nunca pareceo Roma taõ gentilica, do que nestes applausos de Caligula; pois além dos titulos de *Pio*, de *Optimo*, de *Pay dos Exercitos*, e de *Filho dos Arrayaes*, que lhe déraõ, sacrificáraõ no seu obsequio cento e secenta mil rezes, como obsequio novo, com que o lisonjeáraõ. Certamente, que os primeiros tempos do seu governo merecêraõ todos estes applausos; porque mostrou a sua generosa piedade, livrando a muitos proscriptos da morte, ou desterro; a sua liberalidade nos donativos, com que attrahio aos mesmos contrarios; e a sua magnificencia com as obras, que assombrou aos estranhos: virtudes, que no principio lhe déraõ a fama, que mereciaõ; e depois lastimosamente escureceo com as crueldades, e outros horrendos vicios, que trazendo-lhe a morte, fizeraõ escandalosa a sua memoria a toda a posteridade.

Sueton. *Tranquil. liv. 4 na sua vida.* Aurel. Victor. *de Cesar. na sua vida.* Pagi *Critic. in Annal. Baron. tom. 1. ad ann. 37. 2. 2.*

Tom. II.

Ffii

Birago

Europa.

Exaltaç.

do Empe-

rador Ca-

ligula.

ala.



Birago *Nomismat. Imperat. p. 76.* Mexia *Hist. Imper. na vida de Caligula cap. 1.* Cuspinian. *de Cæsarib. p. 13.* Echart. *Hist. Roman. liv. 4. cap. 3.* Coeffeteau *Hist. Roman. liv. 3. p. 304.* Tellimont. *Hist. des Emper. tom. 1. cayo artic. 2.* Garibai *Compend. Hist. de Espan. liv. 7. cap. 3.* Brito *Mon. Lusitan. tom 2. liv. 3. cap. 14.*

Anno

1452.

Rey Dom  
Affonso V

2. III.

Europa.

**V** Encida com grandes perigos a navegaçãõ de Lisboa a Liorne, e depois do magnifico recebimento, com que na Cidade de Sena entrou a Emperatriz Dona Leonor, onde as demonstraçoens da grandeza dos seus naturaes, em festas, e arcos triunfaes, desempenharaõ o generoso primor do seu obsequio, e depois de achar nos braços de seu esposo o Emperador Federico III. os testemunhos, com que a Magestade naõ póde encobrir os affectos do amor, determináraõ os dous Augustos Principes ir a Roma, para que o Supremo Pastor Nicolao V. fosse o Ministro Sacramental do seu matrimonio, e para receberem as insignias, com que a politica, e religiaõ condecóra aos Emperadores Catholicos, por Monarcas primeiros da Christandade. Sahiraõ pois de Sena, com o numerozo, e magnifico séquito de Principes, Cavalheiros, e soldados, que explicavaõ a grandeza de taõ supremos Principes; e chegando a vêr Roma, determinou o Pontifice dar novos argumentos do paternal affecto, com que estimava a estes Senhores. Todo o Collegio Apostolico dos Cardeaes sahio fóra dos muros a esperar aquelle pacifico triunfo do Emperador, que entre dous Legados da Igreja foy entrando com summa pompa, e magestade; Seguiu-se immediata a Emperatriz, acompanhada do Marquez de Valença, seu primo, e conductor, e de toda a mais Nobreza de Fidalgos, e Damas illustrissimas de Portugal, resplandecendo naquella Princeza a sua natural formosura, com os resplendores, que lhe communicava, mais que os adornos, a sua natural modestia. Em terceiro lugar fazia mais pomposa a entrada, e comitiva ElRey de Ungria Ladislao, sobrinho do mesmo Emperador, que sendo mancebo gentil, e adornado com a Real purpura, se ostentava verdadeiramente grande Principe, e bizarro Capitaõ. Em quarto, e ultimo

Solemne  
recebimen-  
to, e coroa-  
çaõ da Em-  
peratriz  
D. Leonor  
com Fede-  
rico III.



ultimo lugar, se via o Archiduque de Austria, Alberto, General das tropas Imperiaes, que o seguiaõ em bem formadas esquadras, onde no luzimento das fardas, correspondia o militar da disciplina. Com esta pompa chegaraõ os Emperadores neste fausto dia ao Capitólio, e os recebeu com affecto de Pay o mesmo Pontifice, que revestido em Pontifical, e sentado em cadeira de marfim, vio aos seus pés os maiores Principes da Christandade tributar-lhe aquellas adoraçoens, que se lhe deviaõ, como a Vigario de Christo. Esta cerimonia de lhe beijar os sacrosantos pés, lhe fizeraõ o Rey de Ungria, o Archiduque de Austria, o Marquez de Valença, e os principaes Cavalheiros das Naçoens, Portugueza, e Alemãa, retumbando ao mesmo tempo os vivas, e acclamaçoens do Povo Romano, em applauso de taõ festivo acto. Depois desta Sagrada adoraçaõ, pôz o mesmo Pontifice sobre as cabeças dos Emperadores a coroa de ferro, como Reys de Lombardia, e celebrou as ultimas ceremonias de sacramentalmente os unir, pelos vinculos do matrimonio, authorisando, como verdadeiro Ministro, os sacros despozorios; e assistindo os dous Principes aos Officios Divinos, que celebrou o mesmo Pontifice, se recolhêraõ os dous Augustos Confortes, com a mesma pompa, e obsequios daquella primeira Cidade, e cabeça do Mundo. Seguiu-se a esta religiosa, e politica acçaõ, o jurar no seguinte dia o Emperador a obediencia ao Papa, que recebeu nas suas mãos este sacramento da fidelidade, e a promessa de proteger a Igreja, contra os seus contrarios. Depois fôraõ os mesmos Principes ungidos nas costas, e braços direitos; e dada a posse ao Emperador do lugar de Cónego de São Pedro, se entoaraõ os Officios Ecclesiasticos com a mayor armonia, e nesse mesmo tempo lhe deu o Summo Pastor as Augustas insignias, sendo a primeira o Sceptro, para significaçãõ do Real podêr; logo lhe entregou o globo de ouro, para representaçãõ do seu dominio universal; e a espada, como figura de lhe pertencer o direito das armas, para castigar, e reprimir aos inimigos do Estado; e finalmente o Imperial diadema, Augusta divisa dos Emperadores Romanos. Eraõ estas insignias as proprias, com que muitos seculos antes, corôara o Papa Leão III. a Carlos, que por suas façanhas, e devoçaõ na defenõsa da Igreja, mereceo o nome de Grande,

com

Europa.

a  
e  
Solemne  
recebimen-  
to, e coroa-  
çaõ da Em-  
peratriz  
D. Leonor  
com Fede-  
rico III.



com que ficou respeitado, e conhecido na posteridade; tambem a coroa, que o Pontifice pôz na Augusta cabeça da nossa Emperatriz, era a mesma, que em outro tempo servio, para se coroar a Princeza Maria, esposa do Emperador Sigismundo, benemérito defensor da Igreja Romana. Concluiu-se finalmente esta Sagrada funcão, com as mais ceremonias religiosas, sendo tantos os vivas, e festivos estrondos, que parecia Roma restituída aos primeiros tempos da felicidade dos Augustos, Trajanos, e Constantinos, não se ouvindo mais que as plausiveis, e sonoras vozes, que em suas voces eccos retumbavaõ pelo seu hemysferio, gloria, e eternidade, que se vaticinavaõ a taõ Augustos Emperadores. Deixáraõ a Corte Romana, e passáraõ aos seus dominios, e foy taõ feliz este consorcio, que delle se procrearaõ aquellos Principes, que hoje se vem adorados nos mayores thronos da Europa, que se illustra por esta Emperatriz, com o Real sangue de Portugal.

Nunes de Leão *Chron. del Rey D. Affonso V. cap. 24.*  
 Faria e Sousa *Europ. Portug. tom. 2. Part. 3. cap. 3. §. 53.* Mariz *Dial. de var. Hist. Dial. 4. cap. 5.* Ferreras *Histor. de Espan. tom. 9. al ann. 1452.* Cuspinian. *de Cæsarib. & Imperat. Roman. pag. 406.* Carrilho *Annal. al ann. 1451.* Barbof. *Cathal. das Rainhas de Portug. pag. 355.* Sousa Moreir. *Theat. histor. e geneal. da Cas. de Sousa p. 537.* Golsio *Retratos dos Emper. em Freder. III.* Spondano *Annal. Eccles. ad ann. 1452. n. 1. & 2.* Barre *Histoir. General. de Aleman. tom. 7. p. 530.* S. Marth. *Hist. Geneal. de France liv. 42. cap. 5.* Anselme *Histoir. Geneal. de France tom. 1. cap. 20. §. 17.* Sousa *Histor. Geneal da Casa Real Portug. tom. 2. liv. 3. cap. 9.*

Anno  
1506.

§. IV.

Asia.

**O** Estrago com que o Vice-Rey, D. Francisco de Almeida, assolou Mombaça, e Quiloa, e o assento, que tomáraõ os Portuguezes em Cochim, e Cananor, com as novas Fortalezas, que fundaraõ, ferio taõ altamente a armada India, biçaõ do Camorim, que suppondo as suas Cidades abraçadas, as armadas destruidas, e o comercio acabado, lamentava o Reino perdido, se não empenhasse todas as forças do seu Estado, e as riquezas dos seus thesouros, para nos lançar

Batalha  
naval con-  
tra 280  
navios de  
Malaba-  
res.



gar fóra da India; e occupado desta fatal dor pedio por Embaixadores, ajuda ao Soldaõ do Cairo, como a Principe mais interessado na ruina dos Portuguezes. O perigo dos seus colligados do Malabar, a gloria do triumpho, e o fim da guerra, movêraõ a este Principe, a mandar á India a armada, que, vencida em Dio, fez o nome Portuguez mais temido, e venerado em todo o Oriente. Porém em quanto navegava esta armada, do mar Roxo ao da India, sabio a do Camorim taõ poderosa, que além de ser de duzentas e secenta vélas, contava sómente secenta náos de alto bordo muito fortes, veleiras, e artilhadas como as nossas, porém muito melhor guarnecidas. Todo o Malabar estava suspenso com o terror de poder taõ formidavel, julgando huns a nossa perda, como indubitavel, outros temendo o castigo, com que se vingaria o Camorim dos Reys, que eraõ nossos tributarios, e amigos, e todos esperando o fim do successo, como argumento certo da nossa destruiçaõ, ou felicidade. Neste tempo surcava os mares da India, D. Lourenço de Almeida, Varaõ grande pelo nascimento, e mayor pelas obras, e recebendo repetidos avisos do Vice-Rey, seu Pay, soube o poder dos inimigos, e que o buscavaõ, para na sua ruina segurarem os seus Reinos; e como elle na grandeza dos conflictos procurava o augmento de gloria, a que sempre aspirava, unindo as suas náos, e galés em numero de onze baixeis, navegou tambem a buscar a armada do Malabar, que com igual desejo de honra demandava a nossa. Avistaraõ-se pois as duas armadas, e ganhando a nossa o barlavento, começou a artilharia a fazer funestos estragos, recebendo os contrarios mayor, e mais conhecido damno; pois se não perdia tiro naquella multidaõ de navios, lançando huns a pique, desaparelhando outros, e em todos matando muita gente. Começaraõ a retirar-se os inimigos, com tal desordem, que além dos zambucos, e paraos, que fóraõ metidos no fundo, lhes fizemos dar á costa com doze náos grossas; e certamente neste primeiro conflicto, receberiaõ os Mouros o castigo da sua insolencia, e vaidade, se a noite não dividira o combate. Com a manhã se renovou a batalha, e D. Lourenço de Almeida, depois de se servir da artilharia da sua armada com a mesma fortuna, que no dia antecedente, abalroou a Capitânia inimiga, e os nossos Capitães,

Asia.

Al-Batalha  
que naval con-  
as tra 280  
m-navios de  
za-Malaba-  
en-res.  
do  
an-  
ar



a outra não, que na grandeza, e na força era igual á Capitânia. Por tres vezes se lhes lançáraõ os arpéos; mas outras tantas se livraraõ os Mouros, ficando da ultima dentro da não contraria cinco Portuguezes; sobre elles carregáraõ seiscentos Mouros, que tantos a guarneciaõ, arrojando-lhes tiros de lanças, zagunchos, e fréchas, em taõ grande numero, que recebiaõ os nossos, muitos golpes em huma só ferida. Deste modo, sustentaraõ por largo espaço de tempo estes cinco Heróes da Nação Portugueza, o impulso dos inimigos, até que os soccorreo Nuno Vaz Pereira, não só com o valor da sua espada, mas com industria da sua experiencia. Cortou as amarras, com que a não inimiga se sustentava, e descachindo sobre a de Dom Lourenço, que até aquelle tempo não pudéra saltar dentro, agóra o executou promptamente; e como estava com desejo de tingir as armas no sangue inimigo, com tal furia os tratou, e taõ pezadamente os ferio, que em breve tempo se fez senhor da não, com morte de todos os Mouros, que a guarneciaõ. O mesmo succedia nas outras: Philippe Rodrigues, Bremudo Dias, Gonçalo de Paiva, Simaõ Martins, e outros, de tal modo pelejáraõ, que rendendo em huma parte náos, e abrazando outras, acabáraõ de desbaratar a armada inimiga, ficando o nosso General cançado de tanto vencer. As nossas galés, por toda a noite, seguiráõ o alcance aos baixeis fugitivos, servindo-lhes o luar de farol, para os hirem deitando apique ás bombardadas. Foy sem dúvida esta victoria a mayor, que naquelles annos tivemos na Asia; pois com onze embarcaçoens desbaratámos huma taõ poderosa armada. Dos inimigos, morréraõ tres mil a ferro, e a fogo, e outros tantos afogados, não tendo numero os feridos. Dez náos fóraõ apique, outras dez carregadas de especiaria ficaraõ rendidas, sendo desbaratados mais de cincoenta paraós, e calaluzes. Em taõ grande batalha, não excedéraõ de seis os mortos, e de quarenta os feridos da nossa gente. D. Lourenço de Almeida, depois de triunfar de seus inimigos no mar, desembarcou em Cananor, onde o veyo receber o Rey entre applausos, e admiraçoens da victoria, de que estavaõ taõ allõbrados aquelles barbaros, que muitos cortados do medo, e cõ o receyo da nossa vingança, temiaõ lhes assollassemos a Cidade, por se levantarem no tempo da batalha, querendo escalar

a For-



a Fortaleza, por nos suppretem destruidos; porém D. Lourenço de Almeida, mayor que todas as paixoens de hum General vencedor, lhes perdoou, e em memoria de taõ grande batalha, levantou hum templo no obsequio de MARIA Santissima, debaixo do titulo da Victoria, deixando com este religioso monumento, igual fama da sua piedade, que com a victoria do seu valor.

Barr. *Decad. 1. liv. 10. cap. 4.* Barbud. *Emprez. Milit. de Lusit. fol. 135.* Mariz dos *Reys de Portug. dialog. 4. cap. 16.* Faria *Asia Portug. tom. 1. Part. 1. cap. 10. 2. 4.* Goes *Chron. del Rey D. Man. Part. 2. cap. 12.* Castanhed. *Hist da Ind. liv. 2. cap. 27.* Osorio de *Rebus Emman. lib. 4. p. 130.* Neufuille *Hist. de Portug. tom. 2. pag. 168.* Martines *Comp. de las Hist. de las Ind. liv. 3. cap. 8. p. 157.* Maffeus *Hist. Ind. liv. 3. p. 54. lit. E.* Camoens *Lusiad. Cant. 10. Oit. 27.* Correa nos *Comm. de Cam. fol. 270.* Far. nos *Comm. de Cam. tom. 4. p. 347.* Soledad. *Hist. Seraf. tom. 3. liv. 5. cap. 13. n. 935.* Bucel. *Chron. Hisp. ad ann. 1506.* Girard. *Diario Part. 1. p. 236. n. 20.* Madrignan. *de Navigat. Lud. Rom. liv. 6. cap. 39.* Claud. *Clement. Tablas Chronolog. pag. 236.*

2. V.

America.

Anno

1560.

Rey Dom  
Sebastião.

Conhecida nas Regioens da Europa; a oppulencia do Conquista Brasil, se inflamaraõ alguns Francezes no desejo de de huma possuir as Provincias, que no seu continente habitayaõ os Fortaleza vassallos de Portugal, esperando o bom successo das suas em-no Rio de prezas, mais no descuido alheyo, que no proprio valor. Era Janeiro. célebre naquelle tempo, Nicolao Durand de Villegaglou pelas victorias, com que triunfara de Turcos, e de Inglezes, sendo Escocia, e Malta gloriosos theatros, em que luzio o seu valor; este valoroso Capitaõ, querendo que a fama do seu nome, servisse ao interesse do commercio, navegou aos mares Americanos, com diversos companheiros do seu esforço, ou da sua ambiçaõ. Huns invadiraõ a Paraíba, Itamaracá, Pernambuco, e outras Colónias Portuguezas, mas com a desgraça, que buscando a mercancia, para a sua conveniencia, recebêraõ feridas, e ruinas para o seu estrago. Teve melhor fortuna Villegaglou; porque desembarcando em Cabo-Frio, achou benevola hospedagem nos seus habitadores,

Tom. II.

Gg



dores, que por averfaõ dos Portuguezes, de que formavaõ queixas, lhe carregaraõ as suas náos, com as preciosas drogas do Paiz, sendo a mais util o páo brasil, pela estimaçaõ dos Europeos. Este feliz principio da sua navegaçaõ, tentou áquelle intrépido Francez, para voltar á sua Patria, segurando aos Tamoyos, que armado com mayor força, viria em soccorro das suas terras, para sacudirem o jugo Portuguez. Fiel ao contrato para animar os barbaros, estabelecer o dominio, e desfrutar o Paiz, entrou segunda vez no Rio de Janeiro; e como naquelle sitio, escolhia o proporcionado lugar para centro das suas ambiciosas, e militares idéas, contra o nosso Bráfil, edificou na Ilha mais inacessivel da sua bahia, huma Fortaleza, concorrendo para crescer a obra, a natural astucia dos Francezes, e o constante disvélo dos mesmos Tamoyos, que nella consideravaõ a tutéla da sua liberdade, e o freyo de seus inimigos. Estabellcida a força com guarniçaõ bellicosa, artilharia reforçada, e muniçoens abundantes, começaraõ a sentir os nossos habitantes da America, continuados insultos, por mar, e terra. Era até aquelle tempo a navegaçaõ pacifica, e a cultura das terras sem perigo; mas nesta o invadiaõ os barbaros, com estrago dos que sem temor dos inimigos abriaõ os campos para colher os seus frutos; e no mar os Francezes insultavaõ as nossas embarcaçoens com damno dos mercantes, e naõ menos injuria daquelle novo Estado. Soaraõ logo na sua Capital a Cidade de São Salvador da Bahia, o estrago dos nossos baixes, a ruina das nossas terras, e o que era mais para temer, os futuros perigos das nossas Capitanias, se no Rio de Janeiro se conservasse a disciplina, e valor dos inimigos da Europa, unidos á ferocidade dos Tamoyos: era preciso cortar as raizes, antes que a dissimulaçaõ cultivasse huma planta, que podia suffocar o dominio Portuguez nas vastas, e preciosas Regioens, que a Providencia nos déra na America. Para empreza taõ arriscada, se queriaõ armas, muniçoens, e soldados competentes, para se expugnar huma Fortaleza, que ameaçava taõ funestas consequencias. Achava-se o nosso Estado destituido de petrechos, e sem forças; e para emprender a guerra sem meyo, era buscar occasiaõ, mais para injuria da Naçaõ, do que para castigo dos contrarios. Governava ao mesmo tempo o grande Mem de Sá; e como no seu coraçãõ, melhor  
offici-



officina de Marte, se forjaraõ as armas para delagravo das injurias do Estado, e defenſa de ſuas Provincias; determinou primeiro vencer a penuria, para depois triumphar nos conflictos da guerra. Contra a eſperança dos moradores, juntou huma armada pequena, ſe olharmos ao numero, pois conſtava de tres náos, e oito navios, que guarneciaõ cento e vinte Portuguezes, e poucos Genticos da terra; mas formidavel, por ſe animar com a preſença do meſmo invicto Governador, que determinou ſer companheiro dos ſubditos em facção, taõ arriſcada no combate, como glorioſa no triumpho. Com felicidade cortou os mares, e deſcobriu o porto, que buſcava o ſeu zêlo, e o ſeu valor; e querendo levar nas mãos a Fortaleza com repentina invaſaõ, achou aos inimigos armados, e prevenidos. Víraõ a noſſa armada, e largando os Francezes as náos, que eſtavaõ ancoradas, ſe recolhêraõ a defender as muralhas: o meſmo fizeram os Tamoyos, querendo com as forças unidas impossibilitar a noſſa victória. Obſervou o noſſo Governador o inacceſſivel da Fortaleza, que ſobre rochas, e cercada do mar parecia, que mais a natureza, que a meſma arte a fazia inconquiſtavel a muito mayor podêr, do que levava a noſſa armada; porê m como ſe havia emprender a ſua invaſaõ, debaixo do mayor riſco, deſprezado o perigo, ſe começou a bateria dos ſeus reparos. Por tres ſucceſſivos dias, naõ ceſſaraõ os noſſos canhoens de os ferir com ſuas ballas; mas como davaõ naquella inculta penedia, repercutiaõ de ſi as meſmas ballas, com mayor eſtrago dos expugnadores, que dos expugnados. Creſceo no eſpírito do noſſo Governador o deſejo de render hum lugar, que ja parecia eſcandalo das noſſas armas; pois ſe deixaffe a empreza, ſobre a injuria do Estado, ſe dobrava o animo dos contrarios, que novamente enfurecidos ſe fariaõ mais insolentes com a noſſa retirada. Entaõ conſultando ao ſeu coração, como fonte de acçoens illuſtres, ſe deliberou a inveſtir a Fortaleza a peito deſcoberto, para conſeguir o triumpho, ou ficar ſepultado debaixo das ſuas muralhas: arduo era o empenho; mas o ſucceſſo mostrou ſer o mais acertado. Pela mais fragoſa parte da Ilha, ſe expoz o meſmo Governador, para nas acçoens do Capitão, receberem valoroſa doutrina os ſoldados; e ganhando com ſanguinolento combate o ſitio das Palmeiras, como o inimigos deſtros, e valoroſos occor-



rêraõ á defenfa, se rompeo, e ateou o conflicto, em que o sangue, e as feridas, com o estrondo das vozes, mais esforçava, que enfraquecia aos que pelejavaõ. Os nossos com façanhas queriaõ render aos que ja tinhaõ cortados com o ferro; os inimigos trabalhavaõ por defender hum lugar, em que estava a conservaçaõ das suas vidas; e assim com os motivos da honra, e da conveniencia pelejavaõ resolutos, e como desesperados. Cedeo finalmente o valor dos Francezes, e a desesperaçãõ dos Tamoyos, e penetrados huns com feridas, e todos com o terror de ficarem cruenta victima de nossas espadas, precipitadamente fugiraõ, lançando-se nas suas canoas, para buscarem nas brenhas dos matos, a salvaçaõ das suas vidas; concorreo para seu mayor estrago o fogo, que accidentalmente se prendeo no armazem da polvorã, perecendo no rapido do incendio, mais de trinta defensores abrazados. Livre ja a Fortaleza dos inimigos, e senhores os Portuguezes das suas muralhas, rendeo o Governador ao supremo Autor das nossas victorias, o triumpho, que déra ás nossas armas, e com religiosa piedade mandou celebrar na mesma Fortaleza, o incruento sacrificio da Ley da Graça, santificando assim aquellas barbaras terras, com esta piissima açãõ de graças. Alcançada a victoria, depois de taõ renhida batalha, se propoz conservar, ou demolir a Fortaleza; mas como era contra a prudencia dividir taõ poucos soldados, em taõ differentes, e distantes lugares, se arrazaraõ as suas muralhas, para que no seu destroço lessem os vindouros a severidade, e vingança Portugueza, e na sua ruina ficasse tambem sepultada a memoria de Villegagnou, que a fundára, enobrecendo-a com o seu proprio nome.

Vasconcel. *Chron. da Comp. de Jesus do Brasil* liv. 2. n. 77. Brito Freire *Guerr. Brasílic.* liv. 1. §. 65. & seqq. Menez. *Chron. del Rey D. Sebast.* cap. 44. Barbof. *Mem. del Rey D. Sebast.* tom. 1. liv. 2. cap. 8. Santos *Hist. Sebast.* liv. 1. cap. 6.



## 2. VI.

Asia.

**C**Om a nova conquista da Povoação, e tranqueiras de Cunhale, se lhe apertou mais o sitio da Fortaleza, em que se defendia aquelle barbaro, com animo ainda mayor, que a sua desgraça. Continuavaõ as nossas baterias de mar, e terra com tanta violencia, que muitos baluartes naõ tinhamõ parapeito, ou ameya, que naõ fosse arrazada, e os panos do muro, que corriaõ de huns a outros baluartes, estavaõ abertos, e ja nelles podiaõ os nossos pelejar quasi iguaes aos inimigos. As fõmes, com que se consumiaõ os defensores, eraõ taes, que os obrigavaõ a sustentarse com mantimentos viz, e asquerosos. Tudo em fim se armava contra aquelle soberbo Mouro, e naõ tendo meyo para escapar, se entregou ao Camorim, prometendo-lhe este Principe a vida, e aos Mouros, que defendiaõ a Fortaleza. Tardáraõ algum tempo em se render os Mouros, e temendo o grande André Furtado de Mendoça, glorioso instrumento de se vencer este cruel tyranno, que o Camorim pelo vil interesse do dinheiro, dèsse lugar, a que fugisse este Mouro, quiz assaltar a Fortaleza, e acabar de huma vez aquelles inimigos; porèm o Camorim, dando claros sinaes do leal animo, com que tratava as nossas conveniencias, prometteo entregarnos a Cunhale, e a todos os principaes, que se haviaõ rendido. Chegou finalmente o dia de se render, e cheyo de confusaõ, sahio Cunhale da Fortaleza no habito mais abatido, e lançando-se aos pés do Camorim, André Furtado de Mendoça o retirou, e outros Mouros grandes, e famosos cossarios, e os levaraõ prezos para a armada; e concluida a entrega da Fortaleza, em nome delRey de Portugal, deu o nosso illustre Capitaõ o saque della, e a metade da artilharia ao Camorim, sabendo no mesmo tempo vencer aos inimigos com a espada, e aos amigos com a grandeza. O saque foy rico, e tal, como de huma Fortaleza, que servia de lugar, em que se guardavaõ os roubos de todas as costas da India. A parte da artilharia, que pertencia ao Estado, recolheo o nosso Capitaõ; e depois para eterno castigo dos Mouros, arrazou toda a Fortaleza, Povoação, e tranqueiras, ficando taõ célebre entre os Mouros, e Gentios aquelle

Conquista  
da Forta-  
leza de  
Cunhale.Anno  
1600.Rey Dom  
Filip. II.  
Vice-Rey  
da India,  
Conde da  
Vidiguei-  
ra.



aquelle sitio pela Fortaleza, com que antigamente dominou aquelles mares, como agora pelo estrago, e ruina, com que ficou arrazada a sua grandeza. Cunhale foy levado a Goa, e nella foy degollado: Chinale padeceo a mesma pena, mas com fim differente; pois antes que morresse, se reduzio á Religião Catholica. André Furtado de Mendoça com o seu grande valor, disciplina, e constancia destruiu o mais poderoso inimigo, que naquelle tempo tinha contra si o Estado da India; e na sua ruina respirou o Malabar, navegáraõ seguras as nossas frotas, e mostrou a nossa Naçaõ a todo o Mundo, naõ haver força, que lhe resistisse ao valor dos seus soldados.

Couto *Decad.* 12. *liv.* 4. *cap.* 8. Faria *Asia Portug.* tom. 3. *Part.* 2. *cap.* 3. §. 20. Queirós *Vid. do Irm. Basto.* *liv.* 3. *cap.* 2. *Barbud. Emprez. Milit. dos Lusit.* fol. 311. Martines *Comp. de las Hist. de la Ind.* *liv.* 4. *cap.* 25. pag. 354. Mariz *Supplem. aos Dialog. dos Reys de Portug.* *cap.* 2. Santos *Etiop. Orient. Part.* 2. *liv.* 4. *cap.* 17. Cardof. *Agiol. Lusit.* tom. 2. pag. 578. Paes *Prompt. de Definit Indic. trat.* 2. *cap.* 3. Pierre du Jarric. *Hist. des Indes Orient.* *liv.* 2. *cap.* 15. e *liv.* 6. *cap.* 3. e *cap.* 4.

## §. VII.

Anno  
1603.

Asia.

**C**ontinuando com mais valor, que prudencia André Furtado de Mendoça o inutil sitio, que pozera a Terna-Victoria Rey Dom te com as tropas Castelhanas, e Portuguezas, determináraõ contra os Filip. II. os seus defensores sahir da Praça, e ganhar a nossa artilharia, defensores Vice-Rey para que nesta acçaõ briosa, e arriscada se acabasse a guer-de Terna-da India, ra, com injuria de nossas armas, e gloria da sua resoluçaõ. te. Ayres de Penetrou-se o designio dos contrários, e se prevenio o castigo da sua vaidade. Imaginavaõ os barbaros, que o descuido do nosso campo servitia á resoluçaõ, com que emprendiaõ tingir as suas espadas no fangue dos expugnadores; mas o successo mostrou, que vieraõ para se recolher desbaratados. Em numero de oitocentos Ternates sahirãõ repentinamente a suprender as trincheiras debaixo das ordens de Cathil Amuxá, hum primo do mesmo Rey de Ternate, que taõ valoroto, como bizarro, com sua presenca lhe dobrava o animo, para se prometterem a felicidade. Todos eraõ armados



das de largas espadas, assim como outros oitocentos Javos, seus auxiliares, de piques de vinte e cinco palmos. Conformes no voto de nos destroçar, comettêraõ todos a hum mesmo tempo as nossas trincheiras por diferentes lugares, para que a divisaõ das nossas tropas, lhe facilitasse a empresa. Como o valor naõ podia ser mayor, esteve o nosso campo em manifesto risco de se perder; e se naõ fõra a prevençaõ, pudêra este assalto, nas horas deste dia, ser funesto catastrophe de muitos soldados. Mandavaõ a bateria os Capitães, Pinto, e Villagra, que attentos ao perigo obraraõ com esforço taõ disciplinado, que das suas ordens resultou huma taõ animosa defenõa, que depois de largo tempo do mais ardente conflicto, ainda que morrêraõ alguns Portuguezes, e soldados, e entre elles acabáraõ invictos Officiaes, que mais se expuzeraõ a ser traspassados de muitas feridas, pelejando-se em diversos lugares, em todos foy tal a constancia em resistir, que depois de se ferirem huns aos outros, começáraõ os inimigos a perder aquelle militar ardor, com que sahiraõ a vencer. Conheceo-se o receyo, com que ja mais tardos se portavaõ os inimigos; e dando no seu temor mais armas aos Castelhanos, e Portuguezes, que sustentavaõ o campo, se lhe dobrou o animo para os ferir com maõ taõ pezada, que naõ podendo sustentar a batalha, a deixaraõ, e com precipitada fugida corrêraõ a salvar-se na Praça, deixando mortos no lugar do conflicto muitos Capitães, e soldados, que generosamente perdêraõ as vidas por naõ ser cobardes. Esta victoria, que alentou a se proseguir nos combates, adiantando as trincheiras contra a Cidade, mais servio para gloria, que utilidade das nossas armas; porque depois a falta de mantimentos, e munigoens, nos obrigou a levantar o cerco, que sem prudencia se formára.

Argensol. *Conq. de las Malucas liv. 8. pag. 295.* Faria e Sousa *Asia Portug. tom. 3. Part. 2. cap. 6. n. 7.*



2. VIII.

Europa.

Anno

1607.

Rey Dom  
Filip. II.

Foy o Senhor D. Alexandre ultimo fruto do matrimonio dos Serenissimos Duques de Bragança, D. Theodosio de Senhor D. Anna de Velasco e Giron. Nalceo em Villa-Viçosa, Corte dos mesmos Duques, e hum dos mais deliciofos Lugares da Provincia do Alem-Tejo. Santificou-se pelas salutiferas agoas do baptismo na Capella Ducal, sendo Ministro deste primeiro Sacramento, seu tio o Senhor D. Alexandre, Arcebispo de Evora, em cujo obsequio se lhe deu o seu nome. Fôraõ Padrinhos, o Senhor D. Philippe seu tio, e Madrinha, sua Avó, a Senhora Dona Catharina, e o levou á pia, Joaõ de Tovar Caminha, acompanhado de muitos Fidalgos, que serviaõ á grande Casa de Bragança, de que os mais distinctos fôraõ escolhidos para levar as insignias, fazendo o acto com aquella magestade Ecclesiastica, e politica, que pedia hum neto, e hum filho de tantos Principes.

Sousa *Hist. Gen. da Cas. Real Portug. tom. 6. liv. 6. cap. 18.*

Nascimēt.  
do Senhor  
D. Alexã.  
dre.

Anno

1642.

Rey Dom  
Joaõ IV.

Aclamado em toda a Ilha Terceira o felicissimo Principe, e Restaurador da Patria, D. Joaõ IV. e havendo os naturaes ganhado todos os fortes, com que os Castellhanos dominavaõ os postos de mayor importancia, se resolvêraõ a executar a mais difficil empreza, para quem tivesse todos os meyo de a conseguir, quanto mais a homens faltos de armas, muniçoens, gente, e dinheiro; mas superando todos os inconvenientes, com a sua grande fidelidade, e constancia, vieraõ a senhorear a celebre Fortaleza da mesma Ilha, depois de sustentarem o dilatado cerco de quatorze mezes. He esta inexpugnavel Fortaleza, como dissemos no primeiro de Janeiro, huma das melhores de todo o Mundo, pelo defensavel do sitio, e pelo regular da fortificação; e occupa quasi huma legoa de extençaõ: pela parte do mar he impenetravel; porque a revestem rochas inacessiveis; pela banda da terra, he fortificada com muros flanqueados de baluartes, e revelins: tem dentro agoa nativa, terra em que se

2. IX.

Europa.

Restaura-  
çaõ da  
Ilha Ter-  
ceira.



se semeaõ vinte moyos de trigo, muitas vinhas, e pomares. Estava guarnecida de quinhentos soldados Espanhoes, com mantimentos, e muniçoens para mais de hum anno; jogavaõ das suas platafórmãs, cem canhoens; e era seu Governador D. Alvaro de Viveiros, que no valoroso, e no destre naõ devia nada aos grandes Capitaens. Como os nossos estavaõ faltos dos meyoos necessarios para esta conquista, fizeraõ diversos ataques, e baterias, e a fôraõ estreitando com hum apertado assédio. Todos os soccorros, com que lhe acodio Castella, para sustentar aquelles valorosos defensores, naõ serviraõ mais, que de augmentar a desesperaçãõ dos sitiados, e de nos alentar, para perseverarmos na continuaçãõ do sitio. O primeiro destes soccorros, que chegou, foy Manoel do Canto, natural da Ilha, com tres navios; todos entregou aos expugnadores, prevalecendo mais no seu fidelissimo animo o amor da Patria, que as promessas de Castella. Naõ tiveraõ melhor successo dous navios Inglezes, que de Sevilha conduziaõ muniçoens, e mantimentos para a Fortaleza; porque perseguidos de huma armada nossa, que surcava aquelles mares, antes quizeraõ varar em terra, e entregar-se aos Portuguezes, que render-se á armada, que supunhaõ Hollandeza. Igual fortuna experimentaraõ outros, perdendo-se, sem poderem soccorrer aos sitiados. Entre tantas desgraças, naõ perdiaõ o animo os Castelhanos, antes valorosos, e advertidos, fizeraõ huma sortida, e dando nos nossos quartéis nos acháraõ taõ descuidados, que á custa da vida de dezasete soldados, e de trinta feridos, ensinaraõ a vigilancia, que se deve observar nos cercos. Naõ servio este bom successo para desfiliarmos da empreza, antes apertando mais vigorosamente o sitio, se reduziraõ os inimigos á ultima calamidade, e naõ tendo soccorro, vendo-se opprimidos da fome, e obrigados da desesperaçãõ, clamaraõ ao Governador, que se entregasse. Movido D. Alvaro de Viveiros das lastimosas vozes dos sitiados, entregou a Fortaleza, sabindo com as honras militares, que lhe confeguiu o seu valor, e constancia, merecendo este grande soldado, louvor na desgraça. A entrega desta Fortaleza foy mais célebre, por ser ganhada ao tempo, em que se contavaõ secenta annos, que do nosso poder a conquistára D. Alvaro Bassan, Marquez de Santa Cruz, sendo para nós igual a gloria do triumpho neste dia, como no

Europa.

Nascimēt.  
do Senhor  
D. Alexã.  
dre.

Europa.

Restaura-  
çãõ da  
Ilha Ter-  
ceira.



outro a fatalidade da sujeição a Castella, sempre para Portugal lamentavel, e para aquella Ilha, ainda mais sensível pelo estrago, que padecêraõ.

Menez. Portug. Restaur. tom. 1. liv. 3. pag. 132. Mariz Supplem. aos Dialog. de var. Hist. pag. 557. Brandano Hist. de Portug. liv. 3. pag. 94. Relaç. do mesmo successo.

Anno

2. X.

Europa.

1646.

Rey Dom  
João IV.

**P**ara resistir ás armas de Castella, defender a nossa liberdade, e conservar no throno ao Rey, que se acclamára em obsequio da sua herdada justiça, e por voto universal dos Póvos de todo o Portugal, se juntáraõ Cortes nesta Cidade de Lisboa, cabeça do Reino, e a mais empenhada em sustentar o direito da Serenissima Casa de Bragança, que por secenta annos lhe usurpara o poder dos seus contrarios. Depois de se ponderarem com zêlo, e não desigual prudencia, os meynos da nossa conservação, se decretou, que eraõ precisos para defender as fronteiras dezaseis mil Infantes, e quatro mil cavallos de tropas pagas; e que as Ordenanças das Provincias não sahiriaõ mais, que á propria defenõsa do continente, que habitavaõ. Pedia este grande número de soldados correspondentes soldos; e como era a causa Pública, os mesmos Póvos se multáraõ em dous milhoens e cento e cincoenta mil cruzados: excessiva despeza para hum Reino, a que o antecedente governo extenuára com diversos tributos, para as guerras, que sustentava em Flandes, Alemanha, Italia, e Catalunha; mas que suavisava o amor do seu Rey, e a ingenta fidelidade da Naçaõ Portugueza. Dividio-se esta grande contribuiçaõ de modo, que hum milhaõ, e setecentos mil cruzados sahiriaõ dos útuaes, e décima, mas livrando-se os generos, que servem para sustento da vida, e reparo dos pobres. O resto se impoz no real da agoa da mesma Cidade de Lisboa, e seu termo, novo direito da Chancelaria, caixas de assucar, bens confiscados, e acreteimos das rendas da Serenissima Casa de Bragança; e no caso que faltassem alguns destes subsidios, concottereriaõ as Ilhas dos Afores; pois toda a Monarquia estava na obrigaçaõ de sustentar a guerra, contra inimigo taõ poderoso, e formidavel. Para que a justiça tambem servisse á equidade na distribuiçaõ da mesma décima,



décima, se ordenou, que os mesmos Ecclesiasticos não usariaõ da sua isençaõ; porque a defença natural era transcendente, e geral para todos; não admittindo privilegiados. Tambem se resolveo, que o Reino, por este grande tributo, a que se obrigava taõ liberalmente, não pagaria mais distribuçoens extraordinarias de graça, para sustentar a guerra, de que se esperavaõ os melhores successos, com taõ poderosos subsidios. Nestas Cortes se instituhio de novo, a Junta dos Tres Estados, Ecclesiastico, Nobreza, e Povo, para que nesse Tribunal se administrasse taõ grande somma de dinheiro, com que os Povos concorreriaõ para sustento dos exercitos. Para Ministros desta nova Junta, se nomeou logo nas mesmas Cortes, pela parte do Estado da Nobreza, a Sebastiaõ Cesar de Menezes, que estava nomeado Bispo do Porto, e D. Alvaro de Abranches, Concelheiro de guerra: o Estado dos Povos a Thomé de Sousa, Vedor da Casa del-Rey, e Ruy Corrêa Lucas, Tenente General da artilharia do Reino: e o Estado Ecclesiastico, a Pantaleaõ Roiz Pacheco, Bispo eleito de Elvas, e D. Pedro de Menezes, tambem eleito Bispo de Miranda. Finalmente, determinados aquelles importantes negocios para segurança do Reino, obediencia do seu Monarca, e beneficio dos Povos, se coroaraõ estas Cortes, com a religiosa, e piissima aççaõ del-Rey, declarando; que elegia para Tutelar, e Protectora do Reino, e senhorios de Portugal, a Conceiçaõ da Senhora, querendo imitar no culto da Mãe Immaculada, a devoçaõ, e piedade do Fundador do Imperio Lusitano.

*Auto destas Cortes. Menezes Portug. Rest. tom. 1. liv. 9. pag. 590.*

## §. XI.

Anno

1686.

Rey Dom  
Pedro II.

**D**Os esclarecidos Pays, D. Manrique da Silva, I. Marquez de Gouvêa, e D. Maria de Lencastre, filha dos terceiros Duques de Aveiro, nasceo herdeiro, e successor D. Joaõ da Silva, para ter a alta prerogativa de ser neste Reino VII. Conde de Portalegre, e II. Marquez de Gouvêa. O sangue mais illustre, que pulsava nas suas veas, lhe servio para ser dos Cavalheiros da primeira estimaçaõ na Corte, e merecer ja nos primeiros annos a graça dos nossos Monarcas,

Tom. II,

Hh ii

que

Europa.

*Morte do  
Marquez  
de Gouvêa  
D. Joaõ da  
Silva.*



que de sua pessoa fizeram sempre o mayor conceito, para os negocios mais importantes da Coroa, em tempo, que a sua conservação, pela guerra de Castella, se fazia tão perigosa. Da sua prudencia, e amor dos Principes naturaes, fiou o Principe D. Pedro, Regente do Reino, o tratado das Pazes com a mesma Coroa de Castella, sendo hum dos seus Plenipotenciarios, e o concluhio com gloria do Estado, e não menor fama do seu talento; porque vencendo muitos embaraços politicos em tão delicada negociação, foy instrumento de se firmar a nossa liberdade, pela confissão authentica dos seus mais declarados contrarios. Depois sendo Embaixador na Corte de Madrid, no intulto, com que o Povo lhe quiz offender o respeito da sua casa, sustentou os fôros da regalia deste grande lugar, com tanto valor, que foy obrigada a Magestade Castelhana a dar aquella satisfação á nossa Corte, que suspendeo a guerra, com que se via ameaçada. Cheyo de fama, de tão valoroso, como destro politico, se recolheo á Patria, e foy Presidente do Paço, e luzirão na sua administração a independencia, a justiça, e o amor da verdade. Finalmente depois de exercitar este sublime lugar, e depois de ter servido de Mordomo-mór dos Reys, D. João IV. D. Affonso VI. e D. Pedro II. e ser Concelheiro de Estado, veyo a pagar o tributo de mortal, deixando respeitada memoria, mais pelas virtudes, em que resplandeceo, que pelos grandes postos, que servio. O seu corpo descansa em nobre sepultura, no templo de S. Eloy da Nobilissima Congregação dos Conegos Seculares de São João Evangelista, nesta Cidade. Foy casado com D. Maria Pereira Pimentel, filha dos setimos Condes da Feira, de que não houve geração; e passando a segundas nupcias com D. Luiza Maria de Menezes, filha de D. Pedro de Noronha, nono Senhor de Villa-Verde, e Dama da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmao, em cujo obsequio, El Rey D. João IV. lhe deu o Marquezado de Gouvea, de juro, e herdade, tambem desta Senhora não houve descendencia; com que passou a sua grande Casa a seu herdeiro, e cunhado, D. João Mascarenhas, V. Conde de S. Cruz, q̄ lhe succedeo no lugar de Mordomo-mór, primeiro do Palacio Real dos nossos Monarcas, em que hoje com esplendor novo se conserva.

S. Maria Ceo Aberto na terr. liv. 3. cap. 4. Sous. *Hist. Gen. da Caj. Real Portug. tom. 10. liv. 9. cap. 3.* O mesmo, *Grandes de Portugal. pag. 116.*



## XVII. DE MARÇO.

§. I.

Europa.

Anno  
do Mundo  
3960.De Fun-  
dação de  
Roma  
709.

**C**ONQUISTADA a grande Praça de Ategua, pelo invencível Capitão Julio Cesar, começaram os Povos de Espanha a desamparar a justiça, ou a generosidade dos filhos de Pompeyo, mudando-se a fortuna destes heroicos mancebos, em desgraça; porque muitas Cidades, que tinham conservado a sua voz, seguirão o partido do Cesar, que não perdia instante para a sua gloria, e destruição de seus inimigos. Esta repentina mudança de tantos Povos, causou terriveis effeitos no coração de Pompeyo, que governava o exercito; porque desprezando aquella brandura, e suavidade natural, com que antes senhoreava os altivos Espanhoes, convertido todo em cólera, degolou a muitos por leves suspeitas da sua infidelidade, e obrou acçoens tão crueis, que parecia mais barbaro de Africa, do que Cidadão de Roma. Esta crueldade, que elle imaginava remedio da inconstancia Espanhola, foy a sua ultima perdição; porque huns temendo padecer a morte com affronta, e sem causa, fugião das Cidades, e engrossavaõ o campo de seus inimigos; outros desamparavaõ os Lugares, e buscavaõ nos montes a segurança da vida, sendo tudo confusão, e terror: lastimosos effeitos da guerra civil, que abrazava Espanha com tanto escandalo das Naçoens da Europa. Era o invencível Cesar o mayor Capitão, que vio o Mundo; e não querendo, que o tempo lhe consumisse as Legioens, em que segurava a sua fortuna, obrigou com arte, e valor, a que Pompeyo se retirasse de muitos Lugares, com perda de gente, e de reputação, e se viesse amparar da Cidade de Munda, tão forte por guarnição de soldados, como pelo defensavel dos seus muros. Neste lugar parou o exercito de Pompeyo, e vendo, que para salvar a causa do Imperio, que elle mostrava defender, e acabar a guerra, era infallível a batalha, dispoz os seus alojamentos em huma collina tão defendida pela natureza, que tendo as costas na Cidade de Munda, lhe ficava

Batalha  
de Munda  
côtra Por-  
tuguezes, e  
Romanos.

o rio,



o rio, chamado agora *Rio Grande*, pela frente, e os lados cobertos de grossas trincheiras; e desta forte podia Pompeyo mais desejar o combate, do que temello. O grande Cesar esperava impaciente a batalha, certo na victoria, que não seria desigual o successo ao que tivera em todos os conflictos, que para sua gloria, e de Roma, havia sustentado com tantas, e tão diversas Naçoens. Esta segurança, e o desejo de vir ás mãos com Pompeyo, foy causa de não fazer alojamentos aos soldados, valendo-se de estratagemas tão novo para alentar aos seus, e acobardar aos inimigos. Chegou o tempo da peleja; e como neste combate se decidia, quem havia de governar o Mundo, qualquer dos partidos, como incerto do fim da guerra, discorria, que em breves horas a cobardia, e desgraça de huns, havia de servir ao valor, e fortaleza dos outros, e cada qual ja com alegres esperanças, ja com temerosos cuidados, ou se animavaõ para o conflicto, ou desconfiavaõ do successo. Eraõ os Capitaens insignes, Cesar o mayor do Mundo pelo natural esforço, magnanimidade de coração, e felices experiencias. Assitiaõ-lhe oitenta cohortes de soldados, os mais disciplinados do Imperio, oito mil cavallos escolhidos, e grandes homens, que governavaõ, sendo mayor que todos seu sobrinho Octaviano Cesar, que a faltarlhe o sangue para o parentesco, só o valor, e as obras bastavaõ para o fazer semelhante ao grande tio. A estes acompanhava com grossas tropas, Bogud, Rey de Africa, não menos valoroso, que fino ao serviço do Cesar. Pompeyo, ainda que mancebo, era digno filho do outro Pompeyo, a quem suas façanhas déraõ o titulo de *Magno*. Tinha valor grande, prudencia, e disciplina em gráo superior, e estava com resolução de acabar naquelle dia. Constava o seu exercito de setenta mil soldados, grande parte dos Romanos, que fóraõ companheiros do Pay no esforço, e na desgraça; muitos Espanhoes, e mayor numero de Lusitanos, de tanto valor, e fidelidade, que nelles escolheo Pompeyo duzentos de cavallo, para defensão de sua pessoa na occasião do conflicto. Ja este se esperava com impaciencia pelos soldados, e tão irritados se mostravaõ para romper a batalha, que não dependêraõ das admoestaçoens dos Generaes para pelejarem com ardor; pois não esperavaõ outra salvação ás vidas, e liberdades, se não alcançar a victoria, ja que o odio dos partidos



na discordia civil, fomentara com affronta de Roma, tão cruel defuniaõ. Muito de manhã formou Pompeyo o seu exercito, entregando o principal governo aos famosos Acio Varo, e Tito Labieno, valorosissimos Capitaens, como publicavaõ suas victorias. O mesmo obrou o Cesar, e marchando com todas as suas tropas, chegou ás margens do rio, que dividia os campos. Parou o exercito de Cesar, e derendosse em avançar a terra, em que se extendiaõ as Legioens de Pompeyo; mas este receyo, que parecia temor, fez romper a batalha. Entendêraõ os Pompeyanos, que era fraqueza a militar advertencia de Cesar, e confiados na cobardia, que suppunhaõ, começáraõ a pelejar, certos de vencer a homens, que ja respeitavaõ o seu valor. Os soldados de Cesar, igualmente desconfiados de parecerem fracos, se avançáraõ á peleja, e todos animados com tão diversos motivos, se barallharaõ, travando huma das mais sanguinolentas batalhas, que viraõ os seculos. Feriaõ-se huns, e outros com braveza, e pertinacia, atraveçando-se com espadas, e lanças; tudo era estrondo das armas, naõ se ouvindo, nem se percebendo em tão dilatada campina, mais que golpes, e vozes, que mandavaõ remeter, e ferir; outras, que ordenavaõ os esquadroens rotos, e que alentavaõ a mayor ira, e mais cruel peleja. Tinhaõ os soldados de Pompeyo no principio da batalha, a ventagem do lugar, e do numero; e como naõ largavaõ occasiaõ para vencer, arrojavaõ-se sobre as cohortes do Cesar, e faziaõ estragos, que promettiaõ a ultima ruina; e deste modo ja o lugar, ja o numero, melhorava o partido de Pompeyo; mas como os do Cesar naõ perdiaõ o valor, menos o acordo, carregaraõ com o lado direito do seu exercito, onde brigavaõ muitos soldados escolhidos, e fizeraõ, que as Legioens de Pompeyo sentissem a ruina, e desordem, sendo necessario acudir a este lugar hum grosso esquadroã a deter a furia dos Cesarianos. Aqui se acendeo mais a briga, e se pelejou com grande furor. A Cavallaria do Cesar aperitou com tanta valentia aos inimigos, que para a sua resistencia corrêraõ tantos soldados, que se vio no ultimo perigo aquelle grande corpo de Romanos. Pelejavaõ os Espanhoes, e Lusitanos com tanta braveza, que parece, que só elles queriaõ dar a victoria neste dia. Naõ havia parte em todo o campo, que naõ estivesse regada de sangue, coberta de corpos, e de  
armas;



armas; porém nem o estrago dos esquadroens, nem a morte dos companheiros, menos o sangue, que vertiaõ as proprias feridas, desalentavaõ os soldados, para affroxar na batalha. Os mesmos dannos irritavaõ á vingança, parecendo, que todos brigavaõ pela sua causa, e naõ pela do Estado, e com esta pertinacia se continuava o conflicto, matando, ferindo, e naõ largando cada hum o posto, em que pelejava, como se a falta de hum só homem, ou a sua mudança, fosse unico instrumento da victoria. Os Cabos, e Capitaens das cohortes, e das Legioens, discorriaõ de hum a outro lado, e naõ achavaõ fraqueza, que animar, antes espantosos exemplos, que seguir. Naõ se ouviaõ gemidos dos que agonisavaõ; mas com silencio valoroso, naõ dando queixas, evitaõ o susto aos que ficavaõ, parecendo mais cahidos, que mortos. Desta sorte se combateo largas horas, sem que os dous Generaes entrassem na batalha; porque até aquelle tempo estiveraõ observando as acçoens dos seus soldados; mas chegada a hora do mayor perigo, cada hum delles se pôz na frente do seu exercito, ainda que foy diversa a causa; porque em Cesar era receyo, que perdesse neste dia a sua antiga posse de vencer; e em Pompeyo, era desejo de animar aos seus, para que triumphassem do valor, e fortuna do Cesar; porém como se naõ conhecia a qual das partes se inclinava a victoria, vacillantes, e temerosos se lançaraõ na mayor força do conflicto, ou para morrer, ou para triunfar. Deixados os cavallos, pegáraõ das armas, e novamente acendêraõ a furia de taõ horrenda batalha, fazendo, que a sua presença naõ mudasse a sorte de algum partido; porque todos os soldados mais se inflamáraõ a morrer diante dos Generaes; e como era igual esta resoluçaõ nos dous exercitos, naõ era desigual o effeito. Neste arriscado transe titubeou a constancia do grande Cesar; e vendo, que na incerteza da victoria, e na demõra, e continuaçaõ do combate, se lhe fazia duvidosa a antiga fortuna, com que vencêra, pegava dos braços aos seus soldados, e lhes mostrava os inimigos, dizendo palavras taõ briosas, que infundiaõ novo animo, nos que ja desfaleciaõ com as feridas, e cançasso do choque. Mas como ainda naõ podesse desbaratar o nosso exercito, desesperado, e esquecido da vida, mandando recolher o cavallo, pegou de hum escudo, que arrebatou das mãos a hum soldado, e voltando



aos que lhe seguiaõ os passos, e as ordens, disse: *Eu hoje acabarey a vida, e vós outros a guerra*: e com semblante colérico, e terrivel remetteo a matar, e a morrer. Os Portuguezes conhecendo o Cesar, não só pelas armas, porêm ainda muito mais pelas obras, carregaraõ sobre elle com innumeraveis lanças, e tiros de arremeço, querendo vingar neste grande homem os estragos recebidos; e certamente acabára a vida, se não fôra soccorrido dos valorosos Romanos, e estes perderiaõ a victoria, deixando-a nas mãos do valentissimo Pompeyo, que cercado da sua guarda Lusitana, dava inveja á mesma fortaleza, pelejando como soldado, e mandando como Capitaõ, a quem não embaraçavaõ os varios accidentes da batalha; e tantas fôraõ as gentilezas, que obrou neste fatal, e sanguinolento combate, que sendo conhecido da Cavallaria inimiga, foy taõ briosamente cometido por ella, que a não achar aos Lusitanos por contrarios, estivera perigosa a vida daquelle esclarecido mancebo. Mas vendo os Portuguezes o perigo, em que estava o libertador do seu Imperio, de tal modo fouberaõ mover as lanças, e com tal desleperação desprezaraõ o temor da morte, que atropelando a conveniencia do viver, pela gloria de salvar ao seu General, pelejaraõ de modo, que perdendo cincoenta companheiros, livraõ a Pompeyo da ultima desgraça, ainda que sahio gravemente ferido. Com tanta variedade, e multidaõ de valorosas acçoens continuou a batalha, sem que a fortuna declarasse, a qual dos exercitos daria a victoria; quando hum funesto acaso nos privou do triunfo, e por caminho extraordinario ficou Cesar vencedor, e Pompeyo desbaratado. Pelejava Bogud pela parte dos nossos inimigos, e achando occasiã para cometer os arrayaes de Pompeyo, incitado do seu valor, e do nosso descuido, avançou a entrar as trincheiras, que defendiaõ poucos soldados, sendo grande o perigo de ganhar aquelle barbaro os thesouros, que havia nos alojamentos. Observou o famoso Labieno a invasaõ de Bogud, e querendo acudir prompto ao remedio, tirou algumas companhias das Legioens, e correu a defender os arrayaes de Pompeyo, e a destruir o campo Africano, que ja promettia ao nosso o ultimo estrago. Não advertiraõ os outros soldados de Pompeyo na causa de largar aquelle grande Capitaõ a batalha, e cuidando ser fugida, o que era providencia, come-



çaraõ a desconfiar, e logo a enfraquecer daquelle animo, que sempre mostraraõ em taõ varios accidentes do conflicto. Os Cesarianos, que viraõ a confusaõ dos nossos, valeraõ-te deste accidente da guerra, e com vozes alegres acclamaraõ a victoria, antes de consumar a batalha. Ouvidos estes triumphes clamores pelos soldados de Pompeyo, se baralharã taõ confusamente os seus esquadroens, que nunca se poderaõ restaurar á sua primeira fórma, e perdendo pouco a pouco o animo, tambem fõraõ perdendo o campo, que haviaõ sustentado com aquellas façanhas, que sentiraõ seus inimigos; e como ja a desgraça governava as suas bandeiras, naõ attendendo ao credito, com infame terror se pozeraõ em declarada fugida, sem respeito do nome, que perdiaõ juntamente com as vidas, que entregavaõ sem opposiçaõ nas mãos dos contrarios. De tal sorte os dominou o medo, e o terror da morte, que para escapar dos Cesarianos, e facilitar a fugida, matavaõ aos proprios companheiros, dando a fraqueza valor, e resoluçaõ para barbaridade tanta. Pompeyo, a quem nunca desamparã o animo, e disciplina, procurou reformar os batalhoens rotos, mas sem effeito; porque todos fugiaõ com affronta das bandeiras, que defenderaõ. O Cesar seguiu aos vencidos, obrando como pedia a occasiaõ, e ministrava a fortuna. Destruio todo o exercito, e senhor do campo, acabou de vencer esta memoravel batalha, na qual adquirio o Imperio do Mundo. A perda de Pompeyo foy mayor pela qualidade dos mortos, que pelo numero, sendo este grande. Acabaraõ neste dia, Acio Varo, e Tito Labieno, Capitaens taõ beneméritos da fama, que o mesmo Cesar, ainda que inimigo, os collocou em sepultura honorifica. Morreraõ perto de trinta mil soldados, dos quaes sete mil eraõ Lusitanos. Ficãraõ presos dezafete Capitaens, perdidas as treze Aguias das Legioens, e outras armas, e insignias militares, que altamente ennobreceraõ o triumpho do Cesar, que igual ao seu mesmo nome, ganhou em hum dia, com a perda de mil soldados, naõ só a mayor batalha, que se deu nos Reinos de Espanha; mas ainda as Cidades, que se lhe renderã para escapar da ruina, e augmentar a gloria deste invencivel Capitaõ, e General Romano.

*Hirtio in Comment. de Bello Hispanic. Appian. de Bellis Civil. lib. 2. Valeus Patercul lib. 2. Lucius Florus*

*Rerum*



*Rerum Romanar. lib. 4. cap. 2. Episcopus Gerundensis Pera-  
liponen. Hispanis lib. 9. Salius Annal. Eccl. Veteris tom. 6.  
ad ann. mundi 4009. Tornielus Annales sacri tom. 2. ad ann.  
4009. n. 1. p. 323. Ferrer. Synops. Hist. de Espan. tom. 1. p. 203.  
al ann. 3958. Loschi Coment. de Rom. p. 109. Monarc. Lusit.  
tom. 1. liv. 4. cap. 18. Morales Chron. Gen. de Espan. tom. 1.  
liv. 8. cap. 44. Natal. Alexand. Hist. Ecces. vit. Testam. tom.  
2. Sext. Ætat. Mund. cap. 4. art. 8. §. 40. Gordon. Opus  
Chron. Period. 9. ad ann. 3956. Spondan. Annal. Sacri ad ann.  
mund. 4009. Panvini Comm. in lib. secund. Fast. p. 168. Sigo-  
nius Fasti Consul. p. 313. Carrillo Annal. del Mund. al anno  
de 3958. Caferrio Flores Histor. in Comp. Chronol. ad ann.  
4008. p. 398. Faria Europ. Portug. tom. 1. Part. 2. cap. 13. §.  
8. 9. e 10. Verdier Abreg. Chronol. de h Hist. Romain. tom. 4.  
p. 426. Marian. Hist. de Espan. liv. 3. cap. 21. Danet Diction.  
Antiq. Roman. p. 327. Caro Antiquid. de Sevilh. liv. 1. cap.  
20. Garibay Comp. Hist. de Espan. liv. 6. cap. 22. Zuniga Hist.  
de la Vid. del primer Cesar Part. 3. cap. 2. p. 96. vers. Diago  
Annal. del Reyn. de Valenc. tom. 1. liv. 3. cap. 37. Plutarch.  
de Vir. illust. in Jul. Cæsar. p. 466. Espinosa Hist. de las An-  
tig. de Sevilh. liv. 1. cap. 7. Pined. Hist. Eccles. liv. 10. cap.  
3. §. 1. Brietius Annal. mundi ad annum 4009.*

Anno

§. II.

Europa.

32.

Emperad.  
Tiberio.

**N**Arni, Cidade na Umbria, se fez gloriosa em toda Italia, por ter o feliz lugar, em que nasceo o Emperador Nerva, Principe taõ grande, que pela suavidade, e rectidaõ dos seus costumes, fez saudosa a sua memoria, e respeitada a fama do seu nome. Trazia este Emperador a sua origem de Creta; e ainda que a sua Familia naõ era das mais esclarecidas do Imperio, ja era venerada pelas resoluçoens juridicas de seu Avõ M. Cocceo Nerva, que no tempo de Tiberio chegou á dignidade consular, e á veneraçãõ de parecer no seu tempo, mais Oraculo, que Jurisconsulto. Naõ teve no seu nascimento este Emperador aquelles obsequios, que se tributaõ aos Principes, porque o naõ eraõ seus Pays; mas estes o criaraõ com taõ virtuoso cuidado, e tanta applicaçãõ ás artes, e sciencias, que naõ tendo herdado sangue dos

Nascimẽ-  
to do Em-  
perador  
Nerva.



Emperadores, subindo ao throno, veyo a ser a gloria de Roma, e o exemplo da posteridade.

Diaõ Cassio *Histor. liv. 68.* Angeloni *Hist. Augusta p. 99.* Tillimont. *Histor. des Emper. tom. 2. Emper. Nerva articul. unico.*

§. III.

<p>Anno 180. <i>Emperad.</i> <i>Marco Aurelio Antonino</i> <i>Filosofo.</i></p>	<p>Como taõ grande Heróe, morreo o Emperador Marco Aurelio no estrondo, e perigos da campanha, e não como outros Principes no descaço da Corte; porque sempre se fez victima da faude pública, e gloria do Imperio, sendo o primeiro no horror das batalhas, para exemplo dos soldados, e ultimo em receber o obsequio dos adopção de Antonino, a quem o merecimento deu a gloria antonomasia de <i>Pio</i>, subio ao primeiro lugar do Mundo, sendo successor, e Emperador de Roma; porêm mais, que esta nomeação, ja o destinavaõ para taõ supremo lugar, o esplendor das virtudes, as acçoens da sua vida, e o illustre do seu nascimento. Eraõ seus Pays Anio Vero, e Domicia Camilla, que em suas nobilissimas ascendencias contavaõ muitos Consules, muitos Generaes, Patricios, e tantos Varoens insignes, que a sua nobreza se distinguia entre os maiores do Imperio, como animada com o Real sangue de Numa Pompilio, que nos primeiros Senhores de Roma fôra o mayor Principe, que vio o Mundo. O exemplo de tantos heróes lhe influio o desejo de ser grande; e como as sciencias das artes concorraõ para se alcançar esta verdadeira felicidade, logo nos primeiros annos se entregou ao estudo da Filosofia, eloquencia, e doutrina moral dos costumes; para o que ouvio ao célebre Apolonio Calsedonense, que o mesmo Antonino Pio conduzira de Grecia, para ser mestre de taõ illustre discipulo; e tambem ouvio ao insigne Sexto Seronense, neto de Plutarco, e a Frontonio, ambos famosos entre os sabios da sua idade. Com as liçoens destes grandes homens fahio taõ consumado nas sciencias, que adquirio o nome de <i>Filosofo</i>, com que ainda hoje o conhece a posteridade, e taõ digno da mayor fortuna, que o mesmo Antonino o despolou cõ sua filha, e adoptando-o para lhe succeder no Imperio, lhe deu o mayor Estado do Mundo. Pareceo esta acção naquelle primeiro</p>	<p>Europa. <i>Morte do Emperad.</i> <i>Marco Aurelio Antonino</i> <i>Filosofo.</i></p>
---	--	--



meiro tempo, affecto de animo inclinado: os annos futuros mostráráõ, que era providencia de Deos pura, em beneficio de Roma. Morreo Antonino, e depois de lhe adornar com gratas, e piedosas lagrymas o mausoléo, em que se recolhêraõ suas cinzas, deu logo principio ao seu governo com taõ claras acçoens, que admirada Roma não sentia a falta do Augusto antecessor, pois o via renascido neste grande Principe. Foy a primeira no Senado, quando lhe offereceo aquelle nobilissimo corpo o juramento de obediencia; porque observando ser o primeiro Lucio Vero Antonino neste acto de sujeição, o levou nos braços, e o sentou ao seu lado, como socio na elevação da soberania: gratidaõ a mais illustre, para ser grande entre os mayores Emperadores, que lhe precedêraõ no Imperio do Mundo; porém não foy só esta a generosa acção, que lhe conciliou o geral amor daquelle nobre Povo. Fatalmente se conspiráraõ contra Roma os elementos, com tempestades, e inundações do Tibre, que derrubando Edificios magestosos, esterilisarão os campos, para sobrevir a mais cruel fome, em que pereciaõ os seus illustres moradores; porém acudindo a providencia deste benéfico Principe, se conduziraõ de Provincias differentes, em tanta cópia os mantimentos, que déraõ vida aos que a penuria conduziria ao horror da sepultura. Gratuitamente os repartio por todos, sem mais usura, do que por esta acção, ficar novamente Pay de tantos, que livrou da morte, pelo alimento, com que renascêraõ. Quem soube com tanta clemencia livrar o Povo do açoute da fome, como não saberia salvar o Imperio da invasão dos inimigos! Governando Antonino Pio, o respeito do seu nome acobardava o podêr, e orgulho dos barbaros confinantes; mas suppondo, que o valor dos Romanos tambem se extingüira com a morte daquelle Principe, se declararaõ guerreiros, para no destroço das Provincias, colherem os honrados frutos de victorias, e triunfos. De todos foy o mais poderoso Bologesso Rey dos Parthos, que entrando pela Siria, com o terror de estragos, insufficiencia do seu Governador Affidio Corneliano, rendeo, e assolou muitas Praças, e Lugares. Ao mesmo tempo, com feya desobediencia, se levantaraõ na Ilha de Ingallaterra, e na Germania, ou Alemanha os povos chamados *Cattos*, que baixáraõ do Septentrião, penetrando as fronteiras do Imperio, com tantos destro-

ços,



ços, quantos lhes facilitava o podêr dos exercitos, e a irritada averção dos Romanos. O estrondo de tanta guerra não affustou ao coração de hum Principe, que dos mayores perigos cortava mais gloriosas palmas; e prompto ao socorro, para Ingallaterra, mandou Clafurnio Agricola, que unindo aos seus soldados as Legioens obedientes, suffocando o movimento da rebelião, com a espada castigou aos que na resistencia quizerão sustentar a desobediencia. A tutêla de Alemanha entregou ao valoroso Aufidio Victorino, que buscando aos Cattos em diversas batalhas, humilhou a soberba, com que se attrevêraõ contra as Aguias do Imperio, reduzindo a sua vaidade a feliz despojo das suas triunfantes armas, com que os humilhou, abatteo, e destruhio. Contra os Parthos, como Nação mais bellicosa, e que pedia mayor authoridade no General, entregou o exercito a seu Augusto companheiro, que passando ás suas fronteiras, ainda que se deteve em Antioquia, e Laudicea, entregue aos prazeres, e divertimentos, não com pouco escandalo dos subditos, logo os Capitaens, que lhe obedeciaõ, vendo-o na frente dos soldados, obráraõ com tanto valor, e disciplina, que triunfando nas batalhas das numerosas, e não menos valentes tropas destes jurados, e antigos inimigos de Roma, restauradas as Praças perdidas na Siria, invadida Armenia, penetrando a Media, chegáraõ com suas fortissimas Legioens aos muros de Babilonia, e conseguiraõ pacificar o indomavel orgulho dos mesmos Parthos: felicidade, que deu a nosso Principe o nome de *Parthico*, no triunfo, com que em Roma, e seu companheiro celebráraõ taõ insignes victorias; e admirou aquella Corte renascida no seu tempo, aquellas felicidades, que dava huma guerra taõ gloriosa, pela direcção do nosso Principe na Corte, como do socio da regallia nos perigos da campanha. Este nobre valor, com que pelejara Lucio Vero, attrahio mais a inclinação de Aurelio, para o desposar com Lucila, sua filha, unindo-se estes Emperadores assim com os novos laços do parentesco, posto que ja os prendiaõ os vinculos do amor. Estas grandes felicidades para o comum do Estado, e das Familias, prometiaõ o mais feliz descanso, para taõ grandes Principes, e para o seu Imperio; mas sobreveyo o flagello de huma cruel, e geral peste. Difundio-se o mal em Roma, Italia, e mais Provincias, com taõ horroroso estrago,



trago, que as Cidades se convertião desertos, os Lugares ficaraõ despovoados, e triunfando a morte, com ruina dos seus habitantes; perecêraõ tambem innumeraveis soldados, não havendo legião inteira, ou cohorte formada; porque o fatal contagio os arrebatava, como victimas da sua crueldade. Ao destroço, que fazia esta universal epidemia, se seguirãõ as invasoens das armas dos barbaros; pois valendo-se da occasião, se defenfrearaõ contra o Imperio; entendiaõ, que as reliquias, que deixava a peste, serviriaõ ao triunfo da sua barbaridade, e que livres daquellas fortissimas Legioens, de que o Mundo tremia, sem reparo vagariaõ pelas mais deliciosas terras de França, Italia, Alemanha, ou Espanha, desfrutando victoriosos, o que lhe não defenderia a nossa desgraça. Este impeto de cobiça fez descer aos Marcomanos, Sarmatas, Vandalos, Suevos, e outras gentes septentrionaes, que por muitas, e valorosas, se faziaõ dignas de temor. Serviraõ ao seu odio, e ambição, Austria, e Ungria, que devastaraõ, e destruireãõ; como era tanta a sua multidão, ja Italia esperava o golpe fatal do seu podêr! Superior a tantos perigos o constante Emperador mediu a resistencia, não pelos exercitos, que via consumidos, mas pelos dilatados espaços do seu coração; e juntando as reliquias das antigas Legioens, com os soldados, que chamou o respeito da Magestade, e os mesmos escravos, que se alistáraõ pela importancia da causa, levando a esta guerra a Lucio Vero, marchou a encontrar aquelles formidaveis devastadores do seu Imperio, ou para vencer, ou para acabar com gloria na mesma desgraça. Antes de esgrimir as armas, vio morrer ao mesmo socio Lucio Vero, que arrebatado de huma apoplexia, deixou o throno, e a vida. Entaõ obsequioto, e magnifico lhe conduzio as cinzas a Roma, para as sepultar com todas aquellas ceremonias, que naquella Corte instituhio o culto Gentilico, e a veneração do Senado; mostrou nesta fineza, que se vivo o amara companheiro, na morte o respeitava reverente: acção propria de animo grato, e generoso. Logo passando ao seu exercito, fez a guerra com successos differentes, ja prosperos, ja infelices, no que se consumio o tempo de tres annos. Com a demóra se augmentaraõ as oppressoens dos soldados; e para lhe acodir, generosamente desprezador dos seus thesouros, vendeo a sua baixella, e as

precio:



preciosas alfayas do Palacio, querendo ser pobre, para os soldados ficarem ricos; perdeu o ouro para lustrar o ferro, e adquirio nesta acção a fama, que outros não merecêraõ por avaros, e ambiciosos. Não obstante esta sua militar ecconomia, como ainda o contagio da peste arruinava os soldados, não havendo tropas sufficientes, para de todo acabar os inimigos, chegou a termos de se perder na mayor calamidade. Augmentaraõ-se estes com o numero, e crescendo a sua ousadia, com a sua fortuna, fatalmente o reduziraõ a perecer de fome, e de sede; porque senhores do campo, em que se alojava, ou se havia entregar nas suas mãos, ou morrer sem pelear: este foy o mais arriscado transe, em que se vio o coração de homem tão grande; porém no mayor perigo a Divina providencia lhe deu a mayor victoria. Militavaõ muitos christãos no seu exercito, e fiando mais na efficacia das suas preces, do que no valor das suas armas, sendo superior entaõ pedio o soccorro dos que lhe obedeciaõ. Ouvio a clemencia de Deos os clamores dos seus fieis, e poderoso, com repentino milagre, authorisou a verdade da sua Religiaõ, destruiu aos inimigos do Imperio, e salvou com victoria não esperada as postradas Legioens do exercito Romano. Levantou-se repentinamente huma furiosa tempestade de rayos, e coriscos sobre os contrarios, e causando-lhes espanto, e confusão, ao mesmo tempo, que sobre o exercito de Roma, chovia huma inundaçaõ de agoa, que lhe extinguiu a sede, em que perecia. Este favor celeste deu a ultima victoria contra os barbaros, que padecêraõ hum estrago, que bem pareceo milagroso; porque observando o nosso Principe o manifesto prodigio, com que o favorecia o Deos dos Christãos, deu nos mesmos inimigos ja cortados do terror da tempestade; e facilmente os acabou de vencer, e destroçar. Assim triunfou dos que lhe ameaçavaõ a morte, ou cativo; e como effeito desta sobrenatural victoria, restaurou logo todas as Provincias, que haviaõ occupado. Para se eternisar a memoria, de que ás oraçoens da legião dos christãos, devia a mayor felicidade, dos rayos, que o Ceo arrojára sobre os mesmos barbaros, lhe deu o titulo de Fulminadora, e mandou suspender na perseguiçaõ, com que affligia a Igreja de JESU Christo. Estas não esperadas victorias lhe déraõ em Roma o triunfo, com que o applaudiraõ o

Povo,

Povo,  
 lhos no  
 perigo  
 ment  
 Provin  
 para a  
 e como  
 e se for  
 fidelida  
 daquel  
 guerra  
 gue de  
 mio d  
 espada  
 dos de  
 bédier  
 ça, lh  
 ou par  
 juram  
 destes  
 mostr  
 vinga  
 ra lhe  
 de pie  
 cos le  
 sem l  
 empr  
 quia  
 cas,  
 confi  
 exero  
 nova  
 com  
 lor,  
 Agu  
 dive  
 ria,  
 rava  
 ado  
 lign



Povo, e o Senado; mas como se vivesse para novos trabalhos no obsequio da Patria, e da soberania, se levantou hum perigoso, e novo incendio no Oriente, para tambem novamente lhe vestir as armas. Governava naquella Regiao as Provincias do Imperio, Avidio Cassio, e correndo soberbo para a sua ruina, se rebelou com desobediencia escandalosa; e como ja tomavaõ diversos Povos, e Cidades o seu partido, e se fortificava com grosso exercito, para servir o poder á infidelidade, resolveo o nosso Emperador castigar a insolencia daquelle ingrato vassallo. Com as Legioens triunfantes da guerra de Alemanha, e ainda com as armas quentes do sangue dos inimigos, partio a suffocar a sedicão; mas como premio das virtudes, em que resplandecia, sem desembainhar a espada, se coroou victorioso do tyranno. Os mesmos soldados de Avidio fõraõ os que arrependidos da primeira desobediencia, lhe deraõ o triunfo; porque cortando-lhe a cabeça, lha fõraõ offerecer, ou para desculpa do primeiro erro, ou para sacrificio da nova sujeicão, que lhe tributaraõ com juramento. Recebeo a sua ingenita clemencia a homenagem destes subditos, com os sinais de Pay, e naõ de Senhor; e mostrando-se mayor na piedade, do que outros Principes na vingança, sentio naõ achar vivo ao seu mayor inimigo; e para lhe perdoar, ao seu destroncado cadaver mandou cobrir de piedosa terra em decente sepultura. Entaõ coroadado de pacificos louros, voltou de huma campanha a Roma, em que sem batalhas, a fortuna o coroou triunfante. Nesta Corte se empregava no beneficio do público, e governo da Monarquia, publicando Leys justissimas, e fazendo obras magnificas, até quando tornou ao estrondo das armas, e aos perigos dos conflictos: parece que seu espirito presago o queria levar aos exercitos, para morrer entre os filhos de Marte! Romperaõ nova guerra os Alemães, sempre inquietos, e numerosos; e como era formidavel o seu poder, e naõ menos o seu valor, lhe quiz resistir com a presenca, para novo respeito das Aguias do Imperio, e protecção dos Povos confinantes. Em diversas batalhas, e tranfes arriscados, sempre o seguiu a victoria, como subsidiaria das suas ordens; porêm quando esperava a total ruina, ou sujeicão de taõ indómitos contrarios, adoeceo em Sorontico, ou Viena de Austria, com taõ malignos symptomas, que logo conheceo a enfermidade mortal.



Neste perigoso transe chamou aos seus Capitaens, feis, e valorosos companheiros de seus trabalhos, e de suas victorias, e recomendou a todos a obediencia, e doutrina de Commodo seu filho, e successor, a quem deu prudentissimos dictames, para ser grande nas virtudes, merecer o amor dos soldados, e benéfico de hum nobre Povo, e respeitado no mais dilatado Imperio do Mundo, se despedio com lagrymas, e cheyo de paz, e tranquillidade, mais proprias de huma resignação christãa, que de huma conformidade gentilica, placidamente acabou a vida aos cincoenta e nove annos de idade, e dezoito completos de Emperador. Pública a sua morte, as lagrymas de todo o exercito fóraõ os primeiros elogios da sua memoria: choraraõ Capitaens, e soldados, com a vehemencia de hum fino amor, lamentando huns a falta do Principe, que mais parecia irmão, que senhor; outros sentindo a perda do seu verdadeiro Pay! Este sentimento foy mayor na Corte de Roma; porque reconhecêraõ melhor a perda, que vinha ao Imperio; ou porque ainda o respeitavaõ com mayor affecto: os Senadores se vestiraõ de pezado luto, e fizeraõ aquellas demonstraçoens, que participando-se ás Provincias de taõ dilatada Monarquia, se póde affirmar, que a mayor parte do Mundo lamentou a morte deste grande Principe, por ser verdadeiro Pay da Patria, defensor dos Estados de Roma, e exemplar das virtudes de hum perfeito soberano. Por taõ grandes partes foy amado nas Provincias mais distantes, com todos os cultos, que servem para gloria do nome, e respeito da Magestade; sendo especial no seu obsequio a nossa Lusitania, que em monumentos públicos deu a conhecer o seu amor, e fidelidade. O Senado, e o Povo o declarou Divino, com supersticioso Apotheose, e com templos, que lhe erigio para as adoraçoens naquelle tempo, e na posteridade. De sua unica esposa Faustina, filha do Emperador Antonino Pio, teve muitos filhos, que morrerãõ na infancia: Lucila, que deu por mulher a seu companheiro Lucio Vero Antonino; e a Commodo, que o naõ imitou nas virtudes, e lhe succedeo no Imperio, para desgraça da sua Patria, e horror da sua memoria. Finalmente acabando M. Aurelio a vida caduca, naõ acabou á fama; porque sempre esta durará gloriosa, em quanto houver escritos, e tradiçoens no Mundo: justo prémio das suas virtudes, que o illustraraõ na vida, e fizeraõ saudoso na morte. Tertu-



Tertuliano in Apologetico liv. 5. e 6. Eusebio Cesariense Hist. Eccles. liv. 5. cap. 9. Julio Capitolin. na sua vida. Diaõ Cassio liv. 71. Joaõ Baptist. Ignatio Roman. Princip. liv. 1. Aurelio Victor. de Cæsarib. na sua vida. Eutropio Hist. Romanar. liv. 8. Cassiodor. Chroicon. Jornandes de Regn. ac tempor. Successiv. liv. 1. Baron. Annal. Eccles. ad ann. 182. Pagi Critic. in Annal Baron. tom. 1. ad ann. 180. n. 2. Morales Chron. Gener. de Espan. tom. 1. liv. 9. cap. 39. Burgklenher Thezaur. Historiar. tom. 2. de Imperatorib. Roman. p. 92. Echart. Hist. Roman. tom. 5. p. 352. Wisio Diatrib. de Legionibus Fulminatrije. Natal Alexand. Hist. Eccl. secul. 2. cap. 5. Birag. Numism. Imper. p. 227. Glandorp. Omnomast. col. 16. Angeloni Hist. August. p. 187. Panvin. in Fast. liv. 2. an. 180. Coeffeteau Hist. p. 592. Tillimont. Hist. des Emper. tom. 2. Emper. Aurel. artic. 25. Marian. Hist. de Espan. liv. 17. cap. 20. Brito Mon. Lusit. tom. 2. liv. 2. cap. 7. Garibai Compend. Hist. de Espan. liv. 7. cap. 17. Ferrer. Hist. de Esp. tom. 2. al ann. 180. Lotichio Hist. Aug. p. 34. Cuspinian. de Cæsarib. p. 49. Guardese Hist. Eccles. tom. 2. Dissert. prelude. na vida deste Emperad.

## §. IV.

Asia.

Anno

1556.

**O**S enganos, e cavilaçoens, com que o Rey de Sinda gastára o tempo, e monção a Pero Barreto Rolim, e o atrevimento, com que alguns vassallos seus bombardeáraõ a armada, que estava no rio, obrigou á nossa gente a saltar em terra, e escalar a Cidade de Tata, huma das famosas da India, por ser a escála principal do comercio daquella costa. Seria ao presente Povoação de cinco mil vizinhos, defendida de muros, e trincheiras; e posto que era necessaria consideração para ser assaltada, resolveo Pero Barreto enterprendella. Com desejo de vingança, marcharaõ os nossos a investir os inimigos; mas estes fizeraõ taõ fraca opposição, que vendo cahir a alguns mortos, e a outros cortados do nosso ferro, largaraõ o lugar da batalha, e fugiraõ com infame cobardia. Entrámos com elles na Cidade, e aqui movidos das vozes das mulheres, e lagrymas dos filhos, se animaraõ a pelear; mas o horror dos que viaõ agonisan do, entre os rios de sangue, e incendios de polvora, os atemorizou.

A Cidade de Tata destruida.

Tom. II.

Kk ii

fou



for de modo, que prevaleceo mais nelles o amor da vida, que o da honra. Fugiraõ todos, desamparando a Cidade, e deixando nella preciosos thesouros, que depois serviraõ á cobiça militar, e mais gente da armada. Fõraõ tantas as fazendas dos moradores, que satisfeitos os Portuguezes de taõ grande saque, catregaraõ a armada, entregando o mais ao fogo. Ardêo a Cidade em poucas horas, com terrivel, e violentissimo incendio, por estarem nella muitos armazens cheyos de materias dispostas para este voraz elemento. Mais de oitocentas pessoas fõraõ miseravel, e funesto despojo das nossas armas; e andou neste dia taõ vingativo o nosso ferro, que a duzentos Mouros, que buscaraõ por asylo hum famoso templo, lhe naõ servio de reparo, para que naõ fossem mortos. Muitos fõraõ os Lugares, e Villas, que nos dias seguintes experimentaraõ a nossa furia, e seguiraõ a mesma calamidade da Cidade principal do Estado, ficando nestas ruinas grande parte daquelle Reino huma viva imagem do seu castigo, e da nossa indignaçãõ.

Couto *Decad.* 7. *liv.* 3. *cap.* 14. *Faria Asia Portug.* tom. 2. *Part.* 2. *cap.* 12. *q.* 12. *Barbud. Empreza. Milit. de Lusit.* fol. 229. *Martin. Comp. de las Hist. de la India liv.* 4. *cap.* 9. p. 250.

q. V.

Anno  
1559.  
*Rey Dom*  
*Sebastiaõ.*

Será para os nossos navegantes da India infaulta a memoria deste anno, pelo horroroso naufragio, em que pereceo a não Santa Maria da Barca, governada por D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, Cavalheiro dos mais illustres de Portugal, como descendente, que era dos seus Monarcas. Sahio esta não de Cochim em 19 de Janeiro, com outras, em que se embarcou muita Nobreza, para na Corte requererem o prémio dos serviços, que haviaõ rubricado no Oriente com o sangue de suas feridas, ou com o valor, que os levou aos mayores perigos da guerra. Navegáraõ com ventos, e calmarias o golfo, que aparta Africa da India, quando lhe sobreveyo, secenta légoas da Ilha de S. Lourenço, huma das mais furiosas tempestades. Empolaraõ-se os mares, cruzaraõ os ventos, e chocando as ondas com serras de agoa o baixel, advertiraõ o Capitaõ, e Officiaes o grande perigo, que

Africa.

*Naufr-*  
*gio da não*  
*S. Maria*  
*da Barca.*

que os a  
paz de re  
nãos, qu  
a noite,  
consterna  
ma colta  
às mãos  
zer tanta  
bombas,  
genhos,  
cildade  
te hia se  
dos, era  
Vascon  
diava o  
tava co  
põ, qu  
semblar  
fadiga,  
cida a i  
renço:  
sem da  
que ser  
var no  
tal def  
intensa  
batel,  
meter  
de bis  
me/m  
Fr. Cl  
natein  
to sag  
paran  
romp  
Senha  
todoe  
mo e  
panh  
corrê



que os ameaçava; muito mais sendo por sua velhice incapaz de resistir á violencia do temporal. Separadas as outras náos, que lhe haviaõ feito a possível conserva, e chegando a noite, se fez mais temerosa a tormenta, e se augmentou a consternação dos navegantes no receyo de vararem em alguma costa, onde fossem despedaçados nas rochas, ou mortos ás mãos dos barbaros. Cresceo o perigo, começando a fazer tanta agoa, ja rota por diversas partes, que nem com bombas, ou barris a podiaõ esgotar. Formaraõ-se novos engenhos, levantando andaimes para se trabalhar com mais facilidade; mas a tudo superava a mesma agoa, que fatalmente hia senhoreando a pobre embarcação. Para animar a todos, era o primeiro em dar á bomba, D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, e com palavras de summo valor, se não remediava o perigo, alentava aos companheiros, a quem confortava com prompto sustento, sendo tal o seu zêlo, que ao tempo, que huns se refaziaõ, elle substituia o seu trabalho com semblante alegre para o facilitar a todos; mas crescendo a fadiga, não melhorava a sorte da naufragante náo. Conhecida a infallivel perda, se navegou a buscar a Ilha de S. Lourenço; mas como o pezo da agoa ja a levava adornada, e sem dar ao leme, não podia governar, declarou o Piloto, que sem remedio se perdia; e que assim tratassem de se salvar no batel, os que se elegessem. Ouvio o Capitaõ este fatal defengano, e sem que o semblante desse a entender a dor intensa, que lhe penetrava o coração, mandou safar o mesmo batel, e com tanta pressa, que não houve tempo para se lhe meter mais alimento, que hum barril de agoa, hum sacco de biscouto, e tres caixas de marmelada. Dentro delle o mesmo Capitaõ com secenta pessoas, quiz recolher ao Padre Fr. Christovaõ de Castro, como Religioso, a quem sobre o nascimento illostre, adornavaõ virtudes heroicas; mas elle feito sagrada victima da caridade, rejeitou salvar a vida, desamparando aos naufragantes, a quem estava absolvendo, e que rompiaõ os ares com as vozes, em que pediaõ misericordia ao Senhor: sacrificio que logo consumou, submergindo-se com todos nos breves instantes, em que o mar sepultou no abyssmo das suas agoas a destrocada náo. O Capitaõ, e seus companheiros, que livraraõ de ser despojo do primeiro temporal, corrêraõ soffrendo insupportaveis fomes, e perigos, até que descobrião

Africa.

*Naufrá-  
gio da náo  
S. Maria  
da Barca.*



cobrirão as costas da Ilha, que buscavaõ; e se não fôraõ os mariscos, que tomavaõ nas suas prayas, acabariaõ ao rigor da fome; mas animando-se mais das forças do animo, que dos alimentos, chegáraõ finalmente ao cabo da Ilha, e na enseáda, que está da banda do levante, em altura de treze grãos, acharaõ hum galleoto de Portuguezes, que por temporaes, vindo da India, se recolhêraõ áquelle porto. Fôraõ recebidos com o mais benigno alvoroço, que pedia a compaixão de naturaes, e de Christãos. Nesta bahia se refizeraõ em forças, e vestidos, dando o mesmo Capitão D. Luiz na mesma desgraça, novos argumentos de generoso, e de constante; porque sobre seu crédito soccorreu a todos, e depois de largo tempo se recolhêraõ a Moçambique, e desta Praça a Goa, onde continuou este Fidalgo o beneficio dos que livraraõ em taõ miseravel naufragio.

Couto *Decad. 7. da Hist. da India liv. 8. cap. 1. Relação do mesmo naufragio no 1. tom. da Hist. Tragic. Maritima. pag. 311.*

## 2. VI.

Anno

1608.

Rey Dom  
Filip. II.  
Vice-Rey  
da India,  
o Conde da  
Feira.

Vencido o tyranno, e soberbo Mouro Fatecam na batalha de 9 de Janeiro, e nomeado Sebastião Gonçal-*Conquista da Ilha de Sundiva.*  
vez Tibao, por General de toda a gente, que alcançou esta grande victoria, se começou a preparar para conseguir o mais glorioso fim da guerra, na conquista da Ilha de Sundiva. Jun-  
toou huma poderosa armada de quarenta jaleas, e quatrocentos Portuguezes. Pedio soccorro a ElRey de Bacala, capitulando com este Principe, darlhe metade das rendas da Ilha. Bem temiaõ os Mouros de Sundiva, que as victorias de Sebastião Gonçalvez tivessem por coroa, o estrago de toda aquella Ilha; e assim fizeraõ grandes reparos, conduzindo gente valorosa para nos impedir o desembarque. Fabricaraõ huma Fortaleza no interior da Ilha, animando-se huns aos outros para morrer na defensão das suas casas, querendo antes hum fim honrado, do que hum cativoiro infame. Determinados em taõ valorosa resolução, appareceu a armada daquelle famoso Portuguez, e como avultava, tanto pelo numero, como depois pelo valor, temêraõ os inimigos a batalha; mas alentados por hum irmão do morto Fatecam,  
mol-

Asia.



mostrando-se promptos para a guerra, e animosos para o conflicto, acodiraõ á praya para degolar a todos os que saltassem em terra. Desprezou Sebastiaõ Gonçalvez o intento dos inimigos, e navegou a desembarcar para os vencer. Oppozeraõ-se os Mouros com ordem, e resoluçaõ; mas quem resistiria a hum braço, que nasceo para açoite daquelles barbaros! Rompeu a todos, e quasi desbaratados os levou ás lançadas pela Ilha, até os encerrar na Fortaleza, que para ultimo remedio haviaõ fabricado. Sitiaraõ os nossos aos Mouros, e combatendo os muros, lhe deraõ furiosos, e repetidos assaltos; mas elles com esforço notavel sustentaraõ a Fortaleza, mostrando serem soldados na resistencia. Deste modo se continuou o conflicto, sem acabarmos de entrar naquelle lugar, que rendido, nos dava a posse de toda a Ilha; e succedeo neste tempo, que por hum accidente não podemos tirar da armada mantimentos para o sustento, nem muniçoens para o combate: cousa, que totalmente nos perdia; mas quiz a Providencia Divina, que chegasse na occasiaõ do mayor aperto, e perigo, Gaspar de Pina Castelhanao, e conhecendo o miseravel estado da nossa gente, desembarcou com cincoenta Portuguezes, e naturaes daquellas terras, e marchou com muitas luzes, e grande estrondo, de modo, que entendêraõ os barbaros chegara algum poderoso socorro aos Portuguezes; mas ainda não cedêraõ á sua fortuna, e menos ao nosso valor. Esperaraõ hum assalto, que foy dado, e recebido com igual esforço, e resoluçaõ de ambas as partes. Pelejou-se largo tempo com muito danno dos defensores, e alguma perda dos nossos; porém a estes o mesmo sangue derramado os incitava á ultima vingança; e de modo feriraõ aos inimigos, que não podendo sustentar a Fortaleza, nem resistir á nossa invasaõ, se começaraõ a confundir, e logo a desamparar os postos, que haviaõ defendido com taõ grande animo. Logo entraraõ os nossos Portuguezes, e obrãraõ estragos mais filhos da vingança, do que da piedade. Todos os Mouros, que haviaõ defendido a Fortaleza, fõraõ degollados, excedendo o numero de mil os mortos, que nella perecêraõ. Não parou aqui a ira, e cólera militar de Sebastiaõ Gonçalves; porque mandou, que todos os Mouros, que andavaõ espalhados pela Ilha, sentissem o mesmo estrago, que experimentaraõ os da Fortaleza, passan-

braõ os  
igor da  
dos ali-  
nseada,  
charaõ  
indo da  
com o  
naturaes,  
estidos,  
novos  
bre seu  
e reco-  
conti-  
õ mise-

Rela-  
Mariti-

Afia.  
na ba-  
Gonçal- Conquista  
ou esta da Ilha de  
o mais Sundiva.

a. Jun-  
trocen-  
la, ca-  
ndas da  
victorias  
ago de  
condu-  
ue. Fa-  
ando-se  
s, que-  
ro infã-  
receo a  
va, tan-  
inimigos  
atecam,  
mol-



do de dous mil os que fôraõ degollados. Depois recebeu a obediencia, que lhe déraõ todos os naturaes, e brevemente começou a colhêr o fruto de huma victoria, a quem as circumstancias fizeraõ das mais illustres, e famosas, que tivemos naquelle tempo, em todas as Regioens do Oriente.

Faria *Asia Portug. tom. 3. Part. 2. cap. 9. §. 6.*

Anno

1729.

Rey Dom  
João V.

§. VII.

Europa.

**N**A flor da idade pagou o tributo de mortal a Senhora Morte da Dona Luiza Cassimira de Sousa e Nasau, herdeira da *Serenissim.* grande Casa de Arronches, e digna esposa do Senhor D. Duqueza Miguel, filho natural del Rey D. Pedro II. A natureza ge- *de Lusoës.* nerosamente a dotou de formosura, e tanta discriçaõ, que era huma das mais veneradas Senhoras, que illustrava a Corte de Portugal. Anticipando-se o génio aos annos, se applicou ao conhecimento das lingoas mais polidas da Europa, que fallava com pureza, e desembaraço. Soube Musica em gráo perfeito, cantando, e servindo-se dos instrumentos com a destreza, e harmonia de professora. Para mayor intelligencia das Sciencias, se instruiu nos estudos, que acreditaõ, e ennobrecem, ainda aos talentos do sexo diferente; e foy ouvida pelos sabios com respeito, e de todos com admiraçaõ. Havia o Augusto Rey D. João V. declarado ao Senhor D. Miguel por seu irmão, e determinando, que este Senhor fosse Principe secular, e casasse no Reino, foy eleita para taõ alto conforcio esta Senhora, que se fazia digna de tal esposo, por ser herdeira de huma Casa, que em nobreza, e antiguidade era das primeiras de Espanha, e Portugal. Celebrou-se o matrimonio com aquella pompa, que explicava a elevaçãõ dos contrahentes; e logo o mesmo Soberano lhe fez a mercê de lhe dar as preeminencias de Duqueza, que recebeu no Palacio, sendo seu conductor o Duque de Cadaval, cunhado del Rey. Depois a mesma Senhora, por beneplacito deste Soberano, e determinaçaõ de huma sentença, obteve o tratamento de *Alteza*, triunfando dos obstaculos, com que a inveja, ou a ignorancia, lho duvidava; como o seu espirito merecia as bençoens celestes, a remunerou o Altissimo com a mayor felicidade do matrimonio, dando-lhe em diversos filhos, outras tantas imagens de seu Pay, nas excellentes partes,

tes, com qu  
de toda a n  
pela intem  
trespassado  
Morreo o S  
lencia de l  
suas lagrym  
soube dele  
do esposo,  
nalmente,  
e dando a  
alma, o E  
João de B  
morreo nel  
sentimento  
Convento  
excella Car  
alma, que  
Soufa  
liv. 7. cap

Tor



tes, com que se tem feito objecto do amor, e da estimação de toda a nossa Corte. Assim viveo alguns annos, quando pela intempestiva morte daquelle perfeitissimo Principe, foy trespassado o seu coração da mais justa, e penetrante dor. Morreo o Senhor D. Miguel affogado no rio Tejo á violencia de hum temporal, e neste cruel golpe mostrou nas suas lagrymas, constancia, e conformidade taõ christã, que soube desempenhar na sua religiosa moderação, a laudade do esposo, e a obediencia aos decretos da Providencia. Finalmente, sendo exemplo á posteridade do estado de viuva, e dando a mais pura educação ás melhores prendas de sua alma, o Excellentissimo Duque de Lafoens, o Senhor D. João de Bragança, e a Senhora Dona Joanna Perpétua, morreo neste dia com edificação dos que lhe assistirão, e sentimento uniyeral de Lisboa. O seu corpo se enterrou no Convento de Santa Catharina de Riba-mar, padroado da sua excella Casa, onde espera informar-se no dia final com sua alma, que devemos esperar gloriosa na eternidade.

Souza *Histor. Genealog. da Casa Real Portug. tom. 8. liv. 7. cap. 19.*



## XVIII. DE MARÇO.

2. I.

Áfia.

Anno

1511.

Rey Dom  
Manoel.  
Governad  
da India,  
Affonso de  
Albuquerque.

**A** SEGUNDA conquista de Goa, e as repetidas victorias, com que o grande Affonso de Albuquerque triunfava dos inimigos do Estado, novamente sobressaltaraõ ao Idalcaõ. Temia este barbaro, que seria aquella Cidade a porta, por que entrasse a ruina do seu Reino, e estragasse a magestade do seu Imperio, ajuizando ser pouco para a honrada, e gloriosa cobiça dos Portuguezes, naõ só as conquistas de Cidades, mas ainda as dos Imperios; e querendo prevenir o seu danno, com a ruina dos que lhe sobressaltavaõ o Estado, agora que o Governador tinha ido fixar as suas triunfantes bandeiras, sobre os muros de Malaca, mandou aquelle Principe a Puletecaõ com três mil soldados veteranos, e de larga experiencia, para ganhar as terras firmes, que obedeciaõ aos Portuguezes. Pouco tempo se defendêraõ; porque vencido Puletecaõ em huma batalha por Melrao, ja quando este no alcance hia fazendo estrago sem resistencia, hum tiro perdido o privou da vida, e aos nossos da victoria; e voltando Puletecaõ, todas as tanadarias cedêraõ ao vencedor. Ja naõ restava mais, que entrar na Ilha de Goa: os nossos guardavaõ os principaes lugares, e passos com podêr, e vigilancia; porê m como em tantas legoas de circunferencia se podia facilmente penetrar a Ilha, no mais escuro, e tenebroso de huma noite, e pela parte mais defendida, entrou Puletecaõ com mil e quinhentos Mouros, e querendo com huma batalha alcançar muitas victorias, mandou huma espia a Rodrigo Rebêlo de Castello-Branco, Capitaõ da Cidade, para o segurar, naõ haver no campo, mais que duzentos Mouros. Enganou-se o nosso Capitaõ, e sahio com seiscientos soldados, entre Portuguezes, Canarins, e Malabares, e chegou ao lugar, em que estava Puletecaõ com os mil e quinhentos Mouros, e Turcos, formados em hum grosso batalhaõ. A' vista de podêr taõ desigual, e formidavel, naõ se atemorizou o animo do nosso invicto Capitaõ; mas

antes

*Victoria  
em Goa  
contra  
Mouros.*

antes com  
pêrõ os in  
e desbarata  
o ferro a v  
fulaõ, e d  
de que era  
cheyos de  
morrêraõ  
de sõra me  
Capitaõ E  
companhe  
cometteo  
pitaõ, e M  
se salvaren  
meridade,  
ciplina.

Cast  
Portug. t.  
cap. 8. N  
rius de R  
Part. 3. c

Anno

1568.

Rey Dom

Albuquerque.

**D**E ill  
legit  
do valor,  
Gué, e L  
cial anim  
panhas de  
que dego  
doriofo.  
da Coroa  
gaõ, pac  
ao campo  
pre que p  
novo res  
me. Des  
ro, terror  
correo p  
To



antes com esforço notavel elle, e setenta Portuguezes rom-  
pêrão os inimigos, e em duas arremetidas descompozeraõ,  
e desbaratao a quantos lhes faziaõ resistencia, tirando com  
o ferro a vida a quatrocentos, e causando tao grande con-  
fusaõ, e desacordo nos outros, que por escaparem á morte,  
de que eramos fataes instrumentos, fugirão para o mar tao  
cheyos de pavor, que sentiraõ o perigo, quando trezentos  
morrêraõ astogados. Puletecaõ se salvou em hum alto, on-  
de fôra morto, ou prisioneiro, se a imprudente valentia do  
Capitaõ Rodrigo Rebêlo, o naõ cometera com quatorze  
companheiros, aos quaes como tao poucos, se avançou, e  
cometteo aquelle barbaro, e feridos muitos, e mortos o Ca-  
pitaõ, e Manoel da Cunha, deu este defarranjo lugar, para  
se salvarem alguns inimigos, a quem deu a vida a nossa temeridade, tendo-lhes ganhado a victoria o nosso valor, e disciplina.

Castanhed. *Hist. da India liv. 3. cap. 65.* Faria *Asia Portug. tom. 1. Part. 2. cap. 6. §. 8.* Barr. *Decad. 2. liv. 6. cap. 8.* Neufuil. *Hist. de Portug. tom. 2. liv. 7. p. 342.* Oso-  
rius *de Reb. Emman. lib. 8.* Goes *Chron. del Rey D. Manoel Part. 3. cap. 20.*

## §. II.

Anno

1568.

Rey Dom  
Sebastião.

**D**E illustres Ascendentes nasceo D. Garcia de Castro, legitimo filho, no excelso do sangue, e na grandeza do valor, de D. Francisco de Castro, Capitaõ do Cabo de Gué, e Dona Itabel de Menezes. Os impulsos do seu marcial animo o leváraõ nos primeiros annos a servir nas campanhas de Africa, onde os golpes da sua espada ao tempo, que degolaraõ Mouros, cortaraõ palmas para se coroar victorioso. Bem o sentiraõ aquelles inimigos da Religiaõ, e da Coroa, quando foy Capitaõ General da Praça de Mazagaõ, padraõto fatal á soberba Africana; porque nas sahidas ao campo a fortuna, como subsidiaria das suas armas, sempre que pelejou, lhe deu taes successos, que soube adquirir novo respeito a seu Principe, e semelhante gloria a seu nome. Defendendo a mesma Praça o invicto Luiz de Loureiro, terror dos inimigos naquellas ardentes Regioens, o soccorreo por ordem del Rey D. Joaõ III. e foy a sua pessoa

Europa.

Morte de  
D. Garcia  
de Castro.



auxillo tão poderoso, que o mesmo foy chegar a ser visto, que a Praça ficar desfallombrada. Depois como se o não satisfizessem os triunfos de Africa, passou ao Oriente. Como era o mesmo homem, não fóraõ desiguaes as suas proezas, e fazendo a sua fama, ainda grande entre os muitos Heróes, que pelejavaõ naquella Regiaõ, em obsequio da Patria, se restituhio ao Reino com tal reputaçãõ, que lisonjeado El-Rey D. Sebastiaõ dos serviços, que o constituirãõ Capitaõ insigne, e das grandes partes de prudencia, e juizo, com que se adornava o seu animo, o fez do seu Concelho de Estado, e assistente do seu despacho: lugares da mayor estimaçãõ, com que os Soberanos remunerãõ aos vassallos. No seu exercicio durou com satisfaçãõ do Príncipe, e applausõ dos pertendentes, em quanto viveo; e morrendo, entre lagrymas dos seus, e dos estranhos, foy sepultado na Capella-mór do Convento de Santa Clara na Cidade de Evora, gravando-se-lhe na sepultura o epitafio, em que sinceramente se faz de sua gloriosa vida, e pia morte, distincta memoria.

Barbos. *Memor. del Rey D. Sebast. tom. 3. liv. 1. cap. 5.*

## 2. III.

Asia.

Anno  
1616.

**A** Soberba de Mahamet, Xequé, ou Regulo de Soar, *Conquista de Soar.* com que desprezando o respeito do nosso Estado, *Conquista de Soar.* julgava os direitos das nossas Alfandegas de Ormus, e Mascate, concitou a ira Portugueza, para ser victima das nossas armadas, e servir de exemplo fatal ás costas da Persia, e Arabia. Para o seu castigo sahio de Goa D. Francisco Rolim, Capitaõ-mór de huma galé, e cinco fustas, a que mandavaõ, e guarneciaõ Capitaens, e soldados valorosos. Nos mares de Arabia, se juntou com D. Vasco da Gama, General de cinco náos, que nelles cruzava para defenõsa das Praças, que nos obedeciaõ. Vivia queixoso do mesmo Regulo, Amet Xequé de huma Cabilda, e querendo tomar vingança com o favor dos Portuguezes, marchou com mil e duzentos homens, trazendo na sua companhia Antonio Pimenta, e João de Sousa, tão praticos no Paiz, como alentados para a guerra. Ao mesmo tempo, que estes barbaros se avançavaõ por terra, desembarcaraõ os nossos Capitaens, e soldados, e no espaço, que se tiravaõ das embarcaçoens as peças de artilharia

ria para se  
tas. Estav  
muitos so  
Mahamet  
conferio e  
se havia in  
cesso duvi  
coberto,  
Foy grand  
naõ foy d  
e outros c  
lha, que t  
com hum  
ao lugar,  
os defenõ  
os nossos  
e naõ pou  
livrou aos  
da a trinç  
mas com  
queriaõ fa  
fazendas,  
mortos,  
o mayor  
pelo dam  
cidos pri  
desampar  
servissem  
lugar era  
mais imp  
de Portu  
companh  
ra, para  
Far  
10. e 11.



ria para se bater a Fortaleza, se ganharaõ diversas mesquitas. Estava a Praça coberta de trincheiras, que animavaõ muitos soldados de valor, e resoluçaõ; e como o Regulo Mahamet era taõ animoso, como pratico na guerra, se conferio entre os nossos Generaes, e o Xeque Amet, como se havia intentar a invasaõ, onde o risco era grande, e o successo duvidoso; porẽm decretando-se o assalto a peito descoberto, se investio a trincheira, que segurava huma colina. Foy grande o furor, com que se rompeo o conflicto; mas naõ foy desigual a constancia dos inimigos, e ferindo-se huns, e outros com ardor, se ateou huma taõ sanguinolenta batalha, que fazendo os nossos prodigios de esforço, e matando com huma balla ao mesmo Regulo, que destimido acudio ao lugar, em que mais fervia a guerra, de tal modo pelejaraõ os defensores, que se naõ pôde entrar a trincheira, perdendo os nossos ao Capitaõ Domingos Nunes, seis soldados mortos, e naõ poucos feridos. Suspendeo o tempo o assalto, mas naõ livrou aos inimigos; porque na seguinte manhã foy escallada a trincheira, logo huma grande mesquita, e a povoação, mas com tanta resistencia dos que a preço do seu sangue queriaõ salvar a honra, ja que perdiaõ as mulheres, filhos, e fazendas, que naõ recebêraõ os nossos menor estrago de mortos, e feridos. Restava a principal Fortaleza, para ser o mayor triunfo desta guerra; mas como os seus defensores pelo damno antecedente, ja desconfiavaõ do successo, vencidos primeiro do temor, que sangrados do nosso ferro, a desampararaõ, fugindo para os matos, onde as suas brenhas lhes servissem de ultimo receptaculo na sua desgraça. Como o lugar era rico, foy precioso o despojo, que fez a victoria mais importante para os soldados. A Fortaleza se guarnecio de Portuguezes, e ficou entregue a Joaõ de Sousa, e a seu companheiro, Antonio Pimenta, como taõ praticos da terra, para a conservarem na obediencia do Estado.

Faria e Sousa *Asia Portug. tom. 3. Part. 3. cap. 11. §. 10. e 11.*



## 2. IV.

Anno  
1630.  
Rey Dom  
Filip. IV.

**R**etirados os Holandezes do assalto, com que intentáraõ ganhar a nossa Fortaleza do Arrayal, e aprendendo do seu estrago, a temerem o nosso valor, passando de conquistadores a conquistados, levantaraõ huma trincheira por fóra da Povoação de Santo Antonio, entre os dous rios, e o mar, para ficarem seguros de alguma repentina invasaõ. Mathias de Albuquerque, a quem servia o prospero, e o adverso dos successos, para continuar a guerra, se valeo oportuna, e destramente do medo, com que estavaõ os Holandezes, para os lançar fóra das trincheiras. Mandou a Antonio Ribeiro de Lacerda, com setecentos homens a conseguir esta empreza. Emboscou-se elle, e toda a gente, e sahio o Capitaõ Rabelinho ( venturoso, e grande soldado em Pernambuco ) com vinte soldados a provocar aos inimigos, para algum combate. Sahiraõ estes, e carregaraõ aos nossos, fiados nos companheiros; porêm cegos da cólera, com que pelejavaõ, taõ furiosos se mettêraõ no mayor perigo, que quando conhecêraõ o erro, foy a tempo, que lhes faltava o remedio. Viraõ-se sangrados do ferro, e cortados de medo, e sem resistencia, se pozeraõ em vergonhosa fugida, deixando cincoenta mortos no lugar da batalha, fóra muitos, que matamos no alcance, seguindo-os até as trincheiras, que lhes serviraõ de asylo contra a nossa indignação. Os nossos se recolhêraõ com a victoria, e vinte e seis feridos, sem que da nossa parte houvesse algum morto neste combate.

*Castrioto Lusitan. Part. 1. liv. 3. num. 10. Brito Freire Nova Lusitan. liv. 5. num. 379. Fr. Gio: Giusep. de S. Teref. Historia del Brasil. Part. 1. liv. 3. pag. 102. Albuquerque. Guerr. del Brasil. fol. 36.*

America.

Victoria  
contra  
Hollandezes.



§. V.

Anno

1645.

Rey Dom  
Joaõ IV.

**A** Nimado com o Real sangue de seus Augustos Avós nasceu em Villalva na Provincia do Alem-Tejo, D. Francisco de Mello III. Marquez de Ferreira, hum dos generosos instrumentos, que buscou a Providencia, para ser restaurada a liberdade Portugueza, na feliz exaltação ao throno do Senhor Rey D. Joaõ IV. Fôraõ seus Pays D. Nuno Alvares de Mello, III. Conde de Tentugal, e D. Marianna de Castro, filha dos quartos Condes de Altamira. Contando oito annos, perdeu a vida seu Pay, e ficou na prudentissima educaçãõ da Heroína de sua Mãy, que lhe deu a criaçãõ das virtudes, que o fizeraõ dar novo esplendor á herdada elevaçãõ do seu alto nascimento. Assim instruido na Religiaõ, e nas partes de hum perfeito Cavalheiro, e na flor dos annos, se desposou com sua prima, D. Maria de Toledo, e Moscoso, filha da mesma excelsa Casa de Altamira. Por este matrimonio recebeu a Casa do Marquez taõ grandes favores de Philippe II. que parece quiz aquelle Monarca mostrar, que em beneficio de taes vassallos, desempenhava a generosidade de hum tal Soberano; pois entre diversas mercês, lhe deu o Condado de Tentugal de juro, e herdade, e declarou, que assim como os primogenitos da Casa de Villa-Real se chamavaõ Condes de Alcoutim, os de Ferreira se cobrissem com o titulo de Tentugal: privilegio raras vezes praticado na Coroa de Portugal; mas justa remuneraçãõ de hum taõ grande vassallo. Depois vindo o mesmo Principe a este Reino de Portugal, onde foy recebido com a pompa, e magestade, que o obrigaraõ a dizer, que só na magnificencia, com que o veneraraõ em Lisboa, fôra o dia, em que se considerara taõ distincto Monarca; fez taõ particulares honras na Cidade de Evora ao Marquez, que indo beijarlhe a mão, se descobrio, e lhe não fallou, sem que primeiro elle se cobrisse: tal era a distincção, com que prezava hum senhór, que estimava por taõ chegado parente! Fallecendo sua illustre esposa, como não deixara successãõ, em que segurasse a firmeza da sua Casa, passou a segundas nupcias, com Dona Joanna Pimentel, sua sobrinha, e filha dos quartos Marquezes de Tavora, e neste faustissimo despo-

Europa.

Morte do  
III. Mar  
quez de  
Ferreira.

America.

Viçtoria  
contra  
Hollan-  
deses.



desposorio mereceo, que o Duque de Bragança, D. João II. depois Rey de Portugal, o visitasse em Evora, onde se fizeraõ no obsequio daquelle Principe, taõ pòmposas festas, que desempenhando o amor daquelles nobres moradores, ja pareciaõ vaticinio do culto da Magestade, a que o destinava a Providencia. Seguirãõ-se os motins da mesma Cidade, naõ soffrendo as vexaçoes, com que os Ministros de Castella procuravaõ os novos tributos, que inventava a politica do Conde Duque, primeiro Ministro de Espanha, para tyrannisar Portugal, e obrou o Marquez, como dictava a prudencia em taõ perigosa occasiãõ; mas como estes movimentos, que se communicãõ a muitos Lugares do Alem-Tejo, pareciaõ faustos annuncios da nossa pública felicidade, se fõraõ dispondo os meyo de sacudir o jugo do governo estranho. Uniraõ-se muitos, e generosos Cavalheiros em Lisboa, e lamentando as calamidades da Patria na sujeiçaõ de Espanha, firmãraõ aquella resoluçaõ, que sempre admirará os seculos; determinaraõ exaltar ao throno de seus Avós, o Duque de Bragança, D. João, ainda que sacrificassem as vidas no perigo da acçaõ. No 1. de Dezembro do memoravel anno de 1640, foy por elles, e pelo fidelissimo Povo desta sempre leal Cidade, acclamado com tanto alvoroço, e socego dos grandes, e pequenos, que pareceo mais que obra humana, favor da Omnipotencia Divina. Como para esta grande empreza, se havia procurado o conselho do nosso Heróe, que fidelissimo ao legitimo herdeiro da Coroa promovia taõ valoroso empenho, logo que recebeu o alegre aviso do que se fizera em Lisboa, acclamou em Evora ao mesmo Rey, com as mais festivas demonstraçoens de hum Povo, que fõra o primeiro em mostrar os seus obsequios para a Serenissima Casa de Bragança. A Evora seguiu toda a Provincia do Alem-Tejo, e Reino do Algarve; e como se o fiel zêlo do seu coraçãõ buscasse nos pés do novo Soberano, a ultima demonstraçaõ da sua fidelidade, correu a posta a Villa Viçosa, e beijando-lhe as mãos com affecto de parente, e reverencia de vassallo, o persuadio a vir, e acompanhou para esta Corte, para ser jurado nas Cortes de quinze de Janeiro de quarenta e hum, em que servio de Condestavel: dignidade, que de muitos annos só occupavaõ os Infantes, ou Duques de Bragança. Naõ só teve esta grande honra em



taõ pùblico acto; mas como todos os prêmios pareciaõ devidos a sua grandeza, e capacidade, mereceo, que ElRey o fizesse do seu Concelho de Estado, hum dos Ministros do Despacho, e lhe désse quarto no mesmo Palacio, em que foy, e a Marqueza sua esposa, Mordomos-móres da Rainha, que elegeo taõ grandes Senhores, para o serviço de sua Real pessoa, achando nelles com a mayor nobreza igual fidelidade. Era precisa a sua vida naquelles perigosos tempos, para defensão do Reino, e assistencia dos novos Principes; mas dispozeraõ os juizos Divinos, que huma doença aguda o tirasse deste Mundo. Na morte recebeo tantas honras das Magestades, que pareceo novo genero de prêmios, com que remuneravaõ as partes de taõ benemérito vassallo. O seu cadaver se conduzio a Evora, e no Convento dos Cônegos de S. Joaõ Evangelista, padroado da sua Casa, se lhe deu sepultura, em que se lê com distincçaõ o seu epitafio. Na mesma Igreja detancaõ as cinzas de sua primeira esposa, que falleceo a 5 de Abril do anno de 1630, e de que só teve D. Maria de Mello, que de poucos annos deixou as calamidades da terra, para ser coroada na Gloria da Eternidade. Da segunda, que lhe sobreviveo largos annos, houve ao primeiro Duque do Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, herdeiro, e successor de sua grande Casa, que servindo a quatro Reys, de todos mereceo aquella estimaçaõ, que lhe adquiriraõ as virtudes, e acçoens, que o fizeraõ Heróe no seu tempo, e na posteridade: D. Theodosio de Bragança de Mello, que seguiu a vida Ecclesiastica, e se fez digno das mayores mitras, e dignidades, que justamente occupára, se a morte o naõ arrebatára, e a D. Isabel de Moscoso, que na flor da idade, com intempestiva, mas feliz morte, se trasladou para a Gloria do Paraíso, a receber a immarcessivel coroa da sua virgindade.

S. Marthe *Hist. de la Maison de France liv. 44. cap. 23.*  
 Anselm. *Histoir. Geneal. de Maison de France tom. 1. cap. 20*  
 2. 6. Franc. de S. Maria Ceo Aberto na terra pag. 500. Car-  
 valh. *Corog. Portug. tom. 3. liv. 4. cap. 7.* Sousa *Hist. Geneal.*  
*da Cas. Real Portug. tom. 10. liv. 9. cap. 11.*



## XIX. DE MARÇO.

2. I.

Anno

235.

Emperad.  
Alexand.  
Severo.

Europa.

**P**RECIPITADO nas agoas do Tibre o infame cadaver do Emperador Heliogabalo, aclamáraõ os soldados no campo, e os Senadores na Cidade, ao grande Alexandre Se-  
*Morte do Emperad. Alexand. Severo.*  
 vero, por Monarca de todo o Imperio Romano, vendo-se em todos huma tal satisfação, e alegria, que servio de feliz auspicio das futuras prosperidades. Merecia o novo Emperador estas festivas, e reverentes demonstraçoens; porque no seu animo se admiravaõ tantas virtudes, na sua origem a maior nobreza, como primo de Heliogabalo, e nas suas obras, aquellas acçoens, que o destinavaõ Heróe. Adiantara-se neste Principe aos annos a razaõ, luzindo nelle taes partes, que dava mayor lustre á sua nobreza, e se fazia exemplar aos mais esclarecidos mancebos daquella Cidade, cabeça do Mundo. Da primeira idade se applicou ao estudo das mais importantes facultadés, em que teve por mestres os mais respeitados professores, que se conheciaõ em Roma. Era vivissimo no engenho, e ouvindo as liçoens como discipulo, as repetia logo, como se fõra mestre, sobre-sahindo ao tempo da sua applicação o conhecimento, que mostrou nas Mathematicas, em que foy consumado Geometra: na delicadeza, com que nos versos, e nas oraçoens se deu a conhecer por insigne Poeta, e facundo Orador, e em diversas artes liberaes, em que resplandecia para attrahir os circunstantes, e se admirar a sua natural destreza, com que governava os cavallos, e tangia os instrumentos. Assim com o mayor respeito vio Roma neste Principe aquellas excellentes partes, que desejava no seu Emperador Heliogabalo, que mais vivia para escandalo da humanidade, que para administração do Imperio. Prevenindo este como politico, que suspenderia o geral odio, com que era aborrecido, se mostrasse, que amava taõ excellente primo, o declarou Cesar. Esta acertada nomeação applaudiraõ os militares, e todo o Povo, com taõ festivas acçoens, que se vio como Roma

estima-



estimava as virtudes de hum mancebo, que ja sem a distincão da soberania, era senhor dos coraçoes Romanos. Solemnisaraõ com tanto jubilo ao nosso Cesar, que deiraõ motivos para o infame Heliogabalo maquinar a sua morte, como se no sangue do innocente Principe estabelecesse a firmeza da Coroa, que tyrannisava; mas esta indigna aleivosia o privou do throno, e do Mundo. Guardavaõ os soldados ao novo Cesar, com o valor das armas, e a ternura de hum amor fidelissimo, e conhecendo a traicão de Heliogabalo, em querer privar ao Imperio da esperança de ver restaurada a gloria das tuas felicidades com a morte de Alexandre, se livraraõ do mayor perigo, acabando com o mesmo Heliogabalo. A sepultura deste monstro de vicios servio ao pacifico Sólio, do que destinava objecto da sua ira, e colozado absoluto senhor do Imperio, começou a fazer mais claro o seu nome com o acerto das suas obras. Conheceo os perigos de governar huma taõ vasta Monarquia, e querendo acertar como prudente, chamou para Concelheiros aos famosos juriconsultos, Fabio Sabino, por antonomasia o *Cataõ* daquelle seculo, Pomponio, Alpheno Africano, Julio Paulo Modestino, e outros varoens insignes criados na escola do grande Papiniano, e com o voto de homens, que mereciaõ o respeito da sua Idade, respondia a felicidade nas resoluçoens, e a geral satisfacão dos vassallos. A estes juriconsultos juntou a contumada politica de Catilio Severo, parente do mesmo Emperador, de Cayo Marcelo, e Avidio Seriano; e como estes insignes Varoens no obsequio da Patria, e gloria do Principe, se dedicavaõ a conseguir hum feliz governo, se mudou a face da Corte, e da Monarquia, desterrando-se os abusos passados, e restituindo-se os acertos do seculo de Augusto. As Provincias se entregaraõ a Governadores valorosos para a guerra, isentos para a justica, como quem merecia os postos com o sangue derramado, e virtudes heroicas: o Palacio a Varoens illustres, e aquella grande Cidade a Ministros declarados inimigos do vicio, e sã amantes do bem de República; e desta disposicão nasceo abolirse a desordem, e renascer a felicidade com terror dos inimigos, vendo que tremolavaõ as Arguias do Imperio gloriosamente triunfantes dos passados erros, que tanto haviaõ ultrajado a grandeza Romana. Seguirãõ-se logo as prosperidades na guerra, como prêmio da



justiça, e do valor. Abateo a ferocidade Germanica, pelo Capitaõ Macrino, que em diversos combates superou muitos Povos daquella vasta Região. Venceo na Africa aos Mauritanos, e Cingitanos, sendo o generoso instrumento das victorias, Curio Celso. Foy semelhante o successo em Armenia; porque Julio Palmato soube pelear, e vencer os inimigos, com tanta fortuna, como sabia governar com justiça as suas Legioens. Em tão diversas Provincias venceo Alexandre por seus valorosos Capitaens; mas em guerra mais perigosa authorisou os triunfos, com o perigo da propria vida, para ser mais gloriosa a grandeza das suas victorias! Levantara-se na Persia hum Capitaõ, que seguido de numerosas tropas, e não menos da fortuna, se fez temido dos Parthos, sempre formidaveis ao podêr de Roma; e depois de se fazer formidavel por muitas conquistas ao mesmo Emperador, penetradas as fronteiras do seu Imperio, arrogando o soberbo nome de Restaurador da Patria. Para que não passasse a mais o atrevimento do seu podêr, o buscou o nosso novo Alexandre; sem dũvida quiz ser emulo do antigo, que na ruina dos Darios, e outros Principes, que prezos ao carro da sua gloria, lhe serviraõ de troféos á grandeza do nome, que mereceo na guerra, em que os destrõgou. Levado pois de tão nobres pensamentos, deixada a Corte, e seguido de Capitaens, e soldados numerosos, a que fazia invenciveis a rigorosa disciplina, com que moderava o militar orgulho dos mais licenciosos, marchou o seu grande exercito para debellar inimigo tão poderoso. Bem conheceo este barbaro o General, e as Legioens, com que havia pelear; e querendo com a multidaõ soffocar o valor, se prevenio com setecentos elefantes, mil e oitocentos carros armados, cento e trinta mil cavallos, e Infantaria, que secando os rios, cobrindo os montes, se não podia contar; e sendo tão grande este numero de suas tropas, ainda se faziaõ mais respeitadas por sua pericia nas armas, e costume de vencer. Descobriã-se os campos, e se rompeo a batalha, e travadas as Legioens Romanas com os esquadroens Persianos, se ateou hum dos mais perigosos conflictos do Mundo. Que acçoens de valor, e disciplina se não viraõ naquelle dia! Confundia-se o campo com os alaridos, e o estrondo das armas, que movidas com o rancor, e o esforço, que a huns

enfure-

enfurecia  
que os es  
manos,  
das par  
se os Ca  
e com o  
fficto; p  
com a f  
talha qu  
Romano  
o melhor  
quelle in  
brasse os  
transes,  
golpes,  
raõ leva  
hum ex  
seu Cap  
ra de se  
com a  
ma, ve  
os seus  
lo, que  
unfo, e  
beça d  
ria, e  
sua Inf  
mil ca  
vincias  
dia, se  
dartes  
do Im  
com c  
dilar  
pois c  
porém  
leu tri  
os lim  
confer  
quia,



enfurecia, e a outrós alentava, não se via, ou percebia mais, que os estragos, em que fatalmente pereciaõ Persas, e Romanos, sem que a victoria se declarasse a favor de alguma das partes. Ao mesmo tempo em qualquer dos exercitos, se os Capitaens viaõ retroceder os soldados, com as vozes, e com o proprio exemplo os animavaõ, para renovar o conflicto, procurando assim a morte, para vencer, ou acabar com a fama, que só merecem os valorosos. Durou a batalha quasi as horas de hum dia inteiro; mas como os Romanos na pessoa, e nas proezas do seu Principe, tinhaõ o melhor Marte para a victoria; e como se a presença daquelle invencivel mancebo lhes dèsse novos espiritos, e dobrasse os coraçõens para obrar maravilhas em taõ perigosos tranfes, chegãraõ a penetrar nos inimigos com taõ pezados golpes, que rotos os seus innumeraveis esquadroens, os fõraõ levando ja desbaratados á mayor ruina, em que pereceo hum exercito dos mais atrevidos, e constantes soldados. O seu Capitaõ, que nos mais arriscados lugares da batalha dera de seu animo, e valor testemunho claro, não querendo com a sua escravidãõ fazer mais glorioso o triunfo de Roma, vendo o estrago, em que naufragavaõ no proprio sangue os seus soldados, se encomendou á ligeireza de hum cavallo, que o livrou de ennobrecer maniatado o carro do triunfo, com que o Emperador entrou depois triunfante na cabeça do Mundo, a receber os applausos de huma victoria, em que postrada a soberba dos inimigos, degolada a sua Infanteria, mortos, e ganhados quinhentos elefantes, mil carros, e despojos innumeraveis, restautadas as Provincias usurpadas, pelo merecimento das proezas de hum só dia, se conseguiraõ as prosperidades, que levarãõ os estandartes de Roma á Mesopotamia para distinguir as Fronteiras do Imperio das terras confinantes dos barbaros. Podera só com o terror daquelle victoria senhorear outros Paizes, e dilatar com muitas Regioens a grandeza do seu Imperio; pois cederia o melhor da Asia á obediencia do seu nome; porêm com moderaçãõ rara suspendeo o feliz progresso do seu triunfo. Deixou guarnecidas as Praças, que defendiaõ os limites da Monarquia, com os soldados victoriosos, para conservar o respeito do seu Estado, e voltando para Antioquia, repartio com os subditos os immensos despojos daquel-

la



la guerra, com tanta generosidade, que satisfazendo a cobiça militar, deu a conhecer, que dos conflictos só queria a gloria de triunfar, deixando para os seus soldados as conveniências de se enriquecer. Foy taõ applaudida esta generosa acção em todo o exercito, que as vozes do público agradecimento lhe servirão de precursôres da sua fama, para se lhe dobrar o respeito, naõ só em Roma, porêm no mundo todo, por ser mais difficil aos grandes Principes, vencer o amor das riquezas, que superar aos inimigos. Pacificado o estrondo das armas no Oriente, se restituiu a Roma, onde o esperavaõ com o reverente, e magnifico alvoroço de huma incrível pompa. Nas praças se viaõ sumptuosos arcos, as ruas cobertas de preciosas tapeçarias, e respirava aquelle abbreviado mundo huma alegria universal. Seguido pelos Senadores, que revestidos das suas togas lhe faziaõ reverente cortejo, sobre hum carro de ouro, e prata, porque puxavaõ os mesmos elefantes, que fôraõ despojo da passada victoria, e coroado das merecidas palmas, o leváraõ ao Capitólio, para gratificar ás suas falsas divindades, com os sacrificios, que praticava a supersticiosa religião dos Romanos. Tal era a sua modestia, que aceitou o triumpho, mais por obedecer aos que imperava, do que para receber os cultos, que se tributavaõ á magestade da soberania, e á gloria de abater, e destroçar inimigos os mais formidaveis. Coroado dos louros, que lhe merecêraõ os trabalhos da campanha, naõ suspendeo os do governo, e administração pacifica dos negocios de todo o Imperio, tomando por descanso da Corte o servir no despacho de tantos vassallos! Achava este grande Principe só na fadiga de servir ao público o socego, que os Soberanos procuraõ no ocio das Cortes, e na lisonja dos Palacianos, e mais parecia hum servo dos subditos, que Monarca de tantos dominios; porque bem conhecia as obrigaçoens do Supremo lugar, que lhe déra a Providencia. Este ardente zêlo do beneficio de todos lastimosamente lhe trouxe a intempéstiva morte, em que pereceo taõ preciosa vida, e ao Imperio sobreveyo a mayor perda, que lhe poderiaõ maquinar os seus inimigos. Entráraõ muitas Naçoens barbaras nas Províncias sujeitas de Alemanha, introduzindo o terror com as crueldades, que faziaõ nos homens, e hostilidades nas campanhas, mostrando-se mais feras, que racionaes. O estrago destes



destes Paizes remotos, atemorizou Italia, vendo-se ameaçar de tão poderosos inimigos; e como o Emperador sentia como proprio o damno de qualquer vassallo, vendo que tantos eraõ lastimosas victimas do furor alheyo, determinou authorisar a guerra, e facilitar a victoria, expondo ao risco das armas o sagrado da pessoa. Deixou logo a Corte, e passou em Alemanha, naõ sem lagrymas dos moradores de Roma, que presagos da sua desgraça, o desejavaõ dentro das suas muralhas. Como na sua presença levava o terror dos inimigos, logo que o viraõ desembainhar a espada, se coroou de palmas em diversos confictos; mas como para acabar de vencer, quizesse reduzir as Legioens daquellas fronteiras a disciplina, e observancia de soldados Romanos, se conspiraõ desobedientes, para cometer o mayor delicto. Sacrilegos pozeraõ as mãos no seu verdadeiro senhor, e no sangue innocente do seu Principe, tomáraõ a vingança da severidade militar, com que promovia a gloria das suas armas. Tambem matáraõ a Mamiã, sua Augusta Mãe, senhora prudentissima, que virtuosamente o educára, e dirigia no governo, em maximas taõ christãs, que se entendia seguir os preceitos da verdadeira Religiaõ, por ser discipula do grande Origenes. Quem fosse o principal aggressor de crime taõ atroz; he controversia naõ vulgar entre os Escritores: diremos em beneficio da verdade, que ficáraõ detestaveis á posteridade, todos aquelles parricidas, que na acção, ou conselho foraõ partes na morte de hum Principe, que merecera a fama, e o nome dos melhores Emperadores de Roma. Assim traspassado com as feridas, que injustamente lhe deraõ os proprios vassallos, e naõ os inimigos estranhos, acabou o grande Alexandre Severo, aos vinte e nove annos de idade, e treze de Soberano do vastissimo Imperio de Roma, em que fez tantas obras illustres, quantas foraõ as acçoens de sua vida no serviço da sua Monarquia. Teve olhos grandes, nariz proporcionado, boca formosa, e corpo agigantado com robustas forças, a voz clara, e todas aquellas partes, que o faziaõ hum dos mais perfectos homens da sua idade, concorrendo assim a natureza, para servir á graça, com que Deos o fez taõ digno do throno, e de ser amado. Teve por unica digna consorte, a Memmia, filha de Sulpicio, vasaõ Consular, e a quem venerou com aquelles puros affectos, a que

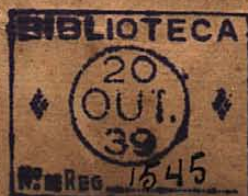
o mo-





o moviaõ com a semelhança das inclinaçoens, os vinculos do matrimonio, e a suave uniaõ das vontades. Naõ deixou desta Senhora algum descendente, em que se copiasse, como vivo retrato a grandeza das acçoens de taõ illustre Pay; disporia mais alta Providencia, que nos escritos, e tradiçoens, e naõ em filhos, melhor se perpetuasse a grandeza da sua memoria. Nestes eternos monumentos se lerá, que mais pareceo Principe christaõ, que Monarca gentio. Bem o deu a conhecer no respeito, com que venerava o Redemptor do Mundo; pois ainda que ignorava a sua Divindade, tinha a sua imagem com as de Abrabaõ, e de outros famosos Heróes, favorecendo a christandade, como se fosse professor da verdadeira Religiaõ. Com esta piedade exercitava outras virtudes para gloria da sua pessoa, e utilidade pública dos vassallos, naõ havendo no seu tempo vicio, que naõ fosse castigado, nem acção boa, que naõ tivesse prémio. Cheyo de zêlo punia os Juizes perversos, e augmentava os Ministros incorruptos. Este mesmo zêlo o movia a ser flagelo dos ladroens, com tal severidade, que no seu tempo vivêraõ com segurança os Povos do seu Imperio, extinta esta peste da República, para o que fez leys justissimas, de que era executor inflexivel. Porém ainda se mostrou na modestia mayor Principe. Quando o aclamáraõ Emperador, lhe davaõ os titulos de *Pio*, de *Santo*, e de *Pay da Patria*; e querendo o Senado, que tivesse a respeitada antonomasia de *Grande*, e de *Antonino*, a tudo se negou, como quem do Supremo lugar só procurava o trabalho, sem ter o glorioso destes pomposos dictados. Com o mesmo zêlo da conservação do Estado, lançou fóra do governo aos que eraõ licenciosos, e só quiz os *Varoens*, em que vivia o esplendor da antiga Roma; e como o luxo enfraquecia aos homens, até a si proprio despojou das perolas, e diamantes, com que se adornavaõ as vestes imperiaes. Mereceo o nome de *Severo*, pelo rigor, com que obrigava as milicias a taõ exacta disciplina, que obedientes servissem á defenõa do Estado, e naõ á ruina das Provincias, em que se alojavaõ; e como nestes armados corpos se atemorisaõ os estranhos, e se conservaõ os vassallos, era liberalissimo com os valorosos, dispendendo os erarios no beneficio dos que offerenciaõ as vidas, para sustentar a Patria. Como recebia os tributos, que davaõ os Povos sujei-

tos,



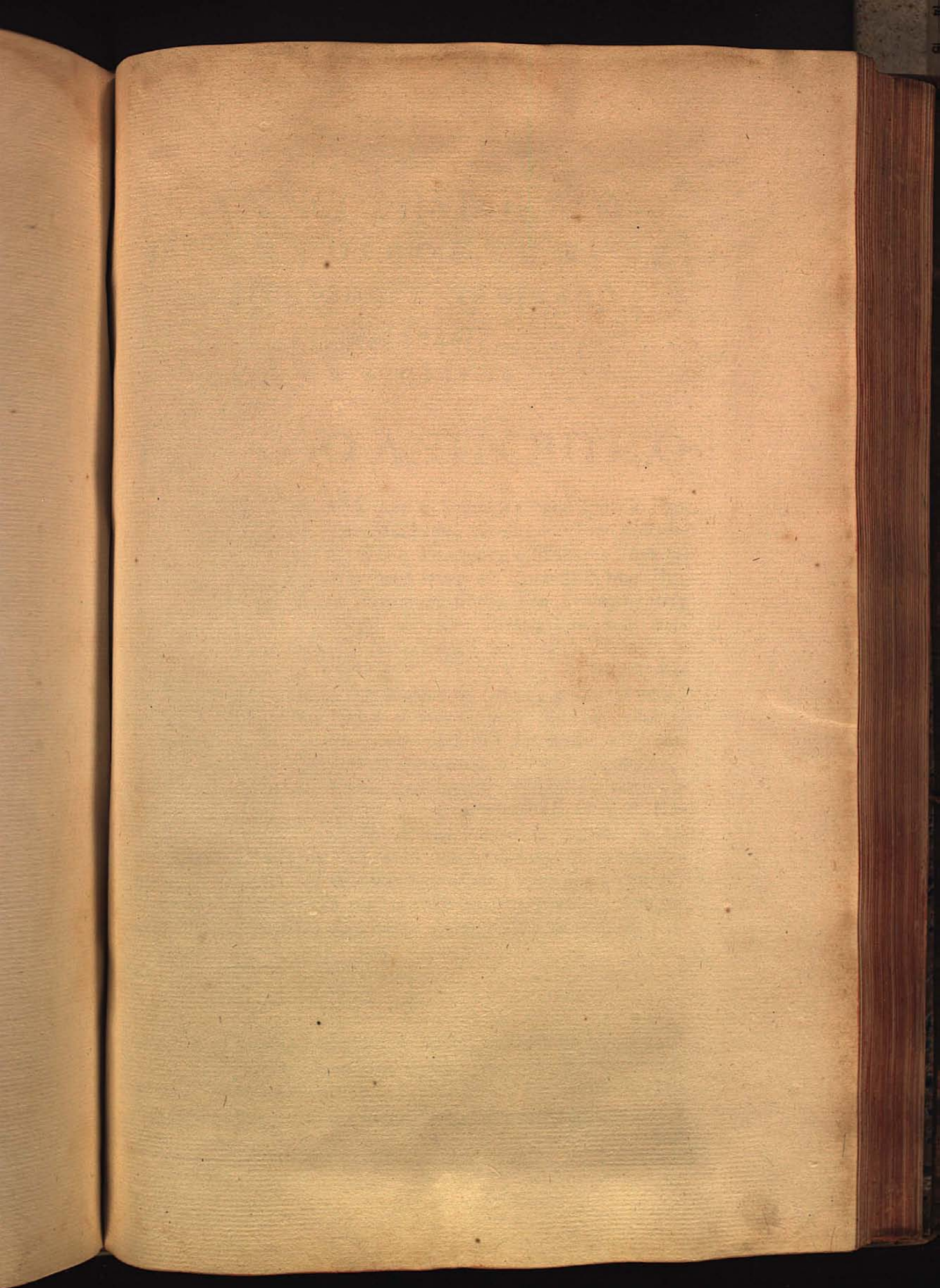


culos  
eixou  
como  
; dif  
oens,  
me-  
pare-  
eu a  
r do  
ha a  
He-  
effor  
ou-  
blica  
naõ  
nio.  
a os  
fla-  
npo  
nõta  
de  
no-  
or,  
; e  
de  
do  
olo  
va  
en-  
da  
aré  
se  
ro,  
ci-  
aõ  
tes  
os  
os  
tar  
ei-  
,











A  
D I A  
D

PRC



tém as C  
que damo  
la tiveren  
porque c  
e desfaze  
cias, e d  
dando ao  
rarmos a  
mil. 13.  
men *sciem*  
fenfivas,  
como ja  
cedermos

2  
to o Padr  
tio Port



ANNO HISTORICO  
DIARIO PORTUGUEZ  
DEFENDIDO, E VINDICADO

Em 1746.

NO SEGUINTE

PROLOGO ANTI-CRITICO



AM quiz o senhor Bacharel Ignacio Barboza Machado, Author do livro intitulado Fastos Politicos, e Militares, que este terceiro tomo do Anno Historico Diario Portuguez ficasse sem Prologo; para o qual offereceo os materiaes, que contém as Criticas impressas no principio dos mesmos Fastos; e que damos a seguinte reposta, para instrucção dos leitores que della tiverem necessidade; e não para os sabios, e indiferentes, porque o mesmo será lerem as taes Criticas, que censurallas, e desfazellas, sem necessitarem para isso das nossas advertencias, e defezas; nas quaes procuraremos a brevidade possível, dando aos que menos sabem a instrucção sufficiente, sem onerarmos a paciencia dos sabios, como aconselha S. Greg. P. Homil. 13. *Quatenus ejus expositio ita nescientibus fiat cognita, ut tamen scientibus non sit onerosa*; e só nos serviremos das armas defensivas, porque não sabemos empunhar, nem jogar outras, como ja mostramos em outras respostas semelhantes, sem excedermos os preceitos da critica, da decencia, da religião.

I

DA principio o Senhor Barboza à sua Dissertação Apologetica dizendo no numero primeiro: Tinha composto o Padre Mestre Francisco de Santa Maria o Anno Historico Diario Portuguez, cuja obra eu ignorava, assim como pelo nome, e

A

naõ



2  
naõ de vista, conhecia o seu Author. Responde-se, que naõ he verosimel, que o Senhor Barboza ignorasse aquella noticia, naõ a ignorando os mais Senhores Barbozas da sua caza, nem os Sabios de Lisboa, nem os da Caza da Divina Providencia, onde o Padre Mestre Francisco de Santa Maria hia pessoalmente muitas vezes, e muitas mais por escritos, consultar, e conferir com o M. R. P. D. Antonio Caetano de Souza Deputado da Bulla da Cruzada (que entaõ estava escrevendo a Historia Genealogica da Caza Real Portugueza, e a continuacão da obra do Agiologio Luzitano) algumas duvidas, que tinha sobre a variedade, que achava nos Escritores na affinaçãõ dos dias, em que falecêraõ muitas peffoas Santas, Regias, Egregias de Portugal, e seus dominios, de que ambos estavaõ no mesmo tempo escrevendo. Naõ podia tambem o Senhor Barboza ignorar aquella noticia, vendo-a estampada na *Noticia Previa da Justa Defesa*, composta pelo mesmo Author, impressa no anno de 1711. de que sua merce faz mençãõ no numero 28. do Appendix à sua *Difertacão Apologetica*.

3 No mesmo numero 1. e em outros se queixa o Senhor Barboza do primeiro Consultor dos seus Fastos dizendo, que por lhos naõ expedit com brevidade, se demorou a sua impressãõ o tempo de quatro mezes. Responde-se: Naõ concorreria aquella revista com a de outros mais livros, e papeis, que por sua materia, e commissaõ mais antiga tinhaõ preferencia? Naõ havia de satisfazer o Revedor as obrigações do seu Estado, e de Reytor, que entaõ era do Convento de Santo Eloy de Lisboa? Naõ estaria enfermo algum tempo desses quatro mezes? Taõ facilmente se revê, e califica hum livro, em que se censuraõ alguns pontos? Muitos livros, sem serem censurados em cousa alguma, se demoraõ nas revistas, naõ só muitos mais mezes, mas annos, como succedeo ao segundo, e terceiro tomo do Anno Historico, e se pôde ver das datas das suas approvações impressas no fim do ultimo tomo; e muito mais largamente constaria, e se admiraria o Senhor Barboza, se visse as datas dos primeiros despachos, cuja impressãõ se omittio por desnecessaria; porque os Qualificadores tem mais que fazer do que a revista dos livros, pela qual naõ podem, nem devem deixar os empregos mais urgentes, nem da mesma occupacão, nem do seu Estado. Contra as referidas verdades fórma, e arma o Senhor Barboza, e repete em muitos lugares da sua Dif-

ser-



3  
fertação Apologetica, e seu Appendix, e tambem no principio do Prologo dos seus Fastos taõ desmarcadas, e dezentoadas queixas, com tal estillo, e liberdade, que defobriga da resposta, e se remette à que qualquer leitor popular lhe faberá dar. Só advertimos, que se repare nas datas das licenças, que tem os *Fastos*; para se imprimirem, e nas que tem o primeiro tomo do *Anno Historico da primeira impressão*, e se conhecerá o vagar, o animo, a indifferença, com que se procedia na sua impressão, e que muito largamente podião sahir primeiro a luz os *Fastos* (ainda do volume, que agora tem, e entaõ não tinhaõ, como confessa o Senhor Barboza no principio do Prologo dos mesmos *Fastos*) do que o *Anno Historico*; porque aquelles foraõ expeditos de todas as licenças Ordinarias dos Tribunaes para se poderem imprimir em Setembro de 1713. e este foi impresso no anno de 1714. como consta das suas primeiras folhas. Não foraõ logo os quatro mezes da calificação dos *Fastos* a causa de não se imprimirem primeiro, que o *Anno Historico*. O certo he, que a causa, porque não se imprimiraõ os *Fastos* em 1713. foi a mesma (que entaõ diziaõ, e ainda dizem os impressores de Lisboa, porque nenhum à sua custa propria os quiz imprimir) que os demorou trinta e dous annos, que se passáraõ até Julho de 1745. em que apparecêraõ impressos, e se podêraõ estampar em officina propria fabricada pelo mesmo Senhor Barboza, depois que veyo do Brazil. Não faça, Senhor Barboza, tontos a todos os leitores.

4 No fim da primeira pagina do mesmo numero 1. diz, que o Autor do *Anno Historico*, sem horror de Plagiario; extrahira dos *Fastos* muitas noticias, com que abundantemente enriqueceo o seu *Anno Historico*. Responde-se: Quem extrahie noticias não he Plagiario; porque este só he aquelle, que copia inteiramente paginas, como as acha escritas por falta de cabedal, e affluencia de dizer, que não faltavaõ ao Author do *Anno Historico*. Não extrahiria essas noticias, que o Senhor Barboza não declara, donde as extrahio sua merce? ou donde, ou por onde aquelle Author extrahio, e colheo as mais para os mezes de Março, e Abril, que entaõ não comprehendiaõ, nem ainda agora comprehendem os *Fastos* impressos, e para os mais de todo o anno, que deixou compostos, antes de cahir na muito larga enfermidade, de que morreo em tres de Novembro do mesmo anno de 1713? Responde-se mais à sobredita supposiçãõ fal-



4  
físsima com outra mais direita, mais bem fundada; e certamente verdadeira supposição, que faz o sobredito Qualificador do Santo Officio, que no anno de 1713. revio os dous mezes dos Fastos, e os ve agora impressos muito mais avultados, como consta das citas de humas, e outras paginas, impressas, e manuscritas, que logo abaixo daremos; e com muitas noticias do Tom. I. do Anno Historico, que entaõ não continhaõ os Fastos. Do que se colhe claramente, que só depois de impressos todos os mezes do Anno Historico pôde o Senhor Barboza encher, e começar a imprimir os seus Fastos. Digaõ, e julguem todos, e quaesquer leitores, qual das duas supposições he mais yerosimel, e como entendem aquellas falsidades, e algaravias do Senhor Barboza?

5 No mesmo numero 1. até 14. pertende o Senhor Barboza deffender os seus Fastos da cenzura, que lhe fez o referido consultor por commissão judicial, e não pertendida, como diz no numero 1. assim:

Para conseguir taõ malevolo intento, será incrível aos presentes, e aos vindouros as maquinas, e artificios, de que estes bons Padres usaraõ para retardar, e suprimir os *Fastos*, alcançando, que fosse revedor delles pelo Tribunal do Santo Officio o Padre Doutor Annunciação como consta do despacho posto ao principio deste livro .... Contra o Censor das proposições, como está vivo, affestarei os primeiros tiros, com que totalmente se derrubem os Chymericos fundamentos da sua Critica Theologica.

Tudo isto, e ainda mais, diz o Senhor Barboza, não só com a falsidade, de que sem duvida deve restitução daquelle testemunho ao Author, e ao Qualificador, mas com a liberdade, e ouzadia, que se está vendo contra os Ministros, sempre rectos, e puros do Conselho Geral do Santo Officio; e não criticando o Senhor Barboza quatro pontos, que vemos riscados, e emendados, de nove, que lhe censuramos, como adiante se verá; só critica, e impugna superficial, e Theologastricamente a cinco pontos, fazendo igualmente a todos nove livres de toda a cenzura (a que injusta, e impropriamente chama Critica) que fizemos, e se participou inteiramente ao Senhor Barboza, com a resolução, que se tomou, porque não soube o referido por advinhação. Vejaõ lá os leitores como en-  
ten-



tendem estas couzas ; porque para pleno ; e verdadeiro conhecimento dellas, não podemos dar mayores luzes ; nem são necessarias para se conhecer, e crer com evidencia, que da parte do Senhor Barboza he, que se fizeraõ as diligencias, as maquinas, as cavilações, e artificios maliciosos, ( que no numero 1. 2. e em ontros mais nos impoem sem fundamento algum ) para sua merce alcançar a copia, que tem da nossa cençura ; porque bem claro he, que sem ella, e sem noticia da resolução, que no Tribunal se tomou, e lhe foi participada, não podia o Senhor Barboza Criticar huns pontos, e riscar, e emendar outros, não lho mandando, como não manda, o despacho do Conselho Geral, que vemos impresso nos Fastos ; e sem o mandar o mesmo Tribunal, não he de crer do genio, e da presunção do Senhor Barboza, que riscasse, e emendasse quatro pontos, como fez, só porque o consultor os tinha cençurado com os mais, sendo toda a sua cençura regeitada, como suppoem o despacho impresso. Resolvaõ os leitores, se foubarem, este novo caso ; ou melhor será que suspendaõ o juizo até que algum terceiro bem informado dê a sentença.

6 Permittindo-se ao Senhor Barboza Criticar, e imprimir a mayor parte da nossa cençura, ninguem poderá estranhar com rafaõ, que obrigados do preceito natural da nossa defeza, transcrevamos tambem aqui a mesma cençura extrahida fielmente da Copia, que ficou no nosso borrador ; porque será grande desigualdade, e injustiça, que se nos não permitta para nossa defença o mesmo, que para nos accommetter, se concedeo ao Senhor Barboza, e que a este se deixasse livre o braço da espada, e ao Qualificador impugnado lhe atem as mãos. Das razões da mesma cençura se verá, e tambem se póde ver da que está no archivo do Conselho Geral, cuja justiça, e piedade fará examinar pelo seu secretario, em defença da verdade, innocencia, e reputação de hum seu Qualificador taõ acre, e publicamente arguido, e fatirizado por dar o seu parecer como entendia ; do qual exemplo podem seguir-se consequencias perniciozas ao ministerio dos Qualificadores em prejuizo da corrección dos livros, cujo officio ficará daqui por diante em Portugal so em qualidade, e obrigação de panegirista brilhante. Das mesmas razões da nossa cençura se verá, tornamos a dizer, que não he necessario valer-nos agora de outras, senaõ das mesmas, em que entaõ funda-



6  
mos os nossos reparos, e as copiaremos aqui fielmente, sem  
acrescentar, nem diminuir, nem alterar palavra alguma. Saõ  
as que se seguem,

Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor, vi por or-  
dem de V. Eminencia o livro intitulado Fastos Politicos,  
e Militares, que compoz, e pertende imprimir Ignacio  
Barboza Machado, e nelle fiz os reparos seguintes.

- 7 I. Pagina primeira dos Fastos manuscritos, agora im-  
pressos pagina onze. Fallando no primeiro de Janeiro do  
Matrimonio d' El-Rey D. Pedro I. com a Senhora D.  
Ignez de Castro, diz: *Foi Ministro deste Sacramento D.  
Gil Bispo da Guarda.* O Ministro deste Sacramento, em  
quanto Sacramento, e em quanto contrato, naõ he o  
Sacerdote, que assiste, saõ os mesmos contrahentes; e  
esta he a sentença communissima dos Authores, e o Con-  
cilio Tridectino sess. 24. de Reform. Matrim. diffine;  
que haviaõ sido ateli validos, e verdadeiros os Matrimo-  
nios Clandestinos; donde se infere, que ateli haviaõ fi-  
do os tais Matrimonios, entre os fieis verdadeiros Sa-  
cramentos. Logo o Sacerdote naõ he Ministro do Sacra-  
mento do Matrimonio, nem em quanto contrato (o que  
ninguem nega) nem em quanto Sacramento. O que ain-  
da he muito mais infallivel a respeito do tempo d' El-  
Rey D. Pedro I. em que sem duvida os Matrimonios  
Clandestinos eraõ validos. Com que me parece, que aquel-  
las palavras: *Foi Ministro do Sacramento:* se devem emen-  
dar, e dizer: *Assistio a este Sacramento.*

Atéqui a cençura. Os Authores, que reffere Natal Alexandre,  
e cita o Senhor Barboza num. 3. 4. 5. 6. 7. naõ tiraõ àquella  
sentença ser communissima em toda a Christandade, e a que  
dominou sempre, e segue a praxe, uso, e costume da Igre-  
ja, e com grande observancia em Portugal, e seus dominios,  
e nas Hespanhas, Italias, &c. o que só bastava para se naõ  
desviar della o Senhor Barboza, e muito mais em huu livro  
Historico na lingua vulgar, em que tambem se achaõ impres-  
sos infinitos livros praticos de moral, pelos quaes a mayor parte da  
gente aprende, que os contrahentes saõ os ministros do Sacramento  
do Matrimonio, que lhe prestaõ a fórma com a expressaõ de seus  
mutuos consentimentos; com assistencia do Parrocho da Igreja, em  
cujo nome authoriza aquelle acto. Aos Authores antigos, e France-  
zes



zes citados pelo Senhor Barboza; responde o Curso Salmaticense tom. 2. tract 9. cap. 3. punct. 3. Dub. 2. n. 54.

Quia indicant (tales Autores) ipsum sacerdotem esse Ministrum hujus sacramenti, sed hoc jam supra impugnavimus, & inde falsitatis convincitur, quia ante Tridentinum (et modo in locis ubi non est receptum) Matrimonium sine assistentia sacerdotis celebratum validum erat in ratione contractus, & consequenter etiam in ratione sacramenti, ut dicunt communiter Doctores, & sic formam propriam habebat: ergo forma illius non sunt verba sacerdotis, quæ tunc minimè dabantur.

Nem a opiniaõ do Senhor Barboza he, como diz num. 8. taõ geralmente seguida dos Theologos de França, onde o Tridentino naõ foi recebido; antes pelo contrario affirma Natal Alexandre no principio do 2. allegado na Critica, que a parte maxima (palavras formaes) está pela nossa communissima sentença. Menos se póde ter por provavel o que allega o Senhor Barboza num. 7. e 8. fallando no simples dito do Parisense Jacinto Serri, de que em Roma se deffende publicamente aquella opiniaõ. Tambem naõ deve ser attendivel o descuido de quem revio a Monarquia Luzitana do P. Fr. Rafael de Jesus, onde Part. 7. liv. 8. cap. 5. se achão impressas as mesmas palavras: *Foi Ministro do Sacramento do Matrimonio*, applicadas inadvertidamente por aquelle Author a D. Odo Bispo de Cuenca, o qual no primeiro Matrimonio d'El-Rey D. Pedro I. com a Senhora Infanta D. Constança naõ fez naquelle acto outra couza mais, que ler a dispensa do parentesco, que tinhaõ aquelles principes, como se pode ver no lugar referido da mesma Monarchia. Nem obsta, que nella se ache impressa a referida proposiçaõ, para que em outros livros, que se pertendem imprimir, se naõ censure; e o mesmo se faria, e devia fazer pelos sobreditos fundamentos, revendo-se a tal Monarchia para ser reimpressa. E assim naõ deve ser fundamento a cita das mesmas palavras impressas naquelle livro, para se dar por julgada, e approvada aquella proposiçaõ pelo Tribunal supremo da Inquisiçaõ de Portugal, como pertende o Senhor Barboza no num. 8. e o Qualificador diz com Marco Tulio: *Ego malis sententiis vinci non possum, bonis possum, et libenter.*

8 II. A fol. 21. vers. e a fol. 22. e 23. ( dos Fastos manuscritos ) falando de D. Ignez de Castro, lhê



chama *Innocentissima* Princeza ; e á sua vida: a vida mais innocente. He notorio, que esta Senhora teve filhos; Há grandes duvidas se foi cazada; He sem duvida, que antes de o ser ( no cazo que o fosse ) viveo muitos annos em mão estado com o Principe; e sendo tudo isto certo, e publico, fica sendo demazia muito grande o carregar, e insistir tanto em lhe chamar *innocente*, e *innocentissima*. Melhor parecia dar-lhe os epitotos de *Formoza*, ou de *Infelice*.

Assim vemos emendados nos Fastos impressos pag. 96. 97. 98. 99. 100. aquelles epitotos de *innocente*, e *innocentissima*, nos de *formoza*, e *formozissima*; como he de crer mandou o Conselho Geral, ainda que o seu despacho o não diz em attenção do Author dos Fastos, como este diz num. 13. do Appendix, e citamos abaixo §. 81.

9 III. A fol. 31. dos Fastos manuscritos, e pag. 130. dos impressos, diz, que a ambição del Rey D. Affonso III. deo principio a Villa nova do Porto. Quem disse ao Author, que aquelle Rey obrára neste cazo levado de ambição? Se outro algum Author o diz, a esse mesmo podemos fazer a mesma pergunta. Quem lhe fez patentes os actos interiores, ou quem lhe deu authoridade para julgar delles? Parece-me se deve riscar a palavra *ambição*, por ser injurioza a qualquer fugeito, quanto mais à pessoa soberana de hum Rey.

Pareceo muito bem ao Consultor dos Fastos, e tinha obrigação de advertir aquelle reparo, porque não competia só ao Revedor do Dezembargo do Paço, como diz o Senhor Barboza no num. 9. mas tambem ao do Conselho Geral da Inquisição, conforme a instrucção do nosso Expurgatorio, e do Summo Pontifice Clemente VIII. de correct. libror. ibi.

*Item, quæ famæ proximorum, & præsertim Ecclesiasticorum, & Principum detrahunt.*

A esta instrucção Pontificia não deve prevalecer o allegado Catalogo Historico dos Bispos do Porto, dizendo o mesmo, que diz o Senhor Barboza; porque o não vimos, nem era necessario. A rezolução daquella fundação de Villa nova do Porto não se pode attribuir a ambição del Rey D. Affonso III. porque outros Senhores Reys seus antecessores a intentárao tambem, e não foi tomada só por arbitrio daquelle soberano;

berano, m  
dadas faze  
Prelados  
ó Choro  
Luzit. E  
ranas dos  
slico, co  
do viva  
do Anno  
mesmo I  
za fallan  
palavras  
não acha  
de ver n

Ainda c  
que se a  
vadas,  
nem no  
não ach  
minaõ  
fabidos  
receyo  
o Senhe  
Souza,  
Critica  
mo caz  
Entendi  
diz Far  
sis Jold  
cha a g  
Paria.



berano, mas pelo de humas Cortes Geraes, e solemnes, mandadas fazer pelo mesmo Rey em Leiria, a que assistiraõ os Prelados do Reyno, e tambem o Bispo do Porto, como diz o Chronista Fr. Antonio Brandaõ no tom. 4. da Monarch. Luzit. Em nenhum tempo se pode escrever das pessoas soberanas dos Reys o que lhe está mal, não sendo certo, e publico, como foi o segundo casamento do mesmo Rey, sendo viva sua primeira, e legitima mulher. E por isso o Author do Anno Historico o não callou no character, que escreveu do mesmo Rey tom. 1. em 20. de Março; a que o Senhor Barboza fallamente accrescenta no mesmo num. 9. da sua Critica as palavras seguintes: *a que o moveo a sua ambição*: as quaes se não achão no elogio, e character daquelle Rey, como se pode ver no lugar referido do Anno Historico.

- 10 IV. A fol. 35. (agora 146.) diz, *que S. Francisco vizivelmente desbaratara aos infieis em certa occasião*. Isto he calificar milagres não aprovados pela Igreja. Os Authores, que referem este cazo, e outros semelhantes, dizem, que se dizia, ou que era fama, ou que assim pareceo a muitos; e nesta mesma forma o devia dizer tambem o Author, e não afirmar como couza infallivel hum milagre não aprovado.

Ainda dizemos o mesmo, e tambem diriamos ás mais noticias, que se ajuntaõ na Critica num. 10. e ás que não fossem approvadas, nem tivessem alguma das modificaçoens sobreditas, nem no principio, nem no fim do livro se achasse, como não acha nos Fastos, Protesto geral do Author, como determinaõ os Decretos Apostolicos do Papa Urbano VIII. bem sabidos, e observados, lhes fariamos a mesma censura, sem receyo de que os Doutos a callicassem por impia, como faz o Senhor Barboza no mesmo numero 10. Manoel de Faria e Souza, Azia Portug. Tom. 3. Part. 1. cap. 5. num. 4. allegado na Critica, e nos Fastos em 12. de Janeiro pag. 147. refere o mesmo cazo com huma das sobreditas modificaçoens, deste modo: *Entendiõ-se* (só pelo dito do cozinheiro do Convento, como diz Faria no mesmo lugar) *que era San Francisco acodiendo a seus soldados*. Alem da referida salva particular, tambem se acha a geral do sobredito Protesto no fim do mesmo tomo de Faria.

- 11 V. A fol. 36. (agora 149.) diz fallando de São Theotónio,



tonio; que igualmente soubera ser soldado, que Religiozo. He modo de fallar indecente para hum Santo, que professou a vida religiosa, e claustral, cuja primeira obrigação era a clauzura, e assistencia no coro. E o ser soldado inculca, ou dá a entender o contrario de tudo isto. Se differa, que o Santo, sendo perfectissimo Religiozo, talvez se mostrára soldado contra os inimigos da Fé &c. podia soffrer-se; mas não dizer, que igualmente foi soldado, e Religiozo.

E quem póde duvidar, que do modo referido na censura ficava melhor, mais suave, e decente aquelle dito, não obstantes os exemplos, e doutrinas commuas, e sabidas, que amontôa o senhor Barboza nos numeros 11. e 12. da sua Critica, que não só não desfazem, antes confirmão as razoens da nossa censura; e muito mais quando indubitavelmente se tem por apocrifo, que S. Theotonio fosse soldado, e assistisse na primeira conquista da Villa de Arronches por ElRey D. Affonso Henriques. O Chronista Fr. Antonio Brandaõ, Monarch. Luzit. Tom. 4. Liv. 14. cap. 16. diz assim:

Já em outro lugar reprovei a opiniaõ dos que attribuem a Saõ Theotonio Prior de Santa Cruz de Coimbra a tomada desta Villa de Arronches, por não achar fundamento algum em que se firme. Na vida do Santo, que se conserva naquella caza, escrita pouco depois da sua morte, se não falla em tal couza; nem ElRey D. Affonso Henriques faz memoria de semelhante doaçãõ, quando confirma tudo o que tinha dado aquella caza, em hum notavel pergaminho, que chamaõ o Testamento delRey.

D. Nicolao de Santa Maria Chronista da Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra, na vida que largamente escreveu de S. Theotonio na Chronica da mesma Congregaçaõ Part. 2. Liv. 9. cap. 2. n. 14. pag. 179. diz o seguinte:

Foi o Prior Saõ Theotonio taõ observante da clauzura, que se guardava no seu Mosteiro, que em trinta annos, que viveo nelle, só trez vezes sahio fora. A primeira, quando foi receber fóra da Cidade a ElRey D. Affonso Henriques, a dar-lhe os parabens da victoria do Campo de Ourique, e do novo titulo de Rey, e a lhe pedir dêsse liberdade aos Christãos Mosarabes.

A



A segunda, quando foi chamado do mesmo Rey D. Affonso, estando em Coimbra doente de huma aguda febre, e taõ perigoza, que o tinha grandemente apertado, e estava desconfiado dos Medicos; porem com a prezença do Santo Prior logo teve alivio, e tomando-lhe a maõ direita para a beijar, só com a tocar se vio livre da febre. A terceira vez, quando foi chamado da Rainha D. Mafalda estando muito tempo em grande perigo de parto, e logo que o Santo Prior lhe fez o sinal da Cruz teve parto felicissimo.

E se não consta, que São Theotónio sahisse mais alguma vez fora do Convento de Santa Cruz de Coimbra, como foi soldado em Arronches? Vamos a outra couza.

12 VI. A fol. 73. (agora 227.) diz, que ElRey D. Affonso III. havia de amar muito a hum filho seu, se elle lhe não morrera menino. Os Historiadores referem as couzas passadas. As futuras só tocaõ aos Prophetas. Quem revelou ao Author este futuro contingente? Parece-me que se devem riscar as tais palavras.

Assim parecê, que se mandou; porque no dito lugar as vemos muito modificadas, como se pode ver.

13 VII. A fol. 113. (agora 393.) diz, que certos gentios fazem huma supersticiosa cerimonia de raparem as cabeças à maneira dos nossos Ecclesiasticos. Este modo de fallar não sôa bem; porque tacitamente dá a entender, que o uzo dos Ecclesiasticos em se raparem he supersticioso, com que para se tirar toda a duvida, me parece, que se devem riscar as palavras: à maneira dos nossos Ecclesiasticos.

Assim se mandou; porque nos Fastos impressos no lugar citado ja se não achão as taes palavras.

14 VIII. A fol. 152. (agora 513.) fallando do Veneravel Arcebispo D Fr. Bartholomeu dos Martires, diz: *Que na morte accrescentara o numero dos Bemaventurados.* Assim o cremos piamente; mas não o podemos afirmar assim, sem alguma modificação; com que se deve ajuntar aqui alguma.

Assim deve ser; porque a quem não está canonizado, nem beatificado pela Igreja, não se pode dar aquella expressão absoluta, sem alguma modificação, ou sem a costumada salva



do Protesto, que os Authores fazem no principio, ou no fim dos livros, que contem semelhantes expressões, ou epithetos de Beato, e Santo, depois da reforma, que neste particular fez o Papa Urbano VIII. no Decreto, que principia: *Cælestis Hierusalem*: expedido em 1631. que confirmou em 5. de Julho de 1634. e observa a Inquisição de Portugal; ibi: *Non admittantur elogium Sancti, aut Beati absolute*. A Chronica da Congregação de S. Joã Evangelista, que cita o Senhor Barboza, composta pelo Author do Anno Historico, tem no seu principio a salva daquelle Protesto; os tres tomos do mesmo Anno Historico tambem a tem no fim de cada hum; o tomo dos Factos, nem no principio, nem no fim tem Protesto algum; e se o tivera, não só podia o Senhor Barboza dar ao Veneravel Fr. Bartholomeu dos Martyres aquelle epitheto de *Beato*, mas o de *Santo Arcebispo*, como lhe dá o Author do Anno Historico na Chronica allegada da sobredita Congregação. E muito mais concordando aqui o epitheto de *Santo* com a dignidade Sagrada, e Pontificia de *Arcebispo*; da mesma sorte, que sobre a do Summo Pontifice cae o epitheto de *Santissimo* que lhe damos, dizendo: *Santissimo Padre: Beatissimo Padre: Santissimo Papa*: por ser Padre dos Padres da Igreja, donde provem o nome *Papa*; e não dizemos: *Santissimo*, ou *Beatissimo* Benedicto XIV. nem *Santo*, nem *Beato* Fr. Bartholomeu dos Martyres; porque aquelles epithetos não devem cair, e proferir-se immediatamente sobre os nomes pessoases, mas sobre as ditas dignidades Sagradas Pontificias. Isto, quanto aos Epithetos de *Beato*, e *Santo*, de que se falla na Critica, sem se advertir no muito; que estes epithetos, na forma explicada, differem da expressão especial, pessoal, e absoluta, com que o Senhor Barboza affirmava, e ainda affirma nos seus *Factos Impressos*, diffinitivamente (como faz o Summo Pontifice quando por sua sentença declara por *Bemaventurado* a algum servo de Deos) que o V. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres (palavras formaes do Senhor Barboza) *acrescentára na morte o numero dos Bemaventurados*. O que antes de o declarar assim o Pontifice, não deve estampar-se sem a modificação apontada na nossa censura; porque não podemos, sem alguma reserva, uzar da sobredita expressão, como nella se faz, *perfectè, & substantivè pro beatitatis titulo, quem militans Ecclesia ex causa religiose venerationis, & cultus tribuit iis, qui* sem-



*sempiterna beatitudine frui creduntur.* Pignatel. tom. 1. Consult. 79. numer. 4.

15 IX. Afol. 162. vers. ( agora 543. ) outra vez entra a profetizar à cerca de huma Infanta deste Reyno, dizendo, *que se vivera havia de ser cauza de grandes felicidades.* Parece-me que isto se deve riscar. E com estas emendas me parece, que não tem este livro couza, que seja impedimento a poder imprimir-se. Lisboa Santo Eloy 20. de Junho de 1713.

*Lourenço Justiniano de Annunciaçõ.*

Acabou a nossa cençura fielmente copiada, como se pôde examinar pelo treslado, que tem o Senhor Barboza, e pelo Original, que existe no Archivo do Santo Officio. E parece ( se não nos enganamos ) que não ficou desfeita pelas impugnações, e rasões Theologastricas do Senhor Barboza, como prometteo no fim do num. 1. da sua Apologetica Dissertação, deste modo: *Contra o censor das proposições, como está vivo affestarei os primeiros tiros, com que totalmente se derrubem os Chymericos fundamentos da sua critica.*

*Crede mihi, miseros prudentia prima reliquit,  
Et sensus cum re, consiliumque fugit.*

Ovid. Lib. 4. de Pont.

16 Se o Senhor Barboza advertisse bem nas solidas, e concisas rasões da sobredita cençura, que se lhe participou por especial favor, e merce, teria a summa docilidade, de que falsamente se recomenda no ultimo 2. do Prologo dos seus mesmos Fastos, e de que tanto se esqueceo nas suas criticas; nem abusaria com ingratitude, da benignidade, com que se lhe tolleráraõ os cinco pontos acima referidos, nem da singular licença, que se lhe concedeo para imprimir as criticas, e satyras contra os mesmos pontos, e contra o Qualificador, que os cençurou com a seriedade, e verdade, que se estaõ vendo na sobredita cençura. *Vos me, viri Athenienses, consultorem habebitis etiam inviti, calumniatorem verò ne si velitis.* Demosthen. in Bruson. lib. 1. cap. 16.

17 Bem pôdera o Senhor Barboza aprender da humildade, obediencia, e resignação do Author do Anno Historico, que notando-se-lhe na revista da Chronica, que escreveu da sua Congregaçõ, hum ponto historico sobre duas familias regulares, ( no qual *adhuc sub judice lis est* ) não duvidou aquelle



14

Religioso Author, nem teve por injuria (como não tiverão, nem tem infinitos Authores gravissimos, aos quaes se notaraõ algumas cousas) de fazer imprimir, não o que só bastava, *com todas as licenças necessarias*; mas todo o Despacho do Tribunal inteiramente como dizia: *menos oriscado, e com o emendado*, como aponta o Senhor Barboza num. 14. em afronta do mesmo Author; ao qual nem nesta parte extrinseca quiz sua mercê guardar o privilegio de morto nesta sua notavel, e notada Dissertação Apologetica. Aqui acaba a sua primeira parte, ou jornada primeira desta comedia nova, nunca vista, nem representada semelhante no Theatro Literario.

## II.

18 **N**umero 14. da Dissertação Apologetica. *Derubadas* (como diz o Senhor Barboza) *as maquinas criticas, que contra os Fastos levantou a rigida Theologia do Qualificador do Santo Officio*; ficando em pé toda a sua censura, como tem visto os leitores sabios; dá principio à sua investiva contra o Anno Historico. Estimaria muito seu Author, se fosse vivo, que todas suas obras se examinassem no tribunal da critica judicioza, especialmente de Lisboa, sempre fecunda, e feliz na produção de grandes sabios, dos quaes ainda he, e foi sempre julgado com grande respeito, e louvor, e de novo lhe fazem todos a merce de compararem a Critica do Senhor Barboza contra o Anno Historico Portuguez com a do Senhor Manêr contra o Theatro Critico Espanhol do Grande Mestre Feijó. Se aquelle Author fosse vivo facilmente responderia às accuzações do Senhor Barboza, com a energia, e concludencia, que costumava; de que deixou muitas provas publicas. E sendo certo, que mal pode ser substituido por hum ignorante, como com rasoão nos chama o Senhor Barboza em muitos lugares das suas criticas, contudo responderá pelo Author defunto a verdade, ainda que mal ministrada pelo mesmo ignorante, desfarmado de livros competentes, residindo distante de Lisboa, donde não he facil havellos, como tem experimentado. Porém: *Nihilò ad dicendum veritate facilius*. S. Hyeron. in Humil.

19 No mesmo numero 14. diz: *Como podia este Reve-*  
rent.



rendo Padre desempenhar argumento tão vasto com noticias tão succintas? Como? Escrevendo só as notaveis, que pôde colher no pouco tempo, que lhe restava das suas mayores, e bem notorias occupaões; e daquellas só o effencial; como se diz nos Prologos dos tomos 1. e 2. num. 6. Continúa o Senhor Barboza dizendo: *Quando contrahindo-se os Fastos ao Politico, e militar deste Reyno occupaõ o espaço do campo de seis volumes de folha?* Responde-se, que ainda não tem apparecido mais que o primeiro volume, o qual gastou em imprimir-se os annos, que vão de Setembro de 1713. em que foi expedito de todas as licenças Ordinarias, até o anno de 1745. em que sahio a luz. Se cada hum dos cinco volumes, que faltaõ, se dilatar outros trinta, e dous annos, tarde cumprirá o Senhor Barboza a sua promessa, de que o publico poderá desconfiar com o fundamento sobredito, e com o de ver o Senhor Barboza ja em idade senectaria (naceo em 23. de Novembro de 1686. como diz seu Irmaõ na Bibliotheca Luzitana Tom. 2. pag. 532.) dilatando-se tanto tempo em imprimir huma obra, que diz principiára na idade de vinte annos, como confessa no numero 1. da sua Dissertação Apologetica, e na pag. 1. do Prologo dos seus Fastos. Avultem estes embora (que bem largo tempo tiveraõ) muito mais no numero, e tamanho dos volumes, que fazem encher, e inchar as muitas, e inuteis franjas, e citas, que tem o primeiro, e haõ de ter os mais tomos, á maneira das allegações, que fazem os Rabolas Forences, para que as partes, e leitores populares se enganem com os vultos mayores, e os respeitem, procurem, e paguem melhor: que nós contentamo-nos com que os tres tomos piquenos, epilogados, e concisos do Anno Historico se aventajem, e excedaõ incomparavelmente, como dizem os Sabios, aos Fastos presentes, e prometidos, na multidaõ, e variedade de noticias, no valor, no estillo, na utilidade.

*Æstimat ut pretio sapiens, non pondere gemmas*

*Utilitate probat, sic quoque mentis opus.*

20 No mesmo num. 14. continua dizendo: *Para que os incautos não bebaõ na lição do Diario o veneno da falsidade, disfarçado na elegancia do estillo, lhe faço huma anathomia historica dos principaes erros, em que miseravelmente cahio o Padre Francisco de Santa Maria seu Author, sendo no Tribunal da Critica accusado por quem injustamente foi perseguido.* Confessa o Senhor Barbo-



boza no num. 1. da sua Differtação, que só pelo nome ( toda via!) e não de vista conhecia ao Author do Anno Historico, he de crer, que este, nem de vista, nem pelo nome conheceu ao Senhor Barboza; e se nunca se virão, nem trataraõ, nem se haviaõ arguido por obras, ou palavras, nem em escritos, ou composicoens algumas, falsamente forma, e affirma o Senhor Barboza aquelle juizo temerario contra o seu proximo, morto há trinta e quatro annos. Permitta-se dizermos, que parece mais poderosa no Senhor Barboza a emulaçãõ, ou a inveja, do que a razaõ, e a verdade. Se lhe examinarem o coraçãõ se achará nelle melhor animo, e conceito differente, do que escreve contra o Anno Historico, e contra seu Author: *Quem palàm oderat, clàm admirabatur*: Escreveo o Padre Famaõ Estrada em semelhante cazo.

*Invidia seculi non inuenere Tyrani.*

*Mayus tormentum.*

Quanto ao veneno da falsidade, dos erros, e mizerias, em que diz cahio aquelle Author, de que sua merce se constitue Juiz no Tribunal da Critica; se responde, que vista a defeza, e reposta, que adiante se dará por parte do Author do Anno Historico, não duvidamos, que seja julgado pelos juizes do seu foro, que só podem ser os do Tribunal da Critica judiciousa, e não os da Tertulia do Senhor Barboza, por que não podem ser juizes, sendo accusadores. Omittidas porrem, e perdoadas de muito boa vontade as innumeraveis calumnias, dicterios, e expressoens injuriozas, que na sua Differtação Apologetica, e Appendix nos faz o Senhor Barboza, entremos a examinar a anathomia de sua merce.

21 Numero 15. diz, que he falso, e duvidozo tudo o que se diz de S. Januario em 7. de Janeiro. Tudo o que o Author do Anno Historico escreveo naquelle capitulo he extrahido dos Authores, que cita o do *Agiologio Luzitano* no mesmo dia pag. 70. e 71. e de muitos Escritores deste Reyno, que seguem a mesma opiniaõ, como confessa o Senhor Barboza no fim deste seu numero 15. Logo ou sobre todos devia fazer aquella censura, ou não devia condenar ao Author do Anno Historico do crime de falsidade, que não cometteo em escrever o mesmo, que tinhaõ escrito os Escritores deste Reyno.

22 Num. 16. Quanto ao Confilio Eliberitano, seguiu o Author



Author do Anno Historico ( que bem o podia fazer ) a opi-  
 niãõ dos Authores , que no lugar citado no numero antece-  
 dente , segue o mesmo *Agiologio* com as palavras seguintes.  
*Aquelle Concilio* ( Eliberitano ) a que assistio S. Januario , foi Na-  
 cional , e o primeiro de toda a Universal Igreja , depois do que  
 os *Apostolos* celebrãõ em Jerusalem. As mesmas formaes pala-  
 vras , nem mais , nem menos , sãõ as que unicamente neste  
 ponto se dizem no Anno Historico , e por fazelo assim seu  
 Author , não merecia , que o dos *Fastos* dicesse o seguinte : Do  
 que se convence com a mayor certeza ( Boa certeza em pontos  
 tão controvertidos na Historia Ecclesiastica ! ) a falsidade , que  
 escreveu o Padre Santa Maria à cerca do Concilio Eliberitano ...  
 Que não sabia escrever segundo as regras da critica ( sim senhor,  
 em duas unicas regras de huma Epithome ) porque as noticias  
 ( do Senhor Barboza ) não foi Deos servido , que as soubesse ...  
 O que se lhe adverte agora ( a bom tempo ) com pouca gloria do  
 seu Diario. Responde-se , que não sãõ estas as acçoens de  
 graças , que o doutissimo Senhor Barboza deve dar a Deos  
 Nosso Senhor por lhe dar mayor talento , cabedal , e vastidaõ  
 de ciencias , e noticias , do que deu ao Author do Anno Historico.

23 Numero 17. censura dizer-se no Anno Historico a 12.  
 de Fevereiro , que o Beato Calidonio Arcebispo de Braga fa-  
 lecera no anno de 611. e naquelle lugar , não se diz assim,  
 mas indeterminadamente pelos annos de 611. o que he muito  
 differente , e se não affirma o dito anno. Mas valha a verdade:  
 Equivocou-se o nosso Author lendo juntas no *Agiologio Luzi-  
 tano* pag. 418. e 419. duas authoridades com diversas datas ; hu-  
 ma de Dextro , que o mesmo *Agiologio* refere assim : *chega a*  
*sua memoria* ( de Calidonio ) *na cadeira até quazi o anno de*  
*268. pois neste achamos ja nella S. Narciso seu successor : Ca-*  
*lidonio* ( diz Dextro ) *ad quem scribit S. Cyprianus , successit*  
*Narcisus.* Outra authoridade , com data differente , he de  
 Marco Maximo *ad ann. 612.* ( aqui esteve a equivocacão ) *suc-*  
*cedit Narcisus Calidonio , ad quem scripsit S. Cyprianus , cujus*  
*epistolas transmittit ad omnes Hispanie Metropolitanos.* Consistio  
 a equivocacão do nosso Author em tomar huma data por  
 outra , devendo escrever 268. Isto succede muitas vezes  
 ( como em semelhante cazo diz o insigne Feijó ; e não me lem-  
 bra em que parte ) principalmente aos engenhos sublimes , os  
 quaes sãõ mais sujeitos a distracçoens , porque a sua velo-  
 cidade,



cidade; e agilidade intellectual os difrae, e arrebatá algumas vezes dos objectos que tem presentes, a outros distantes. Na folha das erratas se advertirá tambem esta, como nos livros se costuma, nos quaes são frequentes estes anacronismos. Ao que diz neste numero sobre as noticias sagradas do Anno Historico, extrahidas dos Authores Portuguezes, e Castelhanos; como repete o mesmo no num. 34. do Appendix, por não respondermos duas vezes á mesma repetida critica, o faremos no dito lugar §. 103. desta nossa resposta. E quanto ao que ultimamente diz neste numero, em que estamos, de não se citarem Authores no Anno Historico, está respondido nos Prologos do primeiro, e segundo tomo, a que remettemos os leitores.

24 Numero 18. Pertende defender a certeza do casamento delRey D. Pedro com D. Ignez de Castro contra a duvida, com que se refere no Anno Historico, e mudança de opiniaõ, que seu Author fez seguindo a dos mais, melhores, e antigos Escritores deste Reyno, que daõ por duvidoso o mesmo casamento, como ja dissemos, respondendo neste ponto ao primeiro Senhor Barboza no Prologo do Tom. 2. num. 15. até 20. a que remettemos os leitores; onde acharão resposta a tudo o que diz neste numero o segundo Senhor Barboza; menos às *calumnias de ignorancia, de faltas de memoria, de respeito, de não saber ler com juizo, e attenção o Author do Anno Historico* (como diz sua mercê) cuja resposta só pertence aos mesmos leitores, depois de vistos os referidos lugares, e tambem os que adiante havemos de tallar no mesmo ponto, repetido muitas vezes pelo Senhor Barboza.

25 Numero 19. diz, que a vitoria naval conseguida nos Mares de Malaca por Mathias de Albuquerque, fora contra os Achens, e não contra os Jãos, como se diz no Anno Historico. Responde-se, que a Ilha Jaõa só hum canal a divide da de Samatra, dominada de diversos Reys, em que entra o Achem, como escrevem Barros, Decad. 4. Liv. 1. cap. 12. fol. 39. Faria, Asia Portug. Tom. 1. Part. 3. cap. 5. num. 1. Fr. Anton. de S. Rom. Hist. de la Ind. lib. 2. cap. 4. pag. 215. col. 2. lib. 1. cap. 27. pag. 166. col. 1. Pelos annos de 1574. sendo Tristaõ Vaz da Veiga Capitaõ de Malaca, a mandou fittiar por mar, e terra a Rainha Soberana dos Jãos pelo seu General Quiaydaman com 15. mil escolhidos dos Jãos, e 300. velas,



velas, de que se alcançou a vitoria, que refere o Anno Historico em 11. de Janeiro num. V. e tambem do Achem, que ao mesmo tempo tinha accommettido Malaca por Ilher, como diz Faria Tom. 2. Part. 3. cap. 14 n. 4. 6. 7. Depois no anno de 1577. intentáraõ os Jãos, auxiliados dos Achens, vir segunda vez sobre Malaca com outra poderosa Armada, e encontrando-a casualmente no Mar Mathias de Albuquerque, que discorria pelos mares do sul, alcançou a vitoria, que referem no primeiro dia de Janeiro os Escriitores do Anno Historico, e dos Fastos; os quaes foraõ ambos diminutos; o primeiro, em fallar só nos Jãos; o segundo só nos Achens, conforme a relação, que muitos annos depois deu em Goa Amador da Costa Irmão leigo da Companhia de Jezus, que naquelles tempos assistia em Malaca, e não prezenciou a referida batalha naval, nem pessoa alguma da dita Cidade, porque succedeo em grande distancia do mar de Malaca, como escreveo (referindo-se unicamente ao simples dito do mesmo leigo) o Padre Francisco de Souza da Companhia, que cita o Senhor Barboza, pela sua parte, no Orient. Conquistado Tom. 2. Conq. 3. Divis. 2. num. 9. pag. 337. Faça o leitor o juizo, que quizer.

26 Numero 20. diz, que a vitoria alcançada por Nuno da Cunha, Governador da India em Baçaim, que não dista muito de Goa, fora em 20. e não em 5. de Janeiro de 1533. como está escrita no Anno Historico, conforme se colhe de Barros Decad. 4. liv. 4. cap. 22. pag. 253. n. 30. reg. 2. na entrada do anno de 1533. a quem segue Couto, Decad. 4. liv. 8. cap. 4. Faria, Asia Portug. Tom. 1. Part. 4. Cap. 4. Mariz, Barbuda, San Roman, e todos os Escriitores da India, menos só Castanheda, e Andrada, que poem a dita vitoria, e destruição de Baçaim em 20. de Janeiro, e não foraõ seguidos nesta parte de outro algum Escriitor, por equivocarem o dia, em que depois, no anno de 1536. fundou Nuno da Cunha em Baçaim a Fortaleza, com o dia, em que no anno de 1533. venceo, e destruiu a mesma Cidade, como se escreve no Anno Historico; para cuja averiguação se pode tambem ver Couto acima citado liv. 9. cap. 2. fol. 173. e tambem a addição, que escreveo Lavanha no fim do cap. 27. do liv. 4. da Decad. 4. de Barros, Faria, Asia Portug. Tom. 1. Part. 4. Cap. 6. §. 17. Enganou-se o Senhor Barboza no anno da fundação daquella Fortaleza, affinando-lhe nos seus Fastos pag. 245. o



anno de 1522. nõ qual ainda Nuno da Cunha estava em Lisboa, sem estar nomeado Governador da India; porque no anno de 1528. foi nomeado, e sahio de Lisboa com onze navios, como diz Faria com todos os Escritores da India Azia Portug. Tom. 1. P. 4. cap. 3. §. 1. Se o Author do Anno Historico cahira neste anacronismo, que escarceos faria o Senhor Barboza

27 Numero 21. diz, que a conquista de Mangalor fora a 5. e não a 6. de Janeiro. Responde-se, que visto attentamente o lugar de Couto, que cita o Senhor Barboza; não obstante ser aquella Cidade entrada no dia 5. só no dia 6. em que tornou a desembarcar toda a nossa soldadesca a continuar a mesma empreza, se vio Senhora do Campo, depois de o ver limpo de todos os esquadrões do exercito contrario, que se compunha de doze mil soldados, os quaes em todo o dia antecedente appareciaõ em magotes, ainda depois de destruida a Cidade, como diz o mesmo Couto, e só entãõ no dia 6. se deu por concluida, e consumada aquella conquista, e se intentou fazer logo, como se fez, Fortaleza; e em menos de quinze dias (diz Couto, com que tambem se confirma o sobredito) se abriãõ os alicerces à roda, e em vinte de Janeiro, dia de S. Sebastiaõ, lançou o Vice-Rey a primeira pedra. Sendo, pois, como dizem todos os Escritores, a fundação desta fortaleza de Mangalor logo depois no mesmo mez, e no mesmo anno de sua conquista; a esta affina o Senhor Barboza o anno de 1566. e àquella fundação o anno de 1567. como se vê nos seus Fastos pag. 78. e pag. 250. De semelhantes, e mayores anacronismos estaõ cheyos os Fastos, porque seu Author cuidou mais em cençurar os alheyos, do que em emendar os proprios. He muito para estranhar, e reprehender (disse o Divino Mestre) a inconsideração dos que vendo o argueiro nos olhos alheyos, não viãõ a trave nos seus; e que aostaes era justo, e licito se dicesse: Que tirassem primeiro a trave dos seus olhos, e que depois tirariaõ o argueiro dos olhos de seu irmão. Luc. 6. 41. 42.

28 Numero 22. Assim he, como diz o Senhor Author dos Fastos. Errou o Author do Anno Historico nos Pays, que deu à Senhora D. Serafina em 6. de Janeiro; porque se guiou por huns manuscritos que da descendencia da Serenissima Casa de Bragança lhe participou certo Genealogico desta Corte, que daquelle modo davaõ aquella noticia. Depois guiado por melhores documentos, deu em 22. de Fevereiro num IV.

à mes-

A mesma  
esta segun  
primeira  
crevem  
Anno H  
imprimi  
occupad  
torio.

29  
Anno E  
Genera  
depois  
Genera  
va rom  
Elvas,  
se acha  
que es  
disto n  
ticia;  
memor  
mo ter  
ta, na  
mostra

O que  
houve  
tomad  
correr  
de arbo  
se tinh  
particip  
por est  
da me  
pag. 19  
necessid  
ro o di  
tado p  
em que  
te prec  
o nosse



21  
à mesma senhora os seus verdadeiros Pays; e quando escreveo esta segunda noticia, não se lembrou de como tinha escrito a primeira para emendalla; como succede aos Authores, que escrevem sobre tantas, e tão diversas materias, como são as do Anno Historico; cuja correccão guardava para quando se fosse imprimindo, o que não pôde fazer por se achar nesse tempo preoccupado da grande enfermidade, de que morreo, como he notorio.

29 Numero 23. diz, que he falso o avizo, que se diz no Anno Historico a 14. de Janeiro num. IV. mandára o famoso General D. Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede, depois primeiro Marquez de Marialva, a D. Luiz de Aro, General Castelhana, do dia, e lugar, pelo qual determinava romper as linhas, e trincheiras, que cercavaõ a Praça de Elvas, e a razaõ, que dá o Senhor Barboza, he: porque não se acha tal noticia na segunda Parte de Portugal Restaurado, que escreveo o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes; e disto não se segue, que se deva arguir de falsa a sobredita noticia; porque a acharia o Author do Anno Historico em outras memorias, e relações de igual fé daquella batalha, e do mesmo tempo; do qual até o presente correo sempre por verdadeira, não só neste Reino, mas nos Estrangeiros, como logo mostraremos.

*Hoc satis fama refert, & super æthera tollit.*

O que se colhe do mesmo Portugal Restaurado he, que não houve grande segredo na resolução, que em conselho se tinha tomado do dia, e da parte, porque se havia determinado socorrer Elvas, nem havia tempo, mas perigo grande de mudar de arbitrio, e de se tomar outra resolução differente da que se tinha assentado; nem havia caminho, pelo qual se pudesse participar a D. Sancho Manoel Governador da mesma Praça; por estar impedido o que antes havia, quando se lhe fez aviso da mesma resolução, como se lê em Portugal Restaurado pag. 198. Não foi logo imprudencia fazer aquelle General da necessidade virtude, e heroycidade, mandando a D. Luiz de Aro o dito aviso, que elle ja sabia, como se diz no lugar citado pag. 193. Tão certo estava o General Castelhana do dia em que havia ser accomettido pelo Portuguez, que na noite precedente convocou os seus Generaes, e lhes representou o nosso atrevimento, e os exhortou com a falla, que refere



Julio de Mello de Castro na vida do primeiro Conde das Galveas pag. 216. n. 129. Mas porque o dia seguinte, determinado para a batalha, appareceo coberto de huma espeda nevoa, se persuadirão os Castelhanos, que ja naquelle dia não poderiam ser accommettidos, e por isso retiráraõ as tropas do lugar, pelo qual haviamos dar principio à batalha, como se deu pelo mesmo lugar, e no mesmo dia assinalado, não obstante a nevoa, como se diz no proximo lugar citado 218. n. 132. e em Portug. Restaurad. pag. 201. E assim não colhe a consequencia tirada pelo Senhor Barboza, do que não colheo bem no mesmo Portugal Restaurado. Mas deixadas rasões de congruencia, e de fama publica, a qual, sendo boa, se costuma diminuir, e desfazer; satisficamos ao Senhor Barboza, apontando-lhe Author grave, que refira a noticia do mesmo sobredito aviso; e seja Author Estrangeiro, e Clerigo Regular da Divina Providencia, como foi o P. D. Caetano Passarello, Prédador da Capella Real d' El-Rey Carlos II. e Censor da Inquisição de Castella, o qual no livro *Bellum Lusitanum*, que escreveo dos successos, e guerras da felice, e sempre memoravel Acclamação de Portugal, fallando da nossa vitoria das linhas de Elvas, lib. 6. pag. 290 diz assim:

De Cantagnede maxime comite hujus Exercitus Duce sæpè audivisse meminimus, nec id vel à fastu, vel ab indole Lusitana dissentit, priusquam ab Estremotio movisset, per litteras Aro prænuñciasse, qua ipse die, qua enim hora, subsidio focis venturus esset, quibus subnixus copiis, qua parte vallum scissurus esset, quid ad pugnam consilii, quid animi afferret. Tantoperè valet animus cujus tantummodó intuitu alio alius homo præstantior est.

Semelhante recado mandou o mesmo Marquez de Marialva ao de Carracena, Capitaõ General do Exercito Castelhana, que estava sobre Villa Viçosa, no dia antecedente ao da nossa famosa vitoria de Montes Claros, que poz fim àquellas guerras, e deu a ultima sentença na causa da nossa liberdade; como se diz no Anno Historico Tom. 2. pag. 228. ediz tambem o referido Passarello Lib. 9. pag. 415. Certamente nesta parte deve mais aquelle nosso famoso General Portuguez aos Escriitores Castelhanos, do que ao Senhor Portuguez Barboza. Com acções bizarras, e extraordinarias se sobe ao heroismo. Assim principiou o do famoso Condestavel D. Nunno Alvares Pereira,



ra, o qual, não obstante se achar com muito desigual poder avisou aos Generaes Castelhanos de que os hia atacar, como fez, conseguindo delles a sua primeira, e celebre vitoria chamada dos Atoleiros, como uniformemente dizem os nossos Escretores antigos, e modernos.

30 Numero 24 diz, que o Author do Anno Historico, como furioso, e desatinado, fez a El-Rey D. Pedro I. não menos que perjuro, quando affirmou no *Ceo Aberto na terra* haver-se desposado com D. Ignez de Castro, e depois escrever no *Anno Historico* aquelle casamento, como duvidoso. Responde-se, que no Prologo do Tom. 2. do mesmo Anno Historico num. 15. até 20. a que remettemos os leitores, ja mostramos a falsidade daquelle dito, e daquelle consequencia, que no Catalogo das Rainhas armou o primeiro Senhor Barboza, (o qual he o que expressamente fez perjuro ao mesmo Rey, como apontamos no dito Prologo num. 18.) e agora repete o segundo Senhor Barboza neste numero, e ja repetio acima q. 24. num. 18. e ainda ha de repetir adiante em muitos mais numeros, nos quaes responderemos mais à mesma Critica. Ao mais, que diz no presente numero, se responde, que na Chronica da Congregação de S. João Evangelista, impressa em 1697. dezafete annos antes, que o Anno Historico, sim fez o mesmo Author a El-Rey D. Pedro I. aquelle elogio brevissimo, como fez do mesmo modo a todos os Reys de Portugal, em que não se demorou por não pertencer áquelle lugar o tal assumpto. No Anno Historico, porém, não devia seguir concisaõ tão estreita, e era obrigado a estender, como fez, todo o caracter dos mesmos Reys, e referir com verdade as suas acçoens, de que tivesse noticia, e tambem conforme outras, que depois achasse mais estabelecidas, podia mudar de opiniaõ, de conceito, e de relação diferente, á que tinha dado em outra obra sua: *Variatur quotidie judicium, & in contrarium vertitur.* Senec. in Epist. Senhor Barboza, não tem achado isto mesmo em infinitos authores, não só de Historia, mas de todas as facultades? Quando sua merce foi juiz no Brazil, não reformava alguns despachos, e algumas sentenças, que havia dado, e não mudava do seu parecer primeiro com as razões, allegações, e Direitos, que depois achava, e se lhe offerenciaõ de novo? *E que furia, que desatino, que blasfemea, que necidade, que malicia* (como tudo diz sua merce) commetteo o Author do Anno Historico



em escrever del Rey D. Pedro I. alguns excessos, que obrou na administração da Justiça, assim como se achão estampados em innumeraveis livros? Os quaes excessos se referem no Anno Historico com a modificação de serem executados, e excedidos só no modo, e circumstancias, sem se callarem as acçoens de ternura, grandeza, liberalidade, devoção, e christandade do mesmo Rey; como podem ver, e examinar os leitores no lugar citado. Outro tanto não fizeraõ alguns Escritores nossos, nem os Castelhanos o fizeraõ assim no que escreveraõ do seu Rey D. Pedro Cruel. Illescas, Hist. Pontif. Tom. 2. lib. 6. cap. 19. fol. 116. e moderna, e fortemente o Illustre Mestre Feijó no Tom. 4. do Theatro Critico, Discurso 13. numero 80. pag. 360. a que remettemos os leitores. Em nenhuma Monarchia do Mundo foraõ os seus soberanos todos iguaes, e perfeitos; nem pode ser, sendo homens. O Author do Anno Historico muito bem sabia, que a Historia, como mestra da vida humana, ensina com os exemplos; e que dos Principes, ou sejaõ Seculares, ou Ecclesiasticos, não se devem escrever os vicios pessoases, e efeitos da fragilidade da humana natureza, enferma, e corrupta; mas sim as virtudes para se imittarem; os erros para se emendarem, e para se fogirem; as faltas, e excessos publicos, que tiveraõ na administração do seu officio, para lição, e cautella dos successores, como advertem os famosos Barros, Decad. 3. Prolog. fol. 3. Brandaõ, Monarch. Luzit. Part. 4. liv. 12. cap. 31. Solis, Hist. de Mex. liv. 1. cap. 13. Sávedra, Coron. Goth. cap. 9. e outros infinitos Mestres da Historia. Quantas censuras, e criticas vemos, e quam pouca razão, quam pouco fundamento vemos nellas!

31 Numero 25. diz, que se enganou miseravelmente o Author do Anno Historico na conta da idade de D. Diniz de Mello de Castro primeiro Conde das Galveas, privando-o de dous annos de vida. Isto diz o Senhor Barboza por haver dito aquella Author no elogio do mesmo Conde a 18. de Janeiro, que na idade de 83. annos fora nomeado Governador das armas do Alentejo; porque assim lhe participou certamente aquella, e as mais noticias do mesmo Conde, seu sobrinho Julio de Mello de Castro, que depois imprimio a sua vida. Senhor Barboza, como se privou no Anno Historico ao primeiro Conde das Galveas de dous annos de vida se nos Factos pag. 216. lhe assina sua mercê a mesma idade de 85. annos,



nos, e o mesmo dia, e anno da sua morte; como se tinha escrito, e se vê no Anno Historico? Rogamos aos leitores, que depois de lerem, e examinarem hum, e outro lugar, resolvaõ qual foi maior miseria, se a daquella equivocação alheya, e leve, dos annos em que se renderão as Praças de Valença, e Albuquerque, ou a miseria, em que cahio o Senhor Barboza, de fazer tal critica? a qual está galante, e tanto de sua satisfação, que no numero 34. torna a repetir, e lamentar a mesma miseria daquelle tão notavel roubo, engenhosamente descoberto, e reflectido pelo Senhor Barboza. E que gastemos tempo em responder a criticas tão feyas, frivolas, futeis, só para instrucção da gente popular; porque della se compoem a mayor parte do Mundo? *Oh tempora! oh mores!*

32 Numero 26. diz, que he erro indisculpavel, e ignorancia mais supina, que se não achará em quem principiasse a ler a Historia de Portugal, dizer o Author do Anno Historico em 20. de Janeiro, que o Santo Rey Wamba morrera no anno de 672. Responde-se, que se o Senhor Barboza quizesse ler no Tom. 3. do mesmo Anno Historico a 19. de Setembro num. I. pag. 71. em que aquelle Author escreveu a unção do mesmo Santo em Rey dos Godos no dito dia de 672. acharia, que fora engano, affinar-se o mesmo anno pelo da sua morte, e o desculparia, como se faz aos Authores, cujas obras se imprimirão depois de mortos. Na folha das erratas se accrescentará mais esta, que aponta o doutissimo Senhor Barboza, corrector exactissimo.

33 Numero 27. diz, que a vitoria conseguida por Mem de Sá no Rio de Janeiro contra os Tamoyos, auxiliados pelos Francezes, fora a 17. de Março, e não a 20. de Janeiro. Responde-se, que no dia, e anno daquella noticia, e de quando principiou no Brazil o governo de Mem de Sá, escreverão muitos com grande differença, variedade, e confusão nos annos; mas quazi todos affirmão, que Mem de Sá alcançara a dita vitoria no segundo anno dos quatorze, que governou aquelle Estado. O nosso Author seguindo a opiniaõ, que lhe pareceo mais verisimel, mais antiga, e coeva daquelles tempos, e mais conforme ao computo dos quatorze annos do dito governo, poem o seu principio no anno de 1555. e aquella vitoria em 20. de Janeiro pelos annos (nume-



ro redondo, que inclue mais ou menos) de 1556. como achá-  
ra nos livros porque se governava com Pedro de Mariz De-  
var. Hist. Dialog. V. cap. 2. impressão do anno de 1594. e co-  
mo daõ a mesma noticia as Memorias manuscritas dos Missio-  
narios do Brazil daquelle tempo, e de igual fé, que se con-  
servaõ na fagrada Companhia de Jezus, pelas quaes se gover-  
naraõ os Escretores da opiniaõ do nosso Author. Quanto ao dia  
17. de Março, que se assigna na carta de Mem de Sá, nova-  
mente descuberta, de que naõ tiveraõ noticia tantos Authores,  
que escrevêraõ daquellas guerras, e agora cita o Senhor Bar-  
boza na gaveta extravagante da Torre do Tombo, se respon-  
de, que desse trabalho nos livrou seu amigo, e correspondente  
Critico o Padre Fr. Manoel dos Santos, que modernamente a im-  
primio na sua Historia Sebastica lib. 1. cap. 6. p. 36. no anno de 1735.  
(tempo fatal de semelhantes achados, ou fabricados descobrimentos  
modernissimos) vinte e dous annos depois de se imprimir a pri-  
meira vez no anno de 1713. aquella noticia no tom. 1. do An-  
no Historico. Parece, que pode adaptar-se tambem para aqui  
o que abaixo dizemos numero 94. *qui legit, intelligat.* Math.  
24. 15.

34 Numero 28. assim he: Enganou-se o Author do An-  
no Historico no anno de 1551. em que poz o nascimento d'El-  
Rey D. Sebastiaõ; naõ se lembrando de haver escrito, que  
em 2. de Janeiro de 1554. morrêra o Principe D. Joaõ, Pay  
do mesmo Rey, teu filho posthumo. O mesmo, e ainda ma-  
yor descuido se acha na Europa Portug. Tom. 3. Part. 1. em  
que pondo Faria o nascimento d'El-Rey D. Sebastiaõ no anno  
de 1554. no cap. 1. pag. 3. num. 1. diz no mesmo cap. pag. 34.  
n. 64. o seguinte:

Ello es cierto, que quando D. Luiz de Ataide passõ la  
primera vez a governar la India *el año de 1560 en que El-  
Rey tenia solos 14. y 3. mezes de edad*, le llamó, y diõ-le  
una instruccion escrita de sú mano, y ditada de sú dis-  
curso, sin intervenir otro alguno: porque entrando solo  
donde tenia un bofetillo con recaudo de escribir tomõ  
la pluma, y puesto de rodillas la escribiõ tan breve de  
clausulas, como dilatada de admirable juicio, y zelo.

E continûa Faria o mesmo, que se diz no Anno Historico em  
12. de Março, assignando-se o anno de 1565. com que se ad-  
verte, e desculpa de algum modo o engano de se assignar no an-  
no



no de 1551. aquelle nascimento, devendo ser o de 1554. Também o Senhor Barboza se enganou no mesmo numero 28. da sua Critica, dizendo, que o *Author do Anno Historico* não se lembrara de ter escrito na *Diaria em vinte* (assim o diz por letra) de Janeiro de 1554. a morte do Principe D. João, e que dalle nascera (nasceo da Princeza) posthumo D. Sebastião; e tais palavras se não dizem no dia vinte, mas no dia dous de Janeiro, e sem a impropriedade advertida. *Estas faltas de memoria, estes sonhos, estes enganos caducos, estes erros palmares*, que o Senhor Barboza diz neste numero teve o *Author do Anno Historico*, em que também se comprehende sua merce, e Faria, não são tão indisculpaveis, como a mesma sua mercê grita, principalmente deixando os mesmos *Authores* escrito, nos mesmos, ou em outros lugares das suas obras, noticias, com que as menos advertidas se desculpaõ, e satisfazem.

35. Numeros 29. 30. 31. diz, que a morte de Nuno Fernandes de Ataide não fora em 25. de Janeiro, mas em Mayo; e também poderá dizer, que fora no mez de Julho; por que assim o diz Faria. *Afric. Portug. cap. 7. §. 144. pag. 134. 135.* Diz, que os Achens levantáraõ o cerco de Malaca em Setembro, e não em 28. de Janeiro; e que em 31. não fora a batalha dos Atoleiros. Responde-se que em outros livros, por que não leo o Senhor Barboza, acharia o nosso *Author*, que as noticias referidas succederaõ nos dias, em que as pôz no *Anno Historico*. He muito frequente nos livros da *Historia antiga, e moderna*, e ainda na do tempo presente, a variedade nas datas dos dias, e annos, como continuamente se experimenta. He isto tão certo, e geralmente sabido, que he desnecessario procurarmos testemunhas (como ja dissemos no *Prologo do Tom. 2. §. 3.*) que abonem as datas das noticias impugnadas pelo Senhor Barboza; o qual tem por erro, e falsidade tudo o que não he conforme ao que escreveo; porque só a elle, e a ninguem mais, pode ser livre o seguir, eger, e dar por certa a sua, e não outra alguma opiniaõ historica, como se atreve a dizer no *Prologo dos seus Fastos pag. 9.*

Podendo segurar (são palavras formaes) que todos os successos, que se relataõ nos *Fastos*, vão collocados em dias certos, ainda que na sua collocaõ variaßem os *Authores* da nossa *Historia*.

Impossivel cousa ! notavel facecia ! estupenda audacia ! Mas com



com licença de sua mercê; em abono da opinião do Author do Anno Historico está a que geralmente se tem do seu caracter, da sua literatura, e da ingenuidade, com que confessa em algumas noticias, de que não achava datas, dizendo em humas: *ignoramos o dia*; em outras: *ignoramos o anno*. Não tira as cousas dos eixos, em que as achou, refere o certo, como certo, deixando o duvidoso na mesma duvida, que achava no que lia, que he o que mais acredita a verdade, e sinceridade de quem não escreve historia solta, seguida, e determinada, mas huma Epitome de tantos, e tão diversos assumptos, como são os do Anno Historico, em que se não podem, nem devem questionar opinioens sobre os dias, e annos dos successos, que com grande variedade escreverão os Authores; e para que digamos tudo de huma vez, seja abonador das datas, dos dias, e annos em que se poem as noticias no Anno Historico, não este, nem aquelle, nem outros quaesquer Authores, se não hum tal, tão egregio, eximio, e maximo, que satisfaça, e encha inteiramente toda a presunção do Senhor Barboza. Mas quem pode ser aquelle? Quem! O mesmo Senhor Barboza, que nos fez a mercê de tomar por sua conta, não só a sobredita abonação, mas também a resposta de quasi todas suas criticas com o que confessa, e escreve na pag. 8. do Prologo dos seus Fastos, e copiaremos aqui pelas suas fórmaes palavras, que se seguem.

Disposto o methodo, e eleito o titulo da obra, se me offereceo hum dos mayores obstaculos, para o seu progresso, qual foi a differença, e contrariedade, que encontrei em os nossos Authores, relatando hums os mais celebres successos da Historia Portugueza em dias muito diversos do que outros os collocarão. Desta contradicção podéra formar hum largo catalogo, e somente em beneficio da brevidade repetirei alguns successos, e delles se conhecerá o immenso trabalho, que foi preciso para seguir a verdade solida (na presunção do Senhor Barboza) sem respeito à authoridade mal fundada. A batalha, em que D. João Pereira desbaratou a Soleymão Agâ escreveo João de Barros a 7. de Fevereiro; e Fernam Lopes de Castanheda a 9. do dito mez. A memoravel, e sanguinolenta conquista da Ilha de Beth a poz a 2. de Fevereiro Castanheda, e a 9. João de Barros. A gloriosa conquista



ta da Villa de Santarém obrada em 8. de Mayo a col-  
 locaraõ huns a 15. de Março, outros a 7. de Mayo,  
 e outros a 15. de Fevereiro. A Cidade da Bahia con-  
 quistada no primeiro de Mayo affirmáraõ Faria, e Ta-  
 mayo, que fora a 20. de Abril. A vitoria dos Mala-  
 bares alcançada por Gil Fernandes de Carvalho em 15.  
 de Mayo consagrado a Ascençaõ de Christo S. N. a  
 equivocou Manoel de Faria e Souza com a Assump-  
 ção da Senhora, que he a 15. de Agosto. A conquista  
 de Ceuta, primogenita das nossas vitorias ultramarinas,  
 a collocáraõ Souza, Faria, e outros a 14. quando Lo-  
 pes, Brito, Esperança, Vasconcellos, e Barbuda es-  
 creveraõ, que fora a 21. A conquista de Alcaçer seguer  
 seguiraõ muitos, que fora a 19. sendo a 23. de Ou-  
 tubro. A famosa conquista de Lisboa pelo invenfivel  
 braço d'ElRey D. Affonso Henriques foi collocada por  
 huns a 21. de Outubro, e por outros a 25. do dito  
 mez. Sendo a conquista do Morro de Chaul a 2. de  
 Setembro, Faria escreveu, que succedera a 22. Para  
 o dia da morte d'ElRey D. Affonso III. assináraõ huns  
 o dia 16. de Fevereiro, e outros o de 20. de Março;  
 e para a d'ElRey D. Duarte se affirmou ser em 9. ou  
 19. de Setembro. A batalha de Canas, celebre pela fa-  
 tal derrota dos Romanos, foi assinada por huns Escri-  
 tores a 2. de Agosto, e por outros a 22. do dito mez.  
 Atéqui o Senhor Barboza. Se sua mercê fizera mais largo este  
 catalogo, como dezejava, e diz acima, sem duvida meteria  
 nelle as noticias ( menores, que as sobreditas ) que rezervou  
 para impugnar na sua Apologetica Dissertaçaõ, e no seu A-  
 pendix, os dias, em que se collocaõ no Anno Historico; e  
 livrava-se, quando menos, daquelle trabalho, que teve taõ  
 grande, inutil, e indecente; e a nós da molestia de buscar-  
 mos, e revolvermos tantos livros, só por satistazer ao Senhor  
 Barboza; com tudo, sempre lhe ficamos na obrigaçaõ de con-  
 fessar perfeitamente a variedade dos Authores na Chronologia,  
 e assinaçaõ dos successos da Historia; abonando deste modo a  
 do Anno Historico; e por conta dos leitores fica a liberda-  
 de ( que naõ pode tirar-lhes o Senhor Barboza ) de eleger ca-  
 da hum a opiniaõ, que lhe parecer melhor, segundo a que  
 fõrmar dos mesmos Authores.



36. Número 32. diz, que morreu D. Francisco de Bragança no primeiro de Fevereiro, e não no ultimo dia de Janeiro, como se diz no Anno Historico, conforme as noticias porque seu Author se guiava. Esta differença de hum dia para outro, principalmente se a morte succede de noute, e fica a duvida se foi antes, ou depois da meya noute, he frequentissima na Historia antiga, e moderna; e continuamente a estamos ouvindo, e experimentando nas noticias de muitas pessoas grandes, que conhecemos. Mas no que tem muita graça o Senhor Barboza, he em dizer, que seria mais desculpavel o erro, se fosse mayor, e pozesse o Author do Anno Historico aquelle falecimento em 31. de Julho: e porque? Porque assim o diz o Epitaphio errado (como são muitos) que está na Igreja de S. Roque desta Corte. E poderá acrescentar o Senhor Barboza: cuja opiniaõ segue meu Inmaõ o Reverendissimo P. D. Jozeph Barboza no catalogo do Collegio Real de S. Paulo da Universidade de Coimbra. pag. 264.

37. Número 33. diz, que não podia o Vice-Rey D. Constantino de Bragança sair de Goa em 2. de Fevereiro para conquistar Damaõ, sendo, como foi, ganhada esta Praça no mesmo dia. Responde-se, que da forte, que naquelle capitulo se achão escritas as suas primeiras palavras em 2. de Fevereiro num. III. podem alguns fazer o sentido da critica por culpa, ou de saltar algumas palavras o Impressor, como costumão, ou por não fazer ponto depois das primeiras palavras seguintes: *No mesmo dia anno de 1559. começando, como devia, a palavra, que se segue sahio com letra grande. Com aquellas primeiras palavras do capitulo expressou o Author, que a dita conquista se conseguira naquelle dia, e por isso em todo o mesmo capitulo não repete a mesma affinaçãõ do dia, em que fora ganhada a dita Praça, pelo ter dito nas referidas primeiras palavras, que era só o seu intento, como se colhe de tudo, o que se diz no mesmo capitulo, por ser o dia da conquista mais notavel do que o dia em que sahio de Goa a Armada.*

38. Número 34. diz, que o famoso D. João de Castro só esteve trez horas nas terras do Rey de Cambaya, e não trez dias, como se diz no Anno Historico em 29. de Janeiro num. II. Responde-se, que o mesmo, ou equivalente, escreveu Fr. Antonio de San Roman na Hist. Gener. de la Ind.

Orient.

Orient. lib.  
proposito  
Rey de  
(este)  
tas, con  
can poca  
perar em  
217. ver  
barcou o  
alguma.  
algumas  
se, por  
39  
primeira  
dos Del  
gaõ D.  
mente,  
Portuga  
de filha  
e assim  
e todo  
naõ em  
isto me  
tinha f  
Hist. a  
leitores  
num. II  
40  
de Rev  
alcangor  
maõ Ag  
em Dio  
mentos  
de 1536.  
ridicula  
fundaçã  
gar não  
cangada  
no do C  
expressa



Orient. lib. 4. cap. 6. pag. 634. col. 2. assim: Esperando alli de proposito *algunos dias* como desafiado . . . Não se atreve El-Rey de Cambaya a topar-se con el Vice-Rey . . . Recogió (este) sú exercito con mucho espacio, y musica de trompetas, contento, y satisfecho de aver causado tanto temor con tan poca gente a un tan poderoso Rey, que nó le osasse esperar en batalla. O mesmo insinúa Barbuda, Empres. Milit. fol. 217. vers. e fol. 218. dizendo, que trez dias successivos desembarcou o Governador nas terras de Cambaya sem contradicção alguma. O mesmo acharia o Author do Anno Historico em algumas outras memorias impressas, ou manuscritas de igual fé, porque não leo o Senhor Barboza.

39 Numero 35. No Tom. 1. do Anno Historico da primeira impressão, fallando-se em 3. de Fevereiro num. II. dos Despozorios da Infanta D. Maria com o Infante de Aragoão D. Fernando Marquez de Tortosa, se imprimio erradamente, que fora filha, sendo neta del Rey D. Affonso IV. de Portugal, como estava escrito, e satisfeito o sobredito erro de filha no mesmo tomo em 18. de Janeiro num. III. pag. 90. e assim fica desculpado, e absoluto o Author daquelle erro, e todo cahé sobre o Impressor, e sobre o corrector, que o não emendou, nem advertio nas erratas, como era obrigado. Isto mesmo respondemos ja ao primeiro Senhor Barboza, que tinha feito a mesma censura, no Prologo do Tom. 2. do Ann. Hist. a que remettemos este segundo Senhor Barboza, e aos leitores ao Tom. 1. da segunda impressão, em 3. de Fevereiro num. II. pag. 205.

40 Numero 36. Fallando-se no Anno Historico em 7. de Fevereiro num. II. da vitoria, que pelos annos de 1536. alcançou D. João Pereira, Capitão mór de Goa, de Soleyman Agâ na vizinhança da mesma cidade, achando-se então em Dio o Governador Nuno da Cunha lançando os fundamentos daquelle Fortaleza; toma da sobredita data, *pelos annos de 1536.* motivo o Senhor Barboza para dizer com falsidade, e ridicularia, que o Author do Anno Historico errára o anno da fundação da Fortaleza de Dio. Senhor Barboza, naquelle lugar não se trata desta fundação, se não daquelle vitoria, alcançada por D. João Pereira em auzencia do Governador Nuno da Cunha, junto a Goa, pelos annos de 1536. e por esta expressão indeterminada, não se afirma este anno, nem se ne-



32  
ga, que fosse o de 1335. em que se fundou a fortaleza de Dio, como affirmativamente escreveu o Author do Anno Historico no Tom. 3. pag. 363. Forte dezejo de fazer grande numero de censuras (sejaõ como forem) que façaõ vulto, admirem, e enganem alguns leitores populares.

41 Numero 37. diz, que D. Lopo Dias de Souza fora feyto Mestre da Ordem de Christo, conforme a serie, que escreveu Fr. Francisco Brandaõ; e segundo as de outros Authores, que naõ nega, ainda que impugna o mesmo Brandaõ, se diz no Anno Historico, que fora D. Lopo outavo Mestre; porque assim o diria a memoria, donde o Author do Anno Historico extrahio a mesma, e as mais noticias que dá de D. Lopo no seu elogio em 9. de Fevereiro num. II. No Theatro Historico, e Genealogico da Casa de Souza se diz pag. 416. que no anno de 1372. tendo 12. de idade D. Lopo de Souza, lhe fizera mercè ElRey D. Fernando do Méstrado da Ordem de Christo; mas que naõ fora possível conseguir-se da Sé Apostolica a confirmação, se naõ no anno de 1385. em que D. Lopo entrou na posse, e no ministerio daquella dignidade. Conforme outra serie, porque se guiou o Author do Anno Historico, se reputaria tambem por Mestre o Cavalleiro, que nos 13. annos da menoridade de D. Lopo governou, e administrou a mesma ordem, como até o presente vulgarmente se nomeaõ Mestres todos os mais, que succederãõ ao mesmo D. Lopo, sendo na realidade só Governadores, e Administradores da Ordem de Christo, como se colhe do que diz o mesmo Brandaõ, que cita o Senhor Barboza, na Monarch. Luzit. Tom. 6. Liv. 19. cap. 12. pag. 330. 331. e seg.

42 Numero 38. diz, que a conquista da Ilha de Beth fora em 2. de Fevereiro, e naõ em 9. do mesmo mez, em que está posta no Anno Historico com a authoridade do famoso Historiador Joaõ de Barros, que referindo a mesma conquista na Decad. 4. liv. 4. cap. 13. pag. 228. diz assim: *Alguns chamáraõ a esta Ilha, a dos mortos, e outros lhe chamaõ de Santa Apolonia, por ser tomada em seu dia, 9. de Fevereiro.* O mesmo diz Faria, Asia Portug. Tom. 1. Part. 4. cap. 4. num. 13. pag. 288.

43 Numero 39. diz, que D. Luiz do Amaral, Bispo de Vizeo, fora nomeado Cardeal pelo Anti-Papa Felix V. na quarta creação, que fez em 6. de Abril de 1444. Como se colhe



colhe das Actas do Concilio de Basilea. Responde-se, que não colheo bem o Senhor Barboza o anno desta quarta creação, nem pode constar das Actas, e sessões daquelle Concilio, o qual teve fim no Anno de 1442. ainda que o scisma do Anti-Papa Felix acabou por sua espontanea renuncia muito depois no Pontificado de Nicolao V. como diz o Cardeal Fr. Lourenço Cozza de S. Lourenço na sua Hist. Polem. impressa em Roma no anno de 1720. Tom. 4. pag. 292. 297. Das Actas daquelle Concilio só constaõ tres creações de Cardeaes, que com faculdade do mesmo Concilio fez o Anti-Papa Felix no anno de 1440. A primeira em Abril de quatro Cardeaes; a segunda de oito em Outubro; a terceira em Novembro, em que creou seis Cardeaes Francezes, como diz com Agostinho Patricio, citado pelo Senhor Barboza, a mesma sobredita Hist. Polem. Tom. 4. pag. 287. n. 982. pag. 289. n. 990. Depois de extinto o Concilio de Basilea fez o Anti-Papa Felix V. quarta creação de Cardeaes, não no anno de 1444. como diz o Senhor Barboza, mas no de 1443. na qual foi nomeado Cardeal o nosso D. Luiz do Amaral, como tambem diz, com grande indagação, que fez, o Reverendissimo Padre Joáo Col da Congregação do Oratorio de Lisboa no Catalogo dos Prelados da Igreja de Vizeo, impresso no Tom. 2. da Academia Real da Hist. Portug. num. 42.

Seguindo ( D. Luiz do Amaral ) a Felix V. Anti-Papa, deste, e de Eugenio recebeo o premio, que lhes merecia; porque Felix, posto que invalidamente, o creou Cardeal em Abril do Anno de 1443. e Eugenio o privou do Bispaado de Vizeo.

E assim fica o Anno Historico livre da contradicção pertendida; e do erro indisculpavel, que falsamente lhe impoem o Senhor Barboza; como tambem dirá qualquer menino da escola, que ler esta critica de sua mercê, e o sobredito capitulo do Anno Historico, no qual não se diz em que anno foi creado Cardeal D. Luiz do Amaral.

44 Numero 40. Fallando o Author do Anno Historico em 11. de Fevereiro do principio, que teve a Universidade de Coimbra por ElRey D. Diniz dá aquella noticia em quatro regras, com a concisão propria da sua epitome, pelas mesmas palavras, com que a refere Ruy de Pina Chronista mór do Reyno, Guarda mór da Torre do Tombo na Chronica do



mesmo Rey cap. XIII. Ao mesmo Author seguiu Barbuda; Empref. Milit. pag. 17. *Instituió la Universidad de Coimbra, trayendo para esta Maestros de Estrangeras tierras.* Faria na Epithome, Part. 3. cap. 7. pag. 69. *Hiso de la Ciudad de Coimbra una nueva Atenas con florente Academia, illustrada de varones clarissimos en todas facultades, conduyidos a jù costa de varias partes.* Europ. Portug. Tom. 2. Part. 2. cap. 2. pag. 144. num. 39. pag. 230. n. 92. Portug. Restaur. Tom. 1. pag. 7. Fonsec. Evor. Glor. pag. 54. e outros muitos Authores; e bastaõ os referidos, para ser o do Anno Historico absoluto da forte censura, que lhe faz o Senhor Barboza; o qual queria, que em huma Epithome, como he o Anno Historico, escrevesse seu Author extensamente, como em historia solta, a da mesma Universidade, ideada por ElRey D. Diniz em Montemor o novo, principiada em Lisboa, formada, e completada em Coimbra pelo mesmo Rey D. Diniz com privilegios, e estatutos, que só teve, quando foi plantada na mesma Cidade, depois mudando-se para Lisboa, e depois outra vez para Coimbra, sendo sempre huma mesma, como se diz no Anno Historico tom. 3. pag. 19. e como confessa o mesmo Senhor Barboza nos seus Fastos, no Elogio d'ElRey D. Diniz, pag. 94. onde diz assim: *Este grande Principe foi o primeiro na Espanha, que fundou em huma Universidade (assim dá por nomeada a de Coimbra) o Emporio das letras, e a melhor Atenas de Portugal, devendo-se a tão alta idea os grandes letrados, que produzio para admiração da Europa, e beneficio dos Insieis.*

45 Numero 41. Assim he, como diz o Senhor Barboza, que no Anno Historico está escrito o falecimento da Serenissima Rainha D. Catherina em 1568. devendo ser em 1578. Podia ser erro do Amanuense, ou do Impressor, que o Author depois de morto em 3. de Novembro de 1713. não podia emendar, nem advertir nas erratas, no fim do livro depois de impresso. Estes erros materiaes, e outros semelhantes, não fazem aos Authores, ainda sendo vivos, a face vermelha; quando os achão os Escriitores sabios, sendo-lhe precisa a cita daquella especie, na mesma regra, que estão escrevendo, emmendaõ aquelle erro deste modo (lege 1578.) e os leitores bem instruidos o fazem na margem do mesmo livro, em que o erro se acha, como advertimos, e recomendamos (não aos Senhores Barbozas, mas aos leitores pios, e bem instruidos.)



no fim das Erratas de cada hum dos trez tomos do Anno Historico. Do mesmo modo se enganou o Senhor Barboza, Author do Catalogo das Rainhas, escrevendo no seu Prologo n. IV. que no Anno Historico se pozera o falecimento da mesma Rainha em 2. de Fevereiro, sendo em 12. trazendo-o neste, e naõ naquelle dia o Tom 1. da mesma obra, como advertimos no Prologo do Tom. 2. num. 10.

46 Numero 42. diz, que Heitor da Sylveira morreo em 12. de Fevereiro das feridas, que recebêra em 2. do mesmo mez na conquista de Beth, e naõ em 14. de Fevereiro das mesmas feridas, que em 9. recebeu na mesma Conquista, como se diz no Anno Historico em 9. e 14. de Fevereiro, e ja dissemos acima §. 42. n. 38. com o famoso Barros, que expressamente o diz assim Decad. 4. cap. 13. do liv. 4. pag. 228. reg. 12. Author de mayor authoridade, do que Castanheda, que cita erradamente o Senhor Barboza no liv. 7. cap. 32. devendo escrever liv. 8. cap. 31. e cap. 32. dos quaes naõ consta, que se achasse na mesma Armada o dito Castanheda, como diz o Senhor Barboza.

47 Numero 43. diz, que a morte da Senhora D. Beatriz de Alencastre naõ foi no dia, e anno, que aponta o Anno Historico a 20. de Fevereiro. Responde-se, que assim o diziaõ as memorias, que o Author tinha, donde extrahio aquella noticia, e as mais excellentes, que no dito lugar refere da mesma Senhora; as quaes todas consequentemente se poderãõ reputar tambem por allucinaçoens do mesmo Author, que as escreveu, segundo a cenzura do Senhor Barboza.

48 Numero 44. diz, que o Infante D. Affonso filho d' ElRey D. Joaõ III. nascêra a 24. e naõ a 23. de Fevereiro. No mesmo numero diz, que a perda de Malaca fora a 14. de Janeiro, e naõ em 23. de Fevereiro; no que se enganou o Senhor Barboza, porque no Anno Historico está escrita em 25. Numero 45. diz, que a primeira conquista de Goa naõ fora em 27. mas em 17. de Fevereiro, e confessa, que nos Commentarios de Affonso de Albuquerque, Conquistador daquella Cidade, Part. 2. Cap. 20. se affina aquella conquista no dia 28. do mesmo mez de Fevereiro. Num. 46. diz, que o descobrimento de Moçambique naõ fora no ultimo dia de Fevereiro, mas no primeiro, ou segundo de Março. Humas, e outras datas, e assignações das noticias dos sobreditos numeros, são todas



de igual fé historica; e não se deve ter por erro seguir huma, e não outra opiniaõ, havendo tanta variedade nos Authores, que as escrevêraõ, conforme o que acima dissemos em todo o §. 22.

49 Numero 47. diz com grande facecia, e liberdade, que lhe parece novella a noticia, que se dá do famoso Pedro Galego em 3. de Março; e depois confessa, que muito antecedentemente a tinha impresso por verdadeira o P. Fr. Manoel Homem no livro intitulado. *Desposição das Armas Portuguezas*. Do qual extrahiria a mesma noticia o Author do Anno Historico, ou de outros livros impressos, ou manuscritos de igual fé, como diz no penultimo §. do Prologo do Tom. 1. Vendo o Senhor Barboza, que não era impossivel, nem deslituido de authoridade aquelle facto (mayores obráraõ muitos Portuguezes) dirigio a sua Critica por outra via, buscando com grande trabalho alguma contrariedade na Chronologia do tempo, que arbitrariamente poderia, ou não poderia estar em Cadiz o General Pedro Navarro; e supposto, na que refere o Senhor Barboza com os Autores Estrangeiros, que cita, ou bem, ou mal, porque os não vimos, pode haver muitos enganos, erros, variedades, e falsidades; seja como for, de tudo se livrou o Author do Anno Historico, não affinando anno fixo, em que succedeo a acção daquella noticia; mas só dizendo no principio della indeterminadamente deste modo: *Reynando em Portugal D. João III. pelos annos de 1546*. Assim o fazem os melhores Authores, quando escrevem noticias, de que não sabem o anno, em que succedêraõ, nem o dizem as guias por que se governaõ, no que geralmente foraõ diminutos os Escriitores antigos; e por isso os que depois se seguirãõ, se explicaõ por aquelle numero redondo (*pelos annos*) conforme a conjectura, que fazem, ou deminuindo, ou estendendo o mesmo numero indeterminado, que val o mesmo, que *ponco mais, ou menos*; a vinte, e mais annos, ou demais, ou de menos, como prova elegantemente o P. M. Feijó no Tom. I. de Cartas Eruditas, Cart. 5. n. 5. e seg. a que remettemos os leitores.

50 Num. 48. diz, que o nosso Infante D. Fernando; Conde, e Senhor de Flandes não morrêra em 4. de Março, mas em 26. de Julho, como escrevem os Authores estranhos (como lhe chamaõ? Porque nenhum se cita.) E se prova com o *irrefragavel* testemunho (continua o Senhor Barboza) do livro dos



dos Obitos do Mosteiro de S. Salvador de Moreira, que nesta materia he de *summa authoridade*. Responde-se, que ja respondemos a esta repetida critica no Prologo do Tom. 2. n. 8. deste Anno Historico. Responde-se mais, que he tão *irrefragavel* o testemunho do livro dos Obitos daquella Igreja, e tem a mesma *summa authoridade*, que a de outro qualquer livro tambem de obitos, donde o nosso Author colheria aquella noticia, e que a das mais Igrejas Regulares, e Seculares, onde se fizeraõ officios pela alma do mesmo Infante, e tiveraõ outros correys de Noyon de Flandes com diversa noticia do dia da sua morte. Nos Catalogos das Igrejas, sejaõ quaes forem, foi, e ainda he communissimo (como muitas vezes viraõ com os seus olhos os Senhores Barbozas) affinar-se o dia da morte no dia da sepultura; e tambem escrever-se, e reputar-se conforme o Rito Ecclesiastico, por dia do Obito o dia, em que se faz o primeiro Officio em tal Igreja; e por isso se achaõ nos Catalogos das Igrejas diferentes dias, e mezes do Obito de hum mesmo defunto. Senhor Barboza, para que impugna o mesmo, que tem experimentado, e visto com os seus olhos innumeraveis vezes! Deixe correr a Historia o seu Mundo, e a sua variedade, porque só he verdade *irrefragavel*, e *infallivel* a Palavra de Deus escrita, e revelada pelo mesmo Senhor.

51 Numero 49. Argúe muito prolongadamente, e com grandes escarcéos de erro palmar, precipitaçãõ, e falsidade, com que escreveu o Author do Anno Historico a 6. de Março no Elogio de D. Gonçalo Pereira Arcebispo de Braga, que a batalha do Salado fora a 5. de Outubro. Senhor Barboza, aquelle Author poz aquella batalha com o commum dos melhores Authores, em 28. de Outubro, como se vê no Tom. 3. pag. 252. No apontado Elogio de D. Gonçalo Pereira, não se diz palavra alguma contra esta data. O erro palmar do algarismo em letra grifa, posto na margem, em que sua mercè funda a sua ridicula critica, claramente se conhece não ser do Author, entãõ morto, mas só do Impressor, e se acha emendado no Tomo da segunda impressãõ. De semelhantes citas erradas estaõ cheyos os livros, ainda impressos em vida de seus Authores, e disso não são arguidos. Verdadeiramente não sei, como o Senhor Barboza escreveu, e estampou tão ridiculas impugnações, que tanto o desacreditaõ. Passemos a outra do mesmo jaez.



52 Numero 50. Fallando o Author do Anno Historico em 8. de Março num. IV. da Armada Hollandeza, com que o General Sigismundo Vanscop entrára na Bahia, diz assim: *Entrou neste dia naquella famoza Bahia, cujas agoas lavaõ os pés da Cidade, a que ella deu o nome.* Destas unicas palavras, que se dizem de passagem no lugar referido, tomou o Senhor Barboza, como costuma, o futilissimo fundamento para dizer, que aquelle Author se enganára no nome desta Cidade; *porque se chama S. Salvador, e não Bahia.* Não se enganou o nosso Author; explicou-se pelo nome vulgar, com que aquella Cidade he mais conhecida, como todos sabem; e não ignorava o nome de S. Salvador (como confessa o Senhor Barboza no mesmo lugar) que lhe foi imposto na sua fundação, de que trata em 31. de Março num. III. onde diz assim: *Lançou (Thomé de Souza) os primeiros alicerces à famosa Cidade de S. Salvador, que com mais vulgar nome, pelo sitio, se chama Bahia.* O mesmo diz no primeiro dia de Novembro num. XI. pag. 275. *Fundou Thomé de Souza a Cidade do Salvador, que tambem se chama da Bahia, pela enseada, de que agora fallamos.* E logo mais abaixo diz: *Dà à mesma Bahia o seu proprio nome, não sò à Cidade Capital daquelle Estado, senão a huma das melhores Provincias, de que elle se compoem.* O mesmo titulo de S. Salvador se poz á Cidade de Angra na sua fundação, e só por este nome de Angra he chamada, e conhecida. Assim outras muitas Cidades. Mas o melhor desta impugnação he cahir nella o mesmo Senhor Barboza, o qual na pag. 8. do seu Prologo diz assim. *A Cidade da Bahia conquistada no primeiro de Mayo, &c.* Por impugnar sua mercê ao Author do Anno Historico, não duvidou impugnar-se a si mesmo, nem a seu Irmão Diogo Barboza Machado Abbade de Cever; o qual no Tom. 2. da Biblioteca Luzitana pag. 532. Col. 2. diz assim: *Foi meu Irmão Ignacio Barboza Machado, Juiz de Fóra da Cidade da Bahia Capital da America Portugueza.* Do mesmo modo se nomea a dita Cidade em muitos lugares daquella obra. O mesmo fazem todos os Escriitores, e todos quantos fallaõ na Cidade da Bahia.

53 Numero 51. diz, que o Infante D. Raymundo filho d'ElRey D. Sancho I. morreo no dia 9. de Março, em que o Author do Anno Historico poem o seu nascimento. Responde-se, que assim o acharia no livro, donde extrahio o  
mais,



mais ; que diz do mesmo Infante , e como morreo na vida innocente não lhe fica impropria aquella equivocação , ( se o foi ) e variedade dos Authores ; poderá ser que nascesse , e morresse no mesmo dia , porque delle não ha outras noticias.

54 Numero 52. De humas palavras , que de passagem diz o Author do Anno Historico em 9. de Março no fim do num. VI. toma occasiaõ o Senhor Barboza para censurar ao mesmo Author de não fallar nas Guerras , com que Portugal pertendeo metter na posse do Dominio de Castella ao Archiduque de Austria Carlos , depois Imperador VI. do nome. Responde-se , que o nosso Author morreo a 3. de Novembro de 1713. e aquellas guerras tiveraõ fim a 6. de Abril de 1715. como se diz no Tom. 1. da segunda impressaõ do Anno Historico pag. 583. Responde-se mais , que do grande Dominio , que entaõ tiveraõ em Castella as Armas Portuguezas , e da celebre entrada , que fizeraõ , e glorioso Senhorio , com que se apoderaraõ da Real Villa , e Corte de Madrid , se dá bastante noticia no Anno Historico , conforme a brevidade que gasta ; no Tom. 3. pag. 539. Responde-se mais , que não faltará quem o desculpe de não fallar nas conquistas gloriosas , que entaõ fizeraõ as nossas Armas , e succederaõ antes da morte do Author , porque não quereria ser o primeiro , que as escrevesse neste Reyno , ou por não ter noticias averiguadas , porque se governasse , ou por fugir a contendas , e perigos , a que se expõem quem escreve com verdade successos militares , sendo ainda vivos ( como eraõ , quando o nosso Author escreveu o Anno Historico ) muitos Generaes , Officiaes , e soldados , que presenciaraõ os mesmos successos , e costumaõ referillos , cada hum , por diverso modo , sem haver dous , que concordem na narraçaõ do mesmo facto , como depoem , não só com a penna , mas com a experiencia , o General D. Luiz de Menezes Conde da Ericeira , Author de Portugal Restaurado no Prologo do Tom. 1. 2. 4. O Author do Anno Historico não era Escritor por emprego , e obrigaçaõ , mas por vontade , e curiosidade , e descanço de seus mayores estudos scientificos , e sagrados ; e só quiz escrever do passado , e não do presente , conforme a commua , e melhor opiniaõ dos Historiadores , cujo nome não podia merecer , nem satisfazer a sua obrigaçaõ , como diz no seu Prologo do Tom. 1. com huma Epitome taõ varia , e concisa. Não tinha espirito de adulaçaõ , e conveniencia. Não se



se alugava para elogios, nem queria que lhos pagassem; como se costuma, e estamos lendo, e ouvindo muitas vezes.

55 Numero 53. Fallando o Author do Anno Historico em 14. de Março num. III. da extinção dos Templarios, que deu occaziaõ a fundar El-Rey D. Diniz a Ordem Militar de Christo, mostra em poucas regras, que estava muito bem instruido naquellas noticias; (das quaes tinha escrito com mais extensaõ, como se pode ver na Chronica da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista liv. 3. cap. 9. pag. 587. 588.) como haõ de confessar os Sabios, que lem os livros com profundidade, e naõ pela casca. A cauza dos Templarios he hum dos grandes problemas na Historia Ecclesiastica, ainda depois da sentença, que contra elles deu o Papa Clemente V. e fez ler no Concilio Viennense, como consta da Bulla *Ad Providam*, em que aquelle Pontifice proferio a sentença da extinção da Ordem Militar dos Templarios, naõ por via de sentença juridica, mas provisionalmente, pelas palavras seguintes, extrahidas da mesma Bulla, que traz Cherubin. no Bullar. Roman. da Impressaõ em Luxemb. de 1727. Tom. 1. pag. 187. §. 1. ibi: *Ejusque Ordinis statum, habitum, atque nomen, non sine cordis amaritudine, & dolore, sacro approbante Concilio, non per modum definitivæ sententiæ, cum eam super hoc secundum inquisitiones, & processus super his habitos, non possemus ferre de jure, sed per viam provisionis, seu ordinationis Apostolicæ, irrefragabili, & perpetuò valitura sustulimus sanctione.* Nas quaes palavras confessa o Papa, que em todos os processos feitos, naõ havia fundamento para condenar, segundo o direito, aos Templarios. O mesmo dictame haviaõ manifestado (menos trez Francezes, e hum Italiano) mais de trezentos Bispos, e outros muitos Prelados menores, que se acharaõ naquelle Concilio. Naõ he porem problema na Historia o que diz o Author do Anno Historico no lugar referido, de que as rendas dos Templarios de França se incorporaraõ na Coroa do mesmo Reyno; porque, exceptuando os Authores Francezes (naõ todos) por interessados, com os que cita pela sua parte o Senhor Barboza, assim o diz o commum dos Escritores com Bocacio, lib. 9. Joaõ Villani, lib. 9. cap. 23. S. Antonino de Florença, P. 3. Chronic. Tit. 21. cap. 1. & 3. Trichem. Abb. in Chronic. Hirsaug. Paul. Emil. lib. de Reb. Gest. Francor. in Philip. Pulch. Thom. Walsingh. in Histor. Angl. Illefcas, Histor. Pontif. P. 2. Cap. 1. fol. 5. Barbud. Empres. Milit. pag.



17. Faria, Europ. Portug. Tom. 2. P. 2. Cap. 2. num. 26. pag. 139. Feijó Cart. Erudit. Tom. 1. pag. 244 num. 12. e seg. e innumeraes Ffritores de toda a Europa, dos quaes se podia encher hum livro. Na sobredita Bulla *Ad Providam*, e naõ na Bulla *Regnans in Cælis*, que cita o Senhor Barboza, sim se adjudicáraõ os bens dos Templarios de França aos Cavalleiros de S. Joaõ de Jerusalem, que hoje chamaõ de Malta; porem quando estes quizerãõ entrar na posse daquelles bens, acharãõ os moveis, que eraõ opulentissimos na Bolça Real; e os bens de raiz, que só lhe foraõ concedidos, acharãõ occupados por El-Rey, e por outros Senhores Francezes; de sorte, que para redimillos, foi preciso dar a El-Rey, e aos mais intruzos, grandes fomas de dinheiro, com que mais se empobreceo, do que enriqueceo aquella Religiaõ. Tudo diz S. Antonino no lugar citado: *Creditur tamen magis inductus (Rex Philippus Pulcher) ad extorquendam pecuniam ab illis (Templariis) & bona eorum ... que autem (bona) in Francia erant eorum, Rex fecit per officiales suos omnia usurpari pro Curia sua .... A multis tamen optimatibus dicebatur, illos innocentes, & sine justa causa fuisse damnatos, ut per hoc usurparentur bona eorum. Unde per Papam postea bonis solùm spoliati fuerunt, & bona locorum eorum applicata Mansioni S. Joannis, seu Hospitalis. Sed quia jam occupata erant à Rege Franciæ, & diversis alliis Principibus, oportuit ea redimi multa pecunia: quamobrem effecta est pauperula dicta Religio.* E no Cap. 3. conclue o mesmo Santo: *Oportuit quod illi de Hospitali magnum thesaurum exponerent in dando Regi, & alliis, qui occupaverant dicta bona (de raiz, porque os moveis, como acima se diz, estavaõ na Bolsa Real) undè de paupertata est Mansio Hospitalis, que se existimabat indè opulentam fieri.* Muito poderamos ajuntar em deffensa, e confirmaçaõ daquellas palavras do Anno Historico. Mas basta o dito para que os Leitores julguem se foraõ escritas *sem juizo maduro, com crassa ignorancia, falsidade, e loucura*, como diz o Senhor Barboza em todo o numero 53. provocando os Leitores sabios a grande rizo. Muito atrazado está certamente o Senhor Barboza nas noticias dos Templarios!

56 Numero 54. Refere-se no Anno Historico a 16. de Março a Restauração da Fortaleza da Ilha Terceira no mesmo dia, em que se havia perdido, com as mesmas circunstancias, com que se acha escrita em Portugal Restaurado Tom. 1. liv.



3. pag. 132. *Rendeo* (D. Alvaro de Viveiros) a *Fortaleza segunda feira 16. de Março de 1642. dia, em que outro D. Alvaro Marquez de Santa Cruz sessenta annos antes a havia ganhado aos Portuguezes; termo prescripto da vontade Divina &c.* Não teve o Senhor Barboza algum Author Portuguez, com que impugnar a data daquella noticia, em que o Anno Historico concorda com Portugal Restaurado, e foi a Reynos estranhos (como costuma para arguir as nossas chamadas incoherencias) buscar a Herrera, e Ferreras, que a poem no mez de Julho, segundo diz o Senhor Barboza (como se diz ao ar) os quaes não merecem nesta parte tanto credito, como os Nacionaes. Assim o confessa todo o Mundo, menos o Senhor Barboza. Pode verse o que dos escritos de D. Juan de Ferreras dizem o insigne D. Luiz de Salazar, e o Illustrissimo Feijó Observacion. Critic. Jocosos. Pag. 32. 2. 48.

57 Numero 55. Escreve-se no Anno Historico a segunda vitoria de D. Christovão da Gama na Ethiopia no primeiro de Abril, que parece cahio em segunda feira, depois da Dominga de Ramos; e a terceira vitoria em 8. do mesmo mez; porque entre huma, e outra só medeou huma semana, como tudo diz Faria, Azia Portug. Tom. 2. Part. 1. cap. 9. n. 5. pag. 95. n. 6. pag. 96. O mesmo acharia aquelle Author em outras noticias; porem o Senhor Barboza, seguindo outra opiniaõ de que a segunda vitoria fora a 4. e a terceira a 16. do mesmo mez, cuja verdade só Deos a sabe, diz com muita graça, que o Author do Anno Historico quizera escrever muito, lendo tão pouco. *Væ qui sapientes estis in oculis vestris.* Isai. cap. 5. v. 21.

58 Numero 56. No Anno Historico se diz em 2. de Abril num. VI. que o grande Affonço de Albuquerque dispoz huma Armada de vinte velas guarnecidas de 1700. Portuguezes, e de 800. Canarins, com que sahio de Goa, sem que atéli houvesse alguém penetrado o fim daquella navegaçãõ. Isto mesmo diz Faria Azia Portug. Tom. 1. Part. 2. cap. 7. pag. 155. n. 7. *Compuso veinte navios sin disir a nadie lo que determinava hafer con ellos, como quien sabia bien, que la mayor arma en la guerra es el secreto.* Porem o segredo, que só houve, e era conveniente na disposiçãõ da Armada, quiz o Senhor Barboza ampliallo, dizendo, que o Anno Historico dizia, que se occultára o segredo até aos mesmos Capitaens da Armada, com



os quaes sahio de Goa, sem serem sabedores da facção, a que hiaõ, e tal couza se-naõ diz no Anno Historico, nem se infere das sobreditas palavras: *sem que ateli houvesse alguém penetrado o fim daquella navegação*: as quaes só cahem sobre a disposição da Armada, como demostta a palavra *Ateli*. O mesmo Faria, que tanto louva aquelle segredo, no lugar referido continúa dizendo: *Quando yà tendia las velas para salir daquella barra, descubrió a Jús Capitanes el viaje, dando-les las razones, que ElRey le daba a el &c.* O que pareceo desnecessario, e superfluo dizerse em huma Epithome, como he o Anno Historico. O mesmo, e ainda melhor, e com mais clareza, e individuação dizem os Comentarios do mesmo Affonso de Albuquerque, Part. 4. cap. 1. pag. 455. e 456. a que remettemos os leitores, para que vejaõ de que jaez são as citas, e impugnaçoens do Senhor Barboza.

59 Numero 57. diz, que o cazo da traição dos Mouros para suprender as Naos de Vasco da Gama na barra de Mombaça não fora quando, e como se diz no Anno Historico. Responde-se que nelle se escreve aquelle cazo, conforme o estillo sumario, que gasta, sem faltar ao essencial, como se pode ver em Faria, Azia Portug. Tom. 1. Part. 1. cap. 4. pag. 32. S. Roman, Hist. de la Ind. Orient. lib. 1. cap. 8. pag. 43.

60 Numero 58. diz, com grandes declamaçoens, que o Author do Anno Historico anticipára a morte quatro annos ao famoso Regedor da Justiça João da Silva, e que não morrera em 6. de Abril, mas em 10. de Junho, como diz o Epitafio da sua sepultura. Responde-se, que se houve erro na noticia, porque se governou o nosso Author Portuguez, tambem o haveria na do Author Castelhana, que cita o Senhor Barboza, e no Epitafio, que diz tem aquelle fidalgo no Mosteiro de S. Marcos no Bispado de Coimbra. O mesmo erro tem outros muitos Epitafios, como acima notamos §. 36. n. 32. Não tem maior fé a pena dos Artifices, que a dos Escritores. Muitos annos antes da sua morte fez erigir o mesmo fidalgo naquelle Mosteiro huma Capella para o seu enterro, como se diz no seu Elogio a 6. de Abril, e poderá ser, que a data seja de quando se acabou o jazigo, e não de quando faleceo aquelle illustre, e excellente Cavalheiro. Huma, e outra noticia tem igual fé. Ao mais, que o Senhor Barboza a-



junta neste numero do General Pedro Navarro, e do famoso, e não fabuloso Pedro Gallego, está respondido acima 2. 49. n. 47.

61 Numero 59. Do Prodigio da Menina de oito mezes, filha de Estevão Annes Derreado, que em Evora, passando pela rua o Senhor D. João Mestre de Aviz, o acclamou Rey de Portugal, não se duvida; porque alem de o referirem muitos Escritores, se acha autenticado no Archivo do Senado da mesma Cidade, como diz o P. Fonseca, Evor. Glor. pag. 72. O Chronista Fr. Manoel dos Santos na Part. 8. da Monarch. Luzit. liv. 23. pag. 644. diz, que em hum daquelles mesmos dias succedera o tal prodigio; e he de crer, que o Author do Anno Historico o poz no dia, e na forma, que achou escrita aquella noticia; porque não tirava as couzas da probabilidade, e affinação que tinhaõ. Era observantissimo do principal preceito da Historia; refere sinceramente o certo, o duvidoso, o provavel, como tais os achava, com que muito se acredita. Na Part. 8. da mesma Monarch. Luzit. liv. 23. cap. 29. pag. 649. se diz: *O Infante como Principe modestissimo deitou-se de fora (nas Cortes de Coimbra) e nunca quiz consentir, que se disputasse a materia na sua presença, e para que os votos fossem livres absteve-se de hir à sala do Consistorio, em quanto não resolverão o ponto controverso.* E assim não he de sustitudo de verosimilidade, e de conjectura, que o mesmo Mestre de Aviz, na duvida de que aquellas conttoversias tivessem differente exito, se retirasse alguns dias para Evora a esperar aquella rezolução; e sendo-lhe chegada tanto a seu favor, voltando para Coimbra, ao passar pela rua da mesma Cidade de Evora, onde assistia a sobredita Menina, podia succeder o referido cazo na antemanhã de 5. de Abril, e bem podia chegar a Coimbra a tempo de ser na tarde do dia 6. acclamado Rey; porque em hum dia, e meyo, com huma noute, e meya, muito bem podia vencer a jornada de vinte legoas hum Principe na idade de 27. annos, que hia pôr na cabeça huma Coroa. Ao mais, que o Senhor Barboza ajunta do nascimento dos dous Principes, está respondido no Prologo do Tom. 2. num. 11.

62 Numero 60. diz, que não podia Vasco da Gama descobrir a Cidade de Melinde em 9. de Abril, dizendo-se no Anno Historico, que em 7. do mesmo mez descobrira Mombaça.



baça. Responde-se, que bem podia ser, porque Vasco da Gama não desembarcou na barra da Cidade de Mombaça, a qual dista muito pouco da de Melinde, como, com todos os Escriutores, diz o do Anno Historico. S. Roman, Hist. Orient. lib. 1. Cap. 8. pag. 44. Col. 1. diz, que a distancia he só de 18. legoas. Se o Author do Anno Historico differa, que Melinde se descobrira em dia de Paschoa 9. de Abril, havendo dito, como diz, que Mombaça fora descuberta em vespera de Ramos 7. de Abril, então era erro, e tinha geito a critica do Senhor Barboza, mas não o tem do modo, que a faz sua mercê; porque no Anno Historico não se diz, que Melinde fora descuberta em dia de Paschoa. Depois de chegar Vasco da Gama à barra de Melinde passáraõ alguns dias com recados, presentes, experiencias, e preparos para se avistar o mesmo Gama com o Rey de Melinde, como fez depois com a solemnidade, que se diz, quando se avistáraõ, e refere Faria, Tom. 1. P. 1. Cap. 4. pag. 33. e do dia destas vistas tomáraõ fundamento alguns Escriutores, para assinaem nelle com grande variedade o dia do descobrimento de Melinde, sendo antecedentemente, como fica dito, e se escreve no Anno Historico, com grande verosimilidade. Quanto ao erro do Anno de 1499. que se acha escrito no descobrimento de Melinde bem se deixa ver com evidencia, que he do Amanuense, ou do impressor, devendo pôr 1498. como está posto no descobrimento de Mombaça; pois houve entre hum, e outro tão pequena mediação, como a de 7. até nove de Abril do mesmo anno de 1498.

63 Numero 61. As noticias, que refere o Anno Historico em 17. de Abril num. III. de D. Gualdim Paes, e impugna o Senhor Barboza, se achaõ na Monarch. Luzit. Tom. 3. liv. 9. pag. 81. e 82. Tom. 6. liv. 18. pag. 114. e 115. e tambem no Tom. 2. da Academia Real da Hist. Portug. no Catalogo dos Mestres da Ordem do Templo. Da Religião dos Templarios, instituida em Jerusalem no anno de 1118. só foraõ seus instituidores primeiros dous Cavalleiros, chamados Hugo, e Jofre, com Constituições ordenadas por S. Bernardo; aos quaes se agregáraõ outros de varios Reynos, e de Portugal D. Gualdim Paes, e Arnaldo da Rocha; e juntos, que foraõ armáraõ aquella Cavalleria, e por isso a todos os seus primeiros Cavalleiros se chamaõ nas Historias fundadores da mesma Ordem. Nella militou D. Gualdim, e se achou nas batalhas de Ascalona,



lona, Antiochia, e outras, e passados cinco annos tornou ao serviço d'El-Rey D. Affonso Henriques; e ja no anno de 1126. o achamos primeiro Mestre dos Templarios em Portugal, como tudo se lê nos livros, e lugares acima citados. E tendo principio aquella Ordem em 1118. e achando-se ja no de 1126. em Portugal D. Gualdim Paes, claramente se colhe, que foi dos primeiros fundadores da mesma Ordem. O mesmo se diz expressamente no §. 1. do Catalogo dos Mestres do Templo, impresso na Colecção da Academia Real, que acima citamos, do modo seguinte. *Escreveo a Esclarecida Rainha de Portugal D. Thereza ao Gran Mestre daquella Ordem, por via de alguns illustres Cavalleiros, a quem nem naquelle remoto clima se esconderão os honrosos, como arriscados empregos da Campanha, sendo dos primeiros, que no berço desta sagrada Milicia, forão os Hercules daquellas batalhas, despedaçando as serpentes Agarenas.* O mesmo, que este Author, acharia o do Anno Historico em outros livros (igualmente classicos, como os referidos) porque não leo o Senhor Barboza. Monarch. Luzit. Part. 4. liv. 12. cap. 18. fol. 27. diz Fr. Antonio Brandaõ com Fr. Jeronimo Romano, que D. Gualdim teve larga vida. No anno da sua morte primeiro se enganou o Author do Tom. 6. da Monarch. Luzit. liv. 18. pag. 115. Col. 1. que a poem no mesmo Anno de 1295. como está escrito no Anno Historico; e pertende o Senhor Barboza, que pague o nosso Author por todos os antigos aquelle delicto. Ao que sua mercê ajunta do B. Calidonio está respondido acima §. 23. n. 17.

64 Numero 62. No Anno Historico se diz no sumario das noticias de 20. de Abril o seguinte. *V. Começa o segundo Cerco de Dio.* E referindo-se o principio deste Cerco no Cap. V. ou por equivocacão do Impressor, ou de quem quer que fosse, sendo morto o Author, se acha escrito na segunda regra do mesmo Capitulo, *primeiro Cerco* devendo-se escrever *segundo Cerco* como se diz no sobredito sumario; o qual está bem á vista com mayor, e diversa letra, e na mesma abertura do livro, onde começa o Capitulo, que tem aquelle erro do *primeiro Cerco*; contra o qual se levanta o Senhor Barboza com grande pateada, e liberdade, como menino de escola, dizendo do Author defunto, que escrevera aquella palavra *primeiro*, com falta de memoria, sem attencão, sem pausa, com erro; e absurdo indesculpaveis. Senhor Barboza, qualquer Leitor



popular vendo no sumario *segundo Cerco*, e no Capitulo *Primeiro Cerco*; e lendo no mesmo Capitulo, que fora defendido por D. Joaõ Mascarenhas no anno de 1546. e as outras mais circunstancias, que se referem, sem duvida alguma não ha de imputar ao Author o erro da equivocação daquella palavra, mas ha de reputar aquelle cerco por *segundo* da mesma Fortaleza, pelas provas referidas, e pelas que achará (com as palavras de segundo cerco) no mesmo Anno Historico, Tom. 2. pag. 257. 267. 380. 382. 403. 409. 486. 490. 528. 634. Tom. 3. pag. 322. 597. E muito mais quando no sobredito lugar de 20. de Abril, num. V. se não falla palavra alguma no famoso Antonio da Silveira, que defendeo aquella Fortaleza no cerco *primeiro*, que no anno de 1538. lhe pôz Sultaõ Badur Rey de Cambaya, como se diz no Tom. 3. pag. 100. (cujo sumario tem o mesmo erro, não o tendo o seu capitulo) pag. 132. 268. 277. 597. Acente. Senhor Barboza, e tenha por certo, que a equivocação (de quem quer que fosse) daquella palavra *primeiro*, sobre que sua mercè faz tanta surriada, pelo que temos dito não he materia para critica, nem para tantos esgarceos; quando muito o Leitor, que he bem instruido, escreve á margem assim: *lea-se segundo*: e para o Leitor mal instruido tanto importa estar *segundo*, como *primeiro*. Na folha das Erratas se acrescentará mais esta, que esqueceo ao Corrector, por não ser tão perito, e vigilante, como o Senhor Barboza.

65 Numero 63. diz, que a morte do Senhor Cardeal Infante, D. Affonso não fora a 22. de Abril, mas no dia antecedente, conforme a opiniaõ de Francisco de Andrade. Numero 64. diz, que ElRey D. Manoel, e sua mulher a Rainha D. Izabel, não foraõ jurados em Toledo Principes successores da Coroa de Castella em 22. de Abril, como se diz no Anno Historico com Damiaõ de Goes, e com outros Authores da mesma opiniaõ, não seguindo a de Faria, que poem aquelle juramento em 28. nem a dos que o escrevem em 29. do mesmo mez; e outros o affináraõ em diversos dias, dos que aponta o Senhor Barboza.

66 Numero 65. satyriza em geral toda a obra do Anno Historico, e em particular a pessoa de seu Author, dizendo assim: outros muitos descuidos da penna do Padre Santa Maria, podiaõ ser censurados, que se achaõ no seu Diario, podem por não abuzar da paciencia dos leitores, dos que vão



criticados se conhece evidentemente a pouca estimaçãõ, que merece esta obra, composta com pouco exame, e com grande precipitaçãõ impressa. A resposta disto pertence aos Leitores sabios, e indifferentes. Diz mais, que escreveo os elogios, e successos (no mesmo dia) sem boa ordem, antepoendo alguns modernos aos antigos. A que se responde, que o Anno Historico não he Historia determinada, solta, direita, e seguida por annos; he huma Epitome, e collecçãõ de noticias, successos, e assumptos diversos, que se variaõ em cada numero do mesmo dia. Nesta especie de escritos, não se segue chronologia, nem ordem alguma: Assim como se vaõ achando, e occorrendo as noticias pertencentes a tal dia, a quem faz a collecçãõ, se vaõ escrevendo. Isto he geral em todos os Escretores de semelhantes collecçoens. Diz mais, que tratando de algumas pessoas, que não mereciaõ elogios dilatados, quando escreve de varoens insignes com mão tão parca, que lhe deixa occulto o caracter de sua grandeza. Responde-se, que o não dizem assim os que sabem julgar, e avaliar as couzas, os quaes louvaõ ao Author do Anno Historico de ser inimigo declarado de lizonjas, liberal de louvores ao benemerito, e difficil em os dar ao indigno. Diz mais com grande liberdade, que não he menos reprehensivel pelas muitas puerilidades, com que fez assumpto de rizo a alguns successos merecedores de suma gravidade (na opiniaõ do Senhor Barboza) em que uzou de estillo jocoço certamente improprio da madureza dos seus annos. Responde-se, que não são puerilidades os ditos festivos, alegres, e discretos, que talvez gasta o Anno Historico, como se vê dos que refere o Senhor Barboza neste mesmo numero, e melhor se podem ver em seus proprios lugares; os quaes ditos são como rasgo de graça, gala, e descanço da penna, e só se condenaõ na Historia de hum assumpto, ou materia determinada, e seguida, e ainda nesta uzaõ delles muitos Authores gravissimos, e com muita frequencia o insigne Faria nas Historias da Europa, Azia, Africa, e outros muitos, que de quando em quando deixaõ o Methodo seco, e rigido pelo ameno, e alegre, em graça dos Leitores, que não são melancolicos. Nem os tais ditos são condenados em huma obra indeterminada, como he o Diario, de tantos, e tão diversos assumptos, e elogios historicos, que se variaõ em cada capitulo, e numero da mesma obra, em que tem en-



49  
trada todo o estillo; e talvez o festivo. Muito bem sabia o Author do Anno Historico estas regras, e differenças, como dizem todos, os que tem lido as suas obras sagradas, e profanas de hum assumpto, e determinada materia, que compoz em toda a sua idade; as quaes todas são escritas com estillo puro, e limpo de toda a festividade, e galantaria. Fazendo o mesmo nas doutissimas, e excellentissimas obras, que compoz o V. P. Manoel Bernardes da Sagrada Congregação do Oratorio desta Cidade, não o fez assim nos cinco tomos, que escreveo da Nova Floresta de Varios Apothemas, onde por serem de assumptos diversos, dando de mistura o util com o delectavel, se achão innumeraveis ditos jocosos, semelhantes aos poucos, e bem ditos do Anno Historico, que injustamente reprehende (não sei com que authoridade) o Senhor Barboza, o que certamente não fizera se os lesse em algum livro de outro Author.

67 Numero 66. ultimo da critica Dissertação, repetê o Senhor Barboza a mesma satyra, impostura, e falsidade, que escreveo nos numeros 2. e 3. e outros contra a cenzura, e demora do Qualificador dos seus Fastos. Responde-se com o que tambem deixamos escrito nos §§. 2. e 3. desta repostã, a que remettemos os Leitores, e á instrucção do Papa Clemente VIII. De correct. libror. §. 2. num. 13. e 17. Conclue o Senhor Barboza neste numero, *triumfando com grande exaltação da malicioza demora, e da critica Theologica do mesmo Qualificador; de que colheo o fruto das satyras do Senhor Barboza, como sua mercè diz com grande vangloria no mesmo numero, applicando-se a si aquillo do Patriarcha Joze Genes. 50. 20. Vos cogitastis de me malum, sed Deus vertit illud in bonum, ut exaltaret me.* Com que, o mal daquella cenzura, que se fez, quando se pode fazer, como dissemos acima num. 1. por despacho da suprema Inquisição, converteo Deos no grande bem das satyras, que fez o Senhor Barboza contra a fama de seus proximos Ecclesiasticos! Applicação falsa como mostramos nos §§. acima apontados, e ainda mais claramente mostraremos abaixo no §. ultimo 113. Trinta, e dous annos, que se gastarão nas satyras da Dissertação Apologetica, melhor os gastára o Senhor Barboza, e com mais honra, e utilidade na impressão dos seus Fastos, que teve expeditos de todas as licenças em Setembro de 1713. e muito largamente podia sahir a publico o seu Tomo



1. do que sahio o do Anno Historico, como acima mostramos  
 2. 2. e 3. e consta dos Despachos impressos em hum, e outro  
 livro, dos Fastos, e do Anno Historico da primeira impressãõ.  
 A' vista dos quaes digaõ, e julguem os Leitores, com que *malicias, maquinas, e artificios cavilosos* obráraõ o Qualeficador dos  
 Fastos, e o Author do Anno Historico, naquelle tempo Pro-  
 vedor, assistente, e muito enfermo nas Caldas, donde no mez  
 de outubro veyo para Lisboa, e falleceo em 3. de Novem-  
 bro de 1713. Aqui acaba a segunda parte, ou segunda jorna-  
 da da Nova Comedia critica do Senhor Barboza; o qual assim  
 como acabou a primeira insultando ao Author do Anno His-  
 torico do modo, que vimos acima num. 14. assim acaba a se-  
 gunda *castigando*, como elle diz, *com mão tão severa, e pezada*  
 ao mesmo Author, e ao *Qualificador dos seus Fastos* do mo-  
 do, que se vê no num. 66. da Dissertaçãõ Apologetica. Não  
 digaõ os Leitores, que nos fins das mesmas jornadas faltaraõ  
 os Entremezes, que se acabaõ com pancadas. Mas bem po-  
 dem dizer com verdade, que o Senhor Barboza, pela sua fic-  
 çãõ, e furor genial; melhor era para Poeta, que para Apolo-  
 gista.

### III.

68 **N**Uméro 1. com o titulo de Appendix às criticas  
 precedentes dá principio o Senhor Barboza à sua  
 terceira jornada com a mesma farça, e liberdade, que fez a  
 primeira, e segunda, continuando em exceder sem humanida-  
 de a ley, e o estillo das criticas, que se praticaõ em todo o  
 Orbe Catholico, e não Catholico. No mesmo numero, allu-  
 dindo ao Qualeficador dos seus Fastos, diz sua mercê assim.  
*Para que a verdade (sua) triunfe das malignas opposições do odio,*  
*disfarçado em zello, e da ignorancia presumida de sabia: me vejo*  
*obrigado a sair a segundo combate com este meu antigo Antigo-*  
*nista, e me parece, que ha de sair do campo tão convencido nos pontos*  
*historicos, como o deixei nas cençuras Theologicas.* Responde-se,  
 quanto à primeira parte, com tudo o que acima deixamos di-  
 to, e diremos nos numeros seguintes. Quanto à segunda par-  
 te respondemos com as mesmas cençuras Theologicas acima  
 copiadas 22. 5. até 17. Quanto aos artificios, que falsamente im-  
 poem



poem ao Addicionador, com o que está respondido 22. 3. 4.  
5. 67.

69 Numero 2. No titulo do Appendix, no numero primeiro, neste segundo, e nos seguintes, e em quasi todos do mesmo Appendix não faz fim o Senhor Barboza de inculcar, e conculcar a insufficiencia, a ignorancia, e inercia do Addicionador do Anno Historico; e como tem razão, e diz verdade sabida, devemos abaixar a cabeça, e responder com S. Paulo 2. ad Cor. 13. *Non enim possumus aliquid adversus veritatem, sed pro veritate.* E não faltará também quem responda com a Instrucção de Clem. VIII. de correct. libror. 2. n. 13. 17.

70 Numero 3. Admira-se o Senhor Barboza dizendo com falsidade, que se gastárao trinta annos em Addicionar-se o Tom. I. do Anno Historico, devendo admirar-se com verdade muito mais de si mesmo em passar mais annos, quantos vão de 27. de Setembro de 1713. em que os primeiros dous mezes dos seus Fastos acabárao de ter todas as licenças necessarias, como consta dos seus despachos, para se poderem imprimir, até Julho de 1745. que apparecerao impressos; com a notavel differença de serem os Fastos obra propria do Senhor Barboza, e de hum Author defunto a do Anno Historico; a que o Addicionador, como se sabe, se applicou sem honra, nem proveito no Anno de 1742. depois de se estar imprimindo o Tom. 2. e 3. da mesma obra, por querer o Impressor reimprimir, também à sua custa o Tom. primeiro, como consta das datas dos despachos do mesmo tomo; e tudo, e ainda mais sabe muito bem o Senhor Barboza, porque sempre andou em continua vigia, e indagação da fortuna, que corria o Anno Historico, pelos Padres da Congregação de S. João Evangelista, e pelos impressores de Lisboa; e de huns, e outros lhe constava, que nas demoras, que houve nas impressões do segundo, e terceiro Tomo do mesmo Anno Historico, não foi culpado o Addicionador, como se vê das datas dos seus despachos, e podem attestar algumas Communidades Religiozas de Lisboa, e muitos Impressores; porque bem notorio he, que em huma Officina estiverao os ditos livros 14 annos, esperando cabimento para se poderem imprimir, como tudo sabe com certeza o Senhor Barboza.

71 No mesmo numero 3: continúa o Senhor Barboza, e tomando da terceira regra da nova Dedicatória as palavras  
N ii mais



mais amplo, passadas outo regras as ajuntou ás palavras de suprir algumas faltas, que todas dizem ordem ao segundo, e terceiro tomo novamente impressos, e com o primeiro offerecidos; e de humas, e outras palavras compoz a clauzula seguinte: *O Diario mais amplo suprimdo as partes onde estava imperfeito, que dirige ao tomo primeiro impresso, sendo dirigidas ao segundo, e terceiro tomo, que de novo se imprimirão, e offerecerão na nova Dedicatoria. Que Leitor haverá, que não tenha por falsa, e ridicula esta manobra do Senhor Barboza? Na primeira antiga Dedicatoria do tomo da primeira impressão só se offereceo a Sua Magestade o Diario de quatro mezes; na segunda, diferente, e moderna Dedicatoria, se lhe apresentou o Diario completo de doze mezes, de que se compoem o Anno Historico; e porque faltou a vida ao Author ficando sem noticias alguns dias dos outo mezes ultimos, como attestaõ os Padres Revedores nas suas approvaçoens impressas no fim da mesma obra; e por isso offerecendo-se toda a Sua Magestade, se disserão na nova Dedicatoria as verdades, e expressões humildes, e comedidas, que nella se achão escritas; porque alguem da Congregação do mesmo Author o devia fazer, e se fez sem vaidade de Addicionador, nem se proferir a mesma expressão determinada em algum dos titulos, e lugares dos trez tomos do Anno Historico. Mas tudo falsificou, e interpretou sinistramente a seu modo o Senhor Barboza. E para que? Para continuar dizendo o seguinte: *Porem faltou (o Addicionador) com culpavel inercia a esta promessa, que deixou sepultados em ingrato silencio os mais illustres Heroes (no parecer do Senhor Barboza) de huma, e outra Jerarchia. Para argumento manifesto da sua pouca lição, ou do seu nimio esquecimento relatarei os nomes, que se comprehendem nos dous mezes de Janeiro, e Fevereiro. Atéqui o Senhor Barboza. Quizeramos não lhe dar resposta; mas he preciso illidir-mos as injustissimas calumnias, que, cheyo de grande adulação, nos faz, para nos fazer malquistos. Em primeiro lugar se responde, que cita com diminuição, as palavras, que se dizem no Prologo do Tom. 2. Quanto á pouca lição, e nimio esquecimento do Addicionador, se responde primeiramente com o que se diz no fim do numero 6. do mesmo Prologo citado. Em segundo lugar se responde, que se mettesse-mos no Anno Historico todos os que tem por Heroes o Senhor Barboza, e**

lhes  
rio,  
saõ os  
Anno  
los,  
Portu  
cidade  
co) e  
e fale  
mesma  
Differ  
por lh  
respon  
não fi  
se resp  
thodo  
que ex  
rito al  
não fi  
morav  
de  
do  
To  
tos.  
neiro  
Rainh  
tella,  
Março  
20. de  
num. I  
de Co  
zes T  
gança  
Mano  
3. pag  
Duque  
certo  
blicas  
Milita



lhes dá lugar nos seus Fastos sobrião os tomos do nosso Dia-  
 rio, não só a seis como os Fastos, mas a tantos, quantos  
 são os dias do anno. Em terceiro lugar respondemos, que o  
 Anno Historico não he catalogo de todos os Grandes Titu-  
 los, nem de todos os Prelados, nem de todos os Generaes  
 Portuguezes, se não das pessoas, que tiverão alguma heroi-  
 cidade, e notabilidade (como diz o titulo do Anno Histori-  
 co) e das couzas notaveis de Portugal (de cujos successos,  
 e falecimentos se pode saber o dia) como explica o titulo da  
 mesma obra, a que o Senhor Barboza no num. 14. da sua  
 Dissertação, com seu pouco de chança, chama Calendario,  
 por lhe parecer dilatado, sendo todo necessario, porque até  
 responde a esta critica do Senhor Barboza, que poderia ser  
 não fizesse, se advertisse bem no tal titulo. Em quarto lugar  
 se responde, que o Addicionador devia seguir o mesmo me-  
 thodo, e dezinteresse, e fazer a mesma escolha, e justiça,  
 que exactamente observava nesta obra seu Author, sem espi-  
 rito algum de adulação. Em quinto lugar se responde, que  
 não ficaraõ sepultadas em ingrato silencio: açoens algumas me-  
 moraveis; porque as de Salvador Correa de Sá, Restaurador  
 de Angola se referem no Tom. 2. pag. 524. e 525. Tom. 3. pag.  
 370. As açoens bizarras, que obrou em Roma o Embaixa-  
 dor D. Miguel de Portugal Bispo de Lamego se relataõ no  
 Tom. 2. pag. 555. até 559. Com mais individuação, que nos Fas-  
 tos. De D. Fernando de Vasconcellos se falla em 20. de Ja-  
 neiro num. VIII. e no primeiro de Novembro num. X. Da  
 Rainha D. Maria, mulher d'ElRey D. Affonso XI. de Cas-  
 tella, filha d'ElRey D. Affonso IV. de Portugal em 26. de  
 Março num. V. em 28. de Mayo num. V. pag. 136. e 138. em  
 20. de Agosto num. VI. pag. 562. 563. em 28. de Outubro  
 num. II. pag. 252. De D. Fr. Alvaro de S. Boaventura Bispo  
 de Coimbra Tom. 3. pag. 261. De Francisco Barreto de Mene-  
 zes Tom. 1. pag. 161. 171. 299. 300. 649. Da Duqueza de Bra-  
 gança D. Joanna de Castro Tom. 1. pag. 497. De D. Sancho  
 Manoel primeiro Conde de Villa-flor Tom. 2. pag. 180. Tom.  
 3. pag. 210. De D. Nuno Alvares Pereira de Mello primeiro  
 Duque de Cadaval Tom. 3. pag. 359. 452. 508. 527. 531. Esteja  
 certo, Senhor Barboza, que das Pessoas Egregias nas Repu-  
 blicas, Ecclesiastica, e Secular, dos successos Politicos, e  
 Militares da Luzitania, e das couzas memoraveis desta Mo-  
 narchia,



narchia, de que não dão noticia os Fastos de vossa mercê, nem o Anno Historico, se podem fazer muitos mais tomos, do que os trez impressos do Anno Historico, e do que dão os dous mezes impressos, e haõ de dar os mais promettidos dos mesmos Fastos. Não duvidamos, que alguns interessados tomem escandalo de não verem no Anno Historico, como vem nos Fastos, a muitos, que o Senhor Barboza tem por Heroes, não os tendo por tais o nosso Author, porque *Veritas odium parit*. Mas melhor he, que se escreva só a verdade, e se faça justiça, do que se evite aquelle escandalo, conforme a sentença de Santo Agostinho de lib. arb. *Si de veritate scandalum fumitur, utiliùs permittitur, nasci scandalum, quàm veritas relinquatur.*

72 Numero 4. Repete a mesma cenzura, que tinha feito no num. 52. da Critica Dissertação, como se pode ver no mesmo numero acima 2. 54. da nossa resposta, a que, por não repetilla, de boa vontade remettemos os Leitores. Diz mais num. 4. em que estamos, que o Addicionador mendigára, e extrahira das Gazetas de Portugal algumas noticias modernas. Sendo modernas, de que outros monumentos se podiaõ extrahir? Não prestaõ os das Gazetas para as noticias modernas do Anno Historico, e prestaõ para as também modernas dos Fastos? Diz mais, que são indignas do Anno Historico as noticias seguintes. Primeira: a que se dá a 27. de Janeiro, num. IX. pag. 169. da mesma sorte, que está escrita na Gazeta de 1741. de hum homem, chamado Matheus, que no serviço de mais de 60. annos de peincirar, e amassar o Paõ para os Padres da Companhia de Jezus do Collegio de Bragança falleceo na idade de 120. annos: ao qual o Senhor Barboza na sua critica futeitou 20. annos como costuma, quando lhe serve para armar as suas ridiculas impugnações. Segunda: a de huma mulher, a quem o Senhor Barboza calla a idade, da qual também se escreve no Anno Historico (como na Gazeta) a 23. de Janeiro de 1742. que fallecendo de 106. annos, pouco antes ainda cozia, e enfiava a agulha sem oculos, sem os quaes, poderá ser, que o Senhor Barboza na idade, em que se acha, não possa ler, nem escrever huma carta. Depois da critica destas duas noticias, que guarnece com facetas franjas, conclue apontando com as paginas das noticias sobreditas, com mais trez semelhantes; e poderá sua mercê apontar mais 22. que se citaõ



no Índice do Tom. 1. pag. 712. nas palavras *Idades grandes*; e mais 20. que no Índice do Tom. 2. pag. 617. se citaõ na palavra *Annos*; e mais 18. do Tom. 3. que por se não ajuntarem no seu Índice se citaõ aqui, pag. 59. 88. 132. 162. 169. 177. 178. 241. 267. 267. 306. 310. 377. 378. 386. 419. 497. Se mais idades grandes acháramos, todas escrevêramos no Anno Historico, porque estas noticias, por terem notabilidade, são proprias do mesmo Anno Historico, como consta da explicação do seu titulo, em que entra parte da Historia natural deste Reyno, e confessa o Senhor Barboza na sua Critica Disfertação num. 14. Com as mesmas noticias se prova a benignidade do nosso Paiz, e confirma o que delle dizem os Estrangeiros: Que por todo o mundo se deve adquirir cabedal para vir ultimamente gastallo, descansar, e viver largos annos em Portugal. Com mais poucas semelhantes noticias, e de mais limitadas, e menos prodigiosas idades, sómente de treze pessoas recomendou o P. M. Feijó o Reyno de Galiza, e o Principado de Asturias no seu Theatro Critico Universal. Tom. 1. Discurs. XII. §. 11. num. 5. 6. 7. A pezar de Tertulios, Manêres, e Barbozas, sempre o Anno Historico Portuguez, e o Theatro Critico Espanhol lograrão boa fama, fortuna, e aceitação, por se fundarem nos grandes merecimentos de seus egregios Authores.

73 Numero 5. Accuza no tribunal da sua critica ao Adicionador, do crime, que commetteo em não emendar os erros, e descuidos do Tom. 1. do Anno Historico, a que ja respondemos nos §§. 70. n. 3. 76. n. 8. e em outros muitos.

74. Numero 6. Começa assim: *Mostrada succintamente a insufficiencia do Adicionador do Diario*. Succintamente? E não cessa de appregoalla desde o principio até o fim destes seus reparitos! Remettemo-nos à resposta acima dada §. 69. num. 2. e desculpemos ao Senhor Barboza, porque falla, e escreve como sabe.

75 Numero 7. Entra o Senhor Barboza a impugnar a resposta, que o Adicionador deu ao Senhor Barboza Author do Catalogo das Raynhas no Prologo do Tom. 2. do Anno Historico; e sendo sete os pontos, calou o 1. 4. e 7. a que não teve que responder, e começando pelo terceiro, a que chama primeiro, sobre o anno em que nasceu a Infanta D. Branca, filha d' El-Rey D. Affonso III. dizem os Authores do



Catalogo; e dos Fastos, que fora aquelle nascimento no anno de 1259. e não no de 1269. como se diz no Anno Historico com Manoel de Faria e Souza, a quem os Senhores Barbozas quando o citaõ na Critica Differtação, e nos Fastos, chamaõ Author de grande authoridade, e lha negaõ, quando se cita por parte do Anno Historico, com a qual authoridade fica o mesmo Anno Historico, não debil, mas sufficientemente defendido em hum ponto Historico, cuja verdade, ou desta, ou daquella opiniaõ, tornamos a dizer, só Deus a sabe.

76 Numero 8. Impugna a resposta, que se deu no Prologo do Tom. 2. num. 11. à critica, que se fez no Prologo do Catalogo das Rainhas; sobre os annos em que nascerão o Principe D. Joaõ, e sua Irmã a Princeza S. Joanna. E se he boa, ou não, aquella nossa resposta, rogamos muito aos Leitores, que a vejaõ, e promettemos estar pela sua sentença. Ao mais que ajunta, e repete o Senhor Barboza neste numero está respondido acima: Sobre o Anno, em que nasceo El-Rey D. Sebastiaõ §. 34. num. 28. sobre o da morte d' El-Rey Wamba §. 32. n. 26. sobre os annos, que tinha El-Rey D. Sebastiaõ, quando entrou no governo, §. 34. n. 28. Do anno em que morreo o B. Calidonio §. 23. n. 17. De D. Gualdim Paes, §. 63. n. 61. Aos quaes lugares remettemos os Leitores, por não repetirmos o mesmo tantas vezes, como faz o Senhor Barboza com tanta molestia sua, e dos Leitores. Conclue o Senhor Barboza este numero increpando acremente a ignorancia do Addicionador de não emendar na reimpressãõ do Tom. 1. os descuidos do Author, e do Impressor. Senhor Barboza, o Anno Historico não he obra do Addicionador, o zello, o cuidado, e applicaçãõ nas couzas alheas nunca sãõ tão grandes, como nas proprias; nas do estado, e da limitada esfera do Addicionador não lhe faltava que fazer, e não devia preferir as obras de superrogaçãõ às da sua obrigaçãõ. Na folha das Erratas se advirtirãõ os poucos erros, e descuidos materiaes, que só confessamos na obra posthuma do Anno Historico, como no fim dos seus Fastos impressos faz o Senhor Barboza, não obstante ser Author vivo, Impressor, e Corrector da mesma obra, como acima apontamos no fim do §. 3. num. 1.

77 Numero 9. contem trez repetiçoens. Primeira, sobre a equivocaçãõ, que houve na affinaçãõ dos Pays da Infanta D. Maria

ria em  
que ja  
Prolog  
quivoc  
gunda  
em qu  
houve  
IV. a  
repetiç  
mendar  
do §.  
78  
na Cri  
no An  
Conde  
impugn  
2. n. 8.  
mais v  
conten  
D. Fe  
na real  
mo Int  
do, co  
mo o  
parte,  
Prolog  
fatisfe  
te da  
Leitor  
mais a  
tica E  
to, e  
nerave  
vento  
lar, ou  
por d  
mero  
dias,  
do Se  
nhaffe



ria em 3. de Fevereiro; e não houve em 18. de Janeiro; a que ja se respondeo acima §. 39. num. 35. remetendo-nos ao Prologo do Tom. 2. n. 12. e á emenda, que se fez daquella equivocação no Tom. 1. reimpresso em 3. de Fevereiro. A segunda repetição he sobre os Pays da Senhora D. Serafina, em que tambem no Anno Historico a 6. de Janeiro num. 7. houve equivocação, não a havendo em 22. de Fevereiro num. IV. a que ja respondemos acima §. 28. num. 22. A terceira repetição he sobre o zelo, que não teve o Addicionador em emendar os sobreditos descuidos, a que está respondido no fim do §. e num. antecedentes.

78 Numero 10. Tendo impugnado o Senhor Barboza na Critica Differtação num. 48. o dia 4. de Março, em que no Anno Historico se poz a morte do Infante D. Fernando, Conde de Flandes, torna a repetir neste numero a mesma impugnação em resposta da que se deu no Prologo do Tom. 2. n. 8. á mesma critica, que ja tinha feito o Senhor Barboza mais velho no Prologo do catalogo das Rainhas pag. 10. E contendo duas partes; primeira, o dia da morte do Infante D. Fernando em Noyon de Flandes; segunda, affirmar-se ser na realidade (palavra formal no Prologo do Catalogo) o mesmo Infante filho terceiro d'El Rey D. Sancho I. e não segundo, como foi, e está escrito no Anno Historico: Assim como o Senhor Barboza se deu por convencido nesta segunda parte, em que ja não falla, com a resposta, que se lhe deu no Prologo do Tom. 2. acima allegado; tambem podia dar-se por satisfeito com a resposta dada no mesmo lugar á primeira parte da sua impugnação sobre o dia da morte, como dirão os Leitores; e muito mais tornando a ler a que acima damos mais ampla, e certamente verdadeira no §. 50. num. 48. da Critica Differtação. Que Lector haverá, que neste tão notavel ponto, e no valor das suas citas, não tenha por igualmente veneravel, e da mesma authoridade o livro dos Obitos do Convento de Moreira, que o de outra Igreja Regular, ou Secular, ou que o dos Conventos de Villar de Frades, e de Arrayolos, que por desprezo aponta o Senhor Barboza? Diz mais neste numero, que o Author do Anno Historico inverte a ordem dos dias, antepondo huns, e pospondo outros. O mesmo dizemos do Senhor Barboza; o qual quer, que o nosso Author advinhasse a sua opiniação, e seguisse a dos livros, porque depois



havia de ler sua mercê, e não a de outros livros, que affirmam as mesmas noticias em diferentes dias, como he notorio a todos, os que lem Historia, e confessa o Senhor Barboza no seu Prologo acima citado §. 35. seja tambem prova do que dizemos, o dia da morte de Heytor da Silveira, que o Senhor Barboza aponta pela sua parte, sendo-o juntamente pelo do Anno Historico. Concordão estes dous Escritores em que Heytor da Silveira, passados alguns dias depois da Conquista da Ilha de Beth, morrera das feridas, que recebeu na mesma Conquista; a qual poem o Senhor Barboza com o seu Castanheda em 2. de Fevereiro, e o nosso Author com o insigne Barros em 9. do mesmo mez, como se atesta no Prologo dos Fastos acima allegado; e seguindo aos mesmos Authores, colloca o dos Fastos a morte de Heytor da Silveira em 12. de Fevereiro, e em 14. o do Anno Historico; e por isso variação nas datas, concordando ambos nas noticias, conforme aquelles Authores as dão com a mesma sobredita differença, e ja mostramos na primeira, e segunda reposta acima dadas a esta mesma terceira vez repetida impugnação §. 42. num. 38. §. 46. n. 42. Assim são as mais impugnaçoens, que se apontão neste numero, a que temos respondido em muitos lugares.

Numero 11. até 28. Applica o Senhor Barboza todo o seu cabedal em fazer certo, e indubitavel o casamento d'ElRey D. Pedro I. com D. Ignez de Castro, e em responder á duvida, com que se escreveu no Anno Historico em o 11. de Janeiro num. VI. A qual (com licença de sua mercê) ainda fica em pé inteiramente, como haõ de confessar os Lectores, que tiveram noticia da Historia Portugueza, cujos Escritores, antigos, e modernos, pela mayor parte, ou dão por falso, ou ao menos por duvidoso o tal matrimonio com gravissimos fundamentos. Alem dos que citamos no Prologo do Tom.2. num.17. damos aqui os que temos presentes. Fernaldo Lopes, Chronista mór de Portugal, Guarda Mór da Torre do Tombo (primeiro Escriitor daquelles tempos, e da melhor nota, e mayor authoridade, como dizem os que se lhe seguirão) na Chronica, que compoz d'ElRey D. João I. cap. 179. pag. 372. até 377. cap. 190. pag. 401. até 404. Duarte Nunes de Leão, Chronista do mesmo Rey cap. 45. 46. pag. 141. até 149. Luiz Coelho de Barbuda, Reys de Portugal, e Empref. Mil. pag. 50. O. P. Francisco da Fonseca da Companhia, E-

vor. G  
Soares  
Mem.  
1. cap.  
e do P  
chama  
re do  
Part. V  
Fr. Ma  
lo sobre  
mento  
ta na T  
trumen  
na mes  
trumen  
Portug  
doza,  
demos  
mente  
con Un  
ticulo  
o Senh  
novo,  
por diz  
mento  
de cor  
boza. I  
Author  
lou de  
gação  
§. 24.  
a conde  
fencias  
o Addi  
ereveo  
mo Pr  
80  
te hum  
transfe  
guem.  
coro



vor. Glorios. impressa em 1728. pag. 63. 71. num. 119. Jozeph Soares da Silva, Academico da Academia Real da Hist. Portug. Mem. d'ElRey D. Joaõ I. estampadas em 1730. Tom. 1. liv. 1. cap. 40. 41. Inquirição Judicial tirada pelos Bispos de Evora, e do Porto sobre a falsidade do mesmo matrimonio (assim se lhe chama na mesma Inquirição) cujo original se guarda na Torre do Tombo, transcrita, e impressa no anno de 1727. na Part. VIII. da Monarch. Luzitana, composta pelo Chronista Fr. Manoel dos Santos liv. 23. cap. 30. pag. 655. e allegada pelo sobredito Author Jozeph Soares da Silva, pag. 215. Instrumento na Lingua Latina da Eleição d'ElRey D. Joaõ I. que está na Torre do Tombo liv. 4. dos Reys pag. 1. e outro Instrumento da mesma eleição na Lingua Portugueza, que está na mesma Torre liv. 1. dos Reys, pag. 4. copiados os ditos Instrumentos no Tom. 1. das Provas da Hist. Gen. da Caza Real Portug. pag. 343. 350. Da mesma opiniaõ negativa, ou duvida, há mais Escriitores antigos, e modernos, que não podemos procurar, donde residimos. Os Estrangeiros universalmente negaõ o tal cazamento, como se pode ver no *Lexicon Universale* de Hofman, e no Dicionario de Moreri no Artigo *Pierre*, e no Artigo *Portugal*. A todos deixa em paz o Senhor Barboza, e daquella duvida só faz crime, e crime novo, nunca até agora visto, ao Author do Anno Historico, por dizer, com o commum dos Escriitores, que *aquelle cazamento correu sempre duvidoso na fé dos Portuguezes*. E assim ha de correr sempre, não obstante o empenho do Senhor Barboza. Neste mesmo numero 11. torna sua mercê a condenar o Author do Anno Historico por variar da opiniaõ, com que fallou de passagem naquelle cazamento na Chronica da Congregação de S. Joaõ Evangelista, a que ja se respondeo acima §. 24. n. 18. §. 30. n. 24. e em muitos mais. Tambem torna a condenar em geral os chamados enormes erros, e incoherências do mesmo Author, a que se tem respondido, e contra o Addicionador os absurdos, e desenfreamentos com que escreveo no Prologo do Tom. 2. a que está desmentindo o mesmo Prologo, como podem ver, e examinar os Leitores.

80 Numero 12. e seg. Interpreta, e accomoda livremente humas palavras nossas do Prologo do Tom. 2. §. 15. que transfere no fim do numero antecedente, e são as que se seguem. *Desta expressão se collie muita bent, que o Douçissimo Author*



thor do Catalogo estava preocupado; pois neste seu modo de se explicar latet anguis, mas permitamos-lhe o desabafo da sua paixãõ, em quanto damos reposta à sua mal entendida critica. Senhor Barboza, com estas palavras não se responde às algaravias, que sua mercê repete nestes numeros 12. 13. 14. a que já respondemos acima §. 1. e 61. porque não tínhamos noticia da injusta, petulante, falsissima accusaçãõ, que se nos faz nas mesmas algaravias. O que só sabiamos, por ser publico, e notorio, era a mofa, e escarneo, que por muitos corrilhos andava fazendo o Senhor Barboza da cenzura, que por obrigação de Qualificador, fizemos a alguns pontos dos seus Fastos, a que também enfaticamente (como fez o Senhor Barboza Author do Catalogo) respondemos no nosso Prologo com aquellas comedidas palavras, que todas dizem alluzãõ, e ordem à sobredita queixa, e publicaçãõ da nossa cenzura, dada em segredo judicial, como se vê claramente das palavras *estava preocupado: dezabafõ da paixãõ: latet anguis*: Com as quaes se responde às seguintes do Catalogo. *Se me fora licito ninguem melhor do que eu podera tirar a mascara, &c.* Humas, e outras só dizem ordem ao sobredito fundamento, e não ao que agora expoem as repetidas fallacias do Senhor Barboza, nem podiamos presumir, que sua mercê se estimulasse tanto da demora tão commua, e ordinaria, que houve na revista dos seus Fastos, e muito mais parecendo preciso cenzurar-se alguns pontos, para que era necessário tempo, e achar-se entãõ o Qualificador com outras occupações, como já se disse no §. 3. a que remettemos os Leitores. Quãtas vezes na sua judicatura dilatou mais tempo o Senhor Barboza o exame, e despacho de alguns autos, e com mais certo prejuizo das Partes, do que o fingido; que diz tivera na dilaçãõ daquella revista dos seus Fastos! Quãtos livros se têm demorado, demoraõ, e haõ de demorar nas revistas, não só quatro mezes, mas muitos annos, como succedeo aos Tomos 2. e 3. do Anno Historico, succede, e hade succeder a infinitos livros! Notavel foi aquella dilaçãõ de quatro mezes (que forãõ precizos como deixamos dito) a qual bastou para ser avaliada do Senhor Barboza por cavilosa deligencia, e malevolo artificio; bastou para impedir a impressãõ de dous mezes dos seus Fastos, não menos que quazi 32. annos, desde 27. de Setembro de 1713. que tiverãõ licenças de todos os Tribunaes para se poderem imprimir, como se vê dos Despachos



chos impressos, até Julho de 1745. em que sahiraõ a luz. Que Leitor haverá, que não dé grandes rizadas, lendo, e examinando estas couzas, como ja acima pedimos §§ 2.3.61. e que depois de as rever não diga: Senhor Barboza não confunda a verdade, nem pertenda tapar o Ceo com huma joeira! Quem impedio a vossa mercé não imprimir os dous primeiros mezes dos seus Fastos no Anno de 1713. que bem o podia fazer muito largamente, sendo entao de tao limitado vulto, desde 27. de Setembro até o fim do mesmo anno? Porque os não imprimio no de 1714. no qual ainda acompanhava, ou precedia a sua impressao à do Tom. 1. do Anno Historico, como dizem as suas primeiras folhas? Não faça tao inadvertidos a todos os Leitores em couzas, que estaõ bem à flor da terra. Quanto à Cantinella, tantas vezes repetida, de mudar de opiniao o Author do Anno Historico sobre o casamento d' El-Rey D. Pedro I. com D. Ignez de Castro, e tambem sobre os defeitos do mesmo Rey; a tudo está respondido acima §§. 24. 30.79.

81. Numero 13. diz, que os dous primeiros mezes dos Fastos se offereceraõ ao Santo Officio hum mez antes, que os quatro mezes do Tom. 1. do Anno Historico. E que temos com isso? Nestes não se achou, que censurar, e naquelles sim, o que consta da nossa censura acima copiada. No excesso de quatro a dous mezes da composicao de huma, e outra obra, se deve conhecer a differença, e ventagem, que levava o Anno Historico aos Fastos, e tambem na precedencia da impressao não menos, que de trinta annos, e de trinta e hum depois da morte daquelle Author, deixando compostos os mais tomos, que pela mesma cauza não sahiraõ entao juntamente impressos com o primeiro, como he notorio. Ao que se repete de Plagiario está respondido acima §. 2. *Se o segundo Qualificador rebateo com tanta literatura (como diz o Senhor Barboza) as chymericas censuras do Qualificador primeiro, em tal forma, que julgou a rectidão do Tribunal, que não devia o livro ser censurado por terceiro Qualificador, sahindo com exemplo nunca praticado livre das notas do Qualificador primeiro: melhor o dirão os Leitores, depois de verem as mesmas censuras acima copiadas §. 5. até 16. Ao exemplo nunca praticado (como diz) de que lhe fez mercé o Tribunal do Santo Officio, só deve dar graças a Deus Nosso Senhor, que em tudo he o que intenta o*



mesmo Santo Tribunal nos seus despachos de justiça ; e piedade, que executou em resolver inattendiveis as censuras do primeiro Qualificador ( como falsamente diz o Senhor Barboza , pois o contrario consta do que acima mostramos na copia da nossa censura ) acrescentando , *que larga , e evidentemente deixa convencidas na sua Dissertação precedente: e se he , ou não assim , o julgarão os Leitores sabios depois de vistas , e examinadas as mesmas notas , e as nossas repostas às suas criticas , e satyras nos lugares proximamente citados ; e no que respeita ao que provaõ as datas dos despachos , concordamos com o Senhor Barboza em pedir aos mesmos Leitores , que os vejaõ , e examinem , como ja dissemos muitas vezes.*

82 Numero 14. Do que acabamos de dizer nos dous §§. antecedentes , e dissemos nos citados , se manifesta com clareza a precedencia , que leva o Anno Historico aos Fastos , e a verdade , com que o Addicionador affirmou no Prologo do Tom. 2. §. 14. *Nesta Epitome , que he a unica deste genero no nosso Reyno , e essa mesma singularidade , que lhe adquire honra lhe grangea emulação.* E no Tom. 3. pag. 294. *Cõrdou (o nosso Author ) todas as suas obras com a deste Anno Historico . . . não se lhe pode negar a gloria de ser o primeiro.* Assim he , e até o mesmo Senhor Barboza concede a precedencia , que o Anno Historico leva aos Fastos na impressãõ , e tambem na composiçãõ , dizendo no numero primeiro da sua Dissertação Apologetica o seguinte: *Tinha composto o Padre Mestre Francisco de Santa Maria Conego Secular da Congregação do Evangelista o Anno Historico Diario Portuguez.* Como se concorda estar composto ( por confissão do Senhor Barboza ) o Anno Historico , antes de ser commettida a revista dos primeiros dous mezes dos Fastos , e não preceder a esta , aquella obra de quatro mezes , impressos mais de trinta annos antes que os primeiros dous mezes dos Fastos ; nem os mais , que completaõ todo o Anno Historico nos Tom. 2. e 3. tambem impressos antes daquelles dous mezes primeiros dos mesmos Fastos ? A revista destes , como consta do seu despacho , foi comettida em 14. de Fevereiro de 1713. o Author do Anno Historico morreo em 3. de Novembro do mesmo Anno , e como podia no tempo de oito mezes , e meyo satisfazer as obrigações do seu estado , e do lugar de Provedor das Caldas , compor os tres tomos do Anno Historico , e lutar a mayor parte do mesmo tempo com a  
mui-



63  
muito dilatada, e molestissima enfermidade de Hydropezia, de  
que faleceo no dia, e anno referidos? Julguem os meninos da  
escolla esta cauza de primazia, e precedencia, que nós pro-  
mettemos estar pela sua sentença. Quanto ao ser o Anno Historico  
singular no argumento, e differente dos Fastos, quem o po de du-  
vidar, vendo a multidaõ, e variedade de noticias, e couzas notaveis  
de Portugal, com que o Anno Historico se avantajá, e excede ao  
assumpto do Politico, e Militar, de que só trataõ os Fastos,  
como se vê nos titulos, e tomos de huma, e outra obra?  
Até o confessa assim o Senhor Barboza na sua Dissertação Apo-  
logetica num. 14. com as palavras formaes seguintes: *Assen-  
brou-me a multidaõ de notícias, que inculcava o Diario, sendo pa-  
ra tal calendario pequeno campo todo o frontispicio do livro, convo-  
cando-se para a sua formatura o Ecclesiastico, profano, militar, e  
natural do nosso Reyno, e conquistas.* Não sei, Senhor Barbo-  
za, se por esta sua confissão, sobre o que deixamos provado,  
e se prova do mesmo Anno Historico, revoltaráõ os Leitores  
contra vossa mercê os dicitérios, com que nos insulta neste nu-  
mero, e em outros muitos. Quanto ao nome de Calendario,  
que sua mercê dá por chança ao Anno Historico, se respon-  
de; que lhe quadra por ser Diario, e do mesmo modo aos  
Fastos, tambem Diarios de sua mecé, como diz nas folhas 3.  
e 4. do Prologo dos seus *Fastos Politicos, e Militares.* Aqui  
se podia dizer muita couza; mas melhor será, que vamos a  
outra.

83 Numero 15. diz, que o Addicionador renda as ar-  
mas, e não duvide do Cazamento (duvida delle a mayor, e  
melhor parte do Mundo) d' El-Rey D. Pedro I. com a Se-  
nhora D. Ignez de Castro, depois de o escreverem por cer-  
to no Catalogo das Raynhas, e nos Fastos os Senhores Bar-  
bozas, cuja uniaõ, e oppozição, dizem no mesmo numero,  
que são incontrastaveis; e o Addicionador diz, que aquelles  
campeões não são tão espantosos, que mettaõ medo à gente;  
porque não pizaõ sobre terra firme.

84 Numero 16. Transcreve as repostas dadas no Pro-  
log. do Tom. 2. às criticas do Senhor Author do Catalogo,  
e como não contem outra cousa; o dito, dito.

85 Numero 17. Continúa em não levar em paciencia,  
que o Author do Anno Historico mudasse de opiniaõ sobre a  
realidade do cazamento do Infante D. Pedro, depois Rey I.  
do



do nome com a Senhora D. Ignez de Castro, como se fosse algum delicto, ou couza nova, nunca vista, nem ouvida, sendo taõ frequente nos Escritores o mudarem de huma, para outra opiniaõ, conforme melhores noticias, que depois tiveraõ, como deixamos dito affima §§. 24. 30. 79. &c. Alem de que o nosso Author naõ mudou totalmente de opiniaõ affirmativa para a negativa, senaõ para a indifferente, e duvidoza, explicando no Anno Historico a brevissima clauzula, com que fallou do mesmo cazamento no *Ceo Aberto* Liv. 1. Cap. 3. pag. 192. nas unicas formaes palavras seguintes: *Cazou segunda vez com D. Ignez de Castro*. No Anno Historico porem, escrevendo a mesma noticia no dia 1. de Janeiro num. VI. a devia dar, e expender com as circumstancias, e formalidades opinaveis, com que se reputava na Historia, pois só tratava da tal noticia com especialidade em Capitulo separado, e dia proprio, e por isso a refere dizendo o dia, o anno, e a Cidade, em que, conforme a opiniaõ de alguns, se celebrou o casamento; o Bispo, que assistio; as testemunhas, que foraõ presentes; a declaraçã, que passados seis annos, fez o Infante debaixo de juramento de que estava cazado com a mesma Senhora; o juramento, que tambem deraõ a este acto as testemunhas do mesmo despozorio; a Bulla do Papa Joaõ XXII. em que dispensára o parentesco dos Consortes, que entaõ se exhibio aos olhos dos presentes; a expoziçã, que fez o Infante a El-Rey seu Pay, das rasões, que tivera para encobrir o casamento, cujos filhos tambem se declaraõ no Anno Historico no lugar proprio, em que devia dar, como dá a tua noticia em 7. de Janeiro num. IV. e em 18. do mesmo mez num. III. com a expressã seguinte: *Cazou segunda vez (segundo a fama) com D. Ignez de Castro, de quem teve: D. Affonso, que morreo menino: D. Joaõ: D. Beatriz: Naõ legitimo teve D. Joaõ Mestre de Aviz, depois Rey*. No *Ceo Aberto* no lugar citado se disse, do mesmo casamento, o que bastava, e só podia dizer-se na concisaõ, e propriedade daquelle puro, e brevissimo elogio (cuja arte, e differença, que estes tem dos elogios historicos, parece ainda ignora o Senhor Barboza.) No Anno Historico porem, depois de confirmar, e ampliar a mesma noticia do casamento, de que singularmente tratava, e escrevia no seu dia, passou o nosso Author a dizer, como devia, a probabilidade, que tinha, e as duvidas, com que o mesmo casamento cor-  
ria

ria n  
vado  
os l  
log. q  
de v  
ças,  
a su  
do c  
das  
satisf  
toric  
naõ  
le a  
Histo  
que  
no H  
mina  
de q  
fimo  
se dá  
zem  
torna  
Rey  
dia d  
Abert  
reme  
do S  
nha:  
der c  
da Se  
me,  
ajunt  
ponde  
faberã  
niaõ,  
e cor  
a Ter  
8  
heren  
torico  
617



ria na Historia, e na fé dos Portuguezes, como deixamos provado acima §. 79. Depois de se verem, e examinarem todos os lugares citados do *Ceo Aberto*, do *Anno Historico*, e do *Prolog. do Tom. 2.* digaõ os Leitores (se o rizo os deixar dizer) onde vão as preocupações, impropriedades, falsidades, mudanças, incoherencias, de que nos accuza o Senhor Barboza com a sua logica errada, e critica mal entendida? Do mesmo modo continûa emplastando neste numero humas palavras truncadas dos Prologos do 1. e 2. Tom. §. 2. as quaes sendo ditas em satisfação do methodo principal, que se observa no *Anno Historico*, as arrasta, e applica ridiculamente para prova de que não era lugar proprio o *Anno Historico* para se ampliar nelle a noticia daquelle casamento com as duvidas, que tem na Historia. Isto se deixa dizer o Senhor Barboza sem advertir, que nellas não se toma partido por alguma das partes no *Anno Historico*, nem no *Prolog. do Tom. 2.* como devem examinar os Leitores; a cujo arbitrio commettemos a sentença de qual era mais proprio daquella relação? Se o *Elogio* purissimo, e brevissimo do *Ceo Aberto*: ou a noticia historica, que se dá no *Diario* do mesmo casamento no dia, em que (dizem) foi celebrado? O mesmo dizemos à accuzação, que aqui torna a fazer o Senhor Barboza, por estender-se o caracter d'El-Rey D. Pedro I. mais no *Anno Historico* em 18. de Janeiro, dia do seu falecimento, do que no sobredito *Elogio do Ceo Aberto*; a que ja se respondeo acima §§. 24. e 30. e havemos remettido os Leitores tantas vezes, quantas são as repetições do Senhor Barboza. Quanto ao odio, que sua mercê diz tinha à sua Pessoa o Author do *Anno Historico*; basta responder com a confissão, que faz o Senhor Barboza no num. 1. da Senhora *Dissertação Apologetica*, dizendo: *assim como pelo nome, e não de vista conhecia a seu Author.* E ao que sua mercê ajunta, *de que o tal odio no Juizo de Deos lhe seria forte fiscal*: se responde que quando o mesmo Senhor julgar os vivos, e mortos, se faberá a verdade; e em tanto nos consolamos com a boa opinião, que deixou, e conserva no orbe religioso, e literario, e conservará sempre, não obstante a contradicção, que lhe faz a *Tertulia dos Senhores Barbozas.*

86 Numero 18. Ainda continua em accuzar de incoherente ao nosso Author, por se explicar mais no *Anno Historico*, como devia, do que no *Ceo Aberto* sobre o casamento d'El-



d'ElRey D. Pedro I. com D. Iñez de Castro, pertendendo provar a tal chamada incoherencia com as propozicoens Theologicas, que transfereve neste numero, quaes saõ *Spiritus Sanctus à Patre, Filioque procedit: Christus Dominus physice, & realiter est in Sacramento Eucharistiæ: Romanus Pontifex est Ecclesiæ Universalis supremum caput*: Sem advertir na distancia, e disparidade infinita, que vay de huma a outra couza, de huma a outra logica, de huma a outra asseveração, como dirão os Leitores Theologos, e naõ theologos; porque todos podem conhecer facilmente a grande differença, e impropriedade de argumentos theologicos, que se fazem neste numero. Conheceo-a, ainda que tarde, o Author dos Fastos; por isso cantando a Palinodia, sahe a campo com outras paridades. Será reputado, pergunta elle, por verdadeiro sequaz da Escolla Thomistica, hum theologo, que affirmando consistir a efficacia da graça na Predeterminação physica, escrever depois, que sempre correo duvidoza, e que dálla por certa, he demaziada presunção, e mal fundada credulidade? Poderaõ intitular-se fidelissimos discipulos do Subtil Escoto, do Fundatissimo Egidio, do Resoluto Baconio, e do Insigne Molina, aquelles Authores, que tendo asseverado, que os contradictorios *in Divinis* se salvaõ pela distincão formal *ex natura rei*; que se dá Predeterminação moral, distincão real intencional, e a famoza sciencia Media, depois suspendendo o seu assenso, escreverem, que defender, e propugnar semelhantes opinioens, he demaziada presunção, ou mal fundada crudelidade? Estas as perguntas: Vamos agora ás repostas. Sim Senhor: Naõ deixaria ser verdadeiro sequaz da Escolla Thomistica hum Theologo, que affirmando, que a efficacia da graça consistia na Predeterminação physica, dicesse depois, e ainda ao mesmo tempo, que esta resolução tinha sua duvida; pois naõ faltavaõ Authores, e Escollas, que a impugnassem: dálla por certa, e infallivel, naõ só seria demaziada prezunção, e mal fundada credulidade, mas summa ignorancia; seria confundir as diziçoens dogmaticas com as opinaveis. Bonito propugnador tinhaõ os Sapiientissimos Thomistas no Author dos Fastos: Como os havia defender, ignorando, que duas principaes Escollas, quaes saõ Escotica, e Jezuitica, estaõ contra a Predeterminação physica. Senhor Barboza, deixe-se de paridades theologicas, que isso he *mittere falcem in segetem alienam*. Ou-  
vio



67  
vió fallar em Predeterminação physica; e cuidou, que não havia outra couza. O mesmo digo dos sequazes das Escollas Escotica, Egidiana, Baconica, e Molinistica: não deixariaõ estes de serem alumnos das mencionadas Escollas, conhecendo, que haviaõ famigerados Authores *pro utraque parte*, como na realidade os ha: E se ha Authores por huma, e outra parte, se ha authoridade extrinseca, e intrinseca, como quer o Author dos Fastos, que o seu asserto não corra duvidoso. O Author do Diario, repare nisto Senhor Barboza, não diz, que defender, e propugnar cada hum a sua opiniaõ, he demaziada preunção, ou mal fundada credulidade; só sim dalla por certa, e infallivel, quando ha Authores em contrario. Não ha mais facil modo de impugnar, do que fingir, ou pintar cada hum a seu inimigo como lhe parecer. Em fim cortando por tantas imposturas, e futilidades, quantas contemplo nesta chamada Differtação Apologetica, e no seu Appendix, pergunto ao Author dos Fastos; que injuria he para hum Theologo passar de Thomista para Mediista, ou *e contra*, ou porque ponderando melhor, ou mais de vagar a qualquer destes Systemas, achou de novo rasões, que o persuadirão ao tranzito? certamente nenhuma; que a se-lo, muitos seriaõ no Orbe Litterario os injuriados: logo muito menos o será para hum Historiador apontar as duvidas, que ha na questãõ. Isto he, o que fez o Author do Anno Historico; não mudou de parecer, como suppoem o Author dos Fastos, despio-o da certeza, e infallibilidade, que este lhe considerava. Em graça, e para divertimento, e rizo dos Leitores, confirmemos o sobredito, não menos, que com o mesmo Senhor Barboza. Poem, e affina este nos seus Fastos, em 23. de Fevereiro, como se fez no nosso Diario, o elogio, e a morte de D. Henrique de Menezes Governador da India com dez Authores em que entraõ nos primeiros Castanheda Histor. da India Liv. 6. Cap. 133. Andrad. Chron. de El-Rey D. Joã III. Part. 2. Cap. 1. Depois de impresso o seu livro, por desviar-se do nosso Author mudou, e variou o Senhor Barboza daquella affinação, attribuindo-a no fim das Erratas do seu mesmo livro em hum §. separado ao impressor, como se isto pertencesse ao seu officio (Mas para o Senhor Barboza o mesmo he ser Author, que impressor) o qual a devia pôr (continua sua mercê no dito lugar) em 2. de Fevereiro, porque neste dia a escrevem



Castanheda Histor. da Ind. Liv. 6. Cap. 133. Andrade Chron. d' El-Rey D. João III. Part. 2. Cap. 1. citados como acima em 23. de Fevereiro. Assentemos pois, que só pode ser licito, e livre ao Senhor Barboza, e a ninguém mais, o mudar de parecer, de affinação, de explicação, e de opinião, nem ainda para a duvidosa, como só fez o Nosso Author na disputada contenda do duvidoso casamento d' El-Rey D. Pedro I. com a Senhora D. Ignez de Castro.

87 Numero 19. Depois de suppor, que deixa convencido ao nosso Author na sobredita chamada incoherencia; cuja supposição deixamos convencida de falsa nos numeros precedentes; continúa o Senhor Barboza na ardua porfia de querer provar a realidade do Casamento d' El-Rey D. Pedro I. com D. Ignez de Castro com os invalidos fundamentos da opinião affirmativa, certamente muito menores no pezo, no numero, na qualidade, na authoridade, do que são os da parte, que, ou nega, ou tem por duvidoso o tal casamento, e segue o commum dos Authores antigos, e modernos, que citamos acima §. 79. Não nos cansamos, nem devemos cansar aos Leitores bem instruidos na Historia Portugueza em copiar aqui os mesmos fundamentos, por que se podem ver, e melhor nos proprios lugares dos Authores citados, e em outros muitos, que *ex professo*, ou de passagem, seguem a mesma opinião; a qual se corrobora fortemente com a tradição geral, e constante, que sempre houve, continúa, e continuará sempre nos Portuguezes; porque nas couzas antigas, onde ha tradição, nenhuma outra prova mais se deseja, como diz S. João Chrystomo: *Si traditio est nihil aliud queras*. Não podemos porem deixar de advertir aos Leitores, que reparem na muita graça, e fatisfação propria, com que o Senhor Barboza insinua, que não se faça caso algum das allegações (apontadas pelo Author do Anno Historico no 1. de Janeiro, e pelo Adicionador no Prologo do Tom. 2. num. 17.) do famoso Antonio de Macedo, e do insigne João das Regras, se não das regras, que prescreve sua mercê na sua allegação. E quanto melhores, e mais concludentes fará de hum dia para outro qualquer Rabolista Forense pela parte, que, com mayores fundamentos, se duvida do mesmo casamento? Ao que se junta neste numero, em que estamos, do testamento de Carlos II. Rey de Castella, podem os Leitores ver, o que da vallidade do mesmo testamen-



to se diz no livro *Memorial Historial* pag. 3. impresso em 1702. composto pelo Espanhol Fr. Benito de la Soledad, Prégador Apostolico, Franciscano da Refórma de São Pedro de Alcantara.

88 Numero 20. diz: *Para que conheção* (o Author, e Addicionador do Anno Historico) *ainda que não queiraõ, como sempre correõ. certo na fé dos Portuguezes o Cazamento d' El-Rey D. Pedro I. com D. Ignez de Castro o provo com hum facto historico, que hum, e outro, se tiveraõ mayor lição das nossas Historias, poderiaõ ter visto, e he nesta materia concludente.* Mas que caso terá este taõ notavel, taõ singular, taõ concludente, que tanto prova a certeza daquelle cazamento, e de que, pelo seu achado, pede alviçaras o Senhor Barboza? He, senhores, não menos, que atrever-se Affonso Furtado a contar a El-Rey D. Joaõ I. a historieta, que ouvira sendo mancebo a hum Mouro em Ceuta; e o mais, que com este passára sobre todos os filhos, que teve El-Rey D. Pedro I. e refere Gomes Annes de Azurára na Chronica d' El-Rey D. Joaõ I. Cap. 16. pag. 51. 52. 53. da qual profecia, e historieta ridicula o mesmo Rey, e seus filhos fizeraõ grande galhofa, como diz o mesmo Author, e nella não fallaraõ os Escritores, que se lhe seguirãõ, como nelles se pode ver, em Duarte Nunes de Leão, *Chronic. d' El-Rey D. Joaõ I. Cap. 82. pag. 313. até 315. Faria, Europ. Portug. Tom. 2. P. 3 pag. 316. n. 143. Menes. Vida d' El-Rey D. Joaõ I. pag. 352. até 355. sobre os quaes tambem cahe a cenzura sobredita do Senhor Barboza. O mesmo Rey tanto sabia, que era illegitimo, e que lhe precediaõ (na idade, e na legitimação duvidosa, entãõ, e sempre contrariada) os filhos, que El-Rey seu Pay teve de D. Ignez de Castro, a qual, como diz o Senhor Barboza nos seus Fastos pag. 96. morreu em 7. de Janeiro de 1355. e El-Rey D. Joaõ I. nasceu em 11. de Abril de 1357. como no mesmo dia se diz no Tom. 1. do Anno Historico, e se ha de dizer no Tom. 2. dos Fastos. Tanto reconhecia o mesmo Mestre de Aviz aquella preferencia da idade, que quando o ceitou ser Regedor, e Defensor do Reyno, o fez saber ao Senhor D. Joaõ filho de D. Ignez de Castro, o qual se achava preso em Castella, e respondeo ao Mestre de Aviz as palavras formaes seguintes: *Que lhe enviava rogar, e pedir, que em toda guiza se chamasse Rey de Portugal, se o que-**



ria ver solto, cã de outra guiza elle nunca entendia sahir da prizãõ, e disto mandou carta de crensa por elle assignada, e aos seus criados, que servissem ao Mestre. Assim o escreve Fernão Lopes, primeiro, e mais verdadeiro Escriitor daquelles tempos na Chronica d' El-Rey D. Joãõ I. Part. 1. impressa em Lisboa no anno de 1544. Cap. 29. pag. 53. e 54. Faria, Europ. Portug. Tom. 2. Part. 3. Cap. 1. pag. 240. n. 16. Menef. Vida d' El-Rey D. Joãõ I. liv. 1. pag. 79. 80. liv. 2. pag. 198. Santos, Monarchia Lusit. Part. 8. liv. 23. pag. 14. Silva, Mem. d' El-Rey D. Joãõ I. Tom. 1. Cap. 34. pag. 178. atè 181. Se o fundamento da sobredita historieta he o mais claro, e evidente testemunho de ser indubitavel aquelle cazamento, como diz neste numero o Senhor Barboza, de que janda feraõ os mais, em que sua mercê funda a sua allegaçãõ?

89 Numero 21. diz: *Porem como podia ser duvidoso este cazamento, sendo jurado solemnemente pelo mesmo Augusto Contrahente?* Responde o primeiro Chronista Fernão Lopes, ja allegado, dizendo no cap. 179. pag. 374. col. 2. e seg.

Havemos de ter (saõ palavras formaes) que aquella publicaçãõ (do dito juramento) que estonce foi feita por mostrar que era sua mulher, foi muito maior ajuda para certificar, que nunca fora assi, que para cessar hum homem do que ante duvidava. Assi, que onde cuidavaõ, que o faziaõ muito claro para todos haverem de crer, ali foraõ leixar pegadas duvidas assi duvidozas, que naõ ha homem ligeiro, que seja, que nellas muito naõ interprete. E vede de que guiza El-Rey disse em Cantanhede por seu juramento, que poderia haver huns sete annos pouco mais, ou menos, naõ se lembrando do mez, nem do dia, que elle recebera esta D. Inez . . . . Quantos simplicies ali foraõ juntos, todos ligeiramente creraõ, que era assi . . . Ora vede, vos valha Deos, que historia esta, para nenhum cezudo haver de crer . . . E onde Estevaõ Lobato cuidou, que certificava muito, por dizer, que fora em dia de Janeiro, ali fez seu dito mui mais duvidozo, e cheio de suspeita, para naõ ser crido. Que pois elle dizia, que fora em dia de Janeiro, que he tamanha festa, como uzaõ todos. Vede se este era bem assignado para lembrar a El-Rey tal couza, posto que hou-  
vera



El Rey vera cem annos, que fora... Não houve receyo de a-  
 juntar assi quantos malfeitos, e degradados havia pelo  
 Reyno, e fazer guerra com elles a El Rey seu Padre,  
 cercando-lhe as Villas, e Castellos, e pondo fogo pe-  
 la terra, como se fosse de inimigos, e diz, que havia  
 medo, e receio de dizer, que fora D. Inez sua mu-  
 lher... Vede se era bom jogo de filho antre Pay, que  
 tanta guerra lhe fazia, elle andando pelo Reyno em  
 tal destruição, que assi mandára El Rey velar as Villas,  
 e Castellos por azo delle, como se dentro no Reyno  
 andassem seus inimigos. E não cuidais que esto somen-  
 te fazia nas Villas, e lugares pequenos, mas a Alca-  
 çova, e Castello de Lisboa, se velou, e guardou bem  
 trez mezes, e assi lhe pagou soldo aos vassallos El Rey  
 aos que em elle estavaõ, como se fosse na mayor guerra  
 dos inimigos, e fazendo isto, e outras tais couzas,  
 diz, que havia medo de dizer, que D. Inez fora sua  
 mulher... Quem lhe tolhia a elle, que o não pu-  
 blicasse logo como El Rey morreo, e elle reinou, pois  
 lhe tanto prazia de ofaberm todos? Mas a cabo de  
 quatro annos, depois que El Rey foi morto, e nenhum  
 ja disso curava, entãõ ordenou de dizer, que a rece-  
 berã por mulher, segundo aqui mandou publicar...  
 porque nunca elle pode haver dispensação do Papa,  
 que lhe legitimasse os filhos, entãõ fez aquella publi-  
 cação por mostrar, que eraõ lidimos, e valesse o que  
 podesse valer.

Por este mesmo theor, e deste mesmo sentir saõ atè o pre-  
 zente quasi todos os Escriitores nacionaes, e estrangeiros, que  
 ou diffuzamente, ou de passagem fallaõ neste ponto; e dos  
 poucos, que o affirmãõ, raro he o que não falla nelle com al-  
 guma duvida, ou que não dê fundamento para ella. E só no  
 Anno Historico não se podia dizer, que corria duvidoso!  
 Quanto ao Instrumento daquelle juramento, que se guarda na  
 Torre do Tombo, allegado pelo Senhor Barboza, se respon-  
 de, que affaz contrapezada fica a sua authoridade com a de  
 dous instrumentos judiciaes pela parte contraria, que tambem  
 se guardaõ na Torre do Tombo, e citamos acima 2.79. num.  
 11. Quanto ao crime de leza Magestade, que comete (como  
 diz o Senhor Barboza) quem não der credito ao instrumento  
 daquelle



daquelle juramento; por se guardar na Torre do Tombo; só dizemos, que no mesmo crime feroão incurfos os que duvidarem dos dous instrumentos contrarios, que allegamos; porque tam bem se guardaõ na mesma Torre, tambem correm impressos, e tambem devem gozar do mesmo privilegio de infalliveis, que o Senhor Barboza concede áquelle instrumento, com mais liberalidade, do que o Senhor Barboza Author do Catalogo das Rainhas, onde pag. 332. justamente nega o tal privilegio, e livra do sobredito crime aos que não crem ligeiramente. E quanto às citas dos Jurisconsultos, que sua mercê aqui ajunta para encher, ou borrar papel, ja respondemos acima §. 87. num. 19. a que remettemos os Leitores.

90 Numero 22: diz, que o *Addicionador insultára ao Senhor Author do Catalogo das Rainhas no §. 19. do Prologo do Tom. 2. do Anno Historico.* E se o diz com verdade, o dirão os Leitores (não dirão por certo) depois de visto, e examinado o dito lugar. Diz mais (de chança) que o *Addicionador dera huma evidente prova de insigne Theologo nas doudas cençuras, que fez sendo Revisor dos Fastos, que diffuzamente vão convencidas na Dissertação precedente.* Tambem depois de lidas as tais cençuras, que vão fielmente copiadas (como dissemos §. 6.) na primeira parte desta nossa resposta §. 5. até 16. julgarão os Leitores Sabios, se são, ou não, convencidas na *Dissertação Apologetica*, que contra as mesmas cençuras fez o Senhor Bacharel Jurista, metendo-se tão diffuzamente, como diz, na grande seara da sagrada Theologia, na qual como hospede lhe faz da porta huma cortezia, como se vê das suas impugnações Theologastricas. Diz mais, não como Jurista, mas como *Prezidente do Tribunal da Tertulia Critica, que as exceiões, que trazem Farinacio, e Castilho com os mais Juristas, não se podem verificar na asserção do juramento (tal, e qual como deixamos dito) d' El-Rey D. Pedro I. pois o interesse do amor da sua adorada Ignez (expressão vulgarissima nos Escritores modernos, de que tambem se uza nos Fastos) não obrigou aquelle Monarcha a afirmar a realidade do seu Cazamenro com D. Ignez de Castro, mas foi a obrigação da justiça, com que estava ligado para credito de sua Esposa.* Como não? Se foi para credito da sua Esposa, tambem foi para satisfação fina do amor à mesma adorada Ignez, e a seus filhos, como dissemos no referido Prologo do Tom. 2. num. 17. com a moderna authoridade do ce-  
le-



lebre Antonio de Souza de Macedo Lusit. liberat. Proem. 2.  
 2. 3. num. 8.

Opponunt tantum, sed fuisse legitimos non probant, nisi ex simplici dicto ejusdem Petri, qui post Agnetis mortem declaravit, se clandestinè eam in uxorem sumpsisse; hanc enim declarationem ex solo defunctæ, ac filiorum amore processisse fuit communis opinio confirmata in illis Comitibus, &c.

91 Numero 23. diz, que Castilho no Cap. 6. affirmã na sua limitaçã, que se o Rey, que fizer a asserçã do factõ proprio, posto que seja em materia do seu interesse, for ornado de virtudes hericas, se lhe não pode duvidar o que affirmã. Responde-se, que o Senhor Barboza não leo bem o Cap. 6. de Castilho. Este Author no cazo do interesse proprio do Principe, absolutamente affirmã num. 12. que não se deve estar pela sua asserçã: ibi:

Quando agitur de causa propria ipsius Principis, vel de ejus comodo, aut interesse, tunc enim illius asserzioni minimè standum est; prout latius comprobatur (Farinacius) num. 171. 172. 173.

E passando depois o mesmo Castilho nos numeros seguintes à resoluçã de outros diferentes casos, diz num. 15.

Et cum defacto suorum antecessorum attestatur, prout in dicta L. 1. tit. 21. lib. 9. ubi asserit Rex noster Philippus II. gratiam, & concessionem Tertiarum factam fuisse Regibus Hispaniæ, à Romanis Pontificibus plenam fidem adhiberi debere Principi aliquid asserenti. E no num. 16. ultimo do Cap. 6. (continua o mesmo Author) Et idem dicendum est, propter Religionem, aut Sanctitatem vitæ, integramque fidem, & opinionem Principis, aliquid asserentis, ut in simili casu, & in enerratione, seu relatione Regum Hispaniæ annotavit Salgadus, de Regia Protectione Part. 1. Cap. 1. prælud. 3. num. 157.

O que tudo he taõ diferente do nosso primeiro caso, e do que diz o Senhor Barboza (sem advertir, que à diversis non recte fit illatio, nec concludens deducitur argumentum) como se está vendo, e juntamente admirando da falsidade, com que allega, discorre, e applica sua mercè, nisto, e em tudo, como costuma nestas suas criticas, e podem examinar os Leitores



tores coriosos, e desoccupados. Diz mais assim: *Entre todos os Monarchas Portuguezes, não conheceo outro mayor Portugal na pratica das virtudes moraes, e heroicas, que El-Rey D. Pedro I. merecendo por ellas em a vida a veneração da Europa.* A isto respondeão os Leitores, depois de lerem as vidas de todos os Reys de Portugal. Continúa o Senhor Barboza o mesmo Elogio: *Ena morte a eternidade gloriosa certificada (com que revelação, e authoridade da Igreja?) com o estupendo caso de voltar a este mundo para confessar hum peccado esquecido (se foi esquecido perdoou-se indirectamente com os mais confessados) como testeficão Azurara, Azinheiro, Brito, Elog. 9. Santos, Monarch. Lusit. Tom. 8.* Tambem a isto respondeão os Leitores Moralistas conforme o juizo, que fizerem, e merecer o mesmo caso depois de lido com atençaõ nos Authores citados. Ultimamente se deixa sua mercê dizer assim: *Logo sendo este Monarcha tão justificado nas obras, e insigne em virtudes, ainda suppondo-se interesse na sua asserção, se deve, conforme a limitação de Castilho, que o Addicionador allega (porque o allegou o Senhor Author do Catalogo) pela sua opiniaõ, ter por infallivel. E tão infallivel (repoem o mesmo Addicionador) como de ser aquella asserção, como de facto he fingida por sua mercê a tal limitação, que impoem a Castilho no caso do interesse proprio do Principe.*

92 Numero 24. diz assim. *Mas suppondo, que deve ser admittida a limitação de não ser infallivel a asserção do Principe, quando nella vai incluído interesse proprio, desejára, que me respondesse o Addicionador a esta inferencia: logo he falsa a visãõ do Campeo de Ourique jurada por El-Rey D. Affonso Henriques?* Responde-se: No mesmo Castilho citado; e em outros muitos Authores pode sua mercê ver a differença, que vai de huma a outra asserção, de hum interesse particular ao commum de huma Nação, que Deos quiz favorecer, como entãõ mostrou o effeito, e ainda está mostrando a Providencia do Altissimo. E nos Historiadores pode ver tambem a differença, que vai da solemnidade de hũ a outro juramento; de huma a outra prova; de huma a outra tradiçãõ; de huma a outra opiniaõ; com que ambos aquelles juramentos correrãõ (hum sempre certo, outro sempre duvidoso) na fé dos Portuguezes; como todo o mundo sabe, e consta da Historia deste Reyno, e até consta do Escudo das suas Armas, que no principio do mesmo Reyno se erigiraõ, e ainda estão insinuando a verdade daquella visãõ sagrada. Por não cançarmos



os Leitores, os remettemos por parte do sempre duvidoso juramento d' El-Rey D. Pedro I. aos muitos Authores antigos, e modernos, que o duvidaõ, e citamos acima §. 79. n. 11. e por parte do reputado sempre por certo juramento d' El-Rey D. Affonso Henriques I. de Portugal nos remettemos ao que se diz no Anno Historico Tom. 2. pag. 398. e seg. pag. 404. 405. e seg. Tom. 3. pag. 257. e ao mais, que do mesmo Santo Rey apontãõ os Indices dos tres tomos da mesma obra, verbo *D. Affonso Henriques*. Mas sobre tudo remettemos os Leitores, naõ menos que a hum livro inteiro, que trata especialmente do mesmo juramento, e da santidade d' El-Rey D. Affonso Henriques, Author Jozeph Pinto Pereira, Doutor em Theologia, e ambos Direitos, impresso em Roma, anno de 1728. e tem por titulo: *Apparatus Historicus decem continens argumenta, sive non obscura Sanctitatis indicia Religiosissimi Principis D. Alphonsi Henrici, Primi Portugallie Regis*. No qual Livro Arg. 1. pag. 1. até 22. se transcrevem, e abonaõ aquelle juramento mais de sessenta Authores Portuguezes, Castelhanos, Francezes, Italianos, Flamengos, e Alemães; e sobre a santidade do mesmo Rey o que consta desde o principio até o fim do mesmo livro, e ao Catalogo, impresso no Real Mosteiro de S. Vicente de Lisboa, de 123. Authores, e Pelloas, que fallaõ do mesmo Veneravel Rey D. Affonso Henriques. Depois de visto tudo o que aqui apontamos, qualquer Leitor popular pode dar ao Senhor Barboza a diversa rafaõ de que necessita, como diz, e pede affirma neste numero.

93 Numero 25. Continua o Senhor Barboza neste numero a arguirmos com huma doutrina, a que chama inconcussa, deduzida da regra da Ley *Ubi* num. 12. ff. *de Testibus*; e para a comprovar, accumula inutilmente muitos textos, e authoridades. Bem podera o Senhor Barboza advertir, que as regras, e doutrinas geraes regularmente fazem hum argumento muito futil, e de pouca consideração, pois as suas exceções de ordinario convencem semelhante generalidade de arguir, como nesta succede. Naõ he taõ universal, e inconcussa a doutrina da Ley *Ubi* num. 12. que se o Senhor Barboza a lera com attençaõ achára logo nella huma amplissima limitação nas palavras *Non adjicitur* em cuja exposiçaõ referem communmente os Doutores innumeraveis actos, para que se necessita de maior numero de testemunhas, e muitos pode o Senhor



Barboza ver em Donel. lib. 25. coment. jur. civil. cap. 7. Farinac. de Testib. lib. 3. tit. 7. Quæst. 63. cap. 5. E quem disse a sua mercê, que não era este hum delles, e que para provar-se feria bastante o mero depoimento de duas testemunhas? Eu estou quazi certo, que o Senhor Barboza o não hade afirmar, porque hum negocio de tanto pezo, e consideração, qual he o matrimonio dos Principes, não se prova por testemunhas, mas somente por instrumentos publicos, como resolve Mascard. de probat. concl. 1023. num. 22. a quem cita, e segue Peg. 11. ad Ordin. lib. 2. tit. 35. §. 12. cap. 175. num. 30. especialmente nos cazamentos Clandestinos (como foi o da presente controversia) que em todo o tempo forão odiosos, e como tais necessitam de maior prova, pois sempre contra elles se presume, o que vulgarmente expendem os DD. aos cap. 1. e 2. de Clandest. Desponsat. Mascard. acima citado concl. 1027. num. 10. E não repare o Senhor Barboza em afirmar-mos sem preciza a prova de instrumentos, para semelhante acto, pois muitos há desta classe em Direito, para o que veja a Ordenação deste Reyno liv. 3. tit. 59. Mas demof-lhe, que para provar-se este cazamento eraõ sufficientes os ditos de duas testemunhas; para repellir o que, só faço ao Senhor Barboza esta pergunta: Não he preciso, que ellas sejaõ contestes, que se não possaõ arguir de falsas, que não padeçaõ defeito algum, porque se lhe diminua o credito? Discorro o não ha de negar o Senhor Barboza, por ser constante em Direito, e os DD. tanto trabalhaõ em expender: o *Odio*, o *affecto*, a *consanguinidade*, a *vileza da pessoa*, o *soborno*, o *medo*, *respeito*, *vassalagem*, e *subjeição*, o *não dar bastante razão do seu dito*, o *inverosimel do que afirma*, a *sua contradicção*, o *faltar a dizer as circumstancias substanciaes do acto*, de que depoem, o *tempo*, e o *lugar &c.* não argue suspeição em seus juramentos, falsidade, ou menos diminuição no seu credito? He sem duvida. Veja agora o Senhor Barboza se nestas testemunhas, que allega neste numero, encontra algum daquelles defeitos; pondere a inverosimilidade deste cazamento, como acima referimos, que as mesmas duas testemunhas forão mandadas jurar por hum Principe vulgarmente chamado Cruel, e em cauza de sua tão desordenada paixão, o que bastava para lhe tirar o credito, como afirma Farinacio de Test. tit. 6. Quæst. 60. á num. 210. Que o mesmo Bispo D. Gil sendo preguntado judicialmente pelos

pelc  
que  
mor  
o l  
dera  
anno  
to,  
igua  
das  
crita  
pes,  
num.  
teste  
dena  
da su  
para  
tem  
dores  
zaõ,  
Ouriq  
humas  
na Ci  
diz no  
tos A  
Appar  
to se  
dos tr  
impres  
thores  
este ju  
D. Jo  
naqueli  
de Alc  
que tir  
e notic  
d'ElR.  
commu  
cazame  
94  
prova c



77  
pelos Bispos de Evora, e Porto (como consta da inquirição, que se guarda na Torre do Tombo) pelo tempo deste matrimonio, respondeo lhe não lembrava, quando he inverosimel o seu esquecimento por ser de hum acto digno de tanta ponderação, e em hum dia tão affinalado, como o primeiro do anno, em cujos termos, não faz prova alguma o seu juramento; Farinac. acima citado Quæst. 64. num. 101. discurso este, que igualmente fez contra o Principe o grande Jurisconsulto João das Regras, como refere o primeiro, e mais verdadeiro Escriitor (assim lhe chamaõ todos) destas noticias, Fernão Lopes, Guarda mór da Torre do Tombo, acima citado §. 89. num. 21. Ultimamente lembro ao Senhor Barboza, que duas testemunhas teve contra si Suzanna, e nem por isso foi condemnada por adultera; e tambem lhe advirto, que o tribunal da sua Critica, e Jurisprudencia nos não pode arcar o juizo, para que ao menos não duvidemos de hum cazamento, que tem contra si tantas inverosimilidades, e que tantos Historiadores, ou negaõ, ou duvidaõ. O Juramento da Sagrada Viçaõ, que teve ElRey D. Affonso Henriques no Campo de Ourique foi feito treze annos depois pelo mesmo Rey em humas Cortes solemnes de todos os Estados do Reyno juntos na Cidade de Coimbra em 29. de Outubro de 1152. como se diz no Anno Historico Tom. 3. pag. 257. e melhor, com muitos Authores, que transcrevem, e abonaõ este juramento o *Apparato Historico* acima citado §. 92. n. 24. O mesmo juramento se vê copiado, e affinado pelo mesmo Rey, e Proceres dos tres Estados em Mariz Dialog. 1. Cap. 4. pag. 37. até 42. impressaõ no anno de 1594. O mesmo consta de muitos Authores citados no numero precedente. Nunca esteve occulto este juramento desde o seu principio até o Reynado d'ElRey D. João III. como falsamente diz o Senhor Barboza; o que naquelle Reynado se descobrio no Archivo do Real Mosteiro de Alcobaça, foi o Original do Auto do sobredito juramento, que tirou alguma duvida, que ateli se punha ás suas copias, e noticias. Pelo contrario, sempre foi duvidado o juramento d'ElRey D. Pedro I. como temos mostrado acima com o commum dos Escriitores; e assim correio sempre, como o seu cazamento, na fé dos Portuguezes.

94 Numero 26. diz: *seja a ultima, e mais concludente prova da realidade deste cazamento, occulta atéqui a muitos pro-*



*pugnadores da sua certeza o último acto da vida d' El-Rey D. Pedro I. conhecendo este grande Monarcha ser chegado o tempo d' deixar a gloria caduca pela eterna, fez testamento no dia antecedente ao da sua morte, cujo original se conserva na Torre do Tombo, e delle se lê impressa huma copia no Tom. 1. (impresso no anno de 1739.) das Prov. da Hist. Gen. da Casa Real Portug. pag. 379. (aliaz 279.) . . . e na Monarch. Lusit. Tom. 8. (impresso em 1727.) Liv. 22. Cap. 1. No qual testamento se nomea D. Ignez de Castro por Infanta, e Mulher d' El-Rey D. Pedro I. Responde-se, perguntando ao Senhor Barboza, onde, e quando se achou, e metteo na Torre do Tombo aquelle testamento, que só descobrião nos proximos annos de 1727. e 1739. os dous referidos Authores modernissimos; e não acháráo na mesma Torre, nem tiverão noticia de que El-Rey D. Pedro I. (na Monarch. 8. citada pag. 2. col. 2. se diz, que morrera arrebatadamente, e fez contudo testamento, ou o tinha feito antes) fizesse testamento algum os Chronistas, que foraõ Guarda-Móres do mesmo Archivo, nem tantos Escriitores antigos, e modernos, que precederaõ aos dous referidos, nem ainda os muitos propugnadores (como fantasticamente diz o Senhor Barboza) da certeza daquelle matrimonio? Não nos obriga a taõ desmarcada crença a fé, que se deve aos Archivos, ainda Regios, porque são administrados, e revolvidos continuamente por muitos diversos homens, algum dos quaes se póde corromper, como tem succedido muitas vezes, para metter no mesmo Archivo algum papel; o qual, sendo fabricado de novo, parece velho na fraze, fórma, e materia do mesmo papel; que até para isto (dizem) que não falta gente perdida, que o saiba fazer. Com muita razão, e verdade confirma o que acabamos de dizer, não menos, que o Senhor Barboza Author do Catalogo das Raynhas, dizendo a pag. 332. n. 352. assim:*

*Se nós sabemos, que nos Archivos publicos dos Reynos, como na Torre do Tombo de Portugal, e nos de outras Coroas, se tem introduzido em muitas occasiões papeis compostos, e ideados, &c.*

*E porque não se frabricaria o dito Testamento, que começou apparecer no anno de 1727. do mesmo modo, que com menos razão, e fundamento se diz no referido Catalogo, se fez a justificação da falsidade daquelle matrimonio, e o Breve de Innocencio VI. o qual (como diz o Padre Fonseca Evor. Glorios.*

pag.



79  
pag. 71. com o commum dos Authores acima citados n. 79. n. 11.) nunca quiz revalidar o chamado casamento, nem habilitar a prole para herdeira do Reyno por mais instancias, que El-Rey lhe fez. Deste Breve, e da sobredita justificação, que tambem está na Torre do Tombo, e por commissão das Cortes de Coimbra fizeram os Bispos de Evora, e do Porto, de que damos noticia no lugar proximo allegado, diz o Senhor Barboza no Catalogo das Rainhas pag. 331. n. 351. Ainda hoje estão vivas as justificações, que fizeram alguns Prelados de Portugal, em que com varias testemunhas pertenderão mostrar a falsidade deste matrimonio, não reparando, que deste modo mais declaravaõ a sua paixã, do que o seu zello; porque a esta demonstração não os obrigava a justiça (como não? Sendo-lhe commettida por humas Cortes?) se não a parcialidade. Estes he que devião ser os que compozeraõ (estupenda audacia!) o Breve, que ategora impugnamos, e que espalhando pelo mundo quantidade de traslados os foraõ maliciosamente introduzindo em muitas partes, para que descobertos pelo progresso do tempo, se tivesse por verdade innocente, o que era affectada industria. O mesmo, nem mais, nem menos, com melhores, antigos, e mais authorisados fundamentos adaptamos ao sobredito testamento novamente apparecido, e allegado. Ultimamente dizemos, que não saltará quem diga, que os descendentes da segunda linha dos Castros devem continuar o seu agradecimento aos que descenderem dos que introduziraõ na Torre do Tombo aquella nova prova testamentaria, de que se não soube 360. annos, que vaõ de 1367. em que morreo El-Rey D. Pedro I. até 1727 em que appareceo a primeira noticia, e primeira copia daquelle novo encoberto, e de todos ignorado testamento; o qual correrá a mesma fortuna, que tem corrido na fé dos Portuguezes. o sobredito casamento, e juramentó.

Numero 27. Remettidas ao divertimento dos Leitores as franjas, e facecias deste numero; ajunta finalmente o Senhor Barboza, para prova do referido casamento aos dous Escritores, que cita no numero precedente, mais dous, tambem modernissimos, o Doutor Fr. Bernardo de Castello Branco, e Joze da Cunha Brochado, Academicos da Academia Real da Historia Portugueza. Da Collecção das noticias da mesma Academia, que cita o Senhor Barboza, não consta, que o primeiro Academico diccse palavra alguma sobre aquelle ca-



famento ; unicamente preguntou à Academia , qual dos epithetos de *Cruel* ou *Justiceiro* merecia El-Rey D. Pedro I. ? A que respondeo o segundo sobredito Academico em hum discreto , e polido discurso , impresso no Tom. 2. da mesma collecção ; no qual se suppoem o referido cazamento com a probabilidade , que tinha , tal , e qual lhe dão as unicas palavras seguintes , que se dizem no §. 3. *A Rainha D. Ignez de Castro depois de morta coroada , e reconhecida.* E no §. 10. *com medo respeitoso d' El-Rey seu Pay se casou occultamente ; com a mesma attenção não declarou o cazamento.* Verificando-se no Senhor Barboza o que diz S. Pedro Chryfologo : *Sunt qui plura promittunt , & pauca reddunt.* Com as referidas palavras daquelle Academico , e com os tres sobreditos , tambem modernissimos Escritores do Tom. 8. da Monarch. Lusit. do Catalog. das Raynhas , e da Hist. Gen. da Caza Real , impressos em 1727. 1728. 1739. faz , e fórma o Senhor Barboza hum esquadaõ , a que chama formidavel , que segue a parte affirmativa daquelle cazamento : *Sed hi quid sunt inter tantos !*

*Apparent rari nantes in gurgite vasto.*

Mas de tudo se vale quem pertende dar corpo , e forças a huma opiniaõ enfraquecida em comparação da contraria mais verosimel , e authorizada como mostramos acima §§. 79. 89. &c. e muito mais em comparação da opiniaõ duvidosa , que apontou o Author do Anno Historico , e só defendemos em todas nossas repostas. A's authoridades , que o Senhor Barboza applica às nossas ignorancias , e stulticias no fim deste numero , com que tambem acaba o numero ultimo do Senhor Appendix , responde-se com a sentença de Diogenes , que refere Stobeo : *Est autem Philosophi munus etiam silere cum res responsione digna non est.*

96 Numero 28. Dando o Senhor Barboza por *desvanecidos* ( como tem visto os Leitores ) *os fundamentos* , com que o Addicionador defendeo ao Author do Anno Historico dos erros , e incoherencias , de que foi accusado no tribunal da critica mais judiciosa : assim chama sua mercè à sua critica ; e não faltará quem lhe applique com Ovidio 6. *Metamorphos.*

*Proh superi ! quantum mortalia pectora caecæ  
noctis habent.*

Continúa o Senhor Barboza a sua critica mais judiciosa pertendendo defender ao Senhor Barboza Author do Catalogo das  
Ray-



Rainhas do notavel, e geralmente notado pregaõ, que na praça do mundo lançou no Prologo daquelle Catalogo, atroãdo, e recomendando aos Leitores do Anno Historico, *que leão este livro com grande cautella, porque contem muitos descuidos. . . de que se podera fazer hum grande catalogo. . . e erros conhecidos, que se apontaõ no mesmo Prologo, e no Index verbo Francisco de Santa Maria.* No Prolog. do Tom. 2. §. 5. até 20. respondemos moderadamente, como deviamos, ás sobreditas calumnias, com o comedimento de lhe chamarmos *dezatençaõ, e desprezo* que não merecia aquelle Author. Ainda dizemos o mesmo, e se o dizemos, ou não com acerto, o julguem os Leitores depois de verem os sobreditos lugares, e de reflectirem no conceito, que tem formado de todas as composições, e do caracter do nosso Author, de que se dá noticia no mesmo Prologo do Tom. 2. §. 5. e mais largamente no Tom. 3. pag. 287. e seg. e também nas repostas, que o mesmo Author dá a outros Criticos, e se podem ver no Tom. 2. pag. 43. e seg. e no livro *Justa Defesa* impresso em 1711. em *trez satisfaçoens Apologeticas a outras tantas Invectivas*, com que o Author do livro *Alcobaça Illustrada* se oppoz contra alguns pontos da Chronica dos Conegos Seculares da Congregação do Evangelista, de que faz menção o Senhor Barboza neste numero, em que estamos, e mostra que a não leo, porque diz, que o nosso Author uzára nella de termos mordazes, e palavras satyricas, o que certamente he falsissimo, e se não achará em toda a dita *Defensa* expressãõ alguma immodesta, indecente, irreligioza, como attestaõ os Revedores doutissimos, que a reviraõ por ordem dos Tribunaes do Santo Officio, e Dezembargo do Paço nas suas approvaçoens impressas. O mesmo juizo fazem della quantos alem, e por isso he de todos muito estimada, e procurada. Nem aquelle Escriitor deixou na sua *Alcobaça Vindicada* totalmente convencido (como diz o Senhor Barboza) ao Padre Santa Maria; porque o contrario dizem os Leitores judiciosos, que lem com reflexãõ huma, e outra obra, como ja advertimos no Anno Historico Tom. 3. pag. 293. e seg. Também he falsissimo o que continua o Senhor Barboza, dizendo; *que o mesmo Padre Santa Maria não pode satisfazer á concludente efficacia dos argumentos da mesma Alcobaça Vindicada.* Senhor Barboza! *Alcobaça Illustrada*, como della consta, imprimio-se no anno de 1710. *A Justa Defesa, e Reposta*, que lhe deo o Padre



Padre Mestre Francisco de Santa Maria acabou de imprimir-se em 12. de Agosto de 1711. como consta dos seus Despachos impressos. Taõ pouco temia, e tanto dezejava o nosso Author, que o de *Alcobaça Illustrada* lhe respondesse, que para isso o dezafiou no fim da *Noticia previa da mesma Justa Defesa* com as palavras seguintes.

Ultimamente peço ao Padre Mestre, que se nos Tomos subseqüentes ha de profeguir a impugnar-me os ponha em publico com a brevidade possivel; porque os meus annos e achaques ja me annunciaõ pouca vida, e dezejára, que esta me durasse atè poder responder-lhe.

Em mais de dous annos, que sobreviveo o Author da *Justa Defesa* desde 12. de Agosto de 1711. em que se fizeraõ publicas aquellas suas palavras, até 3. de Novembro de 1713. em que morreo, não se imprimio a *Alcobaça Vindicada*, e só depois de passarem outros dous annos, depois de morto o nosso Author, appareceo impressa em 11. de Julho de 1715. como dizem os seus despachos tambem impressos. He na verdade para admirar a facilidade de animo, o dezafogo, o focogo, e a paz da alma, com que o Senhor Barboza escreve, pinta, e imprime, seja como for, e dê onde der.

97 No mesmo num. 28. Compara o Senhor Barboza a sua critica mais judicioza, não menos, que com a dos Santos Padres, Mestres, e Authores, que aponta. Sempre foraõ, e são praticadas a cada paço as Apologias, de que há infinitos exemplos, sendo o mayor, e mais alto de todos, o de Christo Senhor Nosso, que refere S. Math. 15. 2. 3. e S. Luc. 6. 42. porque não há Author, nem outro algum homem, que seja izento de cahir em erros, ou em descuidos. Este he o principal, ou unico fundamento, que faz muito uteis em todas as Artes, e Sciencias, as bem ajustadas, e reguladas Criticas, como são as dos Santos Padres, e Authores, que cita o Senhor Barboza, e não são as que tua mercê uza nestas suas Apologastricas Differtaçoens, que mais se dirigem, como nelas se vê, a desacreditar as pessoas, do que a advertir os seus erros, e descuidos, e por isso são geralmente condenadas de agrestes, insolentes, injuriosas, por estarem cheias de facecias, diçterios, irrizoens, detracçoens, em prejuizo da fama, estimação, e credito, mais dos Authores, que da mesma obra  
do

do An  
ção de  
2. num  
dos o  
de tod  
e da l  
Juiz n  
ens fer  
Advog  
e o M  
Pois,  
erudito  
ria, de  
commu  
tem ho  
te nur  
it: su  
Tract.  
lius ali  
Joan.  
der net  
comett  
Senhor  
ferá a  
e reco  
desta,  
charitat  
cymbalu  
98  
za alg  
Para o  
creveo  
tamos  
deve se  
Author  
prios l  
se trun  
primeir  
que ven  
tos juo  
o



do Anno Historico; o que expressamente prohibe a Instrucção do Summo Pontifice Clemente VIII. de correct. libror. 2. num. 13. 17. E tanto removem, prohibem, e condemnão todos os Tribunaes, e Magistrados Ecclesiasticos, e Seculares de todo o mundo, em observancia do preceito da charidade, e da ley natural. Senhor Barboza! Quando vossa mercè foi Juiz na Bahia não regeitava nos Autos Forenses as allegações semelhantes a estas de sua mercè, e não condemnava os Advogados com as penas, que prescreve o Direito commum, e o Municipal da Ordenação destes Reynos de Portugal? Pois, porque não vamos coherentes? Quanto aos empregos eruditos, e religiosos do Padre Mestre Francisco de Santa Maria, dos quaes diz o Senhor Barboza, *que forão huns ministerios communs a qualquer outro Regular*, respõdaõ os Leitores, que tem hdo todas as suas obras, e os lugares acima citados neste numero, e no 2. antecedente. *Non omnes paria merita habent: sunt alii aliis sanctiores, sunt alii aliis meliores.* S. August. Tract. 6. in Joan. *Alius est alio fortior, alius alio sapientior, alius alio justior, alius alio sanctior.* Idem August. Tract. 67. in Joan. He couza graciosa pertender o Senhor Barboza defender neste numero a dezação por elle imaginada falsamente, comettendo outra mayor, como acabamos de referir. Acente, Senhor Barboza, por couza certa, e indubitavel, que entãõ será a sua critica a mais judicioza, como tantas vezes clama, e recomenda, quando for igualmente sabia, verdadeira, modesta, e charitativa. *Si linguis hominum loquar, & Angelorum, charitatem autem non habeam, factus sum velut aes sonans, aut cymbalum tinniens.* D. Paul. 1. ad cor. 13. 1.

98 Numero 29. Depois de transcrever o Senhor Barboza algumas palavras do 2. 6. do Prologo do Tom. 2. diz assim: *Para o Addicionador conhecer, que ignora totalmente, o que escreveu neste 2. 6. do seu Prologo, antes de lhe ensinar (naõ aceitamos ensino que naõ he verdadeiro) o sentido do lege cautè, deve ser arguido da cavilação, com que truncou as palavras do Author do Catalogo (vejaõ-se humas, e outras em seus proprios lugares, e se conhecerá a falsidade com que se diz, que se truncaraõ) pois constando a sua propozição de duas partes; a primeira, de que o Author do Diario cometera muitos descuidos, que verdadeiramente eraõ erros; e a segunda, que omittira muitos successos nos quatro mezes, que escrevera, devia o Addicionador*



dor, como vigilante Apologista responder aos descuidos (como havia de responder se aos descuidos, se nenhum se declarou no Prologo do Catalogo?) E depois desculpar ao seu Heroe da omissão da sua penna, mas confundindo huma propozição com outra, sahe exclamando, que o Author do Diario não fizera obrigação de tratar nelle todos os successos de Portugal. Para que melhor se conheça a falsidade daquella accuzação transcrevamos aqui as palavras impressas no Prologo do Catalogo; são as seguintes.

Por esta cauza se me faz preciso advertirte, Leitor, que leas com grande cautella o Anno Historico Diario Portuguez, que escreveu o Padre Francisco de Santa Maria Conego Secular da Congregação de S. João Evangelista, porque escrevendo as Memorias mais celebres do nosso Reyno, o fez com muitos descuidos; e não fallando agora, no que deixou de escrever pertencente aos quatro mezes, que correm impressos, de que se podera fazer hum grande catalogo, só apontarei os dias, em que há erro conhecido.

Estas palavras do Prologo do Catalogo, como nellas se está vendo só contem duas proposições; huma dos descuidos das Memorias, e Noticias, que o Author do Anno Historico deixou de escrever pertencentes aos quatro mezes, que correm impressos, de que se podera fazer hum grande Catalogo; os quaes descuidos se não declararão no tal Prologo; e só se apontarão os erros conhecidos no parecer daquelle doutissimo Author: logo com muita razaõ, e verdade, e sem mutilação das referidas palavras do Catalogo as transcrevemos no nosso Prologo do Tom. 2. do modo seguinte:

As razoens, que dá o Senhor Author do Catalogo para a recomendada cautella são: Porque seu Author (do Anno Historico) cometera muitos descuidos, e que dos que deixára de escrever nos primeiros quatro mezes, podia elle fazer hum grande Catalogo.

E continuamos com o mais, que respondemos no mesmo numero, a que remettemos os Leitores, e pedimos nos digaõ por charidade, como podiamos responder aos descuidos, que no Prologo do Catalogo se não declararão, nem apontarão? Havia de preceder a resposta, e defeza á accuzação dos Senhores Barbozas? Agora que suas mercês a pantenteáram, e com tantas pateadas, na sua *Dissertação Apologetica*, he que só se



se podia responder, como fizemos modestamente na segunda parte desta nossa resposta. A segunda proposição, que contém o Prologo do Catalogo nas palavras acima transcritas, he o apontamento dos dias, em que (no Diario) ha erro conhecido; como diz aquelle Author apontando, e impugnando sete; e porque os não calou, como fez aos mais descuidos, pertendidos, que agora se declaram na Dissertação, lhe respondemos, e mostramos entao, que não eraõ erros conhecidos, no no nosso Prologo do Tom. 2. 2. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. e tambem nos 22. 45. 50. 75. 76. 77. desta nossa resposta. Ao que continúa, e repete no prezente numero dizendo, que o Anno Historico deixou sepultados com injurioso silencio varoens insignes, e factos memoraveis, tambem está respondido no mesmo Prologo do Tom. 2. num. 6. e muito mais nos 22. 54. num. 52. 71. num. 3. desta nossa resposta. Ao que repete de se occuparem muitas paginas no Diario com noticias, de que nenhuma gloria rezultava a este Reyno; ja se respondeo tambem acima no 2. 72. num. 4. da terceira parte desta mesma resposta. Ao que se diz ultimamente do fraco talento, e cabedal do Padre Mestre Francisco de Santa Maria para escrever Historia, em comparação dos mayores homens, que aponta o Senhor Barboza, respondeo os sabios, que nós só dizemos: *Nec omnia possumus omnes*; e tambem nos remetemos ao que diz Santo Agostinho acima citado no fim do numero precedente.

Numero 30. Argue ao Addicionador de dizer *com manifesto absurdo, falsidade notoria, e ignorancia crassa* no Prologo do Tom. 2. num. 6. que os Escretores *rarissimas vezes declaram os dias dos successos, e muy poucas os annos*. Para que se veja de que forte, e em que sentido dissemos estas palavras, transcrevamos aqui as antecedentes, e subseqüentes ás mesmas palavras referidas.

Por certo, que he este hum novo modo de impugnar as Epitomes, ou Noticias abreviadas, como são as do Anno Historico. Por ventura os Authores, que escrevem os successos passados, podem ter noticia de todos? E ainda que a tenhaõ, qual ha de ser o livro, em que caibaõ? A caso fez o Author do Anno Historico alguma obrigação de dizer na sua Epitome tudo o que tinha succedido em Portugal? He certo, que não; E ainda que a fizera, humanamente a não podia

dezem-



dezempenhar; porque adstricto aos dias dos mezes, que he o seu methodo, ainda fez muito nas que descobrio no pouco tempo, que lhe restava das suas principaes, continuas fadigas religiozas, e scientificas; porque os nossos Escriitores rarissimas vezes declarão os dias dos successos, e mui poucas os annos, porque he meramente impossivel o fazer por Diario o numero completo de todos os successos do Reyno; e arguir a hum Escriitor de não fazer hum impossivel he a mayor allucinaçãõ, em que se pode cahir. Esteja certo o doutissimo Author do Catalogo, que ainda que dos successos omisso no Diario, fizesse o seu Catalogo com a vaidade de o deixar completo, ainda se podiaõ fazer duzentos Catalogos mais extensos.

Ate aqui o que se diz no Prologo citado; e se disse, como se vê, em resposta da accusaçãõ, que se fez no Catalogo das Rainhas de se não meterem no Diario alguns successos menores em comparaçãõ dos mayores, e mais celebres de Portugal, os quaes não esquecerãõ, nem se faltou de dar noticia dos que se soube no Anno Historico, e sobre elles não cahem as palavras referidas, nem sobre os Escriitores, que declarãõ o dia, e o anno dos mais celebres successos, ainda que com muita variedade, como ja dissemos, e confessa o Senhor Barboza no lugar, que acima citamos na segunda parte desta nossa resposta §. 35. Porem nos successos menores, ou menos celebres, que se suppoem *omissos* no Diario, quem pode duvidar, que os nossos Escriitores *rarissimas vezes declarão os dias, e mui poucas os annos*? Vejaõ-se os Authores, que aponta o Senhor Barboza neste numero, e se achará, que de baixo de hum mesmo anno affinado no alto de muitas folhas, ou no titulo de hum muito largo capitulo, se daõ, e referem alguns successos, que occupaõ muitas folhas, sem se declarar no texto da sua relaçaõ o dia, e anno, em que se obriãõ, nem se podendo reduzir ao anno apontado nos contextos sobreditos, por se achar contradicãõ, e inverosimilidade no tempo, e em outras circumstancias dos mesmos successos. Certamente não tem o Addicionador que restituir aos Escriitores, que se apontaõ neste numero, ao Addicionador sim deve restituicãõ o Senhor Barboza por fazer universal, e comprehensiva de todas as noticias da nossa Historia, huma pro-

posiçãõ

posiçãõ  
nos  
prio  
porq  
cessos  
o Se  
Addi  
e ver  
em c  
obse  
em  
Auth  
se na  
se ac  
tos,  
tores  
gio,  
naõ  
dias  
thori  
que  
vang  
caso  
ridad  
pereg  
res N  
raren  
rigua  
que  
nos,  
rastã  
mos  
menç  
Hora  
merc  
gar  
elara  
Loga



posição particular, contrahida sómente a alguns successos menos celebres, omittos no Diario, como se vê no lugar proprio da mesma proposição aqui transcrito do nosso Prologo: *porque os nossos Escritores rariſſimas vezes declarão os dias dos successos, e mui poucas os annos;* como mostraremos adiante §. 107. Ao que o Senhor Barboza diz ultimamente neste numero, que observe o Addicionador todos os successos escritos no Tom. 1. dos Fastos, e verá que nenhum delles deixa de ter afinado à margem o anno, em que succedeo; se responde, que sim tem o Addicionador observado muitas vezes os annos postos à margem, e os dias, em que se collocaõ alguns successos nos Fastos; e vendo os Authores Nacionaes, que sua mercê cita no fim dos capitulos, se não achaõ nelles muitas das datas sobreditas, e se algumas se achaõ em alguns, não correspondem às affinações dos Fastos. E se differ o Senhor Barboza, que se acharão nos Escriitores Estrangeiros, que tambem cita, fatisará com este effugio, e escapatoria aos Leitores parvulos, e populares, mas não aos sábios, e judiciosos, que nas datas, e affinações dos dias, e annos dos successos de hum Reyno preferem a authoridade de seus Escriitores á dos de fóra do mesmo Reyno, que deſestimaõ, e abandonaõ na especie referida, avaliando por vangloria de erudição affectada, algumas vezes fingida (e no caso presente por industria, e espirito de contradicção, singularidade, desvio, e critica do Anno Historico) aquellas citas peregrinas de livros forasteiros, que a mayor parte dos Leitores Nacionaes nunca viraõ, nem podem ver, nem ler, por ignorarem os seus idiomas, ou por não serem interessados na averiguação da Critica, e variedade da Historia. Muito, e mais que muito havia, que dizer sobre o que observamos nos annos, e dias, e muito mais nas citas dos Authores, que se arcaſtáraõ para os Fastos; porem não somos criticos, só devemos responder às criticas, que nos tocaõ; e à presente recommendação o fazemos prevenindo aos Leitores com aquillo de Horacio.

*Speſtatum admiſſi riſum teneatis amici.*

100 Numero 31. Continúa o Senhor Barboza neste numero com a mesma critica do precedente, tornando a mastigar a primeira parte da sobredita proposição *rariſſimas vezes declarão os dias*, para inferir contra o Addicionador deste modo: Logo se colhe, que forão forjados na fantezia do Padre Santa Maria



ria os dias, em que poem os successos no Anno Historico? Bem arrancada ameixeira! Não vê, Senhor Barboza, que aquella propozição foi só proferida em reposta da accusação, que se fez no Prologo do Catalogo, dos successos omiffos, e não dos escritos no Diario, como mostramos nos numeros precedentes? Saiba, Senhor Barboza, que extrahir, e deslocar propozições do legitimo sentido, que tem no contexto, como faz sua mercê, he hum modo de arguir doloso, falso, e alheyo de toda a boa logica, de toda a boa critica, de toda a charidade Christan; e que contra os que arguem daquelle modo, se pode applicar aquillo de David Psalm. 5. 11. e de S. Paul ad Rom. 3. 13. *Linguis suis dolosè agebant.* A's mais palavras, de que se usa neste numero, como em todos, não damos reposta, porque não aprendemos expressões, e palavradas tão vis, e indecentés.

101 Numero 32. Pertende o Senhor Barboza defender, e desculpar a recomendada, e geralmente notada cautella, que o primeiro Senhor Barboza fez aos Leytores no Prologo do Catalogo das Raynhas com as palavras, que outra vez transcrevemos. *Se me faz preciso advertirte, Leitor, que leas com grande cautella o Anno Historico Diario Portuguez, que escreveo o Padre Francisco de Santa Maria, Conego Secular da Congregação de S. João Evangelista, porque escrevendo as Memorias mais celebres do nosso Reyno, o fez com muitos descuidos. E não fallando agora no que deixou de escrever pertencente aos quatro mezes, que correm impressos, de que se podera fazer hum grande Catalogo, só apontarei os dias, em que ha erro conhecido. E continúa declarando os erros, que convencemos de falsos no Prologo do Tom. 2. 2. 5. até 15. *Vim vi repellere licet.* Com muita razão comparamos aquellas palavras: *leam com grande cautella:* do dito Prologo com as equivalentes *lege cautè:* que se escrevem no principio dos livros compostos por Hereges, e com as mais razões apontadas no mesmo lugar. Podem os Senhores Barbozas escrever em Portuguez aquellas palavras, e nós não podemos escrevellas em latim? Podem dizer tantas propozições falsas, e injuriosas em muitos lugares do seu Catalogo, e destas suas criticas, e nós não podemos rebatellas, nem redarguillas, nem comparallas? Podem imprimir, e apregoar na praça do Mundo quanto querem, e não devem, e nós não devemos responder, nem defender-nos com decencia? Dizem neste nu-  
me-*



mero, e em outros com pena muito ensanguentada, que fizeram aquella advertencia, e pervençaõ aos Leitores do Anno Historico, Diario Portuguez, para que acutelados não bebãõ o veneno da falsidade, de que está cheya a dita Obra. Isto, e muito mais diz o Senhor Barboza muitas vezes, e se o pode dizer, e diz com rasoã, e verdade, o dirãõ os Leitores Sabios do Anno Historico, e das tres partes destas nossas repostas às suas criticas; as quais geralmente consistem na affinaçãõ dos dias, e annos de alguns successos, e falecimentos em que os collocou o Author do Anno Historico, conforme achou affinados nos livros impressos, e manuscritos de igual fé, que seguia, como deixou dito no 2. penultimo do Prologo do Tom 1. e tambem mostramos no Prologo do Tom. 2. principalmente nos §§. 21. e 22. e em outros da segunda, e terceira parte desta nossa reposta. Podem algumas vezes os Authores, e modernamente os da Part. VIII. da Monarch. Lusit. e da Hist. Gen. da Casa Real Portug. e os Senhores Barbozas servir-se de Memorias manuscritas, como consta das suas obras, e citas, e não podia talvez o Author do Anno Historico fazer o mesmo? Que injustiça! Tem o Senhor Barboza por erro, e falsidade o que differe da sua opiniaõ, a qual não julgarãõ por melhor os Leitores Sabios, que tiverem tempo, e paciencia para examinalla nos livros impressos, e nas memorias que se conservaõ em muitas livrarias de Conventos, e de Casas grandes desta Corte, que daõ com variedade a sobredita affinaçãõ. E Para os Leitores populares saberem quaes escritos historicos merecem inteira crença, não haõ mister outra couza mais, que conformar-se com a opiniaõ, escolha, conceito, e authoridade do Senhor Barboza. Esta he a regra, que ha de attender o publico como sua merce temerariamente prescreve no Prologo dos seus Fastos assim: *segurando* (palavras formaes) *que todos os successos, que se relataõ nos Fastos, vão collocados em dias certos, ainda; que na sua collocaçãõ variassẽ os Authores da nossa Historia.*

*Et temeritate fertur praeceptis, et ipse sua.*

Quanto às definições da palavra *Cautella*, do P. Bluteau, do Thesouro da lingua latina, de Cicero, de Plauto, de Quinto Curcio &c. e da Ley 2. de *Furtis*, com que o Senhor Barboza acaba de encher este numero, damos a reposta, que se lhe deve: *Nihil ad rem. Ut equiparanti patebit.*



102. Numero 33. A mesma reposta: *Nihil ad rem*: merecem *as cautellas*, que se apontaõ na Bibhotheca legal de Fontana com os mais Juristas, que se citaõ; e as civeis, e criminaes, que escreveo Cepola no Tratado de *Cautelis*; e as que a favor dos Herdeiros, Pupilos, e Legatarios decretaõ as Leys Imperiaes, que arrastra a Jurisprudencia do Senhor Barboza para responder à comparaçãõ que se fez, e podia fazer do *lege cautè*, às palavras: *leaõ com cautella* do Catalogo; da qual applicaçãõ juridica, que neste numero faz o Senhor Barboza, ainda que se riaõ os doutos, a louvarãõ, e admirarãõ muitos ignorantes, que estaõ sempre promptos com o seu *Amen* para qualquer papel novo apologetico, ainda que seja futil, superficial, e inveridico.

103. Numero 34. diz, que o Anno Historico merece o *lege cautè*; porque *está cheyo de Santos, que nunca existiraõ; de Bispos governando as nossas Dioceses, que nunca nellas entraraõ; e de varões celebres em virtudes adoptados por Portuguezes, sendo nascidos em outros Reynos.* como esta censura indeterminada dita em geral, e ao ar inclue, e comprehende juntamente a infinitos Escritores Portuguezes, e Estrangeiros, que dizem o mesmo, que se diz no Anno Historico, parece, que a jurisdicções superiores deve tocar a reposta, e vindicaçãõ do sobredito. O que só dizemos he, que ignoramos, como em Portugal se estampaõ estas, e outras innumeraveis falsidades, *satyras*, e *calumnias* contra a Patria, de que estaõ cheyas as presentes criticas do Senhor Barboza, impressas em Lisboa com todas as licenças costumadas, e com mais facilidade, confiança, e liberdade, do que podéra fazer na China, naõ obstante se poder imprimir no mesmo Imperio tudo o que cada hum quer, sem necessitar de licenças, mas do modo, e com a modestia, que refere Faria na Descripção da China, que extrahio da que examinaraõ, e escreveraõ em dous livros os Padres Nicoláo Trigauri, e Alvaro Semedo, Asia Portug. Tom. 2. Part. 4. Cap. 12. §. 1. pag. 772. Cap. 13. §. 2. pag. 782. *Las Oficinas desta arte (impressãõ) son innumerabiles: cada uno puede imprimir quanto quisiere, sin necessitar de licencias: y con esta libertad, es cosa digna de espanto, el ser cierto, que já mãs publican escrito alguno libre, ò immodesto.*

104. Numeros 35. 36. Argue ao Addicionador de dizer: Que

Que  
risda  
Se  
se l  
dem  
nem  
sem  
gave  
ther  
merc  
segu  
recc  
taõ  
Vul  
á m  
man  
daraõ  
em l  
das,  
recto  
muit  
gue  
come  
auth  
fas,  
torico  
nos  
Leite  
rico;  
fazer  
dizer  
em o  
Corte  
mas  
em h  
mos  
o qu  
I  
expres  
do p



Que não sabia, que os Criticos da Historia tinham tão ampla jurisdição, para poderem calificar os livros dos Autores Catholicos. Se o Senhor Barboza continuára aquellas palavras com as que se lhe seguem: Como a Igreja faz aos dos hereges: não condemnaria de absurdo a comparação das sobreditas palavras, nem cahiria no de não saber distinguir a Critica da Historia, sempre opinavel, da Critica sempre certa, verdadeira, irrefragavel, que refuta, e condemna os execrandos erros de Lutthero, e Semepelagianos, com que o Senhor Barboza neste numero confirma, e authoriza as suas Criticas; nem cahiria no segundo, e tambem indefculpavel absurdo de comprovar a correccão falsa, futil, ridicula, que suas mercês Barbozas fizeram ao *Anno Historico* não menos, que com a correccão da *Vulgata* da Sagrada Escritura, com a correccão, que se fez á mesma *Vulgata*, com a correccão, do *Martyrologio Romano*, com a correccão do *Breviario Romano*, as quaes mandaraõ fazer os *Summos Pontifices* por muitos homens insignes em letras, e virtudes, e por *Bullas Apostolicas* foraõ aprovadas, e mandadas observar as ditas correccoens; a cujos correctores doutissimos, e santissimos chama o Senhor Barboza muito indevida, e impropriamente *Criticos*, e os não distingue dos meros *Criticos da Historia Profana*, pertendendo, que, como aquelles grandes homens, tenhaõ a mesma jurisdição, e authoridade os Senhores Barbozas, para condemnarem de falsas, e erroneas as noticias sagradas, e profanas do *Anno Historico*, e a seus Autores de ignorantes; e para recomendarem, nos principios do *Catalogo das Rainhas*, e dos *Fastos*, aos Leitores, que leam com grande cautella &c. o tal *Anno Historico*; praticando deste modo o mesmo, que a Igreja manda fazer aos livros compostos por hereges. Muito mais se podia dizer ao que diz o Senhor Barboza nestes numeros 35. 36. e em outros muitos destas suas satyras, impressas na piedosissima Corte de Lisboa com nome do Author, e licenças ordinarias; mas não cabe tudo, o que poderamos, e deveramos dizer, em hum Prologo. Para os Leitores populares basta o que temos dito; para os sabios, he superfluo, e desnecessario tudo o que escrevemos.

105 No numero 37. que está galante, e guarnecido das expressoens, que costuma o Senhor Barboza, coroa a critica do primeiro tomo do *Anno Historico* com notar os principaes erros,



erros, que como monstros estão dispersos pelo vasto campo do segundo, e terceiro tomo do Diario; acabando a terceira jornada desta sua Nova Comedia Critica com a dança daquelles monstros. Vejamos pois, e bem podemos ver sem espanto, como dançaõ ao pezado toque da dezafinada lyra do Senhor Barboza, a que ja estamos costumados.

106 Numero 38. diz, que he erro palmar colocar-se em 8. de Mayo a morte da Senhora D. Maria de Portugal, Princeza de Parma, sendo a 8. de Julho, como diz na vida que escreveo da mesma Senhora, seu Confessor o Padre Sebastião de Moraes, que he testemunha *Contra producentem*, por ser allegado pelo Padre Santa Maria. Responde-se, que no *Anno Historico* se allega aquelle Author para abono das virtudes, e não do dia do falecimento daquella Princeza, como se pode ver no lugar referido. Responde-se mais, que depois de ser falecida, escreveo a sua vida o Author allegado, e a remeteo a huma Senhora de Italia com data de 15. de Julho de 1577. como diz Fr. Luiz dos Anjos no Jardim de Portugal fol. 48. E nos poucos dias, que vão de 8. até 15. de Julho do mesmo anno não podia caber tão larga escrita das muitas virtudes, e acçoens de tão excellente Princeza: Responde-se mais, que para o Author allegado ser testemunha *Contra producentem* do Anno Historico, devia o Senhor Barboza citar o capitulo, ou o numero, ou a folha, em que o Padre Sebastião de Moraes affina aquelle falecimento em 8. de Julho, pois a tanto está obrigado quem argue *Contra producentem*; o que nós não fazemos, porque para abono do dia 8. de Mayo, não se allega no Anno Historico aquelle Author, como ja diffemos, e não temos o seu livro. Em outros, por que não leo o Senhor Barboza, de que extrahio o nosso Author as excellentes noticias da mesma Princeza, se diria tambem, que fora a sua morte no dia, que está escrita no Anno Historico. Fr. Manoel dos Santos, Chronista mor do Reyno na Historia Sebastica pag. 99. poem a morte daquella Princeza em Junho de 1577. sem dizer o dia. Jac. Aug. Thuan. Hist. sui temp. ad ann. CIO DLXXVII. não poem a morte da mesma Princeza em 8. de Julho, como falsamente allega o Senhor Barboza, no liv. 65. fol. 234. no qual escreve aquelle Author, que succedera a dita morte aos oito do mez de Junho pelas palavras seguintes: *Qui pridie nonas Jun. decessit magna pompa funeratus ?*

funer.  
duara  
que  
mort  
os di  
nona  
mort  
mo f  
gund  
o me  
lavras  
mun  
Augu  
Quem  
Nona  
to dia  
nho.  
dias  
Julho  
Princ  
a fav  
que p  
10  
Anno  
que C  
tou á  
foi a  
N. S.  
o Sen  
parte  
cias  
mida  
não se  
se pô  
Diario  
15. de  
271.  
porqu  
a da  
Deca



*fineratus; quem eodem mense quarto postridie Maria Lusitana Edwardi F. & Emmanuelis N. Alexandri Farnesii uxor secuta est, que Parmæ ultimum diem clausit.* Contem estas palavras duas mortes; e explica aquelle Author (conforme a sua opiniaõ) os dias em que succederaõ por conta Romana; e porque as nonas de Junho são a cinco do mesmo mez affina á primeira morte o dia quatro de Junho, que vale o mesmo, que (como se ensina, e aprende na escolla) *Pridie Nonas Jun.* e á segunda morte da Senhora D. Maria Princeza de Parma affina o mesmo Author o dia oito de Junho claramente por estas palavras. *Quem eodem mense, quarto postridie Maria Lusitana ultimum diem clausit.* Quer dizer aquella oraçaõ toda de Jacobo Augusto Thuano o seguinte: *Qui pridie Nonas Junii decessit. Quem eodem mense, quarto die prostrie eum, qui fuit pridie ante Nonas Junii, Maria Lusitana secuta est.* Em Portuguez. Quarto dia depois daquelle, que foi primeiro, que as nonas de Junho. Pois, como este dia foi aos quatro, o que foi quatro dias depois delle vem a cair nos oito de Junho, e não de Julho, em que poem o Senhor Barboza a morte daquelle Princeza. Logo tambem foi erro palmar de sua mercê o citar a favor da sua affinaçaõ de oito de Julho o sobredito Author, que poem a mesma morte em oito de Junho.

107 No mesmo num. 38. continúa dizendo, que no Anno Historico Tom. 2. pag. 88. narrando-se a batalha, em que Gil Fernandes de Carvalho triunfou dos Malavares, se faltou ás verdadeiras circumstancias: se errou o dia, porque não foi a 16. mas a 15. em que entaõ se celebrou a Ascençaõ de N. Senhor, como diz Couto, e se prova evidentemente (diz o Senhor Barboza) da Letra Dominical. Quanto á primeira parte se responde, que nas Epitomes não entraõ circumstancias menores. Vista a relaçaõ historica de Couto, e a rezumida (como devia ser) do Diario, se achará, que, neste, não se faltou ao effencial daquelle vitoria. Quanto ao dia de se pôr em 16. de Mayo, assim o diriaõ as guias do mesmo Diario. Com maior differença colocou Faria aquella batalha em 15. de Agosto, Asa Portug. Tom. 2. P. 2. cap. 10. n. 6. pag. 271. Quanto ao Anno, não o declara o Anno Historico; porque não o achou seu Author nas noticias, donde extrahio a da mesma batalha. Couto, citado pelo Senhor Barboza; Decad. 6. liv. 10. cap. 9. fol. 216. escreve aquella noticia com



outras muitas succedidas em diversos annos, não declarados; com que enche os ultimos quatro capitulos do Liv. 9. e mais treze capitulos do liv. 10. da mesma Decada 6. de fol. 192. até 224. tudo debaixo do anno 1552. affinado no alto das ditas folhas. Com a mesma, e ainda mayor generalidade, affina Couto o anno de 1546. aos successos, que escreve em quasi quatro livros da mesma Decad. 6. desde fol. 7. até fol. 72. O mesmo faz Faria nos tres tomos das suas Asias, e no lugar citado escreve a sobredita batalha com outros successos de annos differentes, contentando-se tambem com affinar para aquella, e para todas as mais noticias, o anno de 1552. posto na margem da pag. 262. até 273. Assim, em quasi tudo o que escrevem os sobreditos, e muitos mais Authores. Quanto à prova da letra Dominical feita pelo Senhor Barboza, se responde, que nada tem de evidente, como diz sua mercê, porque não declara o Anno, pelo qual fez a prova; e sem expressão de tal anno não pode ser evidente a prova referida, nem se pode fazer demonstração alguma com a letra Dominical. E se o Senhor Barboza fez (como infinua) a sua evidente prova pelo anno de 1552. affinado com a generalidade referida por Couto, que unicamente cita sua mercê, he errada sem duvida alguma; porque segundo os principios, que não podem faltar, se prova evidentissimamente pelo Aureo Numero do mesmo Anno, que foi o 14. e letras Dominicaes, que foraõ C. B. por ser Biffexto, a segunda letra B. que governa desde 25. de Fevereiro mostra no anno de 1552. pelo computo Ecclesiastico a Paschoa da Ressureição de Nosso Redemptor a 17. de Abril, e a sua gloriosissima Ascenção a 26. de Mayo Letra F. Daquelle jaéz são as evidentes provas do Senhor Barboza. Daquelle modo, e com aquella generalidade, e confusão declaração muitas vezes os Escritores os dias, e affinaõ os annos dos successos, como deixamos dito 2. 99. num. 30.

108 No mesmo num. 38. diz, que se enganou o Author do Anno Historico em escrever o descobrimento de Calecut em 18. de Mayo, porque fora no dia (sem o declarar) que diz Damiaõ de Goes, Chronista d' El-Rey D. Manoel, Part. 1. Cap. 38. fol. 26. col. 1. Responde-se, que este Author poem em duvida aquelle descobrimento em 17. ou em 19. do mesmo mez, como se pode ver no lugar citado. Barros, pelo que se colhe da Decad. 1. Liv. 4. Cap. 6. fol. 72. v. e fol. 73. poem o mes-

mesm  
Cida  
1. C  
naqu  
fol.  
18.  
Hist  
impo  
  
Con  
de J  
cime  
press  
daqu  
outra  
Prov  
verfi  
em  
fos  
vriar  
ta,  
pag.  
liv. 2  
rios.  
de A  
  
da er  
24. d  
3. C  
3. C  
Anno  
19. c  
meros  
tanci  
mo f  
da C  
Tom  
se di  
que  
que  
nhor



95.

mesmo descobrimento em 17. ou 18. e a sua chegada à mesma Cidade de Calecut em 20. Faria, Asia Portug. Tom. 1. Part. 1. Cap. 4. pag. 35. num. 8. diz, que a 20. de Mayo aportára naquella terra a nossa Armada. Barbud. Empres. Milit. liv. 5. fol. 113. vers. expressamente affirma aquelle descobrimento em 18. de Mayo, a quem nesta parte segue o Author do Anno Historico, e assim fica absoluto do erro, e engano, que lhe impoem o Senhor Barboza.

109 No mesmo numero 38. diz, que o nascimento do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira fora a 24. e não a 12. de Junho. Responde-se, que sobre a terra, e dia daquelle nascimento variaõ muito as Memorias antigas, e modernas, impressas, e manuscritas (humas, e outras de igual fé) que ha daquelle Heroe. Humas dizem, que nascêra na Cidade de Elvas, outras na de Portalegre, outras no Bom Jardim da Certan na Provincia da Beira. Sobre o dia do nascimento ha a mesma diversidade, porque huns o poem em 12. outros em 14. outros em 24. outros em 25. de Junho, como podem ver os curiosos em Memorias manuscritas, que se conservaõ em muitas livrarias desta Corte, e se colhe dos Escriitores, Costa, *De vi-ta, & reb. gest.* Non. Alv. Per. lib. 1. pag. 6. Teixeira, liv. 6. pag. 728. n. 72. Silva, Memor. d' El-Rey D. Joaõ I. Tom. 2. liv. 2. Cap. 120. pag. 631. n. 732. e 733. FONSEC. Evor. Glorios. pag. 67. n. 113. onde se affina o dito nascimento em 14. de Agosto.

110 No mesmo numero 38. diz, que a vitoria conseguida em Macáo contra os Olandezes não fora em 19. se não em 24. de Junho, como dizem Faria, Asia Portug. Tom. 3. P. 3. Cap. 20. pag. 364. n. 13. 14. Queyroz, vida do Ir. Basto liv. 3. Cap. 6. (aliáz 9.) pag. 306. e 307. Responde-se, que no Anno Historico está escrita aquella vitoria em 20. e não em 19. como diz com engano o Senhor Barboza. No dia, Numero de Náos, desembarque dos Olandezes, e mais circumstancias daquella vitória ha muita variedade nos Escriitores, como se pode ver nos citados, e no Padre Francisco de Souza da Companhia no seu Oriente Conquistado, impresso em 1710. Tom. 2. conq. 4. D. 1. §. 11. pag. 373. No Anno Historico não se diz, que aquella vitoria se alcançára em 20. de Junho, mas que neste dia vieraõ sobre Macáo quinze Náos Olandezas: o que he muito differente, e livre da cenzura imposta pelo Senhor Barboza.



III No mesmo numero 38. diz, que o Nizamaluco afaltou Chaul em 29. e não em 28. de Junho, como se escreve no Anno Historico. Responde-se, que neste dia teve principio aquelle combate, como dizem Couto, e Faria, citados pelo Senhor Barboza. Jozeph Pereira de Macedo, que sua mercê tambem cita para prova do dia 29. na Historia de D. Luiz de Ataide, impressa em 1633. não affina o dito dia, nem outro algum àquelle affalto, em 168. paginas, que contem aquella Historia, como podem examinar os Leitores, que tiverem curiosidade, e paciencia. Diz no mesmo numero, que he falsa a colocação da conquista da Goleta em 12. de Julho, como se escreve no Anno Historico; no qual dia tambem escreve, e affina expressamente a mesma conquista, Illescas, Hist. Pontif. Part. 2. lib. 6. Cap. 228. pag. 347. col. 1. reg. 16. O Chronista Mór Francisco de Andrada na Chronica d' El-Rey D. João III. Part. 3. Cap. 15. fol. 22. Col. 1. escreve expressamente, que a conquista da Goleta se alcançara em 25. de Julho dia do Apostolo Santhiago, e que depois se conseguira a de Tunes. Tanto variaõ os Escriitores nos dias, em que se conseguiraõ aquellas conquistas; e daquelle modo centencea o Senhor Barboza os autos historicos. O erro do anno de 1690. devendo ser 1699. em que faleceo a Serenissima Rainha D. Maria Sofia Izabel de Neoburg, fendo, como he esta noticia tão moderna, e dada todos os annos no Diario, Catalogo, ou vulgarmente folhinha da algibeira, bem claro se deixa ver ser do compozitor; ou do corrector da impressaõ, por não serem neste officio tão peritos, e vigilantes, como o Senhor Barboza, Author, Impressor, e Corrector dos seus Fastos, como he notorio, e com tudo isto os não pode livrar dos muitos erros, que vemos emendados no fim do mesmo livro. Pelo que devia ter mayor caridade, e obrigaçãõ de desculpar os do Anno Historico, e muito mais pelo que acima dizemos §. 18. Num. 14. §. 70. Num. 3. §. 76. Num. 8. Diz no mesmo numero, que a conquista de Malaca não fora a 8. mas certamente a 10. de Agosto. Certamente! O insigne Historiador Joãõ de Barros Decad. 2. fol. 136. vers. Col. 1. reg. 5. diz, que Afonso de Albuquerque chegou ao Porto de Malaca no primeiro dia de Julho de 1511. e a fol. 141. Col. 1. reg. 13. diz, que a 24. do dito mez, vespera de Santhiago, déra o primeiro affalto, como se coloca, e escreve no Anno Historico, pag.



401. e fol. 145. reg. 2. diz o mesmo Barros expressamente, que a 8. de Agosto se deo o ultimo assalto, e conquistou a dita Cidade, como está escrito no Anno Historico. Tambem há variedade no dia da retirada de Mamora; huns a escrevem no dia 10. de Agosto, em que se deixou a obra da nova Fortaleza, que D. Antonio de Noronha estava fazendo dentro do rio Mamora; outros poem a mesma retirada no dia 13. em que os Navios se retiráraõ ultimamente da Fox do mesmo rio; e huns, e outros dizem bem; conforme as noticias, porque se governavaõ. Na brevissima descripção do Imperio da China, que se faz no Anno Historico por numero redondo, que admite mais, e menos, como todos sabem; sim há, ou parece equivocação, na conta que faz o Senhor Barboza, e se desfaz com a razão dada, e muito mais com o numero muito maior, do que se diz no Diario das Cidades, Villas, Aldeas, e de seus habitadores; como se pode ver nas descripçoens da mesma China, que escreveraõ o Padre Luiz de Gusmaõ, Jesuita, na Hist. das Missõens do mesmo Imperio liv. 4. cap. 1. e 2. Barros, Decad. 3. cap. 7. e 8. Faria, Asia Portug. Tom. 2. Part. 4. cap. 12. e 13. Pinto, pag. 98. 107. e seg. Bernard. Nov. Florest. Tom. 5. pag. 72. Este, e outros descuidos semelhantes, que critica o Senhor Barboza, vãõ ja implicitamente advertidos, e recomendados aos Leitores, no principio da Dedicatoria do tom. 1. da segunda impressaõ com a declaraçaõ de ser obra posthuma, e no Prologo do tom. 2. num. 5. e nos 22. desta nossa reposta 70. num. 3. 76. num. 8. e no fim das folhas das erratas impressas em todos os trez tomos do Anno Historico do modo seguinte. O Leitor pio, e bem instruido emendará os mais erros, que achar, e os da orthografia conforme a opiniaõ que seguir.

112 Numero 39. Passa o Senhor Barboza ao Tom. 3. dizendo, que *nãõ sãõ menos injuriosos à verdade os dias em que se collocãõ alguns successos*; sendo certo, que de tais criticas maior injuria rezulta ao criticante, que ao criticado. Diz, que no mez de Novembro dera Diogo Botelho principio á sua celebrada viagem da India para Portugal com a noticia da Fortaleza estabelecida em Dio. Responde-se, que Barros, Decad. 4. liv. 6. cap. 14. pag. 364. reg. 2. diz expressamente, que Diogo Botelho dera principio á sobredita viagem em o primeiro dia do mez de Setembro do anno de 1535. como está escrito



no Anno Historico. Diz, que a vitoria, que o Governador D. Henrique de Menezes alcançou do Camorim no cerco de Calecut não fora em 27. de Setembro, mas certamente em o primeiro, ou 6. de Novembro. Certamente! O famoso historiador João de Barros, Decad. 3. liv. 9. cap. 8. fol. 230. col. 2. reg. 1. diz, que o primeiro dia, que o Camorim começou a bater aquella Fortaleza foi huma manhã 13. de Junho. O mesmo diz Faria, Asia Portug. Tom. 1. P. 3. cap. 9. pag. 236. n. 8. Aquelle cerco durou trez mezes, e meyo, como diz o mesmo Barros fol. 244. col. 2. logo está muito bem escrita no *Diario* aquella vitoria em 27. de Setembro, como dirá o Leitor, que examinar a dita conta nos lugares citados. Diz, que a morte da Infanta D. Izabel em Arevalo de Castella fora em 26. e não em 6. de Outubro, como o Author do Anno Historico achou em outras memorias, ou impressas, ou manuscritas, humas, e outras de igual fe. O cerco de Monção se collocou no dia 7. de outubro, em que teve principio, como diz Portugal Restaurado, Part. 2. liv. 3. pag. 160. e se escreve no *Diario* pag. 144. reg. 17. *Poz-se o Exercito neste dia sobre Monção.* O erro que se acha escrito quazi no fim do mesmo capitulo pag. 146. reg. 12. *Quando virão neste dia sair da Praça,* he tão crasso, que qualquer Leitor popular dirá, que não foi do Author: certamente foi do Corrector, da Officina, da Imprensa, que revendo a folha do caderno letra T. em que acaba aquelle capitulo, e não tendo presente a ultima folha do caderno antecedente, em que o mesmo capitulo tem principio, pareceo-lhe, que se não tinha afinado dia algum na relação daquelle cerco, e com engano, e facilidade material, sem procurar ver, e examinar a dita folha antecedente ja impressa, e posta em outro lugar, acrescentou nas segundas palavras acima citadas *neste dia* parecendo-lhe que fazia bem, e o fez a bem do Senhor Barboza, dando-lhe motivo para mais esta douda, e elegante critica; e ninguem melhor, que sua mercê, sabe como succedem aquelles enganos. Na folha das erratas do fim do livro se acrescentará mais a sobredita, e se advertirá, que se deve a emenda á charitativa correção do Senhor Barboza. Diz, que a Conquista da Cidade, e Reyno de Jafanapatao não fora a 14. mas a 9. de Outubro; porque assim diz sua mercê vira em huma carta na Torre do Tombo. Senhor Barboza, as conquistas daquella Cidade, e daquelle Reyno



Reyno forão em diversos dias, como se vê em Couto, Decad. 7. liv. 9. cap. 2. 3. 4. e ha de constar tambem dessa tal carta, que sua mercè ( tornamos a dizer ) diz, que vio, e a deve ver outra vez, porque se enganaria, como cremos na sua leitura. Diz, que o falecimento da Rainha D. Leonor, Mulher d'ElRey D. João II. fora a 17. e naõ a 18. de Novembro; porque naquelle dia se lhe faz officio anniversario na Igreja da Mizericordia de Lisboa; e nós dizemos, que nas Memorias de alguma das outras muitas Igrejas, referidas no Diario, que tambem fundou, e dotou a mesma Rainha, acharia o nosso Author apontado aquelle falecimento no dia 18. em que está escrito no Anno Historico. Mais: Aquelle falecimento succedeo na Villa de Alverca, e seria de noite, e na duvida se foi antes, ou depois da meya noite, procedeo a variedade daquelle affinação, e noticia, como em outros semelhantes apontamos acima §. 36. Diz, que o levantamento do primeiro cerco de Alcacer Seguer naõ fora na primeira outava do Natal 26. de Dezembro de 1458. e assim o diz expressamente Faria, Afric. Portug. cap. 5. n. 4. pag. 55. Ultimamente cençura dar-se a Melique Az o apelido de Rey de Cambaya; a que se responde, que aquelle Barbaro de Capitaõ, e grande valido d'ElRey de Cambaya subio a ser Soberano das Cidades de Dio, de Jaquete, de Baçaim, e de Madrefabat, como escreve Faria, Tom. 1. P. 4. cap. 5. pag. 300. §. 4. e chegou a ser taõ grande Potentado, que punha Armadas grossas, fazia guerras, e ligas com outros Soberanos, como diz Barros, Decad. 3. liv. 6. e liv. 10. Couto, Decad. 4. liv. 1. cauzava grande temor aos Reys naturaes de Cambaya, como diz Faria, Asia Portug. Tom. 1. P. 2. cap. 2. §. 9. pag. 114. por estas palavras: *De los quales ( Reys de Cambaya ) aviendo sido hechura antes, era temor a ora.* Do poder do mesmo Melique Az tambem diz Faria citado, Tom. 1. P. 3. cap. 6. pag. 215. 217. §. 7. 8. 10. Damião de Goes, Chronic. d'ElRey D. Manoel, Part. 2. cap. 39. 40. Mariz, Dialog. 4. fol. 272. 273. S. Roman, Hist. de la Ind. Orient. lib. 1. cap. 24. pag. 142. col. 2. diz, que *Melique Az vino a ser uno de los mayores Principes de todos aquellos Reynos.* A muitos regulos, e Potentados menores, do que Melique Az, lhe chamavaõ Reys, como consta das Historias da India, em alguma das quaes acharia o nosso Author apelidado assim a Melique Az.



113 Numero 40. Das sobreditas repostas illustradas com as autoridades dos Barros, Coutos, Lopes, Goes, Mariz, Barbudas, Farias, e outros Escritores Portuguezes ( dos quaes se extrahirão as noticias do Anno Historico, e não dos charcos mais immundos, como diz o Senhor Barboza no num. 40. do Senhor Appendix) se manifesta a verdade, era-  
 fãõ, com que dissemos no Prologo do Tom. 2. §. 14. *Cujo Author lendo todas as Historias do Reyno nas mais puras fontes es-  
 colheo a verdade, que lhe pareceo mais clara.* Tambem se o Senhor Barboza se aproveitasse da recommendaçãõ, que fizemos em ge-  
 ral aos criticos rebuçados no Prolog. do Tom. 2. num. 4. *de  
 que lessem de vagar, e com attençãõ, sem se levar do impeto,  
 que he o mais direito caminho para o tropeço,* livrava-se, quando  
 menos, da grande injuria, que padece com os nomes muito  
 feyos, que todos os Leitores dão às suas criticas; nem com-  
 metteria a falsidade, com que neste numero diz: *Se o Padre  
 Addicionador se estimular da acrimonia, com que lhe respondo,  
 me servirá de asylo a injustiça, com que fui por elle provocado.*  
 Senhor Barboza! Quando, e em que provocou a vossa mercè  
 o Addicionador. Que nem de vista conhece a sua mercè?  
 Se differ, como tem dito muitas vezes nas suas criticas, que  
 em cençurar nove pontos ( quatro dos quaes vemos riscados,  
 e emendados nos Fastos, como apontamos acima ) na revista,  
 que o mesmo Addicionador fez por ordem do conselho Geral  
 do Santo Officio; se responde, que em fazer a sua obrigaçãõ  
 não foi provocante, fatisfez, como era obrigado, debaixo do  
 juramento de Qualificador, o despacho do conselho Geral, e  
 as determinações Apostolicas, como entendo, como devia,  
 e como deixamos escrito na primeira parte deste Prologo, pre-  
 cizados do preceito natural, e positivo da nossa defença, ven-  
 do publicos, impressos, e satyrizados pelo Senhor Barboza sin-  
 co dos nove reparos da cençura, que fizemos, como Quali-  
 ficador do Santo Officio, e como ( sem respeito do mesmo Tri-  
 bunal ) claramente confessa, e blazona muitas vezes o Senhor  
 Barboza na sua Dissertaçãõ Apologetica, e no seu Appendix.  
 Se differ, que o provocamos com respondermos no Prologo  
 do Tom. 2. à critica, que seu Irmaõ o Senhor Author do *Ca-  
 talogo das Rainhas* fez contra o *Anno Historico*; te isto differ  
 sua mercè; certamente o diz tambem com falsidade, e sem  
 razãõ. Com falsidade, porque a reposta, e defença são poste-  
 rio-

ric  
 los  
 log  
 im  
 sob  
 se  
 zer  
 do  
 na  
 fu  
 te  
 em  
 aca  
 mo  
 do  
 des  
 tem  
 con  
 crit  
 ca  
 a E  
 stult  
 zian  
 stut  
 mer  
 verb  
 cum  
 ris,  
 suan  
 nald  
 pag



riores à provocação, e invectiva; estas primeiro começaram pelos Senhores Barbozas no anno de 1727. em que o dito Catalogo appareceo impresso, e aquellas no de 1744. em que se imprimio o Tom. 2. do Anno Historico. Sem rafaõ, porque a sobredita nossa reposta não contem alguma expressaõ, de que se devesse estimular o Senhor Barboza provocante, como dizem, e dirão todos os Leitores. Acentemos pois, que por todos os capitulos deve o Senhor Barboza restituicaõ ao Addicionador em affirmar, que fora por elle provocado, e com este fundamento falsissimo o insultar, como faz taõ dezentoadamente em todas as partes das suas Apologeticas Dissertações, que, em fim, ou sem elle, acabaõ no prezente numero; e aqui acaba tambem este Prologo Anti-Critico, para instrucção, como dissemos no seu principio, dos Leitores populares, e não dos sabios, que lem com reflexaõ, e profundidade; os quaes desculparão o que tem de comprido para Prologo, pelo que tem de curto, e moderado para Anti-Critico, como haõ de confessar os que lerem estas nossas repostas, depois de lidas as criticas, satyras, e libellos famosos da Dissertação Apologetica, que, provocados, talvez apontamos, como aconselha a Escritura Sagrada Prov. 26. vers. 5. *Responde stulto secundum stultitiam suam, ne sibi sapiens esse videatur.* S. Dionizio Cartuziano Cap. 26. art. 26. interpreta as ditas palavras: *Responde stulto juxta stultitiam suam, idest, juxta exigentiam, atque demeritum sui stulti sermonis, dà ei aptam responsionem, vel ejus verba ironice repetendo, vel suam insipientiam ei declarando, aut cum increpatione, & reprobative interrogando, seu verba justi rigoris, & debitæ inventionis enunciando, ne putet se sapientem, sed suam advertat impietatem, imperitiam, aut errorem.* Apud Raynald. *Observ. Criminal. Civil. & Mixt. lib. 1. cap. XI. §. 1. n. 29.* pag. 547.

*Causa finita est, utinam finiatur error.*

1746.

